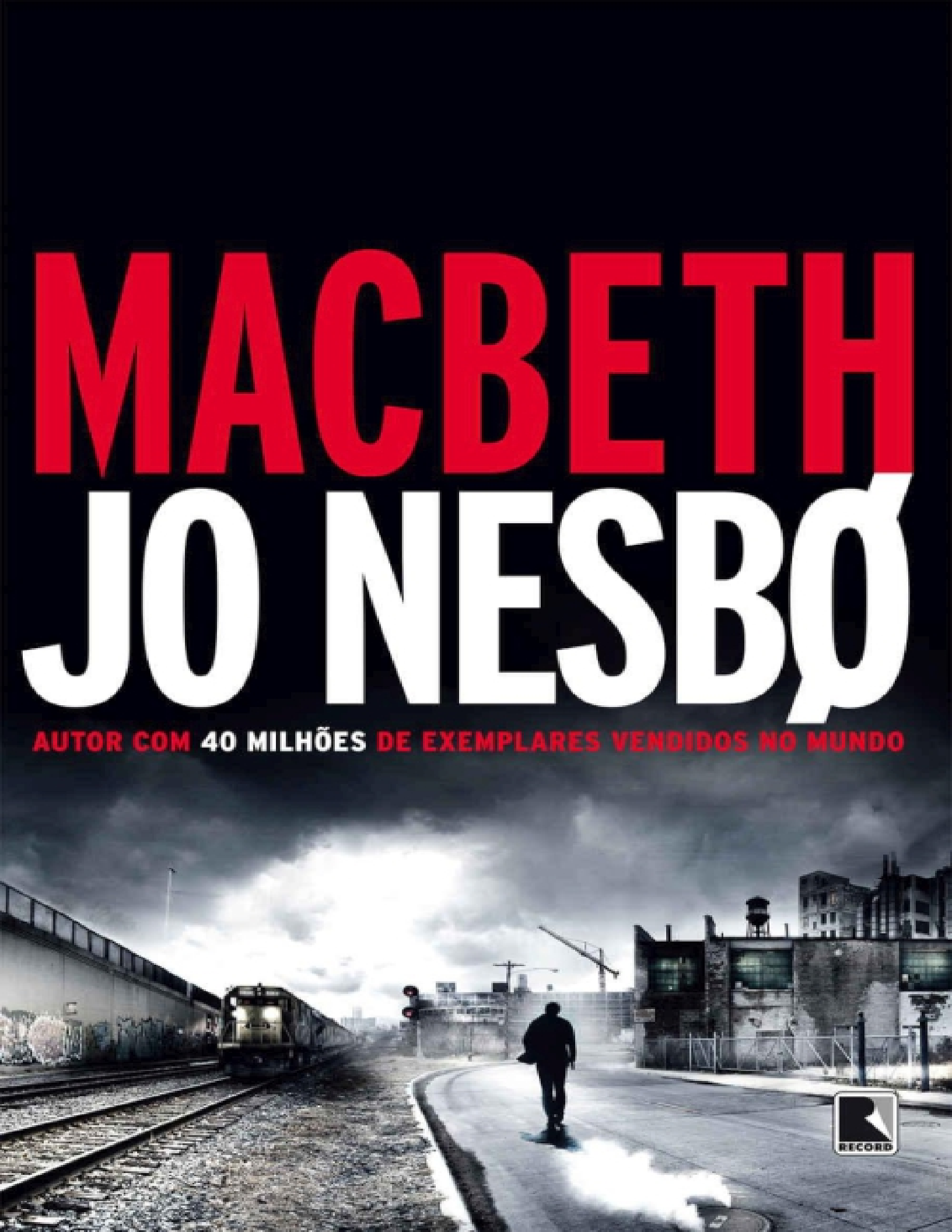
MACBETH

JO NESBØ

AUTOR COM 40 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO



leLivros

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMINIO PUBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

"QUANDO O MUNDO ESTIVER UNIDO NA BUSCA DO CONHECIMENTO, E NÃO MAIS LUTANDO POR DINHEIRO E PODER, ENTÃO NOSSA SOCIEDADE PODERÁ ENFIM EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."

---

leLivros

Obras do autor publicadas pela Editora Record

Headhunters
Sangue na neve
O sol da meia-noite

Série Harry Hole
O morcego
Baratas
Garganta vermelha
Casa da dor
A estrela do diabo
O redentor
Boneco de Neve
O leopardo
O fantasma
Polícia
A sede

MACBETH

JO NESBØ

Tradução de
Márcia Alves

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Rio de Janeiro | 2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Nesbø, Jo, 1960–
N371m
Macbeth [recurso eletrônico] / Jo Nesbø ; tradução Márcia Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2019.
recurso digital

Tradução de: Macbeth
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11766-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção norueguesa. 2. Livros eletrônicos. I. Alves, Márcia. II. Título.

19-57668

CDD: 839.823
CDU: 82-3(481)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

TÍTULO ORIGINAL EM NORUEGUÊS:
MACBETH

Copyright © Jo Nesbø, 2018

Publicado originalmente como Macbeth por Hogarth, um selo da Vintage, que faz parte da Penguin Handom House.
Copyright da tradução do norueguês para o inglês © Don Bartlett 2018
Traduzido a partir do inglês Macbeth.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11694-9



Seja um leitor preferencial
Record.
Cadastre-se no site
www.record.com.br
e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

Parte Um
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9

Parte Dois
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

Parte Três

25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

36
37
38
39
40
41
42
43
44

Hogarth Shakespeare

PARTE UM

1

A cintilante gota de chuva caiu do céu cortando a escuridão, na direção das luzes tremeluzentes do porto. Uma rajada gélida do vento noroeste levou a gota por sobre o leito seco do rio que dividia a cidade ao comprido e sobre a linha férrea desativada que a dividia na diagonal. Os quadrantes da cidade eram numerados no sentido horário. Apenas números, não tinham nomes; pelo menos não que os habitantes lembrassem. E se alguém esbarrasse com algum daqueles moradores longe dali e lhe perguntasse de onde vinha, a pessoa provavelmente responderia que tampouco o nome da cidade lhe vinha à memória.

A gota passou de cintilante a turva ao penetrar a fuligem e outros venenos que se estendiam sobre a cidade como uma névoa constante, apesar de as fábricas terem fechado uma a uma nos últimos anos. Apesar de os desempregados já não terem condições de acender o fogão. Apesar do vento volúvel, porém violento, e da chuva insistente que alguns afirmavam só ter começado a cair depois que a Segunda Guerra Mundial fora encerrada por duas bombas atômicas, um quarto de século atrás. Em outras palavras, mais ou menos à época em que Kenneth fora investido no cargo de chefe de polícia. De sua sala no último andar da central de polícia, o comissário-chefe Kenneth tinha então implantado um desgoverno que regeu com punhos de ferro por 25 anos, pouco importando quem se sentasse na cadeira de prefeito, o que ele fazia ou deixava de fazer e o que as autoridades diziam ou deixavam de dizer em Capitol, enquanto o segundo maior e outrora mais importante

centro industrial do país afundava em um lamaçal de corrupção, falências, crime e caos. Seis meses atrás, o comissário-chefe Kenneth havia caído de uma cadeira em sua casa de veraneio. Três semanas depois, estava morto. O enterro foi custeado pela cidade — uma antiga decisão da câmara municipal, cuja aprovação fora, por acaso, engendrada pelo próprio Kenneth. Depois de um funeral digno de ditador, a câmara e a prefeitura designaram Duncan, um sujeito de testa larga, filho de bispo e chefe da Unidade de Crime Organizado em Capitol, como o novo comissário-chefe. E a esperança se reacendeu entre os moradores da cidade. Foi uma nomeação que pegou a todos de surpresa, porque Duncan não fazia parte da velha escola de agentes politicamente pragmáticos, e sim da nova geração, de policiais com formação administrativa, que apoiavam reformas, transparência, modernização e a luta contra a corrupção — ao contrário da maioria dos políticos locais, que tinha como meta enriquecer depressa.

E o anseio dos moradores — de que agora tinham um comissário-chefe justo, honesto e visionário, capaz de arrancar a cidade do atoleiro — só fez se expandir quando a velha guarda dos altos escalões foi substituída por oficiais escolhidos a dedo pelo próprio Duncan. Jovens idealistas e idôneos, que *realmente* desejavam tornar a cidade um lugar melhor para se viver.

O vento soprou a gota de chuva por sobre o Distrito 4 Oeste e, dali, para o ponto mais alto da cidade, a torre de rádio instalada na cobertura do prédio que abrigava o estúdio onde a voz solitária e moralmente indignada de Walt Kite expressava esse anseio, sem deixar nenhuma dúvida de que eles finalmente tinham um salvador. Quando Kenneth estava vivo, Kite fora a única pessoa a ter coragem de criticar abertamente o comissário-chefe e acusá-lo de alguns dos crimes que cometera. Naquela noite, Kite informou que a câmara faria o possível para anular os poderes que Kenneth havia obtido pela força, fazendo do chefe de polícia a verdadeira autoridade da cidade. Paradoxalmente, isso significaria que seu sucessor, Duncan, o bom democrata, encontraria dificuldades para emplacar as reformas que ele, corretamente, pretendia fazer. Kite acrescentou que, na iminente eleição para prefeito, seria "Tourtell, o atual ocupante da cadeira e, portanto, o prefeito mais gordo do

país, numa corrida eleitoral contra ninguém. Absolutamente ninguém. Pois quem poderia competir com o torto Tourtell, com seu enviesado verniz de popular jovialidade e imaculada moralidade, no qual todas as críticas ricocheteavam sem nunca atingir o alvo?"

No Distrito 4 Leste, a gota de chuva passou por cima do Obelisco, um hotel-cassino de vinte andares com fachada de vidro, que se destacava como um dedo indicador luminoso entre os deploráveis prédios pardacentos de quatro andares que compunham o restante da cidade. Não eram poucos os que viam a contradição de a cidade contar com um número cada vez menor de fábricas e um consequente desemprego cada vez maior, e ser mais e mais popular entre os moradores o hábito de apostar um dinheiro que não tinham nos dois cassinos locais.

— A cidade que parou de dar e começou a tomar — bradava Kite pelas ondas do rádio. — Primeiro, abandonamos a indústria, depois a ferrovia, para que ninguém pudesse ir embora. Aí então começamos a vender drogas para nossos cidadãos, tendo como ponto de venda o local onde antes eles compravam passagens de trem, pois assim podemos roubá-los à vontade. Nunca imaginei que chegaria a ponto de dizer que sinto saudades dos gananciosos donos das indústrias, pois ao menos eles eram de ramos respeitáveis. Mas não se pode dizer o mesmo dos outros três negócios com os quais ainda se pode enriquecer por aqui: jogo, drogas e política.

No Distrito 3, o vento carregado de chuva se derramou sobre a central de polícia, sobre o cassino Inverness e pelas ruas onde o temporal varrera a maioria das pessoas para dentro de casa, embora alguns ainda perambulassem apressados, em alguma busca ou fuga; e sobre a Estação Central, já sem chegadas nem partidas, mas povoada de fantasmas e desabrigados. Os fantasmas daqueles que — e também seus sucessores —, tempos antes, haviam erguido a cidade com autoconfiança, trabalho honesto, fé em Deus e tecnologia. Os desabrigados no mercado de drogas aberto dia e noite — um bilhete de viagem ao paraíso, com destino certo ao inferno. No Distrito 2, o vento assobiava pelas chaminés das duas maiores, porém recém-fechadas, fábricas: a Graven e a Estex.

Ambas fabricavam ligas metálicas cuja composição nem os operadores dos fornos saberiam informar ao certo, a única certeza era que os coreanos tinham começado a produzir a mesma liga por um preço inferior. Talvez fosse o clima da cidade que tornasse visível a degradação, ou talvez a imaginação; talvez fosse apenas a falência e a ruína palpáveis que mantivessem de pé as silenciosas fábricas mortas, descritas por Kite como "catedrais do capitalismo saqueadas, numa cidade de evasão e ceticismo".

A chuva rumou para o sudeste, molhando as ruas com postes de luz vandalizados, onde assaltantes à espreita se espremiam contra as paredes, protegendo-se do interminável aguaceiro que despencava do céu, enquanto suas potenciais vítimas corriam para uma área iluminada e mais segura. Em uma entrevista recente, Kite perguntara ao comissário-chefe Duncan por que o risco de ser roubado era seis vezes maior na nossa cidade do que em Capitol, e Duncan respondera estar satisfeito por finalmente ter uma pergunta fácil de responder: porque o desemprego era seis vezes maior e o número de usuários de drogas, dez vezes maior.

Na área do porto, havia contêineres cobertos de pichações e cargueiros dilapidados com capitães que haviam se encontrado com as corruptas autoridades portuárias em locais ermos para lhes entregar subornos, garantindo assim autorizações de entrada menos morosas e locais de atracação. As empresas de navegação registrariam as verbas como despesas diversas, jurando por tudo que é mais sagrado nunca mais aceitar fretes que os levassem a essa cidade.

Um desses cargueiros era o MS *Leningrado*, um navio soviético que soltava tanta ferrugem do casco sob a chuva que parecia estar sangrando no porto.

A gota de chuva caiu em um cone de luz projetado por uma lâmpada na altura do telhado de uma construção de madeira de dois andares que contava com um almoxarifado, um escritório e um clube de boxe fechado, e seguiu descendo entre a parede e uma carcaça enferrujada até aterrissar em um chifre de touro. Escorregou pelo chifre até o capacete de motocicleta pendurado nele, e daí para as costas de uma jaqueta de couro bordada com os dizeres NORSE RIDERS em letras góticas. Depois para o assento de

uma moto vermelha Indian Chief e, finalmente, pela parte central da roda traseira que girava devagar, de onde foi expelida e deixou de ser uma gota, integrando-se à água poluída da cidade, de tudo.

Atrás da moto vermelha vinham mais 11. Todas passaram sob uma das lâmpadas na parede de um prédio de dois andares, às escuras, no porto.

A luz da lâmpada entrava pela janela de um escritório de expedição no primeiro andar e iluminava a mão apoiada em um cartaz: MS GLAMIS PROCURA AJUDANTE DE COZINHA. Os dedos eram longos e finos como os de um pianista de renome e as unhas, bem aparadas. Embora o rosto estivesse na sombra, impedindo que se vissem os intensos olhos azuis, o queixo pronunciado, os lábios finos e hirtos e o nariz em forma de um arrogante gancho, a cicatriz reluzia como uma estrela cadente, subindo na diagonal da mandíbula para a testa.

— Eles chegaram — avisou o inspetor Duff, torcendo para que seus homens da Unidade de Narcóticos não percebessem o involuntário *vibrato* em sua voz.

Ele havia calculado que os Norse Riders enviariam três ou quatro homens, cinco no máximo, para buscar a droga, mas contou 12 motocicletas no comboio que aos poucos emergia das sombras. Os dois últimos traziam um carona. Catorze homens para os seus nove. E tudo levava a crer que estavam armados. Armamento pesado. No entanto, não era sua desvantagem numérica que provocava o tremor em suas cordas vocais, e sim o fato de Duff ter realizado seu maior desejo. Era *ele* quem liderava o cortejo; finalmente, *ele* estava ao seu alcance.

Fazia meses que o sujeito não aparecia, mas somente uma pessoa tinha aquele capacete e aquela Indian Chief vermelha. Corriam rumores de que aquela moto era uma das cinquenta que o Departamento de Polícia de Nova York fabricara em total segredo, em 1955. O aço da bainha curva presa à lateral brilhava.

Sweno.

Alguns juravam que ele tinha morrido; outros, que havia fugido do país, trocado de identidade, cortado suas tranças louras e que

agora estava sentado placidamente em uma *terrazza* na Argentina, desfrutando da idade avançada e de cigarrilhas bem fininhas.

Mas ali estava ele. O líder da facção e assassino de policiais que, com seu sargento, havia criado o Norse Riders algum tempo depois da Segunda Guerra. Juntos, selecionavam rapazes que não tinham raízes, a maioria de famílias de operários de fábrica que viviam em casebres erguidos à beira de canais de esgoto fétido, submetendo-os a treinamento e disciplina rigorosos e lavagem cerebral até que fossem um exército de soldados destemidos a ser manipulado por Sweno para seus propósitos. Ganhar o controle da cidade e monopolizar o crescente mercado de drogas. E por um tempo pareceu que Sweno seria bem-sucedido, certamente nem Kenneth nem a polícia criaram obstáculos para ele. Muito pelo contrário: Sweno havia comprado toda a ajuda de que precisava. O problema era a competição. A droga caseira de Hécate, a brew, era muito melhor, mais barata e estava sempre disponível no mercado, mas, se a denúncia anônima que Duff tinha recebido era verdadeira, essa remessa era suficientemente grande para solucionar os problemas de abastecimento dos Norse Riders por algum tempo. Duff tinha esperanças — apenas esperanças — de que fosse verdade o que estava escrito nas breves linhas datilografadas a ele endereçadas. Bom demais para ser verdade. Uma espécie de presente que, se bem-manuseado, poderia alçar o chefe da Unidade de Narcóticos a uma posição mais elevada na escala hierárquica. Duncan ainda não havia nomeado seu próprio pessoal para todos os cargos importantes da central. Havia, por exemplo, a Unidade de Facções, onde um ex-lacaio de Kenneth, inspetor Cawdor, conseguira se manter no cargo por falta de provas incontestáveis de corrupção, mas era uma questão de tempo até aparecerem, sem dúvida. E Duff era um dos homens de Duncan. Aos primeiros sinais de que Duncan poderia vir a ser nomeado comissário-chefe, Duff havia ligado para Capitol e, de forma clara, ainda que um pouco pomposa, declarado que iria embora se a câmara deixasse de nomear Duncan e nomeasse um dos capangas de Kenneth. Não estava descartada a possibilidade de que Duncan suspeitasse de um motivo pessoal por trás dessa declaração incondicional de lealdade, mas e daí? Duff tinha o propósito genuíno de apoiar o plano de

Duncan de estruturar uma força policial honesta e a serviço da população, isso era verdade. Mas também queria galgar os degraus até chegar o mais próximo possível do céu. Quem não queria? E ele também queria decepar a cabeça daquele homem lá fora.

Sweno.

Ele era o meio *e* o fim.

Duff olhou no relógio. A hora batia certinho com o que estava na carta. Pressionou a face interna do punho com a ponta dos dedos. Para sentir a pulsação. Já não vivia mais de meras esperanças, estava prestes a acreditar.

— Vieram muitos, Duff? — sussurrou alguém.

— Muitos, Seyton. O suficiente pra que o crédito seja grande. E um deles é tão grande que, quando cair, a queda será ouvida no país inteiro.

Duff passou a mão no vidro da janela nublada por vapor condensado. Dez policiais transpirando nervosismo em uma sala pequena. Homens que não tinham hábito de receber esse tipo de missão. Como chefe da Unidade de Narcóticos, tinha sido Duff que, por conta própria, resolvera não mostrar a carta aos outros oficiais; usava apenas homens de sua unidade para essa batida. A corrupção e os vazamentos eram tão corriqueiros que preferiu não arriscar. Ao menos era isso o que alegaria a Duncan, se questionado. Mas não haveria muitas objeções. Não se conseguissem confiscar a droga e capturar 13 Norse Riders em flagrante.

Sim, 13. Não 14. Um deles seria abatido no campo de batalha. Se houvesse a chance.

Duff trincou os dentes.

— Você disse que seriam só quatro ou cinco — queixou-se Seyton, que surgira ao seu lado na janela.

— Está com medo, Seyton?

— Não, mas você deveria estar, Duff. Dos seus nove homens nessa sala, eu sou o único com experiência em emboscada policial — respondeu ele, sem alterar a voz.

Seyton era magro, musculoso e calvo. Duff não sabia ao certo havia quanto tempo ele estava na polícia, mas sabia que era do tempo de Kenneth. Havia tentado se livrar de Seyton. Não tinha

nada de concreto contra ele; mas alguma coisa no sujeito, algo que não conseguia identificar, despertava em Duff uma tremenda antipatia.

— Por que não chamou o Grupo de Operações Especiais, Duff?

— Quanto menos gente envolvida, melhor.

— Menos gente com quem vocês vão dividir as honras, certo? Porque, a menos que eu esteja muito enganado, ou esse é o fantasma do Sweno ou o homem em carne e osso — disse Seyton, apontando com a cabeça para a moto que havia parado diante do portaló do MS *Leningrado*.

— Você disse Sweno? — Uma voz veio, da escuridão atrás deles, assustada.

— Sim, e tem pelo menos uma dúzia deles — respondeu Seyton, em alto e bom som, sem tirar os olhos de Duff. — No mínimo.

— Merda — murmurou uma segunda voz.

— Não é melhor chamar o Macbeth? — indagou um terceiro.

— Você ouviu? — falou Seyton. — Até seus próprios homens querem que o GOE assuma a operação.

— Cala a boca! — sibilou Duff. Ele se virou e apontou para o cartaz na parede. — Aqui diz que o MS *Glamis* está partindo pra Capitol na sexta-feira às zero-meia-zero-zero horas e que está precisando de pessoal pra cozinha. Você disse que queria participar dessa missão, mas tem minha permissão pra pedir emprego lá. O soldo e a comida devem ser melhores. Alguém interessado?

Duff observou os vultos sem rosto e paralisados no ambiente às escuras. Tentou interpretar o silêncio. Já lamentava tê-los desafiado. E se alguns deles realmente erguessem a mão? Em geral, ele evitava se colocar em situações em que dependesse dos outros, mas agora precisava de cada um daqueles homens à sua frente. Sua esposa dizia que ele preferia agir só porque não gostava de pessoas. Podia haver certa verdade nisso, mas provavelmente era o contrário: as pessoas é que não gostavam dele. Não que todo mundo de fato desgostasse dele, embora houvesse alguns que nutrissem simpatia por Duff. Algum traço de sua personalidade afastava as pessoas; ele só não sabia o quê. O que ele sabia era que sua aparência e sua autoconfiança atraíam certo tipo de mulher, e

também que era educado, culto e mais inteligente do que a maioria das pessoas que conhecia.

— Ninguém? É mesmo? Bom, então vamos executar o que foi planejado, mas com alguns pequenos ajustes. Seyton vai pra direita com seus três homens assim que sairmos e cobre a traseira de metade deles. Eu vou pra esquerda com meus três homens. Enquanto isso, você, Sivart, parte pra esquerda, longe da luz, e corre em arco no escuro até estar atrás dos Norse Riders. Posicione-se no portaló, pra não deixar que ninguém escape pra dentro do navio. Tudo entendido?

Seyton pigarreou.

— Sivart é o mais jovem e...

— ... E o mais rápido — completou Duff. — Eu não pedi objeção de ninguém, perguntei se as minhas instruções foram *entendidas*. — Ele examinou os rostos inexpressivos à sua frente. — Vou entender isso como um sim. — E voltou para a janela.

Um homem baixinho com pernas arqueadas e quepe branco de capitão desceu bamboleando a escada do portaló, debaixo de chuva, e parou ao lado do homem da moto vermelha. O motoqueiro não tirou o capacete, apenas ergueu a viseira, nem desligou o motor. Estava sentado no selim com as pernas abertas obscenamente e prestou muita atenção ao que dizia o capitão. Por baixo do capacete escapavam duas tranças louras, que desciam sobre o brasão dos Norse Riders.

Duff respirou fundo. Checou a arma.

O pior era que Macbeth *tinha* ligado. Havia recebido a mesma informação via telefonema anônimo e oferecido o Grupo de Operações Especiais ao Duff, mas ele recusara a oferta, dizendo que só precisavam pegar um caminhão, e pediu a Macbeth que não espalhasse a informação.

Ao sinal do homem com capacete viking, um dos motoqueiros avançou, e Duff viu as listras de sargento na manga da jaqueta de couro quando o sujeito abriu uma maleta diante do capitão do navio. O capitão assentiu, ergueu a mão, e um segundo depois ferro rangeu contra ferro, e uma luz apareceu no braço oscilante da grua no cais.

— Estamos quase lá — disse Duff, sua voz mais firme agora. — Vamos esperar até que a mercadoria e o dinheiro troquem de mãos, então entramos em ação.

Silenciosos acenos de cabeça na semiescuridão. Tinham repassado o plano em minuciosos detalhes, mas isso quando contavam com, no máximo, cinco elementos do outro lado. Será que Sweno teria sido informado de uma possível intervenção da polícia? Será que era por isso que havia aparecido com força total? Não. Se soubessem, teriam cancelado tudo.

— Está sentindo o cheiro? — sussurrou Seyton, ao lado de Duff.

— Cheiro de quê?

— Do medo deles.

Seyton havia cerrado os olhos e suas narinas tremiam. Duff contemplou a noite chuvosa. Será que teria aceitado a oferta de Macbeth se a recebesse agora? Duff esfregou o rosto com os dedos compridos, traçando a diagonal da cicatriz. Não havia mais o que pensar; precisava fazer aquilo, sempre tivera de fazer. Sweno estava ali agora, e Macbeth e o GOE estavam em suas camas, dormindo.

Deitado de costas, Macbeth bocejou. Ficou escutando o tamborilar da chuva. Sentiu o corpo retesado e se virou de lado.

Um homem de cabelo branco ergueu a ponta da lona e se esgueirou para dentro. Sentou-se e ficou lá na escuridão, praguejando e tremendo de frio.

— Molhado, Banquo? — indagou Macbeth, espalmando as mãos no material áspero abaixo de si.

— É uma maldição pra um velho que sofre com crises de gota ter que morar nessa merda de cidade. Eu devia era me aposentar e ir pro interior. Comprar uma casinha em Fife ou para aqueles lados, ficar na varanda sentado no sol, ouvindo as abelhas e os passarinhos.

— Em vez de estar no telhado de um prédio do terminal de contêineres no meio da noite? Está de brincadeira!

Eles riram.

Banquo acendeu uma minilanterna.

— Era isso que eu queria mostrar pra você.

Macbeth pegou a lanterna para ver o desenho que Banquo lhe passou.

— Sua Gatling. Uma belezura de arma, hein?

— A aparência não é o problema, Banquo.

— Então mostre ao Duncan. Explique que o GOE precisa dela. Agora.

Macbeth suspirou.

— Ele não quer.

— Diga a ele que vamos continuar perdendo enquanto Hécate e os Norse Riders tiverem armamento mais pesado que o nosso. Explique do que uma Gatling é capaz. Explique do que *duas* são capazes!

— Duncan não vai concordar com nenhum aumento do potencial bélico, Banquo. E acho que ele tem razão. Desde que ele assumiu a chefia, temos tido menos trocas de tiros.

— A população continua deixando a cidade por causa da criminalidade.

— As coisas não mudam da noite pro dia. Duncan tem um plano. E ele quer fazer o que é certo.

— Claro, claro, sei disso. Duncan é um bom homem — resmungou Banquo. — Mas é ingênuo. E com essa arma poderíamos fazer uma boa limpa e...

Eles foram interrompidos por uns tapinhas na lona.

— Estão começando a descarregar, senhor.

Um leve cecear. Era Olafson, o jovem novo atirador de elite do GOE. Contando com outro jovem policial, Angus, eles estavam em apenas quatro, mas Macbeth sabia que todos os 25 agentes teriam concordado sem hesitar em acompanhá-los naquele frio.

Macbeth desligou a lanterna, devolveu-a para Banquo e enfiou o desenho em sua jaqueta de couro preta do GOE. Então afastou a lona e foi se arrastando de barriga até a beirada do telhado.

Banquo o acompanhou, também se arrastando.

Diante deles, no convés do MS *Leningrado* iluminado por holofotes, pairava um caminhão militar verde de aspecto pré-histórico.

— Um ZIS-5 — sussurrou Banquo.

— Da guerra?

— É. O “S” é de Stalin. O que você acha?

— Acho que os Norse Riders têm mais homens do que Duff imaginava. Sweno está nitidamente preocupado.

— Você acha que ele suspeita que a polícia foi alertada?

— Ele não teria vindo, se soubesse. Ele tem medo do Hécate. Sabe que Hécate tem ouvidos e olhos bem maiores que nós.

— Então o que vamos fazer?

— Esperar e ver o que acontece. Pode ser que Duff consiga dar conta sozinho. Nesse caso, não vamos nos envolver.

— Está me dizendo que arrastamos esses garotos até aqui, no meio da madrugada, só pra ficarem sentados *observando*?

Macbeth achou graça.

— Eles que se ofereceram, e eu avisei que a coisa podia ser chata.

Banquo balançou a cabeça em reprovação.

— Você anda com muito tempo livre, Macbeth. Devia arrumar uma família.

Macbeth ergueu as mãos em protesto. Um sorriso iluminou a barba em seu rosto largo e escuro.

— Você e os rapazes são a minha família, Banquo. Do que mais eu preciso?

Bem atrás deles, Olafson e Angus deram umas risadinhas alegres.

— Mas quando é que esse menino vai crescer? — murmurou Banquo, desesperançado, e secou pinguinhos de chuva da mira telescópica de seu rifle Remington 700.

Bonus tinha a cidade a seus pés. O painel de vidro à sua frente ia do chão ao teto e, não fosse a baixa camada de nuvens, ele teria a visão da cidade inteira. Esticou a mão com a taça de champanhe, e um dos dois rapazes em calça de montaria e luvas brancas correu para completá-la. Deveria beber menos, disso tinha noção. O champanhe era caro, mas não era ele quem pagava. O médico lhe dissera que um homem de sua idade deveria começar a repensar o estilo de vida que levava. Mas era bom. Simples assim. Era muito bom. Do mesmo jeito que as ostras e as caudas de lagostim. A

poltrona estofada, tão macia. E os rapazes. Não que tivesse acesso a eles. Se bem que não havia pedido.

Foram buscá-lo na recepção do Obelisco e o haviam levado para a suíte da cobertura, com vista para o porto, de um lado, e, do outro, a Estação Central, a Praça dos Operários e o cassino Inverness. Bonus tinha sido recebido pelo grandalhão de bochechas macias, sorriso simpático, cabelos escuros ondulados e olhos frios. O homem a quem chamavam Hécate. Ou a Mão Invisível. Invisível pois poucas pessoas o tinham visto, e Mão pois a maioria dos habitantes, nos últimos dez anos, fora afetada de alguma forma por suas atividades. Quer dizer, seu produto. Uma droga sintética chamada brew, que ele mesmo fabricava e que, de acordo com uma estimativa aproximada de Bonus, havia feito de Hécate um dos quatro homens mais ricos da cidade.

Hécate se afastou da luneta com tripé perto da janela.

— É difícil enxergar direito com essa chuva — comentou ele, enganchando os dedos na alça do suspensório de sua calça de montaria.

Pegou um cachimbo do bolso de um paletó de tweed pendurado no espaldar da cadeira. Se soubesse que eles apareceriam vestidos para uma expedição de caça inglesa, teria escolhido algo diferente daquele terno básico e sem graça, pensou Bonus.

— Mas a grua está funcionando, o que significa que estão descarregando. Está sendo bem servido, Bonus?

— Comida excelente — respondeu ele, tomando um gole de champanhe. — Mas devo confessar que não sei bem o que estamos comemorando, e por que exatamente fui convidado.

Hécate riu e apontou a bengala para a janela.

— Estamos comemorando essa vista, meu caro linguado. Você é como um peixe de mar profundo: só conhece o leito do mundo.

Bonus sorriu. Nunca lhe passaria pela cabeça se opor à forma como Hécate se dirigiu a ele. O grandalhão tinha poder de sobra para lhe fazer coisas boas. E outras não tão boas.

— O mundo é mais bonito daqui de cima — continuou Hécate. — Pode não ser mais real, porém é mais bonito. Então estamos comemorando isso, é claro.

A bengala apontou para o porto.

— E “isso” é...? — perguntou Bonus.

— O maior carregamento já contrabandeado de uma só vez, meu caro. Quatro toneladas e meia de anfetamina pura. Sweno investiu tudo que o clube tinha e mais um pouco. O que você está vendo ali embaixo é um homem que colocou todos os seus ovos em uma única cesta.

— E por que ele faria isso?

— Porque está desesperado, é claro. Ele consegue ver que o produto turco, de qualidade ordinária, dos Norse Riders foi desbancado pela minha brew. Mas, com uma quantidade tão grande do bom cristal soviético, o desconto no atacado e os custos de transporte reduzidos vão tornar o quilo do produto competitivo em preço e em qualidade. — Hécate descansou a bengala no espesso carpete que ia de parede a parede, e alisou a alça dourada. — Tudo muito bem calculado pelo Sweno, e, se ele se sair bem, vai perturbar o equilíbrio de forças nessa cidade. Então um brinde ao nosso louvável concorrente.

Ele ergueu a taça, e um obediente Bonus o imitou. Mas quando Hécate estava prestes a levá-la aos lábios, parou e cuidadosamente a avaliou com as sobrancelhas erguidas. Ele apontou para algo e entregou a taça a um dos rapazes, que imediatamente a limpou com a luva.

— Infelizmente pro Sweno — continuou Hécate — é difícil receber um pedido tão grande de um fornecedor novo sem que alguém do ramo ouça rumores. E, infelizmente, parece que esse “alguém” deu à polícia uma dica anônima, mas muito confiável, sobre onde e quando seria.

— Alguém como você?

Hécate deu um sorrisinho. Depois, pegou a taça, virou seu volumoso traseiro para Bonus e se inclinou para olhar pela luneta.

— Agora estão descendo o caminhão.

Bonus se levantou e foi até a janela.

— Me explique uma coisa: por que você não investiu contra Sweno, em vez de ficar só olhando? Teria se livrado do seu único concorrente e se apossado de quatro toneladas e meia de anfetamina da melhor qualidade, de uma única tacada. E podia vendê-la na rua por... Quantos milhões?

Hécate deu um gole no champanhe sem arredar o olho da luneta.

— Krug — falou. — Dizem que é o melhor champanhe. Por isso é o único que eu tomo. Mas quem sabe? Se me servirem outro, posso gostar e trocar de marca.

— Quer dizer que você não quer que os consumidores experimentem nada além da sua brew?

— Minha religião é o capitalismo e o meu credo é o livre mercado. Mas todo mundo tem o direito de seguir sua maneira de ser e lutar por um monopólio e pela dominação mundial. E cabe à sociedade se opor a nós. Estamos apenas cumprindo nossos papéis, Bonus.

— Amém.

— Shh! Estão passando o dinheiro — disse Hécate, esfregando as mãos. — Hora do show...

Duff estava em pé junto à porta, com a mão na maçaneta e ouvindo a própria respiração, enquanto tentava fazer contato visual com seus homens. Eles formavam fila na escada estreita logo atrás dele. Imersos nos próprios pensamentos. Soltando a trava de segurança. Uma última recomendação para o homem ao lado. Uma última oração.

— Maleta entregue — avisou Seyton, do primeiro andar.

— Agora! — ordenou Duff.

Ao dizer isso, ele abriu a porta de supetão e colou o corpo à parede para permitir que seus homens rumassem para a escuridão. Duff os seguiu. Sentiu a chuva na cabeça. Viu vultos em movimento. Viu algumas motos vazias. Levou o megafone à boca.

— Polícia! Fiquem onde estão! Mãos ao alto! Repito: aqui é a polícia. Fiquem onde...

O primeiro tiro estilhaçou o vidro da porta atrás dele, o segundo atingiu a parte interna da perna de sua calça. Então veio um som que lhe lembrou seus filhos fazendo pipoca nas noites de sábado. Armas automáticas. Merda.

— Fogo! — gritou Duff, largando o megafone.

Mergulhou de barriga, tentou posicionar a arma à sua frente e descobriu que havia aterrissado numa poça.

— Não — sussurrou uma voz ao seu lado.

Duff olhou para cima: era Seyton. Imóvel, com o rifle para baixo, junto à lateral do corpo. Será que ele estava sabotando a missão? Será que...?

— Pegaram o Sivart — murmurou Seyton.

Duff piscou repetidas vezes para afastar a água suja dos olhos e se manteve atento, um dos Norse Riders estava em seu campo de visão. Mas o homem estava montado na moto tranquilamente, a arma apenas apontada para eles, sem atirar. Que diabos estava acontecendo?

— Ninguém mexe um dedo e vai ficar tudo bem.

A voz grave veio de fora do círculo de luz e não precisava de megafone. Duff viu primeiro a Indian Chief abandonada. Depois, os dois vultos na escuridão se fundirem em um. Os chifres espetados no capacete do mais alto dos dois. O que vinha em primeiro plano era um palmo mais baixo que o de trás. Muito provavelmente dois palmos. A lâmina do sabre cintilou quando Sweno a encostou na garganta do jovem Sivart.

— O que vai acontecer — a voz grave de Sweno retumbou pela abertura da viseira — é que vamos pegar o que é nosso e cair fora. Tranquilo. Vou deixar dois homens meus, pra garantir que vocês não vão fazer nenhuma besteira. Tentar ir atrás de nós nem nada. Entendido?

Duff se apoiou nos cotovelos e fez menção de se levantar.

— Se eu fosse você, ficaria aí na poça, Duff — sussurrou Seyton. — Não vai querer ferrar com tudo mais ainda.

Duff respirou fundo. Deixou sair o ar. E de novo. Merda, merda, merda.

* * *

— E aí? — perguntou Banquo, apontando o binóculo para os protagonistas da ação no cais.

— Tudo indica que vamos ter que acionar os jovens — respondeu Macbeth. — Mas não agora. Vamos aguardar até que Sweno e seus homens saiam de cena.

— Como assim? E deixar que eles se mandem com o caminhão e a droga?

— Não foi isso que eu disse, meu caro Banquo. Acontece que, se agirmos agora, teremos um banho de sangue lá embaixo. Angus?

— Senhor? — Veio a resposta rápida do rapaz de olhos azul-escuros e cabelo comprido e louro, o que provavelmente nenhum outro chefe teria permitido.

As emoções estavam escancaradas no rosto do rapaz. Angus e Olafson tinham treinamento, agora só precisavam de mais experiência. Angus, principalmente, precisava endurecer. Durante a entrevista para o cargo, ele contou que havia abandonado o seminário quando entendeu que Deus não existia; cabia às pessoas salvar a si mesmas e às outras, por isso desejava se tornar um policial. Para Macbeth, isso foi mais do que suficiente; gostou da postura destemida, um rapaz assumindo as consequências das próprias crenças. Mas Angus também precisava aprender a dominar seus sentimentos e entender que, no GOE, eles se tornavam homens de ação pragmáticos, o longo e duro braço da lei. Que os outros cuidassem das introspecções.

— Desça até os fundos, pegue o carro e fique de prontidão na porta.

— Certo — disse Angus, antes de se levantar e se afastar.

— Olafson?

— Sim?

Macbeth olhou para ele. Pelo maxilar frouxo, o cecear, os olhos semicerrados e suas notas na academia de polícia, Macbeth tivera suas dúvidas quando Olafson se apresentara implorando para ser transferido para o GOE. Mas o rapaz *queria* a mudança, e Macbeth decidiu lhe dar uma chance, já que ele próprio tivera a sua. Macbeth precisava de um atirador, e, embora Olafson não fosse espetacular em assuntos teóricos, tinha um talento e tanto para o gatilho.

— No último teste de tiro, Olafson, você bateu o recorde anterior, conseguido há vinte anos por esse sujeito aqui — disse Macbeth, apontando para Banquo. — Meus parabéns, foi uma vitória e tanto. Sabe o que isso significa aqui e agora?

— Hã... Não, senhor.

— Ótimo, porque não significa absolutamente nada. Sua tarefa aqui é ficar de olhos e ouvidos atentos pro inspetor Banquo e aprender. Você não vai salvar o dia hoje. Isso fica pra depois. Entendeu?

O maxilar e o lábio inferior de Olafson se mexiam, mas nitidamente não conseguiam emitir som algum, então ele apenas assentiu.

Macbeth colocou a mão no ombro do jovem.

— Nervoso?

— Um pouco, senhor.

— Normal. Tente relaxar. Mais uma coisa, Olafson.

— Sim?

— Não estrague tudo.

— O que está acontecendo? — indagou Bonus.

— Já sei o que vai acontecer — disse Hécate, endireitando-se e desviando a luneta noutra direção. — Não preciso disso.

Ele se sentou ao lado de Bonus. Bonus havia notado que Hécate fazia aquilo várias vezes: sentava-se ao seu lado, não à sua frente. Como se não gostasse que olhassem diretamente para ele.

— Pegaram Sweno e a anfetamina?

— Pelo contrário. Sweno pegou um dos homens do Duff.

— O quê? E você não está preocupado?

— Nunca aposto em um único cavalo, Bonus. E estou mais preocupado com o quadro geral. O que você acha do comissário-chefe Duncan?

— Sobre a promessa que ele fez de prender você?

— Isso não me preocupa em nada, mas ele afastou muitos dos antigos parceiros que eu tinha na polícia, e isso já me criou problemas nos mercados. Vamos lá, você é bom em julgar o caráter das pessoas. Você já viu e ouviu o cara. Ele é mesmo tão incorruptível como dizem?

Bonus deu de ombros.

— Todo mundo tem seu preço.

— Nisso eu concordo com você, mas o preço nem sempre é em grana. Nem todo mundo é tão simples quanto você.

Bonus ignorou o insulto decidindo não o levar a mal.

— Pra saber como subornar Duncan, você tem que saber o que ele quer.

— Duncan quer agradar as massas — disse Hécate. — Ganhar o amor da cidade. Ter uma estátua erguida pelo povo, não por ele próprio.

— Complicado. É mais fácil subornar canalhas gananciosos como nós do que pilares da sociedade como Duncan.

— Você tem razão no que diz respeito ao suborno — afirmou Hécate. — Mas se engana em relação aos pilares da sociedade e aos canalhas.

— Hum.

— Os fundamentos do capitalismo, prezado Bonus. O esforço dos indivíduos pra ficarem ricos é o que enriquece o rebanho. Isso é ciência, pura e simplesmente, e acontece sem que vejamos ou pensemos a respeito. Você e eu somos os pilares da sociedade, e não idealistas delirantes como Duncan.

— Acha mesmo?

— O filósofo moral Adam Hand pensava assim.

— Produzir e vender drogas favorece a sociedade?

— Qualquer um que supra uma demanda ajuda a construir a sociedade. Pessoas como Duncan, que desejam regular e impor limites, são contrários ao curso normal da natureza e, no longo prazo, prejudicam a todos nós. Então, pelo bem da cidade, como vamos impedir Duncan de causar todo esse mal? Qual é o ponto fraco dele? O que podemos usar? Sexo, drogas, segredos de família?

— Agradeço pela confiança depositada em mim, Hécate, mas realmente não sei.

— Que pena — lamentou Hécate, batendo suavemente a bengala no tapete, enquanto observava um dos rapazes tirar o lacre de uma nova garrafa de champanhe. — Olha, estou começando a desconfiar de que Duncan tem um único ponto fraco.

— E qual é?

— A duração da própria vida.

Bonus se endireitou na cadeira.

— Espero de verdade que você não tenha me chamado até aqui pra pedir...

— De jeito algum, meu caro linguado. Fique à vontade pra continuar deitado quietinho na lama.

Bonus soltou um suspiro de alívio enquanto observava o rapaz que se atrapalhava com a rolha.

— Mas — continuou Hécate — você tem os dons da crueldade, da deslealdade e da influência, o que te dá poder justamente sobre as pessoas sobre as quais eu preciso ter poder. Espero que eu possa contar com você quando precisar de ajuda. Espero que você possa ser minha mão invisível.

Ouviu-se um estrondo.

— Muito bem! — exclamou Bonus.

E riu, dando um tapinha nas costas do rapaz enquanto ele ia despejando nas taças o máximo do champanhe enfim livre.

Duff continuava no chão. Ao seu lado, seus homens estavam de pé, igualmente imóveis, observando os Norse Riders aprontando-se para partir, à distância de uns dez metros. Sivart e Sweno continuavam na escuridão, fora do cone de luz, mas Duff via a tremedeira do jovem policial e a lâmina do sabre de Sweno pressionando a garganta de Sivart. E via também que a mais leve pressão ou o menor movimento poderia rasgar a pele, a artéria e deixar o rapaz sem sangue em segundos. E Duff sentia o próprio pânico ao considerar as consequências. Não somente as consequências de ter o sangue de um de seus homens nas mãos e em seu histórico, mas de os desdobramentos de suas ações secretamente orquestradas fracassarem da pior forma possível, justamente quando o comissário-chefe estava prestes a nomear um cabeça para a Unidade de Crime Organizado. Sweno fez um sinal de cabeça para um dos Norse Riders, que apeou da moto, foi para trás de Sivart e apontou uma arma para a cabeça do jovem policial. Sweno abaixou a viseira do capacete, entrou no cone de luz, dirigiu-se ao homem com as listras de sargento na jaqueta, sentou-se na moto com as pernas muito abertas, levou dois dedos ao capacete numa espécie de continência e partiu ao longo do cais. Duff teve de se controlar muito para não atirar. O da jaqueta de sargento deu umas ordens, e, um segundo depois, as motos saíram

rosnando noite adentro. Restaram apenas duas, desocupadas, depois que as demais seguiram Sweno e o sargento.

Duff proibiu a si mesmo de sucumbir ao pânico e se obrigou a raciocinar. Respirar, pensar. Quatro dos Norse Riders permaneciam no cais. Um deles estava atrás de Sivart, o corpo na sombra. Outro, sob o cone de luz, mantinha a polícia sob a mira de um rifle de assalto, um AK-47. Os outros dois, provavelmente os que tinham vindo de carona, entraram no caminhão. Duff ouviu os repetidos roncos do motor respondendo ao girar da chave na ignição e, por um segundo, teve esperança de que o velho monstro de ferro não daria partida. Soltou um palavrão quando um ronco baixo se transformou num rugido espalhafatoso. O caminhão partiu.

— Vamos dar dez minutos pra eles — gritou o homem com o AK-47. — Pensem em algo agradável enquanto isso.

Duff ficou observando as lanternas traseiras do caminhão sumirem aos poucos na escuridão. Algo agradável? Meras quatro toneladas e meia de droga indo embora, levadas pelo que teria sido a maior prisão em massa naquela guerra. E não ajudava em nada *saber* que Sweno e seus homens haviam estado bem ali, diante deles, se não pudessem dizer ao juiz e ao júri que tinham visto seus *rostos* e não apenas 14 capacetes. Algo *agradável*? Duff fechou os olhos.

Sweno.

Ele o tivera na palma da mão. Merda, merda, merda!

Duff apurou os ouvidos. Queria escutar alguma coisa, *qualquer coisa*. Mas só ouvia o sussurro incompreensível da chuva.

— Banquo tem ele na mira, o sujeito com o rapaz de refém — disse Macbeth. — Você tem o outro, Olafson?

— Sim, senhor.

— Vocês têm que atirar no mesmo instante, ok? Numa contagem regressiva de três. Banquo?

— Preciso de mais luz no alvo. Ou olhos mais jovens. Do jeito que está, corro o risco de acertar o rapaz.

— Meu alvo está na luz — sussurrou Olafson. — Podemos trocar.

— Se errarmos e nosso rapaz morrer, seria preferível que fosse o Banquo a errar o tiro. Banquo, qual a velocidade máxima de um caminhão Stalin totalmente carregado, tem ideia? — indagou Macbeth.

— Hum... Sessenta, talvez.

— Ótimo, mas nosso tempo é curto pra alcançarmos todos os objetivos. Então vamos ter que improvisar um pouco.

— Vai tentar suas adagas? — perguntou Banquo.

— A essa distância? Você me tem em alta conta, hein. Não... Logo, logo você vai ver, meu velho. Vai *ver*.

Banquo tirou os olhos da mira telescópica e descobriu que Macbeth havia se levantado e agarrado o poste ao qual a lâmpada do telhado estava fixada. As veias do volumoso pescoço de Macbeth dilataram-se e seus dentes brilhavam em uma careta ou um sorriso, Banquo não tinha certeza. O poste fora instalado para resistir aos irascíveis ventos noroeste que sopravam por oito meses ao ano, mas Banquo já vira Macbeth desatolar carros da neve.

— Três — gemeu Macbeth.

Os primeiros parafusos saltaram do soquete.

— Dois.

O poste se soltou e, com um solavanco, arrancou os fios da parede abaixo.

— Um.

Macbeth apontou a lâmpada para o portaló.

— Agora.

Soou como duas chicotadas. Duff abriu os olhos a tempo de ver o homem que segurava a arma automática desabar para a frente e bater com o capacete no asfalto. Sivart agora estava iluminado, e Duff podia vê-lo muito bem, assim como o homem atrás dele, que não mais apontava uma arma para a cabeça do rapaz, mas apoiava o queixo em seu ombro. E, na luz, Duff viu também o buraco na viseira. Então, como uma massa gelatinosa, o homem foi deslizando pelas costas de Sivart até o chão.

Duff se virou.

— Aqui em cima, Duff!

Ele cobriu os olhos com a mão. Uma risada forte soou de trás do foco de luz e a sombra de um gigante se estendeu sobre o cais.

Mas a risada bastava.
Era Macbeth. Claro que era Macbeth.

2

Uma gaivota sobrevoava Fife, cruzando o silêncio e o luar no céu noturno sem nuvens. Lá embaixo, o rio cintilava como prata. A oeste do rio — como a muralha de uma imensa fortaleza —, uma montanha negra e íngreme se estendia para o céu. Quase no cume, uma ordem monástica havia erguido uma grande cruz; mas, como tinha sido colocada na cidade adjacente de Fife, os moradores, ao erguerem os olhos, tinham a impressão de que a cruz estava de ponta-cabeça. Na lateral da montanha — como uma ponte levadiça sobre um fosso ao redor de uma fortaleza — sobressaía uma impressionante ponte de ferro. Trezentos e sessenta metros de comprimento e noventa de altura no ponto mais alto. A ponte Kenneth, ou ponte nova, como a maioria a chamava. Se fosse para comparar, a antiga era uma construção modesta mas esteticamente mais bonita, porém ficava rio abaixo, o que implicava um desvio. No meio da ponte nova erguia-se um horroroso monumento de mármore em forma de homem, destinado a homenagear o ex-comissário-chefe Kenneth e erigido por ordem do próprio. A estátua ficava dentro dos limites da cidade por um mísero centímetro, pois nenhum outro município daria àquele sujeito desprezível um centímetro de terra como nota de agradecimento póstuma. Muito embora o escultor tivesse cumprido a exigência de Kenneth de destacar sua qualidade de visionário, colocando-o em uma característica pose contemplando o horizonte, nem o mais bondoso dos artistas teria conseguido não chamar atenção para o pescoço e o queixo incomumente volumosos do comissário-chefe.

A gaivota bateu as asas para ganhar altura, na esperança de encontrar peixes melhores na costa do outro lado da montanha, mesmo que para isso tivesse de cruzar uma zona climática. De tempo bom a ruim. Para aqueles que desejassem fazer o mesmo trajeto, havia um buraco negro e estreito de dois quilômetros de comprimento que atravessava a montanha partindo da ponte nova. Uma montanha e uma passagem que muitos pareciam apreciar — as cidades vizinhas se referiam ao túnel como um reto com um orifício anal em cada extremidade. E, realmente, quando a gaivota cruzou o topo da montanha, foi como sair de um mundo de harmonia e silêncio para um mundo de chuva gelada e poluída caindo sobre a cidade malcheirosa. Como que para demonstrar seu desdém, a gaivota cagou, e então seguiu desviando das rajadas de vento.

O excremento aterrissou num pequeno abrigo na rua, sob o qual havia um garoto esquelético e trêmulo deitado em um banco. Embora a placa ao lado indicasse PONTO DE ÔNIBUS, o garoto não tinha tanta certeza disso. Muitas linhas de ônibus tinham sido desativadas nos últimos anos. Por causa da redução da população, explicava o prefeito, o palerma. Mas o garoto precisava chegar à Estação Central para pegar a brew; a droga que havia comprado de uns motoqueiros não prestava, era uma mistura de açúcar de confeiteiro e fécula de batata, em vez de anfetamina.

O asfalto molhado e respingado de óleo refletia a luz das poucas lâmpadas de rua que ainda funcionavam, e a chuva formava poças na estrada esburacada que levava para fora da cidade. Estava tudo quieto até então, nenhum carro passava por ali, só a chuva caía. Então ele ouviu um som diferente, como de um gorgolejo baixinho.

Levantou a cabeça. Ajeitou o tapa-olho que havia escapulido da cavidade ocular oca e agora cobria o olho que lhe sobrara. Talvez conseguisse uma carona para o centro.

Mas não. O som vinha da direção oposta.

Recolheu os joelhos mais uma vez.

O gorgolejo virou um rugido. Não valia o incômodo de se mexer e, além do mais, estava encharcado; então apenas cobriu a cabeça com os braços. O caminhão passou, espirrando uma cascata de água imunda no abrigo do ponto de ônibus.

Ficou deitado ali, pensando na vida, até que achou não ser mais uma boa ideia.

Escutou o barulho de outro veículo. Será que agora conseguiria?

Levantou-se com esforço e olhou. Também vinha da cidade. Também em alta velocidade. Ficou observando os faróis se aproximarem. E um pensamento despontou em sua cabeça: um passo para o meio da rua e todos os seus problemas estariam resolvidos.

A van passou por ele sem cair em nenhum buraco. Um Ford Transit preto. Policiais, três deles. Que ótimo. Não ia rolar uma carona com eles.

— Ali, bem na nossa frente — disse Banquo. — Pisa fundo, Angus!

— Como você sabe que são eles? — indagou Olafson, inclinando-se para a frente, no vão entre os bancos dianteiros da van do GOE.

— Fumaça de diesel — explicou Banquo. — Meu Deus, não é por acaso que está tendo uma crise de petróleo na Rússia. Angus, cola na traseira deles, pra nos verem pelo retrovisor.

Angus manteve a velocidade até entrar na nuvem negra que o cano de descarga expelia. Banquo abaixou o vidro da janela e apoiou o rifle no retrovisor lateral. Tossiu.

— Agora emparelha com eles, Angus!

Angus trocou de faixa e acelerou. A van se aproximou do caminhão, que resmungava e gemia.

Uma nuvem de fumaça veio da janela do caminhão. O espelho sob o cano do rifle de Banquo se quebrou com um estalo.

— É, eles viram a gente — disse Banquo. — Volta pra traseira deles.

A chuva parou de repente, e tudo ao redor ficou ainda mais escuro. Tinham entrado no túnel. A pista asfaltada e as paredes pretas com marcas da escavação pareciam sugar as luzes dos faróis; só enxergavam as lanternas traseiras do caminhão.

— O que vamos fazer? — perguntou Angus. — A ponte é logo ali na frente, e, se eles passarem do meio...

— Estou sabendo — disse Banquo, erguendo o rifle.

A cidade terminava na estátua, era ali que a área de jurisdição deles terminava, que a perseguição terminava. Em teoria, é claro, poderiam ultrapassar o limite, isso já tinha acontecido antes: policiais empolgados, porém raramente da Unidade de Narcóticos, haviam capturado contrabandistas no lado errado da fronteira. Toda vez que isso acontecia, eram casos promissores que acabavam descartados pelos juízes, e eles ainda eram repreendidos oficialmente por erro grosseiro no cumprimento do dever. O Remington 700 de Banquo deu um tranco.

— Na mosca — falou ele.

O caminhão perdeu a direção dentro do túnel; a roda traseira cuspia lascas de borracha.

— Agora você vai sentir o que é um volante pesado de *verdade* — disse Banquo, mirando no outro pneu traseiro. — Mantenha distância, Angus. Eles podem bater na parede.

— Banquo! — Veio uma voz do banco de trás.

— Olafson? — indagou Banquo, apertando o gatilho bem devagar.

— Está vindo um carro.

— Epa.

Banquo descolou o rosto do rifle quando Angus freou.

Diante deles, o ZIS-5 patinhava de um lado para o outro, e a cada movimento ora deixava ver ora tampava os faróis do carro que vinha na direção contrária. Banquo ouviu a buzina, o rangido desesperado de um sedã que se via na mira de um caminhão a toda e sabia que era tarde demais para fazer qualquer coisa.

— Jesus... — disse Olafson, num murmúrio ceceado.

A buzina aumentou em volume e frequência.

Então, um clarão.

Involuntariamente, Banquo olhou.

Viu de relance uma criança adormecida, a bochecha descansando na janela traseira.

Então o carro passou, e o tom da buzina perdendo a força soou como a vaia de espectadores desapontados.

— Acelera — ordenou Banquo. — Estamos quase na ponte.

Angus pisou fundo, e eles logo se viram de volta na nuvem do escapamento.

— Fique assim — orientou Banquo, enquanto se preparava para atirar. — Fique...

Naquele instante, a lona que cobria a carroceria do caminhão foi lançada para o lado, e os faróis da van Transit recaíram sobre pilhas de sacos plásticos contendo uma substância branca. O vidro traseiro da cabine do motorista tinha sido espatifado. E por cima de um vão entre os sacos surgiu o cano de um rifle.

— Angus...

Uma explosão curta. Banquo viu o clarão do disparo no bocal da arma, e então o para-brisa ficou branco e despencou sobre eles.

— Angus!

Entendendo a mensagem, Angus deu uma guinada violenta para a direita. E depois para a esquerda. Os pneus cantaram, e as balas zuniam enquanto a boca que cuspia fogo tentava antecipar as manobras.

— Jesus Cristo! — gritou Banquo, e disparou contra o outro pneu, mas o projétil apenas tirou faíscas do para-lama.

De repente, a chuva voltou. Estavam na ponte.

— Pega ele com a espingarda, Olafson — ordenou Banquo. — Agora!

A chuva atravessou o buraco deixado pelo para-brisa estraçalhado, e Banquo se encolheu para que Olafson pudesse apoiar a arma de dois canos no encosto de seu banco. O cano se projetava por cima do ombro de Banquo, mas logo desapareceu ao som de um baque como martelo em carne. Banquo se virou e viu Olafson com o corpo frouxo, a cabeça inclinada para a frente e um buraco na jaqueta na altura do peito. O enchimento do estofamento cinza afofou quando a bala seguinte atravessou direto o encosto do banco de Banquo e furou o banco ao lado de Olafson. O cara do caminhão tinha melhorado a pontaria. Banquo tomou a espingarda das mãos de Olafson e, em um movimento rápido, apontou-a e disparou. Houve uma explosão branca na carroceria do caminhão. Banquo se livrou da espingarda e pegou novamente seu rifle. Era impossível que o atirador no caminhão conseguisse enxergar através da espessa nuvem branca de pó, mas, em meio à neblina, despontou a estátua de Kenneth em mármore claro e

iluminada por holofotes, como uma indesejável aparição. Banquo apontou para a roda traseira e puxou o gatilho. Na mosca.

O caminhão derrapou de um lado para o outro, uma roda dianteira subiu na calçada, uma roda traseira atingiu o meio-fio e a lateral do ZIS-5 colidiu com a cerca de aço reforçada. O ruído áspero de metal ralando com força no guarda-corpos abafou o do motor. Mas, por incrível que pareça, o motorista conseguiu botar o pesado caminhão de volta na pista.

— Não cruze a porra do limite, por favor! — gritou Banquo.

Os últimos remanescentes de borracha haviam sido arrancados dos aros da roda traseira, que lançava um jato de faíscas contra o céu noturno. O caminhão começou a derrapar; desesperado, o motorista fez de tudo para controlar o veículo, mas dessa vez não teve sorte, atravessou a pista e seguiu desgovernado pelo asfalto. Estavam prestes a chegar à fronteira quando os pneus recobraram aderência e levaram o caminhão para fora da pista. Doze toneladas da engenharia militar soviética atingiram o comissário-chefe Kenneth bem na região abaixo do cinto, arrancando-o da base e arrastando a estátua por uns dez metros ou mais ao longo da proteção de metal antes de despencar da beirada. Angus tinha dado um jeito de parar a van, e, naquele súbito silêncio, Banquo ficou vendo Kenneth cair ao luar, girando vagarosamente ao redor do próprio queixo. Atrás do comissário-chefe veio o ZIS-5, primeiro o capô, arrastando uma cauda de pó branco como um surreal cometa de anfetamina.

— Meu Deus... — sussurrou o policial.

Uma eternidade pareceu se passar até que tudo batesse na água, deixando-a branca por um instante, e o baque chegou até Banquo com um ligeiro atraso.

Então o silêncio retornou.

Sean batia com os pés no chão em frente à sede do clube, olhando fixamente para além do portão. Coçou a tatuagem *NORSE RIDERS ATÉ A MORTE* que tinha na testa. Não ficava tão nervoso assim desde aquele dia na sala de parto do hospital. Não era típico ele e Colin perderem o sorteio e terem de passar a noite de vigia justamente quando todos estavam empolgadíssimos? Não tiveram

permissão para ir junto com os outros apanhar a droga nem para ir à festa.

— Minha garota quer dar o meu nome pro menino — falou Sean, mais para si do que para qualquer outra pessoa.

— Legal — disse Colin, sem qualquer emoção, alisando seu bigode de morsa.

A chuva escorria por sua cabeça brilhosa.

— É.

Na verdade, ele também não queria. Uma tatuagem que o carimbaria para o resto da vida ou um filho dava no mesmo. Liberdade. Essa era a ideia por trás de uma moto, certo? Mas o clube e, depois, Betty haviam feito com que ele repensasse sua ideia de liberdade. Você só é livre de verdade quando pertence a um grupo, quando sente verdadeira solidariedade.

— Olha eles lá — disse Sean. — Parece que tudo correu bem.

— Faltam dois — respondeu Colin, cuspindo o cigarro e abrindo o portão alto com arame farpado no topo.

A primeira moto parou ao lado deles. O ronco reverberava atrás do capacete com chifres.

— Fomos atacados pelos policiais em uma emboscada, então os gêmeos vão voltar um pouco mais tarde.

— Certo, chefe — falou Colin.

Uma após outra, as motos atravessaram o portão com os motores roncando. Um dos caras ergueu o polegar em sinal de positivo. Ótimo, a droga estava protegida, e o clube, a salvo. Sean respirou com alívio. As motos atravessaram o pátio, passaram atrás do galpão de madeira de um andar com o logotipo dos Norse Riders pintado na parede e desapareceram dentro da imensa garagem. A mesa havia sido posta no galpão; Sweno tinha decidido que a transação deveria ser comemorada com uma bebedeira. E, em questão de poucos minutos, Sean ouviu a música e os primeiros gritos de comemoração.

— Estamos ricos — disse ele, rindo. — Você sabe pra onde estão levando a droga?

Colin não disse nada, apenas revirou os olhos.

Ele não sabia. Ninguém sabia. Ninguém exceto Sweno. E os caras no caminhão, é claro. Era melhor assim.

— Os gêmeos — disse Sean, tornando a abrir o portão.

As motos vinham devagar, quase hesitantes, subindo o morro até eles.

— Oi, João, o que acon...? — Sean ia perguntando, mas as motos simplesmente seguiram adiante.

Ele os viu pararem no meio do pátio, como se estivessem decidindo se largariam as motos ali mesmo ou não. Depois, tocaram-se no ombro, sinalizaram para a porta aberta da garagem e entraram.

— Reparou na viseira do João? — indagou Sean. — Tinha um buraco.

Colin deu um suspiro profundo.

— Não estou de sacanagem, não! — disse Sean. — Bem no meio. Vou lá ver o que aconteceu de verdade no porto.

— Sean...

Mas Sean já estava correndo pelo pátio e entrava na garagem. Os gêmeos tinham descido das motos. Ambos estavam de costas para ele, ainda de capacete. Um deles segurava entreaberta a porta da garagem que dava direto para o salão do clube, como se não quisesse ser visto, observando primeiro o que estava acontecendo na festa lá dentro. João, o melhor amigo de Sean, permanecia junto à sua moto. Havia tirado o carregador de seu horroroso AK-47 e parecia estar contando quantas balas tinham sobrado. Sean lhe deu um tapinha nas costas. Deve ter sido uma surpresa e tanto, porque ele se virou imediatamente, pronto para contra-atacar.

— O que aconteceu com a viseira, João? Uma pedra, foi isso?

João não respondeu, dando a impressão de estar ocupado colocando o carregador de volta no rifle. Parecia estranhamente desajeitado. Outra coisa estranha era que ele parecia... mais alto. Como se não fosse João, mas...

— Porra! — gritou Sean, dando um passo para trás e buscando a arma no cinto.

Agora entendia o buraco na viseira, e soube que não tornaria a ver seu amigo. Sacou a arma, soltou a trava de segurança e já ia apontar para o homem ainda enrolado com o AK-47 quando algo o atingiu no ombro. Virou a arma de súbito na direção de onde o golpe tinha vindo. Mas não havia ninguém ali. Só o cara com a

jaqueta dos Norse Riders perto da porta. Naquele instante, sua mão pareceu murchar, e Sean deixou a arma cair.

— Nem um pio — disse uma voz atrás dele.

Sean tornou a se virar.

O AK-47 estava apontado para ele, e, pelo reflexo na viseira, viu uma adaga cravada em seu ombro.

Duff encostou o cano do AK-47 bem na tatuagem na testa do sujeito. Olhou bem para a cara feia do idiota que o encarava boquiaberto. Pressionou o gatilho, apenas levemente... Ouviu o chiado da própria respiração dentro do capacete e o coração batendo por baixo da jaqueta de couro um tanto apertada.

— Duff — chamou Macbeth, da porta do salão do clube —, vai com calma.

Duff pressionou o gatilho só mais um pouquinho.

— Para com isso — insistiu Macbeth. — É a nossa vez de usar um refém.

Duff tirou o dedo do gatilho.

O rosto do homem estava branco feito papel. Por medo ou pela perda de sangue. Ambos, provavelmente. Sua voz saiu trêmula:

— Não resga...

Duff deu uma pancada com o cano da arma na tatuagem do garoto, deixando um risco por um instante muito branco, como se fosse uma cópia de sua própria marca registrada. E então o risco se cobriu de sangue.

— Fica calado, filho, que tudo vai acabar bem — disse Macbeth, que tinha se aproximado. Ele agarrou o rapaz pelo cabelo comprido, puxou a cabeça dele para trás e encostou a lâmina de sua outra adaga no pescoço dele. Foi empurrando-o para a porta do salão. — Tudo pronto?

— Não esqueça que o Sweno é meu — disse Duff, conferindo se o carregador em curva estava encaixado direito na arma, e avançou a passos largos atrás de Macbeth e do Norse Rider.

Macbeth abriu a porta com um chute e entrou com o refém à frente; Duff vinha em seus calcanhares. Sorrindo e provocando uns aos outros na base dos gritos e xingamentos, os Norse Riders estavam sentados a uma mesa comprida no salão imenso mas já

carregado de fumaça. Todos de costas para a parede defronte das três portas que davam para o exterior. Provavelmente uma regra do clube. Vinte, estimou Duff. Música alta. Rolling Stones, "Jumpin'Jack Flash".

— Polícia! — gritou Duff. — Ninguém se mexe ou meu parceiro aqui corta a garganta desse jovem simpático.

O tempo pareceu parar de súbito, e Duff viu o homem na ponta da mesa levantar a cabeça como se em câmera lenta. Um rosto rosado suíno com narinas conspícuas e tranças tão apertadas que tracionavam os olhos e os transformavam em duas linhas retas carregadas de ódio. Do canto de seus lábios pendia uma cigarrilha longa e fina. Sweno.

— Não resgatamos reféns — disse ele.

O jovem desmaiou e caiu.

Nos momentos que se seguiram, tudo no salão congelou, e tudo que se ouvia era Rolling Stones.

Até que Sweno deu uma tragada na cigarrilha.

— Pra cima deles — ordenou.

Duff viu pelo menos três Norse Riders reagirem ao mesmo tempo e puxou o gatilho do AK-47. Sentou o dedo. Cuspindo nacos de chumbo de 7,62 milímetros de diâmetro que estraçalharam garrafas, cravejaram a mesa, chicotearam na parede, entalharam carne e interromperam Mick Jagger entre um *gas* e outro. A seu lado, Macbeth alcançou as duas pistolas Clocks que havia pegado no corpo de dois Norse Riders no cais — junto com as jaquetas, os capacetes e as motos. O rifle nas mãos de Duff era quente e suave como uma mulher. A escuridão foi tomando conta do lugar conforme os tiros explodiam as lâmpadas. E quando Duff finalmente tirou o dedo do gatilho, poeira e plumas pairavam no ar, e uma lâmpada presa a um fio que descia do teto oscilava de cá para lá, projetando sombras que subiam correndo as paredes como fantasmas em fuga.

3

— Olhei em volta e, na semiescuridão, vi os caras do Norse Riders pelo chão, de cara pra baixo — contava Macbeth. — Sangue, vidro quebrado e cápsulas de bala vazias.

— Jesus! — exclamou Angus, falando meio arrastado, sua voz soando acima do burburinho animado n'A Muralha, o bar frequentado pelo pessoal do GOE, que ficava atrás da central de polícia. Seus olhos azuis arregalados encaravam Macbeth de um jeito que parecia adoração. — Você acabou de exterminar os caras da face da terra! Cristo Rei! Viva!

— Calma lá, meça suas palavras, ex-futuro padre — disse Macbeth, mas, quando a maioria dos 18 policiais do GOE ali presentes ergueu a caneca de cerveja em sua homenagem, ele acabou sorrindo, abanando a cabeça e então fazendo um brinde também.

Depois de um longo gole, Macbeth olhou para Olafson, que segurava na mão esquerda uma pesada caneca de mais de meio litro.

— Está doendo, Olafson?

— Dói menos porque eu sei que um deles também foi ferido no ombro — ceceou Olafson, e, sem graça quando os outros caíram na gargalhada, ajeitou a tipoia.

— Quem realmente fez as coisas acontecerem foram Banquo e Olafson — disse Macbeth —, eu só segurei o refletor feito um assistente de fotógrafo pra esses dois atores.

— Continue — pediu Angus. — Você e Duff botaram todos os Norse Riders no chão. O que foi que aconteceu? — perguntou, ajeitando o cabelo louro atrás das orelhas.

Macbeth viu a expectativa estampada naqueles rostos ao redor da mesa e trocou olhares com Banquo antes de continuar:

— Alguns gritaram que estavam se rendendo. A poeira baixou e a aparelhagem de som ficou reduzida a cacos, de modo que finalmente ficou tudo silencioso mas ainda escuro, e não estava muito nítida qual era a situação. Duff e eu resolvemos checar qual era o estado deles de onde estávamos, nos fundos do salão. Não tivemos fatalidades, mas muitos deles estavam, digamos assim, implorando por cuidados médicos. Duff então gritou que não conseguia encontrar Sweno. — Macbeth correu o dedo pela condensação no copo. — Vi uma porta atrás da ponta da mesa onde Sweno estava sentado quando chegamos, e naquele instante ouvimos o barulho de motos. Então deixamos pra trás os feridos no salão e corremos pro pátio. Foi quando vimos três motos indo em direção ao portão, e uma delas era vermelha, a do Sweno. E o vigia, um sujeito careca de bigode, montou na sua moto e seguiu os caras. Duff ficou uma fera, quis ir atrás, mas eu disse que havia uns caras numa situação bem crítica lá dentro...

— E você achou mesmo que isso faria Duff desistir? — sussurrou alguém. — Uns filhos da puta ensanguentados caídos por todo lado, quando ele podia botar as mãos no Sweno?

Macbeth se virou. O dono da voz estava sentado sozinho a uma mesa, o rosto encoberto pela sombra do armário de troféus do clube de dardos.

— Achou mesmo que Duff se incomodaria com um punhado de vidas de uns merdinhas, quando um herói valente e admirado estava ao alcance da mão dele? — Uma caneca de cerveja foi erguida nas sombras. — Há que se considerar a carreira de alguns.

A mesa de Macbeth caiu em silêncio.

Banquo tossiu.

— As carreiras que se fodam. Nós do GOE não deixamos que pessoas carentes de socorro simplesmente morram, Seyton. O que vocês da Narcóticos fazem aí eu já não sei.

Seyton se inclinou para a frente, e seu rosto ficou iluminado.

— Nenhum de nós na Narcóticos sabe ao certo o que está fazendo, esse é o problema com um chefe como o Duff. Mas não quero interromper sua história, Macbeth. Vocês voltaram pro salão e cuidaram dos feridos?

— Sweno é um assassino que voltaria a matar se tivesse a oportunidade — concluiu Macbeth, enfrentando o olhar de Seyton —, e Duff estava preocupado com a possibilidade de eles escaparem pela ponte.

— Meu medo era que eles cruzassem a ponte, como o caminhão bem que tentou fazer — contou Duff. — Então subimos de volta nas motos. E dirigimos o mais rápido possível. E mais um pouco. Um leve descuido no asfalto molhado... — Duff empurrou o dourado *crème brûlée* parcialmente comido pela toalha de tecido adamascado de Lyon, pegou a garrafa de champanhe no cooler e reabasteceu as outras três taças. — Passada a primeira curva fechada no fundo do vale, vi as lanternas traseiras de quatro motos e acelerei. Pelo retrovisor, vi que Macbeth continuava na perseguição.

Duff lançou um olhar furtivo para o comissário-chefe Duncan, para ver se seu relato estava sendo bem recebido. Seu sorriso gentil e amistoso era difícil de interpretar. Duncan ainda não havia feito nenhum comentário direto sobre a diligência noturna, mas o fato de ele ter comparecido àquela modesta comemoração não seria uma aceitação implícita? Talvez, mas o silêncio do comissário-chefe deixava Duff inseguro. Ele se sentia mais à vontade ao lado do chefe da Unidade Anticorrupção, o inspetor Lennox, um sujeito ruivo de pele bem clara, que, com seu habitual entusiasmo, inclinava-se sobre a mesa sorvendo cada palavra. E com a chefe da Unidade de Perícia, Caithness, cujos grandes olhos verdes lhe diziam que ela acreditava em cada naco e migalha de informação.

Duff pousou a garrafa na mesa.

— No trecho do acesso ao túnel, estávamos lado a lado e as luzes lá na frente ficavam mais fortes. Como se tivessem diminuído a marcha. Eu via os chifres do capacete do Sweno. Então, algo inesperado aconteceu.

Duncan moveu seu champanhe para perto do cálice de vinho tinto, um gesto que Duff não sabia se interpretava como tensão ou apenas impaciência.

— Duas das motos viraram logo depois do ponto de ônibus na saída pra pegar a estrada pra Forres, enquanto as outras duas seguiram pro túnel. Estávamos a segundos do cruzamento, e tive que tomar uma decisão...

Duff enfatizou a palavra *decisão*. Claro que ele poderia ter dito *fazer uma escolha*. Mas *escolher* era apenas algo que qualquer idiota poderia ser forçado a fazer, enquanto *tomar uma decisão* é uma atitude proativa que exige um processo mental e demanda personalidade, a atitude de um líder. O tipo de líder de que o comissário-chefe precisava quando fosse nomear o chefe da recém-criada Unidade de Crime Organizado, uma grande fusão da Narcóticos com a Facções — o que fazia todo o sentido, pois tudo que se referia a droga na cidade estava agora dividido entre Hécate e os Norse Riders, que engoliram as outras gangues. A questão era: quem chefiaria a nova unidade? Duff ou Cawdor, o experiente líder da Unidade de Facções, que tinha uma casa na zona oeste da cidade, já quitada e de tamanho suficiente para levantar suspeitas. O problema era que Cawdor tinha um grupo de apoio na câmara e também entre os ex-conspiradores de Kenneth na polícia, e, mesmo que todos soubessem que Duncan estava disposto a arriscar o pescoço para se livrar dos vários "Cawdors", também tinha de mostrar algum tino político para não perder o controle na central. O que estava claro era que um deles — ou Cawdor, ou Duff — sairia vencedor, e o outro ficaria sem uma unidade para comandar.

— Fiz sinal pro Macbeth, indicando que devíamos seguir a dupla que tinha seguido pra Forres.

— Sério? — questionou Lennox. — Assim os outros dois cruzariam os limites da cidade.

— Isso mesmo, e esse era o dilema. Sweno é uma raposa astuta. Estaria ele enviando dois homens pra Forres como iscas, enquanto ele ia na direção da fronteira por ser o único dos Norse Riders contra quem tínhamos material suficiente? Ou será que estaria contando que pensaríamos que era isso que ele estava pensando e, consequentemente, faríamos o contrário?

— E tínhamos? — indagou Lennox.

— Tínhamos o quê? — retrucou Duff, tentando disfarçar a irritação por ter sido interrompido.

— Tínhamos material contra Sweno? Pelo que sei, o massacre de Stoke já prescreveu.

— Os assaltos a duas agências dos Correios no Distrito 1, há cinco anos — respondeu Duff, com impaciência. — Temos as digitais do Sweno por todo lado.

— E quanto aos outros Norse Riders?

— Zero. E também não conseguimos nada hoje, porque estavam todos de capacete. Mas continuando: quando embicamos pra Forres, vimos o capacete...

— O que é o massacre de Stoke? — perguntou Caithness.

Duff resmungou.

— Você provavelmente não era nem nascida na época — respondeu Duncan, com gentileza. — Aconteceu em Capitol, logo depois da guerra. O irmão do Sweno estava prestes a ser preso por deserção e cometeu a idiotice de sacar uma arma. Os dois policiais que lhe deram voz de prisão, e que haviam passado a guerra nas trincheiras, deram tiros certeiros nele. Meses depois disso, Sweno vingou a morte do irmão em Stoke. Ele invadiu uma delegacia e matou a tiros quatro policiais, sendo que uma delas estava nos últimos meses de gravidez. Sweno sumiu do mapa, e, quando afinal reapareceu, o crime havia prescrito. Duff, por favor, continue.

— Obrigado. Achei que eles não tivessem notado que estávamos tão perto, a ponto de reconhecer o capacete do Sweno quando ele dobrou pra Forres e a antiga ponte. Pegamos os caras alguns quilômetros depois, mais ou menos. Quer dizer, Macbeth disparou dois tiros pro ar quando eles ainda estavam bem na nossa frente, e eles pararam. Então paramos também. Já tínhamos passado do vale, então não estava chovendo mais. Boa visibilidade, luz da lua, estávamos a uma distância de cinquenta ou sessenta metros... Eu estava com a minha AK-47 e dei ordem pra que descessem das motos, dessem cinco passos na nossa direção e ajoelhassem no asfalto com as mãos atrás da cabeça. Eles obedeceram, nós desmontamos e fomos até eles.

Duff fechou os olhos.

Podia vê-los agora mesmo.

Ajoelhando-se.

O couro da jaqueta de Duff fazia uns ruídos enquanto caminhava na direção deles, e uma gota de água pendia da beirada da sua viseira aberta. Logo cairia. Logo.

— Devíamos estar a uns dez ou 15 passos quando Sweno sacou a arma — continuou Macbeth. — Duff reagiu na mesma hora. Atirou. Acertou Sweno três vezes, no peito. Morto antes mesmo do seu capacete bater no chão. Mas, nesse meio-tempo, o segundo homem tinha apontado a arma pra Duff. Felizmente, não teve tempo de apertar o gatilho.

— Cacete! — exclamou Angus. — Você atirou nele, foi isso?

Macbeth se reclinou para trás.

— Eu o peguei com uma adaga.

Banquo encarou seu superior.

— Impressionante — murmurou Seyton, ainda à sombra. — Por outro lado, Duff reagiu mais rápido do que você quando Sweno foi pegar a arma, não? Eu teria apostado que você seria mais rápido, Macbeth.

— Aí você se enganou — disse Macbeth. *O que Seyton estava fazendo, o que ele queria?* — Igual ao Duff — completou, levando a caneca de cerveja aos lábios.

— Cometi um erro — disse Duff, fazendo sinal para que o garçom trouxesse mais uma garrafa de champanhe. — Não quanto ao tiro, é claro. Mas ao escolher quais motos seguir.

O chefe dos garçons veio até a mesa para informar com muita discrição que, infelizmente, teriam de fechar e que era proibido vender bebida alcoólica após a meia-noite. A menos que o comissário-chefe...

— Obrigado, mas não — disse Duncan, que era mestre na arte de fingir um sorriso enquanto erguia as sobrancelhas em reprovação. — Vamos respeitar a lei.

O garçom pediu licença e se foi.

— Até os melhores podem fazer a escolha errada — disse Duncan. — Quando você se deu conta do erro? Quando tirou o capacete dele?

— Não — respondeu Duff. — Uma fração de segundo antes, quando me ajoelhei ao lado do corpo e por acaso olhei pra moto. Não era a do Sweno, o sabre não estava lá. E os Riders não trocam de moto.

— Mas trocam o capacete?

Duff deu de ombros.

— Eu devia ter previsto isso. Afinal, Macbeth e eu tínhamos acabado de lançar mão do mesmo truque. Sweno trocou de capacete, e eles reduziram pra que víssemos que o sujeito com o capacete dele estava indo pra Forres. Enquanto isso, ele atravessava o túnel, passava pela ponte e escapava.

— Uma jogada inteligente, sem dúvida — comentou Duncan. — Pena que o pessoal do Sweno não tenha sido tão inteligente.

— Como assim? — perguntou Duff, olhando para a pastinha de couro com a conta, que o garçom havia colocado diante dele.

— Por que sacar armas pros policiais, quando eles sabem, como você mesmo disse, que não temos prova alguma contra nenhum deles, exceto Sweno? Eles podiam ter aceitado a ordem de prisão, e poucas horas depois sairiam da delegacia como homens livres.

Duff deu de ombros.

— Talvez não acreditassem que fôssemos policiais. Talvez pensassem que fôssemos homens do Hécate, com ordem pra matá-los.

— Ou, como o comissário-chefe bem declarou — disse Lennox —, talvez sejam uns idiotas.

Duncan coçou o queixo.

— Quantos Norse Riders nós prendemos?

— Seis — respondeu Duff. — Quando voltamos ao clube, só os mais gravemente feridos ainda estavam lá.

— Eu não sabia que gangues como os Norse Riders deixavam seus feridos pro inimigo.

— Eles sabiam que seriam atendidos mais rápido se viessem com a gente. Estão em tratamento agora, mas devemos ter mais alguns

sob custódia amanhã. E então serão interrogados sobre Sweno. Por mais que estejam com dor. Vamos encontrá-lo, senhor.

— Ótimo. Quatro toneladas e meia de anfetamina. É coisa à beça — avaliou Duncan.

— Com certeza. — Duff sorriu.

— Com um volume desse, seria prudente você se questionar por que não me informou antecipadamente da operação.

— Tempo — respondeu Duff, de imediato. Ele havia ponderado bem a resposta que daria a essa inevitável pergunta. — Não houve tempo suficiente entre o momento em que recebi a informação e o momento de entrar em ação. Como chefe da unidade, precisei avaliar os regulamentos à luz dos riscos de não impedir que mais de quatro toneladas de anfetamina chegassem às mãos dos jovens dessa cidade.

Duff encontrou o olhar de Duncan, que o contemplava pensativo. O comissário-chefe afagou o queixo, deixando o indicador correr de um lado para outro. Então umedeceu os lábios.

— Houve também muito derramamento de sangue. Graves danos à ponte. Os peixes do rio já devem ter se viciado. E Sweno ainda está à solta.

Duff praguejou mentalmente. O idiota hipócrita e arrogante deveria ser capaz de ter uma visão mais ampla.

— No entanto — continuou o comissário-chefe —, seis Norse Riders estão sob custódia. E mesmo que a gente se sinta um pouco mais agitado que o habitual ao comer peixe nas próximas semanas, é bem melhor do que a droga acabar nas mãos dos nossos jovens. Ou... — Duncan pegou a taça de champanhe — ... nas Mercadorias Confiscadas.

Lennox e Caithness acharam graça. Era sabido que muitas coisas sumiam inexplicavelmente do depósito da central.

— Então — disse Duncan, erguendo sua taça —, ao bom trabalho da polícia, Duff.

Duff pestanejou duas vezes. Seu coração batia acelerado e feliz.

— Obrigado — falou ele, bebendo toda a taça de uma só vez.

Duncan surrupiou o porta-contas de couro.

— Essa é por minha conta. — Ele pegou a notinha, esticou o braço como se para ver melhor e estreitou os olhos. — Só não

consigo saber se essa conta está certa.

— E quem consegue? — perguntou Lennox, com um sorriso forçado, quando ninguém riu da piada sem graça.

— Deixa comigo — disse Caithness, pegando a conta e colocando seus óculos de armação de tartaruga em estilo antigo.

Duff sabia que ela não precisava dos óculos, que só os usava por achar que lhe acrescentavam alguns anos e disfarçavam sua beleza. Duncan tinha sido audacioso ao dar a Caithness a Unidade de Perícia e Investigação Forense. Não que duvidassem da competência profissional dela — havia sido a melhor cadete na academia de polícia, além de ser formada em química e física —, mas era a mais jovem entre os demais chefes de unidade, solteira e simplesmente bonita demais da conta para que não levantassem suspeitas de uma motivação inconfessável para a indicação. As chamas das velas fizeram brilhar a água em seus olhos sorridentes por trás dos óculos, a umidade de seus lábios vermelhos e o esmalte de seus luminosos dentes brancos. Duff fechou os olhos. O reflexo da luz no asfalto, o ruído dos pneus na pista molhada. O barulho dos esguichos. O sangue espirrando no chão quando o homem arrancara a adaga do pescoço. Era como uma imensa mão lhe apertando o peito, então ele abriu os olhos com um arquejo.

— Tudo bem? — Lennox direcionava o gargalo de uma garrafa de água para o copo de Duff, e o que restava de líquido caiu lá dentro. — Beba, Duff, para diluir o champanhe. Você ainda tem que dirigir.

— Nem pensar — falou Duncan. — Não quero meus heróis sendo presos por dirigirem embriagados ou morrendo no trânsito. Meu motorista não se incomodaria em fazer um pequeno desvio.

— Obrigado — agradeceu-lhe Duff —, mas Fife fica...

— ... Fica mais ou menos no meu caminho pra casa — completou Duncan. — Sua esposa e seus dois filhos encantadores é que deviam me agradecer.

— Com licença — pediu Duff, arrastando a cadeira para trás e se levantando.

— Um policial de primeira categoria — comentou Lennox ao observar Duff ir cambaleando até o banheiro nos fundos.

— Duff? — perguntou Duncan.

— Também, mas eu estava pensando no Macbeth. Os resultados dele são impressionantes, o pessoal que trabalha com ele o adora e, embora tenha trabalhado sob as ordens do Kenneth, nós da Anticorrupção sabemos que ele é totalmente confiável. Pena que não tenha os diplomas necessários pra assumir um posto maior.

— Não há nenhuma outra exigência especial além da formação na academia de polícia. Veja o Kenneth.

— Sim, mas Macbeth ainda não é um de nós.

— Nós?

— Bem — Lennox ergueu sua taça de champanhe com um sorrisinho torto —, você escolheu chefes que, quer gostemos ou não, são vistos como parte da elite. Todos nós viemos do lado ocidental da cidade ou de Capitol, temos instrução ou um respeitável nome de família. Macbeth é visto mais como alguém do espectro mais amplo da população, se é que você me entende.

— Entendo, sim. Escuta, estou um pouco preocupado com o andar vacilante do Duff. Você poderia...?

Felizmente, o banheiro estava vazio.

Duff fechou a braguilha, aproximou-se de uma das pias, abriu a torneira e jogou água no rosto. Ouviu a porta se abrir.

— Duncan pediu pra eu ver como você estava — disse Lennox.

— Ah. O que você acha que ele pensou?

— Sobre o quê?

Duff pegou uma toalha de papel e secou o rosto.

— Sobre... Como as coisas aconteceram.

— Deve estar pensando como todos nós: que você fez um bom trabalho.

Duff assentiu.

Lennox riu.

— Você realmente quer a Unidade de Crime Organizado, hein?

Duff fechou a torneira e ensaboou as mãos enquanto olhava pelo espelho para o chefe da Anticorrupção.

— Está me chamando de interesseiro?

— Não tem nada errado em querer progredir na carreira. — Lennox deu um sorriso ligeiramente malicioso. — Só é divertido

ver como você se posiciona.

— Tenho as qualificações, Lennox. Não seria simplesmente meu dever pra com essa cidade e com o futuro dos meus e dos seus filhos fazer o que eu puder pela Unidade de Crime Organizado? Ou devo deixar a maior Unidade pro Cawdor? Uma pessoa que, como nós dois sabemos, deve ter as mãos sujas não só de suborno como de sangue, pra ter sobrevivido por tanto tempo sob as ordens do Kenneth.

— Arrá — fez Lennox. — Então é o dever que motiva você? Não é a ambição pessoal não, imagina! Bem, meu santo Duff, permita-me segurar a porta pra você. — Lennox fez uma exagerada mesura. — Presumo, então, que vá recusar aumento e outros privilégios.

— Salário, honra e fama são irrelevantes pra mim — disse Duff. — Mas, como a sociedade recompensa aqueles que contribuem para o bem comum, desdenhar do salário seria como desdenhar da sociedade.

Ele avaliou o rosto no espelho. *Como você sabe que alguém está mentindo?* É possível perceber isso mesmo quando a pessoa conseguiu convencer a si mesma de que o que diz é a verdade? Quanto tempo ele levaria para convencer a si próprio de que era verdade a versão que ele e Macbeth haviam engendrado para explicar como mataram os dois homens na estrada?

— Acabou de lavar as mãos, Duff? Acho que Duncan quer ir pra casa.

Os homens do GOE despediram-se na saída d'A Muralha.

— Lealdade, fraternidade — declamava Macbeth, bem alto.

Os demais responderam em uníssono, algumas vozes mais, outras menos arrastadas:

— Batizados em fogo, unidos em sangue.

Então eles se afastaram em todas as direções da bússola. Macbeth e Banquo para o oeste, passando por um músico de rua que mais uivava do que cantava "Meet me on the Corner" e percorrendo saguões e corredores desertos e dilapidados da Estação Central. Um estranho vento quente soprou forte e espalhou lixo por entre as colunas dóricas que um dia haviam sido belíssimas

mas que agora estavam caindo aos pedaços após anos de poluição e descaso.

— Pois então, Macbeth — disse Banquo —, vai me contar o que *realmente* aconteceu?

— Você é quem tem que me contar sobre o caminhão e Kenneth. Uma queda livre de noventa metros! — A risada dele ressoou sob o teto de tijolinhos.

Banquo sorriu.

— Sem essa, Macbeth. O que foi que aconteceu lá na estrada vicinal?

— Eles disseram por quanto tempo a ponte ficará fechada pra consertos?

— Você pode conseguir mentir pra eles, mas não pra mim.

— Nós os pegamos, Banquo. Precisa saber mais?

— Preciso?

Banquo abanou a mão para afastar o fedor que vinha da escada que levava aos banheiros, onde uma mulher de idade indeterminada estava de pé, agarrada ao corrimão e curvada para a frente, o cabelo caindo no rosto.

— Não.

— Tudo bem, então — concordou Banquo.

Macbeth parou e se agachou perto de um garoto sentado recostado na parede, pedindo dinheiro com uma caneca na mão. O menino levantou a cabeça. Tinha um tapa-olho em um lado do rosto, e o outro olho parecia contemplar um mundo à parte, uma miragem alucinógena. Macbeth pôs uma nota no copo e tocou o ombro do menino.

— Como vai você? — indagou ele, baixinho.

— Macbeth — disse o garoto. — Estou desse jeito que você está vendo.

— Você consegue. Nunca se esqueça disso. Você consegue parar.

O menino mastigava as palavras, sua voz escorregando de uma vogal para outra.

— Como você pode saber?

— Acredite em mim, outras pessoas conseguiram.

Macbeth ficou de pé, e o garoto falou em voz alta e tiritante, depois que os dois se foram:

— Deus te abençoe, Macbeth.

Eles entraram no saguão do setor leste da estação, onde havia um silêncio que saltava à vista, como se estivessem em um templo. Os drogados que não estavam sentados, deitados ou de pé junto às paredes ou nos bancos cambaleavam em uma espécie de dança arrastada, como astronautas em uma atmosfera alienígena, em um campo gravitacional diferente. Alguns olhavam com desconfiança para os dois policiais, mas a maioria simplesmente os ignorava. Era como se tivessem olhos de raios X que havia muito detectaram que aqueles dois não tinham nada para vender. Quase todos eram tão magros e abatidos que era difícil avaliar quantos anos tinham vivido. Ou quantos ainda viveriam.

— Você nunca se sentiu tentado a voltar? — perguntou Banquo.

— Não.

— A maioria dos ex-viciados sonha com uma última dose.

— Eu não. Vamos embora daqui.

Dirigiram-se à escadaria que dava para a saída oeste e pararam antes de alcançarem o ponto onde a cornija não mais os protegia da chuva. Ao lado deles, apoiada em trilhos pretos sobre um suporte baixo, estava algo que naquele breu lembrava um monstro pré-histórico. Bertha, de 110 anos, a primeira locomotiva do país, símbolo maior do otimismo em relação ao futuro que era o impulso dominante mais de um século antes. Os degraus largos, majestosos e gradualmente nivelados conduziam até a sombria e deserta Praça dos Operários, que um dia fora palco de grande atividade e alvoroço, um bazar a céu aberto e gente zanzando de um lado para outro, mas que agora era um cenário fantasmagórico, uma praça onde o vento assobiava e gemia. Em um dos lados, luzes brilhavam num antigo prédio de tijolinho que no passado sediara os escritórios da Rede Ferroviária Nacional, fechados depois que a estrada de ferro fora abandonada, para mais tarde ser comprado e reformado e se tornar o edifício mais glamoroso e elegante que a cidade tinha a oferecer: o cassino Inverness. Banquo havia entrado no cassino apenas uma vez para na mesma hora perceber que não era seu tipo de lugar. Ou, para ser mais exato, que ele não era o tipo de cliente que eles desejavam. Provavelmente enquadrava-se mais no tipo do Obelisco, cujos

frequentadores não eram tão bem-vestidos, as bebidas não tão caras e as prostitutas nem tão bonitas nem tão discretas.

— Boa noite, Banquo.

— Boa noite, Macbeth. Durma bem.

Banquo percebeu um leve tremor percorrer o corpo do amigo; então os dentes brancos de Macbeth brilharam na escuridão.

— Mande um oi pro Fleance e diga a ele que seu pai fez um bom trabalho essa noite. O que eu não teria dado pra ver Kenneth em queda livre da própria ponte...

Banquo ouviu ao longe a risada do amigo conforme ele ia desaparecendo na escuridão e sob a chuva que caía na Praça dos Operários; mas, quando a própria risada também acabou, sentiu um desassossego percorrer o corpo. Macbeth não era apenas um amigo e um colega de trabalho, era como um filho, um Moisés encontrado numa cesta, a quem Banquo amava tanto quanto a Fleance. E foi por isso que esperou até ver Macbeth reaparecer do outro lado da praça e ser iluminado pelas luzes da porta do cassino, da qual emergiu uma ruiva alta de cabelo flamejante, em um longo vestido vermelho, e o abraçou como se uma alma do outro mundo lhe tivesse avisado que seu amor estava a caminho.

Lady.

Talvez ela tivesse ouvido rumores sobre os acontecimentos daquela noite. Uma mulher como Lady não teria chegado aonde chegara sem informantes que lhe dissessem o que precisava saber sobre tudo que se passava sob a superfície da cidade.

Continuavam abraçados. Era uma mulher linda, e poderia muito bem ter sido ainda mais bonita quando jovem. Ninguém sabia de fato a idade de Lady, mas definitivamente já havia passado bastante dos 33 anos de Macbeth. Talvez o provérbio estivesse certo: o verdadeiro amor a tudo supera.

Ou talvez não.

Banquo se virou e rumou para o norte.

Em Fife, o motorista do comissário-chefe pegou a trilha de brita, seguindo as instruções. As pedrinhas rangiam sob os pneus.

— Pode me deixar aqui. Vou andando o restante do caminho — disse Duff.

O motorista reduziu até parar. No silêncio que se seguiu, podiam ouvir o ziziar dos gafanhotos e o farfalhar sussurrado das folhas caindo das árvores.

— Você não quer acordá-los — concluiu Duncan, olhando para o final da trilha, onde o luar revelava uma casinha estilo rural pintada de branco. — Está certo. Que nossos entes queridos durmam na santa ignorância, sentindo-se seguros. Que belo local você escolheu pra morar.

— Obrigado. E desculpe ter tirado você do seu caminho.

— Todos nós pegamos desvios na vida, Duff. Na próxima vez que tiver uma informação de coxia, como essa sobre os Norse Riders, você toma um atalho na minha direção. Combinado?

— Combinado.

Duncan passou o indicador de um lado para o outro no queixo.

— Nosso propósito é fazer dessa cidade um lugar melhor pra todos viverem, Duff. Pra isso, todas as autoridades têm que trabalhar juntas e pensar nos interesses da comunidade, não apenas nos seus próprios.

— É claro. Gostaria só de acrescentar que estou disposto a qualquer trabalho desde que seja em prol da cidade e da polícia, senhor.

Duncan sorriu.

— Nesse caso, sou eu quem deve agradecer a você, Duff. Ah, já ia esquecendo...

— Pois não?

— Você disse que 14 Norse Riders, contando com Sweno, era mais do que tinha previsto e que teria sido mais discreto da parte deles enviar apenas uns poucos homens pra levar o caminhão calma e tranquilamente, correto?

— Sim.

— Por acaso não lhe ocorreu que Sweno talvez também tenha sido avisado? Talvez ele já desconfiasse de que você estaria lá. Pois então seu medo de um vazamento talvez não fosse infundado. Boa noite, Duff.

— Boa noite.

Duff caminhou até sua casa respirando o perfume da terra e da grama orvalhada. Havia considerado essa possibilidade, agora

verbalizada por Duncan. Um vazamento. Um informante. E ele, Duff, encontraria a fonte. Descobriria o nome assim que o dia amanhecesse.

Macbeth estava deitado de lado, os olhos fechados. Às suas costas, ouvia o rumor cadenciado da respiração dela e, vindo do cassino, no andar de baixo, as notas mais graves da música, como o abafado bater de um coração. O Inverness funcionava a noite toda, mas já era tarde até mesmo para apostadores obstinados e beberrões incansáveis. Do corredor vinham os passos dos hóspedes e as chaves virando nas fechaduras dos quartos. Alguns sozinhos, outros com suas esposas. Alguns com outras pessoas. Isso não era algo com que Lady se preocupasse, desde que as mulheres que frequentassem o cassino cumprissem as regras implícitas de discrição, de estarem sempre bem-vestidas, sempre sóbrias, sempre livres de doenças infecciosas e sempre, sempre, atraentes. Certa vez, ainda no início do relacionamento, Lady tinha perguntado a ele por que nem sequer lhes dirigia o olhar. E sorriu quando ele respondeu que era porque só tinha olhos para ela. Só mais tarde ela entendeu a real dimensão do que ele queria dizer: não havia necessidade de ele se virar para vê-la, pois suas feições estavam marcadas a ferro e fogo em suas retinas; onde quer que ele estivesse, bastava fechar os olhos e lá estava ela. Não houvera ninguém antes de Lady. Quer dizer, algumas mulheres haviam feito seu pulso acelerar e com certeza o coração de algumas bateram mais rápido por ele, mas Macbeth nunca tivera relações sexuais com elas. E, é claro, uma havia marcado seu coração. Quando Lady percebeu isso e, rindo, perguntou se os céus lhe haviam enviado um virgem de verdade, ele lhe contou sua história. A história que até então somente duas pessoas conheciam. E ela lhe revelou a sua.

Os lençóis de seda da suíte davam a sensação de serem pesados e caros em contato com o corpo nu dele. Como uma febre, sentia calor e frio ao mesmo tempo. Ele percebeu, pelo ressonar de Lady, que ela estava acordada.

— O que foi? — sussurrou ela, sonolenta.

— Nada. Só não consigo dormir.

Ela se aconchegou às costas dele, acariciou-lhe o peito e os ombros. Acontecia às vezes, como agora, de os dois respirarem no mesmo ritmo. Como se fossem um único organismo, como gêmeos siameses compartilhando pulmões: a mesma sensação de quando revelaram um ao outro sua história de vida, e ele soube que não estava mais sozinho.

Ela tocou seu ombro e correu a mão até o cotovelo, passando pelas tatuagens e descendo pelo braço, onde acariciou as cicatrizes. Ele lhe contara sobre elas, também. E sobre Lorreal. Não guardavam segredos um do outro. Apenas detalhes sombrios, não segredos, dos quais ele pedira para ser poupado. Ela o amava, e isso era tudo que importava, era tudo que *precisava* saber sobre ela. Macbeth se virou, deitando-se de barriga para cima. Ela acariciou seu abdome, parou e aguardou. Ela era a rainha. E o vassalo obedientemente se ergueu sob a seda.

Quando Duff se deitou na cama ao lado da esposa, ouviu sua respiração tranquila e sentiu o calor das costas dela, foi como se as lembranças dos eventos daquela noite começassem a se dissipar. Aquele lugar tinha esse poder sobre ele, sempre fora assim. Conheceram-se quando ele ainda era estudante. Ela vinha de uma família abastada da zona oeste da cidade e, embora seus pais não levassem fé no relacionamento, acabaram por aceitar o jovem ambicioso e trabalhador. E Duff vinha de uma família respeitável, na opinião do sogro. O restante aconteceu quase que automaticamente: casamento, filhos, uma casa em Fife onde as crianças poderiam crescer sem respirar o ar poluído da cidade, trabalho, a correria diária. Muita correria, com dias exaustivos e a sedução de uma promoção. E o tempo é um sopro. É assim que as coisas são. Ela era uma boa mulher e uma boa esposa, mas não era essa a questão. Inteligente, atenciosa e leal. E quanto a ele? Não era um bom marido? Não pagava as contas, não poupava para os estudos dos filhos, não havia construído um chalé às margens do lago? Sim. Nem ela nem o pai tinham muito do que reclamar dele. Era seu jeito, e ponto final. De qualquer forma, havia muitas coisas boas no fato de se ter uma casa, ter uma família: trazia paz. Com seu próprio ritmo de vida, sua própria agenda, e não importava o

que se passava lá fora. Não muito. E ele precisava dessa percepção da realidade (ou da falta dela). *Precisava* daquilo. De tempos em tempos.

— Você veio pra casa... — murmurou ela.

— Pra você e pras crianças.

— ... no meio da noite — acrescentou ela.

Ficou lá deitado, ouvindo o silêncio entre eles. Tentando decidir se era bom ou ruim. Então, delicadamente, ela colocou a mão no ombro dele. Com cuidado, apertou com a ponta dos dedos os músculos cansados, onde sabia que seria relaxante.

Ele fechou os olhos.

E viu de novo.

A gota de chuva na ponta da viseira do capacete. O homem de joelhos à sua frente. Sem se mexer. O capacete com chifres. Duff quis dizer algo a ele, mas não podia. Então, ergueu a arma até o ombro. Será que aquele cara não podia ao menos se mexer? Logo a gota cairia.

— Duff — era Macbeth, a suas costas. — Duff, não...

A gota caiu.

Duff atirou. Atirou de novo. E de novo.

Três tiros.

O homem ajoelhado à sua frente caiu para o lado.

O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Ele se agachou ao lado do morto e retirou seu capacete. Foi como levar na cara um balde de água gelada ao constatar que não era Sweno. Os olhos do jovem estavam fechados, como se dormisse tranquilamente ali, caído.

Duff se virou e lançou um breve olhar para Macbeth. Sentiu as lágrimas se acumularem. Ainda sem condições de falar, apenas balançou a cabeça. Macbeth assentiu em resposta e retirou o capacete do outro. Também jovem. Duff sentiu algo lhe sendo empurrado goela abaixo e levou as mãos ao rosto. Acima do som dos próprios soluços, ouviu os apelos do homem reverberarem como o grasnar das gaivotas nos campos desertos.

— Não, não atira! Eu não vi nada! Não vou contar pra ninguém! Por favor, nenhum juiz acreditaria em mim mesmo. Eu con...

A voz foi cortada. Duff ouviu um corpo despencar no asfalto, um curto balbucio, então tudo emudeceu.

Ele se virou. Só então notou que o outro homem usava roupas brancas. Estavam sendo tingidas pelo sangue que escorria do buraco no pescoço.

Atrás do homem de branco, Macbeth segurava uma adaga. Seu peito subia e descia.

— Agora... — disse ele, rouco. Pigarreou. — Agora paguei minha dívida com você, Duff.

Duff pressionou o ponto onde sabia que ia doer. Com a outra mão, tapou a boca do homem para abafar seus gritos e forçá-lo para baixo, para a cama do hospital. Desesperado, o homem sacudia as algemas que o prendiam à cabeceira da cama. Com as primeiras luzes do dia atravessando a janela, Duff via nitidamente a rede de estreitos vasos sanguíneos ao redor das pupilas negras dentro dos olhos esbugalhados logo abaixo da tatuagem NORSE RIDER ATÉ A MORTE na testa. O indicador e o dedo médio de Duff estavam vermelhos de tanta pressão que fazia, por baixo do curativo, na ferida no ombro, produzindo ruídos como pés chapinhando na lama.

Qualquer trabalho, pensou Duff, *desde que seja em prol da cidade e da polícia*.

E repetiu a pergunta:

— Quem é seu informante na polícia?

Retirou os dedos da ferida. O homem parou de gritar. Duff destapou a boca dele. O homem não respondeu.

Duff arrancou o curativo e enfiou todos os dedos na ferida.

Sabia que obteria uma resposta, era apenas uma questão de tempo. Todo homem tem um limite do que pode suportar antes de se dar por vencido, antes de quebrar qualquer juramento tatuado e fazer tudo, absolutamente tudo, que jamais imaginou que faria. Pois lealdade eterna é inumana, mas trair é humano.

4

Levou vinte minutos.

Em um intervalo de vinte minutos Duff entrou no hospital, enfiou os dedos na ferida do homem com a tatuagem na testa e saiu, maravilhado, com uma boa quantidade de informações sobre quem, onde e quando — o suficiente para ser impossível que a pessoa em questão as negasse, a menos que fosse inocente. Maravilhado porque — agora que as coisas haviam ficado tão feias a ponto de terem um espião no meio deles — era bom demais para ser verdade.

Levou trinta minutos.

Em um intervalo de trinta minutos Duff entrou no carro, dirigiu debaixo da chuva que caía devagar sobre a cidade como mijo de velho, estacionou em frente à delegacia central, recebeu um amável aceno de cabeça da senhora na antessala do comissário-chefe indicando que podia entrar, sentou-se diante de Duncan e articulou uma única palavra. Cawdor. E o comissário-chefe se inclinou sobre a mesa, perguntou a Duff se ele tinha certeza — afinal de contas, estavam falando do chefe da Unidade de Facções —, recostou-se na cadeira e esfregou o rosto com as mãos, então Duff ouviu o primeiro palavrão da boca de Duncan.

Levou quarenta minutos.

Em um intervalo de quarenta minutos Duncan anunciou que Cawdor estava de folga naquele dia, tirou o fone do gancho e ordenou a Macbeth que o prendesse, e então oito homens do GOE cercaram a casa de Cawdor, que ficava em um vasto terreno com

vista para o mar tão a oeste da cidade que o lixo ainda era coletado e os mendigos, removidos das ruas, e o prefeito Tourtell era seu vizinho mais próximo. A equipe do GOE estacionou a certa distância e se aproximou da casa às escondidas, dois homens em cada direção.

Macbeth e Banquo sentaram-se na calçada, as costas apoiadas no muro alto do portão. Como a maioria de seus vizinhos, Cawdor havia cimentado cacos de vidro no alto do muro, mas o GOE tinha material próprio para superar obstáculos desse tipo. A operação seguia o procedimento usual, as equipes se comunicando via rádio ao chegarem a suas posições predeterminadas. Macbeth olhou para o outro lado da rua, onde um menino de 6 ou 7 anos jogava uma bola na parede de uma garagem quando eles chegaram. Agora, o garoto tinha parado e olhava para eles boquiaberto. Macbeth levou o dedo aos lábios, e o menino assentiu como um sonâmbulo. Viu aquela mesma expressão no rosto do jovem de branco ajoelhado na estrada, na noite anterior, lembrou Macbeth.

— Acorda.

Era Banquo sussurrando no ouvido dele.

— O quê?

— Todas as equipes estão em posição.

Macbeth respirou fundo algumas vezes. Naquele momento, precisava afastar da cabeça suas outras preocupações, precisava se concentrar. Apertou o botão no rádio e falou:

— Cinquenta segundos pra entrar. Norte? Desligo.

A voz de Angus tinha aquele untuoso tom de canto dos padres:

— Tudo ok. Não vejo nenhum movimento lá dentro. Desligo.

— Oeste? Desligo.

— Tudo ok. — Era a voz do substituto, Seyton. Monótona, tranquila. — Espera. A cortina da sala foi aberta. Desligo.

— Ok. — Macbeth nem precisou pensar; aquilo fazia parte dos procedimentos "e se" que eles repetiam todos os dias. — Acho que fomos vistos, rapazes. Vamos adiantar a contagem regressiva e entrar. Três, dois um... Agora!

E lá estava ela, a zona de foco. Era como um aposento onde você fechava a porta atrás de si e então não existia nada além da missão, de você e de seus homens.

Os dois se levantaram, e, enquanto Banquo jogava o acolchoado sobre os cacos de vidro no alto do muro, Macbeth viu o menino com a bola acenar lenta e roboticamente com a mão livre.

Em questão de segundos, estavam do outro lado do muro, correndo pelo jardim, e Macbeth tinha a sensação de absorver cada detalhe ao redor. Ouviu um galho rangendo ao vento, viu um corvo alçar voo do telhado da casa vizinha, sentiu o cheiro de uma maçã apodrecendo na grama. Subiram os degraus aos saltos. Banquo usou a placa da coronha da arma para quebrar a janela ao lado da entrada, meteu a mão pelo buraco e destrancou a porta por dentro. Ao entrarem, ouviram vidro sendo quebrado em outro canto da casa. Oito contra um. Quando Macbeth perguntara a Duncan se tinham algum motivo para esperar resistência de Cawdor, o comissário-chefe respondera que não era por isso que queria uma captura em grande escala.

— É pra servir de aviso, Macbeth. Que não tratamos os nossos com mais leniência. Muito pelo contrário. Quebre vidros, chute portas, faça a maior barulheira e leve Cawdor pra fora algemado pela porta da frente, de modo que todos vejam e espalhem a notícia.

Macbeth foi o primeiro a entrar. Um rifle de assalto firme no ombro enquanto olhava em volta, fazendo a varredura do hall. Manteve-se com as costas para a parede lateral da sala. Gradativamente, seus olhos foram se adaptando à escuridão, depois da forte luminosidade do lado de fora. Parecia que todas as cortinas da casa estavam fechadas. Banquo apareceu ao seu lado e avançou pela sala.

Quando Macbeth se afastou da parede para segui-lo, aconteceu.

O agressor surgiu veloz e silencioso, vindo da escuridão que recobria uma das duas escadarias, e atingiu Macbeth no peito, fazendo-o cair para trás.

Macbeth sentiu um bafo quente na garganta, mas conseguiu segurar o cano da arma entre ele e o cachorro e bater na lateral do focinho do bicho, de modo que os grandes caninos afundaram em seu ombro, não no pescoço. Gritou de dor quando uma bocarra arreganhou os dentes e rasgou sua pele e sua carne. Tentou reagir, mas a mão livre tinha ficado enganchada na alça do rifle.

— Banquo!

Supostamente, Cawdor não tinha um cachorro. Sempre verificavam isso antes de operações do gênero. Mas aquilo era um cachorro, sem a menor sombra de dúvida, e dos fortes. O cão empurrou o cano da arma. Estava mirando a garganta. Logo furaria sua carótida.

— Banq...

O cão se enrijeceu. Macbeth virou a cabeça e encarou olhos caninos vítreos. Então o corpo do animal ficou mole e despencou sobre ele. Macbeth o empurrou de cima de si e ergueu os olhos.

Seyton estava de pé à sua frente, a mão estendida.

— Obrigado — agradeceu-lhe Macbeth, erguendo-se sem ajuda. — Cadê o Banquo?

— Ele e Cawdor estão ali dentro — respondeu Seyton, apontando para a sala.

Macbeth foi até o vão da porta. Eles haviam aberto as cortinas, e, na claridade vinda por trás, viu apenas as costas de Banquo, a cabeça erguida para o teto. Acima dele pairava um anjo com uma auréola luminosa, a cabeça curvada como se implorasse perdão.

Levou uma hora.

Uma hora a partir do instante em que Macbeth disse "Agora!" até o momento em que Duncan reuniu todos os chefes de departamento e de unidades na vasta sala de conferências da central de polícia.

Duncan se postou atrás da tribuna e remexeu em alguns papéis; Duff sabia que ele havia escrito algumas palavras para dizer de um determinado jeito, mas que deixaria margem para o improviso, dependendo do desenrolar do momento e da situação. Não porque o comissário-chefe fosse imprevisível, longe disso. Duff sabia que ele tinha controle das palavras, era tanto guiado pelo coração como pela razão, alguém que falava exatamente o que sentia e vice-versa. Alguém que compreendia a si próprio e, via de regra, aos outros, na opinião de Duff. Um líder. Alguém que as pessoas seguiriam. Alguém que Duff gostaria de ser, ou de poder vir a ser.

— Todos aqui presentes sabem o que aconteceu — começou Duncan, em voz baixa e solene, porém verbalizadas como se as

tivesse gritado. — Eu só queria informá-los acerca de tudo antes da coletiva de imprensa que farei hoje à tarde. Um dos nossos policiais mais confiáveis, o inspetor Cawdor, foi seriamente acusado de corrupção. E, no presente momento, tudo indica que a suspeita seja justificada. À luz de sua estreita ligação com os Norse Riders, contra quem empreendemos uma operação bem-sucedida ontem, havia nitidamente o risco de ele tentar destruir provas ou fugir, dadas as circunstâncias. Por esse motivo, às dez da manhã de hoje dei ordem ao GOE para prender o inspetor Cawdor de imediato.

Duff tinha esperança de que seu nome fosse mencionado, mas sabia que Duncan não divulgaria nenhum detalhe. Se tem uma coisa que você aprende na polícia é que regras são regras, mesmo as não escritas. Por isso, ficou surpreso quando Duncan olhou em volta e falou:

— Inspetor Macbeth, poderia fazer a gentileza de vir até aqui e apresentar um breve relato da detenção?

Duff se virou e viu seu colega avançar por entre filas de cadeiras até a tribuna. Ficou óbvio que ele também havia sido pego de surpresa. O comissário-chefe não costumava delegar em tais contextos; geralmente dizia suas palavras de forma curta e direta e dava por encerrada a reunião, para que todos pudessem voltar ao trabalho de fazer da cidade um lugar melhor para se viver.

Macbeth parecia pouco à vontade. Ainda usava o uniforme preto do GOE, mas o zíper no pescoço estava aberto, expondo um curativo muito branco no ombro direito.

— Bem... — começou ele.

Não exatamente uma abertura eloquente, mas ninguém esperava que o chefe do GOE fosse um orador tarimbado. Macbeth olhou no relógio como se tivesse um compromisso. Todos na sala sabiam por quê: era a reação instintiva dos policiais quando convocados a apresentar um relato de operação, pois se sentiam inseguros. Olhavam para o relógio como se as obrigatórias menções ao horário dos eventos transcorridos estivessem escritos ali, ou como se o mostrador do relógio fosse refrescar sua memória.

— Às dez e cinquenta e três — continuou Macbeth, e tossiu duas vezes —, o GOE fez uma incursão à casa do inspetor Cawdor.

Uma das portas da varanda estava aberta, mas não havia sinal de invasão nem de abuso de força, nem qualquer evidência de que alguém tivesse chegado ao local antes de nós. À exceção de um cachorro. Nem sinais de que outra pessoa além do próprio Cawdor estivesse presente... — Macbeth parou de olhar para o relógio e dirigiu-se aos ouvintes. — Havia uma cadeira caída perto da porta da varanda. Não vou me adiantar às conclusões da perícia, mas a impressão era de que Cawdor não tinha apenas afastado a cadeira ao se enforcar, mas dado um salto, e que seu corpo, ao balançar, lançou a cadeira para o outro lado da sala. Isso coincide com o fato de que as fezes do falecido estavam espalhadas pelo piso. O corpo estava frio. Suicídio parece a mais óbvia causa da morte, e um dos rapazes perguntou se poderíamos ignorar os procedimentos e cortar logo a corda para tirar o corpo dali, considerando que Cawdor foi policial durante a vida toda. Eu neguei...

Duff notou a pausa dramática de Macbeth ao interromper a fala, como se para permitir que a plateia escutasse seu silêncio. Era um estratagema do qual o próprio Duff lançaria mão, um método que ele, com toda certeza, tinha visto Duncan usar, mas que jamais teria imaginado que o pragmático Macbeth adotasse em suas técnicas de comunicação. Ou talvez não tivesse feito exatamente isso, posto que voltou a olhar no relógio.

— Dez e cinquenta e nove.

Macbeth ergueu o olhar e puxou a manga, cobrindo o relógio, indicando que havia terminado.

— De modo que Cawdor ainda está pendurado lá. Não por conta de qualquer propósito investigativo, mas porque era um policial *corrupto*.

O silêncio era tamanho que Duff ouvia a chuva batendo com força na janela do alto. Macbeth se virou para Duncan e assentiu rapidamente. Em seguida, desceu da tribuna e voltou para sua cadeira.

Duncan esperou até que Macbeth se sentasse para dizer:

— Obrigado, Macbeth. Isso não fará parte da coletiva de imprensa, mas acho que é uma conclusão apropriada para essa reunião interna. E lembrem-se de que a condenação do que é mau e fraco no homem pode também ser vista como um tributo otimista

ao que é bom e forte. Agora, de volta ao nosso bom e velho trabalho.

A jovem enfermeira parou no vão da porta e ficou observando o paciente tirar a camisa. Ele havia puxado os longos cabelos pretos para trás enquanto a médica desenrolava a atadura de gaze manchada de sangue de seu ombro esquerdo. Tudo que ela sabia sobre o paciente era que se tratava de um policial. E que era musculoso.

— Minha nossa — disse a médica. — Isso aí vai precisar de pontos. E você vai ter que tomar uma vacina antitetânica, que é o procedimento usual pra mordidas de cachorro. Mas, antes, um pouco de anestesia. Maria, você pode...?

— Não — disse o paciente, encarando fixamente a parede.

— O quê?

— Sem anestesia.

Seguiu-se um silêncio.

— Sem anestesia?

— Sem anestesia.

A médica estava prestes a dizer algo sobre a dor quando viu as cicatrizes nos antebraços do paciente. Velhas cicatrizes. Do tipo que ela já vira com bastante frequência desde que viera morar naquela cidade.

— Tudo bem. Sem anestesia.

Duff se recostou na cadeira de sua sala na delegacia e levou o fone à orelha.

— Oi, amor. Sou eu. O que vocês estão fazendo?

— A Emily foi nadar com os amigos. O Ewan está com dor de dente. Vou levá-lo ao dentista.

— Então tá. Vou trabalhar até tarde hoje, amor.

— Por quê?

— Talvez eu tenha que passar a noite aqui.

— Por quê? — repetiu ela.

Seu tom de voz não transparecia aborrecimento nem frustração. Parecia ser apenas uma informação que ela gostaria de ter, talvez

para explicar sua ausência às crianças. Não porque precisasse dele. Não porque...

— Logo vai estar nos noticiários — respondeu ele. — Cawdor se matou.

— Que pena. Quem é Cawdor?

— Você não sabe?

— Não.

— O chefe da Unidade de Facções. Ele era um forte candidato pro cargo na Crime Organizado.

Silêncio.

Ela nunca havia demonstrado grande interesse pelo trabalho dele. Sua vida se resumia a Fife, aos filhos e — pelo menos quando ele estava em casa — ao marido. O que para ele estava ótimo. Assim não precisava envolvê-los nas vilanias de sua função. Por outro lado, a falta de interesse dela em suas ambições fazia com que nem sempre mostrasse muita compreensão pelo que seu trabalho demandava do tempo que ele tinha. Pelos sacrifícios que fazia. Pelo... Pelas necessidades dele, mas que droga.

— O chefe da Unidade de Crime Organizado, que será o número três na hierarquia da central, depois do Duncan e do vice-comissário, Malcolm. Então, sim, é muito importante, o que significa que é onde preciso estar. Provavelmente também pelos próximos dias.

— Apenas me diga se estará aqui pro pré-aniversário.

O pré-aniversário. Ah, merda! Era uma tradição deles. Na véspera do aniversário de cada filho, eram apenas os quatro, nossa tradicional *betasuppe* e os presentes da mamãe e do papai. Ele tinha mesmo esquecido o aniversário de Ewan? Talvez a data lhe tivesse escapado da memória com a sucessão dos eventos dos últimos dias, mas Duff havia saído para comprar o que Ewan dissera que queria depois que ele havia cochichado no ouvido do filho contando como os agentes secretos trabalhavam na Unidade de Narcóticos, vez ou outra usando disfarces para não serem reconhecidos. Na gaveta diante de Duff havia uma caixa de presente lindamente embrulhada contendo uma barba falsa e cola, óculos falsos e chapéu de lã verde, todos em tamanho adulto, para

garantir a Ewan que era *exatamente* o que o papai e os outros da Unidade usavam.

Uma luz piscou no telefone. Chamada interna. Ele desconfiava de quem poderia ser.

— Só um segundo, amor. — Apertou o botão amarelo abaixo da luz. — Pronto?

— Duff? É o Duncan. É sobre a coletiva de hoje.

— Diga.

— Gostaria de provar que não ficamos inertes depois do que aconteceu e que estamos voltados pro futuro. Por isso vou anunciar o nome do chefe interino da Unidade de Crime Organizado.

— Crime Organizado? Hã... já?

— Eu teria anunciado no final do mês de qualquer maneira, mas como a Facções não tem mais chefe, o mais conveniente é nomear um interino imediatamente. Você pode vir à minha sala?

— Claro.

Duncan desligou. Duff permaneceu sentado, o olhar fixo na luz que se apagava. Não era comum o comissário-chefe em pessoa ligar; era sempre a secretária dele ou um dos assistentes que convocavam as reuniões. Chefe interino. Que provavelmente assumiria o cargo de vez quando a burocracia — fase de seleção, deliberações do conselho de nomeação e assim por diante — chegasse ao fim. Sua visão captou outra luz. Esquecera totalmente que a esposa estava na outra linha.

— Amor, aconteceu uma coisa. Tenho que correr.

— Hum. Nada terrível, espero.

— Não — disse Duff, com uma risada. — Nada terrível. Não mesmo. Acho que você devia ver o noticiário essa tarde pra saber sobre a nova nomeação pra Unidade de Crime Organizado.

— Hum.

— Beijo no pescoço. — Fazia anos que não usavam essa expressão de afeto.

Duff desligou e saiu da sala correndo — não conseguiu se conter —, depois subiu com pressa as escadas até o último andar. Subindo, subindo, subindo, mais alto e mais alto.

A secretária o mandou entrar direto.

— Estão aguardando você.

Ela sorriu. Sorriu? Ela nunca sorria.

Ao redor da mesa de carvalho redonda no espaçoso e arejado gabinete sobriamente decorado do comissário-chefe estavam sentadas quatro pessoas além de Duncan. O vice-comissário, Malcolm, um homem precocemente grisalho e de óculos. Ele havia estudado filosofia e economia em Capitol, o que ficava nítido em sua forma de falar, e era visto por muitos como um estranho no ninho. Um velho amigo de Duncan, que afirmava tê-lo trazido para perto por precisar de sua ampla gama de habilidades gerenciais. Havia quem dissesse que era porque Duncan precisava do "suporte" não qualificado de Malcolm nas reuniões administrativas. Ao lado de Malcolm, o albino Lennox se inclinava para a frente, ansioso como sempre. Seu departamento, a Unidade Anticorrupção, tinha sido instituído durante a reestruturação realizada por Duncan. Houve uma breve discussão sobre o cabimento do prefixo *anti* no nome, alguns argumentavam que não se dizia Unidade Antinarcóticos nem Unidade Anti-Homicídios. Se bem que, sob a chefia de Kenneth, a Narcóticos era conhecida extraoficialmente como unidade da corrupção. Do outro lado de Duncan sentava-se uma assistente responsável pelas atas da reunião, e, ao lado dela, a inspetora Caithness.

Como Duncan não permitia que ninguém fumasse em seu gabinete, não havia na mesa um cinzeiro com guimbas de cigarro, o que teria dado a Duff uma ideia de quanto tempo estavam reunidos ali, mas ele registrou mentalmente as marcas de café em alguns dos blocos de anotação sobre a mesa e algumas xícaras praticamente vazias. E a atmosfera descontraída, receptiva, quase amistosa sugeria que haviam chegado a uma decisão.

— Obrigado por vir tão rápido, Duff — agradeceu-lhe Duncan, indicando com a mão aberta a única cadeira desocupada. — Vou direto ao ponto. Estamos avançando na ideia da fusão da sua Unidade de Narcóticos com a de Facções como a nova Unidade de Crime Organizado. Essa é nossa primeira crise desde que assumi a cadeira de... — Duff olhou na direção apontada por Duncan, para a mesa. A cadeira do comissário-chefe tinha o espaldar alto e era bem larga, mas não parecia exatamente confortável. Um pouco

reta demais. Sem estofado macio. Uma poltrona ao gosto de Duff.
— Então sinto que é importante mostrarmos algum vigor.

— Parece razoável — disse Duff, mas se arrependeu no mesmo instante. O comentário podia dar a impressão de que havia sido chamado para avaliar as conclusões da alta administração. — Ou melhor, tenho certeza de que você está certo.

Houve um instante de silêncio à mesa. Será que ele havia exagerado e ido para o outro extremo, dando a entender que não tinha opinião própria?

— Precisamos ter cem por cento de convicção de que a pessoa não é corrupta — prosseguiu Duncan.

— É claro — concordou Duff.

— Não só porque não podemos nos dar ao luxo de um escândalo semelhante a esse envolvendo Cawdor, mas porque precisamos de alguém que possa nos ajudar a pegar um peixe mais graúdo. E não estou falando do Sweno, e sim do Hécate.

Hécate. O silêncio na sala depois de o nome ser proferido foi retumbante.

Duff se endireitou na cadeira. Era sem dúvida uma grande missão. Mas, claramente, era o que o cargo exigia: assassinar o dragão. E era magnífico. Pois começava agora. A vida como um homem diferente e melhor.

— Você liderou esse ataque bem-sucedido contra os Norse Riders — disse Duncan.

— Não fiz isso sozinho, senhor.

Havia uma recompensa por demonstrar certa humildade, sobretudo em situações em que não fosse necessário; era precisamente nesses momentos que era possível dar-se ao luxo de ser humilde.

— Verdade — concordou Duncan. — Macbeth ajudou você. Bastante, pelo que soube. Me diga, qual a sua opinião sobre ele?

— Opinião, senhor?

— Sim, vocês foram do mesmo ano na academia. É nítido o bom trabalho que ele tem feito no GOE, e todos lá estão entusiasmados com a capacidade de liderança que ele tem demonstrado. Mas, é evidente, o Grupo de Operações Especiais é uma unidade altamente especializada. Você o conhece, e é por isso

que gostaríamos de saber se acredita que Macbeth pode ser o homem certo pro posto.

Duff teve de engolir em seco umas duas vezes antes de conseguir fazer suas cordas vocais produzirem um som.

— Se Macbeth pode ser a pessoa certa pra chefiar a Unidade de Crime Organizado, é isso?

— Sim.

Duff precisou de alguns segundos. Cobriu a boca com a mão, ergueu as sobrancelhas e franziu a testa na esperança de que parecesse imerso em profunda reflexão, e não em profunda frustração.

— E então, Duff?

— Uma coisa é liderar um grupo de homens numa incursão numa casa, atirar em criminosos e salvar reféns — falou Duff. — E Macbeth é bom nisso, não há a menor dúvida. Liderar uma unidade de crime organizado exige qualificações ligeiramente diferentes.

— Nisso estamos de acordo — comentou Duncan. — Exige qualificações *ligeiramente* diferentes, mas não *completamente* diferentes. Liderar é liderar. E quanto ao caráter do Macbeth? Ele é confiável?

Duff apertou o lábio superior com o polegar e o indicador. Macbeth. Maldito Macbeth! O que ele deveria dizer? Aquela promoção pertencia a ele, Duff, não a um sujeito que poderia igualmente ter terminado como malabarista ou atirador de faca num circo itinerante! Seu olhar se fixou no quadro na parede atrás da mesa. Ação, lealdade, liderança e solidariedade. Em sua mente, ele os via na estrada vicinal: Macbeth, ele próprio, os dois mortos. A chuva lavando o sangue.

— Sim — respondeu Duff. — Macbeth é digno de confiança. Mas ele é um executor. Imagino que isso tenha ficado patente hoje, no pronunciamento que ele fez.

— Concordo — disse Duncan. — Foi justamente por isso que eu o chamei à tribuna, pra ver como ele se sairia. E nós aqui reunidos concordamos por unanimidade que hoje ele mostrou ser não apenas um excelente exemplo prático de obediência às rotinas de informe de operação, como também demonstrou possuir as

habilidades de um verdadeiro líder, capaz de motivar e inspirar. *Cawdor ainda está pendurado lá porque era um policial* corrupto.

Risadinhas abafadas foram ouvidas quando Duncan imitou o modo não refinado de falar de Macbeth, típico da classe operária.

— Se ele realmente tem essas qualidades — disse Duff, escutando uma vozinha interna sussurrando-lhe que não deveria falar nada daquilo —, é o caso de indagar a si mesmo por que ele não galgou postos mais altos desde que saiu da academia.

— É verdade — concordou Lennox. — Mas esse é um dos argumentos mais fortes *a favor* do Macbeth. — Ele riu: uma risada inoportuna e estridente. — Nenhum de nós aqui a essa mesa ocupava cargos altos na época do último comissário-chefe. Nem nós nem Macbeth participamos das jogadas, muito menos aceitamos subornos. Tenho fontes que podem garantir com *absoluta* certeza que foi isso que estagnou a carreira do Macbeth.

— Então você já respondeu à pergunta — declarou Duff, categórico. — E, claro, vocês consideraram o relacionamento dele com a proprietária do cassino.

Malcolm lançou um olhar pra Duncan. Ao receber um gesto de ok como resposta, disse:

— A Unidade de Fraudes está fazendo uma devassa nos negócios que tiveram autorização pra prosperar durante a administração anterior e, em função disso, acabaram de realizar uma investigação minuciosa no Inverness. A conclusão deles é inequívoca: o cassino é administrado de forma exemplar no que diz respeito à contabilidade, ao recolhimento de impostos e às leis trabalhistas. O que não é pouca coisa nessas espeluncas de jogatina. Agora, eles estão averiguando com mais atenção as cartas do Obelisco. E, pra ser franco, aquilo ali é uma zona. Como eles dizem, aquilo ainda vai render muito pano pra manga. Em resumo: não temos objeções a Lady nem a seu estabelecimento.

— Macbeth é do ponto mais afastado da zona leste da cidade, e um azarão — disse Duncan —, enquanto todos nós aqui à mesa somos considerados da elite. Somos conhecidos por ter feito oposição a Kenneth, representamos uma mudança de cultura da força policial, mas também estudamos em instituições privadas e viemos de lares abastados. Acho que é um gesto que passa uma boa

mensagem: na polícia, na *nossa* força policial, todos podem ascender na carreira, não importa seu passado, suas conexões, desde que levem o trabalho a sério e sejam honestos, com ênfase em *honestos*.

— Bem pensado, senhor — reforçou Lennox.

— Perfeito — disse Duncan, juntando as palmas das mãos. — Duff, gostaria de acrescentar algo?

Não viram as cicatrizes nos braços dele?

— Duff?

Não viram as cicatrizes nos braços dele?

— Algo errado, Duff?

— Não, senhor. Não tenho nada a acrescentar. Tenho certeza de que Macbeth é uma boa escolha.

— Ótimo. Então quero agradecer a todos por terem comparecido a essa reunião.

Macbeth encarava as luzes vermelhas do sinal de trânsito enquanto os limpadores do para-brisa iam e voltavam no Volvo PV544 de Banquo. O carro era tão pequeno quanto Banquo, e um bocado mais antigo que os outros ao redor deles, mas totalmente funcional e confiável. Tinha alguma coisa no design, sobretudo no caimento para trás do capô e na frente protuberante, que dava ao carro uma aparência retrô pré-guerra, mas no interior e sob o capô havia, de acordo com o dono, tudo que um homem esperava de um carro moderno. Os limpadores se esmeravam para afastar a chuva, e as gotas que corriam nas laterais lembravam a Macbeth vidro derretido. Um menino com um casaco impermeável atravessou a rua correndo na frente deles, e Macbeth viu o homenzinho verde do sinal para pedestres ficar vermelho. Um corpo humano coberto com sangue da cabeça aos pés. Estremeceu.

— O que foi? — perguntou Banquo.

— Acho que estou febril — respondeu Macbeth. — Continuo tendo visões.

— Visões e sinais — disse Banquo. — Então é gripe. Não me admira nada. Ensopado de chuva ontem e mordido por um cachorro hoje.

— Por falar nisso, conseguimos descobrir de onde o cachorro veio?

— Só sabemos que não era do Cawdor. Deve ter entrado pela porta da varanda que ficou aberta. Ainda não sei como ele morreu.

— Não te contei? Seyton matou o bicho.

— Disso eu sei, mas não vi nenhuma ferida. Ele *estrangulou* o cachorro?

— Não sei. Pergunta pra ele.

— Já perguntei, mas ele não me deu uma resposta direta, só...

— Tá verde, pai.

O jovem no banco de trás se inclinou para a frente entre os dois homens. Macbeth deu uma olhadela no rapaz magrela de 19 anos. Fleance tinha herdado mais o recato da mãe do que a jovialidade e o bom humor do pai.

— Quem está dirigindo, você ou o seu pai, meu filho? — perguntou Banquo, com um sorriso amigável, e acelerou.

Macbeth olhou para as pessoas na calçada, as donas de casa fazendo compras, os desempregados em frente aos bares. Nos últimos dez anos, a cidade havia se tornado mais e mais movimentada de manhã. Isso deveria ter gerado uma atmosfera de agitação, mas a verdade é que resultara no contrário: rostos apáticos e resignados que mais faziam lembrar mortos-vivos. Ele tinha buscado sinais de mudança nos últimos meses. Para ver se a liderança de Duncan resultara em alguma diferença. Os crimes de rua mais flagrantes e brutais talvez fossem mais raros, provavelmente porque havia mais patrulhas. Ou talvez simplesmente tivessem se deslocado para ruas mais distantes, em áreas de maior declínio.

— Palestras à tarde na academia — comentou Macbeth. — Não tinha isso na minha época.

— Não é uma palestra — disse o menino. — Eu e uns colegas vamos participar de um colóquio.

— Colóquio? O que é isso?

— Fleance e alguns dos garotos mais entusiasmados metem a cara nos estudos juntos antes das provas — explicou Banquo. — É uma boa ideia.

— Meu pai acha que devo estudar Direito. Que a academia de polícia não basta. O que você acha, tio Mac?

— Acho que você deve ouvir os conselhos do seu pai.

— Mas você também não fez Direito — contestou o rapaz.

— E olha aonde ele chegou — comentou Banquo, com uma risada. — É sério, Fleance. Você tem que voar mais alto que seu pobre pai e esse pateta aqui.

— Mas você fala que eu não tenho perfil de liderança — disse Fleance.

Macbeth arqueou uma sobrancelha e olhou para Banquo.

— Ei, eu pensava que o dever de um pai fosse fazer os filhos acreditarem que, com esforço, podem fazer qualquer coisa.

— E é — afirmou Banquo. — Eu não disse que ele não tem perfil inato de liderança, só disse que ainda não adquiriu as competências. E isso significa que ele tem que se empenhar. Ele é esperto; só precisa aprender a confiar no próprio julgamento, ou seja, tomar a iniciativa, nem sempre seguindo os outros.

Macbeth se virou para o banco de trás.

— Seu pai é osso duro de roer.

Fleance deu de ombros.

— Algumas pessoas querem dar ordens e estar no controle, enquanto outras não fazem questão disso. O que tem de tão esquisito nisso?

— Não é esquisito — disse Banquo. — Mas, se você quiser chegar a algum lugar, precisa fazer um esforço pra mudar.

— *Você* mudou? — indagou Fleance, com um toque de irritação.

— Não, eu era como você — respondeu Banquo. — Estava feliz em deixar os outros assumirem o controle. Mas eu queria ter tido alguém que me dissesse que a minha opinião era tão boa quanto a de qualquer outra pessoa. Às vezes, até melhor. E se você tem mais discernimento, você *deve* liderar, é seu maldito dever pra com a comunidade.

— O que você acha, tio? Dá pra mudar e *se tornar* um líder?

— Não sei — respondeu Macbeth. — Acho que algumas pessoas são líderes natos e vão se tornar líderes naturalmente. Como Duncan. Pessoas cuja firmeza de convicção meio que gruda

em você; pessoas que levam você a morrer por uma causa. Enquanto outros que conheço não têm nem convicção nem habilidades de liderança e são impulsionados somente pelo desejo de ascender e ascender, até conseguir a cadeira de chefe. Podem ser inteligentes, charmosos e ter talento pra persuadir e convencer as pessoas na lábia, mas na verdade não compreendem as pessoas. Porque eles não as *veem*. Porque compreendem e veem apenas uma coisa: eles mesmos.

— Está se referindo ao Duff? — indagou Banquo, com um sorriso.

— Quem é Duff? — perguntou Fleance.

— Não importa — disse Macbeth.

— Importa sim. Qual é, tio, estou aqui pra aprender. É ou não é?

Macbeth suspirou.

— Duff e eu somos amigos desde o orfanato e também da academia, e agora ele é chefe da Unidade de Narcóticos. Tomara que ele aprenda algo que o faça mudar.

— Mudar? Ele? — indagou Banquo, com uma risada.

— A Unidade de Narcóticos... — disse Fleance. — É aquele com a cicatriz em diagonal na cara?

— Ele mesmo — respondeu seu pai.

— Onde ele arrumou aquilo?

— É de nascença — explicou Macbeth. — Pronto, chegamos. Se comporte.

— Tá, tá, tio Mac.

O "tio" vinha de quando Fleance era pequeno; agora, chamá-lo assim era quase sempre irônico. Mas, enquanto Macbeth observava Fleance correndo debaixo de chuva na direção dos portões da academia de polícia, emocionou-se, apesar dos pesares.

— Ele é um bom rapaz — disse ele.

— Você devia ter filhos — soltou Banquo, afastando-se do meio-fio. — São um presente que a vida dá pra gente.

— Eu sei, mas é um pouco tarde pra Lady.

— Então tenha com uma mulher mais jovem. Que tal alguém da sua idade?

Macbeth não respondeu. Ficou olhando pela janela, pensativo.

— Quando vi o homenzinho vermelho do sinal de trânsito, pensei na morte — confessou ele.

— Você ainda está com Cawdor na cabeça. Falando nele, conversei com Angus enquanto ele estava paralisado vendo o corpo do Cawdor pendurado balançando.

— Ele estava rezando?

— Não. Ele só disse que não conseguia entender o que levava pessoas ricas e privilegiadas a se matar. Mesmo que Cawdor tivesse perdido o emprego e talvez fosse obrigado a cumprir pena na cadeia, ainda tinha recursos pra viver uma vida longa e despreocupada. Tive que explicar ao rapaz que é a derrota que acarreta isso. E também o desapontamento, quando a pessoa percebe que seu futuro não será à altura das suas expectativas. Por isso é importante não ter expectativas tão altas, começar devagar, não ter sucesso quando se é muito jovem. Dar tempo ao tempo; uma ascensão planejada, não acha?

— Você está prometendo ao seu filho uma vida melhor se ele estudar Direito.

— É diferente com os filhos. Eles são extensões da nossa vida. É obrigação deles buscar um desenvolvimento contínuo.

— Não era no Cawdor.

— Hã?

— Não era no Cawdor que eu estava pensando.

— Não?

— Era em um dos rapazes da estrada vicinal. Ele estava... — Macbeth olhou pela janela — ... vermelho. Ensopado de sangue.

— Para de pensar nisso.

— Sangue-frio.

— Do que você está falando?

Macbeth respirou fundo.

— Os dois homens de Forres, eles se renderam. Mesmo assim, Duff matou o cara que estava usando o capacete do Sweno.

Banquo balançou a cabeça.

— Eu sabia que tinha sido algo assim. E o outro?

— Era uma testemunha. — Macbeth fez uma careta. — Eles tinham fugido da festa, e esse estava só de camisa e calça brancas.

Saquei minhas adagas. Ele começou a implorar; sabia o que ia acontecer.

— Não preciso ouvir mais nada.

— Eu me coloquei atrás dele. Mas não consegui. Fiquei com a adaga no ar, paralisado. Mas então olhei pro Duff. Ele estava sentado, as mãos no rosto, soluçando como uma criança. Então eu fiz.

O som de uma sirene ao longe. Um carro de bombeiro. O que diabos poderia estar pegando fogo naquele temporal?, pensou Banquo.

— Não sei se foi por causa das roupas dele que estavam ensopadas — disse Macbeth —, mas o sangue o cobria por *inteiro*. A camisa e a calça. E deitado ali no asfalto, com os braços pra baixo e ligeiramente de lado, ele me lembrou o homenzinho do semáforo. "Para. Não atravessa."

Seguiram em silêncio, passando em frente à entrada para a garagem no subsolo da central. Somente chefes de unidades e oficiais de alto escalão tinham vagas exclusivas ali. Banquo se dirigiu ao estacionamento nos fundos do prédio, parou e desligou o motor. A chuva castigava o capô.

— Eu entendo — disse Banquo.

— Entende o quê?

— Duff sabia que, se você prendesse Sweno, se o arrastasse pro tribunal com um juiz ganancioso na cidade mais corrupta do país... quanto tempo ele pegaria? Dois anos? Três, no máximo? Seria absolvido? E eu entendo você.

— Será?

— Sim. Quanto tempo Duff pegaria se o lacaio do Sweno contasse isso tudo? Vinte anos? Vinte e cinco? Na força policial, nós cuidamos uns dos outros. Não podemos contar com mais ninguém. E, o que é mais importante, outro escândalo envolvendo policiais faria um mal danado justamente quando temos um comissário-chefe que está começando a dar de volta ao público certa fé na lei e na ordem. Você precisa ter uma visão mais ampla da situação. E às vezes a crueldade está do lado do bem, Macbeth.

— Talvez.

— Esqueça isso, meu amigo.

A água que escorria pelo para-brisas distorcia a fachada do prédio da central. Permaneceram ali, como se precisassem digerir o que fora dito entre eles para então saírem do carro.

— Duff deveria te agradecer — disse Banquo. — Se você não tivesse agido, ele teria que fazer tudo sozinho. Vocês dois estavam cientes disso. Mas agora vocês conhecem o lado condenável um do outro. Equilíbrio do terror. É o que permite que as pessoas durmam à noite.

— Duff e eu não somos os Estados Unidos e a União Soviética.

— Não? O que vocês são então? Eram inseparáveis na academia, mas agora mal se falam. O que aconteceu?

Macbeth deu de ombros.

— Nada de mais. Provavelmente formávamos um par improvável, de qualquer maneira. Ele é um Duff. A família a certa altura tinha propriedades, e esse tipo de coisa se mantém. O linguajar, os modos da classe alta. No orfanato, ele ficou isolado e desprotegido; então, sem mais nem menos, buscou refúgio em mim. Viramos uma dupla que ninguém encarava. Mas na academia dava pra ver que ele era atraído por gente do tipo dele, de sobrenome. Ele foi lançado numa selva como um leão domesticado. Duff fez faculdade, conheceu uma garota de classe alta e se casou com ela. Depois vieram os filhos e acabamos nos afastando.

— Ou você apenas ficou de saco cheio de ver o cara se comportar como o filho da puta egoísta e arrogante que ele é?

— As pessoas fazem uma ideia errada do Duff. Na academia, nós dois juramos pegar os peixes graúdos. Duff *quer* sinceramente mudar essa cidade, Banquo.

— Foi por isso que você salvou a pele dele?

— Duff é competente e trabalhador. E tem muita chance de ser indicado pra Unidade de Crime Organizado, todos sabem disso. Então, por que um erro no calor da batalha deveria botar um ponto final na carreira de um homem que pode fazer algo de bom pra todos nós?

— Porque não é do seu feitio matar um homem indefeso daquele jeito.

Macbeth deu de ombros.

— Talvez eu tenha mudado.

— As pessoas não mudam. Mas percebo agora que você enxergou tudo como um nobre dever do soldado. Você, Duff e eu estamos lutando do mesmo lado nessa guerra. Vocês interromperam a vida de dois Norse Riders pra que eles não pudessem continuar a interromper a vida dos nossos filhos com o veneno deles. Mas você não exerce seu dever por escolha. Eu sei quanto te custa, de repente, ver seus inimigos mortos nos sinais de trânsito. Você é um homem melhor que eu, Macbeth.

Macbeth deu um sorriso de lado.

— Você vê com mais clareza que eu na névoa da batalha, meu velho, então é um consolo pra mim que eu receba seu perdão.

— Não vejo melhor que ninguém, sou só um tagarela que tem a dúvida como único norte.

— Dúvidas, sim. Elas não acabam com você às vezes?

— Não — respondeu Banquo, com o olhar perdido. — Às vezes não. O tempo todo.

Macbeth e Banquo foram caminhando do estacionamento à entrada de funcionários nos fundos da central, um prédio de 200 anos no centro do Distrito 3 Leste. À época, tinha sido uma casa de detenção e havia rumores de execuções e gritos vindos das salas de tortura. Muitos dos que trabalhavam até mais tarde também afirmavam sentir uma corrente de ar inexplicavelmente gelado atravessando os escritórios e ouvir gritos ao longe. Banquo havia dito a Macbeth que era apenas o zelador meio maluco que diminuía a calefação exatamente às cinco em ponto todos os dias e que era ele quem gritava quando via alguém sair de sua mesa de trabalho sem apagar a luz.

Macbeth notou duas mulheres aparentemente asiáticas na calçada, entre uns sujeitos desocupados. Elas tremiam de frio e olhavam em volta como se estivessem esperando alguém. As prostitutas da cidade costumavam se reunir na rua Thrift, atrás do prédio da Rede Ferroviária Nacional, até que a prefeitura as expulsara dali alguns anos antes, e agora o mercado de prostitutas se dividia em dois: as que tinham beleza suficiente para trabalhar nos cassinos e as que eram forçadas a suportar as extremas condições das ruas e por isso se sentiam mais seguras trabalhando

perto da central de polícia. Além disso, quando a pressão dos políticos ou da imprensa obrigava a polícia a "limpar" as ruas da "imundície do sexo" com detenções em massa, era melhor para todas as partes envolvidas que as operações fossem curtas e rápidas. Logo tudo voltaria ao normal, e não se poderia excluir a possibilidade de que alguns dos parceiros das meninas viessem da própria central. Macbeth já havia tantas vezes recusado educadamente os convites das meninas que elas agora o deixavam em paz. Foi por isso que, quando ele viu as duas se aproximando, presumiu que fossem novas no ramo. E ele se lembraria delas. Mesmo para o baixo padrão das ruas, a aparência delas não era nada boa. Pela experiência de Macbeth, era difícil avaliar a idade das asiáticas, mas, fosse qual fosse, aquelas duas já deviam ter passado por incontáveis maus momentos. Via-se isso nos olhos delas. Eram do tipo impassível e inescrutável que não expõem o que há dentro de si, que são apenas reflexos de seus arredores e delas mesmas. Tinham a postura vergada para a frente e usavam roupas ordinárias, mas havia algo mais que chamou a atenção dele, algo que não batia: a desfiguração de seus rostos. Uma delas abriu a boca para falar, revelando uma sequência de dentes malcuidados, imundos e marrons.

— Desculpa, senhoras — disse Macbeth como um gracejo, antes que ela dissesse qualquer coisa. — Gostaríamos muito de aceitar o convite, mas eu tenho uma esposa que tem um ciúme louco de mim e ele tem uma grave doença venérea.

Banquo murmurou algo e balançou a cabeça

— Macbeth — disse uma delas, num padrão de fala desarticulado como a voz de uma boneca, o que não combinava nada com a frieza de seu olhar.

— Banquo — chamou a outra, com a mesma fala desconexa e a mesma voz.

Macbeth parou. Os longos cabelos pretos das duas lhes cobriam o rosto, provavelmente para escondê-los, mas elas não conseguiam disfarçar os compridos narizes vermelhos, nada asiáticos, que pendiam acima da boca como vidro incandescente na ponta da cana de vidreiro.

— Vocês sabem nossos nomes — comentou ele. — Como podemos ajudar vocês, senhoras?

Não responderam. Apenas voltaram o olhar para uma casa do outro lado da rua. E lá, na penumbra de uma arcada, uma terceira pessoa apareceu à luz do dia. O contraste com as outras duas não poderia ser maior. Aquela mulher — se é que era uma mulher — era alta e tinha ombros largos como os de um leão de chácara e vestia um macacão justo com estampa de leopardo que ressaltava suas curvas femininas do mesmo jeito que um golpista ressalta os supostos benefícios de sua mercadoria. Mas Macbeth conhecia o produto que ela vendia, ou pelo menos o que costumava vender. Assim como conhecia seus falsos benefícios. Tudo nela era em demasia: a altura, a largura, os seios grandes, as unhas vermelhas que se curvavam como garras nos dedos fortes, os olhos bem abertos, a maquiagem teatral, as botas de salto fino e cano longo até as coxas. Para ele, o único choque era ela não ter mudado nada. Tantos anos haviam se passado sem deixar, ao menos na aparência, uma única marca.

Ela atravessou a rua com dois passos gigantes, ou foi essa a impressão que deu.

— Cavalheiros — disse ela, com uma voz tão grave que Macbeth julgou ter ouvido as janelas atrás de si tremerem.

— Strega — falou Macbeth. — Há quanto tempo.

— Digo o mesmo. Você não passava de um moleque naquela época.

— Então você se lembra de mim?

— Não esqueço nenhum cliente, inspetor Macbeth.

— E quem são essas duas?

— Minhas irmãs — respondeu Strega, com um sorriso. — Trazemos os votos de parabéns por parte do Hécate.

Ao som daquele nome, Macbeth viu Banquo automaticamente buscar algo dentro da jaqueta e colocou a mão no braço do amigo para que ele fosse cauteloso.

— Parabéns pelo quê?

— Por sua nomeação pra chefia da Unidade de Crime Organizado. Salve, Macbeth!

— Salve, Macbeth! — ecoaram as irmãs.

— Do que você está falando? — perguntou Macbeth, observando rapidamente os desocupados do outro lado da rua. Havia captado um movimento quando Banquo buscara a arma.

— Uns perdem, outros ganham — disse Strega. — É a lei da selva. Mais mortos, mais pães. E quem vai ficar com os pães, eu me pergunto, se o comissário-chefe morrer?

— Ei! — Banquo deu um passo na direção dela. — Se isso for uma ameaça do Hécate...

Macbeth o deteve. Agora percebera: três dos homens do outro lado da rua haviam trocado olhares entre si e se aprumavam. Estavam em pé, afastados uns dos outros, mas ainda em grupo, e havia algo em comum: todos usavam um casaco cinza.

— Deixa ela falar — sussurrou Macbeth.

Strega sorriu.

— Não é nenhuma ameaça. O Hécate não vai fazer nada; está apenas observando um fato interessante. Ele acha que você será o próximo comissário-chefe.

— Eu? — Macbeth deu uma risada. — O vice do Duncan assumiria, é claro, e o nome dele é Malcolm. Agora já chega.

— As profecias do Hécate nunca erram — disse o homem-mulher. — Você bem sabe disso.

Ela se postou diante de Macbeth sem se mexer, e o inspetor percebeu que ela continuava mais alta que ele.

— Bem — disse ela —, a dama do cassino mantém você limpo?

Banquo viu Macbeth ficar tenso. E achou que Strega agora ficaria aliviada em ser vista como mulher. Macbeth bufou e deu a impressão de que ia falar alguma coisa, mas se calou. Apoiava o peso do corpo ora num pé, ora no outro. Tornou a abrir a boca. De novo, nada saiu. Então ele se virou e seguiu a passos largos para a entrada da central.

A mulher alta ficou observando-o se afastar.

— E você, Banquo, não está curioso pra saber o que o futuro te reserva?

— Não — respondeu ele, e foi atrás de Macbeth.

— Ou ao seu filho, Fleance?

Banquo parou.

— Um bom menino, trabalhador — continuou Strega. — E Hécate promete que, se ele e o pai se comportarem e seguirem as regras do jogo, também um dia se tornará comissário-chefe.

Banquo a encarou.

— Uma ascensão planejada — disse ela. E, depois de uma curta mesura, sorriu, virou-se e deu o braço às outras duas mulheres. — Vamos, irmãs.

Banquo ficou olhando para aquele trio bizarro até que elas virassem a esquina. Pareciam tão fora daquele contexto que, quando sumiram de vista, ele ficou se perguntando se tinham estado mesmo ali.

— Só tem doido nas ruas hoje em dia — comentou Banquo, ao alcançar Macbeth no vestíbulo antes do balcão da recepção.

— Hoje em dia? — repetiu Macbeth, apertando o botão do elevador com impaciência. — Os doidos sempre se deram muito bem aqui na cidade. Você notou que elas tinham guarda-costas?

— O exército invisível do Hécate?

As portas do elevador se abriram.

— Duff — cumprimentou Macbeth, dando-lhe passagem. — Como...?

— Macbeth. Banquo — disse o homem louro, avançando às pressas na direção da porta que dava para a rua.

— Misericórdia — disse Banquo. — Que sujeito estressado.

— É o que acontece quando se tem um cargo de chefia.

Macbeth sorriu, entrou e apertou o botão para o subsolo, o andar do GOE.

— Já notou que os sapatos do Duff estão sempre guinchando? — comentou Banquo.

— É porque ele sempre compra um número maior.

— Por quê?

— Não faço a menor ideia — respondeu Macbeth, ao correr para deter as portas que se fechavam na cara de um funcionário que vinha apressado da recepção.

— Acabei de receber uma ligação do gabinete do comissário-chefe — disse ele, afobado. — Pediram que o senhor fosse até lá assim que chegasse.

— Tudo bem — disse Macbeth, liberando as portas.

— Problemas? — indagou Banquo, depois que as portas se fecharam.

— Provavelmente — respondeu Macbeth, apertando o botão para o quarto andar e sentindo os pontos de sutura no ombro começarem a coçar.

5

Lady atravessou o salão de jogos. O clarão dos imensos lustres no teto caía suavemente no mogno escuro onde se jogava blackjack e pôquer; no feltro verde onde tarde da noite os dados dançariam; e na coluna dourada em forma de lança que se erguia como um minarete no meio da roda da roleta. Os lustres, ela havia mandado fazer cópias em tamanho menor daquele de quatro toneladas e meia do Palácio de Dolmabahçe, em Istambul, enquanto a coluna que apontava do centro do teto para a mesa da roleta era uma cópia da que havia na roleta. Os lustres de cristal eram sustentados por cabos fixos às balaustradas do mezanino de um jeito que pudessem ser abaixados, às segundas-feiras, para limpeza dos cristais. Esse era o tipo de detalhe que passava despercebido à maioria dos clientes. Assim como os pequenos e discretos lírios que ela havia mandado costurar nos carpetes espessos cor de vinho que mandara vir da Itália por uma pequena fortuna, e que também funcionavam como isolamento acústico. Mas nada disso lhe subia à cabeça: via as colunas como uma composição harmônica, e só ela sabia o que os lírios representavam. Isso bastava. Pois eram só seus.

Os crupiês automaticamente se empertigavam à sua passagem. Conheciam a profissão, eram eficientes e cuidadosos, tratavam os clientes com cortesia e também firmeza, suas mãos e unhas estavam sempre bem cuidadas; os cabelos, penteados e eles se vestiam de forma impecável nos elegantes uniformes vermelho e preto dos crupiês do Inverness que eram substituídos anualmente e feitos sob

medida para cada um. E, o mais importante de tudo, eram honestos. Isso não era uma suposição, era algo que ela *via* e *ouvia*. *Via* nos olhos das pessoas, nos tiques nervosos, nas contrações musculares ou na teatralização de falsas posturas relaxadas. *Ouvia* nas diminutas diferenças de vibração das cordas vocais. Era uma sensibilidade inata sua, herdada da mãe e da avó. Mas, embora essa sensibilidade houvesse empurrado as duas — conforme envelheciam — para as trevas da insanidade, Lady a usara para eliminar a desonestidade. Longe do vale do infortúnio da infância para onde se encontrava hoje. As rondas de inspeção tinham duas funções. A primeira era manter os funcionários em estado de atenção aquele tantinho mais, de modo que, todos os dias, todas as noites, eles se apresentariam em no mínimo um nível mais alto que os do Obelisco. A segunda era pôr a descoberto qualquer desonestidade. Embora eles tivessem sido honestos e honrados na véspera, as pessoas eram como argila molhada: moldadas pelas circunstâncias, pela motivação e pelo que você lhes diz hoje, e elas podem fazer de boa vontade algo que teria sido inimaginável na véspera. Sim, essa era a única certeza, a única coisa com a qual se podia contar: o coração era ganancioso. Lady sabia disso. Seu coração era assim. Um coração que ora ela amaldiçoava, ora bendizia por tê-lo, que lhe trouxera riquezas materiais, mas que também a privara de tudo. Mas era esse o coração que batia em seu peito. Não dava para mudá-lo, não dava para detê-lo, só lhe restava segui-lo.

Ela deu um aceno de cabeça para os rostos conhecidos à mesa de roleta. Clientes regulares. Todos tinham seus motivos para estar ali e fazer suas apostas. Havia os que precisavam se desligar depois de um dia de trabalho estressante e aqueles que, após um dia de trabalho entediante, precisavam de algum tipo de desafio. E também aqueles que não tinham nem trabalho nem desafio, e sim dinheiro. Já os que não tinham nem uma coisa nem outra acabavam no Obelisco, onde era servido um almoço insípido porém gratuito para os que apostavam mais de quinhentos. Havia os imbecis que acreditavam ter um método que prometia ganhos no longo prazo, uma raça de gente que continuava morrendo, mas que, estranhamente, nunca deixava de existir. E, por fim, havia

aqueles que — e nenhum dono de cassino admitiria isso em alto e bom som — formavam a base de seu negócio. Aqueles que precisavam apostar. Que se sentiam compelidos a vir jogar porque não conseguiam se controlar: que precisavam arriscar tudo, noite após noite, fascinados pela bolinha da roleta correndo desabaladamente em torno da roda brilhante como um pequeno globo capturado no campo gravitacional do sol, o mesmo sol que lhes dava a vida diária, mas que, no final, com a inevitabilidade da física, também os queimava. Os viciados. O ganha-pão de Lady.

Falando em vício... Olhou no relógio. Nove horas. Ainda era um pouco cedo, mas mesmo assim preferia que as mesas estivessem mais cheias. Os relatórios sobre o Obelisco sugeriam que eles continuavam a lhe roubar clientes, apesar do pesado investimento feito na decoração, na cozinha e na reforma dos quartos do hotel. Alguns achavam que os preços praticados por ela eram tão altos que acabariam por tirá-la do mercado e que, como o Obelisco, aberto três anos antes, estava bem consolidado na mente das pessoas como a alternativa mais acessível, Lady poderia e deveria reduzir um pouco o padrão de qualidade e os custos. O Inverness não perderia sua condição de cassino mais exclusivo da cidade, argumentavam. Mas quem pensava assim não conhecia Lady. Não sabia que para ela não se tratava prioritariamente de resultados financeiros, mas de ser a opção com serviço diferenciado. Não somente mais sofisticado que o Obelisco, e sim melhor, quaisquer que fossem os critérios de comparação. O cassino Inverness, de Lady, deveria ser o local em que as pessoas desejavam ser vistas, o local com o qual queriam ser associadas. E ela — Lady — deveria ser a pessoa com quem elas queriam ser vistas e associadas. Os endinheirados frequentavam o Inverness, assim como os principais políticos, atores e as personalidades esportivas do mais alto firmamento das celebridades, dos escritores, das beldades, dos moderninhos e intelectuais — todos iam até a mesa de Lady, curvavam-se respeitosamente, beijavam-lhe a mão, e conformavam-se, sorrindo, com sua discreta recusa a seu igualmente discreto pedido de crédito para jogar, e aceitavam com gratidão o Bloody Mary de cortesia. Com lucro ou sem lucro, ela não havia percorrido todo aquele caminho para administrar uma droga de

um prostíbulo, que era o que estava acontecendo com o Obelisco. Então eles que ficassem com a poeira que ela preferia não ver nos lustres do Inverness. Lustres *genuínos*. Mas é claro que a maré virou. Os credores *haviam* começado a fazer perguntas. E não ficaram nada satisfeitos com a resposta: o que o Inverness precisava não era de drinques mais baratos, e sim de mais e maiores lustres.

Assuntos financeiros não passavam por sua mente naquele momento, mas o vício sim. E também o fato de Macbeth ainda não ter chegado. Ele sempre avisava quando se atrasava. E o que acontecera durante o cerco a Sweno o deixara abalado. Embora ele não tivesse conversado a respeito, ela percebera. Às vezes, Lady tinha a impressão de que o coração dele amolecia — o que era estranho para um homem que ela própria já tinha visto matar. Ela também testemunhara uma determinação calculada antes do ato, uma fria eficiência durante, e, ao final, o sorriso sem remorsos.

Mas dessa vez tinha sido diferente, ela sabia. O homem estava indefeso. E mesmo que às vezes ela tivesse dificuldade de entender o código de honra que homens como Macbeth seguiam, sabia que esse tipo de problema poderia deixá-lo desorientado. Cruzou o salão e notou os olhares de dois homens no bar. Ambos mais jovens que ela. Mas não a interessavam. Embora ela sempre tivesse feito de tudo para se sentir desejada, desprezava os homens que a desejavam. Salvo um. No começo, surpreendera-se ao notar que alguém poderia preencher seus pensamentos e seu coração tão completamente. E muitas vezes indagara a si mesma por que justamente ela, que nunca havia amado ninguém, amava aquele homem. Chegara à conclusão de que era porque ele amava nela o que, para outros homens, assustava. Sua força de vontade. Sua determinação. Uma inteligência que era superior à deles e que ela nem sonhava varrer para debaixo do tapete. Era preciso ser de fato homem para amar isso em uma mulher. Ela estava junto à grande janela que dava para a Praça dos Operários, os olhos em Bertha, a locomotiva preta que guardava a entrada para a estação desativada; na sarjeta onde, durante anos, ela tinha visto tanta gente ficar presa e afundar. Será que ele...?

— Querida.

Quantas vezes tinha ouvido aquela voz sussurrar essa mesma palavra em seu ouvido? E, no entanto, todas as vezes era como a primeira. Ele afastou o longo cabelo ruivo dela para o lado, e Lady sentiu um arrepio percorrer seu corpo quando os lábios dele tocaram seu pescoço. Nada profissional (ela notou que os dois sujeitos no bar estavam olhando), mas que se danem. Ele havia chegado.

— Onde você estava?

— No meu novo escritório — respondeu ele, envolvendo-a pela cintura.

— Novo escritório?

Ela acariciou o braço dele. Sentiu com a ponta dos dedos o tecido fibroso das cicatrizes. Ele havia lhe contado que a origem delas era porque tivera de se espetar no escuro, sem enxergar as veias, e o jeito foi ir apalpando o braço até descobrir o percurso para a ferida da picada anterior e cravar a agulha no mesmo lugar. Se alguém fizesse isso incontáveis vezes por longos anos, mais as inevitáveis infecções vez ou outra, acabaria com os antebraços iguais aos dele, como se tivessem passado num arame farpado. Mas ela não sentiu nenhuma ferida recente. Já fazia alguns anos. Tanto tempo que às vezes, num arroubo de otimismo infantil, o considerava curado.

— Nunca imaginei que você chamasse de escritórios aqueles depósitos de carvão.

— No terceiro andar — disse Macbeth.

Lady se virou para ele.

— O quê?

Dentes brancos brilharam no meio da barba escura.

— Você está diante do novo chefe da Unidade de Crime Organizado dessa cidade.

— Verdade?

— Verdade. — Ele achou graça. — E agora você parece tão chocada quanto imagino que eu tenha ficado no gabinete do Duncan.

— Não estou chocada, meu amor, só... Só estou feliz. É mais do que merecido! Não é o que vivo falando pra você? Eu não disse que você merecia mais do que um cubículo no subsolo?

— Sim, disse mesmo. Várias vezes, querida. E você foi a única.

Macbeth jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Agora estamos a caminho do topo, meu amor. Chega daquele porão! Espero que tenha exigido um bom salário.

— Salário? Não, esqueci de perguntar isso. Minha única exigência foi ter Banquo como meu adjunto, e ambos concordaram. É muito louco...

— Louco? De jeito nenhum. É uma nomeação sábia.

— Não estou falando da nomeação. A caminho da central, esbarramos com três irmãs enviadas por Hécate, que profetizaram minha promoção.

— Profetizaram?

— Sim!

— Elas já deviam saber.

— Não. Quando eu entrei no gabinete do Duncan, ele disse que a decisão tinha sido tomada fazia cinco minutos.

— Hum. Feitiçaria, na certa.

— Deviam estar drogadas e falando besteira. Também disseram que eu seria o comissário-chefe. E quer saber da melhor? Duncan sugeriu que comemorássemos aqui, no Inverness!

— Espera aí. O que foi que disseram?

— Ele disse que queria comemorar aqui. O fato do comissário-chefe organizar uma festa no seu cassino não é bom pra sua reputação?

— Não, não. Estou falando das irmãs. Elas *disseram* que você seria comissário-chefe?

— Sim. Mas esquece isso, querida. Sugeri ao Duncan que a festa fosse até de manhã, e que ele e as outras pessoas que moram mais longe do centro da cidade passassem a noite aqui no hotel. Você tem muitos quartos vagos no momento, então...

— Claro, vamos providenciar isso. — Ela acariciou o rosto dele. — Vejo que você está feliz, mas ainda está pálido, meu amor.

Ele deu de ombros.

— Sei lá, acho que estou meio adoentado. Vejo homens mortos nos sinais de trânsito.

Ela deu o braço a ele.

— Vem. Tenho o remédio perfeito pra você, meu menino.

Ele sorriu.

— Aposto que tem mesmo.

Ambos atravessaram o cassino leves e soltos. Por causa dos saltos altos, ela sabia que ficava meio palmo mais alta que ele. Sabia que sua aparência jovem, o belo vestido longo e o caminhar oscilante ainda atraía o olhar dos homens no bar. Sabia que isso eles não encontrariam no Obelisco.

Deitado na cama de casal, Duff estava com os olhos fixos no teto, em uma rachadura que conhecia de longa data.

— Mais tarde, quando eu estava saindo da reunião, Duncan me chamou em um canto e perguntou se eu estava desapontado — contou ele. — Disse que nós dois sabíamos que eu seria o candidato natural pro cargo.

A rachadura tinha ramificações que se espalhavam de uma maneira aparentemente aleatória, mas, quando ele estreitou os olhos e, portanto, perdeu o foco, a rachadura parecia seguir um padrão, formar uma imagem que Duff simplesmente não conseguia decifrar.

— E o que você respondeu? — perguntou a voz mais alta que a água do chuveiro ligado.

Mesmo agora, depois de terem visto o máximo que um podia ver do outro, ela não gostava que ele a visse antes de estar pronta. Por ele, tudo bem.

— Respondi que sim, que estava desapontado. E, quando ele falou que escolheram Macbeth *porque* ele não pertencia ao círculo interno, o fato de eu ser um dos que apoiaram o projeto de Duncan desde o início foi usado *contra* mim.

— Bem, isso é verdade. O que...?

— Duncan disse que havia outro motivo também, mas não quis mencioná-lo na presença dos outros. A operação contra Sweno tinha sido apenas parcialmente bem-sucedida, uma vez que o líder deles escapou. E que, por eu ter recebido a informação com tanta antecedência, tive tempo de sobra pra repassá-la a ele. Que por pouco não joguei no lixo um ano de investigação secreta por uma questão de ego, ao que pareceu. E que Macbeth e o GOE salvaram

toda a operação. Portanto, seria suspeito escolher a mim antes dele. Mas pelo menos Duncan me deu um prêmio de consolação.

— A Unidade de Homicídios, o que não é nada mau, certo?

— É menor que a Narco, mas pelo menos me livrei da humilhação de ser um subordinado na Crime Organizado.

— Quem fez a cabeça do Duncan, aliás?

— Como assim?

— Quem advogou a favor do Macbeth? Duncan é um cara que escuta os outros; ele gosta de consenso e apoia as decisões em grupo.

— Meu amor, ninguém faz lobby pro Macbeth, pode acreditar. Duvido até que ele saiba o significado dessa palavra. Tudo que ele quer da vida é pegar bandido e fazer a rainha do cassino feliz.

— Falando nisso...

Ela parou na porta do banheiro e fez pose. A camisola transparente mais revelava do que escondia, é claro. Duff gostava um bocado dessa mulher, tanto que algumas coisas ele nem sequer conseguia verbalizar, mas o que ele idolatrava era bem básico: a juventude dela. O brilho das velas no piso fazia cintilar a umidade nos olhos dela, nos lábios vermelhos e nos dentes brancos. Mas, naquela noite, ele precisava de algo mais. Não estava no clima. Depois do que havia acontecido, não se sentia mais um touro como no início do dia. Mas isso ainda estava em tempo de mudar.

— Tire isso — disse ele.

Ela deu uma risada.

— Acabei de vestir.

— É uma ordem. Fique onde está e comece a se despir. Devagar.

— Hum. Talvez. Se eu receber uma ordem mais clara...

— Caithness, você está intimada por um oficial superior a se virar de costas, tirar essa roupa, se inclinar pra frente e se segurar firme na moldura da porta.

Duff ouviu o pequeno arquejo de susto. Talvez fosse uma encenação para excitá-lo, talvez não. Por ele, tudo bem. Estava começando a entrar no clima.

Hécate caminhava pelo piso úmido da Estação Central, entre paredes descascadas e os sons inarticulados dos drogados. Percebeu

que dois rapazes se curvavam sobre uma colher e uma seringa que obviamente compartilhavam. Não o conheciam. Ninguém o conhecia. Talvez estivessem achando que o homem alto de casaco de caxemira amarelo-mostarda e bem-vestido, cabelos pretos quase artificiais e o resplandecente Rolex pesadão fosse a caça perfeita que acabara de entrar na cova dos leões. Ou talvez suspeitassem do caminhar seguro e determinado, da bengala de castão dourado que fazia um tic-toc no compasso do salto agulha da mulher de ombros largos que caminhava dois passos atrás dele. Se é que era uma mulher. Talvez também houvesse algo de suspeito nos três homens de casaco cinza de tecido leve que entraram na estação logo antes dele e ficaram parados junto à parede. Talvez por isso os dois tiveram a sensação de que *eles* estavam na cova do homem. *Ele* era o leão.

Hécate parou e deixou Strega descer a escada estreita fedendo a mijo que dava no banheiro. Viu os dois drogados baixarem a cabeça e se concentrarem no que se propunham a fazer: aquecer e injetar. Dependentes químicos. Para Hécate, era a constatação da realidade, em que não cabia nem desrespeito nem despeito. Afinal, eles eram seu ganha-pão.

Strega abriu a porta ao pé da escada, botou em pé um homem que dormia, arreganhou os dentes para mostrar seu estado de ânimo e apontou com o polegar para onde ele deveria ir. Hécate seguiu-a entre os cubículos e as pias com as torneiras escorrendo água. O mau cheiro era tão forte que fazia brotar lágrimas até em Hécate. Mas a fedentina também cumpria seus propósitos: mantinha afastados os olhares curiosos e fazia com que os viciados mais persistentes encurtassem ao máximo as conversas com ele. Strega e Hécate entraram no último cubículo, com a placa de EM MANUTENÇÃO na porta e uma privada cheia de fezes até a borda. Não bastasse isso, a lâmpada fluorescente no teto tinha sido removida, tornando impossível ver ou alcançar as veias. Strega removeu um dos azulejos acima da privada sem conexão hidráulica, girou uma manivela e empurrou. A parede se abriu, e eles entraram.

— Fecha logo isso — disse Hécate e tossiu.

Olhou ao redor: era um antigo depósito da ferrovia, e a outra porta levava ao túnel das linhas férreas que seguiam para o sul. Ele tinha transferido sua produção para o local dois anos após a desativação da ferrovia. Foi preciso desalojar alguns mendigos e viciados e, embora ninguém nunca entrasse ali e eles tivessem contado com o alto nível de proteção do comissário-chefe Kenneth, ainda assim havia instalado um circuito secreto de câmeras no túnel e no teto das escadas até o banheiro. Havia um total de 12 pessoas no turno da noite, todas de máscara e jaleco branco. Daquele lado da divisória de vidro que repartia o espaço em dois, sete pessoas eram responsáveis por picar, pesar e empacotar a brew em sacos plásticos. Junto à porta do túnel estavam sentados dois guardas armados, que vigiavam os empregados e os monitores do circuito de câmeras. Dentro da área envidraçada estava o que chamavam de santuário interno, ou, simplesmente, a cozinha. Ali ficava o reservatório, ao qual só as irmãs tinham acesso. A cozinha era isolada hermeticamente por muitas razões. Primeiro, para que nada de fora contaminasse os processos internos e, segundo, porque algum idiota poderia, inadvertidamente, mandar tudo pelos ares ao acender um isqueiro ou jogar uma guimba de cigarro ali. Mas sobretudo porque todos no local ficariam viciados caso inalassem dia após dia as partículas que pairavam no ar.

Hécate havia encontrado as irmãs em um antro de ópio de Chinatown, em Bangcoc, onde as duas haviam instalado um laboratório caseiro para fabricar heroína a partir de ópio de Chiang Rai. Pouco sabia sobre elas, salvo que haviam fugido da China com o pessoal de Chiang Kai-shek, que a doença que lhes deformara o rosto tinha supostamente se espalhado pelo vilarejo de onde vinham e que, desde que recebessem em dia, entregavam qualquer coisa que ele lhes pedisse. Os ingredientes eram bem conhecidos, as proporções, as mesmas, e outros poderiam acompanhar os procedimentos através do vidro, mas havia um segredo em como elas misturavam e aqueciam as substâncias. E Hécate não via motivos para negar os rumores de que usavam glândulas de sapos, asas de zangões, sumo de rabo de rato, até que assoavam o nariz no tanque. Isso criava uma mística de magia negra, e, se havia algo pelo qual as pessoas estavam dispostas a

pagar como contraponto à realidade implacável da rotina de trabalho, era exatamente isso: magia negra. E a brew era um sucesso. Hécate nunca tinha visto tantos novos dependentes em grau tão desesperador e em um espaço de tempo tão curto. No entanto, era igualmente óbvio que no dia que as irmãs passassem a fabricar um produto ligeiramente menos potente, teria de se livrar delas. Era assim que funcionava. Tudo tinha seu dia, seu ciclo. Como as duas décadas sob o comando de Kenneth. Os bons tempos. E agora com Duncan, que — caso ele conseguisse ir adiante com seus planos — traria maus momentos para a indústria da magia. É óbvio que, se os deuses trazem bons e maus momentos, vidas breves e mortes, é preciso se tornar também um deus. É mais fácil do que se pode imaginar. A dificuldade da maioria das pessoas em alcançar o status de deus é por terem medo e serem supersticiosas, e, em sua submissão induzida pela ansiedade, acreditam em princípios morais — regras enviadas pelo céu e aplicáveis a todos. Mas essas regras são feitas precisamente por aqueles que se dizem deuses e, que estranho, servem aos propósitos deles mesmos. Tudo bem, nem todo mundo pode ser deus, e todo deus precisa de seguidores, uma base de clientes. Um mercado. Uma cidade. Muitas cidades.

Hécate foi até os fundos da sala, apoiou as mãos no castão da bengala e ficou lá, parado. Aquela era sua fábrica. Ali, ele era o dono da fábrica. Numa indústria em crescimento. Logo teria de expandi-la. Se não conseguisse atender às demandas, outros o fariam — essas eram as regras básicas do capitalismo. Fazia um tempo que ele tinha planos de se apropriar de uma das fábricas desativadas da cidade para montar um negócio de fachada enquanto fabricava sua brew nos fundos. Guardas, muros de arame farpado, seus próprios caminhões indo e vindo. Poderia produzir dez vezes mais, exportar para outras partes do país. Mas teria maior visibilidade, o que demandaria proteção policial. Demandaria um comissário-chefe que estivesse em seu bolso. Um Kenneth. E o que se faz quando Kenneth está morto? Fabrica um novo e o coloca no lugar.

Hécate recebeu sorrisos duros e acenos rápidos de seus funcionários antes de voltarem a cortar e empacotar com energia

renovada. Tinham medo. Esse era o objetivo principal dessas inspeções, aliás. Não para quebrar o ciclo — que era inevitável —, mas para adiá-lo. Todos naquele porão tentariam roubá-lo em algum momento, levar alguns gramas para vender por conta própria. Seriam descobertos, e a penalidade seria aplicada de imediato. Por Strega. Ela parecia gostar de suas várias atribuições. Como atuar de mensageira ao lado das irmãs.

— E então, Strega — começou ele —, você acha que a semente que plantamos no Macbeth vai germinar?

— A ambição humana vai sempre se esticar na direção do sol como as flores espinhentas do cardo, ofuscando e dizimando tudo ao redor.

— Assim esperamos.

— São cardos. Não conseguem evitar. São maus e estúpidos. Se veem que a primeira profecia foi cumprida, vão acreditar piamente nas seguintes. E agora Macbeth descobriu que é o novo chefe da Unidade de Crime Organizado. A única dúvida é se ele tem dentro de si o suficiente da ambição do cardo. E a crueldade necessária pra ir até o fim.

— Macbeth não tem — afirmou Hécate —, mas ela, sim.

— Ela?

— Lady, sua amada dominatrix. Nunca fomos apresentados, mas conheço seus segredos mais profundos e a compreendo melhor do que compreendo você, Strega. Lady só precisa de um tempo pra chegar à inevitável conclusão.

— Que é...?

— Que Duncan precisa ser tirado do caminho.

— E depois?

— Depois? — disse Hécate, batendo com a bengala no piso. *Tap-tap*. — Os bons tempos estarão de volta.

— Tem certeza de que conseguimos controlar o Macbeth? Agora que ele está limpo, provavelmente é um cara... de moral rígida, não?

— Minha querida Strega, o único ser mais previsível que um viciado ou um moralista é um viciado moralista atingido em cheio pelo cupido.

Banquo estava deitado no quarto do primeiro andar, atento aos sons da chuva, do silêncio, do trem que nunca aparecia. A linha férrea passava bem ali fora, e ele via o cascalho molhado brilhando agora que os trilhos e dormentes haviam sido removidos. Quer dizer, roubados. Tinham sido felizes ali, ele e Vera. Tiveram bons momentos juntos. Conheceram-se quando ela trabalhava na joalheria Jacobs & Sons, onde os grã-finos iam comprar alianças de casamento e presentes uns para os outros. Certa noite, o alarme do sistema de segurança disparou, e Banquo — que estava de plantão — chegou ao local em um minuto, as sirenes uivando. Lá dentro, uma jovem apavorada gritava em desespero, acima da campainha estridente, dizendo que estava apenas fechando a loja, que era nova ali e que devia ter feito algo errado quando ligou o alarme. Ele só conseguia entender uma palavra aqui e outra ali, e teve um bocado de tempo para observá-la. Quando, a certa altura, ela se derramou em lágrimas, ele a abraçou com gentileza para consolar a moça. Ela mais parecia um passarinho afobado e trêmulo que acabara de cair do ninho. Durante as semanas que se seguiram, os dois foram ao cinema, caminharam na região ensolarada do outro lado do túnel, e ele a beijou na porta de casa. Ela era de uma família da classe operária e morava com os pais. Desde pequena, contribuía com as despesas de casa e havia trabalhado na fábrica Estex, como os pais. Até começar a apresentar uma tosse horrível, então veio um conselho não oficial de um médico para trocar de emprego e um trabalho na Jacobs & Sons por meio de recomendações.

— O salário é menor — disse ela —, mas dá pra viver por mais tempo.

— Você ainda tosse?

— Só quando chove.

— É melhor termos certeza de que você tome bastante sol. Que tal outra caminhada no domingo?

Seis meses depois, Banquo foi à joalheria e pediu a ela que lhe recomendasse uma aliança de noivado. Ela ficou tão espantada que ele caiu na gargalhada.

Depois de casados, foram morar numa casa geminada bem pequena, com vizinhos no andar térreo. Tinham economizado, comprado e feito amor na cama em que ele estava deitado agora.

Por consideração aos vizinhos, Vera — que era uma mulher fogosa mas tímida — aguardava passar um trem para só então gozar. Quando uma composição passava estrondeando, sacudindo as paredes e as lâmpadas do teto, ela se permitia o clímax, gritando e cravando as unhas nas costas dele. Fez o mesmo ao dar à luz Fleance, naquela mesma cama: esperou o trem passar para gritar, enfiar as unhas na mão de Banquo e expelir um filho.

Compraram o apartamento do térreo no ano seguinte, para terem mais espaço. Eram três, e em breve poderiam ser muitos mais. Cinco anos depois, porém, eram apenas dois: um menino e um homem. Foram os pulmões dela. Os médicos culparam a poluição, todas as substâncias tóxicas das fábricas que eram empurradas para a terra pelos centros de baixa pressão atmosférica que pairavam sobre a cidade como uma tampa. E, quando os pulmões já não estavam bons... Banquo se culpava por não ter conseguido dinheiro para irem morar do outro lado do túnel, em Fife, algum lugar com um pouco de sol e ar respirável.

Agora tinham espaço demais. Ele ouvia o rádio lá embaixo e sabia que Fleance estava fazendo o dever de casa. Era um menino aplicado, queria muito ir bem nos estudos. O consolo era que aqueles que achavam a escola fácil e tinham um bom começo muitas vezes perdiam o entusiasmo quando a vida se tornava mais dura. Era então que estudantes como Fleance, que se viam forçados a empregar rotinas de estudo severas e sabiam que a aprendizagem demanda esforço, enfim tinham sua vez. Sim, tudo ficaria bem. E, quem sabe, talvez o garoto conhecesse uma menina e formasse uma família. Ali naquela casa, até. Talvez dias melhores estivessem por vir. Talvez eles conseguissem ajudar Duncan ainda mais, agora que Macbeth era o encarregado de combater o crime organizado na cidade. A notícia foi uma grande surpresa para Banquo e para a maioria do pessoal na central. No porão do GOE, Ricardo afirmara sem rodeios que não conseguia imaginar Macbeth e Banquo de terno e gravata em mesas de trabalho, elaborando gráficos e orçamentos, ou travando conversas polidas nos coquetéis com comissários-chefe, membros do conselho e outras pessoas da classe alta. Mas era o que eles veriam. Não lhes faltava disposição.

E talvez agora fosse a vez de pessoas como Macbeth, que estavam acostumadas a batalhar muito para chegar a algum lugar.

Na central, ninguém além de Duff sabia quanto Macbeth tinha sido dependente de anfetamina na adolescência, quanto a droga o enlouquecera, o deixara desnorteado. Banquo fazia a ronda nas ruas castigadas pela chuva quando vira um rapaz encolhido no banco de um ponto de ônibus, totalmente fora de si, sob efeito de drogas. Ele o acordou na intenção de mandá-lo embora dali, mas havia algo naqueles suplicantes olhos castanhos. Algo nos movimentos ligeiros ao se levantar, algo no físico forte e em boas condições que diziam a Banquo que alguma coisa estava sendo desperdiçada. Talvez houvesse algo ainda germinando ali. Algo que ainda podia ser salvo. Naquela noite, Banquo levou o rapaz de 15 anos para casa e lhe deu roupas secas. Vera o alimentou, e os dois lhe deram um lugar para dormir. No dia seguinte, um domingo, Vera, Banquo e o rapaz cruzaram o túnel e saíram do outro lado, para o sol, para uma longa caminhada pelas colinas. Macbeth gaguejava no início, mas depois foi melhorando. Havia crescido em um orfanato e sonhava trabalhar no circo. Mostrou que sabia fazer malabarismos e, tomando cinco passos de distância de um frondoso carvalho, atirou o canivete de Banquo. Cravado na árvore, o canivete ficou oscilando. O garoto teve mais dificuldade de mostrar as cicatrizes nos braços e de falar sobre isso do que qualquer outra coisa. E isso só foi acontecer bem mais tarde, quando se sentiu capaz de confiar em Banquo e em Vera. Ainda assim, disse apenas que tinha começado depois de fugir do orfanato, sem explicar como ou o que o levara ao vício. Depois disso, houve mais domingos, mais conversas e mais passeios. Banquo se lembrava especialmente do primeiro, porque Vera lhe havia sussurrado a caminho de casa: “Vamos fazer um filho parecido com ele.” E quando, quatro anos depois, um orgulhoso Banquo acompanhara Macbeth até a entrada da academia de polícia, Fleance tinha 3 anos, os mesmos três anos em que Macbeth se mantinha limpo.

Banquo se virou e deu com a foto na mesinha de cabeceira. Mostrava Fleance e ele sob a macieira morta no jardim. O primeiro

dia de Fleance na academia de polícia, ele de uniforme. Era bem cedo de manhã, fazia sol, e a sombra do fotógrafo caía sobre eles.

Ouviu o arrastar de uma cadeira e os passos pesados de Fleance pelo cômodo. Raiva, frustração. Nem sempre era fácil entender tudo de primeira. A compreensão só vinha com o tempo. Do mesmo jeito que levava tempo e força de vontade renunciar às drogas, a válvula de escape que viciava. Do mesmo jeito que levava tempo para mudar uma cidade, corrigir injustiças, expurgar os políticos corruptos e os grandes criminosos, permitir que os cidadãos respirassem aliviados.

Agora estava tudo quieto no andar de baixo. Fleance voltara à escrivaninha.

Era possível, se você vivesse um dia de cada vez e cumprisse o trabalho necessário. Então, em algum momento, os trens voltariam a circular.

Aguçou os ouvidos. Apenas o silêncio. E chuva. Mas, se fechasse os olhos, não podia escutar Vera respirando ao seu lado na cama?

As arfadas de Caithness diminuíram aos poucos.

— Tenho que ligar pra casa — disse Duff, beijando sua testa suada e se levantando da cama.

— Agora?

Ela mordeu o lábio; a reclamação saíra mais carregada de raiva do que ela pretendia. Quem disse que ele não entendia as pessoas?

— O Ewan estava com dor de dente ontem. Preciso saber como ele está.

Ela não respondeu. Duff cruzou o apartamento nu. Sempre fazia isso, já que ficava num sótão indevassável. Além do mais, não se importava caso o vissem nu. Tinha orgulho de seu físico. Um orgulho talvez intensificado por ter crescido com vergonha da cicatriz que dividia seu rosto. O apartamento era espaçoso, mais do que se esperaria da casa de uma jovem funcionária pública. Ele havia se oferecido para colaborar no aluguel, já que passava muitas noites ali, mas ela explicou que o pai cuidava disso.

Duff foi até o escritório, fechou a porta e discou o número em Fife.

Ficou ouvindo a chuva bater na janela do sótão logo acima de sua cabeça. Ela atendeu no terceiro toque. Sempre no terceiro. Não importava em que parte da casa estivesse.

— Sou eu — disse ele. — Como foi no dentista?

— Ele está melhor. Acho que nem era dor de dente.

— Não? Era o que então?

— Outras coisas podem doer. Eu o encontrei chorando e, quando perguntei por que estava daquele jeito, ele não quis me responder, então disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Agora ele está dormindo.

— Hum. Amanhã vou pra casa e bato um papo com ele. Como está o tempo aí?

— Céu limpo. Lua brilhando no céu. Por quê?

— Podíamos ir ao lago, nós todos. Nadar um pouco.

— Onde você está, Duff?

Ele ficou tenso. A voz dela soava diferente.

— Onde? No Grand, é claro. — E acrescentou, num tom exageradamente alegre: — Hora dos homens casados irem dormir.

— Liguei pro Grand hoje mais cedo. Disseram que você não tinha feito check-in.

Ele se ergueu de um salto, o telefone na mão.

— Liguei porque Emily precisava de ajuda em matemática. E você sabe que eu tenho dificuldade em somar dois mais dois. Então onde você está?

— No escritório — respondeu ele, respirando pela boca. — Estou dormindo no sofá. Metendo a cara no trabalho. Desculpa, eu disse que estava no Grand, mas achei que nem você nem as crianças precisavam saber quanto as coisas estão difíceis.

— Difíceis?

Duff engoliu em seco.

— Trabalho pesado. E ainda não consegui o cargo na Crime Organizado.

Ele encolheu a ponta dos pés. Sabia que soava patético, como se pedisse a ela um desconto jogando a carta da piedade.

— Bom, você ficou com a Homicídios. E uma sala nova, posso ouvir.

— Como assim?

— No último andar. Estou ouvindo a chuva na janela. Vou desligar, então.

Um clique, e ela se foi.

Duff sentiu um arrepio. O cômodo estava gelado. Deveria ter vestido uma roupa. Não deveria andar assim tão exposto.

Lady ouviu a respiração de Macbeth e sentiu calafrios.

Era como se um sopro glacial tivesse atravessado o quarto. Um espectro. O espectro de uma criança. Tinha de sair da escuridão que pesava sobre ela e abrir caminho à força pela prisão mental que castigara a mãe e a avó, emergir para a luz. Lutar por sua libertação, sacrificar tudo que precisava ser sacrificado para ser o sol. Para ser uma estrela. A mãe luminosa que era consumida para dar vida aos outros. O centro do universo enquanto queimava. Sim. Queimava. Tal como sua respiração e sua pele ardiam agora, expulsando o frio do quarto. Passou a mão pelo corpo, sentindo a pele arrepiar. Era o mesmo pensamento, a mesma decisão de antes. Tinha de ser feito, não havia como evitar. A única direção era em frente, ir em frente derrubando tudo que surgisse no caminho, como um projétil disparado por uma arma.

Pousou a mão no ombro de Macbeth. Ele dormia como um anjo. Seria a última vez. Ela o sacudiu.

Ele se virou, murmurou alguma coisa, pôs a mão sobre a dela. Sempre pronto para servir. Ela apertou a mão dele com firmeza.

— Querido — sussurrou —, você tem que matá-lo.

Macbeth abriu os olhos; brilhavam para ela na escuridão.

Ela soltou sua mão.

Acariciou seu rosto. A mesma decisão de antes.

— Você tem que matar o Duncan.

6

Lady e Macbeth haviam se conhecido numa noite de verão quatro anos antes. Um daqueles raros dias em que o sol brilhava num céu sem nuvens, e Lady teve certeza de haver escutado um passarinho cantando de manhã. Mas, quando o sol se pôs e o turno da noite começou, uma lua malévola se ergueu acima do Inverness. Ela estava na entrada principal do cassino, banhada pelo luar, quando ele desceu de um blindado do GOE.

— Lady? — chamou ele, olhando bem dentro dos olhos dela.

O que ela viu? Força e determinação? Talvez. Ou quem sabe porque era o que ela queria ver naquele momento?

Ela assentiu, achando que ele parecia um pouco jovem demais. Achando que o homem que vinha atrás, mais velho, de cabelos brancos e olhos calmos, parecia mais adequado para a missão.

— Sou o inspetor Macbeth. Alguma mudança na situação, senhora?

— Não.

— Certo. Há um lugar de onde possamos vê-los?

— O mezanino.

— Banquo, reúna os homens enquanto faço o reconhecimento.

Antes de subirem a escada, o jovem policial a orientou, num sussurro, a tirar os sapatos de salto alto para fazer menos barulho. Ela deixaria de estar mais alta que ele. No mezanino, primeiro ficaram na parte de trás, perto das janelas que davam para a Praça dos Operários, para não serem vistos do salão de jogos no piso abaixo. A certa altura, avançaram para a balaustrada. Estavam

parcialmente escondidos pelo cabo do lustre central e pela autêntica armadura maximiliana do século XVI que ela havia adquirido em um leilão em Augsburgo. A ideia era que, quando os apostadores se defrontassem com o cavaleiro lá em cima, tivessem a sensação de estar sendo protegidos ou vigiados — caberia à consciência de cada um decidir. Lady e o policial se agacharam e espiaram lá embaixo, de onde clientes e funcionários haviam fugido em pânico apenas vinte minutos antes. Quando acontecera, Lady estava no terraço admirando a lua cheia, e instantaneamente sentiu que havia acontecido algo ruim quando ouviu o estrondo e a gritaria. Ela desceu e segurou um dos garçons que fugiam. Ele lhe disse que alguém tinha disparado contra o lustre e agora fazia Jack de refém.

Ela já havia calculado o preço de um novo lustre, mas, obviamente, não seria nada se comparado com os custos envolvidos caso disparassem outra vez a arma — que naquele momento estava apontada para a cabeça de Jack, seu melhor crupiê. Afinal, parte do que seu cassino oferecia era divertimento em um ambiente seguro e livre de preocupações; quem entrava ali podia, por um tempo, não pensar na criminalidade das ruas. Se a impressão que ficasse daquele atentado fosse a de que o Inverness não oferecia nada disso, o salão de jogos permaneceria tão vazio quanto agora. Os dois que ainda se encontravam lá embaixo estavam sentados à mesa de blackjack, abaixo do mezanino do outro lado. Um deles era o coitado do Jack, duro como uma trave e branco feito papel.

Bem atrás dele, apontando-lhe uma arma, o cliente.

— Seria difícil disparar a essa distância, com ele escondido atrás do seu crupiê — sussurrou Macbeth, tirando uma pequena luneta do bolso do uniforme preto. — Temos que chegar mais perto. Quem é ele e o que ele quer?

— Ernest Collum. Disse que vai matar Jack se não devolvermos tudo que ele perdeu no cassino.

— E é muito?

— Mais do que temos em dinheiro aqui. Collum é um dos viciados em jogos. É também engenheiro e um gênio dos números, por isso ele conhece as probabilidades. Esses são os piores. Eu disse

pra ele que íamos tentar arrumar o dinheiro, mas os bancos estão fechados, então demoraria um pouco.

— Não temos tempo pra isso. Vou avançar.

— Como você sabe disso?

Macbeth se levantou e guardou a luneta.

— Pelas pupilas. Ele está drogado e vai atirar — respondeu Macbeth, apertando um botão no rádio comunicador. — Código quatro-seis. Agora. Assuma o comando, Banquo. Desligo.

— Banquo no comando. Câmbio e desligo.

— Vou com você — disse Lady, indo atrás de Macbeth.

— Não acho que...

— Esse é o meu cassino. *Meu* Jack.

— Escuta, minha senhora...

— Collum me conhece, e mulheres o acalmam.

— Isso é um assunto da polícia — disse Macbeth, e saiu em disparada escada abaixo.

— Estou indo — disse Lady, correndo atrás dele.

Macbeth parou de repente e a encarou.

— Olha pra mim — falou ele.

— Não, olhe *você* pra mim — retrucou ela. — Acha mesmo que *não vou* com você? Ele está esperando que eu leve o dinheiro.

Macbeth a encarou. Ele tinha algo no olhar. Olhou para ela de um jeito que outros homens haviam olhado, sim, mas também de uma forma que nenhum homem ou nenhuma mulher jamais fizera. Eles olhavam para ela com medo ou admiração, respeito ou desejo, ódio, amor ou subserviência, e a mediam com os olhos, julgavam-na, equivocadamente ou não. Mas aquele jovem olhou para ela como se finalmente tivesse encontrado alguma coisa. Algo que reconheceu. Algo que ele vinha procurando.

— Vem, então — disse ele. — Mas tem que ficar de boca fechada, senhora.

O carpete espesso amorteceu o som dos passos deles quando chegaram ao salão.

A mesa à qual os dois homens se sentavam estava menos iluminada que o habitual, por causa do lustre quebrado. O rosto de Jack, enrijecido numa expressão de espanto, não se alterou quando

ele viu Lady e Macbeth vindo em sua direção. Lady viu o cão da arma subir.

— Quem é você? — perguntou Collum, numa voz arrastada.

— Inspetor Macbeth, do GOE — respondeu ele, puxando uma cadeira. Ao se sentar, ele apoiou a palma das mãos no tampo da mesa, deixando-as bem visíveis. — Meu trabalho aqui é negociar com você.

— Não temos nada pra negociar, inspetor. Venho sendo enganado por esse maldito cassino há anos. Eles me levaram à falência. Usam cartas marcadas. *Ela* marca as cartas.

— E você chegou a essa conclusão depois de usar brew? — indagou Macbeth, tamborilando sem fazer ruído no feltro da mesa. — Essa droga distorce a realidade, você sabe disso.

— A realidade, inspetor, é que eu tenho uma arma e uma ótima visão. Então, se você não me der o dinheiro, primeiro vou atirar no Jack aqui, depois em você, quando for pegar uma arma, depois nessa tal de Lady aí, que então vai tentar fugir ou me segurar, mas aí vai ser tarde demais pra qualquer uma dessas opções. E, dependendo do meu ânimo, talvez eu atire em mim mesmo, depois de despachar vocês três pro inferno e mandar tudo pelos ares. — Ele riu. — Não estou vendo nenhum dinheiro, então declaro essas negociações canceladas. Agora, vamos começar...

O cão da arma subiu, ficou mais alto. Lady automaticamente fez uma careta e esperou o estrondo do tiro.

— Dobra ou perde — disse Macbeth.

— Perdão? — disse Collum.

Linguagem impecável. Barba impecável e terno impecável, com uma camisa branca muito bem-passada. Lady supôs que suas roupas de baixo fossem igualmente limpas. Ele sabia que dificilmente sairia dali carregando a maleta cheia de dinheiro. Seria levado tão falido quanto ao entrar. Mas, bem, impecável.

— Vamos jogar uma partida de blackjack. Se você ganhar, leva toda a grana que perdeu aqui, em dobro. Se eu ganhar, fico com a sua arma e toda a munição, e você abre mão de todas as exigências.

Collum deu uma gargalhada.

— Você está blefando!

— A maleta com o dinheiro que você pediu já chegou e está na viatura, lá fora. A proprietária disse que está disposta a dobrar o valor se fecharmos esse acordo. Porque a gente *sabe* que tem acontecido algumas trapaças nas cartas. Que a justiça seja feita. O que você me diz, Ernest?

Lady olhou para Collum, para seu olho esquerdo, que era o único visível atrás da cabeça de Jack. Ernest Collum não era idiota; muito pelo contrário. Ele não tinha caído na história da maleta. Mas... Às vezes parecia que os clientes mais inteligentes eram os que se recusavam a ver a inevitabilidade do acaso. Mais dia, menos dia, todos estavam condenados a perder para o cassino.

— Por que você faria isso? — perguntou Collum.

— E aí? O que me diz? — insistiu Macbeth.

Collum esperou alguns instantes para responder:

— Eu sou o crupiê; você, o jogador — disse ele. — Ela dá as cartas.

Lady olhou para Macbeth, que assentiu. Ela pegou o baralho, o embaralhou e botou duas cartas diante de Macbeth, viradas para cima.

Um seis. E o rei de copas.

— Saudosos 16 — falou Collum, sorrindo.

Lady colocou duas cartas na frente de Collum, uma delas virada para cima. Ás de paus.

— Mais uma — disse Macbeth, estendendo a mão.

Lady lhe deu a carta de cima. Macbeth segurou-a contra o peito e deu uma espiadinha. Olhou para Collum.

— Parece que você estourou, saudosos 16 — disse Collum. — Vamos ver.

— Ah, estou bem satisfeito com a minha mão — disse Macbeth, sorrindo para Collum.

Então ele atirou a carta para a direita, onde uma parte da mesa estava parcialmente na sombra. Instintivamente, Collum se inclinou um pouquinho para ver melhor a carta.

O resto aconteceu tão rápido que Lady se recordava como se num flash. O flash da mão em movimento, o flash do aço refletindo a luz ao voar para o outro lado da mesa, o flash do olho de Collum encarando-a, arregalado em escancarado protesto, a luz cintilando

na cascata de sangue que escorria dos dois lados da lâmina que cortara a carótida dele. Depois, os sons. O som abafado da arma atingindo o tapete espesso, caríssimo. O sangue espirrando na mesa. O gorgolejo profundo de Collum quando seu olho esquerdo se apagou. O único e entrecortado soluço de Jack.

E ela se recordava das cartas. Não do ás nem do seis. Do rei de copas. E, parcialmente oculta na sombra, a rainha de espada. As duas respingadas com o sangue de Ernest Collum.

Eles entraram com o uniforme preto, rápidos, silenciosos, obedecendo a todos os gestos de comando dele. Não tocaram em Collum, mas levaram para fora um lacrimoso Jack. Ela recusou ajuda. Ficou sentada observando a cabeça do jovem do GOE que se recostava na cadeira com ar satisfeito. Como alguém que julgava ter a última sequência de cartas vencedora.

— Collum vai tirar a última sequência vencedora — disse ela.

— O quê?

— A não ser que a encontremos.

— Encontrar o quê?

— Não ouviu o que ele disse? *Depois de despachar vocês três pro inferno e mandar tudo pelos ares*.

Ele sustentou o olhar dela por alguns segundos. Primeiro, com surpresa; depois, com algo diferente. Reconhecimento. Respeito. Até que gritou:

— Ricardo! Tem uma bomba!

Ricardo era um sujeito de olhar e movimentos seguros, de ordens ditas em tom suave. Tinha a pele tão negra e lustrosa que Lady julgou ver a si mesma refletida nele. Ricardo e seus homens levaram quatro minutos para encontrar o que procuravam, dentro de uma cabine do banheiro trancada por dentro. Uma mala com estampa de zebra que Collum havia trazido para dentro depois que o porteiro checara o conteúdo. Alegara serem quatro barras de ouro. Pretendia usá-las como aposta na mesa de pôquer exclusiva, onde os apostadores — antes de a prática ser proibida — aceitavam dinheiro, relógios, alianças, escrituras de hipoteca, chaves de carro e qualquer outro objeto, desde que todos os jogadores concordassem. Por trás das barras de ferro pintadas de ouro, o engenheiro Collum, gênio dos números, havia instalado

uma bomba-relógio caseira, que o especialista em explosivos do GOE viria a elogiar pela técnica empregada. Lady não lembrava exatamente quantos minutos restavam no timer. Mas se lembrava das cartas.

O rei de copas e a rainha de espadas. Naquela noite em que se conheceram sob uma lua cruel.

Lady o convidou para jantar no cassino na noite seguinte. Ele aceitou, mas recusou a bebida. O vinho, pois aceitou a água. A mesa foi posta no mezanino com vista para a praça, onde a chuva caía devagar e escorria em silêncio por entre os paralelepípedos que levavam da estação ferroviária ao Inverness. Os arquitetos haviam construído a Estação Central alguns metros acima do nível da rua, pois achavam que o peso dos mármores e de trens como Bertha fariam o chão afundar no terreno pantanoso e constantemente encharcado da cidade.

Conversaram sobre uma coisa e outra. Evitaram qualquer assunto mais pessoal. Evitaram o que havia ocorrido na véspera. Em suma, foi bem agradável. E, ainda que os modos dele ficassem a dever, Macbeth os superou sendo encantador e espirituoso. E excepcionalmente atraente no terno cinza um pouco justo demais, que ele disse ter ganhado de seu colega mais velho, Banquo. Ela ouviu histórias sobre o orfanato, sobre um amigo chamado Duff e sobre um circo itinerante ao qual se juntara num verão, quando garoto. Sobre o domador de leões, um cara nervoso que vivia resfriado; sobre as irmãs magrelas que eram trapezistas e comiam apenas alimentos oblongos; sobre o mágico que chamava ao palco pessoas da plateia e fazia com que objetos que eles traziam — aliança, chave, relógio —, pairassem no ar bem diante de seus donos. E ele a ouviu com interesse quando ela falou sobre o cassino que havia erguido do zero. Finalmente, quando Lady sentiu que tinha contado tudo o que poderia ser contado, ergueu sua taça de vinho e perguntou:

— Por que você acha que ele fez isso?

Macbeth deu de ombros.

— A brew do Hécate leva as pessoas à loucura.

— Nós o levamos à falência, é verdade, mas não por marcarmos as cartas.

— Eu imaginei que ele estivesse errado.

— Mas dois anos atrás tivemos dois crupiês que, em conluio com alguns jogadores na mesa de pôquer, roubavam outros apostadores. Claro que eu os expulsei daqui, mas ouvi falar que eles se uniram a alguns investidores e solicitaram autorização na prefeitura pra abrir um novo cassino.

— O Obelisco? É, eu vi a planta baixa.

— Talvez você também saiba que alguns dos jogadores que armavam com eles eram políticos e homens do Kenneth.

— Ouvi falar, sim.

— Então o cassino será construído. E pode ter certeza de que pessoas como Ernest Collum terão boas razões pra se sentir enganadas.

— Infelizmente acho que você tem razão.

— Essa cidade precisa de uma nova liderança. De um recomeço.

— Bertha — disse Macbeth, apontando para a janela que dava para a estação, onde a velha locomotiva preta reluzia debaixo da chuva, instalada na entrada principal sobre uma estrutura oito metros acima dos trilhos originais que corriam para Capitol. — Banquo acha que ela precisa voltar a funcionar. Que precisamos de uma atividade nova, saudável. E também acha que a cidade tem potencial.

— Vamos torcer pra isso. Mas, voltando à noite passada...

Ela ficou brincando com a taça de vinho. Sabia que ele olhava para seu decote. Estava acostumada a isso, não a fazia se sentir nem um pouco especial. Apenas sabia que seus atributos femininos às vezes podiam ser usados, e às vezes não deveriam ser usados, como qualquer recurso de negócios. Mas os olhos dele eram diferentes. *Ele* era diferente. Não que precisasse dele, era apenas um policial atencioso com muitos degraus a galgar, mas então por que estava gastando seu tempo com ele? Claro que poderia ter-lhe agradecido com outra coisa que não sua presença. Ela observou a mão dele ao pegar o copo de água. Veias salientes na pele bronzeada. Ele fazia questão de sair da cidade sempre que possível.

— O que você teria feito se Collum não tivesse aceitado o blackjack?

— Não sei — respondeu Macbeth, olhando para ela.

Olhos castanhos. As pessoas naquela cidade tinham olhos azuis, mas é claro que ela já havia conhecido homens de olhos castanhos. Mas não como aqueles. Não assim tão... intensos. Mas ainda vulneráveis. Meu Deus, será que estava se apaixonando? A essa altura da vida?

— Não sabe?

— Você disse que ele era um viciado, então tive esperança de que não conseguisse resistir à tentação de jogar mais uma vez. De apostar tudo.

— Você já esteve em muitos cassinos, dá pra notar.

— Não. — Ele riu. Um riso de menino. — Eu nem sabia se as minhas cartas eram boas.

— Dezesseis contra um ás? Eu diria que não. Mas como você tinha tanta certeza assim de que ele toparia jogar? Aquela sua história não foi nada convincente.

Ele deu de ombros. Ela baixou o olhar para o vinho. E viu o que já sabia: ele entendia o que era o vício.

— Em algum momento você se perguntou se ia conseguir detê-lo antes de ele atirar em Jack?

— Sim.

— É?

O jovem policial tomou um gole de água. Parecia não estar gostando da conversa. Seria melhor deixar aquele assunto de lado? Ela se inclinou sobre a mesa.

— Me conte mais, Macbeth.

Ele pousou o copo na mesa.

— Pra que alguém fique fora de combate antes de ter tempo de puxar o gatilho numa situação como aquela, ou você atira na cabeça ou corta a carótida. Como você viu, cortar a artéria produziu um jato de sangue curto, mas espesso, e depois o resto escorreu. O oxigênio essencial ao cérebro sai no primeiro jato, portanto a pessoa perde a consciência antes mesmo que o sangue caia na mesa. Havia dois problemas. Primeiro, a distância ideal pra jogar uma lâmina é de cinco passos. Eu estava sentado muito mais

perto, mas, felizmente, as adagas que uso são balanceadas. É mais difícil atirar, pra quem não tem muita experiência, mas, pra alguém experiente, é mais fácil ajustar a rotação. O segundo problema era que Collum estava sentado numa posição que só me permitia alcançar a artéria pelo lado esquerdo do rosto. Ou seja, eu teria que atirar com a mão direita. E, como você pode ver, sou canhoto. Então eu precisaria de um pouco de sorte. E geralmente não tenho sorte. Falando nisso, qual era a carta?

— Rainha de espadas. Você perdeu.

— Não disse?

— Você não tem sorte?

— No jogo, nenhuma.

— E...?

Ele pensou um pouco.

— Também não tenho sorte no amor.

Eles riram. Brindaram e riram novamente. Ficaram escutando a chuva cair. Então ela fechou os olhos por um momento. Pensou ter ouvido gelo tilintando em copos no bar. A bolinha girando na madeira da roleta. Os próprios batimentos cardíacos.

— O quê? — Ele piscou na escuridão do quarto.

Ela repetiu:

— Você tem que matar o Duncan.

Lady ouviu o som das próprias palavras, sentiu-as crescer em sua boca e abafar as batidas de seu coração.

Macbeth se sentou na cama, estudando-a com atenção.

— Você está acordada ou falando enquanto dorme, querida?

— Acordada. E você sabe que isso tem que ser feito.

— Você estava tendo um pesadelo e agora...

— Não! Pense um pouco. É o mais lógico a fazer. É ele ou nós.

— Você acha que o Duncan nos deseja mal? Ele acabou de me promover.

— Você até pode ter o título de chefe da Unidade de Crime Organizado, mas na prática fica à mercê dos caprichos dele. Se você quiser fechar o Obelisco, se quiser expulsar os traficantes do entorno do Inverness e aumentar a presença policial nas ruas pra que as pessoas se sintam seguras, tem que ser o comissário-chefe. E

isso é apenas ninharia. Pense em todas as coisas grandes que podemos alcançar com você no comando, meu amor.

Macbeth riu.

— Mas Duncan tem grandes planos.

— Não tenho dúvidas de que ele queira isso, de verdade. Mas, pra conseguir coisas grandes, um comissário-chefe deve ter amplo apoio do povo. E, pros moradores dessa cidade, Duncan é apenas um esnobe que desembarcou no alto posto, assim como Kenneth, assim como Tourtell na prefeitura. Não são as belas palavras que conquistam a população, mas quem a pessoa é por dentro. E você e eu somos parte desse povo, Macbeth. Conhecemos o que eles conhecem. Queremos o que eles querem. Escute bem: *Do povo. Para o povo. Com o povo*. Está me entendendo? Somos os únicos que podemos afirmar isso.

— Entendo, mas...

— Mas o quê? — Ela acariciou a barriga dele. — Você não quer estar no comando? Você não é um homem que quer chegar ao topo? Está feliz em servir aos outros?

— Claro que não. Mas basta esperarmos que chegaremos lá de um jeito ou de outro. Como chefe da Crime Organizado, sou o terceiro na linha sucessória.

— Mas o cargo de comissário-chefe não é pra pessoas como você, meu amor! Pense nisso. Eles deram esse trabalho pra você pra que *pareça* que somos tão bons quanto eles. Nunca vão te *dar* o cargo mais alto. Não de bom grado. Temos que *tomá-lo*.

Ele se virou e se deitou de lado, de costas para ela.

— Vamos esquecer esse assunto, querida. Assim como você esqueceu que Malcolm é quem vai assumir caso alguma coisa aconteça a Duncan.

Ela o puxou pelo ombro, para que ficassem de novo frente a frente.

— Não esqueci nada. Não esqueci que o Hécate disse que você será o comissário-chefe, e isso significa que ele tem um plano. Nós cuidamos do Duncan e ele cuida do Malcolm. E não esqueci aquela noite em que você cuidou do Ernest Collum. Duncan é Collum, meu amor. Ele está apontando uma pistola pra cabeça do nosso sonho. E você tem que resgatar a coragem que demonstrou naquela

noite. Tem que ser o homem que foi naquela noite, Macbeth. Por mim. Por nós. — Ela tocou o rosto dele e suavizou o tom ao acrescentar: — A vida não dá muitas oportunidades a pessoas como nós, meu amor. Temos que agarrar as poucas que surgem.

Ele permaneceu deitado. Em silêncio. Ela esperou. Os ouvidos atentos, porém nenhuma palavra abafava as batidas de seu coração. Ele tinha ambições, sonhos e força de vontade, ela sabia, pois foram essas características que o salvaram da desordem em que se encontrava, que converteram um jovem dependente de drogas em um cadete da polícia e, mais tarde, no chefe do GOE. Era esta a afinidade entre eles: ambos superaram o passado, pagaram o preço. Por que parar agora, no meio do caminho, antes de terem a oportunidade de aproveitar as recompensas? Antes de desfrutarem do respeito e contemplarem a vista? Ele era corajoso e um homem de ação implacável, mas tinha falhas que podiam ser dispendiosas. Faltava-lhe maldade. A maldade que era necessária, mesmo que por um decisivo segundo. O segundo no qual é preciso aceitar o fato de não ter princípios morais do seu lado, quando não deve perder de vista um cenário mais amplo, não deve se atormentar perguntando se está fazendo o certo ou o mínimo necessário. Macbeth adorava o que chamava de justiça, e sua lealdade às regras dos outros era uma fraqueza que ela poderia amar nele — em tempos de paz. E odiar em tempos como agora, quando os sinos da guerra soavam. Ela desceu a mão do rosto para o pescoço dele, e então pelo peito e pela barriga. E de volta ao rosto. Ouvidos atentos. A respiração dele era regular, tranquila. Dormia.

Macbeth respirava profundamente, como se estivesse dormindo. Ela afastou a mão. Deitou-se, encaixando o corpo às costas dele. A respiração, agora, também calma. Ele tentou respirar no ritmo dela. *Matar Duncan?* Impossível. Claro que era impossível.

Então por que não conseguia dormir? Por que as palavras dela seguiam dando piruetas como um morcego cego em sua cabeça?

A vida não dá muitas oportunidades a pessoas como nós, meu amor. Temos que agarrar as poucas que surgem. Ele pensou nas oportunidades que a vida lhe dera. Naquela noite no orfanato, que

ele não agarrou. E na oportunidade que Banquo lhe dera, que ele, sim, *agarrou*. Pensou em como a primeira por pouco não o matou, e a segunda o salvou. Mas será que na verdade não aproveitamos algumas oportunidades porque elas nos condenariam à infelicidade de qualquer modo, porque nos arrependeríamos pelo resto da vida, quer as agarremos ou não? Ah, a insidiosa insatisfação que sempre envenena a mais perfeita felicidade! E no entanto... Será que o destino havia aberto uma porta que logo se fecharia? Será que sua coragem o deixava na mão mais uma vez, como naquela noite no orfanato? Ele viu, em sua mente, o homem na cama naquela vez, dormindo desprevenido. Indefeso. Um homem que se punha entre ele e a liberdade que todo ser humano merece. Entre ele e a dignidade que todo ser humano deveria almejar. Entre Macbeth e o poder que teria. E o respeito. E o amor.

O dia estava nascendo quando ele acordou Lady.

— Se eu fizer isso — disse ele —, vou ficar em dívida com o Hécate.

Ela abriu os olhos como se tivesse passado a noite inteira acordada.

— Por que acha isso, querido? O Hécate só profetizou uma coisa. Não há dívidas a pagar.

— Então o que ele ganharia se eu me tornasse o comissário-chefe?

— Melhor perguntar pra ele, mas é óbvio: deve ter ouvido falar que Duncan jurou que não ia descansar enquanto não o colocasse atrás das grades. E ele deve saber que não seria de admirar que você priorizasse a ação contra as quadrilhas de drogas que fazem uso da violência e travam uma guerra entre si nas ruas.

— Os Norse Riders, cuja espinha dorsal já foi quebrada?

— Ou contra estabelecimentos que enganam pessoas boas e roubam suas economias.

— O Obelisco?

— Por exemplo.

— Hum. Você disse algo sobre as coisas grandes que poderíamos fazer. Estava pensando em algo bom pra cidade?

— Claro. Lembre-se de que o comissário-chefe é quem decide quais políticos devem ser investigados ou não. E quem conhece a

câmara municipal sabe que todos aqueles que receberam cargos de poder nos últimos dez anos pagaram de formas que não suportariam a luz do dia. E que eles, por sua vez, exigiram a contrapartida. Na época do Kenneth, eles não precisavam se preocupar em camuflar a corrupção, as evidências estavam lá pra que todos pudessem ver. Nós sabemos disso, eles sabem disso, e isso significa que poderíamos controlá-los se quiséssemos, meu amor.

Ela acariciou os lábios dele com o indicador. Na primeira noite que passaram juntos, ela lhe disse que adorava sua boca. Eram lábios tão macios e a pele tão fina que ela podia sentir o gosto do sangue dele com uma leve mordidela.

— Podemos fazer com que finalmente cumpram as promessas de implementar iniciativas que salvem essa cidade — sussurrou ele.

— Exatamente.

— E botar Bertha pra funcionar de novo.

— Sim.

Ela mordiscou o lábio inferior dele, e Macbeth sentiu o frêmito de seus corpos, o batimento acelerado de seus corações.

Ele a abraçou.

— Eu te amo — sussurrou.

Macbeth e Lady. Lady e Macbeth. Agora, eles respiravam em harmonia.

7

Lady observou Macbeth: como ele ficava charmoso de smoking... Então se virou e conferiu se o garçom tinha colocado luvas brancas, como ela ordenara. E se as taças de champanhe na bandeja de prata eram as altas e finas. Resolvera acrescentar na bandeja, mais como uma brincadeira secreta, um elegante mexedor de prata, embora soubesse que seriam poucos os que já tivessem visto um daquele e menos ainda os que soubessem para que servia. Com os pés afundando no espesso carpete do Inverness, Macbeth se remexia ligeiramente e tinha os olhos pregados na porta. Havia passado o dia inteiro meio nervoso. Só quando os dois repassaram os detalhes práticos do plano é que ele recobrou a concentração, voltando a ser o agente de um grupo policial de elite especializado em reações rápidas e esquecendo que seu alvo tinha um nome. Duncan.

Quando os seguranças lá fora abriram a porta, uma rajada de vento trouxe a chuva para dentro.

Os primeiros convidados. Lady acionou seu mais feliz e empolgado sorriso. Meteu a mão sob o braço de Macbeth e o sentiu aprumar-se por instinto.

— Banquo, meu velho amigo! — chamou ela. — E trouxe o Fleance! Que belo jovem ele está se tornando. Ainda bem que não tenho nenhuma filha! — Abraços e taças brindando. — Lennox! Precisamos ter uma conversinha, mas, antes, champanhe. Caithness! Você está divina, minha querida! Por que não consigo encontrar vestidos como esse seu? Comissário-chefe adjunto!

Malcolm, o título do seu cargo é simplesmente longo demais. Tudo bem se eu chamar você apenas de chefe? Não espalhe, mas às vezes peço ao Macbeth que me chame de diretora-geral, só para sentir como soa.

Ela mal havia trocado algumas palavras com a maioria deles, mas conseguiu fazê-los se sentir como se tivessem uma relação de anos. Porque enxergava dentro deles, via como gostariam de ser vistos — dentre todas as suas maldições, tinha a bênção da hipersensibilidade. Isso significava que podia ignorar os desacertos do preâmbulo e ir direto ao epílogo. Talvez fosse seu jeito despretensioso que os fizesse confiar nela. Lady quebrava o gelo revelando-lhes detalhes aparentemente íntimos de sua vida, o que lhes estimulava a ousadia, e, quando percebiam que seus pequenos segredos eram recompensados com um "Ah!" e uma risadinha conspiratória, arriscavam confissões um pouco mais íntimas. Era pouco provável que alguém naquela cidade soubesse mais sobre seus moradores do que a anfitriã dessa noite.

— Comissário-chefe Duncan!

— Lady. Perdoe meu atraso.

— Imagina. Nós é que temos o privilégio de contar com a sua presença. Não queremos um comissário-chefe que seja o primeiro a chegar. Faço questão de chegar sempre depois da hora, no caso de alguém ter dúvidas quanto a quem é a rainha.

Duncan riu com comedimento, e ela pousou a mão em seu braço.

— Você está rindo. Bom, então, pra mim, a noite já é um sucesso. Mesmo assim, experimente nosso champanhe especial, querido comissário-chefe. Imagino que seus seguranças não...

— Não, provavelmente vão trabalhar a noite toda.

— A noite toda?

— Quem ameaça Hécate publicamente precisa dormir com pelo menos um olho aberto. Eu durmo com dois pares abertos.

— A propósito, seus seguranças estão em um quarto adjacente à sua suíte, com uma porta de comunicação, conforme eles solicitaram. As chaves estão na recepção. Mas eu insisto que eles pelo menos provem a limonada da casa, que juro que não foi feita com a água potável local.

Ela chamou um garçom que levava dois copos em uma bandeja.

— Nós... — começou um dos seguranças, pigarreando.

— Se recusarem, vou levar pro lado pessoal — cortou Lady.

Os seguranças trocaram olhares com Duncan, e em seguida cada um pegou um copo, bebeu todo o conteúdo e o devolveu à bandeja.

— Muito magnânimo da sua parte oferecer essa festa, senhora — disse Duncan.

— É o mínimo que posso fazer depois de você ter nomeado meu marido chefe da nova unidade.

— Marido? Eu não sabia que vocês eram casados.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você é do tipo que se atém às formalidades, comissário?

— Se por formalidade você quer dizer regras, eu diria que sim. É da natureza do meu trabalho. Assim como do seu, presumo.

— O sucesso ou o fracasso de um cassino depende de todos entenderem que as regras se aplicam a todos os casos, sem exceção.

— Devo confessar que nunca pisei em um cassino antes. Sei que você tem suas obrigações como anfitriã, mas posso pedir uma rapidíssima visita guiada quando lhe convier?

— Com todo o prazer. — Lady sorriu e lhe deu o braço. — Vamos.

Ela o levou pelas escadas até o mezanino. Se os olhos e os mais recônditos pensamentos de Duncan se sentiram atraídos pelo decote profundo de seu vestido enquanto ela avançava, não transpareceu. Postaram-se na balaustrada. Era uma noite tranquila. Quatro apostadores na mesa de roleta; as mesas de blackjack vazias; quatro jogadores de pôquer à mesa logo abaixo. Os convidados da festa haviam se reunido no bar, ocupado quase que exclusivamente por eles. Lady notou que Macbeth dava sinais de nervosismo ao mexer sem parar no copo de água. Estava ao lado de Malcolm e Lennox, tentando dar a impressão de estar atento à conversa.

— Doze anos antes, esse prédio não passava de ruínas vandalizadas e repletas de infiltrações. Foi o que a administração da ferrovia deixou pra trás. Como você sabe, somos o único município do país que permite a instalação de cassinos.

— Graças ao comissário-chefe Kenneth.

— Graças à sua alma degenerada. Nossa mesa de roleta segue o modelo de Monte Carlo. Você pode apostar em casas idênticas nos dois lados da roleta, que é feita basicamente de mogno, um pouco de jacarandá e marfim.

— Sinceramente, é incrível o que você criou aqui, Lady.

— Obrigada, comissário, mas foi a um custo bem alto.

— Compreendo. Às vezes a gente se pergunta o que motiva a nós, humanos.

— Então me diga o que o motiva.

— A mim? — Ele ponderou por alguns segundos. — A esperança de que um dia essa cidade venha a ser um bom lugar pra se viver.

— Por trás disso. Por trás das boas razões que podemos enunciar com facilidade. Quais são suas razões egoístas e emocionais? Qual é o motivo sombrio, aquele que sussurra no seu ouvido à noite e assombra você depois de feitos todos os discursos festivos?

— É uma pergunta incisiva, Lady.

— É a *única* pergunta, meu caro comissário-chefe.

— Talvez. — Ele girou os ombros por baixo do paletó do smoking. — E talvez eu não precise de uma motivação tão forte. Recebi cartas boas, pois nasci em uma família com bons recursos, em que educação, ambição e carreira eram algo natural, costumeiro. Meu pai era uma pessoa franca e discutia abertamente sobre a corrupção no setor público. Provavelmente por isso não foi muito longe na carreira. Acho que continuei de onde ele parou e aprendi com os erros estratégicos que ele cometeu. A política é a arte do possível, e às vezes é preciso usar da maldade pra derrubar a maldade. Faço tudo que preciso fazer. A imprensa gosta de me retratar como santo, mas estou longe disso.

— Os santos conseguem pouco além de serem canonizados. Sou mais adepta do seu estilo tático, comissário. Sempre fui por esse caminho.

— Posso entender. Embora não conheça detalhes da sua vida, sei que precisou percorrer um caminho mais longo e mais íngreme que eu.

Lady deu uma risada.

— Você vai me encontrar nas pastas desbotadas dos seus arquivos. A profissão mais antiga do mundo foi o que me sustentou por alguns anos, isso não é nenhum segredo. Mas todos nós temos um passado. Como você disse, todos fizemos o que foi preciso. O comissário gosta de apostas? Será por cortesia da casa essa noite.

— Obrigado pela generosidade, Lady, mas quebraria minhas regras se aceitasse.

— Mesmo como uma pessoa privada?

— Quando você se torna comissário-chefe, sua vida privada deixa de existir. Além do mais, não é do meu feitio jogar, senhora. Prefiro, em vez de confiar nos deuses do destino, fazer por merecer meus ganhos.

— Mas, como você mesmo disse, chegou aonde chegou porque os deuses do destino te deram boas cartas ao nascer.

Ele sorriu.

— Eu disse *prefiro*. Na vida, ou a gente joga com as cartas que tem, ou se retira do jogo.

— Posso te fazer uma pergunta, comissário? Por que está sorrindo?

— Por causa da sua pergunta, senhora. Acho que você vai perguntar de qualquer modo.

— O que eu queria dizer, meu caro Duncan, é que acho você uma pessoa muito correta. Um homem com espinha dorsal, e respeito quem você é e os princípios que advoga. Especialmente por ter ousado dar a alguém novo em folha como Macbeth uma posição proeminente na sua equipe gerencial.

— Obrigado, senhora. Macbeth só tem a agradecer a si mesmo.

— Essa nomeação faz parte da sua campanha anticorrupção?

— A corrupção é como um percevejo: às vezes temos que demolir a casa inteira pra nos livrarmos da praga. E reconstruí-la com material não infectado. Como Macbeth. Ele não está infectado porque não fazia parte do sistema.

— Ao contrário do Cawdor.

— Ao contrário do Cawdor.

— Sei quanto custa retirar a carne infectada. Tive dois funcionários desleais. — Ela se inclinou por cima do parapeito e

apontou para a mesa de roleta. — Cheguei a chorar ao despedi-los. Ser tentado pelo dinheiro e pela riqueza é uma fraqueza humana muito comum. Eu fui coração mole. Em vez de esmagar os percevejos com o pé, deixei que eles fossem embora. E o que ganhei com isso? Eles usaram as *minhas* ideias, a expertise que *eu* lhes dei e provavelmente o dinheiro que roubaram de mim pra abrir um estabelecimento suspeito que não apenas está destruindo a reputação da indústria como também tirando o pão da mesa das pessoas que montaram esse negócio, de nós. Se você expulsa os percevejos, eles voltam. Eu devia ter feito como você, comissário.

— Como eu?

— Como fez com o Cawdor.

— Eu não podia deixar que ele saísse impune depois de se associar ao Sweno.

— Você soube como agir. Afinal, tudo que tinha contra ele era o testemunho de um Norse Rider que até o juiz ou o jurado mais despreparado sabia que estaria disposto a confessar qualquer coisa pra se livrar da prisão. Cawdor poderia ter saído ileso.

— Tínhamos um pouco mais que isso, senhora.

— Mas não o bastante pra uma condenação incontestável. O percevejo, nesse caso, *poderia* ter voltado. E o escândalo teria se arrastado indefinidamente. Seria um processo judicial infernal, com tanta merda jogada no ventilador que ficariam manchas pra todos os lados. Não exatamente o melhor dos cenários pra uma polícia que está tentando recuperar a confiança da sociedade. Você tem meu total apoio, comissário. Precisa esmagá-los. É só pisar com força e acabará de vez com eles.

Duncan sorriu.

— Que análise detalhada! Só espero que não esteja sugerindo que eu tive algo a ver com a morte prematura do Cawdor, senhora.

— Não, Deus me livre. — Ela pousou a mão no braço dele. — Estou apenas repetindo o que Banquo sempre diz: há várias maneiras de se esfolar um gato.

— Tais como?

— Hum... Tal como ligar pra avisar que o Julgamento Final está chegando. Que as evidências são tão irrefutáveis que em questão de minutos o GOE vai bater à sua porta, e ele será humilhado

publicamente, perderá todas as suas honras, seu nome será arrastado pela lama e execrado em praça pública. Ele só tem alguns minutos.

Duncan ficou examinando a mesa de pôquer lá embaixo.

— Se eu tivesse um binóculo — disse ele —, conseguiria ver as cartas deles.

— Com certeza.

— Onde conseguiu seu binóculo, senhora? Foi um presente ao nascer?

Ela riu.

— Não, tive que pagar por eles. Com experiências de vida. Não saiu barato.

— Claro que eu não disse nada, mas Cawdor serviu na polícia por muitos anos. E, como a maioria das pessoas, não era nem cem por cento bom nem cem por cento ruim. Talvez ele merecesse, talvez a família dele merecesse que ele mesmo pudesse escolher de que jeito se retirar.

— Você é mais nobre que eu, comissário. Eu teria feito o mesmo, mas por razões puramente egoístas. *Santé!*

Eles ergueram as taças e brindaram.

— Falando sobre binóculos — disse Lady, indicando com a cabeça o pessoal no bar. — Dá pra ver que o inspetor Duff e a jovem Caithness têm suas antenas sintonizadas.

— Ah, é? — Duncan ergueu as sobrancelhas. — Eles estão em lados opostos do bar, pelo que consigo ver.

— Exatamente. Estão mantendo o máximo de distância. Mas a cada 15 minutos olham pra ver onde o outro está.

— Pouca coisa escapa à sua visão, hein?

— Eu vi alguma coisa quando perguntei a você quais eram seus motivos sombrios e egoístas.

Duncan riu.

— Também consegue ver no escuro?

— Essa minha percepção foi herdada, comissário. Durante o sono, eu me levanto e ando na escuridão total sem me machucar.

— Suponho que o motivo pro mais nobre ato de caridade possa ser qualificado como egoísmo, mas minha visão simplista é que os fins justificam a motivação.

— Então você quer uma estátua como a do Kenneth? Ou quer o amor das pessoas, que foi o que ele não teve?

Duncan sustentou o olhar dela, conferiu se os seguranças atrás deles permaneciam fora do alcance de suas vozes, terminou sua bebida e tossiu.

— Quero ficar em paz com minha consciência, senhora. Quero a satisfação de ter cumprido meu dever. De ter mantido e aprimorado a casa dos meus antepassados, por assim dizer. Sei que é perverso, então não conte a ninguém.

Lady respirou fundo, afastou-se da balaustrada e exibiu um grande e alegre sorriso.

— Mas o que a sua anfitriã está fazendo interrogando seus convidados, quando isso deveria ser uma festa! Vamos descer e nos juntar aos outros? Depois vou à adega pegar a garrafa que venho guardando pra uma ocasião como essa.

Despois de ter sobrevivido à arrastada análise de Malcolm sobre as lacunas nas novas regras de tributação, Duff inventou uma desculpa e foi sentar-se ao balcão do bar para se recompensar com um uísque.

— E então? — disse alguém atrás dele. — Como foi seu dia longe da família?

— Bom, obrigado — respondeu ele, sem se virar.

Dirigindo-se ao garçom, apontou para uma garrafa e ergueu dois dedos, mostrando que queria uma dose dupla.

— E hoje? — perguntou Caithness. — Ainda quer passar a noite no... no hotel?

O código para a cama dela. Mas ele sentiu que a pergunta não se resumia àquela noite, mas às noites futuras. Ela queria que ele repetisse o velho refrão: queria a certeza de que ele a desejava, de que *não* pretendia voltar para sua família em Fife. Mas isso tudo demandava tempo, e havia muitas questões a considerar. Ele não entendia como Caithness podia não saber, como podia duvidar que era isso o que ele realmente desejava. Talvez por isso ele respondeu, em tom de provocação, que lhe tinha sido oferecido um quarto no cassino.

— É o que você quer? Ficar aqui?

Duff suspirou. O que as mulheres queriam? Será que todas iriam amarrá-lo, acorrentá-lo à cabeceira da cama e alimentá-lo de modo que pudessem sugar sua conta bancária e seus testículos para sobrecarregá-lo com mais prole e culpa na consciência?

— Não — respondeu ele, com os olhos em Macbeth. Considerando que ele era o centro da festa, era estranho parecer aflito e pouco à vontade. Será que a responsabilidade e a importância de seu novo cargo já intimidavam o rapazola feliz e despreocupado que habitava nele? Bem, agora era tarde demais, tanto para Macbeth como para si próprio. — Vai na frente, vou daqui a pouco.

Ele sentiu que ela hesitava, atrás dele. Encontrou seu olhar no espelho atrás das prateleiras de bebidas. Viu que ela fazia menção de tocá-lo. Repreendeu-a com um olhar. Ela desistiu. E foi embora. *Céus*.

Duff meteu a bebida para dentro num gole só. Então se levantou e foi até Macbeth, que estava apoiado na ponta do balcão. Hora de cumprimentá-lo corretamente. Mas Duncan se colocou entre eles. Outros se achegaram, e Macbeth foi engolfado pela aglomeração. E, quando Duff o viu de novo, Macbeth estava indo embora, correndo atrás do rabo da saia de Lady, que ele viu saindo do salão.

Macbeth foi dar com Lady quando ela abria a adega.

— Não posso — disse ele.

— O quê?

— Não posso matar meu comissário-chefe.

Ela o encarou.

Segurou-o pelas lapelas do paletó, puxou-o para dentro e fechou a porta.

— Não me decepcione agora, Macbeth. Duncan e seus guardas estão instalados em seus quartos. Está tudo pronto. A chave mestra está com você, não está?

Macbeth pegou a chave no bolso.

— Toma. Não posso fazer isso.

— Não pode ou não vai fazer?

— Os dois. Não *vou* fazer porque não *consigo* reunir coragem pra tal vilania. É errado. Duncan é um bom comissário-chefe, e não há nada que eu possa fazer melhor do que ele, então qual é o propósito, além de alimentar minha ambição?

— *Nossa* ambição! Porque, afora fome, frio e luxúria, não há nada além da ambição, Macbeth. Porque a honra é a chave pro respeito. E aí está a chave mestra. Use-a!

Ela ainda o segurava pelas lapelas, a boca tão perto da dele que Macbeth sentia o gosto da fúria em seu hálito.

— Querida...

— Não! Se você acha que Duncan é tão honrado, escute como ele matou Cawdor pra se proteger das revelações embaraçosas que ele poderia ter vazado, caso tivesse sobrevivido.

— Isso não é verdade!

— Pergunte pra ele.

— Você só está dizendo isso pra... pra...

— Pra fortalecer sua determinação — completou ela, soltando-o e colocando as mãos com firmeza no peito dele, como se lhe sentisse o coração. — Apenas pense que vai matar um assassino, da mesma forma que matou o Norse Rider. Assim será fácil.

— Eu não *quero* que seja fácil.

— Se são seus princípios morais que estão atrapalhando você, lembre-se de que está obrigado a cumprir a promessa que me fez ontem à noite, Macbeth. Ou está tentando me dizer que aquilo que vi e interpretei como coragem quando você matou Ernest Collum não passava de imprudência de um jovem porque não era sua própria vida que estava em jogo, mas a do meu crupiê? E, agora, quando tem que se expor ao risco, foge como uma hiena covarde.

Eram palavras injustas, mas alcançaram o efeito desejado.

— Você sabe que não é isso — disse ele, em desespero.

— Então como não *consegue* cumprir a promessa que me fez, Macbeth?

Ele engoliu em seco. Buscou freneticamente por palavras.

— Eu... Você pode afirmar que cumpre *todas* as suas promessas?

— Eu? *Eu?* — Ela soltou uma risada aguda de assombro. — Pra manter uma promessa que fiz a mim mesma, arranquei do meu peito a filha que mamava e esmaguei a cabeça dela na parede.

Como poderia quebrar uma promessa feita a você, meu único amor?

Macbeth ficou parado, olhando para ela. Inalava seu hálito, seu hálito venenoso. Sentia que o enfraquecia, segundo a segundo.

— Mas você não percebe que, se isso der errado, Duncan vai cortar a sua cabeça também?

— Não vai dar errado. Preste atenção: vou dar uma taça desse borgonha ao Duncan e vou insistir pra que os seguranças dele pelo menos *provem*. Eles não vão perceber nada de diferente, mas podem ficar um pouco confusos com o cair da noite. E vão dormir como uma pedra ao se deitarem...

— Sim, mas...

— Shh! Você vai usar suas adagas, não há a menor chance de eles acordarem. Quando terminar, esfregue o sangue das lâminas nas roupas dos guardas e largue as adagas em suas camas. E mais tarde, quando você for acordá-los...

— Eu me lembro perfeitamente do seu plano. Mas tem pontos fracos, e...

— O plano é *seu*, meu amor — disse ela, agarrando o queixo dele e mordendo com força o lóbulo de sua orelha. — E é perfeito. Todos vão concluir que os guardas foram comprados pelo Hécate, que apenas estavam bêbados demais pra esconder as provas do crime.

Macbeth cerrou os olhos.

— Você é a fêmea alfa.

Lady deu uma risadinha baixa. Beijou-o no pescoço.

Macbeth segurou-a pelos ombros e a afastou.

— Você será minha morte, Lady, sabia?

Ela sorriu.

— E você sabe que, aonde quer que vá, eu vou também.

8

O jantar foi realizado no restaurante do cassino. Duff se sentou ao lado da anfitriã, que tinha Duncan do seu outro lado. Macbeth ocupou a cadeira diante deles, tendo Caithness como vizinha. Duff percebeu que nem Caithness nem Macbeth conversavam ou comiam muito, mas o clima era festivo e a mesa, tão ampla que ficava difícil falar com alguém que estivesse sentado do outro lado. Lady tagarelava e parecia se divertir com Duncan, enquanto Duff ouvia Malcolm e concentrava suas energias em não bocejar.

— Caithness está linda hoje, não acha?

Duff se virou. Era Lady. Ela lhe sorria com grandes olhos azuis inocentes sob flamejantes cabelos ruivos.

— Quase tão bela quanto a senhora — disse Duff, reparando que faltava às próprias palavras a centelha que poderia lhes dar vida.

— Ela não é apenas linda — disse Lady. — Presumo que, como mulher e policial, deve ter feito muitos sacrifícios pra chegar aonde chegou. Uma família, por exemplo. Dá pra ver que ela abriu mão de formar uma família. Você também vê isso, Duff?

Olhos cinza. Eram cinza, não azuis.

— Todas as mulheres que querem ter uma carreira têm que sacrificar alguma coisa, imagino — opinou Duff, erguendo a taça de vinho e a descobrindo novamente vazia. — Família não é a única e melhor opção pra todo mundo. Não concorda?

Lady deu de ombros.

— Nós, humanos, somos seres práticos. Se as escolhas que fizemos em determinado momento não podem ser alteradas, fazemos de tudo pra justificá-las, pra não sermos perseguidos nem torturados demais por nossos erros. Acho que essa é a receita pra uma vida feliz.

— Então você tem medo de ficar atormentada se visse suas escolhas sob uma luz verdadeira?

— Pra alcançar o que deseja, uma mulher precisa pensar e agir como homem e não levar em conta a família. Nem a própria nem a dos outros.

Duff recuou. Buscou os olhos de Lady, mas ela se inclinara sobre a mesa para encher as taças dos convidados à sua volta. E logo em seguida Duncan chamou a atenção de todos batendo com o talher na taça, então se levantou e pigarreou.

Duff observou Macbeth durante o inspirado discurso de agradecimento, que teceu elogios não apenas ao jantar e à promoção de Macbeth, mas também à missão a que todos haviam se comprometido: fazer da cidade um lugar em que fosse possível viver. Completou dizendo que, após uma longa semana de trabalho, mereciam o descanso que o Senhor misericordioso lhes havia concedido e que seriam sábios se o usassem, pois havia grandes chances de que o comissário-chefe não fosse um deus tão misericordioso nas semanas seguintes.

Desejou a todos uma boa noite, disfarçou um bocejo e propôs um brinde aos anfitriões. Durante os aplausos que se seguiram, Duff olhou para Macbeth, indagando a si próprio se ele retribuiria o brinde. Afinal de contas, tratava-se do comissário-chefe. Mas Macbeth continuou sentado, o rosto pálido e duro como uma tábua, aparentemente pego de surpresa por sua nova posição, seu novo status e as novas exigências que teria de encarar.

Duff puxou a cadeira para Lady se levantar.

— Obrigado pela noite, senhora.

— Digo o mesmo, Duff. Pegou a chave do seu quarto?

— Bem, vou ficar... Em outro lugar.

— Vai voltar pra casa, em Fife?

— Não, vou ficar com um primo. Mas amanhã estarei aqui cedo, pra apanhar Duncan. Nós dois moramos em Fife, não muito

afastados.

— Ah, sim. A que horas?

— Às sete. Duncan e eu temos filhos e... Bem, é fim de semana. Muitos programas pra fazer, sabe como é.

— Na verdade, não sei — disse Lady, com um sorriso. — Tenha uma boa noite, Duff. E mande lembranças pro seu primo.

Um a um, os convidados deixaram o bar e as mesas de jogos e foram para seus quartos. Alguns foram para suas casas. Na recepção, Macbeth apertava mãos e murmurava despedidas vazias, mas ao menos ali não precisava conversar com os retardatários no bar.

— Você não está com uma aparência boa — comentou Banquo, com um leve tom de repreensão. Ele acabara de vir do banheiro e apoiou uma pesada mão no ombro de Macbeth. — Acho melhor você ir dormir, pra não contaminar outras pessoas.

— Obrigado, Banquo. Mas Lady ainda está no bar entretendo os convidados.

— Faz quase uma hora que o chefe se retirou, então você já pode ir. Vou só tomar mais um drinque, e depois o Fleance e eu vamos partir também. E, quando eu for embora, não quero ver você aqui parecendo um porteiro. Entendido?

— Boa noite, Banquo.

Macbeth ficou observando o amigo voltar, um pouco cambaleante, para o bar. Olhou no relógio: sete minutos para a meia-noite. Aconteceria em sete minutos. Aguardou até que faltassem três. Então se aprumou, olhou através das portas duplas que davam para o bar, onde Lady ouvia Malcolm e Lennox. Naquele instante, como se tivesse sentido sua presença, ela se virou, e seus olhos se encontraram. Lady assentiu imperceptivelmente, e ele respondeu com o mesmo gesto. Então ela riu de alguma coisa que Malcolm havia dito, rebatendo com algo que levou os dois a darem uma gargalhada. Ela era boa.

Macbeth subiu para a suíte que dividia com Lady. Encostou a orelha na porta do quarto onde estavam os seguranças. O ronco vindo de dentro era compassado, seguro. Quase natural. Sentou-se na cama. Passou a mão na colcha macia. A seda sussurrou sob a

ponta áspera de seus dedos. Sim, ela era boa. Melhor do que ele jamais seria. E talvez eles conseguissem levar aquilo adiante — talvez os dois juntos, Macbeth e Lady, pudessem fazer a diferença, modelar a cidade à imagem e semelhança deles, continuar o que Duncan havia começado e avançar muito mais do que ele jamais conseguiria. Tinham a determinação e a força necessárias, e tinham condições de conquistar as pessoas. Do povo. Para o povo. Com o povo.

Passou os dedos nas duas adagas que deixara sobre a cama. Não fosse o fato de o poder corromper e envenenar, não precisariam fazer isso. Se o coração de Duncan fosse puro e idealista, eles poderiam ter discutido a questão, e o comissário-chefe teria concluído que Macbeth era o melhor para realizar seu sonho de tirar a cidade das trevas. Quaisquer que fossem os sonhos de Duncan, os habitantes menos favorecidos da cidade não seguiriam um estranho da classe alta de Capitol, não é mesmo? Precisavam de alguém como eles. Duncan poderia ter sido o prático, mas Macbeth teria de ser o capitão — desde que conseguisse que a tripulação lhe obedecesse, para levar o barco aonde os dois queriam, para um porto seguro. Mas mesmo que Duncan aceitasse que a transferência de poder era no melhor interesse da cidade, ele nunca entregaria seu cargo. Apesar de todas as suas virtudes, Duncan não era melhor que ninguém no poder: colocava as ambições pessoais acima de tudo. Veja como ele matou aqueles que poderiam manchar sua reputação ou ameaçar sua autoridade. O corpo de Cawdor ainda estava quente quando chegaram a sua casa.

Não foi isso? Sim, foi. Foi, foi.

Meia-noite.

Macbeth fechou os olhos. Tinha de entrar na zona de foco. Fez a contagem regressiva. Abriu os olhos. Xingou, fechou os olhos e repetiu a contagem. Olhou no relógio. Pegou as adagas, enfiou-as no coldre de ombro feito especialmente para duas lâminas, uma de cada lado. Então saiu para o corredor. Passou diante da porta dos seguranças e parou em frente à de Duncan. Prestou atenção aos sons: nada. Respirou fundo. Tinham avaliado previamente uma variedade de cenários; a única coisa que faltava era o ato propriamente dito. Inseriu a chave mestra na fechadura, viu o

próprio reflexo na maçaneta de bronze polido, levou a mão à maçaneta e a girou. Deu uma olhada no que conseguiu enxergar à luz do corredor e em seguida entrou no quarto. Na escuridão, prendeu o fôlego e ouviu a respiração de Duncan.

Tranquila, regular.

Como a de Lorreal. O diretor do orfanato.

Não, não deixe esse pensamento surgir agora.

Pela respiração de Duncan, ele estava deitado na cama de olhos fechados, dormindo. Macbeth foi até a porta do banheiro, acendeu a luz e deixou a porta entreaberta. O suficiente para o que ia fazer.

O que ia fazer.

Postou-se ao lado da cama e olhou para o homem adormecido que não suspeitava de nada. Então, endireitou-se. Que ironia. Ergueu uma adaga. Matar um homem indefeso — haveria coisa mais fácil? A decisão tinha sido tomada, e agora bastava executá-la. E ele já não havia matado sua primeira vítima indefesa na estrada para Forres, sua virgindade já não fora perdida, ele não havia pagado lá, naquele momento, sua dívida para com Duff, na mesma moeda, o sangue-frio? Vira o sangue quente de Lorreal escorrendo para o lençol branco, o sangue parecendo preto na escuridão. Então o que o impedia agora? Em que esse complô era diferente de quando ele e Duff haviam remexido na cena do crime, de modo que todas as provas encontradas em Forres coincidiriam com a história que combinaram de contar? E com a história que combinaram de contar sobre o orfanato. *E às vezes a crueldade está do lado do bem, Macbeth*.

Ele ergueu os olhos para a lâmina que a luz do banheiro fazia cintilar.

Baixou a adaga.

Não queria fazer aquilo.

Mas precisava. *Precisava*. Precisava querer. Mas o que podia fazer se não lhe vinha o desejo, mesmo estando no foco?

Tinha de se tornar o outro Macbeth, o que havia enterrado muito fundo, o carniceiro enlouquecido que havia jurado nunca voltar a ser.

Banquo olhava para a enorme locomotiva sem vida enquanto desabotoava a braguilha. Ele oscilava ao vento. Estava um pouco bêbado, tinha consciência disso.

— Anda logo, pai — veio a voz de Fleance, atrás dele.

— Que horas são, filho?

— Não sei, mas a lua está bem alta.

— Então passa da meia-noite. Deram previsão de tempestade pra hoje.

O coldre da arma pendurado entre o primeiro e o segundo passadores do cinto estava atrapalhando. Ele o soltou e o entregou a Fleance.

O garoto deu um gemido resignado.

— Pai, estamos num local público. Você não pode...

— É um mictório público, isso sim. — Banquo arrastava as palavras. Naquele momento, ele viu um vulto de preto passar perto da locomotiva. — Me passa a arma, Fleance!

A luz iluminou o rosto do homem.

— Ah, é você.

— Hum. É você — disse Macbeth. — Saí pra tomar um ar.

— E eu só precisava arejar o amigão aqui — balbuciou Banquo. — Não, eu *não* ia mijar na Bertha. Isso seria... Agora que fecharam a Igreja de São José... Seria profanar a última coisa sagrada dessa cidade.

— Talvez.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Banquo, tentando relaxar.

Ele sempre tivera dificuldade em urinar com estranhos por perto, mas Macbeth e o próprio filho?

— Nada — respondeu Macbeth, num estranho tom neutro.

— Sonhei com as três irmãs ontem à noite — contou Banquo. — Ainda não conversamos sobre isso, mas elas acertaram na mosca as profecias, não foi? O que me diz?

— Ah, tinha até esquecido. Outra hora a gente conversa sobre isso.

— Tudo bem — disse Banquo, sentindo o jato chegar.

— Quer dizer — começou Macbeth —, na verdade, eu ia te perguntar... Agora que você é meu adjunto na Crime Organizado...

Vamos supor que realmente aconteça algo como o que as irmãs disseram.

— O que é que tem? — resmungou Banquo.

Já tinha perdido a paciência e começado a forçar. Com isso, o fluxo parou.

— Eu agradeceria se você me acompanhasse também nessa hora.

— Ser seu vice? Rá! Inventa outra. — De repente, Banquo se deu conta de que Macbeth não estava brincando. — Claro, meu garoto, claro que eu seria. Você sabe que estou sempre disposto a acompanhar alguém que vai entrar num bom combate.

Eles se entreolharam. Então, como num passe de mágica, aconteceu. Banquo olhou para o chão, e lá estava um majestoso jato dourado jorrando generosamente sobre a grande roda traseira da locomotiva e escorrendo para o trilho.

— Boa noite, Banquo. Boa noite, Fleance.

— Boa noite, Macbeth — responderam pai e filho, em uníssono.

— Tio Mac estava bêbado? — perguntou Fleance depois que Macbeth foi embora.

— Bêbado? Você sabe que ele não bebe.

— Eu sei, mas ele estava tão estranho...

— Estranho? — Banquo deu um sorriso tristonho enquanto observava o fluxo contínuo com satisfação. — Acredite em mim, esse garoto não fica *estranho* quando bebe.

— Fica como, então?

— Alucinado.

De repente, o jato foi soprado para o lado por uma forte rajada de vento.

— A tempestade — disse Banquo, abotoando a calça.

Macbeth foi dar uma caminhada nas redondezas da estação. Quando voltou, Banquo e Fleance já tinham ido embora. Entrou no grande salão.

Esquadrinhou o local e no ato classificou as pessoas ali dentro em quatro categorias principais: aquelas que vendiam, aquelas que usavam, aquelas que faziam as duas coisas e aquelas que precisavam de um lugar para dormir, para se abrigar da chuva, e

que logo se juntariam a um dos três primeiros grupos. Esse fora o caminho que ele mesmo havia percorrido. De fugitivo do orfanato que se alimentava graças ao Exército de Salvação a usuário que traficava para financiar seu sustento e seu vício.

Macbeth se dirigiu a um homem mais velho e corpulento em uma cadeira de rodas.

— Cem gramas de brew — pediu, e as palavras bastaram para despertar algo que hibernava em seu interior.

O sujeito na cadeira de rodas ergueu o olhar.

— Macbeth. — Ele cuspiu o nome junto com saliva. — Eu me lembro de você e você se lembra de mim. Você é policial, e eu não vendo droga, entendeu? Some daqui.

Macbeth foi até o traficante seguinte, um homem numa camisa xadrez que, de tão alucinado, não conseguia ficar quieto.

— Você acha que eu sou idiota? — gritou ele. — Sou mesmo. Não estaria aqui se não fosse, não é? Mas vender pra um cara da polícia e dormir numa cela quando a gente não passa nem quatro horas sem uma dose? — Ele se recostou, e sua risada subiu para o teto.

Macbeth avançou pelo interior do prédio, seguindo pelo corredor até o salão de embarque, e ouviu o traficante gritar às suas costas:

— Se liga no paisana, gente!

— E aí, Macbeth — chamou uma vozinha fina e fraca.

Ele se virou. Era o menino do tapa-olho. Macbeth foi até ele e se agachou junto à parede. O pedaço de pano preto tinha sumido, permitindo que Macbeth visse dentro da misteriosa escuridão da cavidade.

— Preciso de cem de brew — disse Macbeth. — Você pode me ajudar?

— Não — respondeu o garoto. — Não posso ajudar ninguém. Você pode me ajudar?

Macbeth reconheceu alguma coisa na expressão do garoto. Era como olhar em um espelho. Mas que droga ele estava fazendo? Com a ajuda de pessoas boas, tinha conseguido se livrar daquela vida. E agora estava de volta? Ia realmente executar um ato de vilania do qual mesmo o dependente mais desesperado se

esquivaria? Ainda podia se recusar. Podia levar aquele menino para o Inverness. Dar-lhe comida, um banho e uma cama. Essa noite podia ser muito diferente daquela que havia planejado, ainda existia essa possibilidade. A chance de se salvar. Salvar o garoto. Duncan. Lady.

— Vem. Vamos... — começou Macbeth.

— Macbeth! — A voz que vinha de trás retumbou como trovoada pelo corredor. — Suas preces foram ouvidas. Tenho o que você quer.

Ele se virou. Ergueu os olhos. Bem alto.

— Como soube que eu estava aqui, Strega?

— Temos olhos e ouvidos em todos os lugares. Toma. Um presente do Hécate.

Macbeth olhou para o saquinho que ela deixara cair em sua mão.

— Quero pagar. Quanto é?

— Pagar por um presente? Acho que Hécate consideraria isso uma afronta. Boa noite — desejou Strega, antes de se virar e ir embora.

— Então não quero — gritou Macbeth, atirando o saquinho nas costas dela, muito embora ela já tivesse sido tragada pela escuridão.

— Se você não... — disse a voz aguda do caolho. — Tudo bem se eu...?

— Fica aí — rosnou Macbeth, sem sair do lugar.

— O que você quer fazer? — perguntou o menino.

— O que eu quero? Não interessa o que a gente *quer* fazer, e sim o que a gente tem que fazer.

Ele caminhou em direção ao saquinho e o pegou do chão. Voltou para onde estava, passando diante da mão estendida do menino.

— Ei, você não vai...?

— Vai pro inferno — rugiu Macbeth. — A gente se encontra lá.

Macbeth desceu as escadas para o banheiro fedorento, botou para correr uma mulher que estava sentada no chão, abriu o saquinho, espalhou o pó no tampo da pia logo abaixo dos espelhos, esmagou

os grumos com o lado cego da adaga e usou o gume para dividi-lo em partículas mais finas. Então enrolou a droga em uma nota de dinheiro e inalou o pó branco-amarelado com uma narina, depois com a outra. As substâncias químicas levaram um tempo surpreendentemente curto para atravessar a mucosa nasal e entrar em sua corrente sanguínea. E seu último pensamento antes que o sangue infectado pela droga adentrasse seu cérebro foi que a sensação era como a experiência de rever uma amante. Uma amante tão bela e perigosa que não havia envelhecido um dia sequer mesmo depois de tantos anos.

— O que foi que eu te disse?

Hécate bateu com a bengala no piso, em frente aos monitores do circuito interno de segurança.

— Que não existia um ser mais previsível do que um viciado moralista atingido em cheio pelo cupido.

— Obrigado, Strega.

Macbeth se deteve no alto da escadaria principal da Estação Central. A Praça dos Operários ondulava como mar diante dele; as ondas quebravam por baixo dos paralelepípedos, o som parecendo dentes tiritando ao subirem e descerem. E abaixo do Inverness havia um barco a vapor repleto de música e risadas, e a luz o fazia cintilar na água que corria de sua lenta e ribombante roda.

Então ele partiu. Atravessou a noite negra, de volta para o Inverness. Sentia-se planar, os pés acima do chão. Flutuando, cruzou a porta para o hall. O recepcionista acenou ao vê-lo. Macbeth entrou no salão de jogos e viu Lady, Malcolm e Duff ainda conversando no bar. Então subiu as escadas como se voasse e cruzou o corredor até a porta de Duncan.

Macbeth enfiou a chave mestra na fechadura, girou a maçaneta e entrou.

Estava de volta. Nada havia mudado. A porta do banheiro ainda estava aberta, e a luz, acesa. Aproximou-se da cama. Olhou para o oficial da polícia que dormia, levou a mão esquerda à parte interna do paletó e encontrou o punho da adaga.

Ergueu o braço. Era tão mais fácil agora. Mirou o coração. Da mesma forma que havia mirado o coração entalhado no tronco do carvalho. E a lâmina fez um buraco entre os nomes. Meredith e Macbeth.

— Nunca mais dormirás! Macbeth está assassinando o sono.

Seu corpo enrijeceu. Tinha sido o comissário-chefe, a droga ou ele mesmo que havia falado?

Observou o rosto de Duncan. Não, os olhos dele continuavam fechados e a respiração era ritmada. Mas, enquanto o fitava, os olhos de Duncan se abriram e calmamente encontraram os dele.

— Macbeth?

Os olhos do comissário-chefe se voltaram para a adaga.

— Achei que tivesse ouvido uns ba-ba-barulhos vindos daqui — disse Macbeth. — Vou checar.

— Meus seguranças...

— E-eu os ouvi roncar.

Duncan apurou os ouvidos por alguns instantes. Então bocejou.

— Tudo bem. Deixe que durmam. Estou seguro aqui, sei disso. Obrigado, Macbeth.

— Não foi nada, senhor.

Macbeth se dirigiu à porta. Já não mais flutuava. Uma sensação de alívio, até de *felicidade*, espalhou-se por seu corpo. Estava salvo. O comissário-chefe o libertara. Lady podia fazer ou dizer o que quisesse, mas aquilo terminava ali. Cinco passos. Levou a mão livre à maçaneta.

Então, um movimento refletido no bronze polido.

Como se estivesse em um espelho distorcido e sob a luz que vinha da porta aberta do banheiro, ele viu — como em um filme sem nexo, deformado — o comissário-chefe tirar algo de sob o travesseiro e apontá-lo para suas costas. Uma arma. Cinco passos. Distância de tiro. Macbeth reagiu por instinto. Girou nos calcanhares. Estava meio tonto, e a adaga foi lançada de sua mão enquanto ainda em movimento.

9

É claro que foi Duff quem se aproximou das duas garotas e perguntou se podia se sentar à mesa delas. Macbeth foi ao balcão do bar e comprou cerveja para todos. Ao voltar, ouviu Duff se gabando de que Macbeth e ele eram os dois melhores cadetes no último ano da academia de polícia, que suas perspectivas futuras eram mais do que excelentes e que por isso as meninas deveriam seduzi-los, caso fizessem ideia do que era bom para elas. As duas caíram na gargalhada, e os olhos daquela que se chamava Meredith faiscaram, mas ela baixou a cabeça quando Macbeth arriscou uma troca de olhares com ela. Quando o bar fechou, Macbeth a acompanhou até a saída e foi recompensado com um aperto de mão amigável e um número de telefone. Pela manhã, enquanto Duff contava em detalhes como havia satisfeito os desejos da amiga dela, Rita, numa cama estreita no dormitório das enfermeiras, Macbeth ligou para Meredith e, com a voz trêmula, a convidou para jantar.

Ele havia reservado uma mesa no Lyon e se deu conta do engano no momento que notou o olhar experiente do maître. Como o terno elegante que Duff lhe havia emprestado era largo demais, ele tivera de usar o de Banquo, que era dois números menor e tinha saído de moda fazia vinte anos. Por sorte, o vestido, a beleza e os modos delicados de Meredith serviram de compensação. A única parte do cardápio em francês que ele entendeu foram os preços. Mas Meredith lhe explicou o restante e disse que era o jeito dos franceses: eles se recusavam a aceitar que

seu idioma já não era mais uma língua mundial e, por não saberem direito o inglês, não podiam suportar a dupla humilhação de parecerem idiotas na língua de seus rivais.

— Arrogância e insegurança costumam andar juntas — concluiu ela.

— Eu sou inseguro — disse Macbeth.

— Estava pensando no seu amigo. Por que você é inseguro?

Macbeth lhe contou sobre seu passado. O orfanato, Banquo e Vera, a academia de polícia. Era tão fácil conversar com ela que se sentiu tentado, num instante de loucura, a lhe contar absolutamente tudo, até sobre Lorreal. Mas claro que não contou. Meredith disse que havia crescido na parte ocidental da cidade, com pais que não deixavam faltar nada à família, mas que também eram exigentes e nutriam grandes ambições para os filhos, sobretudo para os garotos.

— Protegidos, ricos e chatos — definiu ela. — Sabe que nunca fui ao Distrito 2 Leste? — Ela riu quando Macbeth se recusou a acreditar. — É sério! Nunca fui!

Então, depois do jantar, ele levou você até o rio. Caminharam pela estrada esburacada que corria junto a casas degradadas até a ponte Penny. E, quando ele lhe deu boa-noite ao portão, ela se inclinou e o beijou na bochecha.

Quando ele voltou para o quarto, Duff ainda estava acordado.

— Pode ir contando tudo — ordenou ele. — Devagar e em detalhes.

Dois dias depois. Cinema. *O senhor das moscas*. Voltaram para casa sob o mesmo guarda-chuva e de braços dados.

— Como as crianças podem ser tão cruéis e sanguinárias? — comentou ela, sobre o filme.

— Por que elas deveriam ser menos cruéis que os adultos?

— Elas nascem inocentes!

— Sim, inocentes e sem princípios morais. Não é a passividade pacífica algo que os adultos forçam as crianças a aprender, pra que elas reconheçam seu lugar na sociedade e permitam que eles façam com elas o que quiserem?

Beijaram-se no portão. E no domingo ele a levou para dar um passeio pela floresta do outro lado do túnel. Ele havia preparado

uma cesta de piquenique.

— Você sabe cozinhar! — exclamou ela, animada.

— Banquo e Vera me ensinaram. Sempre vínhamos aqui, ficávamos exatamente nesse lugar.

Então eles se beijaram, ela ofegou e ele enfiou a mão por baixo do seu vestido de algodão.

— Espera... — disse ela.

Ele esperou. E entalhou um coração no frondoso carvalho. Com a ponta da faca, escreveu seus nomes. Meredith e Macbeth.

— Ela está no ponto — disse Duff quando Macbeth voltou para casa e lhe contou tudo. — Vou à casa da Rita na quarta-feira. Convida a Meredith pra vir pra cá.

Macbeth havia aberto uma garrafa de vinho e acendido velas quando ela tocou a campainha. Estava preparado. Mas não para o que aconteceu: ela abriu o cinto dele assim que fecharam a porta e enfiou a mão dentro da calça dele.

— N-n-não — disse ele.

Ela olhou para ele, surpresa.

— P-p-para.

— Por que você está gaguejando?

— N-n-não quero que você faça isso.

Ela retirou a mão, as bochechas rubras de vergonha.

Depois, beberam um cálice de vinho tinto em silêncio.

— Tenho que acordar cedo amanhã — disse ela. — A época de provas está chegando e...

— Claro.

Três semanas se passaram. Macbeth ligou várias vezes, mas, nas poucas vezes que foi atendido, Rita disse que Meredith não estava.

— Entendi que você e Meredith não estão mais saindo — disse Duff.

— É.

— Rita e eu também não. Você se importa que eu saia com a Meredith?

— Vai ter que perguntar pra ela.

— Já perguntei.

Macbeth engoliu em seco. Era como se tivesse ferrões espicaçando seu coração.

— Ah, é? E o que ela disse?

— Ela aceitou.

— Sério? E quando vocês...?

— Ontem. Fomos só comer alguma coisa, mas... Foi legal.

No dia seguinte, Macbeth acordou doente. E só mais tarde foi entender que tipo de doença era aquela e que não havia remédio para um coração partido. O jeito era sofrer até passar. Sofreu em silêncio sem mencionar o nome dela para ninguém, a não ser para o velho carvalho no lado bom do túnel. E, depois de um tempo, os sintomas desapareceram. Quase totalmente. Então ele descobriu que isso de dizer que as pessoas só se apaixonam uma vez na vida não era verdade. Mas, ao contrário de Meredith, Lady era a doença e, ao mesmo tempo, o remédio. Sede e água. Desejo e satisfação. E agora a voz dela vinha alcançá-lo no outro lado do mar, no outro lado da noite.

— Querido...

Macbeth flutuava sobre a água e as nuvens, luz e escuridão.

— Acorde!

Ele abriu os olhos. Estava na cama. Devia ser noite ainda, porque estava escuro no quarto. Mas havia um elemento granulado, um imperceptível acinzentado que pressagiava o amanhecer.

— Finalmente! — sussurrou ela em seu ouvido. — Onde você estava?

— Onde? — ecoou Macbeth, tentando se apegar a um retalho do sonho. — Eu não estava aqui?

— Seu corpo, sim, mas estou tentando acordar você há horas. Era como se estivesse inconsciente. O que você fez?

Macbeth ainda se apegava ao sonho; subitamente, porém, já não sabia se era um sonho bom ou um pesadelo. Duncan... Ele o soltou, e as imagens saíram girando na escuridão.

— Suas pupilas — disse ela, com o rosto dele nas mãos. — Você se drogou, foi isso.

Ele se esquivou de Lady e da luz.

— Eu precisei.

— Mas você fez?

— Se fiz?

Ela o sacudiu com força.

— Macbeth, me responda, meu amor! Você fez o que me prometeu?

— Sim! — Ele gemeu e esfregou o rosto. — Não, não sei.

— Não *sabe*?

— Eu vejo o Duncan na minha frente com a adaga cravada, mas não sei se aconteceu de verdade ou se foi apenas um sonho.

— Tem uma adaga limpa aqui na mesa de cabeceira. Era pra você ter deixado as duas com os seguranças depois de matar Duncan, uma com cada um.

— Sim, sim, eu lembro.

— A outra está com eles? Preste atenção!

— Nunca mais dormirás. Macbeth está assassinando o sono.

— O quê?

— Ele disse isso. Ou eu sonhei.

— É melhor irmos até lá conferir.

Macbeth fechou os olhos e estendeu a mão, tentando alcançar o sonho: talvez lhe desse uma resposta. Era preferível a voltar àquele quarto. Mas o sonho já lhe escorria entre os dedos. Quando tornou a abriu os olhos, Lady estava com a orelha colada à parede.

— Ainda estão dormindo. Venha.

Ela pegou a adaga da mesa de cabeceira. Macbeth respirou fundo. Logo viriam o dia e sua luz reveladora. Ele se levantou e se surpreendeu por ainda estar totalmente vestido.

Saíram para o corredor. Nenhum ruído. Aqueles que pernoitavam no Inverness não tinham o hábito de acordar cedo.

Lady abriu a porta do quarto dos seguranças de Duncan e entrou com Macbeth. Cada guarda dormia em uma poltrona. Mas não havia adagas em lugar nenhum, tampouco havia sangue em seus ternos e em suas camisas, o que era parte do plano.

— Eu sonhei, só isso — sussurrou Macbeth. — Vamos embora. Vamos desistir disso.

— Não! — retrucou Lady.

Ela foi até a porta que dava para o quarto de Duncan. Passou a adaga para a mão direita. Então, sem nenhuma hesitação, abriu a porta e entrou.

Macbeth esperou, ouvidos atentos.

Nada.

Foi até a porta aberta.

A luz cinzenta se infiltrava pela janela.

Ela estava de pé do outro lado da cama, a adaga erguida na altura da boca. Apertava o cabo com as mãos, os olhos arregalados de pavor.

Duncan estava na cama. Os olhos abertos pareciam encarar a outra porta. Tudo em volta estava manchado de sangue. O edredom, a arma sobre o edredom, a mão no punho da arma. E o cabo curvo da adaga no pescoço de Duncan como um gancho.

— Ah, querido — sussurrou Lady. — Meu homem, meu herói, meu salvador, Macbeth.

Macbeth ia abrindo a boca para dizer alguma coisa, mas naquele momento o absoluto silêncio das manhãs de domingo foi quebrado por um som quase inaudível, mas contínuo, que vinha lá de baixo.

Lady olhou para o relógio.

— É o Duff. Ele chegou mais cedo! Querido, desça e o mantenha ocupado enquanto eu resolvo isso aqui.

— Você tem três minutos — falou Macbeth. — Não toque no sangue, senão vai deixar digitais. Está coagulando.

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele.

— Olá — disse ela. — Olha você aqui.

Ele entendeu. Finalmente, estava ali. No *foco*.

Diante da porta do Inverness, Duff sentiu um arrepio e bateu-lhe uma saudade enorme da cama quente de Caithness. Já ia apertar a campainha mais uma vez, quando a porta se abriu.

— Senhor, a entrada do cassino é mais adiante.

— Não, vim buscar o comissário-chefe.

— Ah, sim. Entre, por favor. Vou avisar que o senhor chegou. Inspetor Duff, certo?

Duff assentiu. Os funcionários do Inverness eram realmente de primeira categoria. Ele afundou em uma das poltronas incrivelmente macias.

— Não estão atendendo — informou o recepcionista. — Nem no quarto dele nem no dos seguranças.

Duff olhou no relógio.

— Qual é o quarto do Duncan?

— É o quarto número 213, senhor.

— Tudo bem se eu subir pra acordá-lo?

— Claro.

Duff estava subindo as escadas quando se deparou com um vulto familiar descendo.

— Bom dia, Duff — cumprimentou-o Macbeth. — Jack, pode ir até a cozinha e pedir uma xícara de café forte pra nós dois?

O recepcionista se foi.

— Obrigado, Macbeth, mas fui designado pra buscar o Duncan.

— Tem que ser agora? Não está um pouco cedo demais?

— Combinamos de chegar em casa a certa hora, e eu lembrei que a ponte Kenneth está fechada, então teremos que tomar o desvio pela ponte velha.

— Relaxa. — Macbeth riu e deu o braço a Duff. — Ela não está lá com um cronômetro na mão, ou está? Você parece exausto. Se for dirigir, vai precisar de um café bem forte. Vem, vamos nos sentar.

Duff hesitou.

— Obrigado, meu amigo, mas é melhor deixarmos isso pra depois.

— Uma xícara de café vai disfarçar o bafo de uísque.

— Estou pensando em me tornar abstêmio, como você.

— Sério?

— A bebida só leva a três coisas: nariz quebrado, sono e bexiga cheia. No caso do Duncan, obviamente, é o sono. Vou subir e...

Macbeth o segurou pelo braço.

— E o tesão é vítima do álcool, segundo ouvi. Aumenta a luxúria, mas reduz o desempenho. Como foi sua noite? Me conta. Devagar e em detalhes.

Duff arqueou as sobrancelhas. Devagar e em detalhes. Ele estava usando a rotina de interrogatório dos dias de academia como ironia, ou será que sabia de alguma coisa? Não, Macbeth não era chegado a circunlóquios. Não tinha paciência nem jeito para a coisa.

— Não tenho muito o que contar. Fiquei na casa de um primo meu.

— Primo? Você nunca me falou de nenhum parente. Pensei que seu avô fosse o último da família. Pronto, o café chegou. Pode deixar na mesa, Jack. E tenta falar com o Duncan mais uma vez.

Tranquilizado por saber que o recepcionista cuidaria de Duncan, Duff deu meia-volta, desceu os degraus e pegou avidamente o café. Mas não se sentou.

— Família, pois é — disse Macbeth. — Só traz peso na consciência, não é?

— É, talvez — disse Duff, que havia queimado a ponta da língua no primeiro gole e agora soprava o café.

— Como eles estão? Gostando de Fife?

— Todo mundo gosta de Fife.

— O Sr. Duncan continua sem atender o telefone.

— Obrigado, Jack. Continua tentando. Vai ter muita gente de ressaca hoje.

Duff pousou a xícara na mesinha.

— Escuta, acho que vou acordar o Duncan primeiro e tomar o café depois, pra irmos adiantando.

— Vou subir com você. Ele está num quarto do lado do nosso — explicou Macbeth, tomando um golinho do café. Deixou cair um pouco na mão e na manga do paletó. — Epa! Tem um guardanapo aí, Jack?

— Deixa eu ver...

— Só um segundo, Duff. Pronto. Obrigado, Jack. Vem, vamos.

Subiram.

— Você se machucou? — perguntou Duff.

— Não. Por quê?

— Nunca vi você subir escadas tão devagar.

— Devo ter distendido um músculo na perseguição aos Norse Riders.

— Hum.

— Enfim. Dormiu bem?

— Não — respondeu Duff. — Tive uma noite péssima. Raios, trovoadas e chuva.

— É, foi uma noite ruim.

— Então você também não pregou o olho?

— Na verdade, sim...

Duff se virou para olhar para ele.

— ... Depois que o pior da tempestade passou — concluiu Macbeth. — É aqui.

Duff deu umas batidinhas na porta. Esperou um pouco e tornou a bater. Girou a maçaneta: a porta estava trancada. Então teve um pressentimento, uma sensação de que havia algo errado.

— Tem uma chave mestra?

— Vou pedir pro Jack — respondeu Macbeth.

— Jack! — gritou Duff. E depois, mais uma vez, a plenos pulmões: — Jack!

Segundos depois, a cabeça do chefe da recepção apareceu na beirada da escada.

— Pois não, senhor?

— Vocês têm uma chave mestra?

— Temos, sim, senhor.

— Então vem abrir essa porta. Rápido.

Jack subiu e foi correndo até eles, a passos curtos, procurando a chave no bolso do paletó. Então a colocou na fechadura e a girou.

Duff abriu a porta.

Ficaram paralisados, olhando a cena. A primeira pessoa a falar foi o recepcionista.

— Puta merda.

Macbeth examinou a cena, sentindo a soleira da porta machucando a sola de seu pé, e ouviu Duff quebrar o vidro do alarme de incêndio, que imediatamente começou a soar alto. A adaga havia sido removida do lado direito do pescoço de Duncan, e Lady tinha acrescentado uma punhalada à esquerda. A arma no edredom também fora removida. Fora isso, tudo parecia igual a antes.

— Jack! — gritou Duff, acima da sirene. — Retire todos de seus quartos e reúna-os na recepção, agora. Nem uma palavra sobre o que você viu, ok?

— S-s-sim, senhor.

Portas se abriram no corredor. Do quarto mais próximo saiu Lady, descalça e de camisola.

— O que está acontecendo, querido? Um incêndio?

Ela era boa. De volta ao planejado. Macbeth ainda estava no foco e constatou naquele instante, naquele momento de aparente caos generalizado, que tudo estava no caminho certo. Naquele minuto, ele e a mulher que amava eram imbatíveis, estavam no controle total: no controle da cidade, do destino, da órbita das estrelas. E foi isso que sentiu, como o barato da droga, mais forte que qualquer droga que Hécate pudesse lhe oferecer.

— Onde foi que os seguranças dele se meteram? — gritou Duff, furioso.

Eles não imaginaram que seria Duff a testemunhar o que estava por vir, e sim um convidado mais desajeitado e assustado entre os vários que haviam hospedado nos quartos vizinhos; como Malcolm, por exemplo. Mas agora que Duff estava ali, não dava para ignorá-lo.

— Vem cá, querida — disse Macbeth. — Você também, Duff.

Ele os empurrou para dentro do quarto de Duncan e trancou a porta. Tirou a pistola de serviço no coldre preso ao cinto da calça.

— Prestem atenção: a porta estava trancada e não havia sinal de arrombamento. A única pessoa que tem uma chave mestra que abre esse quarto é o Jack...

— E eu — disse Lady. — Pelo menos é o que eu acho...

— Fora isso, só há uma possibilidade. — Macbeth apontou para a porta que dava para o quarto adjacente.

— Os seguranças que deveriam cuidar dele? — verbalizou Lady, horrorizada, tapando a boca com a mão.

Macbeth sacou a arma.

— Vou verificar.

— Eu vou com você — falou Duff.

— *Não*, não vai — rebateu Macbeth. — Esse assunto é meu, não seu.

— Mas eu vou...

— Você vai fazer o que eu mandar, inspetor Duff.

Naquele instante, Macbeth viu surpresa no rosto de Duff. Depois, concessão: o chefe da Unidade de Crime Organizado

estava acima do chefe da Homicídios.

— Cuida de Lady, ok, Duff?

Sem esperar pela resposta, Macbeth abriu a porta para o quarto contíguo, entrou e fechou a porta. Os dois ainda estavam nas poltronas. Um deles grunhiu; talvez o alarme de incêndio estivesse rompendo o pesado véu de drogas.

Macbeth lhe deu um golpe com as costas da mão.

Com um olho semiaberto, o olhar dele vagou pelo quarto e pousou em Macbeth. Permaneceu lá até, aos poucos, voltar-se para o próprio corpo.

Andrianov registrou que seu paletó preto e sua camisa branca estavam cobertos de sangue, em seguida sentiu que faltava algo. O peso da arma no coldre. Enfiou a mão no paletó e no coldre, onde seus dedos encontraram, em vez da pistola de serviço, uma lâmina de aço frio e afiado, coberta de algo pegajoso... Puxou a mão e olhou. Sangue? Estaria ainda sonhando? Gemeu. Uma parte de seu cérebro assimilou o que foi interpretado como sinal de perigo, ele tentou desesperadamente se recompor e na mesma hora olhou ao redor. Ali, no chão, ao lado da poltrona, viu sua arma. E a arma de seu colega, ao lado da outra poltrona, onde ele, aparentemente, dormia.

— O que...? — resmungou Andrianov, olhando para o cano da arma na mão do homem à sua frente.

— Polícia! — gritou o homem.

Era Macbeth. O novo chefe da... da...

— Ponham as armas onde eu possa vê-las ou eu atiro.

Andrianov apenas piscava, sem entender. Por que se sentia como se estivesse deitado num pântano? O que havia ingerido?

— Não aponte a arma pra mim! — gritou Macbeth. — Não...

Algo disse a Andrianov que ele não deveria pegar a arma do chão. O homem à sua frente não atiraria se ele continuasse sentado, sem se mexer. Mas não adiantou. Talvez todas as horas, dias, anos como segurança tivessem criado um instinto, uma reação que não era mais guiada pela vontade, *proteger sem levar em conta a própria vida*. Ou talvez fosse por ele ser exatamente assim, o que explicava por que se candidatara para aquele tipo de serviço.

Andrianov estendeu a mão para a arma, e sua vida e seu raciocínio foram interrompidos por uma bala que atravessou sua testa, seu cérebro e o recosto da poltrona e só parou ao atingir o papel de parede dourado que Lady comprara por uma pequena fortuna em Paris. A explosão provocou uma convulsão no corpo de seu colega, embora ele não tenha sequer chegado a recuperar a consciência antes de receber também um tiro na testa.

* * *

Duff correu para a porta assim que ouviu o primeiro tiro.

Mas Lady o segurou.

— Ele disse pra você...

No segundo tiro, Duff se livrou das mãos dela. Derrubou a porta e entrou de supetão. Estancou no meio do cômodo e olhou ao redor. Dois homens, cada um sentado em uma poltrona, com um terceiro olho na testa.

— Norse Riders — disse Macbeth, devolvendo ao coldre a arma ainda fumegante. — Sweno está por trás disso.

Gritos e pancadas na porta que dava para o corredor.

— Deixe que entrem — disse Macbeth.

Duff obedeceu.

— O que está acontecendo? — perguntou Malcolm, resfolegante. — Céus! Eles estão...? Quem...?

— Eu — respondeu Macbeth.

— Eles tentaram reagir — disse Duff.

Os olhos espantados de Malcolm saltavam de Duff para Macbeth.

— Reagir? Ao quê?

— Eu ia prender os dois — disse Macbeth.

— Por quê? — indagou Lennox.

— Assassinato.

— Senhor — disse Duff a Malcolm —, sinto dizer que temos más notícias.

Duff viu os olhos de Malcolm se estreitando atrás dos óculos quadrados enquanto ele se inclinava para a frente como um

boxeador se preparando para o soco que ainda não via, mas que sabia que viria. Todos se voltaram para a pessoa que apareceu no vão da porta do quarto ao lado.

— O comissário-chefe Duncan está morto — anunciou Lady. — Foi apunhalado enquanto dormia.

A última frase fez Duff se virar como um autômato para Macbeth. Não porque acrescentasse algo que ele ainda não soubesse, mas por ser um eco da mesma frase proferida ao amanhecer de um dia distante, em um orfanato, muitos anos antes.

Seus olhares se cruzaram por um breve momento e logo se desviaram.

PARTE DOIS

10

Amanhã em que o comissário-chefe Duncan foi encontrado morto em uma cama do Inverness foi a segunda vez na história do cassino que Lady ordenou que evacuassem o estabelecimento e que um aviso de FECHADO fosse afixado na porta.

Caithness chegou com todos os peritos que conseguiu chamar da Unidade de Perícia, e eles isolaram o primeiro andar inteiro.

Os demais policiais que haviam pernoitado no cassino se concentravam ao redor da mesa de roleta no ermo salão de jogos.

Duff olhou para o comissário-chefe adjunto, Malcolm, sentado à cabeceira da mesa de reunião improvisada. Ele havia tirado os óculos, talvez para limpá-los, ou pelo menos era o que fazia enquanto seus olhos estavam pregados no feltro verde da mesa, como se todas as respostas a todas as perguntas pudessem ser encontradas ali. Malcolm era o oficial da mais alta patente presente; volta e meia Duff se perguntava por que ele caminhava como um corcunda, e concluiu que, por ser um burocrata no meio de policiais experientes, sentia-se em desvantagem e, por isso, inclinava-se automaticamente para entreouvir qualquer conselho ou captar qualquer dica segredada. E talvez seu ar de abatimento não fosse por causa da bebida na véspera, mas pelo fato de ter se tornado, subitamente, comissário-chefe interino.

Malcolm bafejou as lentes dos óculos e seguiu com a limpeza. Não erguia os olhos. Como se não ousasse confrontar os olhares de seus colegas que aguardavam um comunicado seu.

Talvez Duff fosse duro demais. Todos sabiam que, ao burilar o programa de Duncan, Malcolm fizera o papel do cinzel e do martelo. Mas teria ele condições de liderá-los? Todos ali tinham anos de experiência como líderes de suas respectivas unidades, enquanto Malcolm passara seus dias, até então, a dois passos encurvados dos calcanhares de Duncan — uma espécie de assistente com salário acima do normal.

— Senhores — começou Malcolm, os olhos ainda fixos no feltro verde —, um grande homem nos deixou. E, nesse momento, isso é tudo que eu pretendo dizer sobre Duncan. — Ele pôs os óculos, levantou a cabeça e observou os rostos dos presentes à mesa. — Como comissário-chefe, ele não nos teria permitido mergulhar em tristeza e desespero em tal eventualidade; pelo contrário, teria exigido que fizéssemos o que nossa missão nos obriga a fazer: encontrar o culpado, ou culpados, e colocá-los atrás das grades. Lágrimas e homenagens ficarão pra depois. Agora, nessa reunião, vamos planejar e coordenar o que fazer primeiro. A próxima reunião será na central, às seis. Sugiro que, assim que acabar essa reunião, liguem pra suas esposas e afins...

O olhar de Malcolm pousou em Duff, que não conseguiu decifrar se havia algo nas entrelinhas.

— ... E avisem que provavelmente não vão voltar pra casa tão cedo. — Ele fez uma breve pausa. — Porque, em primeiro lugar, vocês vão prender a pessoa que tirou de nós o comissário-chefe Duncan. — Agora, uma longa pausa. — Duff, você tem a Unidade de Homicídios. Quero um relatório preliminar para a próxima reunião daqui a uma hora, inclusive tudo o que Caithness e seus peritos tenham, ou não, encontrado na cena do crime.

— Certo.

— Lennox, quero uma ficha corrida completa dos seguranças e detalhes de suas idas e vindas antes do assassinato. Onde estavam, com quem conversaram, o que compraram, qualquer alteração em suas contas bancárias, algumas perguntas delicadas sobre família e amigos. Tem livre acesso a quaisquer recursos necessários.

— Obrigado, senhor.

— Macbeth, você já colaborou bastante no caso, mas ainda vou precisar da sua ajuda. Veja se a Crime Organizado pode relacionar

esse caso a outros indivíduos, àqueles que mais se beneficiariam com a morte do Duncan.

— Não está mais do que óbvio? — perguntou Macbeth. — Nós fizemos o carregamento de drogas do Sweno afundar no rio, matamos dois deles e prendemos metade dos Norse Riders. Isso é vingança do Sweno, e...

— Não, não é óbvio — disse Malcolm.

Todos ficaram surpresos.

— Sweno tinha tudo a ganhar se Duncan continuasse com seu projeto — continuou Malcolm, cutucando algumas fichas que haviam sido largadas na mesa após a rápida evacuação. — Qual foi a primeira promessa do Duncan pra essa cidade? Prender Hécate. E agora, com os Norse Riders em desvantagem, Duncan teria concentrado todos os esforços policiais exatamente nisso. E, se Duncan tivesse conseguido, o que ele teria feito?

— Teria tirado Hécate do jogo, e Sweno poderia voltar — concluiu Lennox.

Malcolm assentiu.

— Honestamente, vocês acham mesmo que um sujeito vingativo como Sweno pensaria de forma tão racional? — questionou Macbeth.

Malcolm ergueu ligeiramente uma das sobrancelhas.

— Um homem da classe trabalhadora, sem instrução, sem nenhuma ajuda, administrou um dos negócios mais lucrativos da cidade por mais de trinta anos. Se eu acho que ele seria racional? Se eu acho que ele seria capaz de deixar de lado a sede de vingança ao vislumbrar o que é bom pro negócio dele?

— Certo — disse Duff. — Hécate é quem mais se beneficiaria com o afastamento do Duncan, então você pressupõe que ele esteja por trás disso.

— Não estou presumindo nada, mas a alta prioridade colocada por Duncan à caça a Hécate vinha sendo, como sabemos, muito discutida, e, do ponto de vista do Hécate, qualquer um que viesse a assumir o cargo seria preferível a Duncan — respondeu Malcolm.

— Ainda mais se seu sucessor fosse controlado pelo Hécate. — Ao se dar conta da insinuação que fizera, Duff fechou os olhos, arrependido. — Desculpa. Não foi minha intenção...

— Sem problema — disse Malcolm. — Podemos falar e pensar livremente aqui, e o que você disse vai ao encontro do meu raciocínio. Talvez Hécate ache que agora será mais fácil. Então vamos provar que ele está errado. — Malcolm empurrou todas as fichas para o preto. — Portanto, nossa primeira hipótese é Hécate, mas esperamos ter mais informações às seis. Ao trabalho!

Banquo sentia o sono indo embora. Sentia o sonho indo embora. Sentia Vera indo embora. Abriu os olhos, piscou. Foram os sinos da igreja que o despertaram? Não. Havia alguém no quarto. Uma pessoa sentada à janela, que, sem tirar os olhos da foto na moldura, perguntou:

— Ressaca?

— Macbeth? Como...?

— Fleance abriu pra mim. Vejo que ele ficou com o meu quarto. E até com os sapatos de bico fino que você comprou pra mim.

— Que horas são?

— E eu achando que sapatos de bico fino tinham saído de moda.

— Foi por isso que você não levou. Mas o Fleance usa qualquer coisa se souber que já foi sua.

— Tem livros e material escolar por todo canto. Ele é esforçado e está fazendo de tudo pra chegar lá.

— Sim, ele está indo bem.

— Mas, como sabemos, isso nem sempre é suficiente. São muitos os concorrentes, então é uma questão de oportunidade. Ter a habilidade e a coragem pra atacar quando a oportunidade se apresenta. Você lembra quem foi que tirou essa foto?

Macbeth a ergueu: Fleance e Banquo debaixo da macieira morta. A sombra do fotógrafo caindo sobre eles.

— Você. O que você quer?

Banquo esfregou o rosto. Macbeth acertara: estava de ressaca.

— Duncan morreu.

As mãos de Banquo caíram sobre o edredom.

— O que foi que você falou?

— Os seguranças o esfaquearam no pescoço enquanto ele dormia no Inverness, ontem à noite.

Banquo sentiu ânsia de vômito e precisou respirar fundo várias vezes seguidas para se conter.

— Essa é a oportunidade — disse Macbeth. — Quer dizer, é uma encruzilhada. Desse ponto, um dos caminhos leva ao inferno e o outro, ao céu. Estou aqui pra perguntar qual você vai escolher.

— O que você está querendo dizer?

— Quero saber se você vai me seguir.

— Já disse que sim.

Macbeth se virou para ele. Sorriu.

— Como você pode responder sem antes perguntar se isso levará você pro céu ou pro inferno?

Seu rosto estava pálido, e as pupilas, muito pequenas. Só podia ser a forte luz da manhã, porque, se não o conhecesse tão bem, Banquo pensaria que Macbeth estava se drogando de novo. Mas, no instante que estava prestes a afastar esse pensamento, uma certeza o dominou como um súbito e congelante dilúvio.

— Foi você? — indagou Banquo. — Foi você quem matou Duncan?

Macbeth inclinou a cabeça e avaliou o amigo. Avaliou-o como se avalia um paraquedas antes de saltar, uma mulher antes de beijá-la pela primeira vez.

— Sim — respondeu ele. — Matei Duncan.

Banquo mal conseguia respirar. Cerrou as pálpebras com força. Torceu para que Macbeth e tudo *aquilo* tivesse desaparecido ao tornar a abrir os olhos.

— E agora?

— Agora tenho que matar Malcolm. — Ele ouviu Macbeth dizer. — Quer dizer, *você* tem que matar Malcolm.

Banquo abriu os olhos.

— Por mim — continuou Macbeth — e pro meu príncipe herdeiro, Fleance.

11

Sentado no porão mal iluminado, Banquo ouvia o vaivém ribombante de Fleance no piso acima. O rapaz queria sair. Encontrar amigos. Talvez uma garota. Seria bom para ele.

Deixou a corrente deslizar por entre os dedos.

Dissera sim a Macbeth. Por quê? Por que havia cruzado essa fronteira tão facilmente? Teria sido por causa da promessa de Macbeth, de que ele era do povo, para o povo e com o povo, de um jeito que alguém da elite, como Malcolm, jamais poderia ser? Não. Mas simplesmente porque era impossível dizer não quando envolvia um filho. E mais impossível ainda quando envolvia dois.

Macbeth explicara que era para seguir um chamado do destino, para abrir caminho para o gabinete do comissário-chefe. Não dissera nada sobre Lady ser o cérebro por trás de tudo. Nem precisava. Macbeth preferia planos simples. Planos que não demandavam muita ponderação em momentos críticos. Banquo cerrou os olhos. Tentou imaginar como seria. Macbeth assumindo o cargo de comissário-chefe e administrando a cidade com mãos de ferro, da forma como Kenneth havia feito, mas com o objetivo sincero de torná-la um lugar melhor para todos os seus habitantes. Se o objetivo é fazer as necessárias e drásticas mudanças, a lentidão da democracia e a liberdade que ela dá à credulidade e à ingenuidade não são boas companheiras. Mãos fortes e equânimes. E então, quando Macbeth estivesse velho demais para a função, deixaria que Fleance assumisse o comando. Até lá, Banquo teria

morrido de velhice, feliz. Talvez fosse por isso que não conseguia imaginar isso.

Banquo ouviu a porta da frente bater com violência.

Mas era óbvio, mesmo que visões dessa natureza levassem um tempo para se definir com clareza.

Calçou as luvas.

Eram cinco e meia, e a chuva martelava os paralelepípedos e o para-brisa do Chevelle 454 SS de Malcolm, que seguia o trajeto sinuoso das ruas da cidade. Ele sabia que tinha sido uma estupidez adquirir um beberrão de gasolina em meio à crise do petróleo, mesmo que o tivesse comprado de segunda mão pelo que considerava uma pechincha, mas ainda assim ficava a dever em termos de responsabilidade ambiental. Primeiro perante a filha, que se dedicava ao estudo da ecologia, e também frente a Duncan, que havia enfatizado a importância de os líderes agirem com moderação. Afinal, Malcolm acabou confessando que, desde criancinha, era apaixonado pelos carrões americanos, ao que Duncan comentou que ao menos servia para provar que os economistas também eram humanos.

Não tardou para chegar à sua casa, pois felizmente era domingo e havia pouco trânsito. Tomou um banho e trocou de roupa. Uma concentração de repórteres o aguardava na entrada da central de polícia, sem dúvida à espera de um comentário ou de uma fotografia melhor do que conseguiriam na coletiva das sete e meia. O prefeito, Tourtell, já tinha feito uma aparição na TV para dar uma declaração: “Incompreensível”, “tragédia”, “nossos pensamentos estão com a família” e “a cidade deve ficar unida contra esse mal” — foi basicamente isso o que ele disse, só que de forma bem mais prolixa. Quanto a Malcolm, seu único comentário foi pedir compreensão à imprensa; seu foco estava na investigação, e ele orientou os repórteres a comparecerem à coletiva.

Malcolm desceu a rampa para o estacionamento no subsolo, acenou para o guarda que abriu a cancela e entrou rapidamente. A distância entre sua vaga e o elevador estava em proporção direta à sua posição hierárquica. E, enquanto entrava de ré na vaga, se deu

conta de que, do ponto de vista formal, *podia* ter estacionado na que estava mais próxima.

Estava prestes a tirar a chave de ignição quando a porta do passageiro se abriu e alguém se acomodou no banco traseiro, sentando-se atrás do motorista. Pela primeira vez desde o assassinato de Duncan, teve de encarar de frente um pensamento: com o cargo de comissário-chefe vinha não só uma vaga mais perto do elevador, como também uma ameaça de morte, não importava a hora nem o lugar; segurança era um privilégio concedido àqueles que estacionavam mais afastado.

— Liga o carro — ordenou a pessoa no banco de trás.

Malcolm olhou pelo retrovisor. A pessoa havia se movido tão rápida e silenciosamente que ele só pôde concluir que o treinamento do GOE era eficiente.

— O que está acontecendo, Banquo?

— Descobrimos planos pra um ataque à sua vida, senhor.

— Dentro da central?

— Sim. Dirija devagar, por favor. Temos que sair daqui. Ainda não sabemos quem está envolvido, mas presumimos que sejam as mesmas pessoas que mataram Duncan.

Malcolm sabia que deveria estar com medo. E *estava*. Mas não tanto quanto poderia. Em geral, eram as situações triviais — como estar no alto de uma escada dobrável ou rodeado de vespas iradas — que tinham o poder de desencadear reações patéticas semelhantes a um ataque de pânico. Mas, agora, naquela manhã, era como se a situação não permitisse esse tipo de medo. Muito pelo contrário: aguçava sua capacidade de pensar rápido e racionalmente, fortalecia sua determinação e, paradoxalmente, o acalmava.

— Se isso for verdade, como vou saber que você não é uma delas, Banquo?

— Se eu quisesse te matar, você já estaria morto, senhor.

Malcolm assentiu. Algo no tom de voz de Banquo lhe disse que aquele homem, menor e muito mais velho, provavelmente teria sido capaz de matá-lo com as próprias mãos, se assim o desejasse.

— Então pra onde estamos indo?

— Pro terminal de contêineres, senhor.

— Por que não pra casa, pra...

— Não vamos envolver sua família nisso, senhor. Eu explico quando chegarmos lá. Dirija. Vou me abaixar no banco. Melhor que ninguém me veja, pra não saberem que o senhor foi informado.

Malcolm se dirigiu à saída do estacionamento, recebeu um aceno do guarda, a cancela foi levantada, e então se viu de volta na chuva.

— Tenho uma reunião em...

— Vamos cuidar disso.

— E a coletiva de imprensa?

— Também. No momento, o senhor deve pensar em si mesmo. E na sua filha.

— Na Julia?

Agora Malcolm sentia. O pânico.

— Ela vai receber todos os cuidados, senhor. Agora só dirija. Vamos chegar rápido.

— O que vamos fazer?

— Tudo que tem que ser feito

Cinco minutos depois, eles cruzaram o portão do terminal de contêineres, que nos últimos anos vinha sendo deixado aberto, já que todas as tentativas de manter os mendigos e ladrões do lado de fora só tiveram como resultado cercas tombadas e fechaduras arrancadas. Era domingo, e o local estava deserto.

— Para o carro atrás daquele barracão ali — ordenou Banquo.

Malcolm seguiu as instruções, estacionando ao lado de um sedã da Volvo.

— Assina isso — disse Banquo, estendendo papel e caneta no vão entre os bancos da frente.

— O que é isso?

— Algumas linhas escritas em sua máquina de escrever. Pode ler em voz alta.

— *Os Norse Riders ameaçaram matar minha filha...*

Malcolm parou.

— Continua.

Malcolm pigarreou.

— *... Julia, caso eu não os ajudasse a matar o comissário-chefe* — leu ele. — *Mas agora eles me têm em suas mãos e querem me obrigar a fazer outros serviços para eles. Compreendo que, enquanto eu estiver vivo, minha filha estará correndo perigo. É por isso, e também pela vergonha por ter feito o que fiz, que decidi me afogar.*

— Isso é verdade — disse Banquo. — Apenas a sua assinatura nessa carta pode salvar a sua filha.

Malcolm se virou para Banquo. Deu de cara com a boca do cano da arma que ele segurava com a mão enluvada.

— Não há nenhum atentado contra a minha vida. Você mentiu.

— Sim e não.

— Você me enganou pra me trazer até aqui, me matar e me atirar no canal.

— Você vai se jogar, conforme diz a carta.

— E por que eu faria isso?

— Porque, se não fizer, dou um tiro na sua cabeça agora, vou até a sua casa e a carta de suicídio fica assim. — Banquo lhe entregou outro papel. — Apenas o final foi alterado.

— *Enquanto minha filha e eu estivermos vivos, estaremos sob ameaça. Por isso decidi tirar nossas vidas, para poupá-la da vergonha pelo que fiz e de uma vida de medo sem fim.*

Malcolm fechou os olhos. Ele entendia as palavras, elas faziam sentido, mas ainda assim foi preciso reler a carta.

— Assina, Malcolm. — A voz de Banquo soava quase reconfortante.

Malcolm fechou os olhos. Estava tão silencioso no carro que ele ouvia os estalidos da mola do gatilho da arma de Banquo. Por fim, abriu os olhos, pegou a caneta e assinou seu nome na primeira carta. Um retinir de metal no banco de trás.

— Toma — falou Banquo. — Passa em volta da cintura, por baixo do paletó.

Malcolm avaliou as correntes de pneu para neve que Banquo lhe entregava. Um lastro.

Envolveu-as em torno da cintura enquanto seu cérebro buscava uma saída.

— Deixa eu ver — disse Banquo, ajustando mais as correntes.

Então passou um cadeado e o fechou. Botou a carta assinada no banco do passageiro e, por cima, uma chave que Malcolm supôs que fosse do cadeado.

— Vem.

Saíram para a chuva. Com a arma, Banquo incitava Malcolm a seguir ao longo da beirada do cais que acompanhava um canal estreito margeando as docas principais. Os contêineres eram como paredões nas duas margens do canal. Mesmo se alguém estivesse caminhando no cais, não os veria.

— Para aqui.

Malcolm olhou para o negrume do mar, sua superfície alisada pela chuva intensa. Baixou os olhos para a água escura, esverdeada, coberta por uma camada de óleo, antes de se virar e encarar Banquo.

Banquo ergueu a arma.

— Pula, senhor.

— Você não parece o tipo de pessoa que pretende matar alguém, Banquo.

— Com todo o respeito, senhor, não acho que saiba como são essas pessoas.

— Tem razão. Mas sou bom em julgar o caráter delas.

— Tem sido até agora.

Malcolm estendeu os braços para os lados.

— Me empurre, então.

Banquo umedeceu os lábios. Mudou a pressão no gatilho.

— E então? Mostre o assassino que há em você.

— Até que, pra um burocrata, o senhor tem bastante sangue-frio.

Malcolm abaixou os braços.

— É porque sei de uma coisa sobre a perda, Banquo. Igual a você. Aprendi que somos capazes de perder a maioria das coisas. Mas há aquelas que não podemos perder, que nos farão deixar de existir mais do que se perdermos nossa própria vida. Sei que você perdeu sua esposa pra doença que essa cidade dá aos seus moradores.

— Ah, é? Como sabe disso?

— Duncan me contou. Ele me contou porque perdi minha primeira esposa pra mesma doença. E discutíamos sobre como poderíamos ajudar a fazer dessa cidade um lugar onde isso não tornaria a acontecer, onde mesmo os empresários mais poderosos fossem condenados por violar a lei, onde um assassinato fosse um assassinato, quer causado por uma arma de fogo quer pelos gases tóxicos que vão envenenando os habitantes até que seus olhos fiquem amarelos e eles exalem o cheiro de cadáver.

— Então você já perdeu o que não se pode perder.

— Não. Você pode perder a sua esposa e a sua vida ainda tem um significado. Porque você tem um descendente. Uma filha. Um filho. Imperdíveis são os nossos filhos, Banquo. Se a minha morte vai poupar a Julia, então é assim que tem que ser, valerá a pena. E outros virão depois de mim e do Duncan. Você pode até não acreditar em mim, mas esse mundo está cheio de pessoas que querem o que é bom, Banquo.

— E quem decide o que bom? Você ou os outros chefões?

— Pergunte ao seu coração, Banquo. Seu cérebro vai te enganar. Pergunte ao seu coração.

Malcolm achou que Banquo pareceu hesitar. Sentia a boca e a garganta secas, já estava rouco.

— Você pode me cingir com quantas correntes quiser, Banquo, não vai fazer a mínima diferença, porque vamos subir até a superfície. O bom tem flutuabilidade. E eu juro que vou voltar à tona e revelar suas maldades.

— Elas não são minhas, Malcolm.

— Hécate. Suas. Vocês estão no mesmo barco. E nós dois sabemos qual rio o barco vai atravessar e onde você vai acabar em breve.

Banquo assentiu devagar.

— Hécate — disse ele. — Exatamente.

— O quê?

Banquo parecia fitar um ponto na testa de Malcolm.

— Está certo, senhor. Trabalho pro Hécate.

Malcolm tentou decifrar o sorriso frouxo de Banquo. Água escorria pelo rosto dele, como se chorasse, pensou. Será que realmente hesitava? Malcolm sabia que precisava continuar

falando, precisava fazer Banquo falar, porque cada palavra, cada segundo prolongava sua vida. Aumentava a reduzida chance de que Banquo mudasse de ideia ou de que alguém aparecesse.

— Por que afogamento, Banquo?

— Hã?

— Atirar em mim no carro e fazer com que parecesse suicídio teria sido bem mais fácil.

Banquo deu de ombros.

— Há várias maneiras de se esfolar um gato. Se a cena do crime é embaixo da água, não há provas, caso suspeitem de assassinato. E o afogamento é menos cruel. É como cair no sono.

— Por que você acha isso?

— Porque eu sei. Quase morri afogado duas vezes quando era jovem.

O cano da arma de Banquo não havia abaixado quase nada. Malcolm calculou a distância entre eles.

Engoliu em seco.

— Por que você quase se afogou, Banquo?

— Porque cresci na zona leste da cidade e nunca aprendi a nadar. Não é engraçado que numa cidade como essa, à beira-mar, as pessoas ainda morram afogadas? Por isso tentei ensinar meu menino a nadar. O esquisito é que ele também não aprendeu. Talvez porque era alguém que não sabia nadar que estava tentando ensinar. Se nós afundamos, eles afundam, é assim que o nosso destino é passado adiante. Mas pessoas como você conseguem nadar, Malcolm.

— Daí as correntes, presumo.

— Sim.

O cano da arma foi erguido mais uma vez. A hesitação se foi e a determinação retornou aos olhos de Banquo. Malcolm respirou fundo. A chance tinha estado lá e agora se fora.

— Boas pessoas ou não — disse Banquo —, você tem a flutuabilidade que nos falta. E preciso ter certeza de que vai ficar debaixo da água. De que não vai subir à superfície. Caso contrário, significa que não fiz meu trabalho. Você entende?

— Se eu entendo?

— Me dá seu distintivo da polícia.

Malcolm pegou o distintivo de bronze no bolso do paletó e o entregou a Banquo, que o atirou fora imediatamente. O emblema voou sobre a borda do cais, bateu na água e afundou.

— É de bronze. Brilha, mas vai bater direto no fundo. Isso se chama gravidade, senhor, e arrasta tudo pro lodo. Você precisa desaparecer, Malcolm. Desaparecer pra sempre.

Na sala de reuniões, Macbeth olhou para o relógio: seis e vinte e nove da tarde. A porta se abriu novamente e uma moça que Macbeth reconheceu como a assistente de Lennox enfiou a cabeça na sala para avisar que ainda não tinham conseguido entrar em contato com Malcolm. Só o que sabiam era que ele chegara à central, dera meia-volta na garagem mesmo e fora embora. Ninguém, nem sua filha, sabia de seu paradeiro.

— Obrigado, Priscilla — agradeceu-lhe Lennox e se virou para os presentes. — Sendo assim, acho que deveríamos dar início a essa reunião com...

Macbeth sabia que aquele era o momento. O momento a que Lady havia se referido, o momento de vácuo de liderança, quando todos, inconscientemente, veriam como seu novo líder aquele que assumisse o controle da situação. Por essa razão, sua interrupção foi firme e clara:

— Um minuto, Lennox. — Macbeth se virou para a porta. — Priscilla, pode organizar uma busca por Malcolm e pelo carro dele? Por enquanto, acione só os carros da patrulha. E transmita a mensagem da forma mais discreta possível, dizendo que a central deseja entrar em contato com ele assim que possível... Esse tipo de coisa. Obrigado. — Então ele se virou para os outros. — Desculpa por me apoderar de sua assistente, Lennox, mas acho que a maioria de nós aqui compartilha da minha preocupação. Então, vamos começar a reunião. Alguém se opõe a que eu assuma os trabalhos até que Malcolm chegue?

Correu os olhos pela mesa. Caithness. Lennox. Duff. Viu como tiveram de pensar antes de concluírem o que Lennox enfim declarou, muito teso, após um pigarrear:

— Você é o próximo na linha de comando, Macbeth. Vá em frente.

— Obrigado, Lennox. Aliás, se incomoda de fechar a janela atrás de você? Vamos começar pelos seguranças. A Unidade Anticorrupção já tem alguma informação sobre eles?

— Ainda não — respondeu Lennox, tentando fechar os trincos da janela. — Não há nada que sugira irregularidades nem nada que possa ser considerado suspeito. Na verdade, a falta de irregularidades é o único ponto suspeito.

— Nada suspeito, nenhuma conexão nova, nenhuma compra incomum de artigo de luxo ou movimentação fora do padrão nas contas bancárias?

— Não — respondeu Lennox. — Parecem tão limpos quanto uma armadura brilhante.

— Acho que eles *estavam* limpos — falou Duff. — Mas mesmo os cavaleiros de armadura brilhante podem ser subornados e corrompidos se você descobrir apenas uma fissura em sua armadura. E o Hécate achou essa fissura.

— Se ele achou, nós também vamos achar — afirmou Macbeth. — Continue procurando, Lennox.

— Claro. — Seu tom sugeria um espaço para "senhor" ao final. Não foi verbalizado, embora tenha sido ouvido por todos.

— Você mencionou que falou com os oficiais infiltrados da sua antiga unidade, Duff. E então?

— Eles dizem que o assassinato foi um choque pra todos na rua. Ninguém sabia de nada. Mas, de antemão, são da opinião de que o Hécate está por trás disso. Um garoto lá na Estação Central mencionou alguma coisa sobre ter visto um policial procurando drogas. Não posso garantir que não era um dos nossos homens à paisana, mas tenho certeza de que não era um dos seguranças. Vamos continuar procurando pistas que possam nos levar ao Hécate. O que é, como todos sabemos, tão difícil quanto achar o Sweno.

— Obrigado, Duff. Cena do crime, Caithness?

— Resultados previstos — respondeu ela, consultando as anotações à sua frente. — Identificamos várias impressões digitais no quarto do falecido, e elas correspondem às das três camareiras, dos seguranças e dos que encontraram o corpo: Lady, Macbeth e Duff. Além de um conjunto de impressões que não tínhamos

conseguido por um tempo, mas que agora temos uma correspondência com as impressões dos ocupantes anteriores do quarto. Então, quando digo resultados previstos, não é exatamente verdade; geralmente, quartos de hotel estão repletos de impressões digitais não identificadas.

— A proprietária do Inverness leva a limpeza *muito* a sério — informou Macbeth secamente.

— O setor de patologia confirmou a causa direta da morte: duas facadas. As feridas coincidem com as adagas que foram encontradas. E, embora tenham sido limpas no lençol e nas roupas dos próprios seguranças, ainda havia mais que o suficiente de sangue nas lâminas e nos cabos pra afirmar que era do falecido.

— Podemos dizer Duncan em vez de falecido? — pediu Macbeth.

— Claro. Uma adaga tem mais sangue que a outra, indicando que foi aquela que cortou a carótida do fa... do Duncan, o que explica os respingos de sangue no edredom, como podem ver nessa fotografia. — Caithness fez deslizar para o centro da mesa uma foto em preto e branco, que todos examinaram prontamente. — O relatório completo da necropsia estará pronto amanhã de manhã. Então saberemos mais.

— *Mais* sobre o quê? — indagou Duff. — O que ele comeu no jantar? Isso todos sabemos, já que comemos a mesma coisa. Ou as doenças que ele tinha e que *não* o mataram? Se quisermos manter o ritmo, é essencial que nos concentremos nas informações importantes.

— Uma necropsia — começou Caithness, e Macbeth notou um tremor em sua voz — pode confirmar ou desmentir a suposta sequência de eventos. Presumo que isso seja muito importante.

— E é, Caithness — disse Macbeth. — Mais alguma coisa?

Ela mostrou novas fotografias, discorreu sobre outras evidências médicas e técnicas, mas nenhuma apontava para uma direção diferente daquele que era o consenso geral à mesa: os seguranças haviam matado Duncan. Todos concordavam também que os dois não pareciam ter um motivo, portanto outras forças deviam estar por trás do assassinato, mas a subsequente discussão — se alguém

além de Hécate teria sido o responsável — não apenas foi breve, como também improdutiva.

Macbeth sugeriu adiar a coletiva para as dez horas, dependendo de onde Malcolm estivesse e de suas instruções. Lennox observou que às nove seria um horário mais conveniente para a imprensa, já que as matérias precisavam ser entregues mais cedo no domingo.

— Obrigado, Lennox, mas o que conta é nossa agenda e não os cifrões das vendas de jornais — disse Macbeth.

— Acho isso uma estupidez — falou Lennox. — Como a nova equipe gestora, não é prudente nos tornarmos impopulares diante da imprensa logo na primeira oportunidade.

— Sua opinião foi registrada — firmou Macbeth. — A menos que Malcolm apareça e diga algo diferente, vamos nos encontrar aqui às nove e então revisamos o que deve ser dito na coletiva.

— E quem vai dar a coletiva? — indagou Duff.

Antes que Macbeth tivesse a chance de responder, a porta se abriu. Era Priscilla.

— Desculpe interromper. É que uma das nossas viaturas de patrulha informou que encontrou o carro do Malcolm estacionado no terminal de contêineres. Vazio, sem nenhum sinal dele.

Macbeth sentiu o silêncio na sala. Saboreou o conhecimento que só ele tinha. E o controle que isso lhe dava.

— Em que parte do terminal? — indagou ele.

— No cais ao longo de um dos canais.

Macbeth foi assentindo aos poucos.

— Envie mergulhadores.

— Mergulhadores? — questionou Lennox. — Não é um pouco prematuro?

— Acho que Macbeth está certo — interrompeu-o Priscilla, que recebeu os olhares perplexos de todos ali. Ela engoliu em seco. — Eles encontraram uma carta no banco do carro.

12

A coletiva de imprensa começou às dez em ponto. Quando Macbeth entrou no Scone Hall e dirigiu-se à tribuna, flashes dispararam de todos os ângulos, lançando grotescas e fugidias sombras de seu corpo na parede atrás. Ele ajeitou a papelada no suporte de leitura à sua frente e passou os olhos rapidamente pela plateia, antes de pigarrear e constatar que todas as fileiras estavam ocupadas. Nunca havia gostado de falar em público. No passado, muito tempo antes, a mera ideia lhe causava um medo que nem a missão mais perigosa poderia lhe dar. Mas tinha melhorado. E agora, nessa noite, sentia-se feliz. Saboreando o momento. Porque estava no controle e sabia algo que eles não sabiam. E também porque tinha acabado de cheirar uma carreirinha de brew. Não precisava de mais nada.

— Boa noite. Sou o inspetor Macbeth, chefe da Unidade de Crime Organizado. Como vocês sabem, o comissário-chefe Duncan foi encontrado morto no cassino Inverness, às seis e quarenta e dois dessa manhã. Na sequência, os dois suspeitos iniciais, os policiais Andrianov e Hennessy, que atuavam como seguranças de Duncan, foram baleados e mortos pela polícia no quarto adjacente, ao resistirem à prisão. Uma hora atrás vocês receberam um relato detalhado do curso das investigações, inclusive as mais recentes apurações e suposições sobre o caso, de modo que não vamos nos estender muito. Mas eu gostaria de acrescentar alguns pontos de natureza mais técnica.

Quando Macbeth fez uma pausa para tomar ar, um jornalista não se conteve:

— E o que se sabe sobre o Malcolm?

A pergunta repercutiu em ondas.

— Ele está morto? — lançou outro jornalista.

Macbeth baixou os olhos para as anotações. Colocou-as de lado.

— Se esses questionamentos significam que a imprensa considera que já abordamos tudo que é da nossa alçada sobre o assassinato do comissário-chefe, então podemos tratar agora do desaparecimento do comissário-chefe adjunto.

— Não, mas vamos às prioridades — exigiu um dos jornalistas mais velhos. — Temos prazos a cumprir.

— Ok — concordou Macbeth. — Como vocês parecem saber, o comissário-chefe adjunto Malcolm não compareceu à reunião das dezoito horas na central de polícia. Considerando que no mesmo dia o comissário-chefe foi encontrado morto, isso é um fato muito preocupante. Portanto, iniciamos uma busca, e o carro do Malcolm foi localizado nessa tarde, no terminal de contêineres. Toda a área foi vasculhada, inclusive por mergulhadores. E eles encontraram... —

— O corpo?

— ... Isso. — Macbeth levantou uma peça de metal redonda que resplandeceu sob os intensos fachos de luz dos canais TV. — É o distintivo do Malcolm, achado no fundo do mar perto do cais.

— Vocês acreditam que alguém o matou?

— Possivelmente — respondeu Macbeth, sem pestanejar, no silêncio ensurdecedor que se seguiu. — Isso se Malcolm for considerado esse *alguém*. — Ele correu o olhar pela plateia e continuou: — Encontramos uma carta no banco da frente do carro dele.

Macbeth pegou a carta. Pigarreou.

— *Os Norse Riders ameaçaram matar minha filha Julia, caso eu não os ajudasse a matar o comissário-chefe. Mas agora eles me têm em suas mãos e querem me obrigar a fazer outros serviços para eles. Compreendo que, enquanto eu estiver vivo, minha filha estará correndo perigo. É por isso, e também pela vergonha por ter feito o*

que fiz, que decidi me afogar. Está assinada pelo comissário-chefe adjunto.

Macbeth olhou para os jornalistas ali reunidos.

— A primeira pergunta que nós, e provavelmente todos vocês, estamos nos fazendo é se a carta é autêntica. Nossa Unidade de Perícia confirmou que foi escrita na máquina de escrever do Malcolm, aqui na central. O papel contém impressões digitais dele e a assinatura confere com a original.

Era como se a plateia precisasse de alguns segundos para digerir as informações. Então, vieram vozes estridentes.

— Há mais algum indício que confirme a participação do Malcolm no assassinato do Duncan?

— De que forma Malcolm teria ajudado os Norse Riders a matar Duncan?

— Qual é a conexão entre Malcolm e os seguranças?

— Vocês acham que há mais algum policial envolvido?

Macbeth ergueu as palmas das mãos.

— Não vou responder a nenhuma pergunta sobre o assassinato do Duncan agora, pois tudo seria apenas especulação. Somente perguntas sobre o desaparecimento do Malcolm. E um de cada vez, por favor.

Silêncio. Então a única jornalista no salão se pronunciou:

— É correto concluirmos que foi encontrado o distintivo do Malcolm, mas *não* o Malcolm?

— Temos um fundo lamacento pra enfrentar, sem falar que a água do nosso porto não é das mais limpas. Um frágil distintivo de bronze não necessariamente afunda na lama da mesma maneira que um corpo, e o bronze reflete a luz. Levará algum tempo pra que os mergulhadores encontrem Malcolm.

Macbeth viu os jornalistas se lançarem sobre seus blocos de anotação.

— A razão mais óbvia não seria que a correnteza levou o cadáver embora? — sugeriu uma voz com "r" embolado.

— Sim — respondeu Macbeth, e localizou o rosto a que pertencia aquela voz.

Um dos poucos que não anotavam nada. Walt Kite. Também pudera, o microfone de sua estação de rádio estava diante de

Macbeth.

— Se Malcolm matou Duncan e se arrependeu, por que...

— Para. — Macbeth ergueu a mão. — Como já avisei, não responderei a perguntas sobre o assassinato do Duncan até termos mais informações. E agora, por favor, entendam que precisamos voltar ao trabalho. A prioridade número um pra nós é investigar esse caso da forma mais rápida e eficiente possível com os recursos de que dispomos. Também precisamos nomear um comissário-chefe com a maior presteza, pra darmos continuidade ao restante do trabalho que a polícia vem fazendo pra essa cidade.

— É correto que você seja o interino nesse momento, Macbeth?

— Formalmente, sim.

— E na prática?

— Na prática... — Macbeth fez uma pausa. Consultou rapidamente suas anotações. Umedeceu os lábios. — Fazemos parte de um grupo de experientes chefes de unidade que já assumiram o comando e não receio dizer que estamos no controle. Tampouco receio dizer que atuar como substituto do Duncan vai demandar um bocado de trabalho. Duncan era um homem visionário, um herói que morreu na luta contra os poderes do mal, que presumem que hoje obtiveram uma vitória. — Macbeth segurou com força o suporte de leitura e se inclinou para a plateia. — Mas tudo o que eles conseguiram foi nos tornar ainda mais convencidos de que essa batalha perdida será o começo do avanço rumo à vitória final em prol do poder do bem. Em prol da justiça. Em prol da segurança. De forma a reconstruir, restabelecer e recuperar a prosperidade. Mas não podemos fazer isso sozinhos; pra tanto, precisamos da confiança de vocês e da confiança da cidade. Só assim daremos sequência ao trabalho que o comissário-chefe Duncan iniciou. E eu ... — Macbeth fez uma pausa e ergueu a mão como se fizesse um juramento — ... Gostaria de garantir pessoalmente que não vamos descansar enquanto não tivermos alcançado os objetivos que Duncan estabeleceu pra essa cidade e pra todos, absolutamente *todos* os seus habitantes.

Macbeth tirou as mãos do suporte de leitura e se aprumou. Olhou para os rostos à sua frente, que se transformaram em uma massa nebulosa de olhos e bocas. Não, não tinha medo. Percebia o

impacto que causara e ainda saboreava o som das próprias palavras. Palavras de Lady. Ele havia se posicionado no momento certo. Ela ensaiara com ele diante do espelho e lhe explicara que a linguagem corporal assertiva passava a impressão de capacidade espontânea de iniciativa e de ação, e que a comunicação corporal era mais importante do que as palavras que ele usava porque driblava o cérebro e falava diretamente ao coração.

— A próxima coletiva será amanhã às onze, aqui mesmo, no Scone Hall. Obrigado.

Enquanto Macbeth recolhia a papelada, ouviu-se uma chiadeira antes de uma enxurrada de queixas e perguntas. Macbeth deu uma espiada no salão. Por ele, ficaria ali mais alguns segundos. Conseguiu — com alguma dificuldade — disfarçar um flash de sorriso no último instante.

Ele parece um maldito capitão de barco, pensou Duff, sentado na primeira fila. Um capitão destemido encarando o mar tempestuoso. Alguém o treinou. Esse não é o Macbeth que eu conheço. Conhecia.

Macbeth assentiu de leve, atravessou o tablado e desapareceu pela porta aberta por Priscilla.

— O que achou, Lennox? — perguntou Duff, enquanto os jornalistas ainda gritavam, pedindo mais respostas.

— Estou comovido — disse o inspetor ruivo. — E inspirado.

— Exatamente. Foi mais um discurso eleitoral do que uma coletiva de imprensa.

— Você pode interpretar assim. Ou como uma inteligente e responsável jogada tática.

— Responsável? — bufou Duff.

— Uma cidade, um país se fundamenta em noções. A noção de que notas de dinheiro podem ser trocadas por ouro; a noção de que nossos líderes pensam em você e em mim, e não no próprio bem; a noção de que os crimes serão punidos. Se não acreditássemos nessas noções, a sociedade civilizada se desintegraria assustadoramente rápido. E, em uma situação como essa, em que a anarquia está batendo à porta, Macbeth acabou de nos garantir que as instituições públicas da cidade estão intactas. Foi um discurso digno de um estadista.

— Ou de *uma* estadista.

— Você acha que essas palavras foram da Lady, não do Macbeth?

— As mulheres conhecem os meandros do coração e sabem falar aos sentimentos. Porque o coração é o feminino em nós. Embora o cérebro seja maior, fale mais e jure que é o marido quem manda em casa, é o coração que discretamente toma as decisões. Se o discurso tocou seu coração, sua mente o segue de bom grado. Acredite, Macbeth não tem isso em seu íntimo; o discurso é obra dela.

— E daí? Todos nós precisamos de uma cara-metade que nos torne melhores. Desde que o resultado seja o que queremos, pouco importa se o diabo em carne e osso estiver por trás disso. Espero que você não esteja com inveja.

— Inveja? — bufou Duff. — Por que eu teria inveja do Macbeth? Ele se posiciona e se comunica como um líder de verdade, e se também age como líder, obviamente é melhor pra todos nós que seja ele a liderar, e não outra pessoa.

Barulheira de cadeiras sendo arrastadas. Macbeth não retornou à tribuna, e a imprensa tinha prazos a cumprir.

Faltava uma hora para a meia-noite. O vento serenara, mas continuava soprando lixo e entulho pelas ruas, após a tempestade da noite anterior. O noroeste úmido havia se tornado um vento encanado que pegou velocidade ao avançar pelos corredores do saguão da Estação Central, ao passar por um pacote encostado na parede e, alguns metros adiante, por um homem com uma echarpe que lhe cobria o nariz e a boca.

Strega se aproximou.

— Com medo de ser reconhecido, Macbeth?

— Shh, não fala meu nome. Acabei de fazer um discurso e receio ter deixado de ser um anônimo.

— Eu vi o noticiário da noite. Você ficou bem na tribuna. E acreditei em quase tudo que você disse. Se bem que um rostinho bonito sempre produz esse efeito em mim.

— Como você faz pra aparecer assim do nada toda vez que eu entro aqui?

Strega sorriu.

— Brew?

— Não tem outra coisa? Anfetamina? Cocaína? Tenho tido alucinações e pesadelos medonhos por causa dessa droga de vocês.

— Foi a tempestade, não a brew, a causa desses pesadelos, Macbeth. Eu mesma, que não chego perto de drogas, sonhei que todos os cachorros tinham enlouquecido com os trovões. Eu os vi avançando uns contra os outros, espumando pela boca. E comiam outros cães vivos. Acordei encharcada de suor, mas feliz por estar de volta à realidade.

Macbeth apontou para o pacote no corredor.

— Ali está seu sonho.

— O que é?

— É o cadáver de um cão parcialmente comido. Não está vendo?

— Acho que as alucinações estão voltando. Toma. — Ela pôs um saquinho na mão dele. — Brew. Não vai perder o juízo agora, hein, Macbeth. Lembre-se de que o caminho é simples, basta seguir em frente.

Enquanto passava por Bertha e apertava o passo na deserta Praça dos Operários, naquele trecho em declive que ia até a fachada iluminada do Inverness, Macbeth percebeu um vulto na escuridão, debaixo de chuva. Ao se aproximar, surpreendeu-se ao ver Banquo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Macbeth.

— Esperando você.

— Entre a Bertha e o Inverness, onde não pode se abrigar em nenhum dos dois?

— Eu não conseguia me decidir — disse Banquo.

— Sobre onde me esperar?

— Não, sobre o que fazer com o Malcolm.

— Não prendeu as correntes nele, foi isso?

— O quê?

— Os mergulhadores ainda não encontraram o corpo. Sem um lastro, a correnteza deve empurrá-lo pra bem longe.

— Não é isso.

— Não? Vamos pro Inverness. Se ficarmos aqui vamos congelar.

— Tarde demais pra mim. Todo o meu corpo está congelado. Fiquei esperando você aqui porque tem jornalistas em frente ao cassino. Estão esperando você, o novo comissário-chefe.

— Então vamos adiantar essa conversa. O que aconteceu?

— Esfolei o gato de um jeito diferente. Mas você não tem com o que se preocupar. Malcolm se foi pra sempre, nunca mais vai voltar. E, mesmo que volte, não terá a menor ideia de que você faz parte disso. Ele acha que é o Hécate quem está por trás de tudo.

— Do que você está falando? O Malcolm está *vivo*?

Banquo sentiu um arrepio.

— Malcolm acredita que eu me associei ao Hécate e que fui eu quem influenciou os seguranças do Duncan. Compreendo que não foi esse o combinado, mas resolvi nosso problema e salvei a vida de um homem bom.

— Onde ele está agora?

— Ele se foi.

— Onde? — insistiu Macbeth, e percebeu, pela reação de Banquo, que havia levantado a voz.

— Eu o levei pro aeroporto e o coloquei num avião pra Capitol. De lá, seguirá pro exterior. Ele sabe que se tentar entrar em contato com alguém ou se der a menor indicação de estar vivo, a filha dele morre no mesmo instante. Malcolm é pai, Macbeth. Sei o que isso significa. Nunca arriscaria a vida da filha, *nunca*. Teria preferido deixar uma cidade ser varrida do mapa. Pode acreditar, mesmo confinado num sótão sob as condições mais inclementes e sofrendo com uma infestação de pulgas pelo corpo, Malcolm vai acordar todas as manhãs com fome, frio e sozinho e ainda assim vai agradecer ao criador por sua filha poder viver mais um dia.

Macbeth ergueu a mão e viu nos olhos de Banquo algo que só tinha visto uma vez. Não naquelas inúmeras operações policiais em que saíram juntos em missão contra bandidos ou tresloucados que mantinham crianças como reféns, nem naquelas vezes em que Banquo enfrentara um adversário maior, mais forte, mesmo sabendo que levaria uma baita surra, o que de fato aconteceu. Macbeth só tinha visto aquela expressão no rosto de Banquo uma vez, e foi quando ele voltou para casa depois de visitar Vera no hospital e de o médico lhe informar os resultados dos últimos

exames. Medo. Medo puro, medo cristalino. E, por esse motivo, suspeitava que o medo que Banquo sentia não era pela própria vida.

— Obrigado — disse Macbeth, apoiando a mão pesada no ombro de Banquo. — Obrigado, meu querido amigo, por ter tido a bondade que me faltou. Julguei que a vida de um homem fosse um sacrifício pequeno diante de um propósito tão grande quanto o nosso. Mas você tem razão: uma cidade não pode ser salva da ruína deixando homens bons morrerem sem necessidade. Se esse podia ser poupado, então deveria ser poupado. E talvez você tenha salvado a nós dois de acabarmos no inferno por um ato de tamanha crueldade.

— Fico feliz por você pensar assim — exclamou Banquo, e Macbeth sentiu os músculos trêmulos do ombro de Banquo relaxarem sob sua mão.

— Vá pra casa e descanse, Banquo. E mande lembranças pro Fleance.

— Pode deixar. Tenha uma boa noite.

Macbeth atravessou a praça, pensativo. Às vezes, bons homens morrem sem necessidade, pensou. Às vezes, porém, é necessário. Alcançando a área iluminada pelas luzes do Inverness, ignorou as perguntas dos jornalistas sobre Malcolm, sobre os seguranças de Duncan, sobre ter sido ele quem atirou nos dois.

Ao entrar, foi recebido por Lady.

— Transmitiram toda a coletiva ao vivo na TV, e você foi fantástico — disse ela, abraçando-o. Ele jamais a deixaria ir embora. Segurou-a firme contra si até sentir o calor retornando ao próprio corpo. Sentiu as maravilhosas correntes elétricas percorrerem suas costas quando os lábios dela tocaram sua orelha e ela sussurrou: — Comissário-chefe.

Em casa. Com ela. Os dois juntos. Era tudo que ele queria. Mas teve de fazer por merecer. É assim que as coisas funcionam neste mundo. Não só neste, pensou ele, como no próximo.

— Veio pra casa?

À porta do quarto dos filhos, Duff se virou para a voz atrás de si. Meredith estava com os braços cruzados por cima do roupão e

tremia de frio.

— Não vou demorar — disse ele, baixinho. — Não queria acordar você. Ewan não quer mais dormir no quarto dele? — Apontou a cabeça para o filho, todo aconchegado ao lado da irmã mais velha.

Meredith suspirou.

— Ele agora deu pra ir pra cama da Emily quando não consegue dormir. Pensei que você fosse ficar na cidade enquanto estivessem investigando esses incidentes pavorosos.

— Vou. Vou ficar sim, mas precisava escapar um pouco. Trocar de roupa. Ver se vocês ainda estavam vivos. Pensei em tirar um cochilo de algumas horas no quarto de hóspedes e depois voltar.

— Tudo bem, vou forrar a cama. Está com fome?

— Não. Vou comer um sanduíche quando acordar.

— Posso fazer o café da manhã pra você. Não consigo dormir mesmo.

— Volte pra cama, Meredith. Ainda vou ficar acordado mais um pouco. Depois eu mesmo forro a cama.

— Você que sabe.

Ela ficou parada ali, de braços cruzados, olhando para ele, mas Duff não via os olhos da esposa na escuridão. Ela se virou e se afastou.

13

— Mas eu quero saber *por quê* — falou Duff, colocando os cotovelos na mesa e apoiando o queixo nas mãos. — Por que Andrianov e Hennessy não fugiram? Por que os dois seguranças matariam o chefe e depois iriam dormir no quarto ao lado, cobertos de sangue e de evidências incontestáveis da cabeça aos pés? Vocês são detetives, porra! Devem ter no mínimo algumas *sugestões*!

Ele olhou ao redor. Vários dos 12 detetives da Unidade de Homicídios estavam sentados à sua frente, mas a única boca que se abriu foi para dar um bocejo. Era segunda-feira de manhã. Seria por isso que mal se comunicavam e pareciam acanhados e distraídos? Não, aqueles rostos estariam igualmente cansados no dia seguinte, a menos que alguém botasse o pau na mesa. Havia uma razão para que a Homicídios estivesse sem chefe. Dois meses antes, Duncan dera um ultimato ao então chefe da unidade: ou ele se demitia ou seria aberto um inquérito interno para investigá-lo por suspeita de corrupção. Não havia candidatos com qualificação para o cargo. Sob a gestão de Kenneth, a Unidade de Homicídios tivera a menor taxa de solução de crimes do país, e a corrupção não foi a única causa. Enquanto sua correspondente em Capitol ficava com os melhores profissionais, a da central se resumia a uma ralé de desinteressados e desclassificados.

— Isso tem que mudar — Duncan havia declarado. — O sucesso ou o fracasso da Unidade de Homicídios é um forte determinante na confiança que a população deposita na polícia. É

por isso que estou colocando um dos nossos melhores oficiais no cargo. Você, Duff.

Duncan tinha um jeito inspirador de dar más notícias à sua equipe. Duff bufou. A seu lado havia uma pilha de relatórios que não valiam nem o papel em que tinham sido registrados — interrogatórios inúteis, testemunhos tomados dos clientes do Inverness, todos relatando a mesma coisa: ninguém tinha visto nem ouvido nada além da chuva. Duff sabia que o silêncio ao redor da mesa talvez fosse simplesmente por medo da fúria de sua reação, mas estava pouco se lixando. Aquilo não era um concurso de popularidade, e, se a condição para eles agirem fosse o medo, não via nenhum problema nisso.

— Então nossa conclusão é de que os culpados estavam apenas dormindo o sono dos justos, é isso? Como se tivessem tido um dia de trabalho cansativo. Qual dos idiotas aqui vota a favor disso?

Nenhuma reação.

— E quem *não* acredita nisso?

— Não "dos justos" — argumentou Caithness, que acabara de entrar. — E sim "dos sedados". Desculpe o atraso, é que precisei buscar isso aqui. — Ela abanou algo horroroso, parecidíssimo com um relatório. E de fato era, como Duff concluiu quando a coisa aterrissou com um baque sobre a pilha de papel que jazia sobre a mesa. Mais precisamente, um relatório forense. — Amostras de sangue de Andrianov e de Hennessy apontaram uma quantidade de benzodiazepínicos suficiente pra que eles dormissem por umas 12 horas — explicou ela, sentando-se em uma das cadeiras vagas.

— Seguranças que tomam remédio pra dormir? — questionou Duff, incrédulo.

— Ajudam a acalmar — sugeriu um cara que se balançava nos pés da cadeira, nos fundos da sala. — Pode ser que você fique um pouco nervoso se vai matar seu chefe. Muitos ladrões de bancos tomam esses comprimidos da paz.

— Por isso é que fazem um monte de merda — completou um detetive com tique nervoso no nariz e coldre de ombro sobre a camisa polo branca.

Risadas. Breves.

— E você, Caithness, o que acha? — indagou Duff.

Ela deu de ombros.

— Detecção de drogas não é minha especialidade, mas me parece óbvio que eles precisavam de algo pra acalmar os nervos. O problema é que não conheciam muito bem as substâncias e por isso erraram na dose. Durante a execução, as drogas cumpriram seu papel: o nervosismo sumiu, os reflexos ainda eram rápidos e os cortes certeiros comprovam movimentos seguros. Mas depois, quando a substância química alcançou o pico, eles perderam o controle. Vagaram a esmo, se lambuzaram de sangue até simplesmente adormecerem nas poltronas.

— Típico — disse o detetive de camisa polo. — Uma vez capturamos dois assaltantes de banco que pegaram no sono no carro em que estavam fugindo, ao pararem no sinal vermelho. Não estou de brincadeira. Criminosos são tão idiotas que...

— Obrigado — interrompeu-o Duff. — Como você sabe que os reflexos deles ainda eram rápidos?

Caithness deu de ombros.

— Quem deu o primeiro golpe conseguiu se livrar da adaga antes que o sangue jorrasse. Nosso especialista garante que o sangue no cabo é de esguicho, não escorreu, não pingou nem foi passado nele.

— Sendo assim, concordo com todas as suas outras conclusões — disse Duff. — Quem discorda?

Nenhuma reação.

— Alguém concorda?

Silenciosos acenos de cabeça.

— Muito bem, vamos dizer então que isso explique esse ponto. Agora vamos desatar outro fio solto dessa meada. O suicídio do Malcolm. — Duff ficou de pé. — A carta dele diz que os Norse Riders ameaçaram matar sua filha caso ele não os ajudasse a matar o Duncan. Minha pergunta é: em vez de fazer o que Sweno e os Norse Riders queriam e depois tirar a própria vida, por que não ir direto ao Duncan e colocar a filha em um lugar seguro? Ameaças não são exatamente algo novo pra polícia. O que vocês acham?

Todos os olhares se voltaram para o chão, para um colega ou para a janela.

— Nenhuma opinião? Sério? Uma unidade inteira de detetives de homicídios e não...

— Malcolm sabia que Sweno tinha contatos na polícia — arriscou o sujeito que se balançava nos pés da cadeira. — E sabia que Sweno encontraria sua filha de um jeito ou de outro.

— Bom, estamos avançando — comentou Duff, caminhando de um lado para o outro na frente deles. — Vamos supor que Malcolm acredite que a filha pode ser salva se ele cumprir as ordens do Sweno. Ou se ele se matar, de modo que Sweno não tenha mais qualquer motivo pra matar a filha dele. Certo?

Ele percebeu que os presentes nem sequer tinham uma pista de onde seu raciocínio ia dar.

— Então, se Malcolm, conforme a carta sugere, não suporta viver seja porque perde a filha seja porque se torna cúmplice do assassinato de Duncan, por que ele não cometeu suicídio *antes* do Duncan ser assassinado, o que salvaria os dois?

Rostos boquiabertos olhavam para ele.

— Se me permite... — começou Caithness.

— Por favor, inspetora.

— Sua pergunta pode ser lógica, mas a psique humana não funciona assim.

— Não? Pois eu acho que sim. Alguma coisa no suposto suicídio do Malcolm não bate. Nossos cérebros sempre vão pesar os prós e os contras com grande precisão e com base nas informações disponíveis pra, em seguida, tomar uma decisão lógica irrefutável.

— Se a lógica é irrefutável, por que, apesar da inexistência de novas informações, às vezes sentimos remorso?

— Remorso?

— Remorso, inspetor Duff. — Caithness o encarou. — É um sentimento em pessoas com qualidades humanas que nos diz que desejamos desfazer algo que fizemos. Não podemos excluir a possibilidade de que Malcolm pensasse assim.

Duff balançou a cabeça.

— O remorso é um sinal de doença. Einstein disse que refazer um processo mental e tentar obter um resultado diferente é uma prova de insanidade.

— Então, a afirmação do Einstein pode ser refutada se, com o passar do tempo, tiramos conclusões diferentes. Não porque as informações tenham de alguma forma mudado, e sim as pessoas.

— As pessoas não mudam!

Duff notou que os detetives tinham saído do estado de letargia e acompanhavam a discussão com atenção. Talvez suspeitassem que o bate-boca tivesse deixado se ser apenas sobre a morte de Malcolm.

— Talvez Malcolm tenha mudado — continuou Caithness. — Talvez a morte do Duncan o tenha mudado. E isso não pode ser descartado.

— Como também não podemos descartar a possibilidade de ele ter deixado uma carta de suicídio, jogado o distintivo no mar e dado no pé — disse Duff. — No que diz respeito às qualidades humanas e a tudo mais.

A porta se abriu. Era um policial da Unidade de Narcóticos.

— Telefone pro senhor, inspetor Duff. Ele diz que é sobre Malcolm e que é urgente. E insiste em falar *somente* com você.

De pé no meio do quarto, Lady olhava para o homem que dormia em sua cama. Na cama deles. Já passava das nove e ela tomara o café da manhã fazia muito tempo, mas ainda não havia vida no corpo sob os lençóis de seda.

Ela se sentou na lateral da cama, acariciou-lhe o rosto, puxou uma mecha dos grossos cachos negros e o sacudiu. Uma risca branca fininha apareceu sob as pálpebras dele.

— Comissário-chefe! Acorda! Tem um incêndio na cidade!

Ela achou graça quando Macbeth gemeu e se virou para o outro lado.

— Que horas são?

— Tarde.

— Sonhei que era domingo.

— Você sonhou bastante, eu acho.

— Sim, aquela maldita...

— O quê?

— Nada. Ouvi alarme de tempestade. Mas então me dei conta de que eram os sinos da igreja. Convocando fiéis à confissão e ao

batismo.

— Já falei que não era pra dizer essa palavra.

— Batismo?

— Macbeth!

— Desculpa.

— A coletiva de imprensa é em menos de duas horas. E eles vão ficar especulando sobre o que aconteceu com o comissário-chefe.

Ele botou as pernas para fora da cama. Lady o puxou para si e, segurando o rosto dele entre as mãos, inspecionou-o com atenção. As pupilas estavam contraídas. De novo.

Ela arrancou um pelo fora de lugar na sobrancelha dele.

— Também temos um jantar essa noite — disse ela, procurando mais fios fora do lugar. — Você não esqueceu, não é?

— Tem certeza de que não vai pegar mal? Faz pouco tempo que o Duncan morreu.

— É um jantar pra reforçar os laços de cooperação, não um banquete. Sem falar que não podemos deixar de comer, não é, querido?

— Quem vem?

— Todos que convidei. O prefeito, alguns dos seus colegas da polícia... — Um fio grisalho insistia em escapulir de suas longas unhas vermelhas. — Vamos discutir como fazer cumprir as regras pra operação dos cassinos. Hoje saiu no jornal que, aparentemente, o Obelisco está administrando um prostíbulo sob a fachada de cassino e que, portanto, deveria ser fechado.

— Não ajuda em nada que seu amigo editor escreva o que você deseja se o jornal dele não tem leitores.

— Isso foi antes. Agora meu marido é o comissário-chefe.

— Ai!

— Você deveria ganhar mais alguns cabelos grisalhos. Combinam com o título de chefe. Vou falar com o meu cabeleireiro hoje, talvez ele possa tingir de leve suas têmporas.

— Nem dá pra ver minhas têmporas.

— Exatamente. É por isso que vamos cortar o seu cabelo. Assim ficarão visíveis.

— Nunca!

— O prefeito Tourtell pode achar que sua cidade merece um comissário-chefe com aparência de homem maduro, não de menino.

— E daí? Está preocupada com isso?

Lady deu de ombros.

— Normalmente o prefeito não interferiria na hierarquia da polícia, mas vamos lembrar que ele é o único que nomeia o comissário-chefe. Só precisamos ter certeza de que ele não vai inventar nenhuma ideia idiota.

— E como podemos fazer isso?

— Bom, talvez seja recomendável descobrirmos alguma mancha no passado do Tourtell, caso ele crie algum problema pra nós. Mas é improvável que isso aconteça. Não se preocupe com isso, querido.

— Tudo bem. Por falar nisso...

Ela reconheceu o tom preocupado de Macbeth e parou de procurar os fios indisciplinados.

— Tem alguma coisa que você não me contou, meu amor?

— Banquo...

— O que tem ele?

— Comecei a ter dúvidas se ainda posso confiar nele. Se não está com algum plano pro Fleance e ele. — Macbeth respirou fundo, e Lady soube que ele lhe faria uma revelação importante. — Banquo não matou o Malcolm ontem, ele o despachou pra Capitol. Inventou uma desculpa de que era uma vida que não representava nenhum risco pra nós se a poupássemos.

Ela sabia que ele aguardava uma reação. Como Lady não disse nada, Macbeth comentou que ela não parecia chocada.

Ela sorriu.

— Não é hora de ficar chocada. O que você acha que ele está planejando?

— Banquo disse pro Malcolm que mataria a filha dele caso ele quebrasse a promessa de silêncio, mas o que passou pela minha cabeça foi que os dois combinaram algo que daria a Banquo uma recompensa melhor e mais segura, comparada ao que eu ofereci.

— Querido, você não está achando que o bom e velho Banquo quer o cargo de comissário-chefe, está?

— Não, não, Banquo sempre preferiu ser liderado, não liderar. A questão é o filho dele. Sou apenas 15 anos mais velho que Fleance, e, quando eu me aposentar, ele vai estar velho e grisalho. Então, seria preferível que Fleance fosse favorecido por alguém mais velho, como Malcolm.

— Você só está cansado, meu amor. Banquo é leal demais pra pensar em fazer algo assim. Você mesmo disse que ele queimaria no inferno por você.

— Sim, ele tem sido leal. E eu também tenho sido leal a ele. — Macbeth se levantou e parou diante do grande espelho de moldura dourada fixado na parede. — Mas, pensando bem, será que essa lealdade mútua não tem sido mais vantajosa pra ele? Não seria ele a hiena que segue as pegadas do leão e se alimenta da presa sem se dar ao trabalho de matá-la? Fiz dele o subchefe do GOE e meu adjunto na Crime Organizado. Eu diria que ele vem sendo bem recompensado por favores pequenos demais.

— Mais uma razão pra você poder contar com a lealdade dele, querido.

— Sim, foi o que eu pensei também, mas agora vejo... — Macbeth franziu a testa, aproximou-se do espelho e espalmou a mão na superfície para conferir se havia algo ali. — Ele me amou como um pai ama o filho, mas esse amor se transformou em ódio quando ele provou do veneno da inveja. Passei de nível hierárquico na frente dele: em vez de ele ser meu chefe, é meu subordinado. E, além de se curvar às minhas ordens, tem que suportar o desdém emudecido daquele que é sangue do seu próprio sangue, Fleance, que viu o pai dobrar a cabeça pro intruso Macbeth. Você já olhou dentro dos devotados olhos castanhos de um cão enquanto ele está te encarando, abanando o rabo, na expectativa de ser alimentado? O bicho fica lá, parado, esperando, porque foi treinado pra isso. E você sorri pra ele, afaga sua cabeça e não consegue ver o ódio por trás da submissão. Não consegue ver que, se o cão tivesse a oportunidade, se vislumbrasse uma chance de escapar da consequente punição, atacaria você, rasgaria sua garganta; e sua morte representaria o sopro de liberdade pra ele, e isso deixaria você com o corpo despedaçado em algum beco imundo.

— Querido, o que há com você?

— Foi isso que sonhei.

— Você está paranoico! Banquo é um amigo verdadeiro. Se ele estivesse planejando trair você, poderia ter ido direto ao Malcolm e contado seus planos a ele.

— Não, ele sabe que vai ser mais forte se guardar a melhor carta pro final. Primeiro me mata, pois sou um assassino perigoso, depois traz o Malcolm de volta, como comissário-chefe. Que feito heroico! Como recompensar um homem tão magnânimo e sua família?

— Você realmente acredita nisso?

— Não. — Macbeth estava tão perto do espelho que seu nariz tocava o vidro e começava a embaçá-lo. — Eu não acredito, eu *sei*. Eu *vejo* isso. Vejo os dois. Banquo e Fleance. Tenho que evitar que isso aconteça, mas como? — De repente, ele se virou para Lady. — Como? Meu amor, você tem que me ajudar. Tem que *nos* ajudar.

Lady cruzou os braços. Por mais distorcido que o raciocínio de Macbeth pudesse parecer, não deixava de fazer certo sentido. *Talvez* ele estivesse certo. E mesmo que não estivesse, Banquo ainda era um cúmplice e uma testemunha em potencial, poderia delatá-los. Quanto menos pessoas envolvidas, melhor. Além do mais, que utilidade *real* Banquo e Fleance tinham para eles? Nenhuma. Lady suspirou. Como diria Jack, *Se você tem menos de 12 no blackjack, peça mais uma carta. Porque você não pode perder.*

— Convide os dois pra vir aqui uma noite dessas — sugeriu ela. — Assim saberemos o que estão pretendendo.

— E resolvemos tudo aqui?

— Não, não, chega de assassinatos no Inverness. Mais um lançaria suspeitas sobre nós e afastaria a clientela. Faremos na estrada.

Macbeth assentiu.

— Vou pedir que venham de carro. Direi que prometemos a alguém uma carona com eles. Sei exatamente o trajeto que Banquo vai fazer, então, se eu pedir que sejam pontuais, saberemos minuto a minuto onde estarão. Sabe de uma coisa, mulher dos meus sonhos?

Sei, pensou ela quando ele a abraçou, mas deixou que ele dissesse assim mesmo.

— Eu te amo acima de tudo que há na terra e no céu.

Duff encontrou o menino sentado num cabeço de amarração à beira do cais. A chuva tinha dado um descanso, e mais luz do que de costume atravessou a camada de nuvem branca, mas, sobre o rio, novas tropas de nuvens acinzentadas se enfileiravam para pegar carona no vento noroeste em direção aos dois — aliás, isso era a única coisa certa de acontecer naquela cidade.

— Sou o Duff. Você é a pessoa que ligou falando sobre o Malcolm?

— Cicatriz legal, essa sua — disse o menino, endireitando o tapa-olho. — Eles te falaram que você não era mais o chefe da Narco?

— Você disse que era urgente.

— É sempre urgente, Sr. Chefe Narco.

— Tudo bem. Desembucha.

— *Passa aí*, é como se diz.

— Ah, então essa é a urgência. Quando você precisa da próxima dose?

— Algumas horas atrás. E como o que eu tenho é tão importante que veio o próprio chefe, acho que você paga não só a próxima, mas também as próximas dez.

— Ou eu espero meia hora e você abre a boca pela metade do preço fácil, fácil. Mais meia hora e vai sair por metade da metade, e...

— Não posso negar isso, Sr. Chefe Narco, mas a questão é: qual de nós está com mais pressa? Eu li sobre o Malcolm nos jornais hoje de manhã e reconheci o cara da foto. Afogado, tipo assim. Comissário-chefe adjunto e o cacete. Graúdo.

— Anda logo, rapaz, vou pagar o que vale.

O garoto caolho deu uma risada.

— Desculpa, Chefe Narco, mas não confio mais na polícia. Vou te dar uma provinha: acordei depois de cochilar sentado entre as filas de contêineres que você pode ver ali, onde dá pra tomar uma dose e *viajar* sem ser roubado. Entende o que é isso? Ninguém me vê, mas eu vejo o Malcolm do outro lado do canal. Que tal isso,

Chefe Narco? A primeira provinha é de graça, a próxima vai te custar uma baba. Já ouviu isso antes?

O garoto riu.

— Acho que perdi o interesse — disse Duff. — Já sabemos que Malcolm esteve aqui, achamos o carro dele.

— Mas vocês não sabem que ele não veio sozinho. Nem quem estava com ele.

Amargas experiências anteriores ensinaram a Duff que os drogados contavam mais mentiras do que verdades, principalmente se a manobra lhes rendesse a próxima dose, mas, via de regra, um viciado preferia maneiras mais fáceis e rápidas de trapacear, em vez da trabalheira de ligar para a central e insistir em falar com um dos chefes de unidade, depois esperar uma hora debaixo de chuva, tudo isso sem garantia de recompensa.

— E por acaso você sabe? — indagou Duff. — Quem era?

— Já vi ele antes, sim.

Duff pegou a carteira. Tirou de lá um maço de notas, contou e passou para o garoto.

— Eu estava pensando em ligar pro próprio Macbeth — disse o garoto, enquanto contava o dinheiro. — Mas aí pensei que ele não ia acreditar em mim quando eu contasse quem era.

— Alguém próximo?

— O tal Malcolm estava conversando com o parceiro do Macbeth — disse o garoto. — Cara velho, cabelo branco.

Duff ofegou involuntariamente.

— Banquo?

— Não sei o nome dele, mas eu vi ele com o Macbeth na Central.

— E sobre o que eles conversaram?

— Estavam muito longe.

— Sobre o que pareciam estar falando, então? Estavam rindo? Ou gritando, zangados?

— Impossível saber. A chuva estava castigando os contêineres, e os dois estavam de costas pra mim. Talvez estivessem discutindo. O velho ficou sacudindo a arma por um tempo, mas depois a coisa acalmou e eles entraram num Volvo e se mandaram. O velho é que foi dirigindo.

Duff coçou a cabeça. Banquo e Malcolm em conluio?

— Você me deu dinheiro demais — disse o garoto, erguendo uma nota.

Duff olhou firme para ele. Um drogado devolvendo troco? Ele pegou o dinheiro.

— Você não me contou essas coisas só pela grana pra uma nova dose.

— Hein?

— Você disse que leu nos jornais e sabia que isso era coisa séria. Tão séria que se tivesse contado a um jornalista essa história, conseguiria dez vezes mais do que com um policial. Então, ou foi Hécate que despachou você pra espalhar notícias falsas ou seu interesse é outro.

— Vai pro inferno, Chefe Narco.

Duff agarrou o garoto pela gola e o suspendeu. O rapaz pesava quase nada.

— Escuta aqui — disse Duff, evitando inalar o bafo fedido do garoto. — Posso te colocar na gaiola, e aí vamos ver o que você acha quando entrar numa crise de abstinência, sabendo que tem dois dias de seca pela frente. Vou te dar cinco segundos. Quatro...

O garoto sustentou o olhar de Duff.

— Três...

— Seu policial de merda, você é um filho da...

— Dois...

— Meu olho.

— Um...

— Meu olho, já disse!

— O que tem a ver?

— Só estava querendo ajudar a pegar o cara que arrancou meu olho.

— Quem?

O menino bufou em desdém.

— O mesmo cara que está fodendo com vocês. Não desconfia de quem está por atrás dessa merda toda? Só tem um sujeito nessa cidade capaz de matar um comissário-chefe e sair impune: o Mão Invisível.

— Hécate?

14

Macbeth foi dirigindo pelo caminho de terra batida, entre as antigas fábricas. Era mais uma daquelas manhãs de segunda-feira com nevoeiro tão baixo e tão espesso que era difícil enxergar quais chaminés lançavam fumaça, embora desse para ver os portões com avisos de FECHADO ou com correntes amarradas em forma de bizarras gravatas-borboletas.

A coletiva de imprensa havia sido indolor. Indolor porque ele estava dopado demais para sentir qualquer coisa. Havia se concentrado em ajeitar-se confortavelmente na cadeira, cruzar os braços e deixar que Lennox e Caithness cuidassem das respostas — salvo aquelas dirigidas especificamente a ele, às quais respondera com uma fórmula padrão: "Por ora, não podemos tecer comentários a respeito desse assunto", pronunciada de tal forma que passava a impressão de terem muitas informações e estarem no controle de tudo. Voz calma e confiante. Pelo menos essa tinha sido a impressão que pretendera passar. Um comissário-chefe interino que não se deixava levar pela histeria reinante, que respondia às perguntas impertinentes dos jornalistas ("O público não tem o direito de saber?") com um sorriso um tanto resignado e tolerante.

Muito embora Kite, o repórter com o "r" embolado, tivesse declarado, em seu programa de rádio após a coletiva de imprensa, que o comissário-chefe interino havia bocejado o tempo todo, dera a impressão de estar alheio ao que se passava e não parava de olhar no relógio. Mas Kite que fosse para o inferno. O pessoal do Departamento de Patrulhas tinha certeza de que o novo

comissário-chefe estava bastante comprometido com o trabalho, pois tinha ido até eles e redirecionado as equipes do Distrito 2 Oeste para o Distrito 1 Leste, explicando que já era hora de os bairros de pessoas comuns também terem segurança. Uma mensagem importante estava sendo enviada: a polícia não priorizava os distritos ricos e poderosos. E, enquanto Kite estava incomodado, Banquo ficara feliz em receber um convite para jantar, com instruções de levar Fleance.

— Bom pro rapaz ir se acostumando a estar no meio dos marmanjos — disse Macbeth. — E também acho que você deveria decidir o que quer fazer. Assumir o GOE, a Crime Organizado ou se tornar o comissário-chefe adjunto?

— Eu?

— Não precisa ficar nervoso, Banquo. Só pensa um pouco, tá?

E Banquo tinha dado uma gargalhada e balançado a cabeça. Amável, como sempre. Como se não tivesse um único pensamento perverso. Ou, pelo menos, como se não tivesse consciência de tê-los. Bem, naquela noite, o traidor iria ao encontro de seu criador e carrasco.

Não havia vivalma no portão do clube dos Norse Riders. Provavelmente não sobrara ninguém para ficar encarregado da segurança.

Macbeth desceu do carro e foi até o salão do clube. Parou à porta e olhou em volta. Sentiu como se tivesse passado uma eternidade desde a última vez que havia parado bem ali, com Duff ao lado, e passado os olhos pelo mesmíssimo lugar. Agora, a mesa comprida não estava mais lá, e no bar havia três homens de pança flácida e caída, usando a jaqueta de couro do clube, e duas mulheres de seios nada flácidos e bem empinados. Uma delas segurava um bebê que não sossegava, no braço musculoso e maternal em que tinha tatuado o nome SEAN.

— Colin, aquele não é o...? — sussurrou ela.

— Sim — respondeu, em voz baixa, o homem completamente careca com bigodão de morsa. — Foi esse que pegou o Sean.

Macbeth se lembrou do nome que constava dos registros. Era estranho como vivia esquecendo os nomes de conhecidos, mas nunca os daqueles que apareciam em relatórios. Sean. Era o que

haviam encontrado montando guarda no portão, aquele que Macbeth esfaqueara no ombro e usara como refém; ainda estava preso.

O homem lançou um olhar de poucos amigos para o oficial da polícia, o queixo retesado demonstrando sua fúria. Macbeth respirou fundo. Estava tudo tão silencioso que dava para ouvir as tábuas do assoalho rangendo sob a sola de seus sapatos enquanto caminhava até o bar. Dirigiu-se ao sujeito de jaqueta de couro no balcão e já ia abrindo a boca quando lhe ocorreu que não deveria ter cheirado aquela última carreirinha antes de deixar a central. A brew tendia a torná-lo arrogante. E sua preocupação foi confirmada pelo que ouviu sair da própria boca:

— Oi, como está vazio isso aqui, cadê todo mundo? Ah, sim. Atrás das grades. Ou na geladeira. Um Glendoran, por favor.

Macbeth notou os olhos do barman dispararem para o lado, percebeu um ataque iminente vindo da esquerda, e ainda lhe restava um mundaréu de tempo. Sempre tivera bons reflexos, mas, sob efeito da brew, era como uma mosca: sobrava-lhe tempo para bocejar, coçar as costas e acompanhar o ponteiro de segundos incrivelmente lento do relógio, isso tudo enquanto o punho vinha em sua direção. Mas então, quando Colin do bigode de morsa achou que estava prestes a acertá-lo, Macbeth se esquivou para trás, e a mão que se dirigia para suas têmporas recém-aparadas cortou o ar. Ele se aprumou e jogou o cotovelo para o lado, mal sentindo o impacto, apenas ouviu o ranger dos ligamentos se rompendo, os passos cambaleantes e os bancos sendo derrubados.

— Com gelo — completou Macbeth.

Então ele se virou para o homem ao seu lado a tempo de ver que o sujeito tinha fechado a mão direita e torcido o ombro para trás, pronto para dar um murro. Quando o soco veio, Macbeth ergueu a mão e encontrou a de Colin no meio do caminho. Mas, em vez da vibração sonora da batida de osso contra osso, ouviu-se o som suave de aço contra carne, seguido de um baque surdo quando os ossos da mão de Colin se chocaram contra o cabo. Em seguida, um grito arrastado ao ver a lâmina se cravar em sua mão e ir rasgando a carne até o braço. Macbeth arrancou a adaga com um puxão.

— ... E uma soda.

O homem de bigode de morsa caiu de joelhos.

— Que porra é essa?

A voz vinha da porta da garagem. O homem tinha uma barba grande e uma jaqueta de couro com três divisas em cada ombro. Nas mãos, uma espingarda de caça.

— Estou fazendo um pedido — disse Macbeth, virando-se para o barman, que continuava imóvel.

— Pedido de quê? — perguntou o homem, se aproximando.

— Uísque. Entre outras coisas.

— E o que mais?

— Você é o sargento. Aquele que administra o ponto quando Sweno não está, correto? A propósito, onde ele está se escondendo dessa vez?

— Diga o que veio dizer e cai fora, policial de merda.

— Não concordo com nada que disserem de ruim sobre o lugar, mas o serviço podia ser mais amistoso e mais rápido. Que tal você e eu conversarmos em paz numa das salas lá atrás, sargento?

O homem observou Macbeth por alguns instantes. Por fim, baixou o cano da arma.

— Tudo bem. Até porque não sobrou muita coisa pra você destruir aqui.

— Sei disso. E Sweno vai gostar do meu pedido, posso te garantir.

O apertado escritório do sargento (era de fato um escritório) tinha pôsteres de motos nas paredes e um pequeno sortimento de partes de motor nas prateleiras, além de uma mesa, um telefone e uma caixa de entrada e saída de documentos.

— Vamos logo com isso.

— Meu pedido é pra um assassinato de aluguel.

Se o sargento ficou surpreso, não demonstrou.

— Endereço errado. Não fazemos mais isso pra vocês.

— Então o boato é verdadeiro? Vocês faziam esses trabalhos pro pessoal do Kenneth?

— Se não tem mais nada a...

— Só que dessa vez não é um concorrente de vocês que teriam que despachar pra outro mundo — disse Macbeth, inclinando-se para a frente na cadeira. — São dois policiais. E a recompensa, a

ser efetivada no ato da entrega do serviço, é que o seu Norse Riders ficará livre e as acusações contra ele serão arquivadas.

O sargento ergueu as sobrancelhas

— E como você faria isso?

— Erro processual. Provas danificadas. O tipo de coisa que acontece o tempo todo. E, se o comissário-chefe disser que não temos um caso, então não temos um caso.

O sargento cruzou os braços.

— Continua.

— Quem tem que ser despachado é o cara que fez de tudo pra que o carregamento que seria o ganha-pão de vocês fosse parar no rio. Inspetor Banquo. — Macbeth observou o sargento assentir lentamente. — O outro é um recruta que vai estar no mesmo carro.

— E por que eles devem ser despachados?

— Isso importa?

— Normalmente eu não perguntaria, mas, como são policiais, vai dar muita dor de cabeça pra gente.

— Não com esses. Sabemos que o inspetor Banquo está trabalhando pro Hécate, mas simplesmente não temos como provar isso, então precisamos nos livrar dele de outra forma. Essa é a melhor opção, do nosso ponto de vista.

O sargento assentiu novamente. Macbeth sabia que ele entenderia o raciocínio.

— Que garantia eu tenho de que você vai cumprir a sua parte, se fecharmos esse acordo?

— Bem — respondeu Macbeth, olhando para a garota do calendário de parede acima da cabeça do sargento —, temos cinco pessoas no bar que podem testemunhar que o comissário-chefe interino, Macbeth, esteve aqui pessoalmente e fez um pedido. Você por acaso acha que seria do meu interesse dar motivo pra isso vir a público?

O sargento se recostou na cadeira, esticando-se tanto para trás que acabou tocando na parede, e deu uma boa avaliada em Macbeth enquanto soltava uns grunhidos e repuxava fios da barba.

— Quando e onde seria feito o serviço em potencial?

— Hoje à noite. Conhece a Colina dos Enforcados, no Distrito 2 Oeste?

— Foi onde enforcaram meu tataravô.

— No viaduto da estrada principal sobre as ruas onde os moradores da Zona Oeste vão às compras tem um grande cruzamento.

— Sei onde é.

— Eles vão estar num Volvo preto, no sinal, em algum momento entre às seis e meia e sete da noite. Provavelmente às seis e quarenta e cinco. Ele é pontual.

— Hum... Tem sempre muitos carros de patrulha por lá.

Macbeth sorriu.

— Não hoje à noite

— Tem certeza? Vou pensar e te dou uma resposta às quatro.

Macbeth riu.

— *Sweno* vai pensar, você quer dizer. Ótimo. Pega uma caneta, vou te passar meu número e a placa do Volvo. Ah, tem mais uma coisa.

— Hum?

— Quero a cabeça deles.

— De quem?

— Dos dois policiais. Quero a cabeça deles. Entrega em domicílio.

O sargento o encarou como se o achasse doido.

— O cliente precisa de um recibo — argumentou Macbeth. — Da última vez que contratei um assassinato de aluguel, cometi o erro de não pedir. Meu serviço não foi feito.

No final da tarde, Duff tomou uma decisão.

Sua mente havia trabalhado por horas em um cérebro no qual o trânsito era tão lento, e o trajeto tão pleno de alternativas quanto a rua à sua frente. Ainda não haviam consertado as grades da ponte Kenneth, de modo que o fluxo para o leste estava sendo redirecionado para a ponte antiga, provocando um engarrafamento que ia até o Distrito 2, para onde o carro de Duff avançava a passos de lesma de um cruzamento ao outro, e cada uma delas suscitava as dúvidas: esquerda?, direita?, em frente? Qual é o mais rápido?

Já seu dilema pessoal era outro.

Deveria conversar com Macbeth e os outros sobre o que o garoto no cais lhe contara? Ou guardar para si? Mas e se o caolho estivesse mentindo ou se Banquo apresentasse álibis capazes de desmentir as acusações? Quais seriam as consequências para Duff se, em meio àquela situação caótica, ele levantasse falsas acusações contra Banquo, que, com a ascensão de Macbeth, havia se tornado, de súbito, uma figura de poder?

Duff poderia, é claro, apenas repetir fielmente o que ouvira e deixar que Lennox e Macbeth avaliassem a questão, mas, nesse caso, perderia a chance de obter um triunfo — e como precisava de um triunfo! — ao desmascarar e prender Banquo sozinho.

Por outro lado, não podia se dar ao luxo de outro fiasco depois de sua incursão policial no terminal de contêineres. Custara-lhe sua nomeação para a Crime Organizado, e um deslize a mais poderia lhe custar o emprego.

Outro dilema: a Crime Organizado voltaria a ser alvo de disputa caso Macbeth fosse nomeado o novo comissário-chefe, e, se Duff aproveitasse a oportunidade naquele momento, se fosse ousado e tudo desse certo, a chefia da unidade poderia ser dele.

Pensou em pedir a opinião de Caithness, mas, se fizesse isso, não poderia bancar o inocente e seria forçado a fazer *alguma* coisa. A assumir o risco.

Por fim, encontrou uma saída que não envolvia grandes riscos, mas que ainda lhe dava a chance de receber todo o crédito se tudo acontecesse conforme planejado.

Saindo da pequena ponte ferroviária, entrou no pátio diante de um modesto prédio de tijolinhos que ficava do outro lado. Levara quase uma hora para cobrir a curta distância entre a central e a casa de Banquo.

— Duff — disse Banquo, abrindo a porta segundos depois de ouvir a campainha. — O que aconteceu?

— Está de saída pra uma festa?

— Sim, e não consigo me decidir se levo isso ou não — respondeu Banquo, erguendo o coldre com a pistola de serviço.

— Deixa isso aí. Só vai criar um volume no seu terno. Mas esse nó de gravata não está bom.

— Não? — Banquo apertou o colarinho branco da camisa com o queixo, tentando em vão dar uma espiada no nó. — Bom, faz cinquenta anos que esse nó tem prestado, desde que fui crismado.

— É nó de pobre, Banquo. Deixa eu te mostrar...

Banquo afastou a mão solícita dele e protegeu o nó.

— Eu sou pobre, Duff. E suponho que você tenha vindo até aqui pra pedir ajuda, não pra oferecer.

— É verdade. Posso entrar?

— Eu gostaria de poder te oferecer ajuda e um café, mas estamos de saída. — Banquo colocou o coldre na chapeleira atrás de si e gritou para o alto das escadas: — Fleance!

— Já vou! — Foi a resposta.

— Podemos conversar ali fora enquanto isso — disse Banquo, abotoando o paletó.

Pararam nos degraus brancos debaixo do alpendre. A chuva gorgolejava animadamente nas calhas quando Banquo ofereceu um cigarro a Duff e foi logo acendendo o seu, enquanto o inspetor recusava.

— Voltei ao terminal de contêineres hoje — começou Duff. — Fui me encontrar com um garoto, um dos nossos jovens viciados, que pediu pra falar comigo. Ele tem um olho só e me contou como perdeu o outro.

— Hum.

— Estava em abstinência e precisava desesperadamente comprar droga, mas não tinha grana. Então ele viu um idoso na Estação Central e pediu esmola pra ele. O homem usava uma bengala de castão dourado.

— Hécate?

— O idoso parou, pegou um saquinho que ficou balançando na cara do garoto, dizendo que estava cheio de brew da melhor qualidade, que estava fresquinha. E que seria dele caso fizesse duas coisas. A primeira era responder à pergunta: qual dos cinco sentidos você teria mais medo de perder? Quando o garoto respondeu que era a visão, o homem disse que queria um dos olhos dele.

— Sim, *era* o Hécate.

— Quando o garoto perguntou por que o velho queria o olho dele, Hécate respondeu que já tinha tudo, portanto lhe faltava a coisa mais preciosa pro comprador, e não pra si. E que, afinal, era apenas metade da sua visão. Quer dizer, nem isso, porque, afinal, seu segundo olho passaria a ser muito mais valioso. E que, assim, o ganho compensaria a perda.

— Não entendo por que fazer isso.

— Você pode não entender, mas é assim que algumas pessoas são. Elas desejam o poder em si, mais do que qualquer coisa que o poder possa lhes oferecer. Preferem ser donos de uma árvore infrutífera do que comer a fruta que cresce nela. Isso só pra poderem apontar pra árvore e dizer: "É minha." E derrubá-la.

Banquo soltou uma nuvem de fumaça.

— O que o garoto resolveu fazer?

— Ele recebeu a ajuda de um homem-mulher que estava com o velho, pra arrancar o olho. E depois, quando recebeu a dose prometida, toda a dor que já sentira na vida se foi. A droga apagou todas as cicatrizes e fez desaparecer todas as lembranças ruins. Disse que foi tão maravilhoso que mesmo hoje não pode dizer que se arrepende da troca. E ainda corre atrás da droga perfeita.

— E o que ele estava querendo quando vocês se encontraram hoje?

— O mesmo. E também queria acabar com a pessoa que arrancou o olho dele pela simples razão de que podia fazer isso.

— Ele vai ter que entrar na fila. Está todo mundo atrás do Hécate.

— A ideia dele era colaborar com a gente na caça ao Hécate.

— E como um miserável viciado em brew faria isso?

— A suposta carta de suicídio do Malcolm aponta pros Norse Riders. Mas o garoto acha que quem está por trás de tudo, tanto da carta quanto do assassinato do Duncan, é o Hécate. E também que Hécate está mancomunado com o Malcolm. E talvez com outros policiais.

— Uma teoria popular nos dias de hoje. — Banquo deu um peteleco nas cinzas do cigarro e olhou para o relógio. — E ele recebeu uma grana por isso?

— Não — respondeu Duff. — Não, nada. Recebeu depois de me contar que viu Malcolm no terminal antes de darem falta dele. E que ele estava com você.

O cigarro estancou a caminho da boca de Banquo. Depois de achar graça, ele disse:

— Eu? Não acredito.

— Ele descreveu você e o seu carro.

— Nem eu nem o meu carro estávamos lá. E acho duro de acreditar que você tenha desperdiçado dinheiro público em uma história dessas. Só me diz uma coisa: qual de vocês está blefando? O viciado ou você?

O vento frio soprou com força, e Duff sentiu um arrepio.

— O garoto disse que viu Malcolm com um homem mais velho, e que ele já tinha visto com Macbeth. E um sedã da Volvo. E uma arma. Agora me responde: você não teria pagado por essa informação, Banquo?

— Só se estivesse desesperado. — Banquo apagou o cigarro no corrimão de ferro que flanqueava os degraus. — Na verdade, nem assim, caso se tratasse de um colega.

— Porque você sempre deu muito valor à lealdade, não é mesmo?

— Uma força policial não pode funcionar sem a lealdade dos seus pares. É um pré-requisito.

— Então até onde vai sua lealdade à nossa força policial?

— Sou um homem simples, Duff, e não estou entendendo aonde você quer chegar.

— Se é verdade o que você diz sobre lealdade, então tem que nos devolver o Malcolm. Pelo bem da força policial.

Duff apontou para a poça em frente a eles que parecia um caldeirão cinzento de chuva e névoa.

— Pelo bem dessa cidade. Me diga onde o assassino do Duncan está escondido em Capitol?

Banquo arrancou a brasa da ponta do cigarro e enfiou a guimba no bolso do paletó.

— Não sei nada sobre o Malcolm. Fleance! Desculpa, inspetor, mas estamos saindo pra jantar.

Banquo desceu os degraus. Duff foi atrás dele.

— Pode se abrir comigo, Banquo! Sei que você está sendo atormentado pela culpa e pela consciência pesada. Você não é um homem mau nem desonesto, apenas cedeu à tentação, incitado por alguém de uma patente mais alta em quem confiava totalmente. E depois foi traído. E esse alguém *tem* que ser preso, Banquo!

— Fleance! — gritou Banquo, na direção da casa, enquanto abria a porta do carro.

— Você quer que a gente continue nessa espiral descendente, em direção ao caos e à anarquia, Banquo? Nossos antepassados construíram estradas de ferro e escolas. Nós construímos bordéis e cassinos.

Banquo entrou no carro e buzinou duas vezes. A porta da casa se abriu, e um Fleance de terno e gravata surgiu nos degraus, onde iniciou uma batalha para abrir o guarda-chuva.

Banquo abriu o vidro um pouquinho, provavelmente porque o vapor estava embaçando o interior do carro, então Duff apoiou as mãos na abertura e pressionou o vidro para baixo enquanto falava:

— Escuta, Banquo. Se você fizer isso, se confessar, não há muito que eu possa fazer por você, como você bem sabe, mas prometo que ninguém vai tocar no Fleance. No futuro, ele não será visto como filho de um traidor, e sim filho de um homem que se sacrificou pela cidade. Eu te dou minha palavra de honra.

— Oi. Inspetor Duff, não é?

Duff se virou.

— Oi, Fleance. Isso mesmo. Divirtam-se.

— Obrigado.

Duff esperou até que Fleance entrasse e Banquo ligasse o motor. Então foi andando para o próprio carro.

— Duff!

Ele se virou.

A porta do lado de Banquo estava aberta.

— Não é o que você está pensando — gritou ele lá de dentro.

— Não?

— Não. Me encontre na Bertha à meia-noite.

Duff assentiu.

O Volvo deu a partida, então pai e filho atravessaram o portão e sumiram na névoa baixa que cobria a rua.

15

Lady subiu os últimos degraus da escada de alumínio que dava para o telhado plano do Inverness, abriu a porta e contemplou a escuridão. Só se ouvia o murmurar suave da chuva. Parecia que tudo e todos tinham seus segredos. Estava prestes a se virar para entrar novamente quando a explosão de um relâmpago iluminou a noite, e ela o viu. De pé na beirada do telhado, olhando para a rua Thrift, que passava atrás do cassino. Antes de Lady convencer a prefeitura a fazer uma limpeza geral, era naquele breu que as prostitutas faziam ponto, e não apenas se oferecendo para um programa, mas também prestando seus serviços ali mesmo: nas passagens, dentro dos carros, no capô dos carros ou nos muros e encostadas nas paredes. Quando a Rede Ferroviária Nacional funcionava ali, dizia-se que o diretor havia mandado tapar com tijolos todas as janelas que davam para a Thrift, a fim de que seus funcionários se concentrassem no trabalho, e não naquela imundície. Ela abriu o guarda-chuva e foi até Macbeth.

— Tomando chuva aqui fora, querido? Estava procurando você. Os convidados já devem estar chegando.

Ela correu os olhos pelas paredes lisas, pretas e sem janelas, como uma fortaleza, que desciam para a Thrift. Conhecia cada centímetro daquela rua. E isso era motivo suficiente para manter os tijolos onde deveria haver janelas.

— O que está vendo lá embaixo?

— Um precipício — respondeu ele. — Medo.

— Meu amor, não seja tão soturno.

— Não?

— Que sentido teriam todas as suas vitórias se não trouxessem um sorriso ao seu rosto?

— Só vencemos algumas batalhas. A guerra mal começou, e o medo já toma conta de mim. Só Deus sabe de onde ele vem. Prefiro uma gangue de motociclistas armados vindo na minha direção do que essa serpente que esfaqueamos mas não matamos.

— Para com isso, meu amor. Ninguém pode nos deter agora.

— Duncan. Eu o vejo lá embaixo. E tenho inveja dele. Está morto, e fui eu que dei paz a ele. E tudo que ele me oferece em troca é ansiedade e esses pesadelos.

— É a brew, não é? É a brew que está fazendo você ter pesadelos.

— Querida...

— Você não se lembra do que disse sobre o Collum? Você mesmo falou que a brew faz as pessoas terem alucinações. Você tem que parar de usar isso ou vai perder tudo que conquistamos! Está me ouvindo? Nem mais um grão!

— Mas os pesadelos não são um produto da minha imaginação. O sargento me ligou. O negócio está fechado. Ou você se esqueceu da gravidade da ação que planejamos pra essa noite? Está evitando pensar que meu único pai e meu melhor amigo serão mortos?

— Não sei do que você está falando, nem você mesmo sabe. O que está feito está feito, é inútil ficar se lamentando. E a brew não vai te dar nem conforto nem coragem. É hora da sua alma receber a recompensa. Portanto, chega de brew! Trate de botar a gravata, meu amor. E vista também um sorriso. — Ela tomou sua mão. — Vem, vamos destruí-los com nosso charme.

Refestelada em uma poltrona e com uma taça de vinho tinto na mão, Caithness ouvia, ao fundo, a chuva tamborilar na vidraça do sótão e escutava Kite no rádio. Ele falava sobre o problema de um comissário-chefe interino ter, na prática, mais poder que um prefeito democraticamente eleito, tudo por causa das leis e dos regulamentos adulterados por Kenneth. Ela gostava do jeito dele de pronunciar o “r” e de sua voz pausada. Gostava do fato de Kite não ter medo de se sobressair pela erudição e inteligência. Acima

de tudo, gostava de ele ser sempre *contra* alguma coisa. Contra Kenneth, contra Tourtell e, sim, até contra Duncan, que era, ele próprio, contra um bocado de coisas. Devia ser um caminho solitário. E quem iria querer ficar só se tivesse alternativa?

De vez em quando ela se perguntava se deveria enviar uma carta anônima para a rádio, expressando que achava reconfortante saber que ainda havia pessoas com princípios morais como ele, alguém que assumia o papel de um cão de guarda solitário e intrépido. Falando nisso... Não era a segunda vez que escutava um som vindo da porta? Abaixou o volume. Prestou atenção. Pronto, ouviu de novo. Foi pé ante pé até a porta e encostou a orelha nela. Um rangido familiar. Abriu a porta.

— Duff. O que você está fazendo?

— Eu? Hã... Estou parado aqui. Pensando.

Ele estava com as mãos enfiadas nos bolsos do paletó e se balançava nos sapatos largos, cujos solados rangiam.

— Por que não tocou a campainha?

— Eu toquei. É que... Não está funcionando.

Ela abriu completamente a porta, mas ele ainda parecia indeciso.

— Por que está tão abatido, Duff?

— Abatido? Eu?

— Desculpa, sei que não há muita coisa pra se comemorar no momento, mas dá pra você se decidir se vai entrar ou não?

Ele olhou em volta.

— Posso ficar até a meia-noite?

— Claro, mas entra logo. Estou congelando.

O sargento descansou as mãos no guidão de sua Honda CB450, uma "Black Bomber". Fazia menos de cinco anos que a comprara e em dias bons conseguia arrancar dela uns 160 quilômetros por hora, mas parecia um pouco ultrapassada com o lançamento da possante CB750. Olhou o relógio: faltavam 16 minutos para as sete da noite. A hora do rush chegava ao fim, e a noite caíra mais cedo. De tocaia no acostamento, ele via todos os carros que vinham na direção do cruzamento da Colina dos Enforcados. Sweno enviara reforços do clube do sul: três membros, conhecidos

como “primos”, estavam em suas motos perto das bombas de gasolina de um posto de estrada por onde o carro supostamente passaria. E se mantinham atentos aos modelos e às placas. Mais adiante, do outro lado do cruzamento, ele via Colin com esporas nos pés para se manter no alto de um dos postes, perto da caixa de passagem dos fios. O único divertimento que haviam tido até então foi quando, ao fazerem um teste, Colin meteu a chave de fenda e girou. Pneus cantaram no asfalto quando o sinal ficou vermelho de repente. Segundos depois, ao voltarem para o verde, os motores reagiram com hesitação, e carros atravessaram o cruzamento enquanto o sargento piscava os faróis da moto para dar o ok a Colin.

O sargento voltou a olhar no relógio: seis e quarenta e cinco.

Sweno havia levado certo tempo para se decidir, mas o sargento tinha a sensação de que fora mais por prudência do que por dúvida. E isso só se confirmou quando os três primos do sul apareceram ao portão do clube: uma Harley-Davidson chopper com guidão alto, uma Harley FL 1200 Electra Glide e uma Russian Ural com assento lateral e metralhadora montada. O cara na Electra Glide carregava uma espada, não curvada como o sabre de Sweno, mas que serviria ao propósito.

Seis e quarenta e seis.

— Fleance...

Algo na voz de Banquo despertou a atenção de Fleance. Seu pai estava sempre calmo, mas, quando havia algo errado, sua voz ficava ainda mais calma. Como naquela vez em que Fleance tinha 7 anos e o pai voltou para casa depois de visitar a mãe dele no hospital e chamou pelo filho daquela mesma maneira, de uma placidez sombria.

— Mudança de planos pra essa noite — disse Banquo, trocando de faixa e se metendo atrás de um Ford Galaxy. — E pros próximos dias.

— Sério?

— Você vai pra Capitol. Hoje ainda.

— Capitol?

— Aconteceu um problema. Você terá muitas perguntas a fazer, meu rapaz, mas ainda não receberá resposta alguma. Você vai me deixar no Inverness e seguir direto pra casa. Pegue apenas o necessário e vá. Mantenha uma velocidade segura, não corra, e você deve chegar amanhã à noitinha. Entendeu?

— Sim, mas o que...

— Sem perguntas. Vai ficar por lá alguns dias, ou algumas semanas. Como você sabe, sua mãe herdou um pequeno apartamento. Pegue o bloco que está no porta-luvas.

— A quitinete que ela chamava de buraco de rato?

— É. Não me admira nunca termos conseguido vender aquilo. Ainda bem, admito isso agora. O endereço é rua Tannery, 66, Distrito 6. Ao lado da boate Dolphin. Segundo andar à direita. Lá você vai estar em segurança. Anotou tudo?

— Sim. — Fleance arrancou a página do bloco e o guardou novamente no porta-luvas. — Mas vou precisar da chave, não? Quem vai abrir pra mim se está vazio?

— Não está vazio.

— Está alugado?

— Não exatamente. Dei permissão pra que o pobre do primo Alfie ficasse lá. Ele está tão velho e surdo que talvez nem escute a campainha, então você vai ter que improvisar.

— Pai?

— O quê?

— Isso tem alguma coisa a ver com o que Duff queria? Ele parecia tão... tenso.

— Sim, mas chega de perguntas, Fleance. Você só tem que ficar lá. Estude pelos livros que levar, até cansar, mas nada de telefonemas, nada de cartas, não diga a ninguém onde está. Você precisa fazer o que estou mandando, e eu vou te avisar quando for seguro.

— E *você* está seguro?

— Você ouviu o que eu disse.

Fleance assentiu.

Seguiram em silêncio, as borrachas gastas dos limpadores de para-brisa rangendo e soando como se quisessem lhes dizer alguma coisa.

— Sim — respondeu Banquo. — Estou seguro. Mas não preste atenção no noticiário daqui pra frente. Você só vai ver mentiras. Tem mais alguém no apartamento, por ora. Acho que ele dorme num colchão no chão, então você vai ter que ficar no sofá. Isso se os ratos não tiverem comido.

— Muito engraçado. Você jura que não está correndo perigo?

— Não se preocupe...

— O sinal fechou!

Banquo meteu o pé no freio e por pouco não bateu no para-choque do Galaxy, que pelo visto também não tinha notado o sinal vermelho.

— Toma — disse Banquo, entregando ao filho uma velha carteira bem recheada. — Fica com o dinheiro. Deve dar pra você se virar por uns tempos.

Fleance pegou as notas.

— Sinal demorado... — Ele ouviu o pai resmungar.

Fleance olhou no retrovisor. Já se formara uma longa fila de carros atrás deles. Por fora, uma sequência de motos vinha na direção deles.

— Estranho — comentou Banquo. E, de novo, naquela voz arrastada: — Parece que o sinal mais à frente também está vermelho. E há um bom tempo.

— Pai, tem umas motos vindo.

Fleance viu o pai olhar de relance pelo retrovisor. Então pisou no acelerador, virou o volante para a direita e soltou a embreagem. O velho carro derrapou no asfalto molhado e oleoso, mas conseguiu se espremer pela direita da fila de carros. As calotas bateram no meio-fio alto, e ouviu-se um ranger de carrocerias como se tivessem se machucado quando o Volvo raspou a lateral do Galaxy, arrancando o retrovisor ao passar.

Fortes roncos de motor vinham lá da frente. O sinal abrira.

— Pai! Para!

Mas ele não parou; pelo contrário, acelerou mais ainda. Estavam a toda a velocidade, direto para o cruzamento, em rota de colisão com um caminhão que vinha da esquerda e um ônibus da direita. Então ouviram duas buzinas, uma de cada lado, rugindo um acorde estridente, quando passaram entre eles. Fleance olhou

no retrovisor quando desceram a Colina dos Enforcados em disparada no sentido centro, e a dolorosa música entrava em sintonia atrás eles. Ele viu que o sinal havia mudado para verde novamente e que as motos já tinham ultrapassado o cruzamento.

* * *

Macbeth plantou-se nos sólidos azulejos da entrada do Inverness, embora ainda se sentisse em alto-mar. À sua frente, um obeso de terno preto pelejava para sair de uma limusine. O porteiro do Inverness, de vermelho e segurando um guarda-chuva, mantinha a porta do carro aberta e hesitava entre puxar o sujeito para fora ou permitir que ele mantivesse a dignidade. Quando o homem finalmente conseguiu vencer a batalha por conta própria, ainda que um pouco resfolegante, Lady correu para recebê-lo.

— O nosso... O meu prefeito!

Ela sorriu e lhe deu um abraço. O que não era uma tarefa simples, pensou Macbeth, e se pegou dando uma risadinha malvada enquanto observava as mãos esguias de Lady pegando as gorduchas de Tourtell.

— A cada vez que nos encontramos você está mais bonito e mais viril — elogiou ela, toda animada.

— E você, Lady, sempre mais linda e mais mendaz. Olá, Macbeth...

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão, e Macbeth ficou fascinado com a forma como a carne da mão do prefeito escapava por baixo de seu polegar.

— E quem é esse jovem? — indagou Lady.

Um rapaz de olhos castanhos, pele macia e aparência feminina, tão imberbe quanto um adolescente, deu a volta na limusine, tendo saído da porta traseira do outro lado. Ele deu um sorrisinho tímido para Tourtell, como se buscasse ajuda.

— Esse jovem, Lady, é meu filho.

— Bobinho, você não tem filhos — falou Lady, dando um tapinha na lapela do prefeito.

— Meu filho *ilegítimo* — elucidou Tourtell, acariciando a região lombar do menino e dando uma piscadela marota para Macbeth. — Faz pouco tempo que fiquei sabendo. Não acha que somos parecidos, Lady?

— Você é e sempre será esperto como uma raposa, querido Tourtell. Vamos dar um nome pra ele?

— Que tal Kasi Tourtell Jr.? — sugeriu o prefeito, cofiando o bigode à la Salvador Dalí e soltando uma gargalhada ao ver Lady revirar os olhos.

— Venham se servir aqui dentro, onde está mais quentinho — disse Lady.

Os dois atravessaram a porta enquanto ela se aproximava de Macbeth.

— Como ele se atreve, o canalha safado — disse Macbeth. — E eu que achava que Tourtell fosse um dos caras respeitáveis.

— Ele é um dos caras respeitáveis, e isso é o que conta, querido. O poder lhes confere a liberdade de fazerem o que quiserem, sem que as pessoas percam o respeito por eles. Viu? Pelo menos agora você está sorrindo.

— Estou?

— Como um palhaço desengonçado. — Lady já estava sorrindo para o táxi que se aproximava da porta. — Não exagere no sorriso, querido. Chegou o Janovic, incorporador de Capitol.

— Mais um pra comprar os terrenos das nossas fábricas por uma bagatela?

— O negócio dele são cassinos. Seja simpático e diga olá. Em algum momento, deixe escapar um comentário sobre o declínio no índice de crimes de rua.

Fleance gritou de surpresa e se abaixou quando o vidro traseiro explodiu.

— Quantos são? — perguntou Banquo, com toda a calma, e deu uma guinada forte para a direita, descendo por uma rua lateral de paralelepípedos.

Fleance se virou. O ronco das motos atrás deles aumentou em volume como um dragão enfurecido.

— Cinco ou seis — gritou Fleance. — Me dá a sua arma!

— Minha arma preferiu ficar em casa — respondeu Banquo. — Segura firme.

Ele girou o volante; as rodas bateram no meio-fio, e o Volvo deu um salto e cortou caminho passando em frente a uma loja de roupas elegantes a fim de virar à esquerda para pegar uma rua ainda mais estreita. Fleance entendeu a manobra: naqueles becos de mão única pelo menos os motoqueiros não conseguiriam emparelhar com eles e matá-los. Mas estavam cada vez mais perto. Outro tiro soou lá atrás. Fleance ainda não aprendera a diferenciar as armas de fogo pelo som, coisa que era fácil para o pai, mas até ele identificou que era uma espingarda. O que, afinal, era melhor que...

Uma chuva de balas martelou a carroceria do carro.

... Uma automática.

O pai deu outra guinada repentina sem um pingo de hesitação, como se soubesse aonde estava indo. Estavam bem na área do shopping, mas as lojas estavam fechadas e as ruas, quase desertas com a chuva. Será que ele conhecia a saída daquele labirinto? Em resposta, Banquo de repente virou à direita, passando por uma placa que trazia más notícias.

— Pai, é uma rua sem saída!

Banquo não reagiu.

— Pai!

Ainda nenhuma reação, os olhos fixos em profunda concentração, as mãos agarradas ao volante. Fleance só então viu que sangue escorria pelo rosto do pai e por dentro da camisa, onde o colarinho branco, como papel absorvente, ganhara um tom avermelhado. E havia algo faltando no ponto onde o sangue descia da cabeça do pai. Fleance desviou o olhar do volante. E entendeu por que ele não respondia. A orelha! A orelha estava grudada no painel, um pequeno pedaço de pele clara, fiapos de carne e sangue.

Fleance olhou para o para-brisa. E lá viu, literalmente, o fim. O beco sem saída terminava em uma casa de madeira de aparência sólida. O térreo era uma grande vitrine parcialmente iluminada. Aproximavam-se rápido e não davam indícios de que parariam.

— Aperta o cinto, Fleance.

— Pai!

— Anda.

Fleance pegou o cinto de segurança, passou-o sobre o peito e só conseguiu afivelá-lo quando os pneus dianteiros bateram no meio-fio e o carro alçou voo. O capô bateu no meio da vitrine, e Fleance teve a sensação de que o que havia à sua frente se abriu, de que voavam para dentro daquela loja através de uma cortina de vidro branco. Então, tomado de espanto, olhou ao redor e percebeu que algo estava fora de esquadro. Houve uma brecha no curso dos eventos, e ele achou que provavelmente desmaiara. Em seus ouvidos, um zumbido infernal. Seu pai estava imóvel, a cabeça no volante.

— Pai!

Fleance o sacudiu.

— Pai!

Nenhuma reação. O para-brisa sumira e alguma coisa brilhava sobre o capô. Fleance pestanejou algumas vezes antes de se dar conta de que era mesmo o que parecia ser. Anéis. Colares. Pulseiras. E bem na parede à sua frente estava escrito, em letras douradas: JACOBS & FILHOS. JOALHERIA. Eles haviam estilhaçado uma porra de uma joalheria. E o zumbido não vinha de sua cabeça, mas do alarme contra roubo. Então ele entendeu. O alarme. Todos os bancos, cassinos e as grandes joalherias da cidade estavam conectados à central telefônica da polícia, que imediatamente entrava em contato com as patrulhas do distrito. Seu pai sabia o que estava fazendo.

Fleance tentou se livrar do cinto de segurança, mas não conseguiu. Puxou e puxou, mas a fivela se recusou a se soltar.

Sentado na moto, o sargento contava os segundos e olhava para a metade do carro que ainda se via para fora da loja à frente deles. O alarme suplantava quaisquer outros sons, e ele via a fumaça saindo do cano de descarga, indicando que o motor ainda estava ligado.

— O que é que a gente está esperando, hein? — perguntou o cara na Electra Glide. Havia um quê de irritante em sua maneira de falar. — Vamos pegar eles.

— Vamos esperar mais um pouco — disse o sargento e começou a contar em voz alta: — Vinte e um, vinte e dois...

— Até quando, hein?

— Até termos certeza de que o cara que encomendou o serviço cumpriu sua promessa — respondeu o sargento. — Vinte e cinco, vinte e seis...

— Droga. Quero acabar logo com essas degolas e ir embora dessa cidade de merda.

— Espera — disse o sargento, observando-o de viés.

O cara parecia um adulto. Dois adultos. Tão grandalhão quanto uma porta de celeiro e cheio de músculos no corpo todo, inclusive no rosto. Mas usava aparelho nos dentes, como um menino. O sargento já tinha visto isso, na prisão, onde os presos que puxavam ferro e tomavam esteroides anabolizantes desenvolviam um queixo avantajado e dentes deslocados. Vinte e nove, trinta. Trinta segundos e nenhuma sirene.

— Vai lá — falou o sargento.

— Valeu.

O grandalhão sacou uma Colt de cano longo do cós da calça e pegou uma espada no estojo, desceu da moto e seguiu em direção ao carro. Despreocupadamente, correu a lâmina da espada ao longo da parede e no poste com a placa de PROIBIDO ESTACIONAR. O sargento ficou analisando as costas da jaqueta de couro dele. Uma bandeira de pirata com um crânio no centro de uma suástica. Refinamento zero. Suspirou.

— Dê cobertura com a espingarda, Colin.

Colin alisou o bigode de morsa com a mão enfaixada, depois abriu a espingarda de cano curto e a carregou com duas cápsulas.

O sargento viu alguns rostos aparecerem nas janelas do outro lado da rua, mas, até ali, nenhuma sirene, apenas o monótono e incessante alarme enquanto o cara entrava na loja e se aproximava do carro. Colocou a espada debaixo do braço, abriu a porta do passageiro e apontou o revólver para a pessoa sentada ali. O sargento automaticamente cerrou os dentes, esperando o estrondo.

Fleance tentou e tentou se livrar do cinto de segurança, mas a porcaria da trava não soltava. Tentou, então, escorregar o corpo por baixo do cinto. Levou os joelhos ao queixo, girou para o lado ainda sentado, apoiou os pés na porta do passageiro e impulsionou

o corpo em direção ao banco do motorista. Naquele momento, viu um homem entrar na loja com uma espada e um revólver. Tarde demais para escapar, e Fleance nem sequer teve tempo de pensar no medo que sentia.

A porta do passageiro foi aberta com um puxão. Fleance viu um aparelho ortodôntico cintilar e um revólver sendo erguido e percebeu que o homem estava fora de alcance do chute que havia planejado dar. Então, no desespero, deu um pontapé em direção à porta aberta. Um sapato normal não teria se encaixado no puxador interno da porta, mas o de bico fino e longo herdado de Macbeth entrou direto ali. Deu uma espiada na eternidade negra da boca do revólver e puxou a porta com a maior força possível. Ouviu-se um baque quando a porta bateu no pulso do homem, espremendo-o no vão. E um ruído surdo quando o revólver caiu no chão.

Ao som de obscenidades, Fleance fechou a porta com uma das mãos enquanto procurava a arma com a outra.

A porta tornou a ser aberta com violência, e lá estava o cara de aparelho, com a espada erguida acima da cabeça. Fleance apalpou o tapete, inclusive sob os bancos. Onde que a droga da arma tinha ido parar? O cara de aparelho obviamente se deu conta de que o vão da porta era estreito demais para brandir a espada, então teria de perfurar a vítima em vez de arrancar sua cabeça. Ele puxou o braço, mirou a ponta da espada e investiu. Fleance contra-atacou com as duas pernas, fazendo com que o cara fosse cambaleando de costas até finalmente estilhaçar um balcão de vidro ao cair.

O sargento suspirou.

— Colin, faz o favor de ir lá e acabar com esse show de acrobacias.

— Beleza, chefe.

Antes de descer da moto, Colin checou se ainda conseguiria puxar o gatilho com a mão que Macbeth havia empalado com a adaga.

Fleance tinha desistido de lutar, pois não conseguiria se libertar do cinto a tempo, então se inclinou e viu o cara da espada sair de trás

do balcão destruído, com cacos de vidro caindo de seus ombros largos. Dessa vez, ele foi mais cuidadoso: tomou posição fora do alcance de Fleance e checou se empunhava direito a espada. Fleance sabia que ele mirava um ponto em que pudesse causar danos instantâneos e ainda se manter a uma distância segura. A virilha.

— Merda de cidade — rosnou o homem.

Então deu uma cusparada na espada, ajeitou o braço, posicionou-se o mais perto possível e mostrou uma fileira de dentes cerrados. A iluminação suave e cálida da loja fez o aparelho cintilar, como se pertencesse ao estoque da joalheria. Fleance pegou a arma e disparou. Viu de relance a expressão de surpresa e um pequeno buraco negro bem no centro do aparelho ortodôntico antes que o homem tombasse.

Os sons suaves e discretos do piano-forte estavam deixando Macbeth impaciente.

— Caros convidados, colegas e amigos do cassino — começou, olhando para os rostos que o cercavam —, embora nem todos tenham chegado, gostaria, em nome da mulher que todos vocês conhecem e temem — risadinhas contidas e acenos para uma risonha Lady —, desejar-lhes nossas calorosas boas-vindas e propor um brinde antes de tomarmos nossos lugares à mesa.

Colin parou quando viu o primo do sul despencar. O barulho do tiro suplantou o do alarme, e ele viu uma mão estendida para fora do carro segurando um revólver. Reagiu instantaneamente. Deu um tiro. Viu o projétil atingir o alvo, viu a cor clara do painel da porta se tornar avermelhada, o vidro da porta explodir e o revólver cair no chão.

Correu para o carro imóvel. A adrenalina tornara seus sentidos tão receptivos que ele absorvia tudo. A fraca vibração do cano de descarga, a ausência de cabeças no vidro traseiro quebrado e um som que ele acabara de reconhecer, mesmo embrenhado no zumbido do alarme. O de aceleração do motor. *Merda!*

Correu até o vão da porta. No banco do passageiro estava sentado um garoto de terno em uma posição muito estranha: com o cinto de segurança, uma das mãos coberta de sangue e a perna esquerda esticada até o motorista caído, sem vida, sobre o volante. Colin levantou a espingarda quando o motor acelerou, pegou tração e o carro disparou de ré. A porta aberta foi de encontro ao seu peito, mas ele conseguiu, com a mão esquerda, agarrar-se à parte superior dela. Saíram da loja praticamente voando, mas Colin continuou firme. Ainda tinha a espingarda na dolorida mão direita, mas, para atirar, teria de passá-la por baixo do braço esquerdo...

Fleance havia conseguido alcançar os pedais, afastar o pé do pai e pisar na embreagem para trocar o câmbio de ponto neutro para ré. Então foi tirando o pé do pedal aos poucos enquanto apertava o acelerador com o bico do sapato. A porta direita havia batido em um homem, que continuava pendurado ao carro, mas o automóvel já tinha saído da loja e ia de ré. Fleance não enxergava porcaria nenhuma, mas pisou fundo no acelerador, torcendo para não bater em nada.

O sujeito na porta estava tentando fazer alguma coisa, e de repente Fleance entendeu. O cano de uma espingarda apareceu por baixo do braço do cara. No momento seguinte, um disparo.

Fleance piscou.

O cara da arma tinha sumido. E também a porta do passageiro. Olhou por cima do painel e viu ambos enlaçados no poste que exibia a placa de PROIBIDO ESTACIONAR.

Então viu uma rua lateral.

Pisou no freio e apertou a embreagem antes que o motor morresse. Pelo retrovisor, viu quatro homens descendo das motos e vindo em sua direção. As motos estavam estacionadas lado a lado, bloqueando a rua estreita; o Volvo não conseguiria passar por cima deles de ré. Fleance agarrou a alavanca de câmbio, e foi quando viu que sua mão sangrava. Tentou engatar a primeira, mas não conseguiu, provavelmente porque naquela posição não dava para pisar na embreagem até o fundo. *Merda, merda, merda*. O motor tossiu e engasgou, prestes a dar seu último suspiro. Pelo retrovisor,

viu que eles tinham sacado as armas. Não, metralhadoras. Já era. Fim da linha. Então um pensamento muito estranho lhe ocorreu. Que pena que não faria a última prova de Direito, justo agora que tinha decifrado o código e compreendido o conceito: a diferença entre errado e ilegal, entre valores e regras. Entre poder e crime.

Sentiu algo quente pousar sobre sua mão na alavanca.

— Quem está dirigindo, filho? Você ou seu pai?

Os olhos de Banquo estavam um pouco turvos, mas ele se aprumou no assento com as duas mãos no volante. No instante seguinte, o velho ruído do motor converteu-se em um rugido rouco, e o carro foi derrapando nos paralelepípedos enquanto as metralhadoras estalavam e crepitavam atrás deles como se fosse comemoração do Ano-Novo Chinês.

Macbeth olhou para Lady, sentada a duas cadeiras dele. Conversava animadamente com seu vizinho de mesa, um tal de Jano qualquer coisa. O barão do setor imobiliário de Capitol. Havia pousado a mão no braço dele. No ano anterior, um dos donos de fábrica mais poderosos havia se sentado na mesma cadeira ora ocupada pelo tal Jano e capturado a atenção dela. Este ano, porém, com a desativação da fábrica, seu dono não havia sido convidado.

— Você e eu deveríamos ter uma conversa — disse Tourtell.

— Sim — concordou Macbeth, voltando-se para o prefeito, que empurrava um garfo copiosamente carregado de vitela para dentro da bocarra. — Sobre o quê?

— Sobre o quê? Sobre a cidade, é claro.

Macbeth observava, fascinado, as muitas pregas do queixo do prefeito se expandirem e se contraírem enquanto ele mastigava, como um acordeão de pele humana.

— Sobre o que é melhor pra cidade — acrescentou Tourtell, com um sorriso. Como se fosse uma piada.

Macbeth sabia que deveria se concentrar na conversa, mas estava difícil manter os pensamentos organizados, amarrá-los no aqui e agora que se passava na terra. Naquele momento, por exemplo, indagava a si mesmo se a mãe do bezerrinho estaria viva.

E, caso positivo, se ela sentia que, naquele momento, naquele exato momento, seu filho era comido.

— Aquele radialista — disse Macbeth. — Kite. Ele espalha boatos e, visivelmente, tem interesses lamentáveis. Como se neutraliza uma pessoa como essa?

— Jornalistas — falou Tourtell, com ar de tédio. — Olha, isso não é fácil. Eles só prestam contas aos editores. E mesmo que esses editores só prestem contas aos donos dos jornais, que só pensam nos lucros, os jornalistas estão solenemente convencidos de que servem a um propósito superior. Muito complicado. Você não está comendo, Macbeth. O que há com você? Está preocupado?

— Eu? De modo algum.

— Jura? Mesmo com um comissário-chefe morto, o adjunto desaparecido e toda a responsabilidade pesando nos seus ombros? Olha, se você não estiver preocupado, aí quem vai ficar preocupado sou *eu*!

— Não foi isso que eu quis dizer. — Macbeth procurou Lady com o olhar, em busca de ajuda, mas, embora estivesse sentada do outro lado do prefeito, ela conversava com uma mulher que era assessora financeira da câmara municipal ou algo assim. — Com licença — disse Macbeth, levantando-se.

Sob um olhar desconfiado e ligeiramente preocupado de Lady, ele seguiu a passos largos até a recepção.

— Me empresta o telefone, Jack.

O recepcionista passou-lhe o telefone, e Macbeth discou o número da central de polícia. Atenderam no quinto toque. Seria um tempo longo ou curto para um cidadão ter uma resposta? Não sabia, nem nunca havia considerado isso. Mas agora teria de pensar nesse tipo de coisa. Também.

— Me coloque em contato com as Patrulhas.

— Ok.

Ouviu que a ligação havia sido transferida, e o telefone do ramal começou a tocar. Olhou para o relógio. Não tinham pressa para atender.

— Nunca vejo você na sala de jogos, Jack.

— Não trabalho mais como crupiê, senhor. Desde... Bem, desde aquela noite, o senhor sabe qual.

— Entendi. Leva um tempo pra superar.

Jack deu de ombros.

— Mas não é só por isso. Na verdade, acho que o cargo de recepcionista combina mais comigo. Então não vejo como uma tragédia.

— Mas o salário de crupiê não é bem maior?

— Se você se sente um peixe fora d'água, não importa quanto ganha. O peixe não consegue respirar e morre ao lado de um saco cheio de dinheiro. Isso sim é uma tragédia, senhor.

Macbeth já ia responder quando uma voz anunciou que sua ligação fora transferida.

— Aqui é o Macbeth. Queria saber se você teve algum relato de tiroteio na Colina dos Enforcados nas últimas horas.

— Não. Por quê? Deveríamos ter tido?

— Um cliente nosso disse que acabou de passar por lá e ouviu um estrondo. Vai ver foi só um pneu que estourou.

— É, deve ter sido.

— Então não tem nenhuma ocorrência no Distrito 2 Oeste?

— Só um arrombamento em uma joalheria, senhor. A viatura mais próxima estava muito distante, mas estamos indo pra lá agora.

— Entendi. Bem, boa noite então.

— Pro senhor também, inspetor.

Desligou. Macbeth baixou o olhar para o tapete, para a estranha tapeçaria, as formas de flores. Nunca prestara atenção naquele desenho, mas agora era como se quisesse lhe dizer alguma coisa.

— Senhor?

Macbeth ergueu o olhar. Jack parecia preocupado.

— Senhor, seu nariz está sangrando.

Macbeth levou a mão ao rosto e, percebendo que o recepcionista tinha razão, correu para o banheiro.

Banquo acelerava pela estrada principal. O vento uivava lá fora, passando pelo buraco deixado pela porta arrancada. Passaram diante do Obelisco. Não faltava muito para chegarem à Estação Central.

— Está vendo eles?

Fleance respondeu alguma coisa.

— Mais alto!

— Não.

Banquo não escutava nada do ouvido direito, fosse porque o canal auditivo estivesse coberto de sangue, fosse porque a bala tivesse destruído também sua audição. No entanto, não era esse tiro que o incomodava. Olhou para o medidor de gasolina e notou que o ponteiro havia descido abruptamente nos últimos quatro ou cinco minutos, desde que saíram da área do shopping. As metralhadoras podiam ter *soado* inofensivas, mas tinham esburacado o tanque. Mas tampouco eram esses tiros que o incomodavam, pois tinham gasolina suficiente para chegar ao Inverness.

— Quem são eles, pai? Por que estão atrás da gente?

Ali, logo ali na frente deles, via-se a Central.

— Não sei, Fleance.

Banquo se concentrava na estrada. E em respirar. Precisava respirar, fazer com que o ar entrasse nos pulmões. Siga em frente. Siga em frente até que Fleance esteja a salvo. Era isso, só isso o que importava. Não estava nem aí para o asfalto que havia começado a embaçar diante dele, ou a bala que o atingira.

— Alguém devia saber que viríamos por esse caminho, pai. Os sinais de trânsito desregulados... Isso não é normal. Eles sabiam exatamente quando passaríamos pela Colina dos Enforcados.

Banquo já tinha encontrado uma explicação para isso. Mas nada daquilo importava no momento. O importante agora é que haviam passado pela Central e que as luzes do Inverness estavam acesas mais à frente. Estacionar na entrada, levar Fleance para dentro.

— Estou vendo eles agora, pai. Estão a uns duzentos metros.

Mais do que suficiente, se não encontrassem nenhum impedimento. Ele deveria ter no carro o giroscópio de luz azul e a sirene. Banquo olhou para o Inverness. O cassino estava todo iluminado. Conseguiria atravessar a praça num piscar de olhos. As sirenes. Algo ficou entalado em sua garganta. Em sua mente.

— Você ouviu alguma sirene, Fleance?

— Quê?

— Sirenes. Carros da patrulha. Ouviu sirenes se dirigindo à joalheria?

— Não.

— Tem certeza? Sempre tem dezenas de patrulhas no Distrito 2 Oeste.

— Certeza absoluta.

Banquo sentiu a dor e a escuridão chegarem.

— Não — sussurrou. — Não, Macbeth, meu menino...

Agarrou o volante e deu uma guinada à esquerda.

— Pai! Esse não é o caminho pro Inverness.

Banquo meteu a mão na buzina do Volvo, ultrapassou o carro da frente e acelerou. A dor paralisante das costas começava a irradiar para o peito. Logo não conseguiria mais manter a mão direita ao volante. Provavelmente a bala não tinha feito um grande buraco no assento, mas o tinha atingido. E esse era o tiro que o preocupava.

Diante deles, nada além do terminal de contêineres, o mar e a escuridão.

Mas havia uma última chance.

Macbeth examinou o rosto no espelho acima da pia. O sangramento havia estancado, mas ele sabia o que significava. A mucosa do nariz estava ferida, e ele teria de parar com a brew por um tempo. Era diferente de quando mais jovem: o corpo aguentava qualquer dose de flagelo. Mas, agora, caso insistisse, o nariz ficaria dolorido e sangraria, e sua mente começaria a girar e a rodar até a cabeça se desatarraxar do pescoço. Precisava dar uma parada. Então por que, enquanto chegava a essa conclusão, ele pegou uma nota, fez dela um rolinho e a posicionou ao final de uma carreira de pó em cima da pia? Porque aquilo era uma exceção. Era o momento crítico, quando mais precisava. Precisava da droga para encarar, de um lado, o prefeito obeso e pervertido e, do outro, a gangue Norse Rider, que dava a impressão de não ter conseguido cumprir o trato. E ainda havia Lady. Não, ela não era um problema, ela era o alfa e o ômega, seu nascimento, sua vida e sua morte. Sua razão de *ser*. Mas, assim como o amor entre eles podia

lhe trazer uma alegria imensa, Macbeth também podia sentir dor ao pensar no que lhe poderia ser tirado: o poder dela agora consistia em *não* amá-lo tanto quanto em amá-lo. Ele inalou, fungou com força, sugando a brew para o cérebro, até a parte interna do couro cabeludo, ou assim parecia. Novamente, olhou-se no espelho. Seu rosto se contorceu e as feições mudaram. Os cabelos ficaram brancos. Os lábios se tornaram vermelhos como os de uma mulher. Uma cicatriz atravessou seu rosto. Novos queixos cresceram sob o seu. Os olhos se encheram de lágrimas que escorreram. Tinha de parar. Vira pessoas que tinham inalado tanto que acabaram tendo de usar próteses nasais. Era preciso parar enquanto ainda havia tempo, enquanto ainda havia algo para ser salvo. Tinha de passar para a seringa.

O sargento viu as lanternas traseiras do Volvo se aproximando. Acelerou sabendo que os outros teriam dificuldade para manter o mesmo ritmo, muito embora seu motor tivesse apenas 450 cilindradas. Na pista molhada e oleosa, experiência e sensatez eram mais importantes para a aderência ao asfalto do que a potência do motor. Foi então, com surpresa, que viu pelo retrovisor uma moto se aproximar a toda a velocidade. E, mesmo sem acreditar nos próprios olhos, ele a reconheceu. E reconheceu o capacete do motociclista. A Indian Chief vermelha passou tão rente que por pouco a ponta de um chifre não o arranhou. O farol de sua moto iluminou o sabre quando a Indian Chief o ultrapassou. De onde ele tinha vindo? Como ficara sabendo? Como ele sempre sabia quando precisavam dele? O sargento diminuiu a marcha. Deu passagem para que Sweno fosse à frente e os liderasse.

Banquo fez o mesmo trajeto usado na perseguição ao caminhão russo, realizando algumas ultrapassagens imprudentes e aumentando por alguns instantes a distância entre eles e as motos. Logo eles tornariam a alcançá-los, mas talvez ainda houvesse tempo. Havia uma barreira na entrada do túnel com uma placa avisando que a ponte estava fechada para reparos. Estilhaços voaram quando a frente do Volvo bateu nessa barreira e os faróis

abriram um rombo na escuridão do túnel. Ele dirigia com uma das mãos ao volante; a outra jazia em seu colo como a mão de um cadáver. Já podiam enxergar a saída quando ouviram o ladrar furioso dos motores dos Norse Riders entrando no túnel atrás deles.

Banquo freou ao se aproximar da curva acentuada de acesso à ponte e depois tornou a acelerar.

E logo foram recebidos pelo súbito silêncio da noite, sob um céu claro e um luar que fazia o rio brilhar como cobre, bem abaixo deles. Tudo que se ouvia era o motor do Volvo operando no máximo. E a borracha dos pneus cantando no asfalto quando Banquo freou subitamente no meio da ponte onde antigamente havia a estátua de Kenneth e entrou no acostamento onde a brisa agitava a fita vermelha da Highway Agency para isolamento do local onde o ZIS-5 havia mergulhado levando consigo a grade de proteção. Perplexo, Fleance se virou para o pai, que acabara de botar o carro em ponto morto. Banquo se inclinou sobre o filho com um canivete e cortou o cinto de segurança defeituoso.

— O que...?

— Estamos com um vazamento, meu filho. Daqui a pouco vamos ficar sem gasolina, então me escuta. Nunca fui muito de dar sermão, você sabe disso, mas quero te dizer uma coisa... — Banquo se recostou à porta ao seu lado, ergueu os joelhos e girou no assento da mesma maneira que Fleance havia feito. — Você pode ser o que quiser, Fleance. Então não seja o que eu fui. Não seja um lacaio pros lacaios.

— Pai...

— E caia sempre em pé.

Ele apoiou a sola dos sapatos no quadril e no ombro do filho, viu Fleance tentar se agarrar a alguma coisa e depois o empurrou com todas as suas forças. O filho gritou, implorou, apavorado como ao nascer, mas então se viu lá fora, o último cordão umbilical cortado, sozinho no mundo, em queda livre em direção ao seu destino.

Banquo gemeu de dor ao se virar, engatar o carro e acelerar em direção ao próprio destino.

Quando a gasolina acabou, três quilômetros depois de sair da ponte, já tinham quase o alcançado. O carro ainda percorreu os últimos metros. Banquo se sentia zonzo, sonolento, e recostou a cabeça para trás. Um calafrio se espalhou por suas costas e pelo seu estômago, irradiando para o coração. Ele pensou em Vera. E, quando finalmente choveu naquele lado do túnel, foi chuva de chumbo. Chumbo que perfurou carroceria, os assentos e o corpo de Banquo. Ele olhou pela janela, para a encosta da montanha. E, quase no topo, viu aquilo que parecia um tributo ao mal, quando visto da cidade. Mas, dali, era uma cruz cristã brilhando ao luar. Estava tão perto. Mostrava o caminho. O portão estava aberto.

— Uma ascensão planejada — murmurou Banquo. Uma ascen...

16

Duff ficou acompanhando a respiração de Caithness. Quando a notou mais suave, desenlaçou-se dos braços dela e se virou para a mesinha de cabeceira.

— Já deu meia-noite, Cinderela? — perguntou ela, num sussurro.

— Temos bastante tempo, mas não posso chegar atrasado.

— Você está olhando no relógio a cada meia hora desde que chegou. Parece até que está louco pra ir embora.

Ele se virou na cama. Acariciou-lhe a nuca.

— Não é por isso, minha linda. É que perco toda a noção do tempo quando estou com você — disse ele e lhe deu um beijo de leve.

Ela achou graça.

— Que belas palavras, meu gentil Romeu. Mas eu ando pensando...

— Isso é assustador.

— Para com isso. Ando pensando que te amo. E...

— Assustador!

— Para, já disse. E não quero você só aqui e agora. Não quero que você desapareça como se fosse um sonho que eu tive pela metade.

— Eu também não quero, meu amor, mas...

— Chega de "mas", Duff. Você sempre diz que vai contar pra ela sobre nós, mas aí vem esse repetitivo "mas", que significa que

você tem que adiar, diz que é em consideração a ela, aos filhos, ao...

— É muita coisa pra levar em consideração, Caithness. Você precisa entender isso. Tenho uma família, e com ela vem...

— *Responsabilidades das quais não posso fugir* — ela o imitou. — Que tal ter alguma consideração por mim? Você não tem problema nenhum em fugir de mim.

— Você sabe muito bem que não é assim. Você é jovem, tem opções.

— Opções? O que você quer dizer com isso? Eu amo *você*!

— Só quis dizer que a Meredith e as crianças estão passando por uma fase difícil. Se esperarmos até que nossos filhos estejam um ano mais velhos, vai ser mais fácil, e aí eu vou poder...

— Não! — Caithness bateu no edredom. — Quero que você conte pra ela agora, Duff. E você percebeu uma coisa? Essa foi a primeira vez que você falou o nome dela.

— Caithness...

— Meredith. É um nome bonito. Tive inveja desse nome por muito tempo.

— Por que tanta pressa de repente?

— Cheguei a uma conclusão nesses últimos dias. Pra gente conseguir o que quer, não dá pra ficar parado, esperando. A pessoa tem que ser firme, talvez até agressiva, mas uma atitude drástica é melhor. Acredite, pra mim não é fácil pedir que você faça isso, que abra mão da sua família. Sei que essa atitude afeta pessoas inocentes, e isso não é da minha natureza.

— Não, não é mesmo da sua natureza, Caithness. Então de onde você tirou essa ideia tão drástica?

— Duff. — Ela se sentou de pernas cruzadas no meio da cama. — Você me ama?

— Sim! Meu deus, claro que sim.

— Então vai fazer isso? Por mim?

— Me escuta, Caithness...

— Prefiro Meredith.

— Querida. Amo você acima de qualquer coisa. Daria minha vida por você. Minha própria vida, sim, sem pensar duas vezes. Mas e quanto à vida de outros?

Duff balançou a cabeça. Pegou fôlego para falar, mas acabou por soltar o ar. Uma atitude drástica? Tinha de ser agora? A ideia o deixou aturdido. Será que estivera naquele caminho o tempo todo, sem saber? Um caminho que o afastava de Caithness, que o levava para casa, para Fife? Tomou fôlego de novo.

— Minha mãe, a quem nunca conheci, sacrificou a vida por mim. Sacrificou a própria vida pra que eu pudesse viver. Então, mesmo se for da minha natureza, como era da natureza da minha mãe, sacrificar a vida por amor, o amor a um filho é o maior amor que existe. Só a *ideia* de sacrificar qualquer coisa menor que a minha vida pelos meus filhos, tal como privá-los da própria família pelo meu amor egoísta a outra mulher, é como se eu estivesse cuspindo na memória da minha mãe.

Caithness cobriu a boca com a mão, e um soluço involuntário escapou enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Então ela se levantou e saiu do quarto.

Duff fechou os olhos. Bateu a cabeça no travesseiro atrás de si e foi atrás dela. Encontrou-a na sala, de pé junto a uma das janelas do sótão, olhando para fora da casa. Nua e cintilantemente branca sob a luz neon que vinha da rua e que realçava as trilhas de chuva na vidraça, tornando-as iguais às lágrimas que escorriam pelo rosto dela.

Ele abraçou seu corpo nu por trás. Sussurrou em seu cabelo:

— Se quiser que eu vá embora agora, eu vou.

— Não estou chorando porque não posso ter você por inteiro, Duff. Estou chorando por causa do meu coração impiedoso. Enquanto você... Você é um homem com um coração leal, meu querido. Um homem em quem uma criança pode confiar. Não consigo deixar de amar você. Me perdoe. E se não posso ter tudo, me dê o que pode me oferecer do seu coração puro.

Ele não respondeu, apenas a abraçou. Beijou seu pescoço e correu a mão pelo seu corpo. Ela começou a mexer os quadris. Ele pensou na hora marcada. Em Banquo. No encontro à locomotiva. Mas ainda faltava muito para a meia-noite.

— Cassino Inverness, Jack falando.

— Boa noite, Jack. Gostaria de falar com o Macbeth.

— Ele está em um jantar. Quer deixar um...

— Vá chamar ele, Jack. Anda.

Pausa.

O sargento passou os olhos pelas motos reunidas em volta da cabine telefônica, todas deformadas pelo serpentear dos grossos pingos de chuva que desciam do outro lado do vidro, mas mesmo assim era a visão mais bela que conhecia: motores sobre duas rodas. E os irmãos que os dirigiam.

— Posso tentar, senhor. Quem gostaria?

— Diz que é o telefonema que ele está esperando.

— Entendi, senhor.

O sargento esperou, transferindo o peso do corpo de um pé para o outro. Trocando o embrulho sujo de sangue de um braço para o outro.

— Alô, é o Macbeth.

— Boa noite. Estou ligando pra informar que o peixe grande foi pego e destripado, mas o menor fugiu da isca.

— Pra onde?

— Olha, a chance de um único peixinho sobreviver no mar é de uma em mil, então acho que nesse caso podemos acreditar que ele esteja morto no fundo do mar.

— Certo. E então?

— A cabeça do peixe está a caminho. E devo dizer que você ganhou meu respeito, Macbeth. São poucos os que têm paladar, ou estômago, pra esse tipo de iguaria.

Macbeth botou o fone no gancho e se apoiou no balcão enquanto tentava recuperar o ar.

— Tem certeza de que está se sentindo bem, senhor?

— Estou sim. Obrigado, Jack. Estou só um pouco tonto.

Macbeth reprimiu todos os pensamentos e as imagens. Então ajeitou o paletó e a gravata e voltou ao salão de jantar.

Os convidados sentados à longa mesa conversavam e brindavam, mas não se podia descrever o ambiente como em clima festivo. Bem, vai ver aquelas pessoas não estivessem acostumadas a comemorar com o fervor do pessoal do GOE, ou será que o fantasma da morte de Duncan estava mais presente do que Lady

gostaria de admitir? O prefeito acenou para que Macbeth voltasse logo. Ao ver que havia alguém em sua cadeira, Macbeth presumiu que fosse o companheiro de Tourtell, mas não. Estacou quando o reconheceu. Parecia que seu coração tinha parado de bater.

Banquo.

Estava ali, sentado. Agora.

— O que foi, meu amor? — Era Lady. Tinha se virado e olhava para ele sem entender. — Sente-se.

— Meu lugar está ocupado — disse ele.

Tourtell também se virou.

— Vem, Macbeth. Senta aqui.

— Onde?

— Na sua cadeira — respondeu Lady. — Qual é o problema?

Macbeth gritou quando Banquo virou a cabeça toda para trás, como uma coruja. Acima do colarinho branco havia um corte longo e contínuo que parecia dar a volta em seu pescoço. O sangue escorria da ferida como da borda de um cálice de vinho que alguém não parava de encher.

— Quem... Quem fez isso com você?

Macbeth gemeu e colocou as mãos no pescoço de Banquo, apertando para estancar o sangue. Mas era um líquido fino que escorria por entre seus dedos como vinho diluído em água.

— O que você está fazendo, meu amor? — perguntou Lady, a voz tensa, e deu uma risada nervosa.

A boca de Banquo se abriu.

— Foi... você... meu filho.

As palavras eram proferidas em tom monótono, o rosto inexpressivo como o de um boneco de ventríloquo.

— Não!

— Eu... vi... você... mestre... estou... esperando... você... mestre.

— Cala a boca!

Macbeth apertou com mais força.

— Você... está... me... estrangulando... Assassino.

Aterrorizado, Macbeth o soltou. E sentiu alguém puxar seu braço com força.

— Vem. — Era Lady. Estava prestes a se livrar dela, quando Lady sussurrou em seu ouvido: — Agora! Enquanto você ainda é o

comissário-chefe.

Ela colocou a mão sob o braço dele, como se o seguisse, e juntos singraram porta afora ao vento dos olhos dos convidados.

— O que está acontecendo? — sibilou ela quando os dois se viram a portas fechadas em sua suíte.

— Você não viu? O Banquo! Ele estava no meu lugar.

— Meu Deus, você está drogado. Está vendo coisas! Quer que o prefeito pense que escolheu um demente como novo comissário-chefe?

— *Escolheu*?

— Cadê a maldita brew? Cadê? — Ela enfiou a mão no bolso da calça dele. — Isso vai acabar agora!

Macbeth agarrou o punho dela.

— O prefeito me *escolheu*?

— Tourtell vai nomear você, Macbeth. Providenciei esse encontro entre vocês dois porque achei que, no mínimo, você não iria destruir a impressão de que é o homem certo pro cargo. Me solta, está me machucando!

— Pois Tourtell que faça o que quiser! O que tenho contra ele é o bastante pra trancafiá-lo amanhã mesmo. E, se não for o bastante, posso conseguir mais provas. Eu sou o comissário-chefe, mulher! Você não entende o que isso significa? Estou no comando de seis mil pessoas, duas mil delas armadas. Um exército, querida!

Macbeth notou que os olhos dela se suavizavam.

— Muito bem — sussurrou ela. — Agora você está fazendo sentido, meu amor.

Ele ainda segurava seu pulso fino, mas Lady mexia no bolso da calça dele.

— Agora posso sentir você de novo — disse ela.

— Vem, vamos...

— Não, agora não. — Ela puxou a mão. — Temos convidados. Mas tenho uma coisa pra você. Um presente pela sua nomeação.

— Ah, é?

— Olha na gaveta da cabeceira.

Macbeth pegou um estojo na mesinha. Dentro havia uma adaga brilhante, reluzente. Ele a ergueu à luz.

— É de prata?

— Eu ia te dar depois do jantar, mas acho que você precisa dela agora. A prata, como todos sabem, é o único material capaz de matar fantasmas.

— Obrigado, meu amor.

— Não há de quê. Agora me diga, em alto e bom som, que Banquo está morto.

— Banquo está morto. Morto.

— Isso. Então vamos chorar a morte dele mais tarde, porque agora é hora de nos juntarmos aos demais. Diga que tudo não passou de uma brincadeirinha entre marido e mulher. Vamos.

Eram onze e dez da noite.

Caithness ainda estava na cama. Duff já se vestira e estava de pé junto ao balcão da cozinha. Havia preparado uma xícara de chá e achado um limão na geladeira, mas a única faca limpa era mais apropriada para esfaquear alguém do que para cortar frutas. Fez um furo na casca com a ponta, e um borrifo de sumo escapou. Àquela hora da noite, provavelmente levaria metade do tempo para chegar à Central, encontrar uma vaga e caminhar até Bertha. Ele não tinha a menor intenção de se atrasar. Banquo parecia não precisar de desculpas para *não* lhe contar o que sabia. No entanto, Duff percebera que ele queria conversar com alguém. Desafogar-se de alguma coisa... De quê? Culpa? Ou apenas do que sabia? Banquo não era o carneiro de guia com um chocalho no pescoço, e sim uma ovelha, não mais que um elo de conexão. E Duff torcia para ficar sabendo, de uma vez por todas, quem eram os outros. De posse dessa informação, ele iria... O silêncio reinante foi interrompido pelo toque do telefone na parede ao lado do quadro de cortiça.

— Telefone! — gritou ele.

— Eu ouvi! Vou atender aqui — respondeu Caithness, do quarto.

Ela tinha um aparelho em cada cômodo, o que era uma das coisas que o faziam se sentir velho ao seu lado. Talvez Meredith e ele fossem um pouco antiquados por achar que bastava um aparelho por residência. Afinal, não custava nada correr para atender. Encontrou um pano e limpou a mão com ele. Tentou ouvir

que tipo de conversa era aquela, quem estaria ligando às altas horas da noite. Meredith? O nome foi rejeitado assim que surgiu em sua mente. A segunda suspeita resistiu por mais tempo: um amante. Quer dizer, outro amante, só que mais jovem. Não, um admirador, um amante em potencial. Alguém à espera nos bastidores, pronto para entrar em cena caso Duff não lhe desse a resposta que ela queria naquela noite. Sim, essa era a razão de sua pressa repentina. E Duff não atendera às exigências, agora que o ultimato do outro amante se tornara o ultimato dela. E ela escolhera o outro. No instante que articulou esse pensamento, quase desejou que fosse o tal admirador. Como são estranhos os seres humanos.

— Pode repetir isso? — ouviu Caithness dizer, do quarto. Em seu tom de voz profissional. Apenas mais agitado que o usual. — Estou a caminho. Ligue pros outros.

Definitivamente, era trabalho. De Perícia.

Ouviu movimentos no quarto dela e torceu para que a missão não fosse em Fife, que ela não sugerisse que ele a levasse até lá. Sentiu a mão grudenta. Lambeu-a enquanto olhava para o limão. O sumo havia penetrado em um dos cortes que ganhara ao levar um tombo no cais. Ficou imóvel por um segundo. Então pegou a faca e tornou a cravá-la no limão. Mais forte e mais rápido dessa vez. Soltou a faca de imediato e afastou a mão, mas a ferida voltou a doer. Era impossível. Impossível enfiar a faca e tirar a mão antes de se sujar.

Caithness entrou correndo na cozinha, com a maleta preta de médico.

— O que foi? — indagou Duff ao ver a expressão preocupada dela.

— Era da central. O adjunto do Macbeth no GOE...

— Banquo? — Duff sentiu a garganta apertar.

— Sim — confirmou ela, abrindo uma gaveta. — Foi encontrado na ponte Kenneth.

— Encontrado? Você quer dizer...?

— Sim.

Ela procurava algo freneticamente na gaveta.

— Como?

As perguntas se acumulavam, numerosas demais, e Duff levou a mão à testa, impotente.

— Não sei ainda, mas a equipe presente no local disse que o carro dele está crivado de balas. E a cabeça foi removida.

— Removida? Tipo... Cortada fora?

— Logo veremos — disse ela, encontrando enfim um par de luvas descartáveis na gaveta e guardando-o na maleta. — Você pode me levar?

— Caithness, eu tenho um compromisso, então...

— Você não disse onde, mas, se tiver que fazer um desvio longo...

Ele tornou a olhar para a faca.

— Vou com você — disse Duff. — Claro que eu vou. Sou chefe da Homicídios, e esse caso é da máxima prioridade.

Então ele se virou e arremessou a faca com toda a força no quadro de cortiça. A faca girou no ar uma vez e meia antes de bater no gancho do quadro e, depois, atingir o piso da cozinha com um tinido.

— O que você está tentando fazer? — perguntou ela.

Duff encarava a faca.

— Algo que demanda muita prática pra ter sucesso. Vamos.

17

— Então, Seyton, em que posso te ajudar? — perguntou Macbeth.

Os raios de sol haviam conseguido passar por uma brecha entre as nuvens, atravessando, meio enviesados, as janelas encardidas do escritório do comissário-chefe e alcançando a mesa, onde iluminavam a foto de Lady, o calendário apontando que era uma terça-feira, o desenho da metralhadora Gatling e a careca luzidia do oficial magro e forte sentado do outro lado da mesa.

— Você precisa de um segurança — disse Seyton.

— É mesmo? E que tipo de segurança seria?

— Alguém que consiga combater o mal com o mal. Duncan tinha dois, e, depois do que aconteceu com o Banquo, *que Deus abençoe sua alma*, há todos os motivos pra imaginarmos que eles também estejam atrás de você, comissário-chefe.

— E quem seriam *eles*?

Seyton olhou para Macbeth com certa hesitação antes de responder:

— Os Norse Riders. Pra mim, são eles que estão por trás dessas execuções.

Macbeth assentiu.

— Algumas testemunhas revelaram ter visto motociclistas no Distrito 2, alguns com jaquetas dos Norse Riders, atirando contra um Volvo que havia invadido uma joalheria. Presumimos que fosse o carro do Banquo.

— Se Malcolm estava envolvido nisso, a ameaça ao comissário-chefe pode vir de dentro da força — falou Seyton. — Não confio em todos os nossos chamados líderes. Na minha opinião, Duff é alguém que carece de espinha dorsal e de princípios morais. Quanto às ameaças externas, evidentemente há Hécate.

— Hécate é um empresário. Ser suspeito de assassinato só é bom pros negócios em casos muito raros. Sweno, por outro lado, tem um motivo que ultrapassa a lógica empresarial.

— Vingança.

— A boa e velha vingança, isso mesmo — confirmou Macbeth. — Alguns dos nossos economistas parecem desdenhar da predisposição humana a seguir os instintos mais básicos em vez do extrato bancário. Quando o amante da viúva negra se deita nas costas dela, saturado e exausto de tanto fazer amor, ele *sabe* que em breve será comido. No entanto, ele nunca faria uma escolha diferente. E aí você tem o Sweno.

— Então você tem menos medo do Hécate?

— Hoje mesmo me disseram que os recursos deveriam ser distribuídos de forma mais sensata, que a caça às bruxas dirigida ao Hécate tem que ser reduzida pra que possamos resolver problemas mais urgentes da cidade.

— Tais como? — perguntou Seyton.

— Pessoas honestas e trabalhadoras sendo claramente enganadas e furtadas por um dos nossos cassinos mais suspeitos. Mas, voltando ao ponto que estávamos discutindo... Os últimos comissários-chefe tiveram péssimas experiências com seus seguranças, mas não esqueci como você foi eficiente e valente quando fui atacado por aquele cachorro na casa do Cawdor. Então me dê um tempo pra pensar no assunto. Na verdade, eu estive pensando em dar a você um cargo um pouco diferente, mas não muito diferente do que você estava pedindo.

— É mesmo?

— Agora que sou o comissário-chefe e que Banquo não está mais aqui, o GOE precisa de um comandante. E você, Seyton, é o oficial mais antigo e com mais experiência.

— Obrigado, comissário. É mesmo uma honra inesperada e uma prova de confiança. O problema é que não sei se estou à altura da

incumbência. Não sou político nem tenho o dom da liderança.

— Conheço o tipo. Você é um cão de guarda que precisa de um dono e de uma dona, Seyton. Mas o GOE é uma espécie de cão de guarda. Você ficaria surpreso com a quantidade de instruções minuciosas que recebe. Eu mal precisava pensar em como fazer pra prender os bandidos. E, considerando os assassinatos dos últimos dois dias, está claro que são seríssimos os riscos que quem se senta na minha cadeira está correndo e que o GOE terá que ser usado pra proteger ativamente o chefe da polícia.

— Está dizendo que o GOE vai se tornar o segurança pessoal do comissário-chefe?

— Um arranjo desses encontraria objeções, mas acredito que possam ser sufocadas. E, nesse caso, mataríamos dois coelhos com uma cajadada só. Os seus desejos e os meus seriam atendidos. O que me diz, Seyton?

O sol ia se pondo, e talvez fosse o repentino crepúsculo reduzindo a luminosidade da sala que fez com que Seyton diminuísse o tom de voz, e o que disse soou como um sussurro conspiratório:

— Desde que as ordens que eu receba venham diretamente, e em detalhes, de você, comissário-chefe.

Macbeth analisou o homem à sua frente. *Que Deus abençoe sua alma*, Seyton havia desejado para Banquo. Ficou imaginando que tipo de bênção havia sido.

— Minhas ordens, meu fiel Seyton, serão inequívocas. No que diz respeito a sufocar as objeções, acabei de encomendar duas dessas metralhadoras Gatling. — Ele passou o desenho para Seyton. — Entrega expressa. Um pouco mais cara, mas vamos recebê-las em dois dias. O que acha?

Seyton correu os olhos pelo desenho, assentindo lentamente.

— Interessante — comentou ele. — Linda, na verdade.

Duff bocejou enquanto dirigia, deixando para trás um céu claro e enfrentando nuvens escuras.

Ewan o havia acordado ao pular para a cama do quarto de hóspedes, seguido pela irmã.

— Papai, você está em casa!

Tomaram o café da manhã na cozinha, com o sol da alvorada ainda baixo sobre o lago. Meredith havia repreendido as crianças, mandando que parassem de brigar para se sentar no colo do pai e se apressassem, pois tinham de ir para a escola. Não tinha conseguido imprimir à voz o tom enérgico que Duff sabia que ela pretendia, e ele notara o sorriso nos olhos dela.

Agora, ele passava pela cena do crime. O carro crivado de balas havia sido rebocado, e o sangue no asfalto, lavado. Caithness e seu pessoal trabalharam com diligência e coletaram todas as evidências possíveis. E não havia muito o que ele pudesse fazer além de confirmar o óbvio: que Banquo tinha sido baleado e decapitado. Não havia sinal de Fleance, mas Duff notara que o cinto de segurança no banco do passageiro tinha sido cortado. Isso poderia significar qualquer coisa; por enquanto, só lhes restava divulgar um alerta geral de desaparecimento do jovem filho de Banquo. Aquele trecho era deserto, pois a ponte estava fechada, e era improvável que houvesse testemunhas na vizinhança; então, uma hora mais tarde, Duff decidira que, como estava a meio caminho de Fife, poderia muito bem ir dormir em casa.

Onde ficara deitado ruminando, ao som do chichiar dos gafanhotos lá fora. E foi quando soube. Soube, mas não compreendeu. Não que de repente tivesse enxergado o quadro mais amplo; não que todas as peças de repente tivessem completado o quebra-cabeça. Foi um mísero detalhe. A faca na cozinha de Caithness. Mas, enquanto refletia, outras peças haviam surgido e, aos poucos, se encaixado. Então adormeceu, e os filhos o acordaram, surpresos, ao amanhecer.

Duff dirigia pela ponte velha. Era estreita e modesta em comparação com a Kenneth, mas solidamente construída, e muitos achavam que permaneceria ali por mais tempo que a nova.

O problema era: com quem falar?

Tinha de ser alguém que não apenas tivesse poder, influência e dinamismo, mas que também fosse de confiança e *não* estivesse envolvido.

Entrou na garagem subterrânea da central no momento que a fresta entre as nuvens se fechava e a breve visita do sol chegava ao fim.

Lennox ergueu os olhos da máquina de escrever quando Duff entrou.

— Já é quase hora do almoço, e você está bocejando como se tivesse acabado de acordar.

— Pela última vez: essa coisa é autêntica? — perguntou Duff, apontando o queixo para um objeto amarronzado com uma massa disforme de metal enferrujado na ponta, que Lennox usava como peso de papel.

Duff se deixou desabar na cadeira ao lado da porta.

— E, pela última vez — Lennox suspirou —, herdei do meu avô. Jogaram na cabeça dele, nas trincheiras de Somme. Felizmente, como você pode ver, o alemão esqueceu de puxar o pino do detonador. E essa história virou uma piada, motivo de altas risadas entre os soldados que lutavam ao lado do meu avô.

— Está dizendo que eles riram muito em Somme?

— De acordo com o meu avô, quanto pior ficava, mais eles riam. Ele chamava isso de risada de guerra.

— Ainda acho que é mentira. Você não é do tipo que tem uma granada ativa em cima da mesa.

Lennox sorriu ao continuar datilografando.

— Meu avô a guardou em casa durante a vida inteira. Dizia que o fazia se lembrar de coisas importantes: a transitoriedade da vida, o protagonismo do acaso, a própria mortalidade e a incompetência alheia.

Duff apontou para a máquina de escrever.

— Você não tem uma secretária pra cuidar disso?

— Comecei a escrever minhas próprias cartas e a sair da central pra postá-las, eu mesmo, no correio. Ontem, a promotoria pública me avisou que uma das minhas cartas parecia ter sido aberta e lacrada novamente antes de ser entregue a eles.

— Não me surpreende. Obrigado por me receber assim, em cima da hora.

— *Receber* você? Que formal. Bem, do que se trata? Você não quis adiantar o assunto por telefone.

— Pois é. Como eu disse, não me surpreende que alguém abra as cartas.

— A telefonista. Você acha que...

— Não acho nada, Lennox. Concordo com você que não faz sentido correr riscos na atual situação.

Lennox assentiu lentamente e inclinou a cabeça.

— Porém, meu caro Duff, foi exatamente pra isso que você veio aqui, não foi?

— Talvez. Tenho uma prova de quem assassinou o Duncan.

A cadeira rangeu quando Lennox se empertigou. Em seguida, ele se afastou da máquina de escrever e apoiou os cotovelos na mesa.

— Fecha a porta.

Duff apenas esticou o braço e bateu a porta.

— Que tipo de prova? Tangível?

— Engraçado você usar essa palavra... — Duff pegou o abridor de cartas que estava em cima da mesa de Lennox e avaliou seu peso na palma da mão. — Como você sabe, nas duas cenas de crime, a do Duncan e a dos seguranças, tudo aparentemente se encaixa à perfeição.

— A gente usa *aparentemente* quando algo parece correto na superfície, mas na realidade não é.

— Exato. — O inspetor Duff equilibrou o abridor de cartas no dedo indicador, formando uma cruz. — Vamos dizer que você esfaqueia uma pessoa no pescoço com a intenção de matar. Nesse caso, você não a manteria cravada até ter certeza de que atingiu a carótida?

— Suponho que sim — respondeu Lennox, com os olhos no abridor de cartas.

— E, se você acerta a artéria de primeira, que, como sabemos, foi o que aconteceu, uma enorme quantidade de sangue escapa em alguns breves jorros, a pressão sanguínea da vítima cai, o coração para de bater e o restante do sangue apenas escorre.

— Estou entendendo. Eu acho.

— No entanto, o cabo da adaga que encontramos com Hennessy estava completamente coberto de sangue; as digitais dele estavam no sangue, e a palma da mão também estava suja com o sangue do Duncan. — Duff apontou para o cabo do abridor de cartas. — Isso significa que o assassino não estava segurando o cabo quando o sangue espirrou do pescoço do Duncan, mas que

pegou o cabo depois. Ou que alguém fez com que sua mão apertasse o cabo mais tarde. Porque alguém, um outro alguém, *atirou* a adaga no pescoço do Duncan.

— Entendo — disse Lennox, coçando a cabeça. — Mas atirar ou esfaquear, que diferença faz? O resultado é o mesmo.

Duff entregou o abridor de cartas a Lennox.

— Tenta atirar isso naquele quadro de avisos pra que fique preso.

— Eu...

— Tenta.

Lennox se levantou. A distância até o quadro era de uns dois metros.

— Tem que atirar com firmeza — instruiu Duff. — É preciso muita força pra furar o pescoço de um homem.

Lennox atirou. O abridor de cartas bateu no quadro e caiu no chão com um baque.

— Tenta umas dez vezes — disse Duff, pegando o abridor e equilibrando-o no dedo. — Aposto uma garrafa de uísque do bom que você não vai conseguir fazer com que a ponta fique espetada no quadro.

— Não confia na minha habilidade ou na minha sorte?

— Se eu tivesse te dado uma faca que não estivesse balanceada, com um cabo mais pesado que a lâmina ou vice-versa, minhas apostas seriam maiores. Mas essa faca é tão balanceada quanto a adaga encontrada no pescoço do Duncan. Só um especialista consegue atirar. E ninguém com quem conversei aqui na central viu ou ouviu qualquer coisa que sugira que os seguranças do Duncan fossem atiradores de facas. Pra falar a verdade, conheço apenas uma pessoa que se encaixaria nessa descrição. Alguém que na verdade quase entrou pro circo pra fazer exatamente isso. E que estava no Inverness naquela noite.

— Quem?

— Aquele pra quem você entregou a Unidade de Crime Organizado. Macbeth.

Tomado de espanto, Lennox ficou de pé num salto, encarando um ponto na testa de Duff.

— Está me dizendo...?

— Sim, estou. O comissário Duncan foi morto por Macbeth. E aqueles seguranças inocentes foram assassinados a sangue-frio pelo mesmo homem.

— Deus tenha misericórdia de nós — disse Lennox, despencando na cadeira. — Você falou com a Perícia e com a Caithness sobre isso?

Duff balançou a cabeça.

— Sei que eles notaram que havia sangue no cabo, mas atribuíram isso a reflexos rápidos na hora de soltar a adaga, não levantaram a hipótese de ela ter sido atirada. Uma teoria bastante satisfatória. Afinal, é muito raro encontrar alguém com essa habilidade. E só os colegas mais chegados a Macbeth sabem disso.

— Ótimo. Não devemos contar isso pra ninguém. *Ninguém*. — Lennox juntou as mãos e mordiscou o nó dos dedos. — Você está ciente da situação em que isso me coloca, Duff?

— Sim. Agora que você sabe o que eu sei, não há como voltar atrás. Agora são duas cabeças por um fio. Peço desculpas por não te dar uma opção, mas o que mais eu poderia fazer? A hora da verdade chegou pra nós, Lennox.

— De fato. Se você estiver realmente certo e Macbeth for o monstro que você acredita ser, a bala não pode apenas feri-lo: isso o tornaria duplamente perigoso. É preciso um tiro certeiro.

— Sim, mas como fazer isso?

— Com astúcia e cautela, Duff. Vou ter que pensar sobre isso, e, como não sou nenhum gênio, vai levar um tempo. Vamos nos encontrar novamente. Não aqui. Não onde as paredes têm ouvidos.

— Às seis — disse Duff, levantando-se. — Na Central. Em frente a Bertha.

— A antiga locomotiva? Por que lá?

— Era onde eu tinha combinado de me encontrar com Banquo. Ele ia me contar tudo o que acabei deduzindo sozinho.

— Então me parece um local adequado. Até mais tarde.

Macbeth olhou demoradamente para o telefone em sua mesa.

Tinha acabado de falar com Sweno.

Seus nervos tremiam e se contorciam sob a pele. Precisava de *alguma coisa*. E não de *uma coisa* qualquer, sabia disso. Pegou o

chapelão que Lady lhe comprara. Priscilla sorriu quando Macbeth surgiu na antessala.

— Por quanto tempo o comissário-chefe vai ficar fora?

A pedido de Macbeth, ela havia sido transferida do escritório de Lennox, e todo o processo não levou mais de duas horas. Ele tinha planejado mandar embora a antiga assistente de Duncan, mas, em vez disso, a empurrou um andar abaixo depois que o administrativo lhe explicou que, no setor público, nem um comissário-chefe podia demitir funcionários com um simples estalar de dedos.

— Uma hora — respondeu Macbeth. — Ou duas.

— Então vou dizer duas pra quem ligar.

— Pode fazer isso, Priscilla.

Entrou no elevador e apertou o T do andar térreo. *Pra quem ligar*. Não *se alguém ligar*. Porque as pessoas ligavam. Elas não paravam de ligar. Chefes de unidades, juízes, vereadores. Macbeth não tinha a menor ideia do que metade deles fazia além de importuná-lo com perguntas que ele não compreendia, e isso só aumentava a fila de gente ligando. Jornalistas. A morte de Duncan, o desaparecimento de Malcolm. E agora outro policial e seu filho. As coisas estavam saindo do controle?, indagavam. Será que o comissário-chefe podia garantir que...? *Sem comentários. Posso convidá-los pra próxima coletiva de imprensa, na qual...*

E havia o Sweno.

As portas do elevador se abriram; dois policiais fardados prontos para entrar recuaram. Era uma regra introduzida por Kenneth, e mais tarde abolida por Duncan, de que o comissário-chefe deveria ter o elevador só para si. Mas, antes que Macbeth pudesse dizer que eram bem-vindos, as portas do elevador se fecharam e ele seguiu sozinho.

Na calçada, deu de cara com um homem de casaco cinza lendo um jornal, que murmurou "Desculpa, Macbeth". O que não era de estranhar, porque, quando ele ergueu os olhos, viu o próprio rosto na primeira página do jornal. TERCEIRO OFICIAL ASSUME O LEME. Até que não era uma manchete ruim. Podia ter sido sugestão de Lady. O editor era facilmente controlado por ela.

Macbeth puxou o grande chapéu sobre o rosto e caminhou a passos largos. No meio do dia, as ruas estavam tão cheias de carros que era mais rápido ir a pé do que de carro até a Estação Central. Além do mais, era bom que ninguém visse a limusine do comissário-chefe estacionada por lá.

Só Deus sabia o que Sweno teria dito a Priscilla para que ela lhe passasse a ligação. Se bem que ele não se identificou quando Macbeth atendeu. Nem precisava. Bastava ouvir sua voz uma vez para jamais esquecer. O tom grave fazia o plástico do receptor estremecer. Ele cobrava a promessa de Macbeth, da liberação *imediata* dos Norse Riders, e 12 horas haviam se passado. Macbeth respondeu que isso não era tão simples assim. Que documentos tinham de ser assinados por juízes e advogados, pois a denúncia já havia sido apresentada. Mas que Sweno podia preparar uma festa de boas-vindas para dali a dois dias.

— Dois dias já é demais — respondera Sweno. — E são os últimos dois dias que vou te dar. Depois de amanhã, às onze horas, um dos nossos vai telefonar pra casa de um juiz, não vou dizer qual, pra revelar sua participação no assassinato de Banquo, e vai dizer que sabíamos exatamente onde Banquo e Fleance estariam.

— Um dos seus pilotos camicases?

— Além disso, temos sete testemunhas que viram você na sede do nosso clube.

— Relaxa e pensa no seu discurso, Sweno. Vamos deixar seus meninos no portão do clube amanhã à tarde, às três e meia.

E, dito isso, Macbeth desligou.

Antes de subir os degraus da estação, ele observou a área. Viu outro casaco cinza, mas não era o mesmo de antes. O chapéu escondia seu rosto, e, afinal de contas, ele era apenas mais um dos muitos homens bem-vestidos que subiam aquela escada todos os dias para comprar aquilo que lhes permitia trabalhar tão bem.

Parou no mesmo lugar da última vez, no corredor, perto da escada para o banheiro. O garoto não estava por ali. Macbeth estava inquieto. Fazia horas que vinha sentindo o desejo, mas só agora, quando estava prestes a se satisfazer, é que ficou muito pior.

Ela surgiu depois de uma hora, ao que lhe pareceu, embora o relógio informasse que tinham sido apenas dez minutos de espera.

Trazia uma bengala branca, por um motivo qualquer.

— Preciso de dois saquinhos.

— Você precisa conhecer uma pessoa — disse Strega. — Coloque isso aqui.

Ela lhe entregou protetores de ouvido e uma espécie de máscara que era meio que óculos de natação e meio que máscara de soldador, do tipo que já vira cegos usando.

— E por que eu deveria?

— Porque, se não fizer isso, não vai receber brew.

Ele relutou. Não, não relutou, apenas não se apressou. Teria plantado bananeira se fosse necessário. As lentes dos óculos eram pintadas, para que ele não visse absolutamente nada. Strega o girou várias vezes, para que ele perdesse o senso de direção. Então lhe entregou a bengala branca e o conduziu pelo caminho. Dez minutos depois, ele sabia que tinham andado na chuva, em meio a pessoas e veículos, pois os tampões de ouvido não abafavam os ruídos por completo. Strega o ajudou a subir uma parede de cimento de um metro e meio de altura e dali caminharam sobre cascalho ou areia. Então saltaram outra parede de cimento e entraram em algum espaço fechado, presumiu, pois era aquecido e o ar estava mais seco. Ela o fez se sentar em uma cadeira. Alguém lhe tirou os tampões, mas ordenou que continuasse com os óculos. Ele ouviu alguém se aproximando, até que os sons de *tap-tap* pararam bem à sua frente.

— Lamento ter que trazê-lo pra cá dessa maneira. — A voz era excepcionalmente gentil e suave, como a de um idoso. — Mas achei que, considerando as circunstâncias, era melhor nos encontrarmos cara a cara. Isso é, você não pode ver a minha cara, é claro. Mas, se eu fosse você, Macbeth, ficaria agradecido por isso.

— Compreendo. Isso significa que você pretende me deixar sair vivo daqui.

— Você não é esperto, mas é mais esperto do que estúpido, Macbeth. Foi por isso que escolhemos você.

— Por que você me trouxe até aqui?

— Porque estamos preocupados. Sabíamos, claro, do seu gosto pros estimulantes antes de escolhermos você, mas não sabíamos que você seria dominado tão completamente e tão rápido.

Resumindo: precisamos descobrir se você é confiável ou se vamos precisar te substituir.

— Me substituir pelo quê?

— Você se acha assim tão especial? Espero que o título de comissário-chefe não tenha subido à sua cabeça e que você compreenda que não passa de um testa de ferro. Sem mim, você não é nada. Duncan acreditava que conseguiria vencer sem mim, inclusive que poderia lutar contra mim. Você também acredita nisso, Macbeth?

Ele rangeu os dentes e engoliu a raiva. Só queria pegar a droga e dar no pé. Respirou fundo.

— Pelo que posso ver, temos um esquema de colaboração do qual nós dois nos beneficiamos, Hécate. Você pode ter desencadeado os eventos que me alçaram a comissário-chefe, e vou me livrar do Sweno e garantir que a polícia não atrapalhe você nem seu monopólio.

— Hum. Então você não tem integridade de caráter?

— É claro que tenho, mas sou pragmático. Em qualquer cidade desse tamanho haverá um mercado pra vendedores de sonhos como você. Se não for você ou Sweno, será outra pessoa. A cooperação entre nós pelo menos manterá outros traficantes, talvez piores, longe daqui. Aceito você como meio pro fim de construir um bom futuro para essa cidade.

O homem velho achou graça.

— Essas palavras parecem ter saído diretamente da boca da Lady. Leves e doces ao paladar, mas sem substância. Estou em uma encruzilhada aqui, Macbeth. E, pra decidir o caminho a tomar, terei que avaliar se você é adequado a essa posição. Vejo que os jornais estão usando metáforas de que o terceiro oficial assumiu o leme. Bem, pois seu navio está no meio de um furacão. Duncan, Banquo e um cadete da polícia foram executados. Cawdor, Malcolm e dois seguranças foram mortos, tidos como corruptos. Seu navio já é um desastre físico e moral, Macbeth, então, caso eu venha a ajudar você, tenho que saber em detalhes como vai fazer para conduzi-lo a águas mais calmas.

— Evidentemente os culpados serão detidos e punidos.

— Fico feliz em ouvir isso. E quem são os culpados?

— Isso é óbvio. Os Norse Riders. Eles forçaram Malcolm e seus guardas a cooperar.

— Ótimo. Nesse caso, seremos absolvidos, você e eu. Mas e se Sweno conseguir provar sua inocência em relação ao assassinato do Duncan?

— Tenho o pressentimento de que ele não vai conseguir fazer isso.

— Hum. Espero que você tenha a capacidade de honrar o que acabou de dizer, Macbeth.

— Tenho, Hécate. E espero poder exigir o mesmo de você.

— O que você quer dizer com isso? Eu abri o caminho pra você. Isso não é suficiente?

— Não, a não ser que eu esteja protegido. O que eu vejo agora é que todo mundo está fazendo de tudo pra me pegar: juízes, jornalistas, criminosos e, provavelmente, homens de dentro da polícia. Com armas ou com palavras como armas. O telefone nunca para. E olha só pra mim: posso ser sequestrado como um cego em plena luz do dia.

— O GOE não está cuidando de você?

— E como saber se posso confiar neles? Preciso de mais proteção.

— Compreendo. E aqui está minha resposta: você já tem a minha proteção. Há algum tempo. Só não a viu.

— Onde está essa proteção?

— Nem perca tempo com isso. Você deveria saber que Hécate protege seus investimentos. A pessoa que sou, aquilo que defendo, é a garantia de que ninguém, absolutamente ninguém nessa cidade, pode te machucar enquanto você for meu, Macbeth.

— Ninguém?

— Eu te prometo isso. Está pra nascer a pessoa capaz de tocar em um fio de cabelo da sua bela cabeça. E a velha Bertha tornará a correr sobre os trilhos antes que alguém o destitua do cargo. Não está bom o suficiente pra você, Macbeth?

— Sim, essas duas promessas me satisfazem.

— Ótimo. Porque tenho uma última coisa pra te dizer. E é o seguinte: cuidado com o inspetor Duff.

— Como assim?

— Ele sabe que foi você quem matou o Duncan.

Macbeth sabia que deveria estar preocupado. Temeroso. Entrar em pânico. Mas em seu interior só cabia a familiar e abominável ânsia pela droga.

— Felizmente pra você, no momento, existe apenas um homem que sabe o que Duff sabe.

— Quem? — perguntou Macbeth.

— O mesmo homem que lançou e apoiou a sua candidatura pra chefe da Crime Organizado, sob minhas ordens. Tão discretamente que Duncan pensou depois que a ideia tinha sido dele mesmo.

— E quem foi?

— Veja com seus próprios olhos.

A perna de uma cadeira arranhou o piso quando Macbeth foi virado. Os óculos foram removidos. O primeiro pensamento que lhe veio à mente foi que estava diante de uma sala de interrogatório à prova de som. Tinha a mesma janela unidirecional que significava que o interrogado não via nem ouvia os que estavam do lado de fora. A diferença era que aquele local se assemelhava a um grande laboratório, com frascos de vidro, tubos de ensaio e canos que corriam em direção a um enorme caldeirão que fazia um contraste quase cômico com todo o equipamento moderno, o que lhe trouxe à memória desenhos animados que mostravam canibais cozinhando pessoas vivas em uma tina gigantesca. Na parede atrás do caldeirão havia uma placa com os dizeres: PROIBIDO FUMAR. Na frente do caldeirão, na sala intensamente iluminada e perto do vidro, estava um homem de tez pálida e cabelos ruivos, sentado ereto numa poltrona reclinável. Uma das mangas da camisa estava enrolada, o rosto virado para o teto, a boca entreaberta, os olhos meio fechados. Estava tão perto que Macbeth viu a metade da íris azul tremendo sob as pálpebras do homem. Reconheceu uma das irmãs chinesas, que segurava uma seringa com a agulha espetada no antebraço do inspetor Lennox.

A voz gentil atrás de Macbeth disse:

— Lennox semeou a ideia na cabeça do Duncan, a ideia de que ele deveria nomear alguém que não pertencesse à elite, e sim um homem que o povo considerasse um igual.

— Lennox disse a Duncan que ele deveria me nomear chefe da Unidade de Crime Organizado?

— Não. Claro que Lennox disse o contrário. Que não podia indicar você porque você não tinha qualificações formais e era muito popular. É assim que se manipula velhas mulas teimosas com egos gigantes.

— Você disse *pula* e Lennox pulou?

— E Lennox não disse *pula*, mas Duncan pulou. — Uma gargalhada soou atrás de Macbeth, e soava como alguém gorgolejando uísque. — Os labirintos da mente humana, Macbeth. Avenidas largas, essencialmente fáceis de se transitar. Lennox é meu há mais de dez anos. Um operário fiel, o inspetor Lennox.

Macbeth tentou ver o reflexo do homem atrás de si, mas avistou apenas Strega, como se o próprio Hécate não tivesse sua imagem refletida. Mas ele estava lá, porque Macbeth ouviu sua voz ao pé do ouvido:

— Mas quando eu digo *pula*, significa que você deve pular.

— O quê?

— Mate Duff.

Macbeth engoliu em seco.

— Duff é meu amigo. Mas você provavelmente já sabia disso.

— Banquo era um pai pra você, e isso não foi um empecilho. Matar Duff é uma necessidade, Macbeth. Além do mais, tenho um amigo melhor pra você: chama-se power.

— Não preciso de novos amigos.

— Precisa, sim. A brew torna você mentalmente instável e excêntrico. Você teve alucinações, não teve?

— Talvez. Talvez isso aqui não passe de uma alucinação. O que é esse tal de power?

— Um produto novo, mas também extremamente antigo. A brew é a power dos pobres. A power é sete vezes mais forte e causa metade do estrago. Aguça e fortalece a mente. É o que os tempos atuais demandam.

— Prefiro a brew.

— O que você prefere, Macbeth, é continuar como comissário-chefe.

— E essa nova droga vai me tornar dependente?

— Como eu disse, é antiga. E vai substituir todas as drogas das quais você já é dependente. Então, o que me diz? Duff ou power?

Macbeth viu a cabeça de Lennox cair para a frente. E ouviu Strega sussurrar algo atrás dele. A irmã endireitou o corpo de Lennox na poltrona e foi até o caldeirão.

— Eu quero.

— Como?

Macbeth pigarreou:

— Eu disse que quero.

— Dê a ele — ordenou Hécate.

Macbeth ouviu o *tap-tap* se afastar enquanto os óculos eram recolocados em seu rosto, e o mundo à sua volta desapareceu.

18

— Ela é linda, não é? — perguntou Lennox, alisando as formas arredondadas.

— Não — respondeu Duff. — Bertha pode ser um monte de coisas, mas linda ela não é.

Lennox riu e olhou para a mão suja de fuligem.

— Todo mundo diz apenas Bertha, mas o nome completo dela é Bertha Birnam. Em homenagem a uma cozinheira de cabelo muito escuro que trabalhava no canteiro de obras e que foi a única funcionária a ficar durante todos os anos de construção da linha férrea daqui até Capitol.

— Como você sabe disso?

— Porque o meu avô participou da construção da via férrea. Daqui até Capitol.

— Então o seu avô brandia uma marreta e carregava dormentes?

— Não, claro que não, ele ajudou a *financiar* a ferrovia.

— Isso me soa mais provável.

Duff contemplou a acolhedora iluminação do Inverness ao crepúsculo.

— Os Lennox são tradicionalmente banqueiros. Eu sou uma espécie de ovelha negra da família. E quanto às suas origens, Duff?

— As de sempre.

— Polícia?

— Até onde a vista alcança.

— Conheço muitos Duffs na cidade, mas nenhum deles está na polícia.

— Adotei o sobrenome do meu avô materno quando vim pra cá.

— E ele...

— Já morreu. Com a morte dele, fui pro orfanato. E depois veio a academia de polícia.

— Se você não é daqui, por que não fez a academia em Capitol? É melhor. Sem falar no clima e no ar fresco.

— Os peixes graúdos estão aqui. Os Norse Riders, Hécate...

— Entendo. Você realmente queria a Crime Organizado, não é?

— Sim, provavelmente sim.

— Bom, ainda está disponível. E quando prendermos Macbeth pelo assassinato do Duncan, você só terá que indicar pra qual unidade quer ser nomeado. Seremos saudados como os salvadores da cidade, Duff.

— Será mesmo? Você realmente acha que eles se importam? — Duff acenou com a cabeça para a praça, onde as pessoas se apressavam para sumir de vista o mais rápido possível, buscando abrigo nas sombras.

— Entendo o que você quer dizer, mas é um erro subestimar as pessoas dessa cidade.

— Existem duas maneiras de enfrentar um problema, Lennox: resolver ou ignorar. Kenneth ensinou essa cidade a escolher sempre a segunda opção. Todo mundo faz vista grossa à corrupção e empurra pros outros suas obrigações pra com a sociedade. Olhe pra eles. Esse povo foge como barata quando a luz acende.

— Uma cidade desprezível com habitantes desprezíveis, e mesmo assim você está disposto a arriscar tudo?

Lennox viu Duff balançar a cabeça em desalento.

— Santo Deus, Lennox. E o que faz você pensar que é pela *cidade*? A cidade. É apenas um discurso que eles usam pra serem eleitos pra prefeitura ou nomeados comissário-chefe. Agora vamos lá, me diga o que andou fazendo desde que nos encontramos.

— Bem, conversei com um juiz de Capitol...

— Não era pra falarmos com *ninguém*!

— Calma, Duff. Eu não falei o que era nem quem era, apenas que estava relacionado à corrupção nas altas esferas do poder. Sem

falar que esse juiz é digno de confiança. E não mora aqui, ou seja, está fora do controle do Macbeth, do Sweno e do Hécate. Como juiz de um tribunal federal, ele pode entrar em contato com a Polícia Federal, pra que a gente possa pular um degrau e entrar com um processo direto em Capitol, onde Macbeth não poderia mexer os pauzinhos. O juiz vai estar aqui daqui a três dias e concordou em se encontrar com a gente em total sigilo.

— Qual é o nome dele?

— Jones. — Lennox percebeu que Duff o encarava. — Lars Jones. O que foi?

— Suas pupilas estão como as de um viciado ficam.

Lennox umedeceu a língua e riu.

— Consequência de ser semialbino: olhos hipersensíveis à luz. É um dos motivos pra minha família preferir trabalhos internos.

Mesmo agasalhado, Duff sentiu um arrepio pelo corpo. Olhou mais uma vez para o Inverness.

— Três dias então. O que vamos fazer nesse meio-tempo?

Lennox deu de ombros.

— Fica na sua, tenta não se meter onde não é chamado e... Droga, não consigo pensar numa terceira expressão pra isso.

— Já estou preocupado com a próxima vez que for encontrar Macbeth.

— Por quê?

— Não sou um bom ator.

— Você nunca mentiu?

— Já tentei, mas nunca consigo enganar ninguém.

Lennox olhou para ele de relance.

— Sério? Em casa?

Duff deu de ombros.

— Até o meu menino, que vai fazer 9 anos daqui a alguns dias, sabe quando o pai está contando lorotas. E Macbeth me conhece melhor do que ninguém.

— É estranho — falou Lennox — que duas pessoas tão diferentes tenham sido tão amigas.

— A gente conversa melhor depois — disse Duff, olhando para o oeste. — Se eu for agora, consigo chegar em Fife logo depois do pôr do sol.

Lennox ficou olhando na mesma direção que Duff e pensou em como era bom que a natureza tivesse organizado as coisas de tal maneira que as pancadas de chuva sempre tapassem a visão dos que estavam atrás, para que pudessem ser otimistas e apostar em uma rápida melhora do tempo.

— Tenho a impressão de que o pior já passou — comentou Macbeth, esticando-se para pegar o isqueiro na mesinha de cabeceira e acendendo um cigarro. — Tudo vai melhorar agora, querida. Voltamos ao lugar onde deveríamos estar. A cidade é nossa.

Sob o lençol de seda, Lady pousou a mão no peito e sentiu o coração ainda disparado. Então disse, entrecortando sua fala com suspiros:

— Se seu novo ânimo é indicativo da sua força, querido...

— Sim?

— ... Então somos imbatíveis. Você tem ideia de como te amam? Todos aqui no cassino comentam sobre você, dizem que você é o salvador da cidade. E você leu os jornais? Eles estão dizendo que você deveria participar da eleição pra prefeitura.

— Foi seu amigo que escreveu isso, o editor? — caçoou Macbeth. — Você pediu pra ele?

— Não, não. A matéria não era sobre você, era um comentário sobre o fato de Tourtell não ter um rival de peso e acabar sendo reeleito apesar de ser impopular.

— Ninguém se torna popular quando é lacaio do Kenneth.

— Pois seu nome foi mencionado como o de alguém que, teoricamente, poderia desafiar Tourtell. O que acha disso?

— Concorrer à prefeitura? Eu? — Macbeth achou graça e esfregou o braço. — Obrigado, mas dispenso. Tenho atribuições demais em função do meu cargo, e agora temos poder mais do que suficiente pra fazer o que queremos.

Sentiu a unha passar pelo minúsculo buraco na pele. Power. Havia se injetado, e a propaganda não era enganosa.

— Tem razão, querido — disse Lady. — Mas pense um pouco, mesmo assim. Quando a ideia amadurecer, talvez você tenha uma opinião diferente. Quem sabe? Aliás, chegou um pacote pra você

hoje de manhã. Um motoqueiro trouxe. Pesado e muito bem embalado.

Macbeth esperou a sensação de frio nas veias, mas nada aconteceu. Devia ser efeito da nova droga.

— Onde você botou?

— Na primeira prateleira — respondeu ela, apontando para o armário dele.

— Obrigado.

Ele fumou o cigarro lentamente, vendo-a adormecer ao seu lado. Olhou para a sólida porta de carvalho do guarda-roupa, então deitou a cabeça no travesseiro e ficou soprando anéis de fumaça para os raios da lua que entravam pela janela, vendo-os se contorcerem e rebolarem como uma dançarina numa dança do ventre. Não tinha medo. O GOE o estava protegendo, Hécate o estava protegendo. Os deuses do destino sorriam para ele. Levantou a cabeça e olhou de novo para o armário. Nenhum som escapava do móvel. Os fantasmas andavam meio desaparecidos. E o clima lá fora estava bem calmo, sem o tamborilar insistente na vidraça. Pois a bonança vinha depois da tempestade. O amor realmente limpava o sangue da batalha. O perdão, de fato, ia na esteira do pecado.

19

— Bom dia a todos — disse Macbeth, trocando olhares com todos os presentes. — Exceto que não é um bom dia, pois esta é a segunda manhã depois da morte do Banquo, e tem 36 horas que seus assassinos estão vagando por aí, livres e impunes. Vamos começar com um minuto de silêncio em homenagem ao Banquo.

Duff fechou os olhos.

Era inusitado ver Macbeth entrar em um lugar com a expressão séria; ele costumava saudar os dias e as pessoas com um sorriso, fizesse chuva ou sol, quer as conhecesse quer não. Como da primeira vez que se viram no orfanato. Ele devia ter olhado para Duff, para suas roupas e seu cabelo, e notado quanto eram diferentes, mas mesmo assim sorriu como se os dois compartilhassem algo além daquelas superficialidades, algo que os unia, que os tornava, no fundo, irmãos. Talvez ele fizesse com que todos se sentissem assim com seu sorriso branco e incondicional. Um sorriso que transmitia a crença ingênua de que aqueles ao seu redor desejavam um ao outro tudo de bom na vida, o que fazia Duff se sentir como um cínico calculista já naquela época. E o que Duff não teria dado por um sorriso que pudesse contagiar todos à sua volta...

— Duff? — sussurrou alguém.

Ele se virou e topou com os olhos verde-claros de Caithness. Ela apontou para o final da mesa de reunião, de onde Macbeth o olhava.

— Perguntei se podemos ter uma posição atualizada das investigações, Duff.

Duff se endireitou na cadeira, pigarreou e sentiu o sangue subir ao rosto. Então começou. Discorreu sobre as testemunhas que tinham visto integrantes dos Norse Riders e, a julgar pelos emblemas nas jaquetas de couro que usavam, de outro clube de motoqueiros atirando contra o Volvo em frente à joalheria Jacobs & Filhos. Contou sobre o paletó e a carteira de Fleance, que tinham sido encontrados no aterro sob a ponte Kenneth, mas que, por enquanto, não havia nenhum sinal do corpo. Caithness fizera um relato abrangente das evidências forenses que apenas confirmavam o que já se sabia: que a gangue de Sweno havia assassinado Banquo e, possivelmente, Fleance.

— Há evidências que sugerem que Sweno estava presente na execução — disse Duff. — Uma guimba de cigarrilha no asfalto, ao lado do carro.

— Muitas pessoas fumam cigarrilhas — observou Lennox.

— Mas não da marca Davidoff Long Panatellas — rebateu Duff.

— Você *sabe* o que Sweno fuma? — perguntou Lennox, com uma sobrancelha arqueada.

Duff não respondeu.

— Não podemos permitir isso — disse Macbeth. — A cidade não nos dá o direito de permitir isso. Matar um policial é um ataque à própria cidade. Se os chefes de unidades que estão sentados nessa sala ainda quiserem ser dignos da confiança dos cidadãos amanhã, alguma coisa tem que acontecer hoje. Por esse motivo, não podemos hesitar, temos que atacar com todas as forças, mesmo correndo o risco de perder um dos nossos policiais. Isso é uma guerra, e temos que usar a retórica de guerra, que, como vocês sabem, não consiste em palavras, mas em balas. Com esse propósito, nomeei um novo chefe do GOE e outorguei a seus membros amplos poderes em termos de uso das armas e também em formular novas diretrizes pra combater o crime organizado.

— Desculpa interromper — disse Lennox. — Que diretrizes seriam essas?

— Logo vocês vão ver. Estão sendo elaboradas agora mesmo, enquanto estamos reunidos aqui.

— Quem as está redigindo? — indagou Caithness.

— O oficial Seyton — respondeu Macbeth. — O novo chefe do GOE.

— Ele está definindo sozinho as diretrizes da própria unidade? — perguntou Caithness. — Sem que nós...

— É tempo de agirmos — Macbeth a interrompeu —, não de nos preocuparmos com a redação de diretrizes. Em breve vocês verão o resultado, e tenho certeza de que ficarão tão satisfeitos quanto eu. E quanto os demais habitantes da cidade.

— Mas...

— Naturalmente, vocês poderão opinar quando elas estiverem disponíveis. Bem, dou essa reunião por encerrada. Vamos trabalhar, pessoal! — E pronto: lá estava o sorriso. — Duff, gostaria de trocar uma palavrinha com você, pode ser?

Cadeiras arranharam o piso com certa hesitação.

— Você está dispensada também, Priscilla — disse Macbeth. — E, por favor, fecha a porta quando sair. Obrigado.

A sala ficou vazia. Duff se preparou.

— Vem pra cá. Senta aqui perto — disse Macbeth.

Duff se transferiu para a cadeira ao lado dele. Tentou relaxar, respirar sem pressa, e se policiou para não contrair involuntariamente os músculos do rosto, consciente de que estava à distância de uma cuspidela do homem que matara Duncan.

— Andei pensando e queria te perguntar uma coisa — disse Macbeth. — E quero que você seja totalmente honesto.

Duff sentia a garganta apertar e o coração disparar.

— Eu queria oferecer pra outra pessoa o cargo de chefe da Crime Organizado. Sei que a sua primeira reação vai ser de decepção...

Duff assentiu. Sua boca estava tão seca que ele duvidou que a voz respondesse a qualquer comando.

— ... Mas só porque quero que você seja meu adjunto. O que acha disso?

Duff pigarreou.

— Obrigado — respondeu ele, com a voz rouca.

— Você está bem, Duff? — Macbeth se fez de preocupado e apoiou a mão no ombro de Duff. — Ou só um pouco

desapontado? Sei o quanto você queria a Crime Organizado e posso entender que prefira um cargo operacional a ter que ajudar um idiota desajeitado como eu a tomar as rédeas da situação.

E ele abriu aquele sorriso branco, enquanto Duff fazia de tudo para responder alguma coisa.

— Você é meu amigo, Duff, e quero você por perto. Como é mesmo aquele provérbio?

Duff tossiu.

— Que provérbio?

— O craque dos provérbios é você, Duff, mas tudo bem. Se você insiste na Crime Organizado, vou pensar a respeito. Ainda não comentei nada com o Lennox. Você está com uma cara péssima, quer que eu pegue um copo de água?

— Não, obrigado, estou bem. Só um pouco cansado. Eu já não vinha dormindo quase nada antes da batida policial no porto, e não preguei os olhos desde o assassinato do Duncan.

— Está só *um pouco* cansado?

Duff ponderou. Então balançou a cabeça.

— Não, na verdade estive pensando se eu poderia tirar dois dias de folga. Sei que estamos no meio de uma investigação, mas a Caithness pode...

— Claro, claro que sim, Duff. Afinal, de que adianta matar de exaustão um cavalo só porque o cavaleiro tem pressa? Vai pra casa. Manda lembranças pra Meredith por mim e avisa que você tem que descansar por no mínimo dois dias. E essas são, acredite ou não, as ordens do comissário-chefe.

— Obrigado.

— Estou te avisando. Vou dar um pulo em Fife pra checar se você está mesmo descansando.

— Combinado.

— E daqui a três dias você volta com a resposta sobre o cargo de adjunto.

— Fechado.

Duff correu para o banheiro e vomitou na privada.

Sua camisa estava encharcada de suor, e, somente uma hora depois, quando finalmente cruzava a ponte velha, seus batimentos cardíacos começaram a voltar ao normal.

Lady cruzou o restaurante e a sala de jogos. Contou nove clientes. Tentou convencer a si mesma de que aquelas horas depois do almoço eram as menos movimentadas mesmo. Foi ter com Jack na recepção.

— Algum cliente novo hoje?

— Ainda não, senhora.

— Ainda não? Quer dizer que teremos algum mais tarde, hoje ainda?

Ele esboçou um sorriso de desculpas.

— Não que eu saiba.

— Você deu uma passada no Obelisco, como pedi?

— Naturalmente, senhora.

— E lá estava...?

— Parado, eu diria.

— Você está mentindo, Jack.

— Sim, senhora.

Lady teve que rir.

— Ah, Jack. Você sempre me animando. Foram os assassinatos aqui, não?

— Talvez. Por outro lado, uma pessoa ligou pedindo pra reservar especificamente o quarto em que Duncan morreu. E, se esse não fosse possível, o dos seguranças.

— As pessoas são doentes. Ah, falando em doença, quero que você levante informações sobre o jovem que acompanhava Tourtell. Descubra a idade dele.

— A senhora acha...?

— Vamos torcer, pro bem do rapaz, que ele tenha mais de 16. E, pro nosso bem, que tenha menos.

— Algum propósito específico pra essa informação, senhora?

— Armazenando munição, só por precaução, Jack. O prefeito é quem nomeia o comissário-chefe, e, mesmo que de hábito siga a hierarquia policial, nas circunstâncias atuais nunca podemos estar totalmente seguros de nada, não é mesmo?

— Isso é tudo?

— Bem, gostaríamos de ver Tourtell pressionar mais o comitê regulador pra que examinem as práticas empresariais do Obelisco, é claro. Venho sendo bem paciente e tentando uma abordagem

gentil, mas, se isso não produzir nenhum efeito logo de uma vez, teremos que tomar medidas mais drásticas.

— Vou ver o que consigo descobrir.

— Jack?

— Sim?

— Você tem me visto andar sonâmbula?

— Não no meu expediente, senhora.

— Está mentindo de novo?

— A senhora pode ter aparecido na recepção ontem à noite, mas eu não saberia dizer com certeza se estava dormindo ou não.

Ela deu uma gargalhada.

— Jack, Jack, se todos fossem tão bondosos quanto você... Eu bem que suspeitei. A chave estava na fechadura do lado de fora da porta quando acordei.

— Algo especial perturbando sua mente? A senhora só sofre de sonambulismo quando está com alguma preocupação na cabeça.

— E o que há além de preocupações? — Lady suspirou.

— E quanto aos sonhos? Continua tendo o mesmo sonho o tempo todo?

— Já te expliquei que não são sonhos, Jack. São lembranças.

— Desculpa, mas a senhora não tem como *ter certeza* disso. Não tem como saber se aconteceu exatamente assim. Porque, se vê a mesma coisa todas as noites, o sonho se torna uma lembrança. Pelo que a senhora sabe, a criança teve morte natural.

— Você está sempre me consolando. Mas não preciso disso. Não preciso esquecer. Pelo contrário, preciso me *lembrar*. Preciso me lembrar de tudo que precisei abrir mão pra chegar aonde cheguei, pôr um preço na minha vida sem filhos todas as manhãs quando acordo entre lençóis de seda ao lado do homem que escolhi pra passar a noite, e posso descer as escadas pra aquele que é o meu lugar, pra vida que fiz pra mim. Onde sou respeitada pelo que sou, Jack.

— Não somos respeitados pelo que somos, senhora. Somos respeitados pelo que podemos fazer. Especialmente se há alguma coisa que podemos fazer *contra* a pessoa cujo respeito queremos...

— Você é esperto demais pra ser um recepcionista, Jack.

— E, infelizmente, é por isso que a sabedoria de um recepcionista não merece respeito. Ele é um observador inofensivo, um castrado que ocasionalmente serve pra consolar aqueles que são respeitados.

— Fico feliz por você nunca ter tido filhos, Jack. Você é a única pessoa com quem posso conversar sobre abandonar o próprio bebê sem provocar a profunda repulsa daqueles que os têm. Você é um homem inteligente e tolerante que exalta a compreensão em vez da condenação.

— E o que há pra condenar? Uma jovem que cresce num ambiente de pobreza, é estuprada aos 13 anos, engravida e, abandonada e sem teto, dá à luz uma criança que não consegue manter viva?

— E se eu não tentei o bastante?

— E se tivesse morrido tentando, é isso o que quer dizer? Treze anos. Não era adulta, mas já tinha uma mente perspicaz. Será que seu futuro deveria ser sacrificado por um recém-nascido, uma semente que ainda não sabe que está viva, que ainda não sente saudades, culpa, vergonha, amor de verdade, com certeza não é realmente humana, apenas uma responsabilidade pesada e inescapável, como um peso enorme ao redor do pescoço de uma jovem que a vida já castigara o bastante? Se essa garota de 13 anos não foi capaz de manter vocês dois vivos, mas conseguiu sobreviver, temos o que se pode chamar de um golpe de sorte em meio a um tremendo azar. Porque, afinal, veja o que ela alcançou depois. Montou um pequeno bordel, depois um maior e mais luxuoso, pra atender às necessidades de todos, desde o chefe de polícia até os políticos mais importantes da cidade, então o vendeu e inaugurou o melhor cassino da cidade. E agora... Abracadabra!, é a rainha da cidade.

Lady balançou a cabeça.

— Você está exagerando, Jack. Enaltecendo meus propósitos e concedendo anistia aos meus erros. O que é um cassino, o que são os sonhos de uns idiotas à luz da vida de uma criança? Se eu demandasse menos da minha vida, talvez conseguisse salvar a dela.

— Será que as suas demandas foram mesmo exageradas?

— Eu exigi a aceitação dos outros. Não, mais que isso: o respeito. E, sim, amor. Tudo isso são presentes que não são distribuídos a todos, mas eu exigi de mim mesma que fosse uma das poucas pessoas selecionadas. E o preço por isso é perder minha filha de novo e de novo e de novo, noite após noite.

Jack assentiu.

— E se você tivesse a opção de escolher tudo desde o começo, senhora?

Lady o encarou.

— Seres bons ou seres maus, vai ver não passamos de escravos dos nossos próprios desejos, Jack. Você acredita nisso?

— Não sei, minha senhora, mas, falando em escravos do desejo, vou dar uma pesquisada no acompanhante do Tourtell amanhã.

Macbeth saiu do elevador no subsolo e parou por alguns segundos, reconhecendo o cheiro do couro, do lubrificante de armas e de suor masculino. Mirou o lema do GOE sob um dragão vermelho que cuspia fogo: LEALDADE, FRATERNIDADE, BATIZADOS EM FOGO, UNIDOS EM SANGUE. Meu Deus, parecia uma pequena eternidade desde a última vez.

Entrou na sala do GOE.

— Olafson! Angus! Ei, que negócio é esse? Sentados. Não saltem como uma dupla de recrutas. Onde está Seyton?

— Lá dentro — respondeu Angus, em seu untuoso tom de sacerdote. — Foi muito triste o que aconteceu com Banquo. Os rapazes estão coletando dinheiro pra uma coroa de flores, mas você provavelmente não está entre...

— Não estou mais entre os rapazes? Claro que estou. — Macbeth pegou a carteira. — Pensei que estivesse de licença médica, Olafson. Cadê a tipoia?

— Dei sumiço nela. — A língua presa de Olafson fez com que ele soasse como um espanhol. — O doutor achou que todos os tendões do ombro estivessem destruídos e que eu nunca mais seria capaz de atirar. Mas então o Seyton olhou pro meu ombro e de repente sarou, ficou como novo.

— Sempre a mesma história. Não confie nos médicos.

Macbeth entregou a Olafson um monte de notas de dinheiro.

— É demais, senhor.

— Pega.

— Isso dá pra um caixão.

— Pega!

Macbeth entrou em sua antiga sala. Que não era um escritório, mas uma oficina, com peças de armas e munição em prateleiras e bancos. A máquina de escrever sem uso havia sido colocada sobre uma cadeira.

— E então? — perguntou Macbeth.

— Os rapazes receberam as orientações — disse Seyton, sentado com um grosso manual de instruções à sua frente. — E estão prontos.

— E nossas duas garotas Gatling? — Macbeth apontou para o manual.

— As metralhadoras chegam amanhã de manhã, às oito. Você conversou com o capitão do porto pra que o barco pudesse furar a fila?

— Não podíamos permitir que as garotas chegassem atrasadas na festa. E vai haver um trabalhinho pra vocês mais tarde, amanhã mesmo.

— Beleza. Onde?

— Em Fife.

20

Manhã de quinta-feira. Fife se via banhada pela luz do sol.

Duff nadava.

Os longos e contínuos movimentos do nado de peito abriam caminho através da água fria e pesada.

No princípio, ele preferia a água salgada do fiorde, que achava mais leve para nadar. O que parecia realmente uma incoerência, pois havia aprendido que a água salgada propiciava maior flutuabilidade, o que significava que tinha maior densidade, o que, por sua vez, indicava ser mais pesada que a água doce. No entanto, até pouco antes preferia o fiorde, que também era gelado, porém tão poluído que se sentia sujo toda vez que saía da água. Mas agora estava limpo. Acordou cedo, fez exercícios no chão frio de madeira do quarto de hóspedes, preparou o café da manhã para a família, cantou um breve parabéns para Ewan, levou as crianças à escola e depois caminhou com Meredith os cerca de oitocentos metros até o lago. Ela falou sobre o número de maçãs que havia nas árvores nesse outono, sobre a primeira carta de amor que a filha recebera — embora no fundo estivesse decepcionada por ter sido de um menino três anos mais novo — e sobre o desejo de Emily de ganhar um violão em seu aniversário de 12 anos. Ewan se envolvera em uma briga na escola e trouxera um bilhete de advertência para os pais assinarem. O menino havia concordado com a mãe que ele mesmo teria de contar ao pai, mas que isso podia esperar até depois da festa de aniversário — quando teriam

bastante tempo. Duff perguntou se adiar o momento ruim não deixava Ewan com medo por um tempo desnecessariamente longo.

— Não sei o que é pior pra ele — confessou Meredith, com um sorriso. — A ansiedade ou o medo do encontro com você. O garoto com quem o Ewan brigou ontem é um ano mais velho, e ele contou que foi esse menino que começou, chutando o pequeno Peter.

— Quem?

— O melhor amigo do Ewan.

— Ah, sim — disfarçou Duff.

— Ewan disse que estava arrependido, mas que era seu dever defender o amigo; que seu pai teria feito a mesma coisa. E ele está ansioso pra ouvir o que você tem a dizer.

— Então vou ter que ser imparcial. Reprovar a conduta, mas elogiar a coragem. Dizer alguma coisa sobre tomar a iniciativa de fazer as pazes, em vez de travar uma guerra. Reconciliação. O que você acha?

— Acho ótimo.

E, enquanto deslizava pela água com Meredith, Duff decidiu que nunca nadaria em nenhum outro lugar que não fosse seu pequeno lago em Fife.

— Chegamos — disse Meredith, ofegando atrás dele.

Duff se virou de costas na água para vê-la, agitando as mãos e os pés para não afundar. Ele tinha o corpo pálido, com um tom esverdeado sob a água, enquanto o dela, sob a mesma luz, era bronzeado.

Estava passando tempo demais na cidade; tinha de pegar mais sol.

Ela passou nadando por ele e subiu em uma grande rocha desgastada pela ação da água.

Não era uma rocha qualquer. Era a deles. Onde haviam concebido a filha, em um dia de verão 11 anos antes. Tinham ido a Fife para escapar do alvoroço da cidade e haviam encontrado aquele lago quase por acaso. Pararam ao verem uma pequena fazenda abandonada que Meredith achou uma graça. De lá, viram o cintilar da água e, após uma caminhada de dez ou 15 minutos, encontraram o lago. Embora as únicas outras criaturas à beira da

água fossem uma dupla de vacas, eles haviam nadado até aquela rocha meio escondida na outra margem, onde era improvável que alguém os avistasse. Um mês depois daquele dia, Meredith lhe contou que estava grávida, e, em completa felicidade, voltaram a Fife e compraram a casa que ficava entre o lago e a estrada principal e, depois que o segundo filho nasceu, Ewan, adquiriram também o terreno à beira do lago, onde agora ficava a cabana.

Duff foi se sentar ao lado dela. De onde estavam, podiam ver a cabana vermelha.

Deitou-se de costas na rocha aquecida pelo sol. Fechou os olhos e sentiu ondas de prazer percorrerem seu corpo. Às vezes valia a pena ficar com frio para depois se deleitar ao sol, pensou.

— Você voltou pra casa, Duff?

Quando perdemos algo e o reencontramos, a alegria é maior do que a que sentíamos antes da perda.

— Sim — respondeu ele.

A sombra dela caiu sobre ele.

E, quando se beijaram, ele se perguntou por que só agora — e não antes — percebia que a boca de uma mulher molhada de água doce era mais saborosa do que quando molhada de água salgada. Então chegou à conclusão de que devia ser o próprio corpo, a certa altura, avisando que a água doce podia, ao contrário da água salgada, ser ingerida.

Depois que terminaram e se deitaram entrelaçados, suados por causa do sol e do sexo, ele disse que precisava ir à cidade.

— Tá bom. *Betasuppe* no horário de sempre?

— Volto bem antes. Só tenho que pegar o presente do Ewan. Está na minha gaveta no escritório.

— Ele queria a roupa de agente policial secreto, não é isso?

— Sim, e tem outra coisa que preciso resolver o mais rápido possível.

Ela lhe acariciou a testa e o nariz.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim e não. É algo que eu devia ter resolvido há muito tempo.

— Nesse caso... — o dedo dela, que o conhecia tão bem, acariciou-lhe os lábios — ... faça o que precisa ser feito. Estarei aqui esperando você.

Duff se apoiou nos cotovelos e olhou para ela.

— Meredith...

— Sim?

— Eu te amo.

— Eu sei, Duff. Você só andou meio esquecido.

Duff sorriu. Depois de lhe dar mais um beijo, levantou-se. Já ia mergulhar novamente, mas parou.

— Meredith?

— Sim?

— O Ewan disse quem venceu a briga?

— O comissário-chefe explicou por que eles têm que ser entregues na sede do clube? — perguntou o motorista.

O guarda da prisão remexeu o molho de chaves para encontrar aquela que serviria na cela seguinte.

— Provas insuficientes pra manter os caras sob custódia.

— Provas insuficientes? Que inferno, a cidade inteira *sabe* que foram os Norse Riders que pegaram a droga no porto. E eles *sabem* que foram os Norse Riders que mataram aquele policial e o filho dele. Mas eu não perguntei por que estavam sendo libertados. Estou acostumado com esses absurdos. Só queria saber por que simplesmente não abrimos a porta pra eles e pronto. Quando transporto prisioneiros, geralmente é de uma prisão pra outra, não fico servindo de táxi pros desgraçados não precisarem ir a pé pra casa.

— Nem me pergunte — disse o guarda, destrancando a cela. — Ei, Sean! Fora da cama e já pra sua patroa e pra sua filha!

— Viva Macbeth! — Veio um grito de dentro da cela.

O guarda balançou a cabeça e se virou para o motorista.

— É melhor você parar o ônibus na saída e nos reunirmos lá. Vamos mandar dois policiais armados com você.

— Por quê? Esses caras não estão livres?

— O comissário-chefe quer ter certeza de que eles serão entregues no lugar combinado sem contratempos.

— Posso botar algemas nas pernas também?

— As regras não falam nada sobre isso, mas faça como quiser. Ei, Sean! Anda logo com esses sapatos, não temos o dia inteiro.

— Tá falando sério? Os bons tempos estão de volta, como na época do Kenneth?

— Calma lá. É um pouco cedo pra dizer isso, mas Macbeth está se mostrando promissor. É o que estão dizendo.

— O problema dele são os assassinatos não solucionados dos policiais. Se você não resolve as coisas de um jeito inteligente, logo se fode.

— Talvez. Kite disse hoje no rádio que Macbeth é uma catástrofe. — Ele repetiu "catástrofe" exagerando no "r" enrolado.

O motorista achou graça. Mas sentiu um arrepio ao ver a tatuagem na testa do prisioneiro.

— Transporte de gado — murmurou ele enquanto o guarda empurrava o prisioneiro para fora.

Duff abriu a porta de sua sala, enfiou o presente do filho na jaqueta e saiu tão apressado quanto entrara. Na Unidade de Perícia, no segundo andar, avisaram que Caithness estava na câmara escura, na garagem. Ele pegou o elevador e entrou no local — tempos antes, quando Caithness dividia apartamento com uma amiga, Duff convencera o zelador do prédio de que, como chefe da Narcóticos, seria útil se tivesse uma chave do lugar onde a Perícia tinha uma sala de tiro para análise balística, um laboratório químico, uma câmara escura para revelar fotos de cenas de crime, além de uma área aberta com um portão que dava para a rua, onde poderiam guardar objetos maiores, como carros, que precisassem ser periciados em busca de provas. Depois do expediente, praticamente ninguém fazia hora extra naquele porão frio e úmido; caso necessário, usavam os escritórios no segundo andar. Por um ano, Duff e Caithness se encontraram no porão depois do trabalho, bem como, uma vez por semana, tiravam a hora do almoço para irem ao quarto 323 do Grand Hotel, usando o nome Mittbaum. Depois que Caithness comprou o apartamento no sótão, Duff passou a sentir saudades daqueles encontros apressados, por mais estranho que parecesse.

Agora, ao abrir a porta e ser recebido por uma lufada impiedosa, concluiu que eles deviam estar muito apaixonados mesmo. No meio da garagem via-se o Volvo de Banquo, cravejado

de balas. Estava coberto por uma lona, provavelmente porque a porta do passageiro havia sido arrancada e precisavam proteger as possíveis evidências de ataques dos ratos que vagavam à solta durante a noite. Duff parou à entrada do laboratório onde revelavam-se fotos e respirou fundo. A decisão estava tomada. Agora, faltava apenas agir. Agir. Girou a maçaneta e entrou na escuridão. Fechou a porta. Ficou inalando o cheiro de amônia do fixador, esperando que as pupilas se expandissem.

— Duff? — Ouviu.

A mesma voz doce e ligeiramente hesitante que o acordara na sala de reuniões no dia anterior. A mesma voz doce e ligeiramente hesitante que o despertara tantas manhãs no apartamento no sótão. A voz doce e hesitante que ele não ouviria mais, não da mesma maneira, não ali dentro.

— Caithness, não podemos...

— Roy, pode nos deixar a sós por alguns minutos? — pediu ela.

Os olhos de Duff se ajustaram à escuridão a tempo de ver o fotógrafo forense sair.

— Você viu isso? — perguntou Caithness, apontando uma luz vermelha para três imagens que pingavam penduradas em uma linha.

A primeira mostrava o carro de Banquo. A segunda, o corpo de Banquo sem a cabeça, estirado no asfalto. A terceira era um close da pele do pescoço de Banquo, no local do corte. Ela apontou para esse último detalhe.

— Achamos que o pescoço foi cortado com uma lâmina grande, como o sabre que você disse que Sweno tinha.

— Hum — fez Duff, olhando para a foto.

— Encontramos vestígios de sangue de outra pessoa na coluna vertebral. Não é curioso?

— O que isso significa?

— Sweno, ou seja lá quem for o assassino, evidentemente não foi muito cuidadoso ao limpar o sabre, então, quando a lâmina decepou a espinha dorsal, aqui — ela apontou para o local —, deixou vestígios de sangue ressecado. Se conseguirmos determinar qual é o grupo sanguíneo, isso pode nos ajudar em outros casos de assassinato.

Sentindo o estômago se revirar, Duff se apoiou em um banco.

— Ainda está se sentindo mal? — indagou Caithness.

Ele respirou fundo algumas vezes.

— Sim. Não. Eu só precisava sair daqui. Temos que conversar.

— Sobre o quê?

Ele percebeu, pela voz dela, que Caithness já sabia. Provavelmente havia percebido no instante que ele abrira a porta com violência; a conversa sobre as fotos tinha sido para controlar o medo.

— Sobre nossos encontros — respondeu ele. — Não podemos continuar.

Ele tentou ver o rosto dela, mas estava escuro demais.

— Foi só isso o que tivemos? — perguntou ela, em tom choroso. — Encontros?

— Não. Não, você tem razão. É claro que tem. Foi mais do que isso. O que é mais uma razão pra que isso termine.

— Você quer terminar, me descartar, aqui, em pleno trabalho?

— Caithness...

Sua risada amarga o interrompeu.

— Bom, faz sentido. Um relacionamento às escuras só pode terminar numa câmara escura.

— Sinto muito. Estou fazendo isso pelas...

— Por você. Você, Duff. Não pelas crianças, não pela sua família, mas por você. A pessoa mais egoísta que eu já conheci. E não vem me dizer que é por causa de outra pessoa.

— Como quiser. Estou fazendo isso por mim.

— E de onde veio essa decisão, Duff? Foi motivada por uma garota ainda mais jovem, ainda mais ingênua, que você sabe que não vai encher o seu saco, que não vai tentar forçar você a assumir um compromisso ou a renunciar alguma coisa? Quer dizer, *por enquanto*, não é?

— Será que ajuda se eu disser que estou pensando apenas no bem-estar puramente pessoal e egoísta que espero sentir por imaginar que estou fazendo a coisa certa por aqueles a quem devo minha dedicação? Que estou terminando com você porque morro de medo de não ser incluído entre as almas que serão salvas no Dia do Julgamento Final?

— E você acha que será incluído?

— Não. Mas a decisão foi tomada, Caithness, só falta você me dizer como quer que eu extraia o dente, aos poucos ou de uma única vez?

— E por que o tormento deveria terminar agora? Passa lá em casa às quatro.

— Pra quê?

— Pra me ouvir chorar, xingar e implorar. Não posso fazer isso aqui.

— Prometi jantar com a minha família às cinco.

— Se você não for, primeiro vou atirar tudo o que é seu na rua, depois vou ligar pra sua mulher e contar tudo sobre suas escapadas...

— Ela já sabe, Caithness.

— E pros seus sogros. Vou contar que você traiu a filha e os netos deles.

Duff engoliu em seco.

— Caithness...

— Às quatro. Se você tiver a consideração de me escutar, ainda vai chegar em casa a tempo do seu maldito jantar.

— Tudo bem, tudo bem, eu vou. Mas não pensa que isso vai mudar alguma coisa.

O fotógrafo da Perícia estava recostado na porta da garagem, fumando, quando Duff saiu.

— Uma monstruosidade — comentou ele.

— O quê?

— Cortar a cabeça dele assim.

— Assassinatos são sempre monstruosos — disse Duff, dirigindo-se à saída.

Lady estava no quarto, parada diante do guarda-roupa de Macbeth. Ouvia os ratos de rio correndo de lá para cá no piso de madeira. Disse a si mesma que os ruídos eram fruto de sua imaginação; o piso era coberto por um carpete bem alto e espesso. Sons em sua cabeça. Logo seriam vozes. As vozes que, como sua mãe havia dito, não a deixariam em paz, as mesmas vozes que a mãe de sua mãe havia escutado: seus antepassados falando,

ordenando que caminhassem sonâmbulas à noite, movendo-se apressadas para a morte. Tinha sentido tanto medo ao ver Macbeth tendo alucinações à mesa do jantar... Medo de haver infectado seu único e verdadeiro amor.

As patas apressadas dos ratos permeavam sua imaginação havia muito tempo e se recusavam a desaparecer.

Só lhe restava fugir às pressas. Fugir dos sons, de sua imaginação.

Abriu o guarda-roupa.

Puxou a gaveta sob a prateleira. Havia um saquinho de power. A válvula de escape de Macbeth. Será que funcionava? Será que ela se libertaria se visitasse o mesmo lugar que ele? Duvidava muito disso. Fechou a gaveta.

Olhou para a prateleira no alto. Para o pacote que Jack recebera. Estava embrulhado em papel, amarrado com barbante e com plástico transparente por cima. Era apenas um pacote. E ainda assim era como se o embrulho a encarasse.

Abriu a gaveta novamente e pegou o saquinho. Espalhou um pouco de pó na mesa sob o espelho, fez um rolinho com uma nota de dinheiro e, sem saber exatamente como proceder, enfiou uma ponta na narina e a outra encostou no pó. Inspirou. Parte com o nariz, parte com a boca. Não funcionou. Depois de algumas tentativas, montou uma carreirinha de pó, tornou a enfiar a nota na narina e inalou com força enquanto fazia deslizar a outra ponta ao longo da linha, aspirando tudo. Sentou-se e ficou examinando a si mesma no espelho. O ruído dos ratos correndo desapareceu. Então foi para a cama e se deitou.

— Lá vêm eles! — gritou o sargento.

À entrada principal do clube dos Norse Riders, ele observava o ônibus amarelo da prisão vindo pela estrada. Eram três e meia, a hora combinada. Olhou para aqueles que se reuniam do lado de fora sob a chuva fina. Todos no clube eram obrigados a dar as boas-vindas aos feridos que tiveram de deixar para trás, nas mãos da polícia, naquela noite. As mulheres também apareceram — as garotas que namoravam os prisioneiros libertados e as que estavam sempre por ali, com um e com outro. O sargento sorriu para o

bebê que ria no colo de Betty; Betty, que esperava seu Sean. Até os primos do sul vieram novamente, para a festa que já prometia entrar para a história. Sweno dera ordens para que houvesse bebida e droga suficientes para entreter uma cidade inteira, porque estavam celebrando algo maior do que a libertação de seus companheiros. Os Norse Riders tinham se vingado das perdas sofridas matando Banquo e, ainda mais importante, firmado uma poderosa aliança. Segundo Sweno, Macbeth vendera sua alma ao diabo quando fora pessoalmente ao clube encomendar um assassinato, e não havia a possibilidade de cancelamento da transação. Agora, Macbeth estava no bolso deles tanto quanto eles no de Macbeth.

O sargento foi até a rua e fez sinal para o ônibus parar em frente ao portão. Ninguém exceto os membros de carteirinha tinha permissão para entrar, essa era a nova regra do clube.

Então eles desceram do ônibus enquanto a aparelhagem de som da sede tocava "Let's Spend the Night Together". Alguns iam caminhando, outros iam dançando até o portão, onde eram recebidos pelos companheiros com palmas e punhos erguidos e, pelas mulheres, com abraços e beijos molhados.

— Está tudo muito bom — gritou o sargento —, mas a bebida está lá dentro.

Clamores e risadas. Todos entraram. Mas o sargento ficou à porta, checando as redondezas mais uma vez. O ônibus estava voltando pela estrada; Chang, que havia recebido o reforço de mais dois homens, vigiando o portão. Os prédios abandonados das fábricas ali perto tinham sido vasculhados com antecedência para que eles se certificassem de que não havia ninguém espreitando o clube. O céu a oeste, indicando que um pouco de azul estava a caminho. Agora, talvez pudesse relaxar um pouco. Talvez Sweno estivesse certo: talvez tempos melhores estivessem mesmo a caminho.

O sargento entrou. Recusou os destilados e levou uma caneca de cerveja à boca. Fosse uma festa ou não, eram tempos difíceis. Olhou ao redor. Sean e Betty se beijavam num canto, o bebê espremido entre eles, e o sargento pensou que seria um jeito bizarro

de acabar com a vida de uma criança. Mas havia muita coisa bem pior do que ser sufocado por uma paixão intensa.

— Norse Riders! — gritou ele.

Alguém diminuiu o volume da música, e as conversas cessaram.

— Hoje é um dia de alegria. E um dia de tristeza. Ainda não esquecemos os que morreram em combate. Mas há momentos pras lágrimas e momentos pros sorrisos, e hoje estamos festejando. Saúde!

Ovação e brindes. O sargento tomou um grande gole da cerveja e limpou a espuma da barba.

— E esse é um novo começo... — continuou ele.

— Do discurso? — gritou Sean, e todos acharam graça.

— Nós perdemos alguns homens; eles perderam alguns homens — continuou o sargento. — As drogas da Rússia são águas passadas. — Nenhuma risada. — Mas, como me disse hoje um homem que vocês sabem quem é, "Com esse doido de comissário-chefe, a maré vai virar pro nosso lado".

Mais aplausos. O sargento poderia se estender um pouco mais, dizer algumas coisas sobre o clube, sobre camaradagem e sacrifício, mas já havia tomado tempo e espaço suficientes. Ninguém além do sargento sabia que Sweno estava aguardando nos bastidores. Era hora da entrada triunfal.

— E agora — disse ele —, passo a palavra...

Na pausa dramática que se seguiu, ele entreouviu alguma coisa. O rugido grave de um caminhão com motor potente em marcha muito lenta. Bem, havia muitos motoristas inexperientes por aí.

— ... Pra...

Ele ouviu um estrondo. Entendeu que o portão tinha sido lançado pelos ares. E que a grande atração da noite tinha um rival.

Duff parou diante do prédio cinza de cinco andares. Olhou para o relógio: cinco para as quatro. Tempo de sobra para chegar à festa de aniversário. Tocou a campainha.

— Sobe — disse a voz de Caithness, pelo interfone.

Depois da conversa que tiveram no laboratório, ele tinha ido à Muralha e pedido uma cerveja. Poderia, é claro, ter passado aquele tempo no escritório, trabalhando, mas Macbeth exigira que ficasse

em casa, em Fife. Tomou uma segunda cerveja. Dando a si mesmo tempo para refletir.

Subiu as escadas, não com os passos arrastados e pesados de alguém indo para o cadafalso, mas com os passos rápidos e leves de alguém querendo terminar logo a discussão e sair dali vivo. De alguém que tinha uma outra vida para a qual queria voltar.

A porta do apartamento estava aberta.

— Entra. — Ouviu Caithness gritar lá de dentro.

Suspirou de alívio ao ver que ela havia juntado tudo que era seu na mesa do corredor. Uma bolsa com artigos de higiene. Um barbeador. Umas duas camisas e roupas íntimas. A raquete de tênis que ela lhe dera de presente, já que os dois jogavam, mas que nunca tinha sido usada. Um colar e brincos de pérolas. Duff acariciou as joias que comprara para ela e que haviam sido usadas incontáveis vezes.

— Aqui — gritou ela. Do quarto.

O som estava ligado. Elvis. "Love Me Tender".

Dirigiu-se à porta aberta do quarto, primeiro hesitante, depois não tão devagar. De onde estava, dava para sentir o perfume dela.

— Duff — disse ela, com uma fungada, quando ele apareceu à porta. — Estou devolvendo o que você me deu, mas quero um presente de despedida.

Estava deitada na cama, usando um corpete preto e cinta-liga. Também comprados por ele. À cabeceira havia um balde de champanhe com uma garrafa aberta, que ela obviamente estava bebendo já fazia um tempo. Ele a contemplou, totalmente fascinado. Era a mulher mais linda e mais espetacular com quem já tinha estado. Toda vez que a via, ficava impressionado com sua beleza — como se fosse a primeira vez. Ainda podia sentir cada carícia que trocaram, cada noite de sexo arrebatadora que tiveram. E agora ele renunciava a isso. Agora e para sempre.

— Caithness — disse Duff, sentindo a garganta apertar. — Minha querida, minha linda Caithness.

— Vem cá.

— Não posso...

— Claro que pode. Sempre pôde tanto, tantas vezes, essa é a última. Você me deve isso.

— Você não vai gostar. Não vai ser bom pra você nem pra mim.

— Não quero gostar, Duff. Quero um desfecho. Quero que *você* rasteje pela primeira vez. Quero que você engula sua integridade e faça o que *eu* quero. E agora é isso que eu quero. Só isso. Depois, pode ir pro inferno e pra casa jantar com a mulher que você não ama mais. Mas agora vem. Posso ver daqui que você está pronto pra...

— Não, Caithness. Não posso. Você disse que ficaria satisfeita com o que pudesse ter do meu coração. Mas não posso te dar nem esse pouco. Senão eu estaria traindo em dobro... Estaria traindo você e a mãe dos meus filhos. E dizer que eu não a amo não é verdade. — Ele respirou fundo. — É porque eu tinha esquecido. Mas então lembrei. Que a amo e sempre a amei. E fui infiel a você com minha própria esposa.

Ele viu as palavras a derrubarem. Viu o fino e falso verniz da sedução se desmancharem em um choque profundo. Então lágrimas brotaram em seus olhos, e ela se encolheu, puxou o lençol e se cobriu.

— Adeus, Caithness. Me odeie como devo ser odiado. Estou indo.

Na porta do apartamento, Duff botou as roupas e os outros objetos debaixo do braço. A raquete podia ficar. Não dá para jogar tênis em um terreno pequeno. Ele ficou olhando os brincos e o colar. Ouviu, do quarto, os soluços tristes de Caithness. Joias caras. Custaram-lhe mais do que, a rigor, podia pagar, mas agora, em sua mão, não tinham valor nenhum. Não havia ninguém para quem pudesse dar, exceto para uma casa de penhores. Mas não suportaria a ideia de vê-las no corpo de uma desconhecida.

Hesitou. Olhou para o relógio. Largou as outras coisas, pegou as joias e voltou para o quarto. Ela parou de chorar quando o viu. O rosto úmido de lágrimas, o rímel borrado. Um último soluço fez seu corpo estremecer. Uma das meias havia descido, assim como uma das alças do corpete.

— Duff... — sussurrou ela.

— Caithness...

Ele engoliu em seco. Tesão, sangue disparando pelo corpo. As joias caíram no chão.

O sargento pegou o rifle atrás do balcão e correu para a janela; os outros já estavam a caminho do armário de armas. Lá fora havia um caminhão com a lateral quase encostada na parede do clube, o motor ligado, o portão pendurado no para-choque dianteiro. Assim como o corpo de Chang. O sargento colocou o rifle no ombro justamente quando a lona que cobria a traseira do caminhão desceu. E lá estavam os homens do GOE, com seus horrendos uniformes pretos e suas armas apontadas. Havia, porém, algo ainda mais feio a bordo do caminhão, algo que fez o sangue nas veias do sargento congelar. Três monstros. Dois deles de aço, sobre suportes, com carregadores de munição, canos rotativos e câmaras de resfriamento. O terceiro estava no meio dos outros dois, era calvo, magro e musculoso, e, mesmo que o sargento nunca o tivesse visto, sabia que sempre o conhecera, que sempre estivera próximo. Esse homem ergueu a mão e gritou:

— Lealdade, fraternidade!

Os outros responderam: batizados em fogo, unidos em sangue!

Então, um único comando:

— Fogo.

Claro. Fogo.

Depois de mirar no homem, o sargento puxou o gatilho. Um tiro. O último.

A gota de chuva veio do céu, através da bruma, para a imunda cidade portuária abaixo. Descia em direção à claraboia de um sótão sob a qual um casal fazia amor. O homem estava calado enquanto subia e descia os quadris devagar mas com força. A mulher debaixo dele amarfanhava o lençol ao recebê-lo aos soluços e impaciente. O disco havia parado de tocar a doce melodia havia algum tempo, mas a agulha continuava batendo monotonamente, tal como o homem, no rótulo da gravadora que ordenava: *Love Me Tender.* Mas os amantes não pareciam notar, não pareciam notar nada além do movimento repetitivo em que estavam presos, nem mesmo notavam um ao outro enquanto golpeavam os demônios, golpeavam a realidade, o mundo ao redor, aquela cidade, aquele dia, por alguns poucos minutos, por uma breve hora. Mas a gota de chuva nunca alcançou a claraboia acima dos dois. Uma rajada

gélida do vento noroeste a levou por sobre o leito seco do rio que dividia a cidade ao comprido e para a linha férrea em desuso que a dividia na diagonal. Caiu no distrito fabril, para além das chaminés apagadas da Estex e mais para o leste, em direção ao prédio de madeira delimitado por uma cerca entre as fábricas fechadas. Lá, a gota terminou sua viagem pelo ar, atingindo a cabeça brilhante de um homem magro, escorrendo pela testa dele, parando por um instante em seus cílios curtos e enfim descendo como uma lágrima pela lateral do rosto que jamais havia conhecido uma lágrima de verdade.

Seyton não percebeu que havia sido atingido. Nem por uma gota de chuva ao léu, nem pelo tiro do sargento. Ficou de pernas abertas plantadas no piso, a mão erguida, sentindo apenas as vibrações do caminhão quando as metralhadoras começaram a cuspir fogo, sentindo-as se propagarem das solas dos sapatos até os quadris, sentindo o som bater cadenciado nos tímpanos, um som que passou de um murmúrio trepidante para um rugido e, depois, para um uivo coordenado à medida que os canos cuspiam balas cada vez mais rápido. E quando o clube em frente foi reduzido a um monte de escombros, ele sentiu o calor das duas máquinas. Porque eram duas máquinas demoníacas com uma única função: engolir o metal com que eram alimentadas e cuspi-lo fora como robôs bulímicos, só que bem mais rápido do que qualquer outra coisa no mundo. Até aquele momento, os operadores das armas não tinham visto os danos causados que aos poucos se descortinavam conforme janelas e portas tombavam e pedaços de paredes simplesmente se dissolviam. Um corpo de mulher apareceu no chão, do lado de dentro da porta. Partes de sua cabeça haviam desaparecido e o corpo estrebuchava como se levasse choques elétricos. Seyton sentiu que estava tendo uma ereção. Deviam ser as vibrações do caminhão.

Uma das metralhadoras parou de atirar.

Seyton se virou para o operador.

— Algo errado, Angus?

— A missão está concluída — gritou Angus de volta, empurrando a franja loura para o lado.

— Ninguém para até que eu ordene.

— Mas...

— Entendeu? — berrou Seyton.

Angus engoliu em seco.

— Por Banquo?

— Foi o que eu disse! Por Banquo! Agora!

A metralhadora de Angus voltou a funcionar. Mas Seyton viu que ele tinha razão: a operação fora concluída. Não havia sequer um decímetro quadrado diante deles que não estivesse esburacado. Não havia nada que não estivesse destruído. Nada que não estivesse morto.

Continuou aguardando. Fechou os olhos, os ouvidos estavam atentos. Mas era hora de deixar as duas bonecas descansarem.

— Parem! — gritou.

As metralhadoras se calaram.

Uma nuvem de pó escapou da sede destruída do clube. Seyton tornou a cerrar os olhos e inspirou o ar. Uma nuvem de almas.

— O que houve? — ciciou Olafson, do fundo do caminhão.

— Vamos poupar munição — falou Seyton. — Temos um trabalho hoje à tarde.

— Está sangrando, senhor! Seu braço.

Seyton olhou para a própria jaqueta, que havia grudado no cotovelo no ponto em que o sangue escorria por um buraco. Levou a mão à ferida.

— Vai dar tudo certo — disse. — Aprontem as pistolas, todos vocês. Vamos entrar e fazer a contagem dos corpos. Se acharem Sweno, me avisem.

— E se encontrarmos sobreviventes? — indagou Angus.

Alguém deu uma risada.

Seyton espanou uma gota de chuva do rosto.

— Vou repetir. A ordem do Macbeth foi que nenhum dos assassinos do Banquo sobrevivesse. Essa resposta basta pra você, Angus?

21

Meredith pendurava os lençóis em uma corda na varanda da frente. Gostava daquela casa, de sua essência rural, despretensiosa, tradicional, sóbria porém prática. Quando as pessoas ficavam sabendo que ela e Duff moravam em uma fazenda em Fife, automaticamente concluíam que seria uma propriedade luxuosa e provavelmente achavam que ela estivesse sendo modesta quando descrevia a vida simples que levavam. O que uma mulher com seu sobrenome estaria fazendo em uma pequena propriedade antiquada?, deviam pensar.

Havia lavado a roupa de cama de todos da casa, para que Duff não pensasse que ela só cuidara da cama do casal. Onde dormiriam juntos aquela noite. Esquecer as feridas, deixar o passado para trás. Despertar novamente o que haviam tido juntos. Uma vida adormecida, apenas isso. Sentiu uma quentura na barriga só de pensar. A intimidade que tiveram na rocha naquela manhã havia sido maravilhosa. Tão maravilhosa quanto nos primeiros anos. Não, mais até. Cantarolou uma música que ouvira no rádio (não sabia qual era), pendurou o último lençol e acariciou o tecido úmido, atraída pelo perfume. O vento soprava o lençol para o alto e a luz do sol se derramava sobre seu rosto e seu vestido. Quente, bonito, brilhante. Era assim que a vida deveria ser. Fazer amor, trabalhar, viver. Era para isso que ela havia sido criada, e era nisso que ainda acreditava.

Ouviu uma gaivota grasnando e levou a mão aos olhos, protegendo-os do sol. O que uma gaivota estaria fazendo ali, tão

longe do mar?

— Mãe!

Ela tinha pendurado a roupa lavada em várias cordas, então foi preciso se mover entre os lençóis, ziguezagueando até a porta.

— Sim, Ewan?

O filho estava sentado em um banco perto da janela, o queixo apoiado na mão, mirando ao longe. Estreitando os olhos para o sol da tarde.

— O papai vai chegar daqui a pouco?

— Sim, vai. Como está a sopa, Emily?

— Está pronta há séculos — respondeu a filha, mexendo a panela enorme.

Betasuppe. Comida rústica, básica, nutritiva.

Ewan fez cara de emburrado.

— Ele disse que ia chegar *antes* da janta.

— Você pendura o seu pai pelos dedos dos pés por ter quebrado uma promessa — disse Meredith, acariciando a franja do menino.

— As pessoas devem ser penduradas por mentir?

— Sem exceção.

Meredith olhou para o relógio. Podia haver engarrafamentos na hora do rush, agora que apenas a ponte velha estava aberta.

— Por quem? — indagou Ewan.

— Como assim?

— Quem vai pendurar as pessoas que mentem? — perguntou ele, com o olhar distante, como se estivesse falando sozinho.

— As que são honestas, é claro.

Ewan se virou para a mãe.

— Então os mentirosos são burros, porque tem muito mais deles do que de pessoas honestas. Eles podiam derrotar os honestos e pendurar eles.

— Escutem! — disse Emily.

Meredith prestou atenção. Também ouviu. O ruído distante de um motor se aproximando.

O garoto se ergueu de um salto.

— Ele está vindo! Emily, vamos nos esconder e dar um susto no papai.

— Claro!

As crianças desapareceram no quarto enquanto Meredith foi à janela. Tentou proteger os olhos do sol. Sentiu um mal-estar que não conseguiu explicar. Talvez temesse que o Duff que voltava para casa não fosse o mesmo que tivesse saído naquela manhã.

Duff pôs o carro em ponto morto e deixou os pneus rodarem livres a última parte do caminho até a casa. O cascalho rumorejava e se agitava como gnomos da floresta sob as rodas. Ele havia dirigido como um possuído desde que deixara Caithness, quebrando uma regra à qual sempre fora fiel: nunca utilizar indevidamente a luz azul de emergência que guardava no porta-luvas. Com a luz no teto do carro, conseguira ultrapassar a fila na estrada para a ponte velha, mas dali em diante a pista ficava tão estreita que acabara se estressando enquanto avançava a passos de tartaruga, mesmo com a luz no alto. Agora, ao chegar, meteu o pé no freio, e as vozes subterrâneas se calaram. Desligou o motor e saiu. O sol brilhava nos lençóis brancos pendurados na varanda, dando-lhe as boas-vindas com um aceno. Ela havia lavado a roupa de cama de todos da casa, para que ele não pensasse que só tinha cuidado dos lençóis na cama de casal. E, embora estivesse sexualmente satisfeito, a ideia aqueceu seu coração. Porque havia deixado Caithness. E Caithness o deixara. À porta, ela havia enxugado a última lágrima, lhe dado um último beijo de despedida e dito que, dali para a frente, a porta estaria fechada para ele. E isso porque tomara uma decisão. E que um dia talvez outra pessoa entrasse pela porta que ele estava saindo. E Duff respondeu que torcia para que isso acontecesse, e que esse "outro alguém" seria um homem de muita sorte. Já na rua, ele deu um salto de alívio, de alegria por ter sua liberdade de volta. Sim, imagine só: livre. Estar ao lado da mulher e dos filhos! A vida é muito estranha. E também maravilhosa.

Foi até a varanda.

— Ewan! Emily!

Normalmente, quando chegava, eles corriam ao seu encontro, mas às vezes também se escondiam para atacá-lo de surpresa.

Avançou por entre as fileiras de lençóis pendurados.

— Ewan! Emily!

Parou. Estava escondido entre os lençóis, cujas sombras alongadas dançavam no piso da varanda. Inalou o perfume do sabão e da água. Havia outro cheiro também. Sorriu. *Betasuppe*. Seu sorriso tornou-se ainda maior ao imaginar o bate-boca engraçado que teriam se Ewan insistisse em colar a barba *antes* de tomar a tradicional sopa. Tudo estava absolutamente parado. O ataque de emboscada podia vir a qualquer instante.

Havia pequeninos pontos de sol nas sombras que os lençóis lançavam.

Ficou olhando para eles.

Então para baixo. Seu suéter e sua calça estavam cobertos de pequenos pontos de luz. Sentiu o coração dar um salto. Correu o dedo por um lençol. Encontrou um buraco de imediato. E outro. Parou de respirar.

Puxou para o lado o último lençol.

A janela da cozinha já não existia. A parede estava tão esburacada que restara muito pouco dela. Olhou por onde a janela deveria estar. A panela no fogão lembrava uma peneira. Um fumegante caldo amarelado cobria o chão.

Quis entrar em casa. *Tinha* de entrar. Mas não conseguia; era como se os pés estivessem cimentados ao piso da varanda, sua força de vontade, desativada.

Mas não tem ninguém na cozinha, disse a si mesmo. Vazia. Talvez o restante da casa estivesse vazio também. Destruído, mas vazio. Talvez tivessem fugido para a cabana. Talvez. Talvez nem tudo estivesse perdido.

Obrigou-se a atravessar o vão onde antes havia uma porta. Entrou nos quartos das crianças. Primeiro no de Emily, depois no de Ewan. Verificou os armários estourados com tiros de metralhadora e debaixo das camas. Ninguém. Nem no quarto de hóspedes. Foi em direção ao último quarto, seu e de Meredith, com uma larga cama de casal na qual, nas manhãs de domingo, eles abriam espaço para ficarem os quatro deitados de lado, e faziam cócegas nos dedos dos pés das crianças, que reagiam aos gritos e arranhavam de leve as costas uns dos outros, e conversavam sobre todos os tipos de coisas estranhas e maravilhosas e discutiam até decidir quem deveria sair da cama primeiro.

A porta do quarto não tinha sido derrubada, mas os intervalos entre os buracos de bala eram iguais aos demais nos outros pontos da casa. Duff respirou fundo.

Talvez nem tudo estivesse perdido ainda.

Agarrou a maçaneta. Abriu a porta.

Claro que sabia que estava se enganando. Havia se tornado um mestre nessa arte: quanto mais praticava o autoengano, mais fácil era ver o que queria ver. Mas, nos últimos dias, os véus que lhe cobriam os olhos tinham caído, e agora ele não podia deixar de ver o que havia diante de si. A plumagem do enchimento dos colchões estava por toda parte, como se houvesse nevado. Talvez fosse por isso que tudo parecia tão tranquilo. Dava a impressão de que Meredith havia tentado manter Ewan e Emily aquecidos, envolvendo-os num abraço, os três sentados no canto mais afastado do quarto. Algumas penugens tingidas de vermelho estavam grudadas nas paredes em volta deles.

A respiração de Duff veio em arquejos. Depois, veio um soluço. Um único soluço amargo e raivoso.

Tudo estava perdido.

Tudo inexoravelmente perdido.

22

Duff permaneceu no vão da porta. Viu um cobertor sobre a cama. Sabia que não ajudaria em nada se caminhasse pelo piso coberto de penas, poluindo a cena e talvez destruindo evidências, mas tinha de cobri-los. Cobri-los uma última vez, não podiam ficar daquele jeito. Deu um passo, entrando no quarto, mas parou.

Ouvira algo. Um grito.

Recuou e entrou a passos largos na sala de estar, para a janela destruída que dava para o lago. Outro grito. Tão distante que não dava para ver quem estava gritando, mas ali o som se propagava bem durante a tarde. A voz soava zangada. E repetia a mesma palavra, mas Duff não conseguia entender o que estava dizendo. Puxou o que restava de uma gaveta e tirou dela um binóculo, que focou na cabana. Uma lente estava furada, mas a outra foi suficiente para ver um homem de cabelos claros correndo em direção à casa pelo caminho estreito. Atrás dele, diante da cabana, havia um caminhão, e, na carroceria, um homem que reconheceu na hora. Seyton. Estava em pé entre o que parecia ser dois enormes moedores de carne sobre suportes. Duff se lembrou das palavras de Macbeth. *Descanse por pelo menos dois dias... são ordens*. Macbeth fora avisado. Ele sabia que Duff estava prestes a revelar quem era o assassino de Duncan. *Lennox*. Lennox, o traidor. Nenhum juiz de Capitol viria à cidade no dia seguinte.

Duff viu a boca de Seyton se mexer antes que o som da palavra furiosa repetida o alcançasse:

— Angus!

Duff se afastou da janela para que as lentes do binóculo não refletissem o sol, revelando sua presença. Precisava fugir dali.

Enquanto a noite caía sobre a cidade, a notícia do massacre na sede do clube dos Norse Riders se espalhava. Às nove horas, a maioria dos jornalistas locais, das equipes de TV e de rádio, estava reunida no Scone Hall. Macbeth ficou nos bastidores ouvindo Lennox dar-lhes as boas-vindas à coletiva de imprensa.

— Solicitamos aos senhores que não usem flash até que o comissário-chefe tenha terminado, e, por favor, levantem a mão caso queiram fazer perguntas. Agora, aqui está o comissário-chefe dessa digna cidade, Macbeth.

A introdução e, possivelmente, os rumores da vitória sobre os Norse Riders no confronto na sede do clube foram motivos suficientes para dois jornalistas menos experientes baterem palmas quando Macbeth subiu à tribuna, mas o escasso aplauso morreu sob os olhares duros dos mais experientes.

Macbeth foi até o púlpito. Não, segurou *o púlpito com violência*, foi a impressão que passou. O estranho era que falar em público sempre fora seu maior terror; agora, porém, não apenas gostava, como ansiava por isso, *precisava* disso. Pigarreou, olhou para os papéis à sua frente e então começou:

— A polícia realizou hoje duas operações contra os responsáveis pelos recentes assassinatos dos nossos oficiais, entre eles o comissário-chefe Duncan. Tenho o prazer de informar que a primeira operação, mesmo considerando as circunstâncias, foi cem por cento bem-sucedida. A gangue de criminosos conhecida como Norse Riders deixou de existir. — Um único grito de *Viva!* da plateia quebrou o silêncio. — Foi uma ação planejada com base nas novas informações que obtivemos após a soltura de alguns integrantes dos Norse Riders. O que aconteceu foi que os Norse Riders atiraram contra o GOE, e não tivemos escolha a não ser revidar energicamente.

Um grito veio dos fundos da sala:

— Sweno está entre os mortos?

— Sim. Ele é, na verdade, um dos corpos que não puderam ser identificados por causa da extensão dos ferimentos, mas creio que

todos vocês reconhecem isso... — Macbeth ergueu um sabre cintilante. Mais *Vivas!,* e, dessa vez, alguns dos jornalistas veteranos também comemoraram. — Com isso, uma era chegou ao fim. Felizmente.

— Há rumores de que mulheres e crianças também foram mortas.

— Sim e não — disse Macbeth. — Mulheres já adultas, que escolheram se associar ao clube, sim. Muitas delas têm o que poderíamos chamar de ficha suja e nenhuma fez nada pra impedir que os Norse Riders disparassem contra nós. Quanto às crianças, isso é besteira. Não houve vítimas inocentes.

— Você mencionou uma segunda operação. Onde aconteceu?

— Ocorreu fora da cidade, em Fife, logo depois da primeira, em uma área relativamente deserta, então talvez não tenham ouvido falar a respeito. Foi uma tentativa de prender alguém que, agora sabemos, vinha trabalhando pros Norse Riders há algum tempo. É lamentável que tal oficial faça parte da nossa corporação, mas também prova que o comissário-chefe Duncan não acertou ao entregar a Unidade de Narcóticos e, depois, a Unidade de Homicídios a esse homem, o inspetor Duff. E também não somos infalíveis. Levamos em consideração sua família e presumimos que ele faria o mesmo e que, portanto, se entregaria. Então, quando chegamos ao local, o oficial Seyton, chefe do GOE, foi até a casa e pediu que Duff saísse sozinho e se entregasse. Duff reagiu atirando.

Macbeth apontou com a cabeça na direção de Seyton, que estava em pé sob um foco de luz junto à porta do corredor, para que todos o vissem com o braço na tipoia.

— Por sorte, o tiro não foi fatal. O oficial Seyton logo recebeu atendimento médico e há muitas chances de que escape de uma lesão permanente. Mesmo ferido gravemente, o policial Seyton liderou o ataque. Infelizmente, Duff, em seu desespero e covardia, optou por usar a família como escudo, e o trágico resultado foi que eles pagaram com suas vidas, enquanto Duff conseguiu escapar pelos fundos da casa e fugiu no carro dele. Ele agora é um fugitivo, e nós já iniciamos as buscas. Prometo a vocês, aqui e agora, que *vamos* achar e punir Duff. A propósito, quero aproveitar a

oportunidade pra anunciar que em breve teremos que nos dirigir ao oficial Seyton como inspetor.

Mais pessoas se juntaram aos aplausos desta vez. Assim que diminuíram, ouviu-se um pigarro e uma voz com "r" enrolado:

— Tudo isso é ótimo, Macbeth, mas onde estão as evidências — a pessoa pronunciou "*evidências*" lenta e pausadamente, como se fosse uma palavra estrangeira e bem difícil — contra as pessoas eliminadas?

— No que diz respeito aos Norse Riders, temos testemunhas que viram os integrantes da gangue atirando contra o carro do Banquo, e temos impressões digitais tanto na lataria quanto no interior do carro, além de sangue no banco cujos tipos são idênticos aos dos que foram encontrados mortos na sede do clube essa noite. A Perícia também pode confirmar que as impressões digitais encontradas no interior do para-brisas, no lado do motorista, coincidem com as do... — Macbeth fez uma pausa — ... do inspetor Duff.

Um rumor reverberou em ondas pela sala.

— Nesse momento, gostaria de parabenizar os oficiais da Unidade de Perícia. Duff esteve na cena do crime logo após o assassinato. E isso causa estranheza, já que ninguém da Homicídios tinha conseguido entrar em contato com ele para informá-lo do ocorrido. Obviamente, ele foi lá com a intenção de apagar suas impressões digitais e outras pistas que já devia saber que havia deixado pra trás. Mas a Unidade de Perícia não deixou ninguém, ninguém mesmo, chegar perto do corpo e alterar as evidências. Pessoalmente, posso acrescentar que minha desconfiança de que Duff estaria associado aos Norse Riders cresceu durante a batida policial no terminal de contêineres. Tanto a Unidade de Narcóticos quanto nós, do GOE, recebemos uma denúncia tão clara que Duff não poderia ignorá-la sem levantar suspeitas de que estava protegendo os caras. Duff, astutamente, concebeu um ataque fadado ao fracasso, com oficiais inexperientes e em número insuficiente da própria unidade, sem buscar a colaboração do GOE, que é o procedimento padrão em tais casos. Por sorte, o ataque chamou nossa atenção e o GOE atuou de forma independente, e acho que posso dizer, sem querer contar vantagem,

que esse foi o começo da derrocada dos Norse Riders e do Duff. Os Norse Riders e o inspetor Duff cavaram as próprias sepulturas ao se vingarem por terem perdido as drogas e pela morte de cinco integrantes matando primeiro Duncan e, depois, Banquo e o filho dele. E essa será, aliás, a última vez que vou mencionar a patente do Duff, que, em nossa força policial, é considerada uma honra independentemente de ser a mais alta ou a mais baixa.

Macbeth se surpreendeu ao notar que o tom de leve indignação em sua voz era mesmo sincero, totalmente verdadeiro.

— Você está realmente dizendo, Macbeth...

— Levante a mão antes de... — começou Lennox, mas Macbeth ergueu as palmas das mãos, interrompendo-o, e acenou para que Kite continuasse.

Estava pronto para confrontar aquele filho da puta irritante e desaforado.

— Macbeth, você está realmente dizendo que nem você nem a polícia podem ser criticados por *nada* durante essas operações? Em uma única tarde, vocês mataram sete pessoas que tinham acabado de tirar da prisão uma hora antes, mais nove outros integrantes da gangue, a maioria sem antecedentes criminais, e seis mulheres que, até onde pudemos averiguar, não tinham nenhum envolvimento com os crimes praticados pelos Norse Riders. E depois você diz pra gente que também tem uma família morta em Fife, e evidentemente essas pessoas são vítimas inocentes. E você ainda acha que não cometeu um único erro sequer?

Macbeth observou Kite. O locutor de rádio tinha cabelos escuros ao redor de uma calvície, e um bigode que desenhava uma expressão de tristeza ao redor da boca. Sempre más notícias. Macbeth indagou a si mesmo o que o destino planejava para uma pessoa assim. Remexeu em sua papelada e encontrou o texto que havia redigido, ao qual Lady e, mais tarde, Lennox acrescentaram detalhes. Respirou fundo. Sabia que estava em perfeito equilíbrio mental. Sabia que sua medicação era perfeita. Sabia que recebera a dosagem perfeita.

— Ele tem razão — disse Macbeth, passando o olhar pela plateia. — Nós cometemos erros.

Ele esperou até que tudo se tornasse ainda mais silencioso que o silêncio, até o silêncio se tornar insuportável, até que fosse impossível respirar, até que o silêncio exigisse *som*. Olhou novamente para a folha com seu discurso. Tinha de transformá-lo em algo vivo, fazer com que parecesse que não estava apenas lendo o texto à sua frente.

— Em uma democracia — começou —, há regras que determinam quando suspeitos devem ser liberados da prisão. Nós às obedecemos. — Ele assentiu como se dissesse amém à própria declaração. — Em uma democracia, há regras que estabelecem que a polícia pode e deve prender suspeitos quando surgem *novas* provas. Nós às obedecemos. — Assentiu com a cabeça repetidamente. — Em uma democracia, existem regras que preveem como a polícia deve reagir se os suspeitos resistirem à prisão e se, como nesse caso, atirarem contra a polícia. E nós às obedecemos. — Ele podia, é claro, ter continuado assim, mas três repetições de "Nós às obedecemos" era suficiente. Ergueu o indicador. — E foi tudo o que fizemos. Alguns já qualificaram o que fizemos como heroico. Outros já qualificaram como a operação policial mais eficaz e ansiosamente aguardada da sofrida história dessa cidade. E alguns chamaram de ponto de virada na luta contra o crime nas nossas ruas. — Ele viu como seu repetitivo assentir com a cabeça havia contagiado a plateia e chegou a ouvir alguns murmúrios de *sim*. — Mas, como comissário-chefe, vejo que estávamos apenas cumprindo nossa obrigação. Nada além do que se pode exigir de nós como oficiais da polícia.

No balcão vazio, ele viu que Lennox estava pronto para a projeção de slides, enquanto acompanhava o discurso em sua via do texto.

— Mas devo admitir que — continuou Macbeth —, essa noite, me sinto bem em dizer *oficiais da polícia* com o maior orgulho. E agora, meus amigos, vamos colocar as formalidades de lado por um momento: o fato é que fizemos uma grande faxina hoje. Pagamos na mesma moeda o que Sweno e seus assassinos fizeram com a gente. Mostramos pra eles a reação que os aguarda se nos tirarem nossos melhores homens...

Macbeth notou a luz mais forte ao redor de si e entendeu que a foto de Duncan tinha aparecido na tela; em breve mudaria para a de Banquo e Fleance fardados, sob a macieira do jardim atrás da casa deles.

— Mas, sim, cometemos erros. Cometemos um erro ao não iniciar essa faxina *antes*! Antes que fosse tarde demais pro comissário-chefe Duncan. Antes que fosse tarde demais pro inspetor Banquo, que serviu a essa cidade por toda a vida. E seu filho, o cadete da polícia Fleance, que estava ansioso pra seguir os passos do pai — Macbeth teve que respirar fundo algumas vezes para controlar o tremor na voz —, mas nessa tarde mostramos que esse é um novo dia. Um novo dia em que os criminosos não estão mais no comando. Um novo dia em que os cidadãos dessa cidade se ergueram e disseram não. Não, não vamos permitir isso. E essa é a tarde do primeiro desses novos dias. E nos próximos dias vamos continuar limpando as ruas dessa cidade, porque a grande faxina ainda não acabou.

Quando terminou e agradeceu, Macbeth continuou em pé diante de uma enxurrada de aplausos que eclodiu enquanto cadeiras eram arrastadas e as pessoas se levantavam. A aclamação continuou com vigor inabalável. E sentiu seus olhos se turvarem à sincera reação dos céticos jornalistas a suas mentiras. E, quando Kite também se levantou e bateu palmas, embora com não tanto fervor, Macbeth se perguntou se o fazia apenas porque o cara não era bobo de se meter com ele. Porque percebia que agora Macbeth havia conquistado o amor deles. Conquistado o poder. E podia ver e ouvir que o novo comissário-chefe não tinha medo de usá-lo.

Macbeth disparou pelo corredor atrás do Scone Hall.

Power. Sentia em suas veias; a sensação de harmonia ainda estava lá. Não tão perfeita quanto pouco antes — o desconforto e a inquietação não demorariam a voltar —, porém tinha mais que o suficiente do medicamento por enquanto. E iria apenas aproveitar a noite. Apreciar a comida e a bebida, a companhia de Lady, apreciar a vista da cidade, tirar proveito de tudo que era seu.

— Belo discurso, senhor — elogiou Seyton, que parecia não ter dificuldade em acompanhar seu ritmo.

Lennox correu para alcançá-lo.

— Fantástico, Macbeth! — exclamou, ofegante. — Alguns jornalistas de Capitol gostariam de entrevistar você e...

— Obrigado, mas não — cortou-o Macbeth, sem diminuir o passo. — Sem entrevistas sobre nossas vitórias, sem honrarias até que a gente tenha alcançado nosso objetivo. Alguma novidade sobre o Duff?

— O carro dele foi localizado na cidade, estacionado ao lado do Obelisco. Estradas, o aeroporto, embarcações de passageiros: tudo está sendo vigiado desde meia hora depois que o vimos saindo de Fife em direção à cidade, então sabemos que ele está em algum lugar por aqui. Verificamos a casa do Banquo, a casa dos sogros do Duff, mas não há sinal dele. Mas, com esse clima, ele vai *ter* que encontrar um canto pra passar a noite, então vamos vasculhar hotéis, pensões, bares e bordéis com pente fino. Todos, absolutamente todos, estão à caça do Duff hoje à noite.

— Caçar é bom, mas capturar é bem melhor.

— Ah, vamos pegar esse cara. É só uma questão de tempo.

— Que bom. Agora pode deixar a gente a sós por um minuto?

— Ok.

Lennox parou, e logo os dois tinham se afastado bastante dele.

— Algo incomodando você, Seyton? O ferimento?

— Não, senhor.

Seyton tirou o braço da tipoia.

— Tem certeza? O sargento atirou no seu braço, não foi?

— Tenho uma excelente cicatrização — disse Seyton. — Vem de família.

— É mesmo?

— Boa capacidade de regeneração, sabe?

— Família. Algo mais chateando você, então?

— Duas coisas.

— Fala.

— O bebê que encontramos e retiramos da sede do clube depois do tiroteio...

— O que tem ele?

— Não sei o que fazer com ele. Está até agora trancado na minha sala.

— Deixa comigo — disse Macbeth. — E a outra coisa?

— Angus, senhor.

— O que tem ele?

— Ele não obedeceu às ordens em Fife. Se recusou a atirar e foi embora antes da operação terminar. Chamou de chacina o que fizemos. E disse que não entrou pro GOE pra participar *desse tipo de coisa*. Acho que há risco do Angus dar com a língua nos dentes. Precisamos fazer alguma coisa.

Eles pararam diante do elevador.

Macbeth cofiou o queixo.

— Então você acha que o Angus perdeu a fé? Se for isso, não terá sido a primeira vez. Ele te contou que estudou teologia?

— Não, mas isso é bem a cara dele. E ele anda por aí com a porra de uma correntinha com uma cruz horrorosa no pescoço.

— Você é quem está no comando do GOE agora, Seyton. O que acha que deve ser feito?

— Temos que nos livrar dele, chefe.

— Matar?

— O senhor mesmo disse que estamos em guerra. Na guerra, traidores e covardes são punidos com a morte. Vamos fazer o mesmo que fizemos com o Duff: espalhar que ele é corrupto e fazer parecer que resistiu à prisão.

— Preciso de um tempo pra pensar. No momento, estamos no centro das atenções e precisamos demonstrar lealdade e unidade. Cawdor, Malcolm, Duff e, agora, Angus. São muitos. A cidade gosta mais de criminosos mortos do que de policiais desonestos. Onde ele está?

— No porão, sozinho e deprimido. Não quer falar com ninguém.

— Ok. Vou ter uma conversinha com ele antes de tomarmos uma decisão final.

Macbeth foi encontrar Angus na sala do GOE. Estava sentado com a cabeça baixa, apoiada nas mãos, e mal reagiu quando Macbeth colocou uma grande caixa de sapatos em cima da mesa e se sentou bem diante dele.

— Eu soube o que aconteceu. Como você está?

Nenhuma resposta.

— Você é um rapaz de princípios morais, Angus. Esse é um dos motivos pra eu gostar de você. Princípios são importantes pra você, não são?

Angus levantou a cabeça e fitou Macbeth com olhos vermelhos.

— Posso ver isso ardendo nos seus olhos agora mesmo — disse Macbeth. — Justa indignação. Isso aquece seu coração, não é? Faz você sentir que é a pessoa que deseja ser. Mas, quando a irmandade exige um sacrifício verdadeiro, às vezes é exatamente o que queremos, Angus. Seus princípios. Que você abra mão da atmosfera acolhedora de uma consciência tranquila, que seja despertado pelos mesmos pesadelos que nos despertam, que desista do que é mais valioso pra você, assim como seu antigo Deus exigiu que Abraão abrisse mão do próprio filho.

Angus pigarreou, mas sua voz continuava rouca.

— Posso fazer isso. Mas em nome do quê?

— Em nome dos objetivos de longo prazo. Do bem da comunidade. Em nome da cidade, Angus.

Angus deu uma fungada.

— Pode me explicar como matar inocentes seria bom pra comunidade?

— Vinte e cinco anos atrás, um presidente americano jogou a bomba atômica em duas cidades japonesas povoadas por crianças, civis e inocentes. Isso acabou com uma guerra. Esse é o tipo de paradoxo com que Deus nos atormenta.

— É fácil falar. Você não estava lá.

— Sei quais são os custos, Angus. Recentemente cortei a garganta de um inocente pelo bem da comunidade. Não durmo bem à noite. A dúvida, a vergonha, o sentimento de culpa são parte do preço que temos que pagar se realmente quisermos fazer algo bom e não apenas nos deliciarmos com o clima acolhedor e seguro da autorretidão.

— Deus não existe, e eu não sou um presidente.

— Verdade — admitiu Macbeth, abrindo a caixa de sapatos. — Mas como sou ambos nesse prédio, vou te dar uma chance para expiar o erro que cometeu em Fife.

Angus olhou dentro da caixa. E deu um salto para trás, tamanho o choque.

— Pegue isso e queime no forno da Estex hoje à noite.

Angus engoliu em seco, lívido como a morte.

— Esse é o b-b-bebê da sede...

— Soldados da linha de frente, como você e eu, sabem que vidas inocentes serão sacrificadas em uma guerra, mas os que estão em suas casas, aqueles pelos quais lutamos, não sabem disso. É por isso que mantemos essas coisas escondidas deles, pra que não fiquem histéricos. Você fica histérico, Angus?

— Eu, eu...

— Escuta. Estou depositando minha confiança em você ao te dar essa tarefa. Você pode ir à Estex ou pode usar isso pra denunciar seus irmãos aqui do GOE. Estou te dando a opção. Porque preciso saber se posso confiar em você.

Angus balançou a cabeça e deixou escapar um soluço.

— Você precisa fazer de mim um *cúmplice* pra saber que pode confiar em mim!

Foi a vez de Macbeth balançar a cabeça.

— Você já é um cúmplice. Só preciso saber se é forte o bastante pra suportar a culpa sem que aqueles que estão em casa descubram o preço que pagamos pra defendê-los. Só então eu vou saber se você é um homem de verdade, Angus.

— Você faz parecer que nós, e não a criança, somos as vítimas. Não posso! Prefiro levar um tiro.

Macbeth olhou para Angus. Não sentia nenhuma raiva. Talvez porque gostasse dele. Talvez porque soubesse que ele não podia lhes fazer mal. Mas, principalmente, porque sentia pena dele. Macbeth tornou a tampar a caixa e se levantou.

— Espera — disse Angus. — C-como você vai me punir?

— Ah, você vai punir a si mesmo — disse Macbeth. — Leia o que diz nossa bandeira. Não é o grito da criança que você vai ouvir quando acordar molhado de suor depois de um pesadelo, mas as palavras: *Lealdade, fraternidade, batizado em fogo, unidos em sangue*.

Ele pegou a caixa de sapatos e saiu.

Ainda faltava mais de uma hora para a meia-noite quando Macbeth entrou em sua suíte.

Lady estava de pé à janela, as costas voltadas para ele. Uma única vela iluminava o cômodo, e ela estava de camisola. Ele colocou a caixa em cima da mesa sob o espelho, foi até ela e beijou seu pescoço.

— A luz caiu quando cheguei — comentou ele. — Jack está verificando a caixa de fusíveis. Espero que nenhum cliente esteja aproveitando a oportunidade pra roubar e fugir.

— Mais da metade da cidade está sem luz — disse ela, inclinando-se para trás e descansando a cabeça no ombro dele. — Estou vendo daqui da janela. O que tem nessa caixa de sapatos?

— O que costuma ter numa caixa de sapatos?

— Você estava carregando isso como se fosse uma bomba.

Naquele instante, um relâmpago cortou o céu como um longo veio branco cintilante, e eles tiveram um vislumbre da cidade. Então tudo voltou a ficar escuro, e ouviu-se o trovão.

— Não é lindo? — perguntou ele, inalando o perfume do cabelo dela.

— O quê?

— A cidade. E vai ficar ainda mais bonita quando Duff não estiver nela.

— Mas vai continuar tendo um prefeito que a torna feia. Você não vai me dizer o que tem nessa caixa? — A voz dela estava meio grossa, como se tivesse acabado de acordar.

— É só uma coisa que tenho que queimar. Vou pedir pro Jack levar pros fornos na Estex amanhã.

— Eu também quero ser queimada, querido.

Macbeth levou um susto. O que ela tinha dito? Estaria dormindo? Mas sonâmbulos não conseguiam manter uma conversa, não é?

— Então você ainda não achou o Duff?

— Ainda não, mas estamos procurando em todos os lugares.

— Coitado. Perdeu os filhos. Agora está sozinho.

— Ele está tendo ajuda de alguém. Senão já o teríamos encontrado. Não confio no Lennox.

— Porque você sabe que ele é escravo do Hécate e da brew?

— Porque Lennox é um fraco basicamente. Ele pode estar ficando de coração mole... pode querer me trair, como aconteceu com o Banquo. Talvez esteja protegendo o Duff. Eu devia prendê-lo. Seyton me disse que, na época do Kenneth, eles davam choques elétricos na virilha dos prisioneiros se não abrissem a boca. E mais outro para fazê-los *calar* a boca.

— Não.

— Não?

— Não. Prender um dos seus chefes de unidade agora daria uma péssima impressão. Por enquanto, todos compreendem que você apanhou duas maçãs podres: Duff e Malcolm. Três faria parecer um expurgo. E expurgos levantam suspeitas não apenas sobre os que não são expurgados, como também sobre o líder, e não queremos dar ao Tourtell nenhum motivo pra hesitar em nomear você. Quanto aos choques, no momento estamos sem eletricidade nessa parte da cidade.

— Então o que eu faço?

— Vai acordar o eletricista e pedir pra ele resolver o problema.

— Você está difícil essa noite, meu amor. Justamente quando deveria estar mais próxima de mim, me saudando como herói.

— E você a mim como heroína, Macbeth. Já procurou no apartamento da Caithness?

— Caithness? O que leva você a pensar que ela esteja envolvida nisso?

— Na noite daquele fatídico jantar, o Duff falou que ia dormir na casa de um primo.

— Sim, ele comentou isso.

— E você não ficou surpreso que um garoto que saiu de um orfanato tivesse um tio na cidade?

— Nem todos os tios podem assumir os... — Então ele começou a entender. — Está querendo dizer que o Duff e a Caithness...?

— Meu querido herói Macbeth, você é e sempre será um ingênuo sem o tino de uma mulher pra reconhecer a troca de olhares entre duas pessoas que estão tendo um caso.

Macbeth arregalou os olhos na escuridão. Então abraçou Lady, fechou os olhos e a puxou para si. Como teria sobrevivido sem ela?

— Só quando nós dois estamos na frente do espelho — sussurrou no ouvido dela. — Obrigado, querida. Vai dormir agora. Vou mandar o Lennox ir agora mesmo à casa da Caithness.

— Voltou — disse ela.

— O que foi que voltou?

— A eletricidade. Olha. Nossa cidade está iluminada de novo.

Macbeth abriu os olhos e viu o rosto iluminado de Lady. Depois, olhou para os próprios corpos, que exibiam um brilho avermelhado, tingidos pelas luzes neon do anúncio da Bacardi no prédio do outro lado da rua Thrift.

— Lennox? — Caithness estava com tanto frio que seus dentes tiritavam quando parou, de braços cruzados, à porta de seu apartamento. — Oficial Seyton?

— *Inspetor* Seyton — corrigiu o homem magrela, empurrando-a para o lado para entrar.

— O que está acontecendo? — perguntou Caithness.

— Sinto muito, Caithness — falou Lennox. — São ordens. O Duff está aqui?

— Duff? Por que diabos ele estaria aqui?

— E por que diabos você diria que sim? — rebateu Seyton, direcionando os quatro policiais armados em uniformes do GOE para cada um dos quatro cômodos do apartamento. — Se ele estiver aqui, é porque você o está escondendo. Você sabe muito bem que ele é um homem procurado pela polícia.

— Fique à vontade — disse ela.

— Muito obrigado pela sua permissão — debochou Seyton.

Ele a observou de um jeito que a fez desejar estar vestindo algo além da camisola fina. Então ele sorriu. Caithness estremeceu. Os lábios dele se abriram em um arco sob os olhos levemente oblíquos: parecia uma cobra.

— Está tentando atrasar a gente? — questionou ele.

— Atrasar vocês? — perguntou Caithness, torcendo para que ele não percebesse o medo em sua voz.

— Senhor? — Era um de seus homens. — Tem uma porta pra escada de incêndio aqui.

— Ah, é mesmo? — entoou Seyton, em tom monótono, sem desviar os olhos de Caithness. — Interessante. Então, quando tocamos o interfone lá na rua, você deixou o gato escapar pelos fundos, foi isso?

— Claro que não.

— Naturalmente, você sabe qual é a penalidade se mentir pra polícia, e também se esconder um criminoso, certo?

— *Não* estou mentindo, oficial Seyton.

— *Inspe*... — Ele fez uma pausa e recuperou o sorriso. — Você está lidando com o GOE, Srta. Caithness. Conhecemos muito bem o nosso trabalho. Que inclui examinar as plantas dos prédios antes de entrarmos. — Ele levou o rádio comunicador à boca. — Alfa pra Charlie. Algum sinal do Duff pela porta pra escada de incêndio? Desligo.

A breve sibilância quando ele apertou o botão do aparelho fez com que Caithness se lembrasse de ondas batendo na areia de uma praia em algum lugar distante.

— Ainda não, Alpha. — Veio a resposta. — As condições pra uma captura controlada são boas aqui. Mesmo assim o senhor confirma que o alvo deve ser baleado de imediato? Desligo.

Caithness viu os olhos e a voz de Seyton endurecerem.

— Duff é perigoso. A ordem vem diretamente do comissário-chefe e deve ser seguida à risca.

— Entendido. Desligo.

Os quatro homens voltaram à sala.

— Ele não está aqui, senhor.

— Nada?

— Encontrei isso no chão do quarto, perto da porta pra escada de incêndio. — Um dos homens segurava uma raquete de tênis e joias.

Seyton pegou a raquete e se inclinou sobre a mão do homem, avaliando as joias. Para Caithness, parecia que ele as estava cheirando. Então Seyton se voltou para ela segurando o punho da raquete de forma obscena.

— Uma raquete enorme pra uma mãozinha como a sua, Srta. Caithness. E você tem a mania de atirar seus brincos no chão?

Caithness se endireitou. Respirou fundo.

— Acho que é um hábito comum, oficial. Jogar pérolas aos porcos. Mas com o tempo aprendemos, assim espero. Se vocês já terminaram a busca e o gato nas escadas foi morto, eu gostaria de voltar a dormir. Boa noite, senhores.

Ela viu os olhos de Seyton ficarem sombrios e sua boca se abrir, mas ele engoliu a língua quando Lennox colocou a mão em seu ombro.

— Pedimos desculpas pelo transtorno, Caithness. Mas, como nossa colega, você certamente compreende que todas as pedras devem ser reviradas nesse caso.

Lennox e os demais se dirigiram à porta, mas Seyton permaneceu onde estava.

— Mesmo que nem sempre a gente goste da sujeira que achamos debaixo delas — acrescentou. — Quer dizer que ele não te deu uma aliança, foi isso?

— O que você quer, Seyton?

O repulsivo sorriso estava de volta.

— Sim, o que queremos?

Então ele se virou e foi embora.

Ela fechou a porta e encostou nela. Onde Duff estava? Onde ele tinha se metido? E o que ela desejava para ele? O inferno em que ele deveria estar ou a redenção que não merecia?

Lennox encarava a chuva que batia no para-brisa. A luz refratada fazia os sinais de trânsito vermelhos ficarem borrados e distorcidos. Ó, Deus, como ele ansiava para que aquelas horas, aquele turno, aquela noite terminassem logo de uma vez. Ó Deus, como ansiava por relaxar em sua sala de estar, tomar uma dose de uísque e injetar um pouco de brew. Não era viciado. Não a ponto de isso ser um problema, quer dizer. Era um usuário, e fazia bom uso da substância; era *ele* quem estava no controle, não a droga. Um dos poucos sortudos capazes de usá-la e ainda exercer seu trabalho estressante, além de seus papéis como pai e marido. A verdade era que a droga o ajudava a se manter em funcionamento. Sem as pausas durante o trabalho, ele não sabia se teria conseguido. Avaliar as consequências de seus atos, prestar atenção a cada detalhe... fazer concessões quando necessário, engolir sapo com um

sorriso, não criar problema, compreender quem estava no comando, ser maleável. Mas um dia provavelmente seria sua vez de assumir o comando. E, se esse dia nunca chegasse, havia outras coisas mais importantes. Sua família — para quem trabalhava, para que ele e Sheila pudessem ter uma casa espaçosa em um bairro seguro da zona oeste, mandar os três filhos incríveis para uma boa escola que ensinasse bons princípios, tirar as merecidas férias no Mediterrâneo uma vez ao ano, pagar o plano de saúde, o dentista e todas essas coisas. Ó Deus, como amava sua família! Às vezes abaixava o jornal e só ficava olhando para eles, sentados na sala, todos ocupados, e pensava: *Esse é um presente que eu nunca pensei que teria a sorte de receber*. O amor dos outros. Logo ele. Aquele que, chamado pelo apelido de Albert Albino na escola, era espancado em todos os recreios, até conseguir um atestado médico afirmando que ele tinha intolerância ao sol e deveria permanecer na sala de aula sozinho durante os intervalos. Branquelo, baixo e frágil. Sim, ele podia ser tudo isso, porém era bom de papo. Foi assim que conquistou Sheila — falava com o volume e a desenvoltura suficientes para os dois. E mais ainda quando experimentara cocaína pela primeira vez. A coca fizera dele uma versão melhor de si mesmo: enérgico, obstinado e destemido. Pelo menos por um tempo. Mais tarde, converteu-se em uma necessidade, para que não se tornasse uma versão pior de si. Então trocou de droga, na esperança de que houvesse uma alternativa diferente daquela rua sem saída. Máximo de uma dose por dia. Não mais que isso. Havia quem precisasse de cinco. Os disfuncionais. Ele estava longe disso. Seu pai estava enganado, ele tinha espinha dorsal. Exercia o controle.

— Tudo sob controle?

Lennox se assustou.

— Hã?

— Sua lista — falou Seyton, no banco de trás. — O que está faltando?

Lennox bocejou.

— A central. É a última parada.

— A central de polícia é enorme.

— Sim, mas, de acordo com o zelador, o Duff tem as chaves de apenas três locais lá dentro. A da Narcóticos e a da Homicídios.

— E a terceira?

— A garagem da Perícia. Mas duvido que ele fosse querer pegar pneumonia no porão, se pode se esconder debaixo de uma mesa num escritório quente e seco.

O rádio da polícia fez uns estalos, e uma voz nasalada informou que todos os quartos do Obelisco, inclusive a suíte da cobertura, tinham sido revistados sem sucesso.

O zelador esperava por eles com um molho de chaves, em frente à entrada de funcionários. Lennox, Seyton e oito policiais levaram menos de vinte minutos para vasculhar as salas da Narcóticos. E menos ainda para esquadrinhar as da Homicídios. E procuraram até dentro das placas do teto e nos túneis do sistema de ventilação.

— É isso aí. — Lennox bocejou. — É isso, pessoal. Tirem algumas horas de sono. Amanhã a gente continua.

— A garagem — lembrou Seyton.

— Como eu disse...

— A garagem.

Lennox deu de ombros.

— Tem razão. Não vai demorar. Rapazes, vão para casa enquanto Seyton, Olafson e eu vamos verificar na garagem.

Os três pegaram o elevador até o porão na companhia do zelador, que abriu a porta para eles e acendeu as luzes. No silêncio que se seguiu, enquanto a energia trabalhava para fazer os fosfatos nos tubos de neon se acenderem, Lennox ouviu um ruído.

— Você ouviu isso? — sussurrou ele.

— Não — respondeu o zelador. — Mas devem ser os ratos, se for alguma coisa.

Lennox tinha lá suas dúvidas. Não fora um som percussivo nem uma correria, mas um rangido. Como de sapatos.

— Uma praga. — O zelador suspirou. — Não consigo me livrar deles. Aqui embaixo nunca consegui.

Na grande área livre do porão havia somente um carrinho repleto de equipamentos e o Volvo de Banquo, coberto com uma lona, perto da porta da garagem. Ao longo da parede havia cinco portas fechadas.

— Se quiser se livrar dos ratos — disse Seyton, soltando a trave de segurança da metralhadora —, é só falar comigo. Olafson, vamos começar pela esquerda.

Lennox ficou observando o policial calvo se mover rápida e agilmente pelo local, com Olafson em seus calcanhares. Checaram as portas uma por uma, como se numa dança coreografada e ensaiada à exaustão. Seyton abria, Olafson entrava com a arma no ombro, agachava-se, enquanto Seyton entrava e tomava a dianteira. Lennox contava os minutos. Estava ficando tarde para sua dose, já sentia. Ufa, era o último cômodo, finalmente. Seyton girou a maçaneta.

— Trancada! — gritou.

— Ah, sim, o laboratório fotográfico sempre fica trancado — explicou o zelador. — As fotos são consideradas evidências. Mas o Duff não tem uma chave dessa sala. Pelo menos não que eu tenha dado a ele.

— Vamos então — falou Lennox.

Seyton e Olafson voltaram com os canos curtos das metralhadoras apontados para baixo, enquanto o zelador mantinha a porta aberta.

Finalmente.

Seyton estendeu a mão.

— A chave.

— Quê?

— Do laboratório fotográfico.

O zelador hesitou e olhou de relance para Lennox, que assentiu com um suspiro. O zelador tirou uma chave do molho e a entregou a Seyton.

— O que ele está fazendo? — perguntou o zelador, enquanto ele e Lennox observavam Seyton e Olafson passarem pelo Volvo rumo ao laboratório.

— O trabalho dele — rosnou Lennox.

— Quero dizer com o nariz. Parece que está farejando, como um animal.

Lennox assentiu. Pensando que ele não era o único a perceber que Seyton poderia assumir a forma de um... sabe-se lá o quê. Algo não humano.

Seyton sentia o cheiro dele agora. Aquele cheiro. O mesmo que sentira na casa em Fife e no apartamento de Caithness. Ou ele estava ali ou tinha estado pouco tempo antes. Abriu a porta. Olafson entrou e se pôs de joelhos. Quando o zelador acionou o interruptor na porta da frente, todas as luzes da garagem e das salas laterais também se acenderam, mas o laboratório permanecia no escuro. Claro. Era uma câmara escura.

Seyton entrou. O fedor de produtos químicos abafou o cheiro da presa, de Duff. Encontrou o interruptor interno e o girou, mas nenhuma lâmpada se acendeu. Talvez o fusível tivesse queimado após a queda de energia. Ou alguém houvesse removido a lâmpada. Seyton acendeu a lanterna. A parede acima da mesa estava coberta de fotos grandes penduradas em um fio. Seyton as iluminou. Eram de um punhal com a lâmina e o cabo sujos de sangue. Duff havia estado ali. Seyton tinha certeza disso.

— Ei! O que está acontecendo?

Era Lennox. O merdinha albino queria ir para casa. Estava suando e bocejando. Que velha chata.

— Já vou! — gritou Seyton, desligando a lanterna. — Vamos, Olafson.

Seyton deixou Olafson passar, mas fechou a porta e ficou lá dentro na escuridão. Atento a quaisquer sons. Até que Duff achasse que tivessem ido embora e acabasse se revelando. Seyton apontou a arma para as fotos. Apertou o gatilho. A arma sacudiu em suas mãos, o som reverberou em seus tímpanos. Desenhou uma cruz com a saraivada de tiros. Então acendeu a lanterna de novo, aproximou-se das fotos perfuradas e as arrastou para o lado.

Encarou os buracos de bala na parede atrás.

Nada de Duff.

As explosões ainda repercutiam em seus ouvidos. Ele notou que um dos buracos era mais fundo: duas balas atingindo o mesmo ponto. Uma casualidade.

É claro.

Saiu do laboratório e voltou para perto dos outros.

— O que foi isso? — perguntou Lennox.

— Não gostei das fotos — respondeu Seyton. — Esquecemos de procurar num lugar.

— Ah, é — gemeu Lennox. — Nas nossas camas.

— Duff pensa exatamente como se pensava durante os ataques a bomba, na guerra. Ele se esconde em crateras de bombas porque acredita que elas não caem mais de uma vez no mesmo lugar.

— O que é que...?

— Ele voltou pra casa. Vamos!

O rato saiu em disparada de seu esconderijo depois que a luz da garagem se apagou, a porta bateu e os passos se distanciaram. Atravessou o piso úmido de tijolos até o carro. Havia sangue no banco do motorista, o que o atraiu. Doce, nutritivo e apodrecendo ali fazia dias. Só precisava passar pela lona estendida sobre o carro. Tinha quase conseguido, quando eles entraram. Mas agora terminara de roer o que faltava e pronto, estava dentro. Correu pelo piso do carro no lado do passageiro, passou pela alavanca de câmbio e pelo tapete de borracha no lado do motorista. Por cima de sapatos de couro. Recuou quando um deles se elevou. Frustrado, o rato se ergueu nas patas traseiras e sibilou. O delicioso assento ensanguentado do motorista estava ocupado.

Duff ouviu o rato que fugia. Então relaxou a tensão dos dedos que agarravam o volante. Percebeu que seu coração não estava mais martelando no peito, apenas batendo normalmente. Quando Seyton e seus homens estavam na garagem, seu coração esmurrava o peito tão forte que ele teve certeza de que tinham ouvido. Olhou no relógio: ainda faltavam cinco horas para o amanhecer. Tentou mudar de posição, mas os fundilhos da calça estavam colados ao assento. Ao sangue de Banquo. Ele o mantinha grudado no lugar. Mas Duff precisava sair dali. Seguir caminho.

Mas para onde? E como?

Quando fugira de Fife, achou que seria mais fácil dirigir até a cidade e desaparecer em meio à multidão, em vez de tentar escapar por uma estrada rural. Havia largado o carro em uma rua não muito longe do Obelisco e entrado no cassino, que era o único lugar, além do Inverness, que ficava aberto a noite toda. Não podia alugar um quarto, é claro; uma acomodação para pernoitar seria o

primeiro lugar que Macbeth verificaria. Mas podia se sentar diante das inúmeras máquinas caça-níqueis, tão isolado e livre de perturbações quanto o vizinho ao lado, alimentando-a com moedas e aceitando de bom grado ser assaltado pouco a pouco. E foi isso mesmo o que fez enquanto pensava — *tentava* pensar, na verdade — em um plano de fuga, o olhar perdido nos símbolos das chances girando nas três minúsculas janelas. Um coração. Um punhal. Uma coroa. Depois de algumas horas, foi ao bar tomar uma cerveja para ver se melhorava seu humor e viu na televisão sem som na parede do bar a coletiva de imprensa na central de polícia. De repente, um rosto familiar com uma cicatriz branca em diagonal, tal qual uma placa de trânsito, surgiu na tela. Um close-up de seu rosto, com a tarja de PROCURADO. Saiu do cassino meio disfarçado, com a gola erguida e o queixo colado ao pescoço. Uma lufada de ar frio da noite deu uma clareada em sua mente, e ele se lembrou do antigo ninho de amor, a garagem da central, que lhe pareceu a melhor opção para passar a noite.

Mas logo seria sexta-feira, dia de trabalho, e ele teria de sair antes de os funcionários chegarem, e lá fora as bancas de jornal estariam ornamentadas com seu rosto.

Enfiou a mão no bolso da jaqueta. Seus dedos encontraram papel acetinado. Puxou o embrulho. Foi difícil controlar a emoção imaginando a expressão no rosto de Ewan ao ver que tinha ganhado o que queria. Duff ouviu os próprios soluços descontrolados. Pare! Não chore! Havia prometido a si mesmo que não pensaria neles por enquanto. O luto era um privilégio que só poderia se permitir mais tarde, caso sobrevivesse. Acendeu a luz interna do Volvo, secou as lágrimas, desembrulhou o presente, tirou a barba falsa, desenroscou a tampa da bisnaga de cola e, espremendo-a, espalhou a substância brilhante no queixo, ao redor dos lábios e no lado interno da barba. Com a ajuda do espelho retrovisor, grudou-a no rosto. Puxou o boné de lã apertado sobre a testa para que a parte superior da cicatriz ficasse escondida. Então botou os óculos, cuja armação pesadona e caricata cobria parte da cicatriz que cruzava a lateral do rosto, acima da barba. Viu que havia resquícios de cola na bochecha. Sem sucesso, procurou nos bolsos algo com que se limpar. Abriu, então, o porta-luvas e

encontrou um caderno. E, quando já ia a arrancar uma folha, notou marcas no papel. Alguém havia escrito algo ali fazia pouco tempo. E daí? Arrancou a folha, limpou a cola do rosto. Amassou o papel até virar uma bolinha, que enfiou no bolso da jaqueta. Devolveu o caderno ao porta-luvas.

Muito bem.

Reclinou-se no assento. Fechou os olhos.

Cinco horas. Por que diabos havia colado a barba tão cedo? Já coçava. Sua mente voltou a trabalhar. Evitava a todo custo pensar em Fife. Precisava encontrar um lugar para se esconder na cidade. Todas as estradas estariam sendo monitoradas. E ele também não conhecia esconderijos fora da cidade nem em Fife, nem albergues ou hotéis que já não estivessem de sobreaviso, ninguém fora da cidade que estivesse disposto a esconder um assassino procurado pela polícia. Então caiu em si. Não conhecia ninguém que pudesse ajudá-lo. Nem ali, nem em nenhum outro lugar. Ele era o tipo de pessoa com quem os outros se davam; não necessariamente desgostavam dele. Só não gostavam. E por que haveriam de gostar? O que ele havia feito em prol dos outros que não fosse, também, em benefício próprio? Tinha conhecidos, mas não amigos. E justo agora, quando mais precisava de ajuda, de um amigo, de um ombro para chorar, Duff era um homem sem credibilidade, uma causa perdida. Examinou seu reflexo: patético, rígido e hirsuto. A raposa. O círculo de caçadores se fechava sobre ele. Macbeth, o novo chefe da matilha, Seyton latindo bem atrás. Tinha de fugir. Mas para onde? Onde uma raposa encontraria uma cova?

Cinco horas para amanhecer. Para a sexta-feira. Para o aniversário de Ewan...

Não! Não chore! Sobreviva! Um homem morto não pode se vingar.

Tinha de ficar acordado até clarear e, então, encontrar um lugar. Uma das fábricas desativadas, talvez. Não, já tinha rejeitado essa ideia. Macbeth sabia muito bem os lugares onde Duff tentaria se esconder. Merda! Agora ele andava em círculos, cruzando os próprios rastros, do jeito que as pessoas fazem quando estão perdidas.

Estava tão cansado, mas tinha de permanecer acordado até amanhecer. Ewan não chegara a completar dez anos. Merda! Tentou encontrar algo com que se distrair. Leu todos os instrumentos do painel à sua frente. Pegou a bolinha de papel no bolso, desamassou e alisou a folha. Tentou ler. Vasculhou o porta-luvas até encontrar um lápis. Manteve-o bem inclinado sobre o papel e sombreou as marcas. O que havia sido escrito na folha de cima, a que fora arrancada, destacou-se, branco no preto: *Dolphin. Tannery, 66, Distrito 6. Alfie. Segurança.*

Um endereço. Havia uma rua com esse nome na cidade, mas nenhum *Distrito 6*. E só havia outra cidade dividida em distritos. Capitol. Quando aquilo teria sido escrito? Ele não fazia ideia do tempo que duravam as marcas de um lápis. E como assim *segurança*?

Apagou a luz e fechou os olhos. Um breve cochilo, talvez?

Capitol. Sexta-feira. Tinha visto essa combinação em algum lugar não fazia muito tempo.

Duff ia resvalando em um sonho que correlacionava essas palavras, quando de repente acordou.

Tornou a acender a luz.

23

— Meredith e eu vamos nos casar — anunciou Duff.

Seus olhos brilhavam como dois sóis.

— Sério? Que... rápido.

— Pois é! E você será meu padrinho, Macbeth.

— Eu?

— É claro. Quem mais?

— Hum. E quando...?

— Dia seis de julho. Na casa de verão dos pais da Meredith. Já está tudo pronto. Os convites foram enviados hoje.

— Obrigado pelo convite, Duff. Vou pensar.

— Pensar?

— É que eu tinha... Planejado uma longa viagem em julho. Vai ser difícil pra mim, Duff.

— Viagem? Você não me falou nada sobre isso.

— Devo ter esquecido.

— Mas também faz um tempão que não nos falamos. Por onde você andou? Meredith perguntou por você.

— É mesmo? Ah, por aí. Andei um pouco ocupado.

— E vai viajar pra onde?

— Pra Capitol.

— Capitol?

— Sim, é que... É que nunca fui lá. Hora de visitar nossa capital, não acha? Dizem que é bem melhor do que aqui.

— Presta atenção, meu caro Macbeth: vou te pagar uma passagem de avião pra voltar de Capitol. Não posso imaginar meu

casamento sem a presença do meu melhor amigo. Vai ser a festa do ano! Imagina todas as amigas solteiras da Meredith...

— É que de Capitol vou pro exterior. Vai ser uma viagem longa, Duff. Provavelmente vou ficar fora o mês de julho todo.

— Mas... Será que isso tem alguma coisa a ver com o rápido flerte que você e Meredith tiveram?

— Então... se a gente não se encontrar por um tempo, desejo a vocês tudo de bom no casamento e... Bem, em tudo.

— Macbeth!

— Obrigado, Duff, mas não vou esquecer que te devo sangue de dragão. Manda um beijo pra Meredith e agradeça a ela pelo curto flerte.

— Macbeth? Senhor?

Macbeth abriu os olhos. Estava na cama. Um sonho. Por mais real que tivesse parecido. Será que essas tinham sido as palavras que eles usaram na época? *Sangue de dragão*. Lorreal. Será que ele tinha realmente dito isso?

— Macbeth?!

A voz vinha do corredor, dessa vez acompanhada por insistentes batidas. Ele olhou para o relógio na mesinha de cabeceira: três da manhã.

— Senhor, é o Jack!

Macbeth se virou para o outro lado. Estava sozinho. Lady não estava na cama.

— Senhor, preciso que...

Macbeth abriu a porta num ímpeto.

— O que aconteceu, Jack?

— Ela está andando sonâmbula.

— E daí? Você não está cuidando dela?

— É diferente dessa vez, senhor. Ela... O senhor precisa vir.

Macbeth bocejou, acendeu a luz, vestiu um roupão e estava prestes a sair do quarto quando seu olhar pousou na mesa sob o espelho. A caixa de sapatos não estava lá.

— Rápido, Jack. Vai na frente.

Foram encontrá-la no telhado. Jack parou no limiar da porta de metal, que estava aberta. A chuva havia cessado e só se ouvia o vento a silvar e o vaivém do trânsito que nunca dormia. Ela estava

em pé na beirada, o corpo iluminado pelo letreiro da Bacardi, as costas voltadas para eles. Uma lufada agitou sua camisola.

— Lady! — chamou Macbeth, prestes a correr até ela quando Jack o segurou. — O psiquiatra disse que ela não deve ser acordada durante os episódios de sonambulismo, senhor.

— Mas ela pode dar um passo em falso e cair!

— Ela sempre faz isso, só fica ali, parada — disse Jack. — E consegue enxergar mesmo dormindo. O psiquiatra disse que os sonâmbulos raramente se ferem, mas que se forem acordados podem ficar aturdidos e se machucar.

— Por que ninguém nunca me falou que ela vem aqui pra cima? Eu achava que ela ficava só andando de um lado pro outro pelo corredor.

— Recebi ordens estritas pra não revelar a ninguém o que ela faz enquanto dorme, senhor.

— E o que ela faz?

— Às vezes só anda de lá pra cá pelo corredor, como o senhor disse. Ou vai ao banheiro e usa um sabão forte pra esfregar as mãos. Às vezes até a pele ficar vermelha. Depois, sobe pro telhado.

Macbeth olhou novamente para Lady. Sua amada. Tão carente e vulnerável na escuridão da noite de vento intenso. Tão sozinha na escuridão da própria mente, a escuridão de que ela lhe falara, mas para onde não podia levá-lo. Não havia nada que ele pudesse fazer. Apenas esperar e torcer para que ela voltasse. Tão perto e tão fora de alcance.

— O que faz você pensar que ela poderia tirar a própria vida hoje à noite?

Jack olhou surpreso para Macbeth.

— Não acho que ela vá fazer isso, senhor.

— Então o que foi?

— O que foi o quê, senhor?

— O que deixou você tão preocupado a ponto de ir me chamar?

Naquele instante, o luar atravessou uma brecha entre as nuvens. E, como se tivessem combinado de antemão, Lady se virou e se pôs a andar na direção deles.

— Isso, senhor — respondeu Jack.

— Santo Deus — sussurrou Macbeth, e, automaticamente, deu um passo para trás.

Ela segurava no colo algo embrulhado em panos. Havia descido a alça da camisola para expor um seio, que ela segurava junto a uma abertura na extremidade do embrulho. Macbeth viu a parte de trás da cabeça de um bebê. Contou quatro furos negros.

— Ela está dormindo? — perguntou Macbeth.

— Acho que sim — sussurrou Jack.

Os dois a haviam seguido bem de perto: ela saíra do telhado, descera as escadas e entrara em sua suíte. Agora, eles estavam de pé ao lado da cama. Ela havia se deitado e puxado o cobertor para cobrir a si e ao bebê.

— Será que devemos pegar a criança?

— Não — respondeu Macbeth. — Que mal pode ter nisso? Mas quero que você fique sentado aqui essa noite, de olho nela. Vou dar uma entrevista importante pra uma estação de rádio amanhã bem cedo e tenho que estar descansado. Só preciso que me dê a chave de outro quarto.

— Claro — disse Jack. — Vou dar um telefonema e pedir pra alguém me substituir na recepção.

Enquanto Jack estava fora, Macbeth acariciou a bochecha do bebê. O corpo frio, rígido, destruído. Como Lady e ele haviam sido. Mas conseguiram se erguer. Não. Lady dera um jeito de se recuperar sozinha. Macbeth recebera ajuda. De Banquo. Mas, antes, de Duff, no orfanato. Se Duff não tivesse matado Lorreal, Macbeth provavelmente teria cometido suicídio mais dia, menos dia. Mesmo quando escapou do orfanato, ainda carregava quatro buracos negros no coração. Quatro buracos que precisavam ser preenchidos com alguma coisa. E a brew foi a solução mais rápida e mais fácil de obter. Pelo menos assim ele conseguiu se manter vivo. Graças ao maldito Duff.

E depois veio Lady, é claro. Que lhe provou que corações podiam ser consertados com amor e que a dor podia ser atenuada com sexo. Acariciou o rosto dela. Quente. Macio.

Será que havia um caminho de volta ou simplesmente haviam se esquecido de traçar o plano de um possível recuo? Teriam eles se

preparado apenas para vitórias? Sim, e o que receberam foram vitórias. Mas... E se a vitória for azeda, tiver um preço alto, e você preferir trocá-la por uma derrota barata? O que você faz? Abdica? Renuncia à coroa e ao trono, humildemente implora perdão e retorna à lida diária? Quando você despenca do telhado e o revestimento de pedras da rua das prostitutas avança até você, você pede que a gravidade desfaça seu passo em falso? Não. Você aceita o que o espera lá embaixo. Faz o que pode. Luta para cair em pé e talvez quebrar uma perna ou as duas. Mas sobrevive. E se torna uma pessoa melhor, pois aprendeu a olhar por onde anda.

Jack voltou.

— Encontrei alguém pra assumir a recepção — disse ele, entregando-lhe uma chave.

Macbeth olhou para a chave.

— O quarto do Duncan?

Horrorizado, Jack levou a mão à boca.

— Só pensei em te dar o melhor quarto, mas...

— Tudo bem, Jack. Vou estar bem perto, caso aconteça algum problema. E também não acredito em fantasmas. E, como é do conhecimento geral, não tenho nada a temer do fantasma do Duncan.

— Não mesmo.

— Nada a temer. Boa noite.

Eles vieram assim que Macbeth fechou os olhos.

Duncan e Malcolm. Estavam debaixo das cobertas, um à sua esquerda e o outro à direita.

— Não há espaço aqui pra todos nós! — gritou Macbeth, chutando-os para o chão, onde ficaram esbravejando até que rabos de ratos farfalharam pela parede e eles desapareceram.

Mas então a porta se abriu e entraram Banquo, Fleance e Duff, cada um com uma adaga na mão erguida, os três prontos para atacar.

— O que vocês querem?

— Justiça e nosso sono de volta.

— Ha, ha, ha! — gargalhou Macbeth, contorcendo-se na cama. — Está pra nascer aquele com poderes pra me ferir! Só a Bertha

pode me tirar do cargo de comissário-chefe! Sou imortal! Macbeth é imortal! Fora daqui, seus cadáveres!

24

Fred Ziegler bocejou.

— Fred, você precisa de um café. — O capitão do MS *Glamis* deu uma risadinha. — Não podemos ter um prático de porto sonolento nesse tempo ruim. Me diga, você está sempre cansado?

— Dias agitados, tenho dormido pouco — respondeu Fred.

Jamais poderia revelar ao capitão que, se estava sempre bocejando, era porque tinha medo. Fred tinha visto o mesmo sintoma em seu cachorro, mas, por sorte, bocejos são considerados um indício de que a pessoa está completamente à vontade. Ou entediada. Ou, claro, que não dormiu o suficiente. O capitão apertou o botão do interfone e seu pedido de café desceu pelo cabo até a cozinha, passando por um convés, depois outro e mais outro. O MS *Glamis* era um navio grande. Um navio alto. E era isso que deixava Fred Ziegler agoniado.

Ele refreou outro bocejo e olhou para a outra margem do fiorde. Conhecia todos os bancos de areia, todos os parágrafos e as alíneas do regulamento da autoridade portuária sobre as manobras de atracação e desatracação, e a localização das correntes mais fortes, onde as ondas quebravam, as zonas de abrigo e o local exato dos cabeços de amarração no cais. Isso não o perturbava. O canal estava em boas condições; ele podia conduzir as embarcações para dentro e para fora do porto de olhos vendados — o que frequentemente fazia — tão bem quanto de olhos abertos. As condições do tempo tampouco o perturbavam. Soprava um vento forte, quase um vendaval, e o vidro diante deles já estava

esbranquiçado de espirros de água do canal e sal. Mas ele havia pilotado navios maiores e menores em meio a furacões e coisas piores sem precisar de um farol, de uma boia charuto ou de um posto de observação. A viagem no pequeno barco-piloto que o levaria a terra firme não o perturbava, embora a embarcação fosse tão navegável quanto uma vaca: um ventinho à toa e começava a fazer água; um cheirinho de vendaval e capotava, se o timoneiro não usasse as táticas corretas para enfrentar as ondas.

Fred Ziegler bocejava porque temia o momento em que baixariam a bandeira vermelha e branca que sinalizava a presença de um prático a bordo. Ou, para ser mais exato, o momento em que deixaria o navio. Em que desceria a escada de corda.

Fazia 12 anos que trabalhava como prático e ainda não se acostumara a subir e a descer pela lateral de um navio. Não o perturbava que pudesse acabar dentro da água, embora soubesse que deveria ter medo, porque não sabia nadar.

Não, o que o perturbava era a altura.

O medo paralisante quando teria de descer de costas pela lateral. Mesmo naquelas condições climáticas, o navio era tão grande que não seria difícil descer a escada do lado de sotavento, do ponto de vista estritamente técnico. Entretanto, ver ou simplesmente saber que havia 15 metros de nada separando-o do abismo o perturbava. Sempre fora assim e sempre seria assim. Todo santo dia de trabalho estava associado a esse inferno trivial: era a primeira coisa a emergir em sua mente ao acordar de manhã e a última a submergir antes de dormir. Mas quer saber? Não havia nada de incomum nisso. Por toda parte, ele via pessoas que passavam a vida inteira realizando trabalhos ou assumindo cargos nos quais não se sentiam confortáveis.

— O senhor deve ter saído do porto tantas vezes que agora poderia pedir à guarda costeira que simplesmente te deixasse passar — comentou Fred.

— Me deixar passar? — ecoou o capitão. — Aí eu ficaria sem a sua companhia, Fred. O que foi, não gosta de mim?

É do seu navio que não gosto, pensou Fred. *Sou um homem pequeno que não gosta de embarcações grandes.*

— A propósito, daqui pra frente, vamos nos encontrar menos vezes — disse o capitão.

— É mesmo?

— Carga insuficiente. No ano passado perdemos a Graven, que foi à falência, e depois a Estex, que fechou. O que estamos levando agora é a raspa do tacho do estoque.

Fred percebera, pela maneira como o navio se estabilizava na água, que havia menos carga que o usual.

— Uma pena — comentou.

— Não, não tem problema — disse o capitão, com ar soturno. — Saber que esses tóxicos que a gente vinha transportando por todos esses anos são pagos com a vida de nossos concidadãos... Pode acreditar, nem sempre dormi tranquilo, e às vezes me pergunto como devia ser pro capitão de um navio negreiro. É preciso ser bem criativo pra inventar desculpas boas pra si mesmo. Podemos até saber a diferença entre o certo e o errado mesmo sem usar esse nosso maravilhoso cérebro, mas é com ele que conseguimos elaborar alguns argumentos mais sofisticados que sozinhos soam corretos e que no conjunto podem nos levar exatamente aonde queremos ir, por maior que seja o grau de insanidade envolvido. Não, Fred, não quero pedir permissão aos guardas costeiros pra navegar por essas águas contaminadas sem um prático. Na quarta-feira, estávamos formando fila pra entrar quando chegou uma mensagem do próprio capitão do porto dizendo que tínhamos prioridade máxima. Sem custo.

— Deve ter sido uma agradável surpresa.

— Bem, sim. Então resolvi dar uma olhada melhor no conhecimento de embarque. Acontece que estávamos transportando duas metralhadoras Gatling. Isso está começando a ficar parecido com o que acontecia no tempo do Kenneth. Ei, cuidado! Quer queimar nosso prático, rapaz?

O rapaz com o traje xadrez da cozinha tinha perdido o equilíbrio quando o navio foi sacudido por uma onda e derramado café no uniforme preto do prático. Depois de murmurar um pedido de desculpas, ele entregou as xícaras e saiu apressado.

— Desculpa, Fred. Mesmo nessa cidade, onde metade da população está desempregada, é difícil encontrar tripulantes com

pernas de marujo. Esse cara apareceu hoje de manhã dizendo que já tinha trabalhado em cozinha de navio, mas que perdeu os documentos.

Fred tomou um gole.

— Ele não só nunca esteve a bordo como também não sabe fazer café.

— Verdade. — O capitão suspirou. — Mas dá pra aguentar, pois só vamos até Capitol. Ah, ali a Ilha de Hanstholm atrás da gente: significa que o pior já passou. Vou ligar pro seu barco e pedir pra descer a escada lateral.

— Ok — disse Fred, engolindo em seco. — Aí sim vou poder dizer que o pior já passou.

Macbeth estava sentado numa cadeira no corredor, torcendo as mãos e encarando a porta da suíte.

— O que ele está fazendo lá dentro?

— Não sei muito sobre psiquiatria — respondeu Jack. — Quer que eu vá buscar mais café, senhor?

— Não, fica aqui. Mas ele é bom, não é?

— Sim, o Dr. Alsaker é considerado o melhor da cidade.

— Ótimo. Muito bom. Que horror, que horror.

Macbeth se inclinou para a frente e enfiou o rosto nas mãos. Ainda faltava uma hora para a entrevista na rádio. Tinha acordado antes do amanhecer, com os gritos no quarto de Lady. E, quando entrou afobado no cômodo, encontrou-a em pé ao lado da cama, apontando para o bebê morto.

— Olha! — gritou ela. — Olha o que eu fiz!

— Não foi você, meu amor.

Ele tentou segurá-la, mas ela se afastou e caiu de joelhos, aos prantos.

— Não me chame de *meu amor*, não posso ser amada, uma assassina de crianças *não* deve ser amada! — Então ela se virou para Macbeth e olhou para ele com aqueles seus olhos negros enlouquecidos. — Nem um assassino de crianças deve amar uma assassina de crianças. Sai daqui!

— Vem se deitar ao meu lado, querida.

— Sai do meu quarto! E não *toque* na criança!

— Isso é loucura. O corpo vai ser queimado hoje.

— Se tocar na criança eu mato você, Macbeth. Juro por Deus.

Ela pegou o corpo e o embalou.

Ele engoliu em seco. Precisava de sua dose matinal.

— Vou pegar umas roupas e deixar você em paz — falou ele, indo até o armário.

Abriu a gaveta. E ficou olhando para ela, parado.

— Desculpa — disse Lady. — Você vai ter que buscar mais. Precisamos disso, nós dois.

Ele saiu e, em vez de ir buscar mais power, mandou Jack pedir ajuda a um psiquiatra.

Macbeth tornou a olhar para o relógio. Quanto tempo demoraria para corrigir o pequeno curto-circuito emocional que ela obviamente sofrera?

Em resposta, a porta se abriu. Macbeth se ergueu de um pulo. Um homenzinho de barba grisalha e pálpebras que pareciam pertencer a alguém com o dobro de seu tamanho saiu do quarto.

— E então? — indagou Macbeth. — Doutor... Doutor...

— Dr. Alsaker — completou Jack.

— Dei algo pra acalmá-la — disse o psiquiatra.

— O que há com ela?

— É difícil avaliar.

— Difícil? Disseram que o senhor era o melhor.

— É bom ouvir isso, mas nem o melhor psiquiatra conhece todos os labirintos da mente, Sr. Macbeth.

— O senhor *precisa* curá-la.

— Como eu disse, com o pouco que realmente sabemos sobre a mente humana, é pedir muito...

— Não estou *pedindo*, doutor. Estou te dando um ultimato.

— Um ultimato, Sr. Macbeth?

— Se não a fizer voltar ao normal, vou ter que prender você por charlatanismo.

Alsaker olhou para ele por baixo das pálpebras enormes.

— Posso ver que o senhor dormiu mal e que a preocupação o deixou fora de si, comissário. Recomendo que tire um dia de folga. Quanto à sua esposa...

— O senhor está enganado — retrucou Macbeth, sacando uma adaga do coldre de ombro. — E a punição por não fazer seu trabalho é draconiana durante o atual estado de emergência.

— Senhor... — começou Jack.

— Cirurgia — disse Macbeth. — Isso é o que é necessário, é o que um médico de verdade faz: arranca fora o que não presta. Extermina qualquer pensamento de dor do paciente, porque a dor só faz vacilar. O médico extirpa e destrói o item abjeto, seja um tumor ou um pé gangrenado, pra salvar o todo. Não quer dizer que o tumor ou o pé putrefato sejam maus, simplesmente que devem ser sacrificados. Não é assim, doutor?

O psiquiatra inclinou a cabeça.

— Tem certeza de que é a sua esposa que precisa ser examinada e não o senhor?

— Eu te dei seu ultimato.

— Estou indo. É melhor me esfaquear logo pelas costas com essa coisa aí, se achar que deve.

Macbeth observou Alsaker lhe dar as costas e seguir em direção às escadas. Olhou para a adaga em sua mão. O que estava fazendo?

— Alsaker! — Macbeth correu atrás do psiquiatra. Ao emparelhar com ele, ajoelhou-se. — Por favor, o senhor *precisa*, precisa ajudá-la. Ela é tudo o que tenho. E preciso tê-la de volta. *O senhor* precisa recuperá-la. Pago qualquer coisa.

Alsaker segurou a barba entre o polegar e o indicador.

— É brew? — perguntou.

— Power — respondeu Macbeth.

— Faz sentido.

— O senhor conhece?

— Sim, sob uma grande variedade de codinomes, mas a composição química é a mesma. As pessoas acham que é um antidepressivo porque a droga age como estimulante nas primeiras vezes. Mas depois os usuários começam a apresentar episódios de surto psicótico.

— Sim, sim, é o que ela toma.

— Perguntei o que *o senhor* toma. E agora vejo claramente. Há quanto tempo está tomando?

— Eu...

— Não tem muito tempo, é evidente. A primeira coisa que se perde são os dentes. Depois, a sanidade. E não é fácil escapar da prisão da psicose. O senhor sabe como chamam a pessoa que está completamente viciada em power? Prisioneiro de guerra.

— Escuta aqui...

— Um prisioneiro de guerra. Bacana, não acha?

— Eu não sou seu paciente, Alsaker. Peço que não vá embora enquanto não tiver feito tudo que for possível.

— Prometo voltar, mas tenho outros pacientes pra atender agora.

— Jack — chamou Macbeth, sem se mexer nem deixar de encarar o psiquiatra.

— Sim, senhor?

— Mostra pra ele.

— Mas...

— Ele é obrigado pelo Juramento de Hipócrates.

Jack desembrulhou as mantas e estendeu o volume para o médico, que recuou um passo, cobrindo o nariz e a boca com a mão.

— Lady acha que é filha dela — explicou Macbeth. — Se não for por mim nem por ela, então que seja pela cidade, doutor.

Macbeth sentiu uma estranha pressão nos ouvidos quando a porta se fechou atrás dele. Finalmente, pensou, estou no manicômio. As paredes da salinha quadrada onde três pessoas estavam sentadas o observando eram acolchoadas, embora houvesse uma janela.

— Não tenha medo — disse o homem à mesa à sua frente. — Só vou fazer algumas perguntas. Vai ser bem rápido.

— Não é das perguntas que tenho medo — falou Macbeth, ao se sentar —, mas das respostas.

O homem sorriu, a música do alto-falante acima da janela acabou, e ele tocou os lábios com o indicador em riste quando uma luz vermelha se acendeu.

— Você está ouvindo o *Balanço Geral,* com Walt Kite — começou o homem, curvando-se para o microfone à sua frente. — Hoje temos a visita do novo queridinho da cidade, o comissário-

chefe Macbeth, que, depois de aniquilar uma das mais notórias gangues de drogas da cidade, os Norse Riders, agora está perseguindo incansavelmente colaboradores corruptos dentro da própria força policial. Ele conquistou o coração da população e fez crescer as esperanças com discursos inspiradores, nos quais garantiu que estamos entrando em uma nova era. Comissário-chefe, isso não é apenas retórica?

Macbeth pigarreou. Estava pronto para esse tipo de pergunta. Ele sentia um novo homem. E, mais uma vez, estava devidamente medicado.

— Sou um homem simples, que não sabe quase nada de retórica, Walt. Apenas disse o que estava em minha mente: que, se essa cidade tiver vontade, terá o poder de se erguer. Mas nem o comissário-chefe nem os políticos podem erguer uma cidade; cabe aos cidadãos fazerem isso.

— Mas eles podem ser inspirados e liderados?

— Claro que sim.

— Seu nome está sendo cogitado pra prefeitura. O senhor se sente atraído pela ideia, comissário?

— Sou um oficial de polícia e desejo apenas servir à cidade nas tarefas pras quais fui designado.

— Em outras palavras, como humilde servo do povo. Seu predecessor, Duncan, também via a si próprio como um servo do povo, embora não fosse tão humilde. Ele prometeu pegar o criminoso mais poderoso da cidade, Hécate, também conhecido como A Mão Invisível, no prazo de um ano. Bem, o senhor já cuidou dos Norse Riders. Que prazo estabeleceu para Hécate?

— Primeiro, preciso explicar que há uma razão pro codinome "Mão Invisível". Sabemos muito pouco sobre o Hécate, só que ele *provavelmente* está por trás da fabricação da droga conhecida como brew. Mas, com uma produção e distribuição tão extensas, é provável que estejamos falando de uma rede ou de uma cadeia de fornecimento compartilhada.

— Será que ouvi o senhor dizer que não pretende dar à prisão do Hécate a mesma prioridade que Duncan deu?

— O que você ouviu foi um comissário-chefe dizer que se recusa a usar todos os seus recursos em prisões que virem manchetes, que

enalteçam a polícia e que resultem em recepções regadas a champanhe nos salões da prefeitura mas que, na realidade, afetem muito pouco a vida das pessoas. Se prendermos um homem chamado Hécate, outros tomarão seu lugar, a menos que a gente resolva o verdadeiro problema.

— Que é?

— Emprego, Walt. Dar emprego pras pessoas. Essa é a melhor e mais barata iniciativa contra o crime. Podemos encher nossas prisões, mas, enquanto tivermos pessoas nas ruas sem ter o que comer...

— Agora está realmente parecendo que o senhor está pensando em se candidatar a prefeito.

— Não me importo com o que possa parecer. Só quero essa cidade de volta aos trilhos.

— E como vai fazer isso?

— Podemos fazer isso garantindo que essa se torne uma cidade onde levamos em conta tanto os investidores quanto os trabalhadores. Os investidores não devem ficar livres de pagar impostos nem podem subornar as autoridades pra obter privilégios. Mas a cidade pode dar a eles a garantia de que as leis estão sendo cumpridas. E os trabalhadores devem ter certeza de que seu local de trabalho não está acabando com a sua saúde. Nosso Banquo, herói recentemente falecido, perdeu sua esposa, Vera, há tempos. Ela respirou fumaça tóxica por muitos anos na fábrica onde trabalhou. Vera era uma linda esposa e mãe trabalhadora. Eu a conhecia e a amava. Como comissário-chefe, *prometo* a essa cidade que seus futuros locais de trabalho não vão tirar a vida de mais Veras. Existem outras maneiras de encontrar emprego pras pessoas. Maneiras *melhores*. Que darão a elas uma vida *melhor*.

Macbeth viu, no sorriso de Walt Kite, que o havia impressionado. E ele próprio se impressionara. Nunca tinha sido capaz de pensar nem de se expressar com tanta clareza. Só podia ser a power transportando as palavras, tão concisas e lógicas, do cérebro à língua.

— Sua popularidade cresceu rápido, exponencialmente, comissário. Será por isso que o senhor se atreve a fazer declarações que, caso eu fosse o prefeito Tourtell, consideraria um desafio ao

meu cargo? Falando do ponto de vista formal, ele é seu chefe, aquele com poderes para endossar sua nomeação pro posto de comissário-chefe. Caso contrário, o senhor estará desempregado.

— Eu tenho outros chefes além do prefeito, Walt, entre eles minha própria consciência e os nossos cidadãos. E, pra mim, minha consciência e essa cidade são mais importantes que uma cadeira confortável no escritório do comissário-chefe.

— Em quatro meses haverá eleições pra prefeito, e a data final pras indicações é daqui a três semanas.

— Se é o que você diz, Walt.

Walt Kite achou graça e ergueu um dos braços acima da cabeça.

— E com isso deixo meu obrigado ao comissário-chefe Macbeth. Não tenho tanta certeza se ele está nos dizendo a verdade quando diz que não sabe *nada* de retórica. E agora, com vocês, Miles Davis...

Ele desceu o braço e apontou para a janela. A luz vermelha se apagou e o som suave de um trompete encheu os alto-falantes.

— Obrigado. — Kite sorriu. — *Ninguém vai tirar a vida de mais Veras*. Você está ciente de que pode ser eleito prefeito só com essa declaração, não?

— Obrigado pela entrevista — agradeceu-lhe Macbeth, sem se levantar.

Kite lançou-lhe um olhar de indagação.

— Será que ouvi direito o que você disse? — perguntou Macbeth, pausadamente e em voz baixa. — Você me acusou de mentir, no final?

Kite arregalou os olhos, surpreso.

— Mentir?

— *Não tenho tanta certeza se ele está nos dizendo a verdade quando diz...*

— Ah, mas isso... — o pomo de adão do repórter deu um salto — ... Era apenas uma brincadeira, claro, um... Só um jeito de falar, um...

— Eu estava só te provocando — disse Macbeth, com um sorriso, ao se levantar. — Até logo.

Quando Macbeth deixou o prédio da rádio, sob a chuva, concluiu que Walt Kite não seria mais um problema. E, quando se

sentou no banco de trás da limusine, sentiu que o Obelisco, Duff e a doença de Lady também não mais seriam problemas. Porque seu raciocínio nunca fora mais claro.

— Dirija um pouco mais devagar — ordenou ele.

Queria aproveitar o trajeto pela cidade. *Sua* cidade.

Bem, ainda não era dele, mas logo seria. Porque ele era invencível. E estava perfeitamente medicado.

Enquanto aguardavam em um sinal de trânsito, seu olhar pousou sobre um homem parado no cruzamento, embora a luz para pedestres estivesse verde. O peito e o rosto estavam ocultos por um amplo guarda-chuva preto, de modo que tudo que Macbeth conseguia ver era o casaco de cor clara, os sapatos marrons e o grande cachorro preto que ele levava em uma guia. Então algumas questões pipocaram em sua mente. Será que o cachorro alguma vez havia se perguntado por que tinha um dono, por que estava sendo conduzido por uma guia? Recebia um pouco de comida, sua porção preestabelecida, apenas o suficiente para que preferisse a segurança à insegurança, para ser mantido sob controle. Isso é tudo que impede o cão de saltar sobre seu dono enquanto ele está dormindo, de rasgar-lhe a garganta e assumir o controle da casa. Pois bastaria isso. Uma vez que se aprende a abrir a porta da despensa, essa é a consequência mais natural.

PARTE TRÊS

25

— Nossa lã é da melhor qualidade — disse o vendedor, respeitosamente acariciando o tecido do terno preto no cabide.

Chuviscava nas vitrines da alfaiataria, e no rio as ondas começavam a baixar após os vendavais da véspera.

— O que acha, Bonus? — perguntou Hécate. — Isso ia combinar com o Macbeth?

— Pensei que você preferisse um smoking, não um terno escuro.

— Como você bem sabe, não se usa smoking na igreja, e Macbeth tem muitos enterros pra ir essa semana.

— Então nada de smoking pra hoje? — indagou o vendedor.

— Precisamos dos dois, Al.

— Só gostaria de salientar que, se é pra um jantar de gala, o recomendado é o traje a rigor completo, senhor.

— Obrigado, Al, mas não será no palácio real, apenas na prefeitura. O que você me diz, Bonus? Um fraque não é um pouco... — Hécate estalou a língua — ... Pretensioso demais?

— Concordo — respondeu Bonus. — É quando os novos-ricos se vestem com os trajes dos ricos autênticos que ficam parecendo uns palhaços.

— Muito bem. Um terno escuro e um smoking. E você vai mandar um alfaiate pro cassino Inverness, ouviu, Al? Pode colocar tudo na minha conta.

— Assim será feito, senhor.

— Agora precisamos de um smoking pra esse cavalheiro aqui.

— Pra mim? — perguntou Bonus, tomado de surpresa. — Mas eu já tenho um maravi...

— Sei de qual está falando e, pode acreditar, você precisa de um novo.

— Acha mesmo?

— Sua posição requer uma aparência impecável, Bonus. E não esqueça que está trabalhando pra mim.

Bonus não respondeu.

— Que tal você ir correndo pegar mais smokings, Al?

— Imediatamente — disse o vendedor, e diligentemente deu uma corridinha, com suas pernas arqueadas, até as escadas da loja.

— Sei o que está pensando — comentou Hécate. — E admito que vestir você em trajes formais é uma forma de exibir meu poder, da mesma forma que reis vestem seus soldados e servos. O que posso dizer? A ideia me agrada.

Bonus nunca tivera cem por cento de certeza se os dentes excepcionalmente brancos e uniformes do sorriso do homem eram naturais. Se fossem dentaduras, eram bastante esquisitas, pois vinham equipadas com três grandes coroas de ouro.

— Falando em exibição de poder — continuou Hécate —, aquele jovem atraente que estava no jantar no Inverness, o nome dele é Kasi?

— Sim.

— Quantos anos ele tem?

— Quinze e meio — respondeu Bonus.

— Bem jovem.

— Idade é...

— Pra mim pouco importa. Só não sinto a mesma atração que você por garotos, Bonus. Só quero dizer que é *ilegal*, por ele ser tão jovem, e que pode causar grandes danos. Mas vejo que isso deixa você desconfortável, então vamos mudar de assunto. Lady está doente, é verdade?

— Isso é o que o psiquiatra diz. Psicose grave. Pode levar tempo. A preocupação dele é que ela cometa suicídio.

— Os médicos não prestam um juramento de fazer o possível pelo bem de seus pacientes?

— Talvez o Dr. Alsaker também venha a precisar de um novo terno em breve.

Hécate riu.

— É só me mandar a conta. Ele tem condições de curá-la?

— Não, a menos que seja hospitalizada. Mas não queremos isso, não é?

— Vamos esperar e ver o que acontece. Acho que todo mundo sabe que a Lady é uma das principais conselheiras do comissário-chefe, e, durante esses dias decisivos, haveria consequências desastrosas se viesse a público que ela ficou louca.

— Então a psicose é...?

— Sim?

— Nada.

Bonus engoliu em seco. Havia algo em Hécate que sempre o fazia se sentir como um adolescente inseguro. Era mais do que a demonstração de poder real; havia algo mais, algo que o apavorava, mas que Bonus não conseguia identificar. Não se tratava do que ele podia enxergar nos olhos de Hécate, mas do que *não* podia. Era a certeza aterrorizante da ausência de tudo. Terras despovoadas e noites congelantes.

— De qualquer forma — disse Hécate —, eu estava querendo conversar sobre Macbeth. Estou preocupado com ele. Ele está diferente.

— É mesmo?

— Minha preocupação é que esteja viciado. O que talvez não seja de se estranhar, pois, afinal, é a droga mais viciante do mundo.

— A power?

— Sim, mas não do tipo que vem em pó. Estou falando da power de verdade. Do poder. Não achei que se viciaria tão depressa. Ele já se desfez de qualquer emoção que o ligue à moralidade ou às qualidades humanas; agora a power é sua nova e única amante. Você ouviu a entrevista no rádio, no outro dia. O fedelho quer ser prefeito.

— Mas, na prática, o comissário-chefe tem mais poder.

— Como comissário-chefe, ele com certeza fará de tudo pra que o poder efetivo seja devolvido à prefeitura antes de ele próprio ocupar o cargo de prefeito. Na verdade, Macbeth está louco pra

assumir o controle dessa cidade. Ele se acha invencível agora. Acha, inclusive, que pode me desafiar.

Desconcertado, Bonus olhou surpreso para Hécate, que havia cruzado as mãos sobre o castão dourado de sua bengala e estudava a própria imagem no espelho da alfaiataria.

— Sim, Bonus, deveria ser o contrário: deveria ser você a me dizer que Macbeth está na minha cola. É para isso que eu te pago. E agora seu minúsculo cérebro de mosca está se indagando como poderia saber disso. Bem, me pergunte.

— Eu... hã... Como sabe disso?

— Porque ele disse isso no programa de rádio que você também escutou.

— Mas achei que ele tivesse dito o contrário, que perseguir Hécate *não* teria a mesma prioridade que Duncan deu à missão.

— E quando foi a última vez que você ouviu alguém com ambições políticas declarar o que *não* faria pelo eleitorado? É como se ele tivesse dito que vai prender Hécate *e* criar empregos. Políticos que não se drogam nem se embebedam sempre prometem tudo o que há debaixo do sol. Só que o que ele disse não era dirigido ao eleitorado, e sim a mim, Bonus. Ele não precisava, mas se comprometeu publicamente e me elogiou. E quando as pessoas nos elogiam, é aí que precisamos redobrar a atenção.

— Você acha que ele quer ganhar a sua confiança — Bonus olhou para Hécate para confirmar se seu raciocínio estava seguindo a linha correta — porque espera que assim você relaxe e aí ficará fácil se livrar de você?

Hécate arrancou um pelo preto de uma verruga na bochecha e o analisou.

— Eu poderia esmagar o Macbeth com a sola do meu sapato nesse exato minuto. Mas investi um bocado pra botá-lo na posição em que está agora, e, se tem uma coisa que odeio, é um investimento ruim, Bonus. Portanto, quero que você mantenha olhos e ouvidos bem abertos pra descobrir o que ele está tramando. — Hécate ergueu os braços. — Ah! Olha, aí vem o Al com mais smokings. Vamos encontrar um que sirva nos seus braços compridos como tentáculos.

Bonus engoliu em seco.

— E se eu não descobrir nada?

— Então não terei mais uso pra você, querido Bonus.

A frase foi dita de um jeito descontraído e de forma bem inofensiva por vir acompanhada de um sorrisinho. Os olhos de Bonus procuraram algo mais atrás do sorriso. Não encontraram nada, exceto noite e frio.

— Olhe pro relógio — ordenou o Dr. Alsaker, e balançou seu relógio de bolso como um pêndulo diante do rosto da paciente. — Você está relaxando, seus braços e suas pernas estão ficando pesados, você está cansada e vai dormir. E não vai acordar até eu dizer *castanha*.

Era fácil hipnotizá-la. Tão fácil que Alsaker teve de checar algumas vezes para ter certeza de que não estava fingindo. Sempre que vinha ao Inverness, era acompanhado até a suíte pelo recepcionista, Jack. E lá estava ela à espera, de roupão — recusava-se a usar qualquer outra peça de roupa. As mãos sempre vermelhas por causa do ritual compulsivo de limpeza diária, e, mesmo que ela repetisse que não estava usando nada, ele podia ver pelas pupilas que estava sob o efeito de alguma droga. O que era uma das muitas desvantagens de lhe ser negado o pedido para interná-la, pois assim ele poderia controlar a medicação dela, o sono e as refeições, além de observar seu comportamento.

— Vamos começar de onde paramos da última vez — disse Alsaker, consultando suas anotações. Não que precisasse delas para se lembrar; os detalhes eram de natureza tão cruel que ficaram gravados em sua mente. Ele precisava das anotações para *acreditar* no que ela lhe contara. As primeiras linhas não tinham nada de incomuns; pelo contrário, eram um refrão corriqueiro em inúmeros casos semelhantes. — Pai desempregado e alcoólatra e mãe depressiva e violenta. Você cresceu às margens de um rio, num casebre, ou, como chama, um ninho de ratos. Literalmente. Você me contou que uma das suas lembranças mais antigas era ficar vendo os ratos nadarem em direção à sua casa quando o sol se punha, e que você achava que aquela era a casa deles. Você dormia na cama dos ratos, comia a comida dos ratos, e por isso entendia por que eles te mordiam à noite.

Ela falou com a voz suave e baixa.

— Os ratos só queriam o que era deles.

— E seu pai dizia o mesmo quando se deitava na sua cama.

— Ele só queria o que era dele.

Alsaker examinou as anotações. Não era o primeiro caso de estupro que havia tratado, mas esse continha alguns detalhes bastante perturbadores.

— Aos 13 anos, você engravidou e deu à luz uma criança. Sua mãe a xingou de prostituta. Ela disse que você deveria jogar o miserável no rio, mas você se recusou a fazer isso.

— Eu só queria o que era meu.

— Então você foi expulsa de casa com a criança e passou a noite seguinte com o primeiro homem que conheceu.

— Sim, mas ele disse que mataria o bebê se ele não parasse de chorar, então eu o levei pra cama. Mas então o homem reclamou que isso tinha arruinado sua concentração porque o bebê estava *assistindo*.

— E, enquanto ele dormia, você roubou dinheiro dos bolsos dele e comida da cozinha.

— Eu só peguei o que era meu.

— E o que é seu?

— O que todo mundo tem.

— O que aconteceu depois?

— O rio secou.

— Vamos continuar, Lady. O que aconteceu depois?

— Mais fábricas foram construídas. Mais trabalhadores vieram pra cidade. Eu ganhei um pouco mais de dinheiro. Minha mãe veio me ver e disse que meu pai havia morrido. Pulmões. Uma morte dolorosa. Eu disse a ela que gostaria de ter estado lá pra ver a dor dele.

— Sem divagações, Lady. Vamos ao *ponto*. O que aconteceu com o bebê?

— Já notou como as feições dos bebês mudam quase de um dia pro outro? Bem, de repente ele ficou com a cara dele.

— Do seu pai.

— Sim.

— E o que você fez?

— Dei mais leite do que de costume pra que estivesse sorrindo feliz pra mim quando adormecesse. Então esmaguei a cabeça dele na parede. É bem fácil quebrar uma cabeça, sabia? Como a vida humana é frágil...

Alsaker engoliu em seco e pigarreou.

— Você fez isso porque o rosto do bebê era igual ao do seu pai?

— Não. Isso foi o que tornou possível eu fazer isso.

— Quer dizer que você vinha pensando nisso já fazia algum tempo?

— Sim, é claro.

— Pode me dizer por que você diz *é claro*?

Ela permaneceu em silêncio por alguns instantes. Alsaker viu as pupilas de Lady se contraírem, e isso fez surgir uma imagem em sua mente. Ovas de rã. Um girino tentando se libertar de um ovo pegajoso.

— Se quer alcançar seus objetivos, você precisa ser capaz de renunciar ao que ama. Se a pessoa com a qual você pretende ascender para atingir o pico desanima, você deve encorajá-la ou cortar a corda.

— Por quê?

— Por quê? Se ele cair, vai arrastar vocês dois pra queda. Se você pretende sobreviver, sua mão tem que fazer o que seu coração se recusa a fazer.

— Matar a pessoa que ama?

— Como Abraão sacrificou seu filho. Deixar o sangue fluir. Amém.

Alsaker sentiu um arrepio e fez uma anotação.

— O que há no pico que você tanto quer?

— O pico é o topo. É a posição mais alta. Mais alta do que tudo e todos.

— Você *tem* que chegar lá?

— Não. É possível rastejar pelas planícies. Pelos montes de lixo. Pelo leito do rio lamacento. Mas depois que você começa a subir, não há volta. É o pico ou o abismo.

Alsaker guardou a caneta.

— E por esse pico você está disposta a sacrificar tudo, inclusive o que ama? A sobrevivência está acima do amor?

— Naturalmente. Mas não faz muito tempo, entendi que podemos viver sem amor. Então toda essa sobrevivência será minha morte, doutor.

Os olhos dela tinham uma clareza repentina que, por um instante, fez Alsaker pensar que, afinal, ela não era psicótica. Mas podia ter sido apenas a hipnose ou um despertar temporário. Alsaker já tinha visto isso acontecer muitas vezes. Vira como um paciente acometido por psicose profunda ou depressão pode aparentemente se animar, tal como uma pessoa que está se afogando e que vem à tona com um ímpeto de esforço, o que dá falsas esperanças aos parentes e a psiquiatras inexperientes. Eles podem permanecer à tona por vários dias, apenas para usar esse último fio de força de vontade pra fazer o que vinham ameaçando fazer ou simplesmente afundar na escuridão de onde vieram. Mas, não, devia ter sido a hipnose, porque agora a larva de rã estava de volta aos olhos dela.

— Diz aqui no jornal que depois da entrevista na rádio as pessoas estão aguardando um pronunciamento seu sobre a candidatura ao cargo de prefeito — comentou Seyton, que havia espalhado o jornal sobre uma mesinha e, cortando as unhas, deixava as aparas caírem sobre ele.

— Que escrevam o que quiserem — disse Macbeth, olhando para o relógio. — Tourtell está dez minutos atrasado.

— Mas você vai, senhor?

Ouviu-se um som alto e claro quando a longa e pontuda unha do indicador foi cortada.

Macbeth deu de ombros.

— Esse tipo de coisa tem que ser pensada com calma. Quem sabe? Quando a ideia amadurecer, pode parecer diferente.

A porta se entreabriu com um rangido. Na fresta apareceu o simpático rosto de Priscilla.

— Ele chegou, senhor.

— Ótimo. Faça-o entrar. — Macbeth ficou em pé. — E traga café.

Priscilla sorriu, e seus olhos desapareceram entre bochechas rechonchudas, depois ela desapareceu também.

— Quer que eu saia? — perguntou Seyton, fazendo um movimento para se levantar do sofá.

— Você fica.

Seyton recomeçou a aparar as unhas.

— Mas de pé.

Seyton se levantou.

A porta foi aberta.

— Macbeth, meu amigo! — rugiu Tourtell.

Por um instante, Macbeth se indagou se a porta seria larga o bastante. Ou se tinha costelas fortes o suficiente, quando recebeu os tapinhas camaradas do esfuziante abraço do prefeito.

— Você realmente fez as coisas acontecerem por aqui, Macbeth.

— Obrigado. Por favor, sente-se.

Tourtell cumprimentou Seyton com um breve aceno de cabeça e se sentou.

— Obrigado. E agradeço por me receber tão em cima da hora.

— O senhor é meu empregador, então sou eu quem devo me sentir honrado pela visita. E, ainda mais importante, por você ter vindo até aqui, não o contrário.

— Ah, não gosto que as pessoas se sintam intimadas.

— Isso significa que fui intimado?

O prefeito riu.

— De modo algum, Macbeth. Só queria ver como as coisas estão indo. Se você está se sentindo confortável na nova posição. Afinal, foi uma mudança e tanto. E com tudo o que aconteceu nos últimos dias... — Tourtell arregalou os olhos teatralmente. — Poderia ter virado uma desordem.

— O senhor quer dizer que virou? Que virou uma desordem?

— Não, não, não. De jeito nenhum. Acho que você lidou com tudo de uma forma que foi além de todas as expectativas. Considerando que você é novo no jogo.

— Novo no jogo.

— Sim. As coisas acontecem rápido. Você tem que reagir na hora. Tecer comentários. E aí pode acontecer de dizer coisas que jamais pensou.

Priscilla entrou, colocou a bandeja na mesa, serviu o café, fez uma mesura desajeitada e saiu.

Macbeth tomou um gole de café.

— Hum. Está se referindo à entrevista na rádio?

Tourtell esticou a mão para o açucareiro e pegou três cubos. Enfiou um deles na boca.

— Algumas das coisas que você disse podem ser interpretadas como crítica à câmara municipal e a mim. E isso é bom. Valorizamos um comissário-chefe que fale sem rodeios. Ninguém aqui usa mordaça. A questão é, evidentemente, se a crítica soou um pouco mais severa do que o pretendido. Será?

Macbeth levou o indicador em riste até o queixo e, usando-o como uma espécie de apoio, ergueu a cabeça de um jeito pensativo.

— Não achei muito severa.

— Aí é que está. Era exatamente o que eu pensava. Não foi sua intenção! Você e eu queremos as mesmas coisas, Macbeth. O melhor pra cidade. Fazer com que engrenagens comecem a girar pra derrubar o desemprego. Como sabemos por experiência, mais oportunidades vão reduzir o índice de criminalidade nas ruas e deixar o comércio de drogas abalado, o que, por sua vez, fará diminuir os assaltos às propriedades. Em breve o número de pessoas presas vai decrescer drasticamente, e todos vão ficar se perguntando como o comissário-chefe Macbeth alcançou o que nenhum de seus antecessores conseguiu. Como você sabe, um prefeito só pode servir dois mandatos. Então, depois de ser reeleito, assim espero, e ao término do meu segundo mandato, é a vez de um novo homem. E talvez a cidade vá sentir que esse é o tipo de homem de que precisa, alguém que tenha produzido resultados no comando da força policial.

— Mais café? — Macbeth serviu o líquido marrom na xícara ainda cheia de Tourtell até transbordar para o pires. — O senhor sabe o que meu amigo Banquo costumava dizer? Beije a garota enquanto ela estiver apaixonada.

— Que significa...? — perguntou Tourtell, com os olhos fixos no pires.

— Sentimentos mudam. A cidade me ama agora. E quatro anos é muito tempo.

— Talvez. Mas você tem que escolher suas batalhas, Macbeth. E agora cabe decidir se vai desafiar o prefeito em exercício, o que a

história prova que raramente leva ao sucesso, ou esperar quatro anos e ter sua candidatura apoiada pelo prefeito que vai estar deixando o cargo, o que a história prova que *geralmente* leva ao sucesso.

— Esse é o tipo de promessa fácil de fazer e mais fácil ainda de quebrar.

Tourtell balançou a cabeça.

— Fundamentei minha longa carreira política em alianças estratégicas e cooperação, Macbeth. Kenneth certificou-se de que o comissário-chefe tivesse poderes tão amplos que eu, como prefeito, fui, e continuo sendo, totalmente dependente da boa vontade de quem ocupa o cargo. E acredite, tenho *consciência* de que uma promessa quebrada me custaria muito caro. Você é um homem inteligente e aprende rápido, Macbeth, mas ainda não tem experiência no complicado jogo tático chamado política. Popularidade instantânea e algumas frases de impacto criativas na rádio não são suficientes. Meus apoiadores também não são suficientes, mas é mais do que você poderia esperar obter por conta própria.

— Você não teria vindo até aqui pra me persuadir a não participar das próximas eleições se não me visse como um adversário à altura.

— Talvez você ache isso — disse Tourtell — porque ainda não teve experiência suficiente na política pra ter uma visão geral da situação. E a visão geral é aquela em que eu continuo como prefeito e você como comissário-chefe nos próximos quatro anos, então a cidade enfrentará um sério problema caso seus dois homens mais poderosos tenham uma campanha eleitoral sórdida que dificulte a cooperação entre eles. E também me impede de apoiar sua candidatura a prefeito mais tarde. Tenho certeza de que você me entende.

Tenho certeza de que você me entende. Sutilmente condescendente. Macbeth abriu a boca para objetar, mas os pensamentos que deveriam se transformar em palavras se perderam.

— Vou dar uma sugestão — disse Tourtell. — Não se candidate nessa eleição, e não terá que esperar quatro anos pelo meu apoio.

— Hum?

— Isso mesmo. No dia que você prender o Hécate, o que será uma grande vitória pra nós dois, irei a público e direi que espero ter você como meu sucessor nas eleições daqui a quatro anos. O que você me diz sobre isso, Macbeth?

— Acho que eu disse na rádio que Hécate não é nossa maior prioridade.

— Eu ouvi. E entendi com isso que você não quer a pressão que o Duncan colocou sobre si mesmo e sobre a polícia, fazendo promessas muito otimistas e específicas demais. Agora, no dia que você prender esse cara será simplesmente um bônus. Foi isso que você planejou, não foi?

— Claro — respondeu Macbeth. — Hécate é uma prisão difícil, mas, se a oportunidade surgir...

— Na minha experiência, lamento dizer, as oportunidades não surgem — falou Tourtell. — Elas têm que ser criadas e depois agarradas. Então, qual é o seu plano pra prender Hécate?

Macbeth pigarreou, mexeu na xícara de café. Tentou organizar os pensamentos. Havia percebido que de um instante para o outro ficava difícil concatená-los, como se fossem numerosos demais: um malabarismo com muitas bolas para manter no ar ao mesmo tempo, e, quando uma bola caía, todas caíam, e ele precisava recomeçar. Estaria abusando da power? Ou o contrário? Com o olhar, Macbeth buscou Seyton, que havia se sentado à mesa de café, mas não seria ali que encontraria ajuda. Claro que não. Só ela podia ajudá-lo. Lady. Ele teria de parar com as drogas, conversar com ela. Só ela podia afastar o nevoeiro, clarear sua mente.

— Quero atrair o Hécate pra uma armadilha — disse Macbeth.

— Que tipo de armadilha?

— Ainda não planejamos os detalhes.

— Estamos falando sobre o inimigo número um dessa cidade, então agradeceria se você me mantivesse informado — pediu Tourtell ao se levantar. — Será que você já poderia me passar as linhas gerais do plano amanhã, no enterro do Duncan? Junto com sua decisão sobre a candidatura?

Ele apertou a mão estendida de Tourtell sem se levantar. O prefeito apontou com o queixo para a parede atrás de Macbeth.

— Sempre gostei desse quadro. Não precisa me acompanhar, conheço o caminho.

Macbeth o observou sair. Tourtell parecia maior a cada vez que o via. Não havia tocado no café. Macbeth girou a cadeira para ficar de frente para o quadro. Era grande e mostrava um homem e uma mulher com roupas de trabalhadores, caminhando de mãos dadas. Atrás deles vinha uma fila de crianças e, mais atrás, via-se o sol bem alto no céu. A visão geral. Ele supôs que fosse escolha de Duncan, já que Kenneth provavelmente teria ali um retrato seu. Macbeth inclinou a cabeça para um lado, mas ainda assim não conseguia entender o significado daquela imagem.

— Me diga, Seyton. O que *você* acha?

— O que eu acho? Tourtell que vá pro inferno. Você é mais popular do que ele.

Macbeth assentiu. Seyton era como ele, um homem sem olho para enxergar a visão geral dos fatos. Só ela tinha isso.

Lady havia se trancado no quarto.

— Preciso falar com você — disse Macbeth.

Sem resposta.

— Querida!

— É o bebê — falou Jack.

Macbeth se virou para ele.

— Eu tirei o bebê dela. Estava começando a exalar mau cheiro e eu não sabia mais o que fazer. Mas ela acha que foi você que me mandou levá-lo embora.

— Ótimo. Muito bem, Jack. Eu só precisava do conselho dela sobre um assunto e... Bem...

— Ela dificilmente pode te dar o conselho que você quer no estado em que se encontra no momento, senhor. Se me permite perguntar... Não. Desculpa, eu me excedi. O senhor não é a Lady.

— Você achou que eu fosse a Lady?

— Não, é que... Bem, a Lady geralmente conversa comigo sobre o que se passa em sua mente, e eu a ajudo da maneira que posso. Não que eu tenha muito a oferecer, mas às vezes ouvir você mesmo falar com outra pessoa pode clarear os pensamentos.

— Hum. Faz um café pra gente, Jack.

— Imediatamente, senhor.

Macbeth foi até o mezanino. Desceu o olhar para a sala de jogos: pouco movimentada naquela noite. Não viu nenhum dos clientes habituais. Onde estariam?

— No Obelisco — disse Jack, entregando-lhe uma xícara fumegante de café.

— Quê?

— Nossos clientes regulares. Estão no Obelisco. Era o que estava se perguntando, não?

— Talvez.

— Estive lá ontem e contei cinco deles. Conversei com dois. E parece que não sou o único espionando. Tem gente deles aqui. O Obelisco viu quem eram nossos clientes regulares e ofereceu melhores condições pra eles.

— Melhores condições?

— Crédito.

— Isso é proibido.

— Extraoficialmente, é claro. Não vai aparecer em nenhum dos registros e, se vierem a ser confrontados, vão jurar que não trabalham com crédito.

— Então é melhor oferecermos o mesmo.

— Acho que o problema é um pouco mais embaixo, senhor. Está vendo os poucos clientes no bar ali embaixo? No Obelisco, há filas. Cerveja e drinques custam trinta por cento a menos que aqui, e isso não só aumenta o número de clientes e o volume de vendas no bar como torna as pessoas menos cautelosas nos salões de jogos.

— Lady acha que atraímos uma clientela diferente, mais interessada na qualidade.

— As pessoas da cidade que frequentam cassinos podem ser divididas, em termos gerais, em três grupos, senhor. Temos primeiro os apostadores compulsivos, que não dão a mínima pra qualidade dos tapetes nem pra conhaques mais caros; elas querem um crupiê eficiente, uma mesa de pôquer com turistas de cidades interioranas de quem eles possam se aproveitar e, se possível, crédito. O Obelisco fica com esse grupo. Depois temos os já mencionados turistas interioranos, que geralmente vêm para cá

porque nós temos a reputação de ser o *verdadeiro* cassino. Mas depois eles descobrem que preferem a atmosfera mais simples, mais divertida e mais pecaminosa do Obelisco. São frequentadores do bingo, não da ópera.

— E nós somos a ópera?

— Eles querem cerveja barata, mulheres baratas. Se não for assim, de que vale passar umas horas na cidade?

— E o último grupo?

Jack apontou para o salão abaixo.

— A Zona Oeste. Aqueles que não querem se misturar com a escória. Nossos últimos clientes fiéis. Por enquanto. Porque o Obelisco está planejando abrir um novo salão no ano que vem, com *dress code*, apostas mínimas de maior valor e conhaque de marcas superiores no bar.

— Hum. E o que você sugere que a gente faça?

— Eu? — Jack sorriu. — Sou apenas um recepcionista, senhor.

— E crupiê. — Macbeth olhou para a mesa de blackjack onde ele, Lady e Jack se conheceram. — Posso te pedir um conselho, Jack?

— Um crupiê apenas observa as pessoas fazendo apostas, senhor. Nunca dá conselhos.

— Tudo bem, então só escuta. Tourtell veio me dizer que não queria que eu me candidatasse a prefeito.

— Estava planejando fazer isso, senhor?

— Não sei. Eu meio que considerei e meio que rejeitei a ideia, mas depois meio que considerei de novo. Especialmente depois que Tourtell veio me explicar, com ares de superioridade, o que é a política *de verdade*. O que você acha?

— Ah, tenho certeza de que seria um excelente prefeito, senhor. Pense em todas as coisas que o senhor e Lady poderiam fazer pela cidade!

Macbeth avaliou o rosto radiante de Jack: a felicidade sem disfarces, o otimismo ingênuo. Como um reflexo da pessoa que ele tinha sido. E um estranho pensamento lhe ocorreu: desejou ser Jack, o recepcionista.

— Mas também tenho muito a perder — avaliou Macbeth. — Se não me candidatar agora, Tourtell vai me apoiar na próxima

vez. E ele tem razão quando diz que o prefeito que está saindo sempre elege o seguinte.

— Hum — resmungou Jack, coçando a cabeça. — Isso se não tiver um escândalo pouco antes das eleições. Um escândalo tão devastador que a cidade não tenha como permitir que Tourtell permaneça no cargo.

— Por exemplo?

— Lady me pediu que fizesse um levantamento da vida do jovem que Tourtell trouxe pro jantar. Minhas fontes me disseram que a esposa do Tourtell se mudou pro chalé de verão deles, em Fife, na mesma época que o rapaz foi "adotado". E ele é menor de idade. Precisamos de evidências concretas de comportamento impróprio. De declarações de funcionários da residência do prefeito, por exemplo.

— Mas isso é fantástico, Jack! — A empolgação com a ideia de espezinhar Tourtell aqueceu as faces de Macbeth. — Reunimos as provas, e eu pego Kite pra organizar um debate eleitoral ao vivo, e aí posso jogar esse relacionamento pecaminoso bem na cara do Tourtell. Ele não estará preparado pra isso. Que tal?

— Talvez.

— Talvez? Como assim?

— Estava apenas pensando que o senhor se mudou pra casa de um homem sem filhos quando tinha 15 anos. O prefeito poderia contra-atacar com isso.

Macbeth sentiu o sangue lhe subir ao rosto novamente.

— O quê? Banquo e eu...?

— Tourtell não vai hesitar em usar isso se o senhor atirar a primeira pedra. Tudo é justificável no amor e na guerra. Além disso, seria lamentável se ficasse provado que o senhor usou de sua posição pra espionar a vida pessoal do Tourtell.

— Tem razão. Então como você faria?

— Preciso pensar sobre isso. — Jack tomou um gole de café. E mais outro. Pôs a xícara na mesa. — A informação sobre o rapaz terá que vazar por meios indiretos. Mas se o senhor estiver fazendo oposição a Tourtell, ainda será suspeito de ser a fonte. Então o vazamento deve acontecer antes do anúncio da sua candidatura. Na verdade, pra ter certeza de que não vamos levantar nenhuma

suspeita, talvez deva anunciar que *não* será candidato, pelo menos não até daqui a quatro anos. Primeiro o senhor tem uma missão a cumprir como comissário-chefe. Então, quando o escândalo desqualificar Tourtell, o senhor dirá, da forma mais hesitante possível, que, considerando que a cidade precisa de um líder a curto prazo, se coloca à disposição dela. Vai se recusar a comentar o escândalo Tourtell quando questionado pelos jornalistas, mostrando que está acima desse tipo de conduta, e vai focar apenas em como fazer a cidade... hum... O senhor usou uma expressão tão boa no rádio, como foi mesmo?

— Só quero essa cidade de volta aos trilhos — lembrou Macbeth. — Agora entendo por que Lady usa você como conselheiro, Jack.

— Obrigado, senhor, mas não exagere minha importância.

— Não estou exagerando. Você tem um olho excepcionalmente lúcido pra esses assuntos.

— Talvez seja mais fácil ser um crupiê e observador do que um protagonista, com todos os riscos e as fortes emoções envolvidas.

— Acho que você é um grande crupiê, Jack.

— E, como crupiê, eu aconselho o senhor a estudar suas cartas com mais cuidado, pra ver se podem ter um destino melhor.

— Como é?

— Tourtell te prometeu apoio na próxima eleição caso o senhor não se candidate agora, mas isso não vai valer muito se ele perder o mandato por pedofilia, não?

Macbeth cofiou a barba.

— É verdade.

— Então peça outra coisa. Diga a ele que o senhor nem tem certeza se vai estar na próxima eleição. E que prefere algo mais específico que ele possa te dar agora.

— Por exemplo?

— Do que gostaria, senhor?

— O que eu...? — Macbeth viu Jack fazer um gesto indicando o salão de jogos. — Hã... Mais clientes?

— Sim. A clientela do Obelisco. Mas, como comissário-chefe, o senhor não tem autoridade pra fechar o Obelisco, mesmo com provas de que estejam oferecendo crédito ilegalmente.

— Não tenho?

— Como crupiê, sei que a polícia pode acusar indivíduos, mas só o Comitê de Jogos pode fechar um cassino inteiro. E eles estão sob a jurisdição do...

— Da prefeitura. Do Tourtell.

Macbeth via claramente agora. Não precisava da power; deveria jogar o que ainda tinha na privada e puxar a descarga. Uma campainha tocou. Jack se levantou.

— Parece que temos clientes, senhor.

Macbeth o segurou pelo braço.

— Espera só quando Lady saber o que maquinamos. Tenho certeza de que ela vai se sentir melhor num piscar de olhos. Como podemos te agradecer, Jack?

— Não precisa, senhor. — Jack sorriu. — Foi suficiente ter salvado a minha vida.

26

Duff engoliu o vômito. Era seu quarto dia a bordo e ainda não havia indícios de melhora. Uma coisa era o mar, outra bem diferente era o cheiro rançoso que vinha da cozinha. Lá dentro, atrás da porta vaivém, era um misto de gordura podre e leite azedo; do outro lado, no refeitório, onde os homens se sentavam para comer, era suor e tabaco. O comissário havia deixado o café da manhã por conta de Duff, dizendo que ele deveria ser capaz de cuidar daquilo sozinho. Separe o pão, as carnes e os queijos, cozinhe os ovos e faça café. Qualquer marujo de primeira viagem mareado saberia fazer isso.

Duff tinha sido acordado às seis, e a primeira coisa que fez foi vomitar no balde ao lado da cama. Ainda não havia passado duas noites na mesma cabine, pois, na falta de beliches, tinha de pedir emprestado a cama de alguém de plantão. Por sorte, só tinha pegado a cama de baixo, de modo que não precisava dormir com o balde em cima da cama. Havia acabado de vestir o suéter quando sentiu enjoo novamente. Ao descer para a cozinha, teve de parar para vomitar no banheiro ao lado da cabine do imediato e na pia antes da última escada íngreme.

O café da manhã fora servido, e a tripulação de plantão parecia ter acabado de comer. Hora de retirar tudo para começarem a preparar o almoço.

Duff inspirou o ar intragável três vezes pela boca, levantou-se e foi para o refeitório.

Quatro pessoas estavam sentadas à mesa mais próxima. A conversa era liderada por um engenheiro de máquinas quase obeso que falava alto, usava uma camiseta da Esso manchada de óleo com anéis escuros de suor debaixo dos braços peludos e um boné listrado do Hull City Tigers. Quando ele falava, dava uma fungada antes e outra depois, como se fossem aspas. O que vinha entre elas sempre humilhava os subalternos.

— Ei, Sparks! — chamou o engenheiro, para ter certeza de que todos ficassem sabendo que ele se dirigia ao rapaz de óculos na ponta da mesa. — Que tal você pedir pro rapaz novo da cozinha esquentar um pedaço de torta de peixe pra você enfiar seu pau lá dentro e aproveitar o mais perto que vai chegar de uma boceta? — Ele fungou antes de cair na gargalhada. Isso provocou não mais do que um breve riso forçado dos outros. O jovem radiotelegrafista deu um sorrisinho sem graça e abaixou a cabeça o mais que pôde em seu prato. O engenheiro, a quem Duff ouvira os outros chamarem de Hutch, fungou. — Mas, a julgar pelo café da manhã de hoje, duvido que você saiba aquecer uma torta de peixe, não é mesmo, meu chapa? — Outra fungada.

Duff manteve a cabeça baixa como o telegrafista. Era só o que precisava fazer até chegarem às docas de Capitol. Manter-se discreto, boca fechada, proteger sua identidade.

— Diz aí, rapaz da cozinha! Você chama isso de ovo mexido?

— Algo errado? — perguntou Duff.

— Errado? — O engenheiro revirou os olhos e se voltou para os demais. — O novato me pergunta se tem algo errado. Só que esse ovo mexido está com cara e com gosto de vômito. *Seu* vômito. Das suas guelras verdes e asquerosas.

Duff olhou para o engenheiro. O cara estava sorrindo, e havia um rutilar maligno em seus olhos cintilantes. Duff já tinha visto olhos iguais àqueles. Em Lorreal, o diretor do orfanato.

— Sinto muito se o ovo mexido não atendeu às suas expectativas — disse Duff.

— *Não atendeu às suas expectativas* — remedou o engenheiro, antes da segunda fungada. — Está achando que isso aqui é restaurante chique, é? No mar a gente quer comida, não essa gororoba. O que vocês acham, pessoal?

Os homens à volta dele concordaram com risadas, mas Duff viu dois deles constrangidos, de cabeça baixa. Provavelmente, fingiram concordar para não se tornarem os alvos seguintes de chacota.

— O comissário vai assumir o almoço — disse Duff, colocando os pratos sujos e as caixas vazias de leite numa bandeja. — Espero que esteja melhor.

— O que não é nada melhor — disse o engenheiro — é a sua cara. Está com piolho? É por isso que usa esse boné? E esses pentelhos de xereca que você acha que é barba? O que foi que aconteceu, garoto? No lugar do rosto, tem a boceta da sua mãe?

O engenheiro olhou em volta esperando novas risadas, mas dessa vez todos disfarçaram, baixando os olhos.

— Tenho uma sugestão — disse Duff, mesmo sabendo que deveria ficar de boca fechada. Sabendo que havia prometido a si mesmo que não falaria nada. — Sparks pode enfiar o pinto no seu sovaco. Assim ele sente o que é uma boceta e você finalmente arranja um pau.

A mesa ficou tão calada, mas tão calada, que só se ouviam os ruídos que Duff fazia ao botar os pratos de queijo, salsicha e pepino na bandeja. Nenhuma fungada dessa vez.

— Vou repetir a parte que mais te interessa — disse Duff, botando a bandeja na mesa. — Você finalmente arranja um pau. — Ele enfatizou as vogais, para que ninguém tivesse dúvidas do que havia dito. Então se virou para a mesa.

O engenheiro se levantara e vinha em sua direção.

— Tira os óculos — ordenou ele.

— Não vejo porra nenhuma sem eles — falou Duff. — E com eles eu vejo um imbecil.

O engenheiro moveu ostensivamente o braço para trás, anunciando para todos de onde o golpe viria, e arremeteu. Duff recuou um passo, e, quando o punho manchado de óleo do engenheiro tinha passado, deu dois passos à frente, agarrou a outra mão do oponente, que ainda tentava recuperar o equilíbrio, e forçou-a para trás contra seu punho, depois agarrou o cotovelo dele e deixou que seu impulso o levasse para a frente enquanto ele próprio, Duff, escapulia para trás. O engenheiro gritou, instintivamente inclinando-se para a frente para aliviar a

excruciante pressão no punho, enquanto Duff o esmurrava na parede, a cabeça na dianteira. Então o puxou de volta para trás. E tornou a empurrá-lo para a frente. Contra a antepara. Levantou ainda mais o braço inoperante do engenheiro, sabendo que logo algo cederia, que algo se quebraria. O grito do engenheiro se transformou em um gemido muito alto, e seus dedos se lançaram desesperadamente na direção do boné de Duff. A reação foi imediata, e Duff bateu a cabeça do outro na parede pela terceira vez. Quando estava preparando um quarto golpe, ouviu uma voz:

— Já chega, Johnson!

Levou um segundo para lembrar que Johnson era o nome que havia assinado no registro de entrada. E que aquela era a voz do capitão. Ergueu os olhos. O capitão estava bem na frente deles. Duff soltou o engenheiro, que caiu de joelhos com um soluço.

— O que está acontecendo aqui?

Só então Duff notou que estava ofegante. A provocação. A raiva.

— Não é nada, capitão.

— Eu sei a diferença entre nada e alguma coisa, Johnson. O que houve? Hutchinson?

Duff não teve certeza, mas o homem ajoelhado parecia estar chorando.

Duff pigarreou.

— Uma aposta entre amigos, capitão. Eu queria mostrar que a chave de braço de Fife é mais eficaz que o soco haymaker. Acho que me empolguei. — Ele deu um tapinha nas costas arfantes do engenheiro. — Desculpa, amigo, mas vamos concordar que Fife venceu Hull dessa vez, certo?

O engenheiro assentiu, ainda soluçando.

O capitão tirou o boné e ficou olhando para Duff.

— A chave de Fife, foi isso que você disse?

— Sim.

— Hutchinson, você está sendo requisitado na sala de máquinas. E vocês aí: de volta ao trabalho.

Rapidamente o refeitório ficou vazio.

— Me dê um café e sente-se aí — ordenou o capitão.

Duff lhe obedeceu.

O capitão levou a xícara aos lábios algumas vezes. Mirou o líquido preto e murmurou alguma coisa. Justamente quando Duff começava a matutar se o capitão o esquecera, ele ergueu a cabeça.

— Em geral, nunca acho que vale a pena conhecer o passado das pessoas, Johnson. A maioria da tripulação é de origem humilde, com capacidade mental limitada, com históricos que o melhor é que nunca sejam revelados e futuros que não acontecerão a bordo do MS *Glamis*. Como não estarão sob meu comando nem farão parte dos meus problemas por muito tempo, sei que não vale a pena me envolver demais. Só o que me interessa é como trabalham como equipe, como minha tripulação.

O capitão tomou mais um gole do café e fez uma careta. Duff não tinha ideia se era por causa do café, de alguma dor repentina ou da conversa.

— Você parece um homem culto e ambicioso, Johnson, mas não vou perguntar como veio parar aqui. Duvido que fosse dizer a verdade. Mas meu palpite é que você sabe como as organizações funcionam. Sabe que sempre haverá uma hierarquia, e que todos terão seu papel, seu lugar nessa ordem. O capitão no topo, o recruta na base. Desde que todos aceitem não só suas posições, como as posições dos outros na hierarquia, então teremos uma equipe de trabalho. Exatamente como eu quero. No momento, no entanto, temos alguma desordem na extremidade inferior da hierarquia do MS *Glamis*. Temos três ferrados em potencial na base. Sparks porque é o mais novo; você porque é a sua primeira vez; e Hutchinson porque é o mais estúpido e com mais dificuldade de atrair simpatia.

Outro gole.

— Sparks vai sobreviver a essa viagem como o ferrado de baixo. Ele é jovem, razoavelmente inteligente e vai aprender. E você, Johnson, subiu de patamar na hierarquia, foi o que acabei de ver, depois do que fez com Hutchinson. Pelo que sei, foi um enfrentamento que você inventou pra conseguir exatamente isso. Mas se bem conheço Hutch, ele começou. E o estúpido, o idiota, expôs-se a outra derrota. E é por isso que está procurando uma nova pessoa pra ficar debaixo dele. Provavelmente será um infeliz que vai se registrar em Capitol, onde precisaremos de alguns

homens novos, já que toda hora tem gente se desligando. Você entende?

Duff deu de ombros.

— E esse é o meu problema, Johnson. Hutch vai continuar tentando, mas é o eterno ferrado da base. Eu gostaria de alguém diferente na base, alguém que aceitasse seu destino tranquilamente. Mas, como Hutch é um encrenqueiro mal-educado que acha que já recebeu sua cota de surras da vida e que agora é a vez de outra pessoa, vai continuar criando um ambiente desagradável a bordo. Ele não é um engenheiro ruim, mas faz com que a minha tripulação trabalhe pior quando está por perto. — Ele tomou o gole seguinte fazendo ruído. — Então por que não me livro dele?, você poderia me perguntar. E perguntaria isso porque não é um homem do mar e não sabe nada sobre as cláusulas dos contratos de trabalho do sindicato, que estipulam que estou ligado ao Hutch até conseguir algo que me dê uma coisa que eles chamam de justa causa pra me livrar dele. E atacar fisicamente um colega seria uma dessas causas...

Duff assentiu.

— Então? Tudo o que preciso de você é um sim e uma assinatura pro sindicato. Posso conseguir o resto com as testemunhas.

— Foi só uma brincadeira, capitão. Não vai acontecer de novo.

— Não, não vai. — O capitão cofiou o queixo. — Como eu disse, não tenho por hábito investigar o passado da tripulação se não houver necessidade. Mas devo dizer que só vi a chave de braço que você deu no Hutch duas vezes na vida, e dada por gente da polícia militar e da guarda portuária. Então eu gostaria de ouvir a verdade.

— A verdade?

— Sim. Ele atacou você?

Duff olhou para o capitão. Ele presumiu que desde o início o capitão soubesse que seu nome verdadeiro não era Cliff Johnson e que o garoto da cozinha nunca havia trabalhado em um restaurante. Só o que o capitão pedia era um sim e uma assinatura falsa. Se e quando houvesse algum problema ligado à verdadeira

identidade desse tal Johnson, Duff seria um idoso e estaria morando bem longe dali.

— Entendi. A verdade — disse Duff, observando o capitão se debruçar sobre a mesa — é que estávamos apenas brincando, capitão.

O capitão reclinou o corpo. Levou o café à boca. Seu olhar, por cima da beirada da xícara, estava fixo em Duff. Não nos olhos: mais acima, na testa. O pomo de adão subia e descia conforme ele engolia. Então ele bateu a xícara na mesa com força.

— Johnson.

— Sim, capitão?

— Gosto de você.

— Capitão?

— Não tenho motivos pra acreditar que você goste de Hutch um pouco mais do que o resto de nós. Mas não é um alcaguete. O que é uma péssima notícia pra mim como capitão, mas prova a sua integridade. E eu respeito isso, então não vou tocar nesse assunto de novo. Você está mareado e está mentindo, mas mesmo assim seria bom ter mais pessoas como você na minha tripulação. Obrigado pelo café.

O capitão se levantou e saiu.

Duff permaneceu sentado por alguns segundos. Então levou a xícara vazia para a cozinha e colocou-a na pia. Fechou os olhos, apoiou as mãos no metal frio e reprimiu o enjoo. O que estava fazendo? Por que não tinha contado a verdade, que Hutch era um valentão?

Abriu os olhos. Viu seu reflexo na panela pendurada num gancho na prateleira à sua frente. Seu coração deu um salto. O boné havia subido até a linha do cabelo sem que ele percebesse. Provavelmente isso aconteceu durante a briga. A cicatriz brilhava em sua pele como um rastro branco e espesso deixado por um avião no céu. A cicatriz: era para ela que o capitão estava olhando antes de bater a xícara na mesa.

Duff fechou os olhos, disse a si mesmo para relaxar e raciocinar.

O navio tinha saído tão cedo que os jornais ainda não estavam disponíveis nas bancas, então o capitão não poderia ter visto a foto dele com a tarja de PROCURADO. A menos que tivesse visto seu

rosto na coletiva de imprensa da véspera, transmitida pela TV. Mas o capitão demonstrara certo choque ao ver a cicatriz — *se* é que a vira? Não. Porque o capitão era um bom ator e não queria demonstrar que o havia reconhecido até que o pegassem de surpresa mais tarde. Será? Como pouco podia fazer a respeito, decidiu que o capitão não tinha percebido; mas e quanto aos outros? Não, ele havia passado o tempo todo de costas para eles, e depois o capitão os mandara sair. Fora Hutchinson quem ficara de joelhos na frente dele. No entanto, mesmo que tivesse visto a cicatriz, Duff não achava que Hutchinson fosse o tipo de homem que gostava de se manter bem-informado.

Abriu os olhos de novo.

Dali a dois dias, quarta-feira, atracariam.

Quarenta e oito horas. Manter-se discreto por dois dias. Achava que poderia conseguir.

O órgão começou a tocar. De pé entre as fileiras dos bancos da catedral, ele sentiu os pelos do corpo se arrepiarem. Não por causa da música, nem das elegias do padre e do prefeito, nem pelo caixão de Duncan vindo pela nave central carregado por seis homens, nem pelo fato de não ter usado nada de power. Era por causa do novo e pavoroso uniforme que usava. Sempre que se mexia, a lã áspera arranhava sua pele e lhe dava arrepios. O antigo uniforme era de tecido mais barato e estava mais desgastado e confortável. Ele poderia, é claro, ter escolhido o novo terno preto entregue na central de polícia, cujo remetente só podia ser Hécate. A qualidade da lã era muito superior, mas, estranhamente, coçava até mais que o uniforme. Além disso, teria sido uma quebra da tradição comparecer ao enterro de um colega de farda usando outra coisa que não fosse o uniforme.

O caixão passou pela fileira de Macbeth. A viúva de Duncan e os dois filhos seguiam o féretro de cabeça baixa, mas, quando um dos meninos por acaso ergueu o rosto para na direção dele, Macbeth automaticamente baixou o olhar.

Então todos se dirigiram para a nave central e se juntaram ao cortejo. Macbeth se posicionou de tal maneira que acabou ao lado de Tourtell.

— Belo discurso — elogiou Macbeth.

— Realmente, sinto muito que a câmara não tenha aprovado o pedido pra que o enterro fosse custeado com verbas públicas. Com as fábricas desativadas e a queda nas receitas fiscais, temo que essas homenagens póstumas estejam no final da lista de prioridades. Mas, se quer saber o que eu acho, não é nada civilizado.

— A câmara tem minha compreensão.

— Duvido que a família do Duncan pense da mesma forma. A viúva me telefonou e disse que deveríamos ter conduzido o caixão pelas ruas e dado às pessoas a oportunidade de demonstrar o quanto o admiravam. Elas queriam o que Duncan queria.

— E você acha mesmo que as pessoas teriam feito isso?

Tourtell deu de ombros.

— Sinceramente, não sei, Macbeth. Na minha opinião, as pessoas dessa cidade não se importam com as chamadas reformas a menos que resultem em comida na mesa e dinheiro pra mais uma cerveja. Achei que as mudanças estivessem começando a acontecer na cidade, mas, se fosse assim, o assassinato do Duncan teria revoltado as pessoas. Em vez disso, tenho a impressão de que todos aceitaram, convencidos de que, aqui, o bem sempre sai perdendo. A única pessoa que abriu a boca foi o Kite. Você vai ao enterro de Banquo e do filho dele amanhã?

— Claro. Na Igreja dos Operários. Banquo não era muito religioso, mas a esposa dele, Vera, está enterrada lá.

— Mas fui informado de que a esposa e os filhos do Duff vão ser enterrados na catedral.

— Sim. Não estarei lá pessoalmente.

— Pessoalmente?

— Vamos ter policiais de prontidão, caso Duff decida mostrar as caras.

— Verdade. Os pais devem acompanhar os filhos até a sepultura. Sobretudo quando sabem que foram parcialmente responsáveis pela morte deles.

— Tem razão. O curioso é como a culpa marca a pessoa pela vida, enquanto honra e glória escapam pelo ralo ao se lavar na mesma noite.

— Agora, por um instante, você soou como um homem que entende um pouco de culpa.

— Então, me permita confessar aqui e agora que matei a pessoa que me era mais querida e mais próxima.

O prefeito estacou e o encarou.

— O que disse?

— Minha mãe. Morreu no parto. Vamos continuar andando.

— E o seu pai?

— Deu no pé quando soube da gravidez. Foi trabalhar num navio e nunca mais foi visto. Cresci num orfanato. Duff e eu. Dividimos um quarto. Mas você provavelmente nunca viu um quarto de orfanato, não é mesmo, Tourtell?

— Ah, inaugurei um ou dois orfanatos.

Eles haviam chegado aos degraus da catedral, onde foram recebidos por uma rajada gélida do noroeste. Pelo caminho de cascalho, Macbeth viu o caixão balançar perigosamente.

— Bem — disse Tourtell —, o mar também é uma rota de escape.

— Está criticando meu pai, Tourtell?

— Eu não o conheci. Nem você. Só estou dizendo que o mar está cheio de homens que não aceitam as responsabilidades que a natureza lhes impõe.

— Então homens como você e eu devem assumir ainda mais responsabilidades.

— Exatamente. E então, o que decidiu?

Macbeth pigarreou.

— Vejo que, pro bem da cidade, é melhor que o comissário-chefe continue sendo o comissário-chefe e mantenha uma relação boa e próxima de cooperação com o prefeito.

— Sábias palavras, Macbeth.

— Desde que essa cooperação se mantenha, é claro.

— A que você está se referindo?

— Aos rumores de que o Obelisco está administrando uma rede de prostituição sob os auspícios do cassino e oferecendo crédito ilegal a alguns jogadores.

— A primeira é uma acusação de longa data; a última é nova. Mas, como você sabe, é dificílimo chegar ao âmago de tais

rumores, então eles tendem a seguir como rumores e não vão dar em parte alguma.

— Tenho informações específicas relacionadas a pelo menos dois jogadores, e, com métodos eficazes de interrogatório e promessas de perdão, provavelmente vou descobrir se o Obelisco ofereceu crédito a eles. Com base nesses testemunhos, o Comitê de Jogos provavelmente terá que fechar o lugar, enquanto o alcance das irregularidades é examinado mais profundamente.

O prefeito deu uns leves beliscões no mais baixo de seus queixos.

— Quer dizer fechar o Obelisco em troca de você não se candidatar?

— Quero dizer que os líderes políticos e administrativos da cidade precisam ser mais firmes na aplicação das leis e dos regulamentos. Isso se não quiserem que recaia sobre eles a suspeita de terem sido corrompidos por aqueles que não as cumprem.

O prefeito estalou a língua em desagrado. Como uma criança ao provar uma azeitona, pensou Macbeth. O tipo de comida que se leva anos para apreciar.

— Não estamos falando de uma série de possíveis irregularidades — disse Tourtell, como se para si próprio. — E, como eu disse, é difícil chegar ao fundo de tais rumores. Pode levar tempo.

— Muito tempo — disse Macbeth.

— Vou deixar o comitê de sobreaviso dizendo que há algumas diligências sendo realizadas que podem vir a determinar o fechamento do cassino. Onde está Lady, falando nisso? Imaginei que, como ela e Duncan...

— Ela não está se sentindo bem. Mas vai melhorar logo.

— Entendo. Mande lembranças e diga a ela que desejo melhoras. Está na hora de descermos e oferecermos nossas condolências à família.

— Pode ir primeiro. Vou logo em seguida.

Macbeth ficou observando Tourtell descer as escadas, apertar a mão da Sra. Duncan e seus lábios se mexerem enquanto ele inclinava a cabeça em sinal de profunda condolência. Ele parecia

uma tartaruga. Mas algo que Tourtell dissera... O mar estava cheio deles. Homens que tinham fugido.

— Tudo bem, senhor?

Era Seyton. Havia esperado do lado de fora. Detestava igrejas, foi o que alegou; sem problema, pois aqueles que desgostavam do comissário-chefe provavelmente não estariam lá dentro.

— Nós checamos todos os barcos de passageiros que saíram da cidade — disse Macbeth —, mas alguém pensou em verificar os outros navios?

— Em busca de passageiros clandestinos, o senhor quer dizer?

— Sim. Ou simplesmente de pessoas que conseguiram um trabalho a bordo.

— Não.

— Envie uma descrição detalhada do Duff pra todas as embarcações que partiram desde ontem. Agora!

— Sim, senhor.

Seyton desceu as escadas de dois em dois degraus e logo sumiu de vista.

Meredith. Meredith não mais existia. Mas a cicatriz no coração dele ainda estava lá. No entanto, Macbeth não ia ao enterro. Pois fazia muito tempo que ela havia deixado de existir, tanto tempo que ele tinha esquecido quem ela era. Tanto tempo que havia se esquecido de quem ele mesmo tinha sido.

Ajeitou a posição do corpo, ainda parado, e sentiu o tecido roçar sua coxa. Fedia a lã molhada. Sentiu um arrepio.

27

Na cozinha, Duff observava os homens no refeitório. Haviam acabado de almoçar e estavam enrolando cigarros e conversando em voz baixa, rindo, acendendo os cigarros, tomando café. Em outra mesa, um sujeito sozinho. Hutchinson. Um grande curativo cor da pele na testa anunciava, para aqueles que não tinham presenciado, a surra que ele havia levado. Hutchinson tentava passar a impressão de estar perdido em lucubrações mentais que demandavam extrema concentração enquanto fumava, mas seu talento para a encenação era uma nulidade.

— Vamos atracar amanhã — disse o comissário, que também havia acendido um cigarro, o corpo apoiado no fogão. — Você pegou o jeito rápido. Vai querer mais faxina?

— Como é?

— Vai ficar pra próxima viagem?

— Não — respondeu Duff. — Mas obrigado por perguntar.

O comissário deu de ombros. Duff viu alguém que chegava atrasado para o almoço pegar um prato de sopa e ir na direção da mesa de Hutchinson; mas, ao constatar quem estava ali, mudou de rumo e foi se espremer na mesa abarrotada. E Duff viu que Hutchinson havia percebido o desvio e que ele passou a tragar mais forte enquanto franzia a sobrancelha com raiva.

— Ainda tem aquele cheesecake de ontem?

Duff se virou. Era o primeiro-engenheiro, à porta, com uma cara esperançosa.

— Lamento — respondeu o comissário —, mas não sobrou nada.

— Espera um pouco — disse Duff. — Acho que guardei uma fatia pequena. — Ele foi à câmara frigorífica e trouxe um prato embrulhado em papel alumínio. — Está um pouco frio.

— Tudo bem — respondeu ele, passando a língua nos lábios. — Gosto frio mesmo.

— Uma coisa...

— Sim?

— Hutchinson...

— Hutch?

— É. Ele parece um pouco... deprimido. É que fiquei pensando numa coisa que o capitão me disse. Que Hutch era um bom engenheiro. É verdade?

O primeiro-engenheiro inclinou a cabeça de um lado para o outro, olhando para Duff com desconfiança.

— É, é bom o bastante.

— Talvez seja uma boa ideia dizer isso pra ele.

— Dizer o quê?

— Que ele é bom.

— Por quê?

— Acho que ele precisa ouvir isso.

— Não sei, não... Se você elogia as pessoas, elas logo querem mais dinheiro e mais folgas.

— Quando você era novato, por acaso algum primeiro-engenheiro fez você sentir que estava fazendo um bom trabalho?

— Sim, mas eu estava.

— Tenta se lembrar do quanto você era *realmente* bom.

O primeiro-engenheiro ficou boquiaberto.

Nesse momento, o navio balançou. Gritos vieram do refeitório, e ouviu-se um estrondo atrás de Duff.

— Merda! — gritou o comissário, e, quando Duff se virou, viu que a enorme terrina de sopa havia caído.

Duff olhou para a sopa de ervilha, espessa e verde, escorrendo pelo piso. Sem dar aviso, seu estômago se revirou, ele sentiu o vômito na garganta e mal deu tempo para se agarrar ao batente da porta quando tudo jorrou de sua boca.

— Bem, recruta — disse o primeiro-engenheiro —, algum outro bom conselho? — indagou ele antes de se virar e sair.

— Porra, Johnson. Ainda não terminou isso aí? — resmungou o comissário, entregando a Duff um rolo de papel toalha.

— O que aconteceu? — perguntou Duff, limpando a boca.

— Batemos num vagalhão — respondeu o comissário. — Acontece.

— Vai dar uma respirada. Eu limpo isso.

Ao terminar a limpeza do chão, Duff foi ao refeitório para recolher a louça suja. Havia apenas três caras, sentados junto a uma mesa, além de Hutch, que não arredara do lugar.

Duff ficou acompanhando o papo deles enquanto empilhava pratos e copos numa bandeja.

— Esse vagalhão deve ter vindo de um terremoto ou de um deslizamento de terra, qualquer coisa assim — falou um deles.

— Vai ver foi um teste nuclear — sugeriu outro. — Estão dizendo que os soviéticos estão aprontando alguma coisa no Mar de Barents, e parece que essas ondas de choque dão uma volta ao mundo.

— Recebemos alguma mensagem sobre isso, Sparks?

— Não. — Sparks riu. — A única emoção é que estão procurando um cara com uma cicatriz branca no rosto.

Duff sentiu o corpo retesar. Continuou empilhando os pratos enquanto escutava.

— É, vai ser bom chegar em terra firme amanhã.

— Uma ova. Minha patroa disse que está grávida de novo.

— Não olha pra mim.

Risadas bem-humoradas ao redor da mesa.

Duff se virou com a bandeja nas mãos. Hutchinson havia erguido a cabeça e de repente se aprumou na cadeira. Nas poucas vezes que se cruzaram depois da briga, Hutchinson tinha olhado para baixo e evitado o rosto de Duff, mas agora o encarava com os olhos bem abertos. Como um abutre que de repente tivesse localizado um animal desamparado e ferido.

Duff abriu a porta da cozinha com o pé e ouviu-a bater às suas costas. Colocou a bandeja na bancada. Droga, droga, droga! Não agora, não com menos de 24 horas para aportar.

— Reduza um pouco — pediu Caithness, olhando através do para-brisa.

O motorista do táxi tirou o pé do acelerador, e eles passaram devagar diante do Obelisco, de onde uma enxurrada de pessoas saía pela porta principal. Dois carros da polícia estavam estacionados na calçada. As luzes azuis giravam sem pressa.

— O que está acontecendo? — perguntou Lennox, enfiando o rosto tingido de azul pelas luzes no vão entre os bancos da frente. Assim como Caithness, ainda estava de uniforme, pois vinham do enterro de Duncan. — Será que foi o alarme de incêndio?

— O Comitê de Jogos fechou o lugar hoje — respondeu Caithness. — Há suspeita de irregularidades.

Viram um dos policiais levando embora um homem de terno claro, camisa florida e costeletas impressionantes, que gesticulava raivosamente. Ele parecia tentar explicar algo para o policial, que, obviamente, o ignorava.

— Triste — comentou o motorista.

— O que é triste? — perguntou Lennox. — A lei sendo aplicada?

— Às vezes. Pelo menos no Obelisco ainda dava pra tomar uma cerveja e jogar sem precisar se arrumar todo e voltar pra casa falido. A propósito, vocês sabem que a fábrica pra onde querem ir está fechada?

— Sim — respondeu Caithness. Percebendo que isso era tudo que sabia a respeito.

O oficial Angus havia ligado naquela manhã e implorado a ela que fosse com o inspetor Lennox, da Anticorrupção, até a Estex. O resto ficariam sabendo ao chegar lá. Tratava-se de corrupção no nível mais alto de poder, mas, por enquanto, não podiam mencionar nada a ninguém sobre o encontro. Quando ela disse ao telefone que não conhecia nenhum Angus, ele explicara que era o cara de cabelo comprido do GOE, a quem ela sorria e dava bom-dia no elevador. Ela lembrou. Um gato. Mais parecia um hippie simpático e meio desligado do que um oficial do GOE.

Seguiram pelas ruas. Ela viu desempregados encostados nas paredes para se abrigarem da chuva, guimba entre os lábios, casacos encharcados, olhos famintos e cansados. Hienas. Não

porque tivessem nascido assim; era culpa da cidade. Duncan costumava dizer que, se no seu cardápio só há carniça, você come carniça, pouco importando quem julga ser. E, independentemente do que fizessem na central de polícia, a melhor maneira de reduzir o crime era dar empregos aos cidadãos.

— Vocês estão reabrindo a Estex? — perguntou o motorista, virando-se para Caithness.

— Por que o senhor acha isso?

— Eu acho que o Macbeth é mais esperto que o cabeça-dura do Duncan.

— Hum.

— Fechar uma grande fábrica só porque está vazando um limo viscoso? Pelo amor de Deus, todo mundo que trabalhava lá fumava, vão todos morrer de um jeito ou de outro. Foram 5 mil empregos. Cinco mil empregos necessários nessa cidade! Só uns metidos a besta de Capitol pra fazer uma coisa dessas. Macbeth não, ele é um de nós. Tem visão e age. Vamos deixar o Macbeth assumir o controle por um tempo e talvez as pessoas voltem a pegar táxi nessa cidade.

— Falando no Macbeth — disse Caithness, virando-se para o banco de trás. — Ele cancelou a reunião duas manhãs seguidas e parecia muito pálido na igreja. Será que ele está doente?

— Ele não — respondeu Lennox —, mas a Lady está. Ele mal tem ido à central.

— É claro que é bom que cuide da esposa, mas ele é o comissário-chefe e temos uma cidade sob nossa responsabilidade.

— Sorte dele que estamos lá. — Lennox sorriu.

O táxi parou em frente ao portão da fábrica, do qual pendia uma corrente com cadeado. A placa FECHADO caíra no asfalto esburacado. Caithness desceu do táxi e ficou ao lado da janela aberta do motorista, observando o terreno deserto da fábrica abandonada, enquanto aguardava o troco. Não havia cabines telefônicas, e as linhas da fábrica provavelmente haviam sido desligadas.

— Como vamos chamar um táxi quando quisermos voltar? — indagou ela.

— Vou esperar aqui — prontificou-se o motorista. — Não tem trabalho mesmo...

No pátio interno havia uma empilhadeira enferrujada e uma montanha de paletes meio apodrecidos. A entrada de pedestres ao lado do imenso portão retrátil estava aberta.

Caithness e Lennox entraram na propriedade. Estava frio lá fora, e mais frio ainda sob o teto alto e abobadado. Os fornos pareciam gigantescos bancos de igreja no galpão retangular que se alongava até onde os olhos podiam ver.

— Olá? — chamou Caithness, e o eco da própria voz lhe causou arrepios.

— Aqui!

A resposta veio do alto, onde ficavam a sala do encarregado e uma plataforma de vigilância. Lembrava a torre de vigia das prisões, pensou Caithness. Ou um púlpito de igreja.

O jovem apontou lá de cima para uma escada de aço.

Caithness e Lennox subiram.

— Oficial Angus — apresentou-se ele, dando um aperto de mão em cada um. Suas feições sinceras revelavam um misto de nervosismo e determinação.

Os dois o seguiram até o escritório que cheirava a uma vinha-d'alhos de suor seco e tabaco. As amplas janelas que davam para a área central eram cobertas por um estranho esmalte amarelo fosco que parecia ter sido fundido a fogo no vidro. Sobre as mesas de trabalho havia arquivos abertos que claramente tinham sido retirados das prateleiras ao longo das paredes. Angus estava com barba por fazer e usava uma calça jeans apertada e desbotada e uma jaqueta militar verde.

— Obrigado por terem vindo tão rápido, assim sem sobreaviso — disse ele, indicando cadeiras de madeira descascada.

— Sem querer pressionar nem nada, mas espero que seja importante — disse Lennox, sentando-se. — Tive que adiar uma reunião importante.

— Como vocês não têm muito tempo, na verdade nenhum de nós, vou direto ao assunto.

— Obrigado.

Angus cruzou os braços. Suas mandíbulas revelavam espasmos repetidos e seus olhos vagueavam, mas havia firmeza em sua atitude — era alguém *consciente* de estar certo.

— Por duas vezes na minha vida eu acreditei — começou ele, engolindo em seco, e Caithness percebeu que ele estava verbalizando algo previamente escrito e ensaiado para a ocasião. — E duas vezes deixei de acreditar. A primeira foi em Deus. A segunda, em Macbeth. Macbeth não é nenhum salvador, e sim um assassino corrupto. Eu quis começar assim, direto, pra vocês entenderem por que estou fazendo isso. Pra livrar a cidade do Macbeth.

No silêncio que se seguiu, eles podiam ouvir os respingos das gotas de água que caíam no piso da fábrica. Angus tomou fôlego.

— Nós estávamos...

— Para! — pediu Caithness. — Obrigada pela sua sinceridade, Angus, mas, antes que você continue, o inspetor Lennox e eu precisamos decidir se queremos ouvir o resto.

— Deixa Angus terminar — disse Lennox. — Podemos discutir isso mais tarde, sem mais ninguém presente.

— Espera — disse Caithness. — Não há como apagar o que vamos escutar se recebermos informações que...

— Fomos enviados pra sede do clube pra matar todo mundo — cortou-a Angus.

— Eu não quero ouvir — disse Caithness, e se levantou.

— Ninguém seria preso — disse Angus, bem alto. — Fomos nós que começamos a atirar nos Norse Riders, e eles conseguiram atirar um — ele ergueu o indicador, que tremia tanto quanto sua voz —, um único maldito tiro em legítima defesa! Ao contrário do que foi com...

Caithness seguiu em direção à porta pisando duro, para abafar a voz de Angus, e estava prestes a sair quando o nome citado a fez congelar.

— ... Duff, em Fife. Nem um único tiro foi disparado de lá. Porque ele não estava em casa. Quando entramos, depois de botarmos tudo abaixo, encontramos uma menina, um menino e a mãe... — A voz de Angus falhou.

Caithness se virou para ele. O jovem se inclinou sobre a mesa, os olhos cerrados com força.

— ... E a mãe tentava proteger os dois com o próprio corpo, no quarto.

— Ah, não, não, não — Caithness ouviu a si mesma sussurrar.

— A ordem partiu do Macbeth — continuou Angus —, e Seyton garantiu que as ordens fossem obedecidas à risca pelo GOE, inclusive... — ele tossiu — ... por mim.

— Por que diabos Macbeth daria ordens pra essas... matanças? — indagou Lennox, com descrença na voz. — Ele poderia simplesmente ter colocado Duff e os Norse Riders na cadeia.

— Talvez não — disse Angus. — Talvez eles soubessem de algo sobre Macbeth, algo que exigisse que fossem silenciados.

— Como o quê?

— Vocês nunca se perguntaram por que os Norse Riders tinham que se vingar justamente em Banquo? Por que não ir pra cima da pessoa que deu as ordens, o próprio Macbeth?

— Simples — respondeu Lennox, com desdém. — Macbeth está mais bem protegido. Você tem alguma prova disso?

— Esses olhos viram tudo — disse Angus, apontando para o próprio rosto.

— Eles pertencem à mesma pessoa que está fazendo as acusações. Me dê uma razão pra que a gente acredite em você.

— Há uma razão — disse Caithness, voltando lentamente para sua cadeira. — É muito fácil conseguir que as acusações do Angus sejam confirmadas ou não pelos demais oficiais do GOE, e, caso sejam falsas, ele vai ser exonerado, processado e, pra dizer o mínimo, suas perspectivas futuras serão quase zero. E ele sabe disso.

Angus riu.

Caithness ergueu as sobrancelhas.

— Com licença, eu disse algo estúpido?

— É o GOE — disse Lennox. — Lealdade, fraternidade, batizados em fogo, unidos em sangue.

— Como?

— Você nunca vai conseguir que ninguém do GOE diga uma palavra que prejudique Macbeth — retrucou Angus. — Nem

Seyton. Nem nenhum dos irmãos.

Desanimada, Caithness deixou os braços caírem na lateral do corpo.

— Então você procura a gente denunciando a ocorrência de execuções, mesmo sabendo que não há como provar isso?

— Macbeth me pediu que queimasse o corpo de um bebê morto no massacre do clube — contou Angus. Ele mexeu nervosamente em um cordão que usava. — Aqui, em um dos fornos da fábrica.

Caithness sentiu um calafrio. Arrependeu-se de ter permanecido ali. Por que não tinha ido embora? Por que já não estava dentro do táxi, deixando aquilo tudo para trás?

— Eu me recusei — continuou Angus. — O que significa que outra pessoa fez isso. Talvez ele mesmo. Dei uma checada nos fornos, e um deles foi usado recentemente. Achei que, se você conseguisse que o seu pessoal da Perícia examinasse o forno, talvez pudessem encontrar pistas. Impressões digitais, restos de ossos, não sei. E, nesse caso, a Anticorrupção poderia levar o caso adiante.

Lennox e Caithness trocaram olhares.

— A polícia não pode investigar o próprio comissário-chefe — retrucou Lennox. — Você não sabia disso?

Angus franziu a testa.

— Mas... a Unidade Anticorrupção não é...?

— Não, não podemos abrir inquéritos internos — disse Lennox. — Se você quiser acusar o comissário-chefe, terá que apresentar seu caso à Câmara Municipal e a Tourtell.

Angus balançou a cabeça desesperadamente.

— Não, não, não, eles foram comprados, todos eles! Temos que fazer por conta própria. Temos que derrubar Macbeth em uma ação de dentro pra fora.

Caithness não respondeu. Confirmando apenas que Angus estava certo. Nenhuma autoridade local, muito menos Tourtell, ousaria expor-se contra Macbeth. Kenneth cuidara para que o comissário-chefe tivesse autoridade legal para reprimir qualquer um duramente nesse tipo de rebelião.

Lennox olhou para o relógio.

— Tenho uma reunião em vinte minutos. Recomendo que deixe a questão em banho-maria até que tenha algo concreto, Angus.

Então poderá tentar sua sorte na Câmara Municipal.

Angus arregalou os olhos, incrédulo.

— *Minha* sorte? — ecoou ele, com a voz engasgada.

Virou-se para Caithness. Desespero, súplica, medo e esperança atravessaram suas feições como uma narrativa. E instantaneamente ela percebeu que Angus não tinha pedido a ela que fosse junto só porque precisava da Perícia para examinar os fornos. Angus precisava de uma testemunha, uma terceira pessoa para garantir que Lennox não pudesse fingir que não tinha recebido a informação e, independentemente do resultado, tornasse sua vida desconfortável. Angus havia escolhido Caithness simplesmente porque ela sorrira para ele no elevador. Porque dava a impressão de ser uma pessoa em quem ele podia confiar.

— Inspetora Caithness? — implorou ele em voz baixa.

Ela respirou fundo.

— Lennox tem razão, Angus. Você está nos pedindo pra atacar um urso quando só temos uma espada de papel.

Os olhos de Angus estavam marejados.

— Vocês estão com medo — gaguejou ele. — Mas acreditam em mim. Senão, já teriam ido embora. Mas estão com medo. Estão com medo *porque* acreditam em mim. Porque mostrei pra vocês do que Macbeth é capaz.

— Vamos fingir que esse encontro nunca aconteceu — disse Lennox, dirigindo-se à saída.

Caithness estava prestes a segui-lo quando Angus pegou seu braço.

— Um bebê — sussurrou ele, a voz embargada. — Numa caixa de sapatos.

— Uma vítima inocente na luta contra o crime organizado — disse ela. — Acontece. E Macbeth querer esconder esse fato da imprensa pra evitar um escândalo não faz dele um assassino.

Caithness viu Angus soltar seu braço como se fosse um galho em chamas. Ele deu um passo para trás e olhou bem para ela. Caithness se virou e saiu.

Na escada de aço até o térreo, o frio atingiu suas faces quentes.

Antes de sair, ela parou diante de um dos fornos. Havia listras e marcas de cinzas.

Lennox estava na porta da fábrica acenando para o táxi vir até eles, para que não pegassem chuva.

— Do que Angus estaria atrás? — perguntou ele.

— Atrás?

Caithness se virou e olhou para cima, para o escritório que mais parecia um galpão.

— Ele deve saber que é jovem demais pra um cargo de gerência — comentou Lennox. — Aqui! Estamos aqui! Ou será que tudo isso tem a ver apenas com honra e fama?

— Talvez seja o que ele disse. Alguém tem que parar Macbeth.

— Em nome do dever? — Lennox sorriu, e Caithness ouviu o triturar do cascalho sob pneus. — Todo mundo quer alguma coisa, Caithness. Você não vem?

— Claro.

Caithness só enxergava o vulto de Angus atrás da janela. Ele não se movera desde que os dois saíram de lá. Continuava em pé. À espera, ao que parecia.

Quanto tempo demoraria para Lennox informar Macbeth sobre aquela tentativa de motim?

O que ela faria com o que Angus lhes contara?

Levou a mão ao rosto. Sabia por que estava quente. Era rubor. Estava ruborizada de vergonha.

Lennox pegou o atalho através do saguão da Estação Central. Gostava de atalhos, de encurtar distâncias. Sempre fora assim. Já havia comprado balas para conquistar amigos, inventara ter mergulhado do alto de um guindaste no cais do porto, pagara a uma garota que trabalhava no balcão do aeroporto que bateu uma punheta para ele. Usava sapatos de solado mais alto que o normal, colara em provas e ainda por cima adulterava as notas quando os resultados saíam. Seu pai costumava dizer — geralmente em reuniões de família, e sem sequer tentar disfarçar a quem se referia — que apenas um homem sem espinha dorsal faria uso de atalhos. Quando seu pai dera um pequeno presente para a universidade particular da cidade, assim poupando a si e ao filho a infelicidade de ele estudar numa universidade pública, Lennox também forjou o diploma de graduação. Não para mostrar a potenciais

empregadores, mas ao próprio pai, que pediu para vê-lo. Claro que isso foi um desastre, porque Lennox não tinha espinha dorsal para resistir aos olhares e às perguntas desconfiadas do pai, e o pai disse que não entendia como um molusco como Lennox conseguia ficar de pé; ele não tinha um único osso no corpo!

Podia até ser, mas ele definitivamente tinha espinha suficiente para ignorar os traficantes que vinham até ele sussurrando ofertas. Eles reconheciam um usuário só de olhar para eles. No entanto, não era assim que ele recebia sua brew, mas em envelopes marrons sem destinatário. Ou quando, em certas ocasiões, solicitava tratamento vip, era conduzido com venda nos olhos — tal como um prisioneiro de guerra a caminho do pelotão de fuzilamento — para a cozinha secreta, onde recebia sua dose direto do caldeirão.

Passou diante de Bertha Birnam, onde Duff havia caído na mentira sobre o juiz de Capitol. Mas Hécate não dissera nada sobre Macbeth ter matado a esposa e os filhos de Duff. Lennox acelerou o passo ao atravessar a Praça dos Operários, como se precisasse correr antes que alguma coisa acontecesse. Alguma coisa dentro dele.

— Macbeth está ocupado — informou o recepcionista do Inverness.

— Diga que é o inspetor Lennox. É importante e vai levar apenas um minuto.

— Vou ligar pra ele, senhor.

Enquanto Lennox esperava, passou os olhos ao redor. Não conseguia identificar o que era, mas faltava algo. Um toque especial. Talvez fosse apenas a atmosfera que havia mudado; talvez fosse porque alguns sujeitos não tão elegantes riam alto demais quando entravam na sala de jogos. Esse tipo de cliente era uma novidade.

Viu Macbeth descendo as escadas.

— Olá, Lennox.

— Olá, comissário-chefe. O cassino está bem movimentado hoje.

— São os que preferem o dia. Vieram diretamente do Obelisco, já que o Comitê de Jogos fechou o lugar há algumas horas. Olha, não tenho muito tempo. Vamos nos sentar aqui?

— Obrigado, senhor. Só queria informá-lo sobre uma reunião que aconteceu hoje.

Macbeth bocejou.

— Sim.

Lennox respirou. Hesitou. Porque havia milhões de maneiras de começar. Milhares de maneiras de formular a mesma mensagem. Centenas de palavras para começar. Entretanto, apenas duas opções.

Macbeth franziu a testa.

— Senhor — disse o recepcionista. — Mensagem da mesa de blackjack. Estão perguntando se podemos botar outro crupiê. Estão formando fila.

— Já estou indo, Jack. Desculpa pela interrupção, Lennox. Lady é quem geralmente cuida disso. Então?

— Sim. A reunião...

Lennox pensou em sua família. Sua casa. No Jardim. No bairro seguro onde as crianças ficavam protegidas das maldades do mundo. Na universidade que frequentariam. No contracheque que tornava isso tudo possível. Mais os rendimentos extraoficiais que vinham junto e que agora viraram necessidade para que a conta fechasse. Não era por ele; era pela família, a família, a família. *Sua* família, não uma casa em Fife, não...

— Sim?

Alguém surgiu à porta principal.

— Senhor!

Eles se viraram. Era Seyton. Ele arfava.

— Pegamos ele, chefe.

— Pegamos...?

— Duff. E o senhor acertou. Ele está a bordo de um navio mercante. O MS *Glamis*.

— Fantástico! — Macbeth se virou para Lennox. — Isso vai ter que esperar, inspetor. Preciso ir agora.

Lennox permaneceu sentado enquanto os dois saíam.

— Um homem ocupado. — O recepcionista sorriu. — Aceita um café, senhor?

— Não, obrigado — respondeu Lennox, olhando para um ponto fixo à frente. Lá fora, a noite começava a cair, mas a

próxima dose só viria dali a algumas horas. Uma eternidade. — Na verdade, acho que vou aceitar o café sim, obrigado.

Uma eternidade para um homem sem espinha dorsal.

28

— Aonde você está indo? — sussurrou Meredith.

— Não sei — respondeu Duff, esticando-se, em vão, para acariciar-lhe o rosto. — Tenho um endereço, mas não sei de quem é.

— Então por que está indo pra lá?

— É uma anotação, feita pouco antes do Banquo e do Fleance morrerem. Diz que é um lugar seguro, e, se eles estavam tentando escapar, talvez seja seguro pra mim também. Não sei. É tudo o que eu tenho, amor.

— Nesse caso...

— Onde você está?

— Aqui.

— Onde é *aqui*? E o que você está fazendo?

Meredith sorriu.

— Estamos esperando você. Ainda é o dia do aniversário.

— Doeu?

— Um pouco. Mas foi rápido.

Duff sentiu um nó na garganta.

— Ewan e Emily... Eles ficaram assustados?

— Shh, querido, não vamos falar sobre isso...

— Mas...

Ela cobriu-lhe a boca com a mão.

— Shh. Eles estão dormindo. Não vamos acordá-los.

A mão dela. Ele não conseguia respirar. Tentou afastá-la, mas era pesada demais. Abriu os olhos.

Na escuridão, viu um vulto acima dele, e esse vulto apertava sua boca. Tentou gritar e agarrou o pulso peludo, mas a pessoa era muito forte. Ele soube quem era quando o ouviu fungar. Era Hutchinson, que se debruçou sobre ele e sussurrou em seu ouvido:

— Nem um pio, Johnson. Ou melhor, Duff.

Já era seu disfarce. Será que havia uma recompensa pela sua cabeça, vivo ou morto? A oportunidade de vingança havia surgido para Hutchinson. Faca? Furadeira? Martelo?

— Presta atenção, Johnson. Se o cara no beliche de cima acordar, você está morto. Entendeu?

Por que o tinha acordado? Por que não o matara?

— A polícia vai estar esperando você quando atracarmos em Capitol. — Ele tirou a mão de cima da boca de Duff. — Agora você sabe, e estamos quites.

A cabine se iluminou por um instante quando a porta se abriu, mas rapidamente se fechou, e o engenheiro foi embora.

Duff abriu e fechou os olhos várias vezes, sem saber ao certo se Hutchinson também era parte do sonho. Alguém tossiu na cama de cima. Duff não sabia quem era. O comissário havia explicado que a falta de catres era porque tinham transportado "algumas caixas de munição muito valiosas" na última viagem, então tiveram de remover alguns beliches e usar duas das cabines, pois os regulamentos só permitiam que armazenassem até certa quantidade de explosivo em um determinado lugar de um navio. Apenas a tripulação com listras no uniforme tinha cabine própria. Duff se levantou e foi às pressas até o corredor. Viu as costas de uma camiseta suja da Esso descendo para a sala de máquinas.

— Espera!

Hutchinson se virou.

Duff correu até ele.

Os olhos do engenheiro luziam. Mas o brilho perverso se fora.

— Do que você está falando? — perguntou Duff. — Polícia? Quites?

Hutchinson cruzou os braços. Deu uma fungada.

— Fui ver Sparks pra... — outra fungada — ... pra pedir desculpas. O capitão estava falando no rádio. Eles estavam de costas pra mim, não me ouviram chegar.

Duff sentiu o coração dar um salto e cruzou os braços.

— Continua.

— O capitão disse que havia um Johnson a bordo que correspondia à descrição. Cicatriz no rosto, a data batia. A voz no rádio disse pro capitão não fazer nada, já que Duff era perigoso, e que a polícia estaria esperando no desembarque. O capitão respondeu que ficava aliviado em ouvir isso depois de ter visto você em ação no refeitório. — Hutchinson correu dois dedos pela testa.

— Por que você está me alertando?

O engenheiro deu de ombros.

— O capitão disse pra eu pedir desculpas pro Sparks. E, que se eu ainda tinha um emprego, era porque você tinha se recusado a me dedurar. E eu quero manter esse emprego...

— E você conseguiu?

Ele deu uma fungada.

— Provavelmente. É a única coisa em que eu sou bom, de acordo com o primeiro-engenheiro.

— Ah, ele falou isso?

Hutchinson sorriu.

— Ele veio me avisar que eu não ia rodar. Que eu sou um furúnculo no cu desse navio, mas que sou um bom engenheiro. E foi embora. Gente estranha nesse navio, não é não? — Ele riu. Parecia quase feliz. — Vou indo pra onde precisam de mim.

— Espera — pediu Duff. — De que vale dizer a um condenado que ele tem uma corda em volta do pescoço? Não tenho como escapar antes de atracarmos.

— Aí não é problema meu, Johnson. Estamos quites.

— Será mesmo? Esse navio transportou as metralhadoras que mataram minha esposa e meus filhos, Hutchinson. Não, não é problema seu, assim como não era problema meu quando o capitão me pediu que desse a ele um motivo justo pra demitir você.

Fungada.

— Pula no mar e vai embora. Não é longe. O tempo estimado de chegada é de nove horas, Johnson. — Fungada.

Duff ficou observando o engenheiro desaparecer nas entranhas do navio.

Então foi até uma vigia e olhou para o mar. O dia amanhecia.

Oito horas até o porto. As ondas estavam altas. Por quanto tempo sobreviveria naquele clima, em águas tão geladas? Vinte minutos? Trinta? Sem falar que, quando estivessem se aproximando da costa, certamente o capitão colocaria alguém para vigiá-lo. Duff apoiou a testa no vidro.

Não havia saída.

Voltou para a cabine. Olhou para o relógio: quatro e quarenta e cinco. Quinze minutos até ter de zarpar, como eles diziam. Deitou-se no beliche e fechou os olhos. Podia ver Meredith: ela lhe acenava da rocha. Acenava para que nadasse até ela.

— Estamos esperando você.

Como um sonho, pensou Macbeth. Ou como nadar debaixo da água em uma caverna. O sonambulismo devia ser mais ou menos isso. Ele segurava a lanterna em uma das mãos e Lady na outra. A luz da lanterna iluminou o outro lado da mesa da roleta e as cadeiras vazias. Sombras se moviam como fantasmas pelas paredes. A imitação de cristal acima deles brilhava.

— Por que não tem ninguém aqui? — perguntou Lady.

— Foi todo mundo pra casa — respondeu Macbeth, iluminando com a lanterna um copo de uísque pela metade sobre uma mesa de pôquer, e, instintivamente, sua mente foi para as drogas. Começava a sentir falta, mas estava se segurando. Ele *era* um homem forte, mais forte que nunca. — Somos só você e eu, meu amor.

— Mas nós nunca fechamos. — Ela soltou a mão dele. — Você fechou o Inverness? E você mudou tudo. Não reconheço mais nada! O que é isso?

Haviam entrado em outra sala, onde o cone de luz iluminou uma fileira de máquinas caça-níqueis. Lá estavam elas, como um bando de ladrões de um braço só, um exército de pequenos robôs adormecidos, pensou Macbeth. Caixotes mecânicos que jamais tornariam a acordar.

— Olha, caixões de crianças — disse Lady. — E são tantos, tantos... — Sua voz foi se apagando, dando lugar ao choro silencioso.

Macbeth a puxou para si, e foram se afastando dos caça-níqueis.

— Não estamos no Inverness, querida. Esse é o Obelisco. Eu queria te mostrar o que fiz por você. Olha, está fechado. Cortaram até a luz. Olha, é a nossa vitória. Esse é o belo campo de batalha do inimigo, querida.

— É feio, é horrível! E fede. Não está sentindo? Fede a cadáver. O cheiro vem do guarda-roupa!

— Querida, querida, é da cozinha. A polícia expulsou todo mundo de imediato, pra que ninguém pudesse mexer nas evidências. Olha, ainda tem carne nos pratos.

Ele iluminou as mesas: toalhas brancas, velas derretidas e restos de comida nos pratos. Enrijeceu quando a luz refletiu dois olhos amarelos e brilhantes voltados para eles. Lady deu um grito. Ele chegou a enfiar a mão na jaqueta, mas vislumbrou apenas um corpo magro e robusto antes de sumir em meio à escuridão. E descobriu que tinha nas mãos uma adaga de prata.

— Relaxa, querida. Era só um cachorro. Deve ter sentido o cheiro de comida e arranjou um jeito de entrar. Pronto, ele já foi.

— Quero sair! Me tira daqui! Quero ficar longe desse lugar!

— Ok, já vimos o suficiente. Agora vamos voltar pro Inverness.

— Eu disse que quero ficar longe desse lugar!

— Como assim? Longe onde?

— Longe!

— Mas...

Ele não completou a frase, apenas o pensamento. Eles não tinham outro lugar para ir. Nunca tiveram, mas agora ele se deu conta disso. Todos tinham família, a casa em que cresceram, parentes, uma propriedade de verão, amigos. Eles dois tinham apenas um ao outro e o Inverness. Nunca lhe passara pela cabeça que isso não seria o suficiente. Nunca até agora, quando eles haviam desafiado o mundo e Macbeth estava prestes a perdê-la. Ela tinha de voltar; tinha de acordar; ele precisava tirar Lady daquele lugar escuro onde ela estava presa — por isso a levara até ali. Mas nem o triunfo deles era capaz de trazê-la de volta à realidade. E ele precisava dela agora, precisava de seu cérebro desperto, de sua mão firme, não de uma mulher que derramava lágrimas silenciosas e que não tinha noção do que acontecia ao seu redor.

— Encontramos Duff — disse ele, conduzindo-a rapidamente pela escuridão em direção à saída. — Seyton pegou um voo pra Capitol, e o MS *Glamis* vai atracar às duas horas.

Havia luz lá fora, mas, no Obelisco, todas as janelas tinham cortinas, e a noite ali era uma criança, a festa não terminava nunca. Mesas de jogos pelas quais ele não se lembrava de ter passado apareceram de repente sob a luz da lanterna, bloqueando o caminho dos dois. O som de seus passos era abafado pelo carpete, e ele pensou ter ouvido o rosnado e o estalar de mandíbulas de cães atrás de si. *Merda! Onde fica?* Onde ficava a saída?

Lennox estava de pé na grama verde. Havia estacionado na estrada principal e colocado os óculos de sol.

Esse era um dos motivos para nunca morar em Fife. Luminosidade demais. Já sentia o sol queimando sua pele rosada, quase branca, como se ele fosse pegar fogo, como um vampiro.

Mas ele não era um vampiro. Algumas coisas só podem ser vistas bem de perto. Como a casa de fazenda pintada de branco bem à sua frente. Só mesmo chegando bem perto é que via que a brancura estava salpicada de pequenos buracos pretos.

29

— Bem-vindo a bordo — disse o capitão do MS *Glamis* quando o prático entrou na ponte de comando. — Gostaria que estivéssemos no horário hoje. Temos uma pessoa esperando por nós.

— Sem problema — disse o prático, apertando a mão do capitão e assumindo sua posição ao lado dele. — Isso se os motores estiverem funcionando.

— E por que não estariam?

— Um dos seus engenheiros pediu meu barco emprestado pra ir a terra, pra buscar uma peça sobressalente pro primeiro-engenheiro.

— Ah, foi? — questionou o capitão. — Ninguém me falou nada sobre isso.

— Provavelmente não é importante.

— Quem era o engenheiro?

— Hutch alguma coisa. Olha, lá estão eles. — O prático apontou para o barco que se afastava rapidamente.

O capitão pegou o binóculo. No convés de popa, viu um boné listrado e as costas de uma camiseta da Esso.

— Algum problema? — perguntou o prático.

— Ninguém sai do navio sem a minha permissão — disse o capitão. — Pelo menos não hoje. — Ele apertou o botão do interfone para chamar a cozinha. — Comissário!

— Sim, capitão. — Veio a resposta.

— Manda o Johnson trazer dois cafés.

— Estou indo, capitão.

— Eu disse o Johnson.

— Ele está passando mal, capitão, então deixei que ficasse de repouso até atracarmos.

— Verifique se ele está na cabine.

— Agora mesmo.

O capitão tirou o dedo do botão.

— Três graus a bombordo — disse o prático.

— Sim, sim — respondeu o primeiro-imediato.

O inspetor Seyton havia dito que a opção mais segura seria que o capitão e o telegrafista fossem os únicos a saber, para que Duff não percebesse que havia sido desmascarado. Seyton e dois de seus melhores homens estariam a postos no cais quando eles atracassem, entrariam no navio e dominariam Duff. E Seyton havia enfatizado que, quando isso acontecesse, queria a tripulação fora do caminho para que ninguém se machucasse, caso tiros fossem disparados. Embora o capitão tivesse a impressão de ter ouvido *quando* tiros fossem disparados.

— Capitão! — Era o comissário. — Johnson está dormindo como um anjo. Quer que eu vá acordá-lo?

— Não, deixa ele dormir. Ele está sozinho na cabine?

— Sim, capitão.

— Ótimo.

O capitão olhou para o relógio. Em uma hora tudo estaria terminado, e ele poderia ir para casa, para a esposa. E tirar alguns dias de folga. Só precisaria comparecer à empresa no dia seguinte, para tratar do relatório da seguradora apontando um número preocupante de casos do mesmo tipo de doença na tripulação que havia trabalhado no porão nos últimos dez anos. Algo a ver com sangue.

— O curso está bom — disse o prático.

— Tomara — resmungou o capitão. — Tomara.

Uma e dez. Dez minutos antes, uma grande cabeça de alce havia aparecido na janelinha do relógio de parede tipo cuco e mugido. Angus olhou em volta. Lamentou a escolha do lugar. Mesmo que fossem apenas vagabundos desempregados e bêbados n'A Muralha

durante o dia agora, era o bar frequentado pelo GOE, e, se alguém da polícia o visse conversando com o repórter, a notícia logo chegaria aos ouvidos de Macbeth. Por outro lado, levantava menos suspeitas do que se sentar em um bar escondido nas ruas menos movimentadas.

Mas Angus não estava nada satisfeito. Não gostou do alce. Não gostou do fato de o jornalista ainda não ter chegado. Teria ido embora havia muito tempo se essa não fosse sua última chance.

— Desculpe pelo atraso.

O R enrolado. Angus ergueu o olhar. Apenas a voz lhe dava a certeza de que aquele homem numa capa de chuva amarela era Walter Kite. Havia lido que ele se recusara repetidamente a ter fotos suas publicadas na TV, em jornais e em revistas de celebridades, pois achava que a aparência da pessoa tirava o foco do texto jornalístico. A palavra era tudo.

— Chuva e trânsito — explicou-se Walt Kite, desabotoando a capa. Pingos de água escorriam dos finos fios de seu cabelo.

— É sempre chuva e trânsito — comentou Angus.

— É a desculpa que usamos — falou o repórter, sentando-se diante de Angus. — A verdade é que a corrente da minha bicicleta soltou.

— Achei que Walter Kite não mentisse.

— Kite, o repórter do rádio, nunca mente — explicou Kite, com um sorriso. — Walter, o indivíduo, já é outra coisa.

— Está sozinho?

— Sempre. Me diga o que não disse ao telefone.

Angus respirou bem fundo e começou a falar. Não sentiu a mesma tensão de quando compartilhara a informação com Lennox e Caithness. Talvez porque a sorte já tivesse sido lançada; não havia caminho de volta. Usou mais ou menos as mesmas palavras da véspera, na Estex, e também relatou o encontro com Lennox e Caithness. Não deixou nada por ser dito. Deu os nomes. Os detalhes sobre a sede do clube e a casa em Fife. A ordem para queimar o corpo do bebê. Enquanto eles conversavam, Kite pegou um guardanapo da caixinha na mesa e pôs-se a limpar as manchas escuras de óleo nas mãos.

— Por que eu? — indagou Kite, pegando um segundo guardanapo.

— Porque você é considerado um repórter corajoso e íntegro.

— É bom saber que as pessoas acham isso — falou Kite, dando uma boa olhada em Angus. — Seu linguajar é mais culto que o dos outros jovens policiais.

— Estudei teologia.

— Então isso explica tanto a maneira de falar como seu interesse em se expor. Você acredita na salvação por meio de boas ações.

— Está enganado, Sr. Kite. Não acredito nem em salvação nem em divindades.

— Você falou com outros jornalistas? — Ele deu um sorrisinho. — Com ou sem integridade?

Angus balançou a cabeça.

— Ótimo. Porque, se eu trabalhar nesse caso, preciso de exclusividade total. Então nem uma única palavra pra outros jornalistas nem pra ninguém. Estamos de acordo?

Angus assentiu.

— Onde posso encontrar você, Angus?

— Meu número de telefone...

— Sem telefones. Endereço.

Angus anotou o endereço no guardanapo sujo de óleo.

— O que vai acontecer agora?

Kite arfou. Do jeito que se faz quando se está convicto da imensa quantidade de trabalho que terá pela frente.

— Tenho que checar alguns dados primeiro. É um caso de grandes proporções, e eu não gostaria de ser flagrado apresentando informações falsas ou ser suspeito de estar agindo por interesses de alguém.

— Meu único interesse é que a verdade seja divulgada e que Macbeth seja impedido de continuar.

Angus percebeu que havia levantado a voz quando Kite passou os olhos na escassa clientela para se certificar de que ninguém tinha ouvido.

— Se isso tudo for verdade, então você está mentindo quando diz que não acredita em divindades.

— Deus não existe.

— Eu me referi à divindade dos *homens*, Angus.

— Você quer dizer a humanidade nos homens, Kite. Desejar o bem é tão humano quanto pecar.

Kite assentiu devagar.

— Bem... O teólogo é você. Embora eu confesse que acredito nisso tudo, vou ter que apurar a história e checar você, como pessoa. Acho que é isso que chamam de... — ele se levantou e abotoou a capa — ... Integridade.

— Quando você acha que pode ser publicado? — Angus respirava com sofreguidão. — É que não confio no Lennox. Ele vai direto pro Macbeth.

— Vou priorizar isso — disse Kite. — Devo ter algo pronto em dois dias. — Ele pegou a carteira.

— Obrigado. Eu pago o meu café.

— Tudo bem. — Kite tornou a guardar a carteira. — Você é uma espécie rara nessa cidade, sabia?

— E definitivamente correndo risco de extinção — disse Angus, com um sorriso débil.

Ficou observando o repórter até que ele chegasse à rua. Deu uma olhada no bar. Ninguém que chamasse a atenção. Todos pareciam ocupados com os próprios assuntos. Dois dias. Precisava tentar permanecer vivo por dois dias.

Seyton não gostava de Capitol. Não gostava das avenidas largas, dos suntuosos prédios antigos do Congresso, de nada: os parques verdejantes, as bibliotecas e a casa de ópera, os artistas de rua, as pequenas igrejas góticas e a catedral ridiculamente extravagante, as pessoas sorridentes nas mesas externas dos restaurantes, nada disso lhe agradava, nem o caríssimo teatro nacional, com suas peças pomposas, seus diálogos incompreensíveis e seus reis megalomaníacos que morrem no último ato.

Foi por isso que preferiu se posicionar de costas para a cidade, os olhos atentos ao mar.

Estavam dentro do centro administrativo do porto e já podiam ver o MS *Glamis*.

— Tem certeza de que não quer ajuda? — perguntou o policial com o distintivo da POLÍCIA DE CAPITOL no uniforme.

Houvera uma discussão sobre jurisdição antes de eles chegarem, mas o comissário-chefe de Capitol fora cooperativo porque, segundo ele, achavam que o assassinato de um policial de outra cidade os afetava e também porque dá para abrir exceções para ações dentro de navios.

— Obrigado mais uma vez, mas tenho certeza — respondeu Seyton.

— Tudo bem, mas quando ele for preso e trazido para terra, nós assumimos.

— Certamente. Contanto que você fique de olho na escada do costado e no navio.

— Ele não vai escapar, inspetor.

O policial de Capitol apontou para homens à paisana em dois barcos a remo a cinquenta metros do cais. Eles fingiam pescar, mas estavam prontos para pegar Duff se ele pulasse na água.

Seyton assentiu. Não fazia muito tempo, estivera esperando em outro porto. Naquela época, havia sido Duff a recusar ajuda, o completo idiota. Mas os papéis tinham se alterado. E faria questão de que Duff soubesse disso. Ele o faria sentir na pele. Por alguns infinitamente longos segundos. A Polícia de Capitol não sabia nada sobre as ordens dadas por Macbeth, naturalmente: Duff não deveria ser trazido a terra, mas carregado. Num saco.

O *Glamis* inverteu a marcha, e o mar foi chacoalhado abaixo da superfície. Em seguida, a água branca subiu e borbulhou como champanhe. Seyton carregou sua submetralhadora MP-5.

— Olafson. Ricardo. Prontos?

Os dois homens do GOE assentiram. Tinham as plantas baixas do navio que mostravam a cabine em que Duff se encontrava. Cabos foram jogados do *Glamis* para o cais, um da proa e outro da popa, aduchados em voltas circulares nos mourões e apertados. A lateral do navio esbarrou de leve nos pneus de proteção, que se queixaram aos guinchos. Um passadiço foi descido.

— Agora — disse Seyton.

Olafson e Ricardo correram pelo cais e subiram pelo passadiço. A tripulação parou para vê-los, boquiaberta; obviamente, o capitão

tinha conseguido manter o segredo. Desceram correndo uma escada de ferro, passando diante de uma porta com a placa de CABINE DO PRIMEIRO-PILOTO. Desceram mais. E mais. Pararam em frente à porta da cabine 12.

Seyton apurou os ouvidos: nada além da própria respiração e do ronco dos motores. Ricardo tinha assumido uma posição mais adiante no corredor, de onde podia vigiar as portas mais próximas, caso Duff estivesse em outra cabine e, tendo percebido a presença deles, tentasse escapar.

Seyton acendeu a lanterna e fez sinal para Olafson. Então entrou. Não havia necessidade da lanterna, pois tinha luz suficiente no interior. Duff estava deitado no beliche inferior, virado para a parede, debaixo de um cobertor. Usava o boné verde que, segundo o capitão, "Johnson" nunca tirava, mantendo-o puxado até os imensos óculos. Apenas uma vez o boné subira, e foi quando o capitão viu a cicatriz. Seyton tirou a arma que seria colocada na mão de Duff e disparou dois tiros na parede atrás deles. As explosões o deixaram temporariamente surdo, e por alguns segundos Seyton só ouviu rangidos bem altos. Duff tinha ficado duro. Seyton aproximou a boca do ouvido dele.

— Eles gritaram — disse. — Eles gritaram, e foi maravilhoso ouvir. Você pode gritar um pouco também, Duff. Porque eu decidi atirar primeiro na sua barriga. Em nome do nosso antigo companheirismo, seu imbecil arrogante.

Um forte cheiro subiu de Duff. Seyton inalou. Mas não foi o encantador aroma do medo. Foi... Suor. Suor envelhecido e masculino. Mais antigo do que os poucos dias que Duff passara desaparecido.

O homem do beliche se virou para ele.

Não era o rosto de Duff.

— Hã? — disse o homem ao se sentar, e o cobertor caiu, revelando um peito nu e braços peludos.

Seyton espetou o cano da metralhadora na testa do homem.

— Polícia. O que você está fazendo aqui? Onde está o Duff?

O homem fungou.

— Estou *dormindo*, como você pode ver. E não faço a menor ideia de quem é esse tal de Duff.

— Johnson — disse Seyton, pressionando o cano na testa do sujeito com tanta força que ele tombou para trás no travesseiro.

Outra fungada.

— O garoto da cozinha? Você já foi olhar na cozinha? Ou nas outras cabines? Nessa viagem, a gente pega qualquer beliche que estiver livre. O que foi que Johnson fez, hein? Tá com jeito de ter sido coisa séria. Se vai fazer um buraco na minha cabeça, é melhor atirar, seu babaca.

Seyton afastou a arma.

— Olafson, pegue o Ricardo e vasculhem o navio.

Seyton observou o rosto inchado à sua frente. Deu-lhe uma cheirada. Será que o homem realmente não conhecia o medo ou era a combinação de fedores das outras funções do corpo que se sobrepunham ao cheiro do medo?

Olafson continuava parado atrás dele.

— Vasculhem o navio! — gritou Seyton.

Em seguida, ouviu os solados das botas de Olafson e Ricardo retumbando pelo corredor e o som das portas das cabines sendo abertas.

Seyton se empertigou.

— Qual é o seu nome e por que está com o boné do Johnson?

— Hutchinson. Pode ficar com o boné, se quiser. Parece que está precisando de alguma coisa pra ajudar na punheta.

Seyton atacou. A arma fez um corte no rosto do homem e o sangue correu. Mas o sujeito não mexeu um músculo, apesar de seus olhos se encherem de lágrimas.

— Responda — sibilou Seyton.

— Acordei com frio, fui colocar a minha camisa que eu deixei ali na cômoda, mas tanto a minha camisa quanto o meu boné tinham sumido, então peguei esse aqui. Eu estava com frio, tá bom?

A voz de Hutchinson tremia, mas o ódio cintilava através das lágrimas. Medo e ódio, ódio e medo, era sempre igual, pensou Seyton, limpando o sangue do cano da MP-5.

Vozes iradas vieram do corredor. Seyton já sabia. Vasculhariam o navio todo, cada canto e cada fenda, em vão. Duff já tinha fugido.

30

Duff apertou o passo enquanto descia largas avenidas ladeadas por magníficas construções antigas e atravessava parques onde via músicos de rua e pintores de retratos. Um simpático casal a uma mesa externa de um restaurante lhe indicou a direção quando ele mostrou o endereço no papel. Ajeitou a barba, que começara a descolar de um lado. Tentando não correr, passou diante da Catedral de Capitol.

Hutchinson tinha se virado.

Enquanto descia a escada. E tinha subido de novo. Escutado a história de Duff. E, mesmo enquanto contava os detalhes, Duff sabia que ele próprio não acreditaria se ouvisse a história de outra pessoa. Mas Hutchinson continuou a assentir como se entendesse. Como se nada lhe parecesse absurdo quando se tratava do que os seres humanos eram capazes de fazer uns aos outros. E, quando Duff terminou, o engenheiro lhe apresentou um plano de fuga. Sem nenhuma hesitação, tão simples e óbvio que Duff presumiu que ele devia ter incubado o plano para si em algum momento. Vestiria as roupas de Hutchinson e esperaria junto à amurada.

— Você tem que ficar de costas pra ponte, pro capitão não ver o seu rosto, assim ele vai pensar que sou eu. O barqueiro vai deixar a escada pra você, se você estiver pronto. Você joga a nossa escada logo, desce e fica esperando lá embaixo quando o barco do prático vier pela lateral. Você tem que falar que precisa estar em terra antes que o *Glamis* atraque, porque tem que pegar uma peça de reposição pro guincho que aperta os cabos no cais.

— Por quê?

— O quê?

— Por que você está fazendo isso por mim?

Hutchinson deu de ombros.

— Eu estava no destacamento encarregado das caixas de munição. Tinha um policial magricela e careca de braços cruzados que parecia que ia cuspir na gente enquanto botávamos a carga no caminhão dele.

Duff aguardou o restante da explicação.

— As pessoas fazem coisas umas pras outras — disse Hutchinson, dando uma fungada. — Acho. — Outra fungada. — E, se eu entendi direito, você está sozinho contra... — ele apontou para os deques mais acima — ... Eles. E eu sei um pouco como é isso.

Sozinho. Eles.

— Obrigado.

— Tranquilo, Johnson. — O engenheiro apertou a mão de Duff. Rápida e timidamente. Então passou a mão no curativo na testa. — Da próxima eu vou estar preparado, e vai ser a sua vez de apanhar.

— Com certeza.

Agora, em Capitol, Duff estava a leste do centro.

— Por favor, onde fica o Distrito 6?

— Pra lá.

Passou por uma banca de jornais. As casas estavam ficando menores e as ruas, mais estreitas.

— Por favor, onde fica a rua Tannery?

— Depois do sinal, é a segunda ou terceira à esquerda.

Uma sirene da polícia soou alto e logo reduziu o volume. O timbre era diferente ali na capital, não tão áspero e cortante. E a melodia era outra. Não tão lúgubre, não tão desarmônica.

— Onde fica o Dolphin?

— A boate? Não está fechada? Bom, está vendo aquela cafeteria ali? Fica bem ao lado.

Mas os olhos demoraram tempo demais na cicatriz, como se tentasse se lembrar de alguma coisa.

— Obrigado.

— De nada.

Rua Tannery, 66.

Duff examinou os nomes ao lado das campainhas no painel perto da porta de madeira lascada. Nenhum deles lhe dizia nada. Puxou a porta. Aberta. Ou melhor dizendo, cadeado quebrado. Estava escuro lá dentro. Ficou parado aguardando as pupilas se adaptarem à escuridão. Uma escada. Jornal molhado, cheiro de urina. Som de tosse tuberculosa atrás de uma porta. Som semelhante à de uma bofetada forte e molhada. Duff subiu as escadas. Havia duas portas em cada andar, e uma porta menor em cada patamar. Tocou uma campainha qualquer. Do outro lado da porta ouviu um latido zangado e o arrastar de pés. Uma senhora baixinha, de aparência quase cômica e cheia de rugas abriu a porta. Não havia corrente de segurança.

— Sim, meu bem?

— Olá, sou o inspetor Johnson.

Ela olhou para ele desconfiada. Duff supôs que ela sentisse o cheiro de Hutchinson na camiseta da Esso. O cheiro parecia ter, pelo menos, acalmado a bolota felpuda que era o cachorro.

— Estou procurando... — O que era mesmo que ele estava procurando? — ... Uma pessoa. Um amigo meu, Banquo. Ele disse que eu o encontraria nesse endereço...

— Desculpa, meu jovem, mas não conheço nenhum Banquo.

— E Alfie?

— Ah, Alfie. Ele mora no segundo andar, do lado direito. Com licença, mas você... é... Sua barba está caindo.

— Obrigado.

Duff arrancou a barba e os óculos enquanto subia até o segundo andar. A porta à direita não tinha nome, apenas uma campainha com um botão pendurado em uma mola de metal.

Duff bateu. Aguardou. Bateu de novo, mais forte. Novamente o som de bofetada molhada no térreo. Ele tentou a maçaneta. Trancada. Será que era melhor esperar e ver se aparecia alguém? Era uma alternativa melhor a mostrar o rosto na rua.

Tosse baixa. O som veio de trás da porta baixa no patamar.

Duff desceu os cinco degraus e girou a maçaneta, que mexeu um pouco, como se alguém a segurasse por dentro. Bateu à porta.

Nada.

— Olá? Tem alguém aí?

Prendeu a respiração e colou o ouvido na porta. O farfalhar de papel, talvez? Alguém se escondia ali.

Duff desceu as escadas com passos barulhentos e pesados. Ali, parou, tirou os sapatos e então subiu novamente, na ponta dos pés.

Agarrou a maçaneta e deu um puxão. Ouviu algo sair voando quando a porta se abriu. Um pedaço de corda.

Deu de cara com uma foto de si próprio.

Não era muito grande e ocupava o canto inferior direito da página, abaixo da manchete.

O jornal desceu, e Duff deu com o rosto de um idoso de barba comprida e desgrenhada. Sentava-se inclinado para a frente, a calça na altura dos tornozelos.

Uma fossa respingo. Duff já havia visto algo parecido antes, nos antigos blocos de apartamentos dos operários ao longo do rio. Presumiu que o nome viesse do som que fazia quando fezes de andares superiores atingiam o tanque de água. Como uma bofetada molhada.

— Desculpa — disse Duff. — Você é o Alfie?

O homem não respondeu, ficou apenas encarando Duff. Depois, bem devagar, virou a folha de jornal, olhou a foto e tornou a olhar para Duff. Umedeceu os lábios.

— Mais alto — disse ele, apontando para a orelha.

Duff aumentou o som da voz:

— Você é o Alfie?

— Mais alto.

— Alfie!

— Shh. Sim, Alfie é ele.

Talvez tivesse sido por causa da gritaria que Duff não tinha ouvido alguém se aproximar. Apenas sentiu um objeto duro na nuca, e havia algo vagamente familiar na voz que sussurrou em seu ouvido:

— E, sim, isso é uma arma, inspetor. Então não se mexa; apenas diga como nos encontrou e quem te mandou pra cá.

Duff fez menção de se virar, mas a pessoa empurrou seu rosto de volta para Alfie, que, pelo visto, considerou o problema resolvido e retomou sua leitura.

— Não sei quem você é — disse Duff. — Encontrei as marcas de escrita de um endereço num bloco no carro do Banquo. E ninguém me mandou pra cá. Estou sozinho.

— Por que veio?

— Porque Macbeth está querendo me matar. E tenho quase certeza de que foi ele quem mandou matar Banquo e Fleance. Então, se Banquo tinha o endereço de um lugar que considerava seguro, talvez sirva pra mim também.

Uma pausa. Para refletir, possivelmente.

— Vem comigo.

Duff foi girado, mas de tal forma que a pessoa com a arma continuava atrás dele. Então foi empurrado escada acima até a porta onde tocara a campainha. Agora estava aberta, e, aos safanões, foi parar em uma sala grande que cheirava a mofo, embora as janelas estivessem abertas. Havia uma mesa longa com três cadeiras, uma bancada de cozinha com pia, uma geladeira, uma cama estreita, um sofá e um colchão no chão. E outro homem estava sentado em uma das cadeiras com os antebraços e as mãos apoiados na mesa, olhando para Duff. Os óculos eram os mesmos e também as longas pernas que se estendiam para fora da mesa. Mas havia algo diferente nele. Talvez a barba. Ou o rosto estivesse mais fino.

— Malcolm. Você está vivo.

— Duff. Sente-se.

Duff se sentou na cadeira diante do comissário-chefe adjunto.

Malcolm tirou os óculos. Limpou-os.

— Então você achou que eu cometi suicídio depois de tirar a vida do Duncan, foi isso?

— No começo, sim. Até que percebi que Macbeth estava por trás do assassinato do Duncan. Então também compreendi que ele provavelmente tinha matado você pra chegar a comissário-chefe. E que a carta de suicídio era falsa.

— Macbeth ameaçou matar minha filha caso eu não assinasse a carta. O que você quer, Duff?

— Ele diz que o... — começou a voz atrás de Duff.

— Eu ouvi — interrompeu-o Malcolm. — E vejo que os jornais estão supondo que Macbeth esteja atrás de você, Duff. Mas é claro

que você pode estar trabalhando pra ele, e a busca pode ser um álibi pra que você se infiltre entre nós.

— E matar a minha família faria parte do disfarce?

— Li sobre isso também, mas não acredito em mais nada, Duff. E, se Macbeth e a polícia realmente tivessem intenção de pegar você, já teriam conseguido.

— Tive sorte.

— E veio pra cá. — Malcolm tamborilou na mesa. — Por quê?

— Um lugar seguro.

— Seguro? — Malcolm balançou a cabeça. — Você é um oficial da polícia, Duff. Sabe que, se você conseguiu nos encontrar com tanta facilidade, então também vai ser fácil pro Macbeth. Uma pessoa razoavelmente inteligente que está sendo procurada pela polícia fica na moita. Não sai pra visitar outros que também constam da lista de procurados. Então me dê uma resposta melhor. Por que aqui?

— O que você acha?

— Quero ouvir de você. A arma está apontando pra onde você tem, ou não, um coração sangrando.

Duff engoliu em seco. Por que teria vindo? Era ter esperanças demais; porém, era a única esperança que tinha. As chances eram mínimas, mas o encadeamento lógico, muito simples. Ele respirou fundo.

— Na noite em que morreu, Banquo ficou de se encontrar comigo pra me revelar alguma coisa. E ele foi a última pessoa a ver você no dia do seu desaparecimento. Então calculei que havia uma chance de te encontrar aqui. E que nós poderíamos ajudar um ao outro. Tenho provas de que Macbeth matou Duncan. Ele sabe disso, por isso está me caçando.

Malcolm arqueou as sobrancelhas.

— E como poderíamos nos ajudar mutuamente? Você não está contando com a polícia aqui de Capitol, está?

— Não. Eles foram orientados a prender nós dois e mandar a gente de volta diretamente pro Macbeth. Mas podemos, juntos, derrubá-lo.

— Pra vingar sua família.

— Sim, esse foi meu primeiro pensamento.

— Mas...?

— Existe algo maior que vingança.

— O cargo de comissário-chefe?

— Não.

— O que, então?

Duff apontou com a cabeça para a janela aberta.

— Capitol é uma cidade elegante, não acha? É difícil não gostar dela, não se apaixonar por ela, tal uma beleza loura sorridente com o brilho do sol nos olhos. Mas nem você nem eu jamais poderemos amá-la, certo? Porque entregamos nosso coração à cidade fétida e pútrida da Costa Oeste. Eu a reneguei, achei que ela não significasse nada pra mim. Que eu e minha carreira fôssemos mais importantes do que a cidade que não tinha feito nada mais além de sombrear nossas emoções, de corromper nosso coração e encurtar nossa vida. Amor absurdo, desperdiçado, foi o que pensei. Mas assim são as coisas. Só nos damos conta de quem realmente amamos quando já é tarde demais.

— E você está disposto a se sacrificar por uma cidade dessa?

— É fácil. — Duff deu um sorrisinho triste. — Eu perdi tudo. Não resta nada mais a perder a não ser minha própria vida. E você, Malcolm?

— Tenho minha filha a perder.

— E você só poderá salvá-la se derrubarmos Macbeth. Escuta. Você é o homem que pode dar sequência ao trabalho do Duncan. E é por isso que eu me ofereço pra seguir você, se estiver disposto a assumir o cargo de comissário-chefe e liderar com justiça.

Malcolm olhou para ele com certo espanto.

— Eu?

— Sim.

Malcolm achou graça.

— Obrigado pelo apoio moral, Duff, mas antes preciso esclarecer algumas coisas.

— Sim?

— Em primeiro lugar, nunca gostei de você.

— Compreensível — disse Duff. — Nunca me importei com mais ninguém a não ser comigo mesmo. Não estou dizendo que hoje sou um homem diferente, mas os acontecimentos me deram,

com absoluta certeza, uma nova visão da vida. Ainda estou longe de ser um homem inteligente, mas talvez seja um pouco menos estúpido do que antes.

— É possível, embora você só esteja dizendo o que quer que eu escute. Mas o que não quero ouvir são esses absurdos sobre conversão. Você pode estar ligeiramente diferente, mas o mundo continua o mesmo.

— O que você quer dizer com isso?

— Que estou feliz por você me considerar relativamente decente. Mas, se vou ter você na minha equipe, preciso saber se esses seus arroubos de anjo com asinhas não vão impedir você de manter os pés firmes no chão. Você não está achando que pode trabalhar comigo sem fechar os olhos pra algumas coisas, não é? Aceitar certas... Práticas estabelecidas pra quem consegue se safar, ou não, e quem recebe o envelope pardo com uma grana extra. Se você tirar tudo de um policial mal pago da noite pro dia, como vai ganhar a lealdade dele? E não é melhor ganhar algumas batalhas pequenas de vez em quando em vez de insistir em perder constantemente grandes guerras?

Duff encarou o homem barbado para ter certeza de que era realmente Malcolm.

— Não ir atrás do Hécate, mas de seus concorrentes menores, é isso?

— Seja realista, meu prezado Duff. Ninguém tem nada a ganhar com um comissário-chefe que não sabe como as coisas funcionam nesse mundo. Nossa missão é fazer da cidade um lugar bem melhor e bem mais limpo do que aquele que nossos antecessores nos deixaram, mas pra isso temos que ser pagos.

— Aceitar pagamento, você quer dizer?

— Não temos a menor chance de vencer o Hécate, Duff. Ainda não. Enquanto isso, podemos deixá-lo pagar alguns dos nossos salários pra estarmos equipados pra lutar contra todos os outros crimes na cidade. E Deus sabe que são inúmeros.

A princípio, Duff sentiu certo cansaço. E uma sensação estranha de alívio. A luta tinha acabado; ele podia desistir, podia descansar agora. Com Meredith.

— Não posso aceitar isso. Você não é a pessoa que eu esperava, Malcolm, então lá se foi minha última esperança.

— Você acha que há pessoas melhores? *Você* é uma pessoa melhor?

— Eu não, mas conheci homens nas entranhas de um navio que são melhores do que você e eu, Malcolm. Então eu vou embora. É melhor decidir se vai me deixar ir ou me matar.

— Não posso deixar você ir, porque agora você sabe onde eu estou. A menos que jure não revelar meu paradeiro.

— Uma jura entre traidores não tem muito valor, Malcolm. Mas mesmo assim não vou jurar. Por favor, dê um tiro na minha cabeça. Tenho uma família esperando por mim.

Duff se levantou; Malcolm também ficou em pé e colocou as duas mãos nos ombros de Duff, forçando-o a voltar para a cadeira.

— Você me fez algumas perguntas, Duff. E, em uma entrevista, as perguntas são frequentemente mais verdadeiras e reveladoras do que as respostas. Eu menti pra você, e as suas perguntas foram as corretas. Mas só tive certeza de que a sua justificada indignação era genuína quando você se dispôs a levar um tiro em prol de uma força policial honesta e uma cidade limpa.

Duff arregalou os olhos. De repente sentiu o corpo pesado, como se fosse desmaiar.

— Há três homens nessa sala — continuou Malcolm. — Três homens dispostos a sacrificar tudo pra continuar o legado do Duncan. — Ele pôs os óculos que estivera limpando. — Três homens que podem não ser melhores do que os outros. Talvez já tenhamos perdido tanto que não nos custa muito sacrificar o resto. Mas essa é a semente e a lógica da revolução, então não nos deixemos levar pela nossa excelência moral. Vamos dizer apenas que temos o desejo de fazer a coisa certa, e não importa se o combustível que alimenta nossa vontade é o senso de justiça — ele deu de ombros —, o desejo de vingança de um pai de família, a vergonha de um traidor, a exaltação moral de um ser privilegiado ou o aterrorizante castigo divino de queimar no inferno. Pois esse *é* o caminho certo, e o que precisamos agora é do desejo. Não há caminhos suaves pra justiça e a pureza, apenas a via difícil.

— Três homens — repetiu Duff.

— Você, eu e...?

— Fleance — completou Duff. — Como você conseguiu escapar, rapaz?

— Meu pai me atirou pra fora do carro e da ponte — disse a voz atrás dele. — Ele me ensinou o que nunca conseguiu ensinar a Macbeth. A nadar.

Duff olhou para Malcolm, que suspirou e, em seguida, sorriu. Duff se surpreendeu ao se pegar sorrindo também. E sentiu algo lhe subir à garganta. Choro? Mas era risada, não lágrimas, o que só veio a perceber ao ver Malcolm cair na gargalhada também, e, depois, Fleance. A risada da guerra.

— Que que está havendo?

Era o velho Alfie, carregando confusão no rosto e o jornal na mão, e eles riram ainda mais.

31

Lennox estava em pé à janela. Olhava lá para fora. Avaliava o peso da granada em sua mão. Angus, Angus. Ainda não havia contado a ninguém sobre o encontro que tiveram na Estex. Por quê? Não saberia dizer. A única coisa que sabia era que não tinha feito absolutamente nada o dia inteiro. Nem no dia anterior. Nem no anterior ao anterior. Toda vez que tentava ler um documento, perdia a concentração. Era como se as letras trocassem de lugar e formassem novas palavras. *Reformar* virava *informar* e *descrição* virava *traição*. Sempre que tirava o fone do gancho para fazer uma ligação, o receptor pesava uma tonelada e ele desistia. Tentou ler o jornal e descobriu que o velho Zimmerman estava concorrendo a prefeito. Zimmerman não era um candidato que despertasse polêmica nem tinha um pingo de carisma; era respeitado por sua competência, até onde sabia, mas não era um concorrente de peso para Tourtell. Também começou a ler um artigo sobre a escalada do tráfico de drogas, que, segundo a ONU, havia se tornado o segundo maior negócio, atrás apenas do tráfico de armas, mas parou ao perceber que estava apenas olhando as palavras, não lendo-as.

Oito dias haviam se passado desde que Duff escapara do cerco para sua captura em Capitol. Quando Lennox e Seyton se apresentaram no gabinete do comissário-chefe, Macbeth ficou tão furioso que literalmente espumava pela boca. Havia bolhas brancas de saliva nos cantos de seus lábios, enquanto, aos gritos, ele se queixava de ter feito papel de idiota em Capitol. E, se Lennox e

Seyton tivessem trabalhado direito e pegado Duff enquanto ele ainda estava na cidade, isso nunca teria acontecido. No entanto, Lennox sentiu certo alívio, apesar da incoerência, ao saber que Duff estava vivo e livre.

Não havia muita luz lá fora, mas seus olhos ardiam. Talvez precisasse de uma dose extra hoje. Apenas para vencer aquele dia; amanhã tudo seria melhor.

— Isso é mesmo uma granada de mão ou é pra ser um cinzeiro?

Lennox se virou para a voz que vinha da porta.

Macbeth estava parado em uma pose estranha, inclinando-se para a frente com os braços largados nas laterais do corpo, como se estivesse resistindo a uma ventania. A cabeça estava inclinada para baixo, de modo que as pupilas que encaravam Lennox se encontravam no alto das pálpebras.

— Foi atirada no meu avô na Primeira Guerra Mundial.

— Mentira. — Macbeth sorriu ao entrar na sala e fechar a porta. — É um modelo alemão, *Stielhandgranate* 24, granada de bastão, e não foi usada antes de 1924. É um cinzeiro.

— Não acho que o meu avô...

Macbeth arrancou a granada da mão de Lennox e começou a puxar o pino.

— Não!

Macbeth ergueu uma das sobrancelhas e olhou para o assustado chefe da Unidade Anticorrupção, que continuou:

— Vai detonar...

— ... A história do seu avô? — Macbeth colocou o cordão e a granada de volta no lugar. — Não queremos isso, não é? Então me diz o que estava pensando, inspetor?

— Corrupção — respondeu Lennox, guardando a granada em uma gaveta. — E anticorrupção.

Macbeth puxou a cadeira para a frente.

— O que é a corrupção na verdade, Lennox? Será corrupto um revolucionário convicto que recebe dinheiro pra se infiltrar em nossa máquina estatal? Será corrupto um funcionário público obediente mas passivo, que não faz nada além de receber regularmente o salário um pouco alto demais em um sistema que ele sabe ser baseado em corrupção?

— Existem muitas áreas cinzentas, comissário-chefe. Como regra, a própria pessoa sabe se é corrupta ou não.

— Então, pra você, é uma questão de sentimento? — Macbeth se sentou, e Lennox fez o mesmo para ficar mais alto que ele.

— Então, se você não se *sente* corrupto porque a família que você mantém depende da sua renda, você *não* é corrupto? Se a sua motivação é boa, se faz isso pro bem da família ou da cidade, podemos simplesmente parafrasear a palavra *corrupção* por, vamos dizer, *política pragmática*.

— Acho que é o contrário — respondeu Lennox. — Acho que, quando se sabe que não há nada além de ganância, a pessoa recorre a paráfrases pra si mesmo. Já o crime moralmente justificado não requer paráfrases. Podemos chamá-lo pelo nome certo. Corrupção, roubo, assassinato.

— Então é isso que você faz? Passa o tempo aqui pensando. Perguntando a si mesmo se é corrupto ou não.

— Eu? — Lennox riu. — Estou falando das pessoas que investigamos, é claro.

— Mas, mesmo assim, sempre falamos de nós mesmos. E eu repito que situações de desespero fazem as pessoas chamarem a própria corrupção por outro nome. E o pagamento que você recebe pra tirar vantagens da sua posição não é dinheiro, e sim altruísmo. Vida. A vida da sua família, por exemplo. Você entende?

— Não sei... — falou Lennox.

— Me deixe dar um exemplo. Um repórter de rádio, conhecido por sua integridade, é contatado por um jovem policial que acha que tem informações capazes de derrubar a autoridade máxima da polícia de uma cidade. O que esse oficial traiçoeiro, vamos chamá-lo de Angus, não sabe é que esse repórter tem certa... certa relação com o comissário-chefe. O repórter teme por sua família, com razão, se não fizer o que o tal comissário-chefe deseja. Então o repórter o informa do crime de insubordinação do policial. O repórter promete voltar a se comunicar com o jovem policial, e o comissário-chefe diz ao repórter pra marcar o encontro em um local onde ninguém possa vê-los nem ouvi-los. Onde o chefe ou seus auxiliares possam... Você sabe.

Lennox não disse nada. Secou as mãos na calça.

— Assim o chefe se protege. Mas ele se pergunta, naturalmente, quem é o corrupto nesse caso: o jovem policial, o repórter de rádio ou... Ou quem, Lennox?

Lennox pigarreou e hesitou.

— O comissário-chefe?

— Não, não, não — Macbeth balançou a cabeça. — A terceira pessoa. Aquela que deveria ter informado o comissário-chefe antes. A terceira pessoa que sabia sobre os planos de Angus, que não faz parte desses planos diretamente, mas, indiretamente, sim, enquanto não for ao chefe alertá-lo. O que ele ainda não fez. Porque precisa pensar. E pensar. E, enquanto pensa, está se colocando na posição de corrupto, não está?

Lennox buscou os olhos de Macbeth. Mas era como encarar o sol.

— O encontro na Estex, Lennox. Não tenho como saber quando você pretendia me contar.

Lennox não parava de piscar.

— Eu... Eu estive pensando.

— Sei, é difícil parar. Os pensamentos continuam vindo, não é mesmo? E por mais que achemos que nossa vontade é livre, ela é governada por pensamentos, sejam os voluntários ou os involuntários. Quem foi procurar você, Lennox?

— Essa pessoa...

— Fala o nome.

— Ele é...

— Fala o nome!

Lennox respirou fundo.

— O oficial de polícia Angus.

— Continua.

— Você conhece o Angus. Jovem. Impulsivo. E, com tudo o que vem acontecendo, qualquer pessoa pode reagir de forma um pouco irracional. Foi nisso que pensei antes de vir até você com essas acusações graves, inclusive tentei incutir nele um pouco de bom senso. Dar tempo pra esfriar a cabeça.

— E, enquanto isso, você me mantém na ignorância? Por presumir que sua opinião a respeito da situação seja melhor que a minha? Que eu não deixaria que Angus, que eu mesmo contratei

pro GOE, tivesse outra chance? Que eu teria sua cabeça ardorosa, porém inocente, cortada na hora?

— Eu... — Lennox procurou palavras para completar a frase.

— Mas você se enganou, Lennox. Sempre dou aos meus subordinados duas chances. E essa regra se aplica tanto a você quanto ao Angus.

— Fico feliz em saber disso.

— Acredito na magnanimidade. Então, eu teria esquecido toda essa história se o Angus tivesse mostrado sinais de arrependimento e se recusado a encontrar o repórter quando ele ligou pra marcar uma segunda entrevista. E a coisa acabava por aí. A vida teria seguido seu rumo. Infelizmente, Angus não fez isso. Ele aceitou. E eu não tenho uma terceira face pra dar.

Macbeth se levantou e foi até a janela.

— O que me leva à *sua* segunda chance, Lennox. Meu repórter foi informado de que você e Seyton estão indo ao seu encontro. Vai acontecer essa noite, na fábrica da Estex, e o Angus acredita que também vai estar presente um fotógrafo, pra fazer registros de um forno em que ele acredita que o corpo de uma criança foi incinerado. E, lá, você mesmo vai punir o traidor.

— Punir?

— Vou deixar que escolha o meio de punição. Minha única exigência é que o resultado seja a morte.

Macbeth se virou para Lennox, que respirava pela boca.

— Depois, Seyton vai ajudar você a descartar o corpo.

— Mas...

— Terceiras chances existem, provavelmente. No céu. Por falar nisso, como vai a sua família?

Lennox abriu a boca, deixando escapar um som.

— Ótimo — disse Macbeth. — Seyton vai buscar você às seis. Dependendo da punição que você escolher, tudo deverá estar terminado em uma hora e meia, por isso sugiro que ligue pra sua charmosa esposa e avise que chegará um pouco atrasado pro jantar. Fiquei sabendo que ela foi ao mercado providenciar os ingredientes pra um bom chouriço de sangue.

Macbeth fechou a porta silenciosamente ao sair.

Lennox levou as mãos à cabeça. Um molusco. Uma criatura sem um osso sequer no corpo.

Uma dose. Ele precisava de uma dose.

Macbeth ia batendo os calcanhares no piso enquanto caminhava pelo corredor. Tentava abafar a voz que gritava que ele tinha de tomar uma dose de power. Ou de brew. Ou outra coisa qualquer. Agora fazia uma semana que estava limpo. Ficaria pior antes de melhorar, mas *melhoraria*. Já havia feito isso antes e faria de novo. O problema era aquele suor insuportável. E como fedia! Fedia a ressentimento, medo e dor. Mas passaria. Tudo passaria. *Tinha* de passar. Entrou na antessala de seu escritório.

— Comissário-chefe.

— Sem recados, sem telefonemas, Priscilla.

— Mas...

— Agora não. Mais tarde.

— O senhor tem uma visita.

Macbeth estacou na hora.

— Você deixou alguém entrar... — ele apontou para a porta do gabinete — ... lá?

— Ela insistiu...

Macbeth notou a expressão de desespero de Priscilla.

— É a sua esposa.

— O quê? — foi sua resposta atônita.

Ele fechou o botão inferior do seu uniforme e entrou no gabinete.

Ela estava de pé atrás de sua mesa, observando o quadro na parede.

— Querido! Você precisa muito fazer alguma coisa a respeito disso aqui.

Macbeth olhou para Lady sem acreditar no que via. Ela usava uma roupa elegante sob um casaco de pele; estava claro que tinha vindo direto do cabeleireiro e parecia tranquila e cheia de vigor. Ele se aproximou dela com cuidado.

— Como... Você está, querida?

— Excelente. Essa pintura é nitidamente uma propaganda ideológica, mas o que está tentando dizer?

Macbeth não conseguia tirar os olhos dela. Onde estava a mulher louca que tinha visto na véspera? Sumira.

— Meu amor?

Macbeth olhou fixamente para a pintura. Viu as características grosseiras dos trabalhadores.

— Alguém colocou isso aí, mas vou substituir esse quadro. Estou tão feliz por você estar se sentindo melhor. Já... Tomou seu remédio?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Sem remédio. Parei de tomar. Parei com todos.

— Porque acabou?

Ela sorriu de leve.

— Vi a gaveta vazia. Você parou de tomar também. — Ela se sentou na cadeira dele. — Um pouco... Apertada, não?

— Talvez.

Macbeth se sentou em uma das cadeiras das visitas. Talvez a loucura de Lady tivesse sido apenas um labirinto e ela houvesse enfim encontrado a saída.

— Que bom que você concorda. Tive uma conversa rápida com o Jack hoje de manhã. Sobre o plano que vocês traçaram pras eleições.

— E o que você achou?

Ela fez beicinho e balançou a cabeça.

— Vocês fizeram o melhor que podiam, mas esqueceram uma coisa.

— O quê?

— Na sua opinião, devemos vazar as informações sobre Tourtell e aquele rapaz pouco antes das eleições. E então você, o herói que pegou Sweno, vai rapidamente preencher o vazio antes que as pessoas depositem seus votos na urna.

— Sim! — exclamou Macbeth, cheio de entusiasmo.

— O problema é que o vazio foi preenchido quando Zimmerman anunciou que estava se candidatando.

— Aquele chato? Ninguém se importa com ele.

— Zimmerman não tem grande atrativos, é verdade, mas as pessoas o conhecem e sabem o que esperar dele. Isso é, elas se sentem seguras com ele. E é importante pras pessoas se sentirem

seguras nesses tempos tão agitados. É por isso que o Tourtell será reeleito agora.

— Você acha mesmo que eu perderia pro Zimmerman?

— Acho — respondeu Lady. — A menos que você conte com o apoio oficial de um Tourtell cuja imagem não tenha sido atingida pelo escândalo e que também tenha dado um jeito no Hécate. Organize essas duas coisas e será imbatível.

Macbeth sentiu um alívio exaurido. Lady escapara do labirinto. Estava ali, tinha voltado para ele.

— Tudo bem, mas como?

— Dando a Tourtell um ultimato. Ele pode sair de cena por vontade própria, alegando idade avançada e saúde fraca, e concedendo a você seu irrestrito apoio oficial, ou podemos forçá-lo a se retirar ameaçando desmascará-lo como o porco pervertido que ele realmente é, e então ele será preso e jogado na cadeia, onde ele sabe o que acontece com os pederastas. Não deve ser a decisão mais difícil de tomar.

— Hum. — Macbeth coçou a barba. — Teremos um inimigo.

— Tourtell? Pelo contrário. Ele entende os embates políticos pelo poder e vai ficar agradecido pela alternativa misericordiosa que demos a ele.

— Vou pensar nisso.

— Não precisa, querido. Não há nada pra pensar. Agora, quanto ao titereiro. Hécate. É hora de se livrar dele.

— Não tenho tanta certeza de que isso seria prudente, querida. Lembre-se de que ele é nosso patrocinador e vai nos apoiar se tivermos que enfrentar adversários.

— Hécate ainda não veio cobrar sua parte por ter feito de você o comissário-chefe, mas logo o dia da prestação de contas vai chegar. E nesse dia você vai fazer isso. — Ela ergueu um cotovelo como se estivesse sendo suspenso por uma corda. — E isso. — Deu um chute. — Você quer ser marionete de Hécate, meu amor? Reduzir os ataques contra ele não será suficiente; ele vai querer mais e mais, e ao final vai querer tudo. Pessoas como ele são assim. Então a pergunta é: quer deixar Hécate controlar a cidade através de você? Ou — ela colocou os cotovelos na mesa — quer tomar

pra si as marionetes? Ser o herói que pegou Hécate e se elegeu prefeito?

Macbeth olhou fundo nos olhos dela. Então assentiu devagar.

— Vou convidar Tourtell pra uma partida reservada de blackjack — disse Lady, levantando-se. — E você vai mandar uma mensagem pro Hécate dizendo que gostaria de se encontrar com ele cara a cara.

— E por que você acha que ele ia concordar?

— Porque você vai entregar a ele uma maleta de ouro em agradecimento por ele ter colocado nós dois no topo.

— E você acha que ele vai morder a isca?

— Algumas pessoas ficam cegas pelo poder, outras pelo dinheiro. Hécate pertence a esse último grupo. Você vai saber os detalhes mais tarde.

Macbeth a acompanhou até a porta.

— Querida — disse ele, apoiando a mão nas costas dela e acariciando o casaco de pele espessa —, é bom ter você de volta.

— Sinto o mesmo — disse ela, oferecendo o rosto para um beijo. — Seja forte. Vamos tornar um ao outro forte.

Ele a observou cruzar a antessala com seu andar deslizante e ficou matutando se algum dia conseguiria entendê-la completamente. Mas será que ele queria isso mesmo? Não era exatamente o mistério que a tornava tão irresistível?

Lennox e Seyton haviam estacionado do outro lado da rua, em frente à entrada da Estex. Estava tão escuro que Lennox não conseguia ver a chuva fina que caía, mas ouvia o sussurro que ela produzia no teto do carro e no para-brisa.

— Lá está o jornalista — disse Seyton.

O farol de uma moto oscilava de um lado para o outro na estrada. Então cruzou o portão e sumiu de vista lá dentro.

— Vamos dar a ele dois minutos — falou Seyton, checando a metralhadora.

Lennox bocejou. Por sorte, tinha conseguido uma dose.

— Agora — falou Seyton.

Eles saíram do carro. Correram na escuridão, passaram pelo portão e entraram no prédio da fábrica.

Vozes vinham do alto, onde ficava a sala do encarregado.

Seyton farejou o ar. Foi na direção da escada de aço.

Subiram pé ante pé, e Lennox sentiu a maravilhosa ausência de pensamento e o aço do corrimão, que estava tão gelado que queimava a palma das mãos. Os dois pararam diante da porta. O efeito da droga lhe dava a sensação de estar no quarto aquecido, vendo a si próprio. O zunido das vozes lá dentro fez com que Lennox se lembrasse dos pais conversando na sala quando ele, ainda pequeno, já tinha ido para a cama.

— Quando vai ser publicado? — Era a voz de Angus.

A resposta veio numa fala arrastada em tom arrogante com longos Rs embolados:

— Sem levar em conta que no rádio não *publicamos* nada, espero que...

Quando Seyton abriu a porta, foi como se alguém tivesse pressionado o botão stop do toca-fitas. Os olhos de Walt Kite atrás dos óculos se esbugalharam. Medo? Inquietação? Alívio? Definitivamente, não era surpresa. Lennox e Seyton tinham sido pontuais.

— Boa noite — disse Lennox, sentindo um sorriso caloroso se abrir no rosto.

Angus se levantou jogando a cadeira no chão ao enfiar a mão no casaco. Mas congelou ao ver a metralhadora de Seyton.

No silêncio que se seguiu, Kite abotoou a capa de chuva amarela. Foi como estar no banheiro masculino: nenhuma troca de olhares, nenhuma palavra dita; ele simplesmente saiu rápido dali, de cabeça baixa. Tinha cumprido seu papel. Aos outros cabia o trabalho sujo.

— O que está esperando, Lennox? — indagou Angus.

Lennox tomou ciência do próprio braço estendido e da arma que segurava.

— O repórter se afastar, pra não ouvir o tiro — respondeu ele.

O pomo de adão de Angus subia e descia.

— Então você vai atirar em mim?

— A menos que você tenha outra sugestão. Tenho total liberdade pra escolher como isso deve acontecer.

— Ok.

— Ok de *eu entendo* ou ok de *sim, quero levar um tiro*?

— De...

Lennox atirou. Naquele espaço fechado, sentiu a pressão da explosão nos tímpanos. Abriu os olhos. Angus permanecia em pé à sua frente, só que de queixo caído. E havia um buraco na pasta de arquivo sobre a prateleira atrás dele.

— Desculpe — disse Lennox, dando dois passos à frente. — Achei que um tiro repentino na cabeça seria a solução mais humana nesse caso. Mas a cabeça humana é muito pequena. Fique parado, por favor...

Uma risadinha nervosa lhe escapou.

— Inspetor Lennox, sem...

O segundo tiro acertou o alvo. E o terceiro.

— Não entenda como uma crítica — disse Seyton, observando o corpo sem vida —, mas teria sido mais prático se você o tivesse mandado entrar em um dos fornos lá embaixo. Agora vamos ter que carregá-lo até lá.

Lennox não respondeu. Estava fascinado pela crescente poça formada pelo sangue que brotava do corpo do jovem e vinha em sua direção. Havia algo estranhamente belo nas formas e na gradação das cores, no vermelho intenso, na maneira como se estendia em todas as direções, como balões vermelhos. Carregaram Angus escada abaixo, depois foram buscar as cápsulas vazias, lavar o piso e arrancar a primeira bala que ficara na parede. Então desceram de novo, tiraram o relógio e a correntinha com uma cruz de ouro antes de manobrarem o corpo para dentro de um forno, fecharam a porta e acenderam o fogo. Esperaram. Lennox olhou para a calha que ia do fundo da fornalha para um tanque no piso.

Um silvo baixo e prolongado escapou da fornalha.

— O que acontece com...?

— Evapora — disse Seyton. — Tudo evapora ou se transforma em cinzas quando a temperatura chega a mais de dois mil graus. Exceto metal, que simplesmente derrete.

Lennox assentiu. Não conseguia tirar os olhos da calha. Uma gota cinzenta e vacilante apareceu coberta por uma membrana, como um revestimento.

— Chumbo — comentou Seyton. — Derrete a 350 graus.

Esperaram. Afinal, o silvo parou.

Então veio uma gota dourada.

— Chegamos a mil agora — disse Seyton.

— O que... O que é isso?

— Ouro.

— Mas nós tiramos...

— Dentes. Vamos esperar até que alcance mais de 1.600 graus, pro caso de ter aço no corpo. Depois disso, é só aspirar as cinzas. Ei, você está bem?

Lennox assentiu.

— Um pouco tonto. Eu nunca... nunca tinha atirado em ninguém. Você já, então tenho certeza de que lembra como foi a primeira vez.

— Sim — confirmou Seyton em voz baixa.

Lennox ia perguntar como ele se sentira, mas o cintilar nos olhos de Seyton fez com que mudasse de ideia.

32

Macbeth estava no telhado do Inverness olhando para leste por um binóculo. Não era fácil distinguir na escuridão, mas será que aquela fumaça não vinha da chaminé da Estex? Se fosse esse o caso, o assunto estava resolvido. E eles tinham mais dois homens enredados em sua teia de aranha. Dois homens com sangue nas mãos. Kite e Lennox. Kite poderia vir a ser útil na época das eleições. Se houvesse outros candidatos na corrida eleitoral. E Lennox logo teria de encontrar outro traficante. Pois, não demoraria muito, Hécate não seria mais do que uma lenda também.

Macbeth tinha esperado na escada para o banheiro da Estação Central por 15 minutos até Strega aparecer. Inicialmente, ele havia rejeitado os saquinhos de power, avisando que só queria dar uma mensagem para Hécate. Queria encontrar-se com ele o mais rápido possível, compartilhar seus planos para o futuro e lhe dar um presente como prova da própria gratidão — e de Lady também — pelo que Hécate havia feito por eles. Um presente que Macbeth tinha certeza de que Hécate — caso fossem verídicos os rumores sobre ele gostar de ouro — apreciaria.

Strega tinha dito que entraria em contato. Talvez.

Sim, havia fumaça saindo da chaminé.

— Querido, Tourtell chegou.

Macbeth se virou. Lady estava parada à porta. Usava o vestido vermelho.

— Estou indo. Você está linda. Eu já disse isso?

— Sim. E isso é a única coisa que vai dizer por um tempo, meu amor. Daqui em diante, deixe que eu falo; assim seguiremos o plano à risca.

Macbeth riu. Sim, ela estava de volta.

A sala de jogos e o restaurante estavam tão abarrotados de clientes que os dois precisaram literalmente abrir caminho até a mesa de jogo que haviam montado na pequena sala reservada no final do restaurante, onde Tourtell os esperava.

— Veio sozinho hoje? — perguntou Macbeth, apertando a mão do prefeito.

— Os jovens têm que estudar pras provas — respondeu Tourtell, com um sorriso. — Vi uma fila lá fora.

— Desde as seis horas — disse Lady, sentando-se ao lado dele. — Estamos tão lotados que precisei convencer Jack a ficar como crupiê.

— Um sinal de que há espaço pra dois cassinos nessa cidade — comentou Tourtell, bulindo na gravata-borboleta preta. — Você sabe como os eleitores ficam chateados quando não podem sair e desperdiçar dinheiro.

— Concordo — disse Lady, chamando um garçom. — O prefeito teve uma noite de sorte, Jack?

— É um pouco cedo pra dizer — respondeu Jack, sorrindo de onde se encontrava, vestindo a jaqueta vermelha de crupiê. — Mais uma carta, senhor prefeito?

Tourtell considerou as duas que recebera.

— Quem não arrisca não petisca, não é mesmo, Lady?

— Não poderia estar mais certo. E é por isso que decidi te falar sobre um consórcio que está interessado em investir seu capital, não só pra assumir o controle do Obelisco, mas também pra reformá-lo e reinaugurá-lo como o cassino mais atraente do país. É claro que há um risco financeiro, considerando que a reputação do Obelisco vem sendo arrastada pra lama, mas nós estamos dispostos a garantir que um novo proprietário e um novo estilo possam mudar isso.

— "Nós"?

— Sim, eu faço parte do consórcio. E Janovic, um investidor imobiliário de Capitol. Como você mesmo disse, é importante pra

cidade que o Obelisco volte a funcionar. Basta pensar em todos os tributos que trará dos municípios vizinhos. E quando abrirmos o espetacular Obelisco totalmente repaginado, dentro de alguns meses, será uma atração turística. Vai vir gente de Capitol pra apostar na nossa cidade, Tourtell.

Ele olhou a carta que Jack lhe dera e suspirou.

— Estou sentindo que essa não vai ser uma noite de muita sorte pra mim.

— Não duvide — disse Lady. — Ainda estamos aceitando novos membros no consórcio, e consideramos você um investidor em potencial. Afinal, também precisará de algo ao qual recorrer depois que seu mandato terminar.

— Investidor? — Ele riu. — Como prefeito, acho que não tenho autorização legal pra isso, sem falar no dinheiro. Essa festança de participações vai ter que acontecer sem mim.

— As participações podem ser pagas de várias maneiras — explicou Lady. — Com serviços prestados, por exemplo.

— O que está sugerindo, minha bela duquesa?

— Que você apoie publicamente a candidatura do Macbeth pra prefeito.

Tourtell tornou a observar as cartas.

— Eu já prometi que vou fazer isso. Vou apoiá-lo, e sou famoso por cumprir minhas promessas.

— *Nessa* eleição.

Tourtell ergueu os olhos das cartas e fixou-os em Macbeth.

— Nessa?

Lady pôs a mão no braço do prefeito e chegou mais perto dele.

— Sim, porque você não vai se candidatar à reeleição.

Ele pestanejou duas vezes.

— Não vou?

— É verdade que você insinuou que faria, mas mudou de ideia.

— E por quê?

— Sua saúde está debilitada, e o cargo requer um homem cheio de energia. Um homem com visão do futuro. Assim que não for mais prefeito, você terá liberdade pra aderir a um consórcio que, na prática, terá o monopólio dos cassinos dessa cidade e que, ao

contrário das cartas que tem nas mãos, vai fazer de você um homem muito rico.

— Mas eu não quero...

— E você recomenda que os eleitores elejam Macbeth como seu sucessor porque ele é um homem *do* povo, que trabalha *pro* povo e governa *com* o povo. E porque ele, no exercício da função de comissário-chefe, destruiu tanto Sweno como Hécate e prova que *faz* o que deve ser feito.

— Hécate?

— Macbeth e eu estamos antecipando um pouco essa parte dos eventos, mas Hécate é um homem morto. Vamos marcar um encontro do qual ele não sairá vivo. Isso é uma promessa, e eu também sou famosa por cumprir as promessas que faço, meu caro senhor prefeito.

— E se eu não concordar com esse... — ele cuspiu as palavras como uvas podres —... *negócio de participação*?

— Seria uma lástima.

Tourtell empurrou a cadeira para trás e segurou uma das dobras do queixo entre o indicador e dedo médio.

— O que mais você tem, mulher?

— Tem certeza de que não devemos parar por aí? — perguntou Lady.

Jack pigarreou e bateu o dedo no baralho.

— Mais alguma carta, senhor prefeito?

— Não! — rosnou Tourtell, sem desgrudar os olhos de Lady.

— Como quiser. — Ela suspirou. — Você será preso e acusado de comportamento indecoroso com um rapaz menor de idade. — Ela acenou com a cabeça para a carta que Jack havia colocado na frente dele. — Veja, você foi longe demais, passou de 21. Estourou.

Tourtell se virou para Lady com seus pesados olhos vítreos de peixe. O lábio inferior úmido e saliente contraiu-se.

— Vocês não vão me pegar — sibilou ele. — Estão me ouvindo? Não vão me pegar!

— Se temos condições de pegar Hécate, certamente podemos pegar você.

Tourtell se levantou. Olhou para eles. As dobras de seu queixo, as bochechas vermelhas, o corpo inteiro tremendo de fúria. Então

girou nos calcanhares e saiu batendo os pés, as partes internas da calça roçando uma na outra na altura das coxas.

— O que você acha? — perguntou Macbeth depois que ele se foi.

— Ah, ele vai fazer tudo o que nós queremos — afirmou Lady. — Tourtell não é nenhum jovenzinho bobo. Só precisa de um tempo pra calcular suas chances antes de fazer sua jogada.

Caithness sonhou com Angus. Ele telefonava, mas ela não se atrevia a pegar o fone do gancho, pois tinha certeza de que alguém havia adulterado seu telefone e que ele explodiria. Ao acordar, virou-se para o despertador na mesinha de cabeceira ao lado do telefone que tocava. Passava da meia-noite. Só podia ser um assassinato. Torceu para que fosse um assassinato, um assassinato comum, e não... Pegou o fone.

— Alô?

De novo o clique que vinha ouvindo desde o dia do encontro na Estex.

— Desculpe por ligar tão tarde — era uma voz desconhecida e jovem —, só queria confirmar se você está vindo para o 323 no horário habitual amanhã, sexta-feira.

— Indo aonde?

— Desculpe, talvez eu tenha ligado errado. É a Sra. Mittbaum?

Caithness despertou na mesma hora e se sentou na cama. Passou a língua nos lábios. Imaginou os rolos de fita do gravador numa sala em algum lugar, talvez na Unidade de Inteligência, no primeiro andar da central.

— Não, não sou eu — respondeu ela. — Mas eu não me preocuparia. Pessoas com sobrenomes alemães costumam ser pontuais.

— Me desculpe. Boa noite.

— Boa noite.

Voltou a se deitar com o coração disparado.

323. O número do quarto no Grand Hotel onde ela e Duff se encontravam na hora do almoço, reservado em nome de Mittbaum.

33

Hécate girou a luneta apoiada no tripé. A luz da manhã atravessava os vãos entre as nuvens e descia como pilares até a cidade.

— Quer dizer que Macbeth falou que planeja me matar no nosso encontro?

— Sim — confirmou Bonus.

Hécate olhou pela luneta.

— Olha só isso. Já formou uma fila na porta do Inverness.

Bonus olhou em volta.

— Os garçons não vieram hoje?

— Os meninos, você quer dizer? Eu os contrato só quando preciso, exatamente como faço com essa suíte na cobertura. Possuir coisas é ficar preso a elas. E a pessoas, Bonus. Mas, quando você percebe que seu carro está tão cheio de tralhas que já não avança mais, você joga fora as tralhas, não o carro. E Macbeth não compreendeu isso ainda. Que eu sou o carro, não a tralha. Strega, você ligou pro Macbeth?

O homem-mulher muito alto, que acabara de entrar na sala, saiu das sombras.

— Sim.

— E o que vocês combinaram?

— Ele vem sozinho amanhã, às seis, pra conversar com você.

— Obrigado.

Ela voltou a se fundir às sombras.

— Fico me perguntando como ele ousa — comentou Bonus.

— Como ele ousa? — questionou Hécate. — Ele não consegue se controlar. Virou uma mariposa, atraída desenfreadamente pra luz do poder.

— E, como uma mariposa, vai se queimar.

— Talvez. O que Macbeth mais tem a temer é, tal como a mariposa, a si próprio.

Caithness olhou no relógio. Doze minutos para as doze horas. Então ergueu o olhar para a porta do quarto de hotel à sua frente. Jamais esqueceria aqueles números em latão, por mais que vivesse e por mais homens que conhecesse, amasse e com os quais partilhasse dias e noites.

323.

Ainda dava para desistir. Mas tinha ido até ali. Por quê? Por pensar que encontraria Duff de novo e que algo teria mudado? A única coisa que havia mudado agora era que ela sabia ser capaz de sobreviver perfeitamente bem sem ele. Ou foi por ter imaginado que atrás da porta poderia haver outra oportunidade, a oportunidade de fazer a coisa certa? Justamente o que não conseguira fazer ao virar as costas para Angus, na Estex. Tinha conseguido o número de seu telefone residencial, mas ninguém atendera.

Ergueu a mão.

A porta explodiria se ela batesse.

Bateu.

Esperou. Estava prestes a bater de novo quando a porta se abriu. Um jovem.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Fleance, filho do Banquo.

A voz ao telefone.

Ele lhe deu passagem.

— Por favor, entre, Sra. Mittbaum.

O quarto estava como antes.

Malcolm estava como antes.

Mas não Duff. Ele envelhecera. Não só nos meses e anos desde que o vira pela última vez sentado no cobertor aveludado da cama

de hotel, à espera dela, como agora; também nos dias que se passaram desde que ele saiu da casa dela pela última vez.

— Você veio — disse Duff.

Ela assentiu.

Malcolm tossiu e limpou os óculos.

— Você não parece muito surpresa em nos ver aqui, Caithness.

— Estou mais surpresa em *me* ver aqui — rebateu ela. — O que está acontecendo?

— O que você espera que esteja acontecendo, Caithness?

— Espero que seja um complô pra destituir Macbeth.

Seyton abaixou a alavanca e abriu a porta de ferro. Macbeth entrou e ligou o interruptor. Os tubos de neon piscaram duas vezes antes de lançarem uma fria luz azul sobre as prateleiras em que repousavam caixas de munição e uma variedade de armas. No piso da sala quadrada havia um cofre e duas Gatling parcialmente desmontadas. Macbeth foi até o cofre, girou o disco e abriu. De dentro do cofre, pegou uma mala de viagem com estampa de zebra.

— A sala de munição era o único lugar com paredes grossas o suficiente — disse ele. — E, mesmo assim, dentro de um cofre.

— Então é uma bomba?

— Sim — respondeu Macbeth, que havia se agachado e aberto a mala. — Disfarçada como uma maleta de ouro. — Ele ergueu as barras que cobriam o fundo. — As barras são de ferro, cobertas com uma camada de ouro, mas a bomba que tem no espaço abaixo... — ele abriu a tampa do fundo falso — ... é totalmente genuína.

— Minha nossa — falou Seyton, assobiando baixinho. — Um clássico IED bomba-relógio.

— Genial, não? O ouro serve pra que ninguém suspeite de nada por causa do peso. Foi projetado pra explodir o Inverness.

— Ah, aquele caso. E por que a bomba não foi destruída?

— Ideia minha — respondeu Macbeth, estudando o mecanismo do relógio. — É um trabalho fantástico, muito intrincado, e conseguimos desarmar a bomba totalmente. Imaginei que poderia servir ao GOE algum dia. E a hora chegou. — Ele mexeu em um pino de metal do tamanho de um palito de fósforo. — É só puxar

isso que o relógio inicia a contagem regressiva. Parece fácil, mas levou quase quarenta minutos pra desativarmos tudo, e só restam 25 minutos e 55 segundos no relógio. Por isso, se eu puxar esse pino não tem mais volta.

— Sua conversa com Hécate terá que ser rápida, então.

— Rá. Não vai ser um encontro longo. Vou dizer que o ouro é a prova da minha gratidão pelo que ele já fez e que haverá mais se ele me ajudar a me eleger prefeito.

— Você acha que ele vai aceitar?

— Não sei, mas, mesmo se não aceitar, vai estar morto dez minutos depois. O importante é que ele não suspeite de nada, e ele está ciente de que nada sai de graça nessa cidade. Vou pedir que pense a respeito, depois vou olhar no relógio, dizer que tenho uma reunião com um grupo de diretores, o que é verdade, e sair.

— Desculpa interromper... — Eles se viraram para a porta. Era Ricardo. — Telefone.

— Pode dizer que eu ligo de volta — respondeu Seyton.

— É pro comissário-chefe.

Macbeth percebeu a frieza quase imperceptível na voz. Ele havia notado isso quando foi para o GOE antes. Como os homens haviam resmungado uma saudação por dever de ofício e em seguida desviado o olhar, supostamente ocupados com outros afazeres.

— Pra mim?

— Sua recepcionista transferiu a ligação. Diz que é o prefeito.

— Onde fica o telefone?

Ele seguiu o veterano do GOE. Algo no rosto fino e aristocrático de Ricardo, no brilho escuro de sua pele e no molejo do corpo ao caminhar sempre levara Macbeth a imaginar o oficial como descendente de uma tribo de caçadores de leões. Como era mesmo que isso se chamava? Um homem honrado e leal. Macbeth sabia que Ricardo estaria disposto a seguir seus irmãos até a morte, se necessário. Um homem que valia seu peso em ouro. Ouro de verdade.

— Alguma coisa errada, Ricardo?

— Senhor?

— Você está quieto hoje. Alguma coisa que eu deva saber?

— Estamos um pouco preocupados com o Angus, só isso.

— Ouvi dizer que ele estava meio doente. Esse trabalho não é pra qualquer um.

— Minha preocupação é que ele não apareceu pra trabalhar, e ninguém sabe onde ele está.

— Vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Provavelmente precisava de um tempo pra botar a cabeça em ordem. Mas estou vendo que você está preocupado que ele tenha tomado alguma atitude drástica.

— Algo drástico aconteceu com... — Ricardo parou à porta aberta do escritório, dentro do qual um fone repousava sobre a mesa. — Não acho que Angus tenha feito algo errado.

Macbeth parou e olhou bem para ele.

— Então o que você acha?

Seus olhos se encontraram. E Macbeth não viu nem a admiração nem o contentamento que lhe eram dirigidos e que estava acostumado a receber de seus homens do GOE.

Ricardo baixou os olhos.

— Não sei, senhor.

Macbeth fechou a porta depois de entrar e pegou o telefone.

— Sim, Tourtell, pode falar.

— Eu menti. Me identifiquei como o prefeito pra que você me atendesse. Exatamente como você mentiu. Você me prometeu que ninguém ia morrer.

Macbeth notou que era curioso o fato de o medo sufocar a arrogância: desta, não havia um vestígio sequer na voz de Walt Kite.

— Você deve ter entendido mal — falou Macbeth. — Eu quis dizer que ninguém *da sua família* ia morrer.

— Você...

— E mantenho minha parte no trato. Se você continuar fazendo o que eu mandar. Estou ocupado, então, se for só isso...

Tudo que ele ouviu do outro lado da linha foi um estalido elétrico.

— Que bom que está tudo esclarecido — concluiu Macbeth, e desligou.

Olhou para a fotografia na parede. Mostrava toda a gangue do GOE n'A Muralha. Os sorrisos largos e as canecas de cerveja erguidas, celebrando mais uma missão bem-sucedida.

Lá estava Banquo. Ricardo. Angus e os outros. E o próprio Macbeth. Tão jovem. Um sorriso tão bobo. Tão inocente. Uma felicidade tão vazia de poder.

— Então é esse o plano — concluiu Malcolm. — Além de você, só nós três sabemos. O que tem a dizer, Caithness? Podemos contar com você?

Estavam sentados bem próximos uns dos outros no exíguo quarto de hotel. Caithness pousou os olhos em cada rosto.

— Se eu disser que o plano é uma loucura e que não quero ter nada a ver com isso, vocês vão me deixar sair daqui tranquilamente e contar tudo ao Macbeth?

— Sim — respondeu Malcolm.

— Isso não é ingenuidade demais?

— Bem. Pra começar, se você estava pensando em correr pra contar tudo ao Macbeth, suponho que primeiro nos diria que é um plano brilhante e que topa. E só então você ia nos dedurar. Recorrer a você foi um risco calculado, nós nos recusamos a acreditar que não haja pessoas boas por aí, pessoas que se importam, que colocam os interesses da cidade à frente do próprio bem.

— E você acha que eu sou uma dessas pessoas?

— Duff acha que sim — respondeu Malcolm. — Na verdade, ele usa palavras mais fortes: diz que *sabe* que você é uma dessas pessoas. E que você é melhor que ele.

Os olhos de Caithness pousaram em Duff.

— É uma ideia brilhante, e eu topo — disse ela.

Malcolm e Fleance acharam graça, e mesmo nos olhos tristes e vazios de Duff ela enxergou um breve vislumbre de riso.

34

Às cinco e cinquenta e cinco da tarde, Macbeth entrou no hall do hotel Obelisco. O saguão espaçoso estava vazio exceto pelo porteiro, dois mensageiros e três recepcionistas de terno preto conversando em voz baixa, que pareciam agentes funerários.

Macbeth foi direto para o elevador que estava com a porta aberta, entrou e apertou o botão do 19º andar. Trincou os dentes e expirou o ar para aliviar a pressão. O elevador mais rápido da cidade — tinham propagandeado, provavelmente para chamar a atenção dos turistas caipiras. A alça da mala parecia escorregar de sua mão. Por que Collum, o malfadado apostador, havia escolhido estampa de zebra como disfarce de uma bomba?

A porta do elevador se abriu e ele saiu. Sabia, de acordo com as plantas do prédio, que as escadas para a suíte da cobertura ficavam à esquerda. Subiu apressado os 15 degraus e seguiu por um curto corredor até a única porta naquele piso. Ergueu a mão para bater. Mas parou e ficou olhando a própria mão. Será que teria mesmo detectado um tremor? O tremor que os veteranos afirmavam tê-los acometido depois de mais ou menos sete anos de trabalho no GOE? O chamado tremor dos sete anos. Não viu tremor algum. Também haviam dito que era pior se *não* aparecesse esse tremor, pois então era, sem dúvida, hora de sair.

Macbeth bateu.

Ouviu passos.

A própria respiração.

Estava desarmado. Passaria por uma revista e não havia motivo para deixá-los nervosos; afinal, era, supostamente, uma reunião de negócios. Repetiu para si mesmo que diria apenas que estava se candidatando a prefeito e entregaria a mala como agradecimento pelos serviços prestados e futuros favores. Essa explicação devia ser plausível.

— Sr. Macbeth?

Era um jovem. Usava calça de montaria e luvas brancas.

— Sim?

O rapaz deu um passo para o lado.

— Por favor, entre.

A suíte da cobertura dava vista para todas as direções. Havia parado de chover e para o oeste, atrás do Inverness, a fina cobertura de nuvens ganhava um tom alaranjado por causa do sol poente. Os olhos de Macbeth se voltaram para mais longe, para além do porto ao sul, para as chaminés das fábricas ao leste.

— O Sr. M.I. disse que chegaria um pouco atrasado, mas não muito — avisou o garoto. — Vou servir um champanhe ao senhor enquanto isso.

A porta se fechou suavemente e Macbeth se viu sozinho. Sentou-se em uma das poltronas de couro perto da mesa redonda de acrílico.

— Sr. M.I. — falou Macbeth e fez um *humpf* de desdém.

Olhou para o relógio. Fazia exatamente três minutos e 35 segundos desde que, sentado ao lado de Seyton no carro do GOE, tinha puxado o pino para ativar a contagem regressiva. Agora restavam 22 minutos e vinte segundos para detonar.

Levantou-se e foi até a grande geladeira marrom junto a uma parede. Vazia. O mesmo com o guarda-roupa. Deu uma olhada no quarto. Intocado. Ninguém morava ali. Voltou para a poltrona, sentou-se novamente.

Vinte minutos e seis segundos.

Tentou não pensar, mas os pensamentos continuavam vindo.

E eles lhe diziam que o tempo estava se esgotando.

Que a escuridão se adensava.

Que a morte se aproximava.

Macbeth respirava calma e profundamente. E se a morte viesse agora? Claro que seria um fim sem sentido, mas não são todos os fins assim? Somos interrompidos no meio da frase da narrativa sobre nós mesmos, e o fim fica suspenso no ar, sem sentido, sem conclusão, sem desvendar o ato final. Um breve eco da última palavra parcialmente verbalizada e você será esquecido. Esquecido, tão esquecido que nem a mais monumental estátua pode mudar isso. A pessoa que você era, a pessoa que você *realmente* era desaparece mais rápido do que anéis concêntricos na superfície da água. E qual foi o propósito dessa breve e interrompida aparição como convidado especial? De ir tocando a vida da melhor maneira possível, de aproveitar os prazeres e a felicidade que ela tem a oferecer enquanto perdura? Ou deixar um legado, mudar a direção das coisas, tornar o mundo um lugar um pouco melhor antes de ter de partir? Será o propósito, talvez, a reprodução da espécie? Espalhar criaturinhas mais adequadas pelo mundo, na esperança de que os humanos se tornem, em algum momento, os semideuses que imaginam ser? Ou simplesmente não há razão? Talvez sejamos apenas frases esparsas em um eterno balbucio caótico no qual todos falam e ninguém escuta e nosso pior pressentimento se revele afinal como comprovado: você está sozinho. Totalmente sozinho.

Dezessete minutos.

Sozinho. Então aparecera Banquo, que o acolhera em seu coração e o aceitara como parte de sua família. E agora ele havia se livrado de Banquo. De todos eles. E estava sozinho de novo. Ele e Lady. Mas o que ele queria com tudo isso? *Ele* queria isso? Ou queria dar isso a alguém? Tinha sido tudo para ela, para Lady?

Catorze minutos.

E ele realmente pensara que aquilo duraria? Ou será que tudo era tão frágil quanto a mente de Lady, sentenciado a se espatifar no solo, esse império que estavam construindo? Será que não era apenas uma questão de tempo? Talvez, mas o que mais temos nós além do tempo, de um pouco de tempo, a natureza frustrantemente transitória da impermanência?

Onze minutos.

Onde estava Hécate? Já era tarde demais para levar a mala ao porto e atirá-la ao mar. A alternativa seria destampar um bueiro de

rua e jogá-la lá dentro, mas era um dia ensolarado, e as chances de Macbeth ser reconhecido eram bem altas depois dos noticiários na TV e da exposição na mídia.

Sete minutos.

Ele se decidiu. Se Hécate não aparecesse em dois minutos, ele iria embora. Deixaria a mala. Torceria para que ele chegasse antes de a bomba explodir.

Cinco minutos. Quatro minutos.

Macbeth se levantou e foi até a porta. Prestou atenção.

Nenhum ruído.

Hora de bater em retirada.

Levou a mão à maçaneta. Puxou. Puxou de novo, com mais força. Trancada. Estava preso ali dentro.

— O senhor está dizendo que foi enganado?

Lady estava de pé ao lado da mesa de roleta. Havia sido chamada porque um cliente começava a causar problemas. Não estava totalmente sóbrio nem totalmente bêbado. Paletó de tweed amarrotado. Ela nem precisou pensar duas vezes: um capiau qualquer, ex-frequentador do Obelisco.

— Claro que fui — falou o homem enquanto Lady inspecionava o salão. Estava mesmo cheio naquela noite. Seria preciso contratar mais funcionários, no mínimo mais dois para o bar. — A bola caiu no 14 três vezes seguidas. Quais são as chances de isso acontecer, me diga?

— Exatamente as mesmas de cair três vezes no 24 e depois no 16 — respondeu Lady. — Uma em cinquenta mil. Exatamente as mesmas pra qualquer outra combinação de números.

— Mas...

— Senhor — Lady sorriu para o homem, tocando-o de leve no braço —, já ouviu falar que, durante um bombardeio, o melhor é se esconder na cratera aberta por uma bomba porque raios nunca caem duas vezes no mesmo lugar? Pois aí assim é que o senhor foi enganado. Mas isso aqui é o cassino Inverness, senhor. — Ela lhe entregou um vale. — Tome uma bebida no bar, por conta da casa. Por favor, considere a lógica do que acabei de dizer e conversamos depois, que tal?

O homem se inclinou para trás e deu uma boa olhada em Lady. Em seguida, pegou o vale e se foi.

— Lady?

Ela se virou. Era uma mulher muito alta, de ombros largos. Ou talvez fosse um homem.

— O Sr. M.I. gostaria de falar com você.

O homem-mulher apontou com a cabeça para um senhor idoso não longe deles. Usava um terno branco, tinha o cabelo pintado de um tom escuro e se apoiava em uma bengala dourada, enquanto examinava com interesse o lustre preso ao teto.

— Pode ser daqui a alguns minutos? — Lady sorriu.

— M.I. é a sigla do apelido dele. Mas ele tem um codinome, que começa com H.

Lady congelou.

— Ele prefere M.I. — O homem-mulher sorriu para ela.

Lady foi até o homem idoso.

— Baccarat ou Bohemia? — perguntou ele, sem tirar os olhos do lustre.

— Bohemia — respondeu Lady. — Como pode ver, é uma cópia um pouco menor daquele que se encontra no Palácio de Dolmabahçe, em Istambul.

— Infelizmente, nunca estive lá, senhora, mas uma vez fui a uma capela de um vilarejo na Tchecoslováquia. Depois da Peste Negra, havia muitos esqueletos espalhados pelas ruas por falta de espaço nos cemitérios. Então contrataram um monge caolho pra catar e empilhar os restos mortais. Só que, em vez disso, ele os usou para decorar a capela. Há um belo lustre feito de crânios e ossos humanos. Há quem julgue que demonstra pouco respeito pelos mortos, mas pra mim é o contrário. — O homem enfim olhou para ela. — Que maior presente à humanidade do que o toque de imortalidade em se manter uma função mesmo depois da morte? Como se tornar um recife de coral. Um lustre. Ou um símbolo, uma estrela guia: um comissário-chefe cuja morte é tão prematura que as pessoas ainda o guardam na lembrança como um homem bom, uma pessoa altruísta, levado de nós tão cedo que nunca houve tempo para desmascará-lo como mais um rei megalomaníaco corrompido. Sou da opinião de que precisamos de

tais mortes, senhora. Espero que o monge caolho tenha recebido a merecida gratidão.

Lady engoliu em seco. Em geral, ela conseguia distinguir algo nos olhos de uma pessoa, algo que usava para interpretar e entender e, depois, usar. Mas atrás dos olhos daquele homem não enxergou nada: era como olhar nos olhos de um cego.

— Como posso lhe ser útil, Sr. M.I.?

— Como sabe, eu deveria estar em uma reunião com o seu marido. Ele está em uma suíte de hotel, esperando pra me matar.

Lady sentiu a traqueia se contrair e percebeu que, se tentasse falar, sua voz sairia alta e estridente. Portanto, manteve-se calada.

— Mas como não vejo que validade eu teria se estivesse morto, achei que seria melhor conversar com a pessoa mais sensata de vocês dois.

Lady olhou para o homem à sua frente. Ele assentiu e deu um sorriso triste e gentil, como o de um sábio avô. Como alguém que a compreendia e lhe dizia que desculpas eram não apenas desnecessárias como despropositadas.

— Entendo — disse Lady, com um pigarro pesado. — Acho que preciso de uma bebida. O que posso te oferecer?

— Bem, se o seu barman souber como fazer um dirty martíni...

— Venha comigo.

Eles foram até o bar, onde os clientes formavam fila. Lady pegou dois copos, colocou gim, depois martíni, um pouquinho da salmoura do pote de azeitonas e misturou as bebidas na bancada sob o balcão. Menos de um minuto depois, estava de volta, e entregou um copo para o homem.

— Espero que esteja *dirty* o suficiente.

Ele provou.

— Perfeito. Mas, a menos que eu esteja enganado, há um ingrediente extra.

— Dois. A receita é minha. Por aqui, por favor.

— E quais são os ingredientes?

— Isso é um segredo do negócio, é claro, mas posso adiantar que acho que as bebidas devem ter um toque local.

Lady conduziu o idoso e o homem-mulher para uma sala vazia atrás do restaurante.

— Naturalmente, um homem na minha posição deve concordar com a senhora quando quer proteger os segredos do seu negócio — disse Hécate, esperando o homem-mulher puxar uma cadeira para ele. — Então, por favor me desculpe se revelei suas intenções de assumir minha cidade. Respeito a ambição, mas meus planos são outros.

Lady tomou um gole do martíni.

— Você vai matar meu marido?

Hécate não respondeu.

Ela repetiu a pergunta.

Macbeth encarou a porta e sentiu a boca secar. Estava preso. Achava que podia *ouvir* o tiquetaquear da bomba a suas costas. Não havia outra via de fuga — ele sempre verificava a localização das saídas quando examinava as plantas dos prédios. Do lado de fora das janelas, a parede lisa descia vinte andares até o asfalto.

Trancado. Preso. Uma armadilha de Hécate. A própria armadilha.

Respirou pela boca e tentou controlar o pânico crescente.

Seus olhos varreram a sala. Não havia onde se esconder, a bomba era muito potente. Encarou a porta novamente. O trinco giratório sob a maçaneta.

O trinco giratório. Deixou escapar o ar dos pulmões com um longo silvo de alívio. Merda, o que havia de errado com ele? Riu de si mesmo. Toda porta de hotel *deve* trancar quando bate. Ele mesmo morava em um hotel! Pelo amor de Deus. Bastava girar o trinco para abrir a porta.

Estendeu a mão. Titubeou. Por que uma vozinha lhe sussurrava que não poderia ser tão fácil? Que nunca era, que seria impossível sair dali, que estava condenado a explodir?

Sentia os dedos escorregadios de suor ao se fecharem ao redor do trinco.

O trinco girou.

Ele abaixou a maçaneta.

Abriu a porta.

Saiu. Voou escada abaixo e pelo corredor, murmurando impropérios.

Parou diante do elevador e o chamou.

O visor avisava que estava subindo.

Olhou para o relógio. Dois minutos e quarenta segundos.

O elevador estava chegando. Será que ouvia mesmo alguma coisa? Um tinido, vozes? Seriam pessoas no elevador? E se Hécate estivesse lá? Já não havia mais tempo para voltar à suíte e ter a tal conversa.

Macbeth correu. De acordo com as plantas, a escada de incêndio ficava à esquerda.

Acertou.

Ao abrir a porta corta-fogo ouviu um *plim,* sinalizando que o elevador tinha chegado. Prendeu a respiração e segurou a porta enquanto esperava.

Vozes. Altas e estridentes. Vozes de meninos.

— Não entendi muito bem o que...

— Ele não vem. Só querem que a gente distraia o homem lá dentro por meia hora. Espero que ele goste de champanhe.

O som das rodas do carrinho de chá.

Macbeth fechou a porta corta-fogo e desceu as escadas correndo.

Em cada andar havia um número.

Parou no 17.

Lady assentiu. Respirou.

— Mas vai matá-lo outro dia?

— Depende. Foi suco de maçã o que você colocou aqui?

— Não. Depende do quê?

— Se for apenas um desnorteamento temporário. Vocês parecem ter parado de usar meus produtos, o que talvez seja melhor pra todas as partes envolvidas.

— Você não vai matá-lo porque precisa dele como comissário-chefe. E agora que expôs os planos do Macbeth, acredita que ele tenha aprendido a lição. Um cão só é treinado até que tenha desobedecido e recebido uma punição.

O velho se virou para o homem-mulher:

— Agora você entende quando digo que ela é a inteligente dos dois?

— Então o que quer de mim, Sr. M.I.?

— Gengibre? Não, a receita é um segredo, foi o que você disse, então sua resposta não será confiável. Só queria que você ficasse ciente da escolha que tem. Obedeça, e eu irei proteger Macbeth contra qualquer coisa que possa prejudicá-lo. Ele será seu imortal Títono. Desobedeça e mato vocês dois como se faz com os cães que se tornam inadestráveis. Olhe em volta, Lady. Olhe pra tudo que você está prestes a perder. Você tem tudo o que sempre sonhou. Não precisa mais sonhar. Por falar em receitas, se seus sonhos são grandes demais, eles são uma receita pro desastre. — O velho terminou o drinque e pôs a taça na mesa. — Pimenta. É um dos dois ingredientes.

— Sangue — disse Lady.

— Verdade? — Ele apoiou as mãos no castão da bengala e a usou como alavanca para se erguer. — Sangue humano?

Lady deu de ombros.

— Será que isso é mesmo importante? Você acredita que é sangue e parece gostar do sabor.

O velho achou graça.

— Você e eu poderíamos ser bons amigos em outras circunstâncias, Lady.

— Em outra vida.

— Em outra vida, minha pequena Lily. — Ele bateu a bengala duas vezes no piso. — Não se dê ao trabalho. Conhecemos a saída.

Lady manteve o sorriso até que ele se afastasse. Então arfou, tentando recuperar o ar, sentindo a sala girar; precisou se segurar no braço da poltrona. *Lily*. Ele sabia. *Como?*

Décimo sétimo andar.

Macbeth olhou para o relógio. Faltava um minuto. Então, por que tinha parado? Àquela altura, deviam estar já na suíte com o carrinho de chá. Estariam lá quando a bomba explodisse. E daí? Eram meninos de Hécate. Faziam parte do jogo. Então qual era o problema? Ninguém naquela cidade era inocente. Então por que aquela *coisa* tinha de surgir em sua mente justo agora? Será que tinha a ver com algum discurso? Escrito por Lady, proferido por ele? Ou algo mais antigo, um juramento feito na formatura da

academia de polícia? Ou até mais antigo ainda, algo que Banquo lhe tivesse dito? Havia alguma coisa, mas ele não conseguia lembrar. Só lembrava que...

Merda, merda, merda!

Cinquenta segundos.

Macbeth correu.

De volta.

35

— Venham comigo! — gritou Macbeth.

Os dois meninos se viraram para o homem que surgira de repente na porta da suíte. Um deles segurava uma garrafa de champanhe e havia começado a remover a proteção de arame ao redor da rolha.

— Agora! — insistiu Macbeth.

— Senhor, nós...

— Vocês têm trinta segundos, se não quiserem morrer!

— Fique calmo, senhor.

Macbeth pegou o balde de champanhe e o atirou na janela. Cubos de gelo quicaram e ricochetearam com estalos pelo assoalho de parquete. Ele baixou a voz no silêncio que se seguiu:

— Uma bomba vai explodir aqui dentro em 25 segundos.

Então ele se virou e saiu em disparada. Desceu as escadas. Com o estalar de passos nos ouvidos. Passou correndo em frente ao elevador. Manteve aberta a porta para a escada, facilitando a passagem dos meninos.

— Corram! Corram!

Fechou a porta assim que eles passaram e os seguiu descendo rápido as escadas.

Quinze segundos. Macbeth não fazia ideia do poder destruidor da bomba, mas, se tinha sido preparada para detonar uma construção sólida como o Inverness, eles precisavam se afastar o máximo possível. Décimo sexto andar. Percebeu o início de dor de cabeça, como se sentisse antecipadamente a pressão da explosão

nos ouvidos, nos olhos, dentro da boca. Décimo quarto andar. Olhou no relógio: já haviam se passado 15 segundos da hora programada.

Décimo primeiro andar. Nada ainda. O mecanismo do relógio podia não estar bem calibrado ou havia sido incorporado um atraso proposital durante a montagem da bomba. Os dois meninos na frente dele começaram a desacelerar. Macbeth gritou com eles, e ambos voltaram a se apressar.

No oitavo andar, os garotos atravessaram a porta corta-fogo que dava para o corredor, enquanto Macbeth continuou descendo pelas escadas principais. O elevador era uma armadilha fatal. Quando ele alcançou o andar térreo, a detonação estava com quase três minutos de atraso.

Chegou à recepção. Os mesmos funcionários continuavam vagueando perto do balcão como se nada tivesse acontecido, sem notar a presença dele. Saiu para a chuva. Olhou para cima. Ficou nessa posição até que o pescoço começou a doer. Então começou a atravessar a praça deserta em direção a Seyton e ao carro que o aguardava. O que será que tinha acontecido? Ou, melhor dizendo, o que não tinha acontecido? Será que o mecanismo da bomba tinha ficado danificado por causa da umidade do porão da central de polícia? Ou será que alguém conseguira interromper a contagem regressiva depois que ele saiu da suíte? Talvez tivesse detonado, mas com menos potência de explosão que os peritos do GOE haviam previsto, quem sabe? E agora, o que fazer? Ele parou. E se Hécate, ou alguém de seu grupo, chegassem à suíte e descobrisse que ele havia deixado uma bomba lá? Precisava voltar e pegar a mala.

Macbeth se virou. Deu dois passos. Viu a própria sombra delineada nas pedras do pavimento e escutou um retumbar abafado, parecido com um trovão. Por um instante, achou que fosse granizo: grânulos brancos atingiram seu rosto e suas mãos, salpicaram o piso ao seu redor e saltitaram nos carros estacionados. Um chuveiro bateu no chão a poucos metros dele. Macbeth olhou para cima. Logo em seguida, foi derrubado no chão e ouviu algo pesado espatifar-se ao seu lado. Ergueu os braços para se proteger, mas o homem que o atingira já havia se levantado

e fugia dali espanando poeira de seu casaco cinza. Macbeth viu uma geladeira marrom espatifada no local onde estivera de pé um segundo antes.

Descansou a cabeça nas pedras frias da rua.

Chamas subiam do alto do Obelisco, e a fumaça preta se alastrava pelo céu. Algo pequeno veio quicando até ele e parou ao lado de sua cabeça. Ele pegou. Ainda estava no invólucro de arame.

— Que foi que houve? — perguntou Seyton quando Macbeth entrou no carro.

— Tourtell. Ele avisou Hécate. Vamos.

— Tourtell? — ecoou Seyton, arrancando com o carro, os limpadores de para-brisa varrendo pequenos estilhaços brancos de vidro.

— Tourtell era a única pessoa que estava a par do nosso plano, e deve ter informado Hécate pra que ele me matasse.

— E Hécate não tentou matar você?

— Não. Muito pelo contrário. Ele me salvou.

— Como assim?

— Ele precisa de suas marionetes.

— O quê?

— Nada, Seyton. Apenas dirija. Pro Inverness.

Macbeth corria os olhos pelas calçadas, examinava, de um jeito agressivo, as pessoas que o encaravam. Procurava os homens de casaco cinza. Quantos haveriam ali? Será que todos usavam casaco cinza ou só alguns? Estariam sempre ali? Ele cerrou os olhos. Imortal. Tão imortal quanto um fantoche. A pressão dentro de sua cabeça aumentou. E um pensamento passageiro porém estranho lhe ocorreu. A promessa de Hécate de torná-lo invulnerável não era uma bênção, e sim uma maldição. Sentia o arame na pele enquanto rolava a rolha da garrafa entre os dedos e ouvia a primeira sirene da polícia.

Seyton havia parado na entrada do Inverness, e Macbeth estava prestes a sair do carro quando ouviu a voz de Tourtell.

— Aumenta o volume — pediu Macbeth, voltando para dentro do carro.

— ... Para rebater os rumores e em respeito a vocês, meus queridos cidadãos, e ao seu direito de saber sobre seus representantes eleitos, eu hoje decidi esclarecer que 15 anos antes tive um breve caso extraconjugal que resultou no nascimento de um filho. De acordo com as partes interessadas, isso é, a mãe do meu filho e minha esposa, foi decidido manter o fato longe dos olhos do público. Sempre tive bastante contato com meu filho e a mãe dele, e cuidei do sustento deles com meus próprios recursos. Não ir a público naquela época foi uma decisão que levou em consideração as várias partes envolvidas. E a cidade não foi uma delas, pois àquela altura eu não tinha um cargo político e não precisava dar satisfação a ninguém, exceto às pessoas mais próximas a mim, e a mim mesmo. Agora, no entanto, as coisas são diferentes, e é o momento certo para divulgar essas informações. A mãe do meu filho está muito doente, e, com o consentimento dela, há dois meses ele veio morar comigo. Desde então, tenho levado Kasi comigo para eventos públicos, onde o apresentei como meu filho; porém, paradoxalmente, parece que minha honestidade suscitou outros rumores. A verdade, como bem sabemos, é a última coisa em que se acredita. Não tenho orgulho de ter sido infiel há 15 anos, mas, além de ter buscado o perdão das pessoas mais próximas a mim, pouco posso fazer a respeito. E pouco também me resta fazer caso as pessoas julguem minha competência como líder com base na minha vida pessoal. Tudo o que posso fazer é pedir a vocês que confiem em mim, como de fato confio em vocês agora, ao trazer a público particularidades que me são extremamente dolorosas e valiosas. Posso não ter agido sempre de uma forma que me faça sentir orgulhoso; no entanto, tenho orgulho do meu filho de 15 anos, Kasi. Ontem à noite tivemos uma longa conversa, e ele sugeriu que fizéssemos o que estou fazendo agora. Anunciar para a cidade toda que sou pai dele. — Tourtell respirou fundo antes de concluir com um nítido vibrato na voz: — E que ele é meu filho. — Ele tossiu. — E que vou ganhar a próxima eleição.

Pausa. Entrou a voz de uma mulher visivelmente comovida.

— Esse foi o pronunciamento do prefeito Tourtell. Agora, de volta às notícias. Houve uma grande explosão no Distrito 4. Para

ser exata, no topo do cassino Obelisco. Não há relato de mortos ou feridos, mas...

Macbeth desligou o rádio.

— Maldito — resmungou.

Então caiu na gargalhada.

36

Lady se acomodou nos travesseiros e esticou um pé para fora do roupão, na direção de Macbeth, que estava sentado em uma banqueta aos pés da cama. Ela havia separado dois vestidos vermelhos. Ele lhe acariciou o tornozelo esbelto e a pele macia da perna depilada.

— Então Hécate sabia dos nossos planos. Por acaso ele contou como ficou sabendo?

— Não — respondeu Lady. — Mas disse que você seria o meu Títono se nós nos comportássemos.

— Quem é Títono?

— Um grego bonitão que ganhou a vida eterna. Mas também disse que, se não obedecermos, ele vai nos matar como cães que não respondem bem ao treinamento.

— Hum. Só pode ter sido o Tourtell.

— É a terceira vez que você diz isso, querido.

— E o ardiloso pederasta não só deu com a língua nos dentes. O menino é mesmo filho dele. A questão agora é se os cidadãos querem um libertino como prefeito.

— Um único caso extraconjugal que aconteceu há 15 anos? — questionou Lady. — Que o próprio Tourtell confessou à época, implorou perdão e desde então cuidou do sustento da mãe e do menino? E agora que ela está doente o Santo Tourtell traz o menino pra morar com ele? As pessoas vão amá-lo por isso, querido. Ele cometeu um erro que a maioria vai acabar aceitando e depois mostrou vergonha e arrependimento. Tourtell se tornou um

deles. Esse pronunciamento foi um golpe de mestre. Vão comparecer em massa pra votar nele.

— Tourtell vai se candidatar e vencer. E então, o que podemos fazer?

— Pois é, o que podemos fazer? Bem, vamos começar pelo começo. Qual vestido, Jack?

— O espanhol — disse Jack, pegando uma xícara de chá da bandeja e colocando-a na mesinha de cabeceira de Lady.

— Obrigada. E quanto a Tourtell e Hécate, Jack? Devemos fazer alguma coisa ou é arriscado demais?

— Não sou estrategista, senhora, mas li em algum lugar que, quando se tem inimigos em dois frontes, há duas estratégias clássicas. A primeira é negociar um armistício com um deles pra concentrar todas as suas forças em nocautear o outro, atacando de surpresa. A segunda é botar os dois inimigos um contra o outro, aguardar até que ambos se enfraqueçam e só então atacar.

Ele deu uma xícara de café para Macbeth.

— Me lembre de te promover — disse Macbeth.

— Ah, ele já foi promovido — informou Lady. — Estamos com lotação esgotada pras próximas duas semanas, então agora o Jack tem um assistente. Um assistente que vai tratá-lo por senhor.

Jack achou graça.

— Não foi invenção minha.

— Foi minha — confessou Lady. — E não é uma invenção. É muito conveniente ter regras pras formas de tratamento. Todos ficam cientes de que existe uma hierarquia, e assim são evitados mal-entendidos. Se um prefeito declara estado de emergência, por exemplo, é importante saber quem controla a cidade. E quem controla?

Jack balançou a cabeça.

— O comissário-chefe — respondeu Macbeth, tomando em seguida um gole do café —, até que o próprio comissário-chefe suspenda o estado de emergência.

— Sério? — perguntou Jack. — E o que acontece se o prefeito morre? O comissário-chefe assume a cidade também?

— Sim — respondeu Macbeth —, até que um novo prefeito seja eleito.

— Essas foram as regras introduzidas por Kenneth logo após a guerra — disse Lady. — Naquela época, dava-se muita ênfase à liderança dinâmica e assertiva em momentos de crise.

— Parece uma medida muito sábia — disse Jack.

— O importante em um estado de emergência é que o comissário-chefe passa a ter poderes sobre absolutamente tudo. Ele pode fechar o judiciário, censurar a imprensa, adiar as eleições indefinidamente. Ou seja, ele é...

— Um ditador.

— Exatamente, Jack. — Lady mexeu o chá com a colherinha. — Mas Tourtell dificilmente vai concordar em declarar estado de emergência, então teremos que nos contentar com a segunda melhor opção.

— Que é...?

— Tourtell morrer, é claro. — Lady tomou um gole do chá.

— Morrer? Como em...?

— Um atentado — disse Macbeth, apertando suavemente a panturrilha de Lady. — É isso que você está querendo dizer, não é, meu amor?

Ela assentiu.

— O comissário-chefe anuncia que está assumindo o controle da cidade enquanto o assassinato é investigado. Haveria motivos políticos pro crime? Hécate? Ou teria relação com o fato de Tourtell ter sido infiel? A investigação se arrasta, é claro.

— Só posso governar provisoriamente — disse Macbeth — até que um novo prefeito seja eleito.

— Mas, querido, há sangue nas ruas. Policiais assassinados, políticos assassinados. O comissário-chefe, que naquele momento exerce a função de prefeito, provavelmente decide declarar estado de emergência. E adiar a eleição indefinidamente até que as coisas se acalmem. E aquele que decide quando as coisas enfim se acalmaram é o comissário-chefe.

Macbeth sentiu o mesmo prazer infantil de quando ele e Duff foram os reis do castelo durante o recreio na escola do orfanato e até os garotos mais durões tiveram de aceitar.

— Na prática, teríamos poder ilimitado pelo tempo que quiséssemos. E você tem certeza de que Capitol não pode intervir?

— Querido, hoje tive uma longa e interessante conversa com um dos juízes da nossa Suprema Corte. Capitol tem poucas ou até nenhuma reprovação, desde que as medidas introduzidas pelo Kenneth não entrem em conflito com as leis federais.

— Ah, entendi. — Macbeth cofiou o queixo. — De fato, muito interessante. Então basta que Tourtell venha a falecer ou declare estado de emergência.

Jack pigarreou.

— Algo mais, senhora?

— Não. Obrigada, Jack. — Lady acenou alegremente para ele.

Macbeth ouviu um ruído baixo e oco vindo lá de baixo quando Jack abriu a porta que dava para o corredor, seguido da sirene de uma ambulância depois que ele a fechou.

— Tourtell está planejando um meio de nos deter — disse Lady. — O atentado tem que acontecer logo.

— E quanto a Hécate? Se a serpente é Tourtell e Hécate, então Tourtell é a cauda e Hécate, a cabeça. E cortar a cauda só piora tudo. Temos que enfrentar a cabeça primeiro!

— Não.

— Não? Ele diz que vai nos matar se não obedecermos. Você quer ser o cãozinho treinado dele?

— Fique quieto e escute o que tenho a dizer, querido. Você ouviu o que Jack falou. Prepare um armistício com uma das partes e ataque a outra. Esse não é o momento pra desafiar Hécate. Além disso, não estou convencida de que Hécate e Tourtell realmente trabalhem juntos. Se fosse verdade, Hécate teria dito que deveríamos ficar longe do Tourtell e da prefeitura. Mas ele não falou nada disso, nem mesmo depois das especulações sobre sua candidatura. Enquanto Hécate acreditar que nos ensinou uma lição e que agora somos seus cães obedientes, ele só vai nos aplaudir, e indiretamente a si próprio também, ao assumir o controle político da cidade. Está entendendo? Cuidamos de um inimigo agora e conseguimos o que queremos. Mais tarde, decidimos o que fazer com Hécate.

Macbeth subiu a mão pela perna dela, chegando à coxa. Ela ficou quieta, fechou os olhos, e ele acompanhou a respiração da

esposa. A respiração que, com comandos não verbais, determinava o que sua mão deveria, ou não, fazer.

Durante a tarde e a noite, a chuva continuou a lavar a cidade que nunca ficava limpa e a batucar no telhado do Grand Hotel, onde Fleance, Duff, Malcolm e Caithness haviam concordado em permanecer até a chuva passar. Eram duas da manhã quando Caithness foi acordada com batidas na porta de seu quarto. Na hora soube quem era.

Não pelo número de batidas nem pelo intervalo entre elas ou a força aplicada. Era o estilo. Ele batia com a mão espalmada. E ela conhecia aquela mão: cada linha, cada fissura.

Ela abriu uma nesga da porta.

Pingava chuva da roupa e dos cabelos de Duff, e seus dentes tiritavam. O rosto estava tão pálido que mal se via a cicatriz.

— Desculpa, mas preciso de um banho bem quente.

— Você não...?

— Fleance e eu dividimos um quarto com beliches e uma pia.

Ela abriu a porta um pouco mais e ele entrou.

— Aonde você foi?

— Ao cemitério — disse ele, já dentro do banheiro.

— No meio da noite?

— Não tem tanta gente por lá nesse horário.

Ela ouviu a água caindo e ficou perto da porta do banheiro.

— Duff?

— Sim.

— Eu só queria dizer que sinto muito.

— O quê? — gritou ele de volta.

Ela pigarreou e levantou a voz.

— Sobre a sua família.

Ouviu a água espirrando dentro do boxe, o que abafava suas palavras, e encarou o vapor que separava os dois.

Quando Duff saiu, vestindo o roupão de cortesia do hotel, as roupas molhadas penduradas no braço, Caithness estava toda vestida, deitada na cama larga. Ele tirou um maço amarrotado de cigarros úmidos do bolso da calça molhada. Ela assentiu e ele se deitou ao seu lado.

Caithness descansou a cabeça no braço dele e ficou olhando para a luminária de teto em vidro amarelo que servia de cemitério de insetos.

— É o que acontece quando se chega perto demais da luz — disse ele.

Então ele ainda conseguia adivinhar o que ela estava pensando.

— Ícaro — disse ela.

— Macbeth — falou ele, e acendeu um cigarro.

— Eu não sabia que você tinha voltado a fumar.

— Bem, é um pouco estranho. Eu na verdade nunca gostei dessa merda.

Ele fez uma careta e soltou um largo e gordo anel de fumaça em direção ao teto.

Ela deu uma risadinha.

— Então por que começou?

— Nunca te contei?

— Tem muita coisa que você nunca me contou.

Ele tossiu e passou-lhe o cigarro.

— Porque eu queria ser como o Macbeth.

— Eu achava que ele é que queria ser como você.

— Ele parecia tão, mas tão bom. E era assim tão... livre. Em harmonia com si mesmo e feliz, tão feliz em ser ele mesmo. Coisa que eu nunca fui.

— Mas você tinha intelecto — ela devolveu o cigarro para ele depois de tragar —, e a capacidade de convencer as pessoas de que estava certo.

— As pessoas não gostam de saber que estão erradas. E eu não tinha a habilidade de convencê-las a gostar de mim. Mas ele sim.

— Charme barato, Duff. Olha quem ele é agora. Enganou todo mundo.

— Não. — Duff balançou a cabeça. — Não, Macbeth não enganou ninguém. Ele falava o que tinha que falar, na cara das pessoas. Não era nenhum santo, mas não era duas caras: o que você via era o real. Talvez não tivesse causado boa impressão com sua inteligência ou originalidade ao falar, mas as pessoas confiavam em cada palavra que saía da boca dele. E com razão.

— Confiavam? Ele é um assassino impiedoso, Duff.

— Você se engana. Macbeth é muito sentimental. É por isso que ele não consegue matar nem uma mosca. Ou, pra ser exato, muito menos uma mosca. Uma vespa agressiva, sim, mas uma mosca indefesa? Nunca, por mais irritante que ela seja.

— Como você pode defendê-lo, Duff? Você que perdeu...

— Não estou defendendo ninguém. Claro que ele é um assassino. Só estou dizendo que ele não consegue matar ninguém que não possa se defender. Aconteceu só uma vez. E foi pra me salvar.

— Sério? Vai me contar como foi?

Ele inalou com vontade a fumaça do cigarro.

— Foi quando ele matou um dos Norse Riders em uma estradinha perto de Forres. Um jovem que tinha acabado de me ver matando o companheiro dele. Eu confundi o cara com o Sweno.

— Então eles não apontaram armas pra vocês?

Duff apenas balançou a cabeça.

— Então Macbeth não era melhor que você — disse Caithness.

— Era, sim. Eu matei pro meu próprio bem. Ele fez isso por outra pessoa.

— Porque é isso que fazemos na polícia, ora! Nós cuidamos uns dos outros.

— Não, foi porque ele achou que me devia isso.

Caithness se ergueu nos cotovelos.

— Como assim?

Duff apontou o cigarro para o teto, franziu um olho e, com o outro, mirou além da brasa.

— Quando meu avô morreu e eu fui mandado pro orfanato, já era crescido, tinha 14 anos. A mesma idade do Macbeth. Só que ele morava lá desde os 5. Nós dois dividíamos um quarto e logo ficamos amigos. Naquela época, ele gaguejava. E a gagueira se agravava quando as noites de sábado iam se aproximando, que era quando ele desaparecia do quarto no meio da noite e voltava uma hora depois. Ele nunca me contava aonde tinha ido; até que, de brincadeira, ameacei denunciá-lo ao temido diretor do orfanato, Lorreal, e ele respondeu que duvidava que faria muita diferença. — Duff tragou com força. — Porque era com quem ele estava.

— Você quer dizer... O diretor...

— ... Abusava do Macbeth desde muito cedo. Eu não conseguia acreditar nos meus ouvidos. Lorreal havia feito coisas com ele... Coisas que você nem pode imaginar que alguém faria com outra pessoa ou que de algum modo pudesse ser prazeroso. A única vez que Macbeth se revoltou contra ele, Lorreal quase o matou e o manteve preso por duas semanas no chamado quarto de castigo no porão, que era rigorosamente uma cela. Cheguei a chorar de ódio. Porque eu sabia que todas as palavras dele eram verdadeiras. Macbeth nunca mente. Então eu falei que tínhamos que matar Lorreal. Que eu o ajudaria. E Macbeth concordou.

— Vocês planejaram *matá-lo*?

— Não — disse Duff, passando-lhe o cigarro. — Não, não planejamos nada. Só matamos.

— Vocês...

— Fomos ao quarto dele numa quinta-feira. Escutamos o ronco do Lorreal por trás da porta. Entramos. Macbeth conhecia o quarto em detalhes. Fiquei vigiando perto da porta pra ver se alguém passava pelo corredor, enquanto Macbeth foi até a cama e ergueu uma faca. Mas o tempo foi passando, e, quando meus olhos se habituaram à escuridão, vi que ele continuava na mesma posição, como uma coluna de sal. Então ele relaxou e veio pra perto de mim, sussurrando que não con-con-conseguia. Então peguei a faca, fui até Lorreal e enfiei com toda força na boca dele. Lorreal se contorceu algumas vezes e depois parou de roncar. Não houve muito sangue. Saímos logo em seguida.

— Meu Deus — murmurou Caithness, que a essa altura estava em posição fetal. — O que aconteceu depois?

— Nada grave. Havia duzentos garotos suspeitos. Ninguém notou que Macbeth estava gaguejando mais que antes. E, quando ele fugiu, algumas semanas depois, ninguém fez a conexão entre uma coisa e outra. Crianças fugiam o tempo todo.

— Então você e Macbeth se reencontraram?

— Eu o vi algumas vezes na Estação Central. Tentei falar com ele, mas ele saiu correndo. Você sabe, como um devedor foge do credor. Então, anos depois, nos encontramos na academia de polícia. Àquela altura, ele tinha largado as drogas e já não

gaguejava mais. Era um rapaz muito diferente. O rapaz que *eu* queria ser.

— Por ele ser um homem de coração bondoso sem o peso de um assassinato na consciência, como você era?

— Macbeth nunca considerou sua incapacidade de matar a sangue-frio uma virtude, e sim uma fraqueza. No tempo em que trabalhava no GOE, só matou quando ele ou algum de seus homens foi atacado.

— E todos esses assassinatos?

— Mandou que outros fizessem em seu lugar.

— Matar mulheres e crianças. Acho que ele se tornou um homem diferente daquele que você conheceu, Duff.

— As pessoas não mudam.

— *Você* mudou.

— Será mesmo?

— Se não tivesse mudado, não estaria aqui travando essa batalha, falando sobre Macbeth como falou. Você era um completo egoísta, pronto pra passar por cima de tudo e de todos que cruzassem seu caminho. Seus colegas, sua família. Eu.

— Lembro que só uma vez na vida eu realmente quis mudar, e isso foi quando eu quis ser como o Macbeth. Mas quando percebi que era impossível, tive que me tornar algo melhor. Alguém capaz de conseguir qualquer coisa, mesmo que fosse menos valioso pra mim do que pro próprio dono, da mesma maneira que o Hécate arrancou o olho daquele menino. Sabe quando eu me apaixonei pela Meredith?

Caithness balançou a cabeça.

— Quando nós quatro estávamos sentados juntos: Macbeth, eu, Meredith e a amiga dela, e eu vi como o Macbeth olhava pra Meredith.

— Me diz que isso não é verdade, Duff.

— Lamento dizer que é, sim.

— Você é um homem mesquinho, Duff.

— É isso que estou tentando te explicar. Por isso que, quando você diz que agora que estou lutando pelos outros, não sei se é verdade ou se só quero tirar do Macbeth algo que eu sei que ele quer.

— Mas o fato é que ele não quer, Duff. Cidade, poder, riqueza... ele não dá a mínima pra nada disso. A única coisa que ele quer é o amor dela.

— Lady.

— Tudo isso é pela Lady. Você nunca percebeu isso?

Duff soprou para cima um anel de fumaça meio disforme.

— Macbeth é movido pelo amor, enquanto eu sou movido por inveja e ódio. Quando ele mostrou misericórdia, eu matei. E amanhã vou matar a pessoa que uma vez foi meu melhor amigo e, o pior, numa emboscada. E a misericórdia e o amor terão perdido novamente.

— Isso é apenas ceticismo e sua autoaversão falando, Duff.

— Hum. — Ele apagou o cigarro no cinzeiro na mesinha de cabeceira. — Você esqueceu a autopiedade.

— É mesmo, esqueci. E autopiedade.

— Fui um egoísta arrogante durante a minha vida inteira. Não entendo como você pôde me amar.

— Certas mulheres têm um fraco por homens que elas acham que vão salvá-las; outras, por homens que elas acham que podem salvar.

— Amém — disse Duff, levantando-se. — Vocês, mulheres, não entendem que nós, homens, não mudamos. Nem quando descobrimos o amor, nem quando percebemos que vamos morrer. Nunca.

— Há quem use de falsa arrogância para encobrir a falta de confiança, mas a sua arrogância é genuína, Duff. Fruto de seu senso de absoluta certeza.

Duff sorriu e vestiu a calça molhada.

— Tenta dormir. Amanhã temos que estar em nosso juízo perfeito.

Depois que ele saiu, Caithness se levantou, puxou a cortina para o lado e olhou para a rua. O ruído dos pneus nas poças de água. Anúncios desbotados da Joey's Hamburgueria, da Lavanderia Pequim e do Bingo Tandrella. Um cigarro brilhando por um segundo em um beco.

Em poucas horas o dia nasceria.

Ela sabia que não conseguiria voltar a dormir.

37

O sábado trouxe mais chuva. As primeiras páginas dos dois jornais da cidade comentavam o pronunciamento de Tourtell e a explosão ocorrida na cobertura do Obelisco. Um deles comentava na abertura da matéria que a entrevista de Macbeth na rádio deveria ser entendida como uma rejeição não categórica à ideia de se candidatar à prefeito. E informava que Tourtell não se encontrava disponível para responder a perguntas da imprensa por estar dando apoio à mãe de seu filho no Hospital São Jorge. No final da manhã, a chuva deu uma trégua.

— Você chegou cedo — comentou Sheila limpando as mãos no avental com um pouco de preocupação, quando viu o marido entrando em casa.

— Não consegui encontrar nada pra fazer. Acho que eu era o único no trabalho — disse Lennox, deixando a maleta perto da cômoda, pegando um cabide no armário e pendurando o casaco.

Dois anos haviam se passado desde que a prefeitura adotara a semana útil de cinco dias para o setor público, mas na central de polícia vigorava uma espécie de lei tácita de que, para crescer ali, a pessoa era obrigada a dar as caras aos sábados também.

Lennox deu um beijinho no rosto da mulher e, notando um estranho perfume novo, um inaudito pensamento se insinuou em seu cérebro: e se ele a tivesse surpreendido na cama com outro homem? Rejeitou a ideia na hora. Primeiro porque ela não fazia o tipo. Segundo porque não era atraente o bastante para isso — afinal, havia uma razão para ela ter acabado com um albino

baixinho. A terceira e mais forte razão para repelir a ideia era simples: seria doloroso considerar a possibilidade.

— Alguma coisa errada? — perguntou ela, e o seguiu até a sala de estar.

— Nada não. Só estou cansado. Onde estão as crianças?

— No jardim, finalmente aproveitando um dia de clima decente.

Ele foi até a janela. Ficou vendo os filhos correrem de um lado para o outro, ora aos gritos, ora aos risos, em alguma brincadeira que ele não conseguia entender. Pega-pega, era o que parecia. Uma técnica útil para aprender. Olhou para o céu. Clima decente? Uma pequena trégua antes de uma nova chuvarada. Ele despencou numa poltrona. Por quanto tempo aguentaria daquele jeito?

— O almoço ainda vai levar uma hora — disse ela.

— Tudo bem, querida.

Ele a seguiu com o olhar. Gostava dela de verdade, mas será que algum dia chegara a amá-la? Não se lembrava, e talvez não importasse. Ela nunca dissera nem que o amava nem que não, mas ele quase podia apostar que tampouco ela sentia amor. Em geral, Sheila era bem calada. Talvez por isso havia cedido ao seu poder de persuasão e afinal aceitara ser sua namorada e, um belo dia, sua esposa. Havia encontrado alguém que falasse pelos dois.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho, querida. Que cheiro bom. O que é?

— É... bacalhau — respondeu ela, franzindo o cenho como se aquilo fosse uma pergunta.

Ele ia explicar que estava se referindo ao perfume, não ao almoço que a mulher mal tinha começado a fazer, mas ela voltou para a cozinha e Lennox girou a poltrona para o jardim. Sua filha mais velha o viu, sorriu e gritou alguma coisa para os outros dois. Ele acenou para os filhos. Como duas pessoas tão sem atrativos podiam ter filhos tão lindos? E foi quando aquele inaudito pensamento o atacou de novo: *Se é que eram mesmo filhos dele*.

Infidelidade e traição.

O filho gritou alguma coisa para ele — não entendeu, não dava para escutar nada —, mas, ao ver que o pai olhava para ele, fez uma pirueta. Lennox aplaudiu com as mãos erguidas, e então os três resolveram dar cambalhotas. Para impressionar o pai,

impressionar o pai que ainda admiravam, o pai por quem achavam que valia a pena competir. Gritos, gargalhadas e traquinagem. Lennox se lembrou do silêncio em Fife, do brilho do sol, das cortinas tremulando em uma janela que tinha sido destruída por uma saraivada de balas, da brisa mansa sussurrando uma nota chorosa, quase inaudível, através de um dos buracos na parede. Todos aqueles pensamentos insuportáveis. Eram tantas as maneiras de se perder aqueles que se ama. E se um dia eles descobrissem ou percebessem que tipo de pessoa o marido ou o pai era de verdade? Será que a brisa sussurraria a mesma nota chorosa?

Ele fechou os olhos. Uma brecha de descanso. Uma brecha de clima decente.

Sentiu a presença de alguém muito perto, chegava a sentir sua respiração. Abriu os olhos. Era Sheila.

— Você não me ouviu chamar?

— Quê?

— Telefone pra você. Um tal de inspetor Seyton.

Lennox foi para o hall e tirou o fone do gancho.

— Alô?

— Em casa tão cedo, Lennox? Vou precisar de ajuda hoje à noite.

— Não estou me sentindo bem. É melhor procurar outra pessoa.

— O comissário-chefe mandou levar você.

Lennox engoliu em seco. Sentiu gosto de chumbo na boca.

— Pra onde?

— Pra um hospital. Esteja pronto em uma hora. Vou te buscar.

Um clique. Lennox havia desligado. Chumbo.

— O que foi? — gritou Sheila, da cozinha.

Um metal pálido moldado pelo ambiente, que envenena e mata, um material pesado mas passivo, que derrete a 350 graus.

— Nada, querida. Nada.

Macbeth despertou de um sonho sobre a morte. Uma batida na porta. Algo naquela batida informava que ela vinha acontecendo por um bom tempo.

— Senhor! — Era a voz de Jack.

— O que é? — grunhiu Macbeth, olhando em volta.

A luz do dia inundava o quarto. Que horas seriam? Tinha sonhado. Sonhado que estava de pé ao lado da cama, empunhando uma adaga. E que, toda vez que piscava, o rosto no travesseiro mudava.

— É a inspetora Caithness ao telefone, senhor. Disse que é urgente.

— Pode transferir — disse Macbeth, rolando para o lado da mesinha de cabeceira. — Caithness?

— Desculpa ligar pra você em um sábado, mas encontramos um corpo. Lamento dizer, mas precisamos da sua ajuda. — Ela parecia sem fôlego.

— Por quê?

— Porque achamos que pode ser Fleance, o filho do Banquo. O corpo está em péssimo estado, e, como ele não tem parentes próximos na cidade, parece que você é a pessoa indicada pra fazer o reconhecimento.

— Ah — disse Macbeth, sentindo a garganta apertar.

— Não entendi.

— Sim, presumo que sim — falou Macbeth, enrolando-se no edredom. — Quando um corpo passa tanto tempo na água...

— Essa é a questão.

— Que questão?

— Não encontramos o corpo no mar, mas em um beco entre as ruas 14 e 15.

— Como é?

— É por isso que queremos ter certeza absoluta de que é o Fleance antes de seguirmos adiante.

— Entre as ruas 14 e 15, você disse?

— Vá pra 14 com a Doheney. Vou esperar você em frente à Joey's Hamburgueria.

— Ok, Caithness. Estarei lá em vinte minutos.

— Obrigada, senhor.

Macbeth botou o fone no gancho. Lírios. A estampa do tapete eram lírios. Lily. Era o nome do bebê de Lady. Como não havia percebido a conexão antes? Morte. Porque não tinha visto, provado, comido e dormido tanta morte antes. Fechou os olhos. Relembrou a troca de rostos no sonho. O rosto indefeso de Lorreal

enquanto roncava de boca aberta como uma criança se transformou no de Duncan, olhos que se abriram e o encararam com o conhecimento da verdade. Então o olhar duro e brutal de Banquo. Nenhum corpo, apenas a cabeça no travesseiro. O pânico nas feições do jovem dos Norse Riders sem nome ao se ajoelhar no asfalto olhando para o companheiro morto enquanto Macbeth ia em sua direção. Olhou para o teto e se lembrou de todas as vezes que havia despertado de um pesadelo e dado um suspiro de alívio. Alívio por descobrir que não estava se afogando em areia movediça nem sendo devorado por cães. Mas às vezes acontecia de *achar* que tivesse acordado de um pesadelo quando continuava sonhando, ainda se afogando, e tinha de romper várias camadas até retomar a consciência. Cerrou os olhos com força. Tornou a abri-los. Então levantou-se da cama.

A negra rechonchuda na recepção do São Jorge ergueu os olhos da carteira de identidade que Lennox mostrava.

— Fomos informados de que ninguém tem acesso... — ela checou a identidade de novo — ... inspetor.

— Assunto de polícia — disse ele. — Alta prioridade. O prefeito deve ser informado imediatamente.

— Se quiser deixar uma mensagem, eu posso...

— Assunto confidencial e urgente.

Ela suspirou.

— Quarto 204, primeiro andar.

Tourtell e o menino estavam sentados lado a lado, em cadeiras de madeira, perto de um dos leitos da ampla enfermaria. O prefeito tinha o braço nos ombros do menino. Os dois olharam para cima quando Lennox parou atrás deles e pigarreou. Na cama, uma mulher de meia-idade, cabelos finos e tez pálida, e Lennox percebeu na hora traços de semelhança com o menino.

— Boa noite. O senhor não deve se lembrar de mim, mas nós nos conhecemos no jantar no cassino Inverness.

— Inspetor Lennox, não é? Da Unidade Anticorrupção.

— Que memória! Peço desculpas por vir sem avisar.

— Em que posso ajudá-lo, Lennox?

— Recebemos uma informação confiável de um atentado iminente contra o senhor.

O menino se sobressaltou, mas Tourtell nem pestanejou.

— Mais detalhes, inspetor.

— Não temos mais nada por ora, mas estamos levando o alerta a sério, por isso estou aqui pra conduzi-lo a um lugar mais seguro.

Tourtell ergueu as sobrancelhas.

— E que lugar poderia ser mais seguro que um hospital?

— Os jornais noticiaram que o senhor estava aqui, prefeito. Qualquer um pode entrar. Vou acompanhá-lo até o seu carro e lhe dar cobertura até que esteja seguro num local privado. Então espero que tenhamos tempo pra nos aprofundarmos nas investigações. Se não se importa em vir comigo...

— Agora? Como pode ver...

— Posso ver e peço desculpas, mas é tanto o seu dever como o meu proteger a pessoa do prefeito.

— Fique de vigia ao lado da porta, Lennox, assim...

— Essas não foram as ordens que recebi, senhor.

— Pois agora são, Lennox.

— Vá. — A palavra sussurrada, quase inaudível, veio da mulher acamada. — Vá e leve o Kasi.

Tourtell pôs a mão sobre a dela.

— Mas, Edith, você...

— Estou cansada, meu querido. E quero ficar sozinha agora. Kasi estará mais seguro ao seu lado. Ouça o homem.

— Você tem...

— Sim, tenho certeza.

A mulher fechou os olhos. Tourtell afagou a mão dela e se virou para Lennox:

— Ok, vamos lá.

Saíram do quarto, o garoto alguns passos na frente.

— Ele sabe? — perguntou Lennox.

— Que ela está morrendo? Sim.

— E como está reagindo?

— Alguns dias são mais difíceis que outros. Já faz algum tempo que ele sabe. — Desceram as escadas em direção à recepção e à

saída. — Mas ele diz que está tudo bem, desde que tenha um de nós. Só vou ali comprar cigarro. Você me espera?

— Lá está ela — disse Macbeth, apontando.

Jack estacionou rente ao meio-fio em frente ao Grand Hotel, entre uma lavanderia a seco e uma hamburgueria. Os dois saíram do carro. Macbeth correu os olhos de um lado para o outro da rua deserta.

— Obrigada por vir tão rápido — agradeceu-lhe Caithness.

— Sem problema — disse Macbeth. Ela usava um perfume forte. Ele não se lembrava de ter notado isso antes. — Me mostre.

Macbeth e Jack a seguiram pela rua. O movimento de sábado à noite estava apenas começando. Sob um sinal de neon piscando em que se lia SHOW DE STRIPTEASE, um porteiro de terno deu uma olhadela em Caithness, jogou a guimba do cigarro no chão e a espremeu com o calcanhar.

— Achei que você traria Seyton — disse Caithness.

— Ele teve que ir ao São Jorge. É aqui?

Caithness havia parado na entrada de um beco estreito cercado com a fita de isolamento alaranjada da Unidade de Homicídios. Macbeth espiou por baixo. O beco era tão estreito que as lixeiras às portas de ambos os lados quase se encostavam. E estava tão escuro que não se via nada.

— Fui a primeira a chegar. O restante da equipe da Perícia já está vindo. É assim nos fins de semana. Estão todos espalhados aos quatro ventos. — Caithness suspendeu a fita e Macbeth passou por baixo. — Se fosse possível, gostaria que desse uma olhada no corpo sozinho, senhor. Cobri com um lençol, mas por favor não toque em mais nada. Queremos o menor número possível de impressões digitais. Seu motorista pode aguardar aqui enquanto vou ao Joey's me encontrar com o patologista. Ele disse que estaria logo ali na esquina.

Macbeth olhou para Caithness. Não viu nada de mais no rosto dela. Ainda não. O comentário sobre Seyton. Perfume forte. Para encobrir qualquer outro cheiro que estivesse exalando.

— Tudo bem — disse ele e seguiu pelo beco.

Não havia andado mais de dez metros quando todos os sons da rua principal foram abafados pelo zumbido de ventiladores, acessos de tosse escapando de uma janela aberta e uma voz arrastada que saía de um rádio: Todd Rundgren cantando "Hello, It's Me". Esgueirou-se entre as lixeiras, meio que rastejando sem saber muito bem por quê. Hábito, supôs.

O corpo estava no meio do beco, parcialmente iluminado pelo cone de luz de uma lâmpada na parede. Dali, dava para ver a rua 15 na outra extremidade, porém longe demais para ver se do lado de lá o beco estava isolado também.

Dois pés escapavam por baixo do lençol branco. Reconheceu imediatamente os sapatos de bico fino.

Aproximou-se do lençol. Respirou fundo. O ar tinha o cheiro adocicado dos produtos químicos para lavagem a seco e que saía de um exaustor barulhento acima da porta bem atrás dele. Agarrou o lençol pelo meio e o puxou.

— Oi, Macbeth.

Macbeth olhou para o cano da espingarda apontado na sua direção pelo homem deitado de costas na escuridão. A cicatriz brilhava no rosto dele. Macbeth soltou o ar dos pulmões.

— Oi, Duff.

Duff observava as mãos dele enquanto falava:

— Você está preso. Se mexer um dedo, atiro na hora. A escolha é sua.

Macbeth se virou para a rua 15.

— Sou o comissário-chefe dessa cidade, Duff. Você não pode me prender.

— Existem outras autoridades.

— O prefeito? — Macbeth riu. — Não vá contando que ele viva por muito tempo.

— Não estou falando de ninguém dessa cidade. — Duff ficou de pé sem que a espingarda desviasse um centímetro de Macbeth. — Você está preso por envolvimento nos assassinatos cometidos em Fife e será levado até lá pra ser julgado. Já conversamos com eles. Você será acusado do assassinato do Banquo, que aconteceu em Fife. Fique com as mãos acima da cabeça e virado pra parede.

Macbeth seguiu as instruções.

— Você não tem nada contra mim e sabe muito bem disso.

— Com o testemunho da inspetora Caithness sobre o que Angus contou pra ela, temos o suficiente para manter você preso em Fife por uma semana. E uma semana sem você no comando nos dará tempo suficiente pra indiciá-lo aqui também. Pelo assassinato do Duncan. Temos provas periciais. — Duff pegou as algemas. — Vire-se, coloque as mãos pra trás... Você conhece o protocolo.

— Você vai mesmo atirar em mim, Duff? Sem essa! Você vive por vingança.

Duff esperou até que Macbeth virasse as costas e unisse as mãos atrás da cabeça, e só então se aproximou.

— Sei que você ficou chocado ao descobrir que o homem que matou não era Sweno. Mas agora que tem certeza de que está com o homem certo à sua frente, não vai vingar Meredith e as crianças? Ou sua mãe significa mais do que eles pra você?

— Fique parado e cale a boca.

— Eu fiquei calado por anos, Duff. Sei que a policial que Sweno matou em Stoke era sua mãe. Em que ano foi aquilo? Você não devia ter muita idade.

— Eu era jovem. — Duff fechou as algemas nos pulsos de Macbeth.

— E por que escolheu o sobrenome do seu avô materno em vez do sobrenome dos seus pais?

Duff virou os ombros de Macbeth para que os dois ficassem frente a frente.

— Não precisa responder. Fez isso pra que ninguém da polícia ou dos Norse Riders ligasse você ao massacre de Stoke. Assim ninguém ficaria sabendo que você não se tornou policial pra servir à cidade e toda essa merda que faz parte do nosso juramento. Você só estava interessado em agarrar Sweno, se vingar. O ódio foi seu guia, Duff. No orfanato, quando você matou Lorreal, foi fácil, não foi? Imaginou Sweno na sua frente. Lorreal era outro homem que havia destruído uma infância.

— Talvez.

Duff estava tão perto que podia ver o próprio reflexo nos olhos castanhos de Macbeth.

— O que aconteceu, Duff? Por que não quer me matar agora? Sou o homem que matou sua família, e essa é a sua chance.

— Você vai ter que assumir a responsabilidade pelo que fez.

— E o que foi que eu fiz?

Duff lançou um rápido olhar na direção da rua 15, onde o carro com Malcolm e Fleance aguardava. Caithness estava a caminho de lá.

— Você matou pessoas inocentes.

— É nosso maldito *dever* matar pessoas inocentes, Duff. Desde que sirva a um propósito maior, temos que superar nossa natureza sentimental e complacente. Se eu cortei a garganta daquele homem na estrada, não foi por você, em retribuição por você ter matado Lorreal por mim. Eu me fiz de assassino pra que ninguém arrastasse a reputação da força policial pra lama. Foi pela cidade, contra a anarquia.

— Anda. Vamos logo.

Duff agarrou o braço de Macbeth, mas ele se desvencilhou.

— Será que o seu desejo de poder se tornou maior do que o seu desejo de vingança, Duff? Você acha que vai conseguir a Unidade de Crime Organizado por prender o próprio comissário-chefe?

Duff apertou o cano da espingarda no queixo de Macbeth.

— Eu poderia, é claro, dizer pra eles que você resistiu à prisão.

— Decisão difícil? — sussurrou Macbeth.

— Não — disse Duff, abaixando a arma. — Essa cidade não precisa de mais defuntos.

— Então você não amava todos eles, não é? Meredith, as crianças? Ah, já ia esquecendo, você não consegue amar...

Duff investiu. O cano da espingarda atingiu Macbeth na boca.

— Lembre-se de que eu nunca tive a dificuldade que você tem de matar um homem indefeso cara a cara, Macbeth.

Macbeth riu e cuspiu sangue. Algo que devia ser um dente saiu quicando na escuridão.

— Então prova isso. Atira no único amigo que você já teve na vida. Vai. Por Meredith!

— Não ouse dizer o nome dela.

— Meredith! Meredith!

Duff ouviu o sangue latejar nos ouvidos, o coração bater pesado e doloroso. Não podia... A testa de Macbeth atingiu o nariz de Duff com um estalo. Mas eles estavam perto demais para Macbeth tomar impulso para derrubá-lo. Duff recuou dois passos e ergueu a espingarda na altura do ombro.

Naquele momento, a porta atrás de Macbeth se abriu de supetão.

Um vulto no vão. O braço de um casaco cinza agarrou as algemas nas costas de Macbeth e o puxou. A força era tão grande que os pés de Macbeth estavam suspensos do chão quando ele desapareceu porta adentro, para o interior às escuras.

Duff deu um tiro.

A explosão atingiu seus tímpanos e girou como um turbilhão pelas paredes do beco.

Meio surdo, Duff passou pela porta e entrou também na escuridão.

Havia algo no ar, algo que ele respirou e cuspiu. Parecia haver pessoas enfileiradas à sua frente. O cheiro de percloroetileno era sufocante. Com a mão livre, achou o interruptor na parede ao lado da porta. A fila de gente eram cabideiros nos quais estavam pendurados paletós e sobretudos, todos cobertos por uma capa plástica com um papel informando um nome e uma data. Bem diante dele havia um rombo em uma dessas capas e no casaco de pele marrom que ela protegia, e Duff percebeu que tinha cuspido pelos de animal. Ficou parado, na tentativa de ouvir algo acima do forte ruído da máquina de lavagem a seco que havia junto à parede. Então soou uma campainha, como um sino na porta de uma loja. Ele se jogou contra a parede de roupas, foi derrubando um cabideiro após o outro, atravessando uma porta que dava para o lado interno de um balcão onde um casal de chineses o encarava apavorado. Passou correndo por eles e saiu novamente à rua. Olhou de um lado para o outro. A agitação das noites de sábado havia começado. Um homem esbarrou nele, e por um instante Duff perdeu o equilíbrio. Esbravejou enquanto o homem pedia desculpas e seguiu seu caminho.

Ouviu risadas às suas costas. Virou-se e deu de cara com um mendigo esfarrapado e imundo, uns poucos cacos de dentes na

boca aberta.

— Roubaram o senhor?

— Sim — respondeu Duff, abaixando a espingarda. — Fui roubado.

38

Lennox aguardava diante da entrada do hospital, ao lado de Kasi. Deu uma espiada no quiosque onde Tourtell enfrentava uma fila para comprar cigarros e depois voltou sua atenção ao estacionamento. Uma luz se acendeu no interior da limusine de Tourtell. A distância era de aproximadamente cem metros. Mais ou menos a mesma até o telhado plano do edifício-garagem à esquerda. Lennox sentiu um arrepio. Tempo bom quase sempre vinha acompanhado de um raro vento nordeste, mas também de uma frente fria. E se ventasse um pouco mais forte agora, o céu ficaria livre de nuvens. Ao luar, Olafson certamente poderia ter atirado em Tourtell de qualquer ponto, mas no escuro o plano era que a ação acontecesse no estacionamento, contando com a claridade de um poste de luz.

Tornou a olhar a hora. O frio corroía seu corpo. Tossiu. Seus pulmões. Não aguentava o sol e não aguentava o frio. O que Deus tinha em mente ao enviar à terra alguém como ele, um coração solitário e sofrido sem uma couraça, um molusco sem uma concha?

— Obrigado por ajudar a gente.

— O quê? — Lennox se virou para o menino.

— Obrigado por salvar meu pai.

Lennox ficou contemplando Kasi, que usava o mesmo estilo de jaqueta jeans que seu filho, e não conseguiu evitar o pensamento que veio em seguida. Ao seu lado estava um menino, não muito mais velho que seu filho, prestes a perder a mãe. E o pai. *Mas ele diz que está tudo bem, desde que tenha um de nós.*

— Então vamos? — falou Tourtell ao sair, dando baforadas no cigarro recém-comprado.

— Sim — respondeu Lennox.

Eles atravessaram a rua para o estacionamento. Lennox se postou à esquerda de Tourtell. Kasi ia alguns passos à frente. Bastava fazer uma parada enquanto eles atravessassem o foco de luz do primeiro poste, mantendo-se fora da linha de fogo; daí em diante, era com Olafson.

Lennox sentiu uma estranha dormência na língua, nos dedos das mãos e dos pés.

— Eles estão vindo — avisou Seyton, abaixando o binóculo.

— Posso vê-los — disse Olafson, um joelho na laje de concreto que cobria o telhado do estacionamento. Um olho fechado, o outro bem aberto detrás das miras telescópicas do rifle apoiado no parapeito à frente deles.

Seyton passou os olhos pelo telhado para ter certeza de que ainda estavam sozinhos. O carro deles era o único no estacionamento. As pessoas não tinham o costume de visitar doentes num sábado à noite. Ele podia ouvir a música das ruas abaixo e sentir, lá de cima, o perfume e a testosterona.

No estacionamento, o garoto ia na frente de Tourtell e de Lennox, e fora da linha de fogo. Ótimo. Ouviu Olafson respirar fundo. Os dois homens entraram sob a luz.

Seyton sentiu o coração dar um salto de alegria.

Agora.

Mas não houve nenhum tiro.

Os dois homens saíram do círculo de luz, tornando-se vultos indistintos ao retornarem à escuridão.

— O que aconteceu? — perguntou Seyton.

— Lennox estava na linha de fogo.

— Ele deve sair do caminho quando passarem pelo próximo poste.

Seyton voltou a erguer o binóculo.

— Faz alguma ideia de quem pode estar atrás de mim, Lennox?

— Sim.

Havia dois postes de iluminação antes de chegarem à limusine.

— Sério? — perguntou Tourtell, e, abismado diante da resposta, diminuiu o passo.

Lennox certificou-se de fazer o mesmo.

— Não olhe pro edifício-garagem atrás de mim, Tourtell. Tem um atirador experiente no telhado e, nesse momento, nós estamos na mira dele. Pra ser mais exato, *eu* estou. Então ande na mesma velocidade que eu. Senão você vai levar um tiro na cabeça.

Ele reparou, pela postura de Tourtell, que o prefeito acreditava nele.

— O menino...

— Ele não está em perigo. Continue andando. Não deixe que percebam nada diferente.

Lennox viu Tourtell abrir a boca como se esse fosse o único jeito de seu corpanzil obter oxigênio suficiente enquanto sua frequência cardíaca aumentava. Então o prefeito assentiu e andou mais rápido, dando passos pequenos.

— Qual é o seu papel nisso, Lennox?

— Do calhorda — disse Lennox, vendo o motorista de Tourtell, que devia estar com os olhos neles, sair do carro para abrir a porta de trás. — É à prova de balas?

— Sou prefeito, não presidente. Por que está fazendo isso se a sua parte é a do calhorda?

— Porque alguém tem que salvar essa cidade do Macbeth. Eu não posso, então cabe a você, Tourtell.

— O que o babaca do Lennox está fazendo? — perguntou Seyton, afastando o binóculo dos olhos para verificar se o que tinha visto através das lentes coincidia com a realidade no estacionamento. — Será que ele está na frente do Tourtell *de propósito*?

— Não sei, chefe, mas a situação está se tornando crítica. Eles estão se aproximando do carro.

— Suas balas atravessariam o corpo do Lennox?

— Chefe?

— Elas atravessariam Lennox e matariam Tourtell?

— Eu uso balas FMJ, chefe.

— Sim ou não?

— Sim!

— Então atire no traidor.

— Mas...

— Shh — sussurrou Seyton.

— O quê? — Gotas de suor brotavam na testa do jovem oficial.

— Não fale e não pense, Olafson. O que você acabou de ouvir foi uma ordem.

O motorista fez a volta no carro e sorriu ao abrir a porta de trás. Um sorriso que desapareceu quando percebeu a expressão de Tourtell. O menino foi até a porta traseira do lado esquerdo.

— Entre e se abaixe — mandou Lennox. — Motorista, vamos embora daqui agora!

— Senhor, o que...

— Faça o que ele mandar — disse Tourtell. — Isso...

Lennox sentiu o tiro nas costas antes de ouvir o *pac!*. Suas pernas murcharam, ele desmoronou e maquinalmente abraçou Tourtell, que foi derrubado por Lennox enquanto ele caía.

Lennox viu o asfalto chegando cada vez mais próximo para recebê-los. Não sentiu o choque, mas sentiu o cheiro de tudo: poeira, gasolina, borracha, urina. Não conseguia se mexer nem produzir som algum, mas podia ouvir. Ouviu o ofegar de Tourtell no asfalto debaixo dele. A perplexidade na voz do motorista:

— Senhor, senhor?

E na de Tourtell:

— Corra, Kasi! Corra!

Mais um pouco eles teriam escapado. Mais um metro e teriam a proteção do carro. Lennox tentou dizer alguma coisa, o nome de um animal, mas nada saía de sua boca. Tentou em vão mexer a mão. Estava morto. Logo estaria flutuando, mirando o próprio corpo. Um metro. Ouviu pés correndo e se distanciando rapidamente e o motorista se inclinando sobre eles e tentando tirá-lo de cima de Tourtell.

— Vou colocá-lo no carro, senhor!

Outro *pac!*, e os olhos de Lennox foram cegados por algo úmido. Piscou: ao menos as pálpebras ele conseguia mexer. O

motorista estava caído ao lado deles, encarando o nada. Sua testa não mais existia.

— Tartaruga — sussurrou Lennox.

— O quê? — murmurou Tourtell, ofegando debaixo dele.

— Se arraste. Serei sua carapaça.

— Esse atingiu o motorista — disse Olafson, empurrando outro cartucho para dentro da câmara.

— Rápido. Tourtell está rastejando pra atrás do carro — disse Seyton. — E o garoto fugiu.

Olafson carregou a arma. Apoiou a coronha no ombro e fechou um olho.

— Tenho o menino na mira.

— Foda-se o menino! — rosnou Seyton. — Atire no Tourtell!

Seyton viu o cano do fuzil avançar e recuar, e uma gota de suor escapou dos cílios de Olafson quando ele piscou.

— Não o vejo, chefe.

— Tarde demais! — Seyton bateu com a mão no parapeito. — Estão atrás do carro. Vamos ter que descer pra terminar o trabalho.

Lennox ouviu Tourtell gemer ao sair debaixo dele. Rolou no asfalto molhado. Estava de bruços atrás do carro, incapaz de se mexer, apenas as pernas à mostra para quem visse da frente. Até que Tourtell o agarrou pelos braços e o puxou para uma posição segura.

Pneus cantaram no asfalto. Um carro vinha na direção deles. Lennox olhou debaixo do carro do prefeito, mas só viu o corpo do motorista do outro lado. Tourtell havia se sentado com as costas apoiadas na lateral do carro. Lennox tentou abrir a boca para mandar Tourtell entrar no carro e escapar dali, se salvar, mas não adiantou. Era a mesma velha história de sempre, como se toda a sua vida pudesse ser resumida em uma frase: era incapaz de realizar o que seu cérebro e seu coração desejavam.

Um carro parou e portas se abriram.

Passos no asfalto.

Lennox quis mexer a cabeça, mas não conseguiu. Do canto do olho, viu o cano de uma arma em paralelo às pernas de uma calça.

Estava acabado. Estranhamente, sentiu um alívio.

As pernas da calça chegaram mais perto. Sentiu mãos em seu pescoço. Morreria em silêncio, estrangulado. Manteve o olhar nos sapatos. Tinham saído de moda havia muito. Bico fino.

— Esse aqui está morto — disse uma voz familiar, do outro lado do carro.

— Tourtell está ileso — falou o homem que o impedia de respirar.

— Lennox não está se mexendo, mas tem pulso. De onde vieram os tiros?

— Da laje do edifício-garagem — respondeu Tourtell, a voz estrangulada. — Lennox salvou a minha vida.

Salvou?

— Venha pra esse lado, Malcolm!

A mão o soltou e um rosto entrou no campo de visão de Lennox.

Duff o encarou.

— Ele está consciente? — perguntou uma mulher atrás dele. Caithness.

— Paralisado ou em estado de choque — respondeu Duff. — Os olhos estão se mexendo, mas ele não consegue mover o resto do corpo nem falar. Precisamos levá-lo pro hospital.

— Tem um carro vindo — informou uma voz. Um menino. — Saindo do edifício-garagem.

— Parece um carro do GOE — disse Duff, erguendo-se e apoiando a espingarda no ombro.

Alguns segundos de silêncio. O som do motor do carro foi sumindo.

— Deixe-os ir — disse Malcolm.

— Kasi. — Era a voz de Tourtell.

— O quê?

— Encontrem o Kasi.

Kasi corria. O coração batia em sua garganta e os pés martelavam o asfalto molhado mais e mais rápido. Até que corriam tão rápido

quanto a música que insistia em tocar em sua cabeça quando ele ficava com medo. “Help”. Estava entrando no carro quando ouvira uma pancada e vira o tiro atingir as costas do policial de rosto pálido, que caiu em cima de seu pai, e o pai o mandou correr.

Automaticamente, pegou a estrada em direção à região onde tinha crescido, perto do rio. Havia uma casa incendiada onde as crianças costumavam brincar. A casa dos ratos, era como a chamavam.

A casa incendiada era branca, com manchas de fuligem ao redor da porta e das janelas, como uma puta velha com maquiagem pesada e borrada. À beira do rio, as casinhas estavam praticamente coladas, como se buscassem apoio umas nas outras. À exceção de uma, que parecia ter sido excluída pelas demais. Era de madeira, pintada de azul e rodeada de mato alto. Kasi subiu correndo as escadas. A entrada sem porta dava para um cômodo que um dia havia sido uma cozinha, mas que agora era apenas uma casca vazia fedendo a mijo com nomes e palavrões rabiscados nas paredes. Continuou subindo a escada estreita até os quartos. Em um deles, um colchão mofado no chão, onde ele tinha vivido o primeiro beijo, entre garrafas vazias de álcool e um cemitério de carcaças endurecidas de ratos do rio. Em um fim de tarde, aos 10 ou 11 anos, ele e dois amigos se sentaram no colchão e, entre alguns acessos de tosse, compartilharam o primeiro cigarro enquanto observavam os ratos virem em direção à casa, atravessando com cuidado a camada de lixo sobre o leito rachado do rio. Talvez fossem até a casa para morrer.

Será que ele deveria voltar? Não, o pai o mandara fugir. E o outro homem, Lennox, era da polícia, então devia haver mais policiais ali por perto, já que eles sabiam de planos para assassinar o prefeito.

Decidiu se esconder até que tudo acabasse, depois voltaria para casa.

Abriu o grande guarda-roupa no canto. Estava vazio, despojado de tudo. Aconchegou-se lá dentro e fechou a porta. Inclinou a cabeça para trás até encostar na madeira. Cantarolou baixinho a música que soava em sua mente. *Help, I need*... Lembrou-se do filme em que os Beatles correm em volta do escorregador circular e

se divertem em uma cômica câmera rápida, um mundo onde nada monstruoso acontece. E ninguém o encontraria ali. A menos que soubessem onde estava. Além do mais, ele não era o prefeito, apenas um menino que não tinha feito nada de mau na vida além de fumar alguns cigarros às escondidas, dividir meia garrafa de uísque com água e beijar uma ou duas garotas que namoravam outros garotos.

Seu coração foi desacelerando aos poucos.

Prestou atenção. Nenhum som. Mas teria de aguardar um tempo. Tinha recuperado o fôlego, o suficiente para respirar pelo nariz. Não saberia dizer havia quantos anos aquelas roupas estavam penduradas ali, mas ele ainda sentia o cheiro. O cheiro, os fantasmas de vidas desconhecidas. Só Deus podia saber onde estariam agora. Sua mãe lhe disse que aquela tinha sido uma casa infeliz, com álcool, agressão e coisas bem piores. Ele deveria agradecer a suas estrelas da sorte por ter um pai que o amava e nunca encostara a mão nele. E Kasi *tinha* agradecido a suas estrelas da sorte. Ninguém sabia que seu pai era o prefeito, e ele nunca contara isso a ninguém, nem àqueles que o chamavam de fedelho, nem aos outros fedelhos que nunca viram o pai, nem sabiam quem era. Tinha pena deles. E havia chegado a dizer ao pai que um dia os ajudaria. A eles e a todos os outros que passavam dificuldades desde o fechamento da Estex. E o pai tinha lhe dado um tapinha na cabeça e achado graça, do jeito que outros pais teriam feito. Ele o escutou com atenção e lhe disse que, se Kasi realmente quisesse fazer alguma coisa, então ele o ajudaria quando chegasse a hora. Prometeu. E disse que quem sabe um dia talvez Kasi se tornasse prefeito; maiores maravilhas tinham acontecido, o pai disse, e o chamou por Tourtell Júnior.

Help!

Mas o mundo não era assim. O mundo não havia sido feito para boas ações e cantores pop em filmes divertidos. Ninguém podia ajudar ninguém. Nem ao pai, nem à mãe, nem a outras crianças. Só a si próprio.

Olafson freou quando o ônibus à frente parou. Jovens, a maioria garotas, jorraram para a calçada. Produzidas no melhor estilo de

sábado à noite. Era o que ele teria feito aquela noite: tomar cerveja e dançar com uma garota. Beber e dançar longe daquele sujeito ao seu lado. Seyton estendeu a mão e desligou o rádio, fazendo calar Lindisfarne e sua "Meet Me on the Corner".

— De onde eles apareceram? Duff. Malcolm. Caithness. E o tal rapaz que posso jurar que era o filho do Banquo.

— Vamos voltar à central? — perguntou Olafson.

Ainda não era tarde demais para aproveitar minimamente um sábado à noite.

— Ainda não — disse Seyton. — Temos que pegar o garoto.

— O filho do Tourtell?

— Não quero voltar pro Macbeth de mãos vazias, e o menino pode ser útil. Vire à esquerda aqui. E reduza ainda mais.

Olafson dobrou na rua estreita e olhou para Seyton, que havia aberto a janela e farejava o ar, as narinas se abrindo e se fechando. Olafson já ia perguntar se ele conseguia seguir a pista do garoto levado pelo faro, mas resistiu à tentação. Se aquele homem possuía a capacidade de curar um ombro pelo toque, com certeza seria capaz de descobrir, farejando, para onde alguém tinha ido. Será que estaria com medo de seu novo chefe? Talvez. Tinha chegado até a indagar a si mesmo se preferia o antigo. Mas não fazia ideia de que chegaria a esse ponto. O que ele de fato sabia era que, no hospital, o cirurgião havia apontado para a radiografia de seu ombro e explicado que o projétil tinha destruído a articulação. Ele seria um inválido e teria de aceitar que nunca mais trabalharia como atirador para o GOE. Em poucos segundos, o cirurgião havia privado Olafson de tudo que ele sonhara fazer na vida. Então foi fácil aceitar quando Seyton disse que ia recuperar seu ombro caso Olafson concordasse em fazer um trato. Ele topou sem levar muito a sério, pois quem poderia curar algo assim em um dia? Mas, afinal, o que tinha a perder? Já havia jurado lealdade à irmandade que era o GOE, então o que Seyton queria dele era, em muitos aspectos, algo que ele já tinha feito.

Não, arrepender-se agora não fazia o menor sentido. E olhe o que aconteceu com seu melhor amigo, Angus. Traiu o GOE, o idiota. Traiu o que eles tinham de mais precioso, tudo que eles tinham. *Batizados em fogo e unidos em sangue* não era um lema

vazio, era assim que tinham de ser, não havia alternativa. Ele desejava isso. Reconhecer que havia algum sentido no que fazia e que ele significava algo para as pessoas. Para seus colegas. Mesmo quando não conseguia enxergar nenhum sentido no que faziam. Era um trabalho para outro tipo de pessoa. Não para Angus, o infeliz. Ele devia ter perdido a noção da realidade. Angus tentou convencê-lo a se juntar a ele, mas ele o mandou para o inferno, dizendo que não queria nada com ninguém que tivesse traído o GOE. E Angus olhou em seu olho e perguntou como seu ombro tinha curado tão rápido — um ferimento a bala como aquele não cura em dias. Mas Olafson não respondeu. Apenas pediu a ele que fosse embora.

A rua acabou. Haviam chegado ao leito do rio.

— Estamos mais perto — falou Seyton. — Vamos.

Saíram do carro e foram caminhando perto dos casebres entre a estrada e o leito do rio. Passando uma casa após a outra, enquanto Seyton farejava o ar. Na frente de uma casa vermelha, ele parou.

— Aqui? — perguntou Olafson.

Seyton fungou na direção da casa. Então disse bem alto:

— Puta!

E seguiu em frente. Passaram por uma casa incendiada, uma garagem com um portão de ferro forjado e chegaram a uma casa de madeira azul, onde havia um gato nos degraus. Seyton parou novamente.

— Aqui — disse ele.

— Aqui?

Kasi olhou para o relógio que ganhara do pai, para os ponteiros que brilhavam em verde no escuro, exatamente como ele imaginava que olhos de lobos brilhariam à luz de uma fogueira à noite. Vinte minutos se passaram. Ele tinha quase certeza de que ninguém o havia seguido quando fugiu do estacionamento; tinha olhado para trás diversas vezes e não havia ninguém. Devia ser seguro sair agora, ele conhecia a área como a palma de sua mão, e foi por isso que correu direto para ali, de onde poderia descer a ponte Penny e pegar o ônibus 22. Que o levaria para casa. Seu pai estaria lá. *Tinha* de estar. Kasi se sobressaltou. Teria ouvido alguma coisa?

Rangidos na escada? Aquela era a única madeira que tinha sobrevivido ao fogo, ele não sabia por quê, só que rangia quando ventava forte ou quando o tempo mudava. Ou se alguém pisava nos degraus. Prendeu a respiração. Ficou atento. Nada. Provavelmente uma mudança no tempo.

Contou lentamente até sessenta.

Então empurrou a porta com o pé.

Parou.

— Você está com medo — disse o homem ali parado, olhando para ele. — Bem pensado se esconder no guarda-roupa. Não deixa o cheiro escapar. Bom, quase. — Ele abriu os braços, a palma das mãos para cima. Inspirou. — Mas o ar aqui é maravilhoso e está impregnado do seu medo, garoto.

Kasi pestanejou. O homem era magro, e seus olhos eram iguais aos ponteiros do relógio de Kasi. Olhos de lobo. E ele devia ser velho. Não que parecesse tão velho, mas Kasi simplesmente sabia que aquele homem era muito, muito velho.

— Me aju... — começou Kasi, antes que a mão do homem avançasse e o agarrasse pela garganta.

Kasi não conseguia respirar, então entendeu por que havia corrido para aquela casa. Ele era como os ratos do rio. Tinha ido até ali para morrer.

39

Duff olhou para seu relógio, bocejou e afundou ainda mais na cadeira. Esticadas, suas pernas longas quase alcançavam o outro lado do corredor do hospital, onde estavam Caithness e Fleance. Os olhos de Duff encontraram os de Caithness.

— Você estava certo — disse ela.

— Nós dois estávamos.

Fazia menos de uma hora que ele havia pulado para dentro do carro na rua 15, vociferando imprecações ao avisar que Macbeth tinha fugido. E que alguma coisa estava em andamento. Pois Macbeth dissera que o prefeito não viveria por tanto tempo.

— Um atentado — dissera Malcolm. — Um golpe. Ele enlouqueceu de vez.

— O quê?

— As Leis Kenneth. Se o prefeito morrer ou declarar estado de emergência, o comissário-chefe assume até segunda ordem e, em princípio, tem poderes ilimitados. Tourtell precisa ser avisado.

— São Jorge — disse Caithness. — Seyton está lá.

— Rápido — gritou Duff, e Fleance pisou no acelerador.

Levaram menos de vinte minutos, e ouviram o primeiro tiro no estacionamento ao subirem as escadas depois de pararem em frente à entrada principal do hospital.

Duff fechou os olhos. Não havia dormido, e tudo já deveria ter acabado àquela altura. Macbeth deveria estar trancafiado em Fife.

— Lá vêm eles — disse Caithness.

Duff abriu os olhos. Tourtell e Malcolm vinham pelo corredor em direção a eles.

— O médico disse que Lennox vai sobreviver — informou Malcolm, ao se sentar. — Está totalmente consciente e consegue falar e mexer as mãos. Mas ficou paralítico do meio das costas pra baixo, e provavelmente é irreversível. A bala atingiu a coluna.

— Foi *parada* pela coluna — disse Tourtell. — Se não fosse por isso, teria atravessado o corpo dele e me atingido.

— A família dele está na sala de espera — relatou Malcolm. — Entraram no quarto pra vê-lo, e o médico disse que por hoje foi suficiente. Ele foi medicado com morfina e precisa descansar.

— Vocês têm alguma notícia do Kasi? — perguntou Caithness.

— Ainda não chegou em casa — respondeu Tourtell. — Mas ele conhece bem a cidade. Pode ter ido ver um amigo ou ter se escondido em algum lugar. Não estou preocupado.

— Não está?

Tourtell fez uma careta.

— Ainda não.

— Então o que vamos fazer agora? — indagou Duff.

— Vamos aguardar alguns minutos até que a família dele tenha ido embora — disse Malcolm. — Tourtell convenceu o médico a nos dar dois minutos com Lennox. Precisamos de uma confissão dele o mais rápido possível, pra que possamos obter de Capitol um mandado de prisão federal pro Macbeth.

— Nossas declarações como testemunhas não são suficientes? — perguntou Duff.

Malcolm balançou a cabeça.

— Nenhum de nós recebeu ameaças de morte diretamente do Macbeth nem o ouviu dando ordem pra matar pessoalmente.

— E quanto a chantagem? — perguntou Caithness. — Tourtell, você acabou de contar que, quando estavam jogando blackjack na sala privada do Inverness, Macbeth e Lady tentaram forçá-lo a retirar sua candidatura, oferecendo como isca ações do Obelisco e ameaçando ir a público com uma história de comportamento indecoroso com um menino menor de idade.

— No meu ramo de trabalho, chamamos esse tipo de coisa de política chantagista — disse Tourtell. — Dificilmente passível de

punição.

— Quer dizer então que Macbeth está certo? — indagou Duff. — Que não temos nada contra ele?

— Vamos torcer pra que Lennox tenha alguma coisa — disse Malcolm. — Quem deve conversar com ele?

— Eu — prontificou-se Duff.

Malcolm o olhou, pensativo.

— Tudo bem, mas é apenas questão de tempo até que alguém aqui reconheça você ou eu e dê o alarme.

— É que sei como Lennox fica quando mente — explicou Duff. — E ele sabe muito bem que eu sei.

— Mas você vai conseguir convencê-lo a revelar sua cooperação e assim...?

— Sim — disse Duff.

— Não o convença do jeito que você fez com o paciente dos Norse Riders, Duff.

— Foi uma pessoa diferente que fez aquilo, senhor. Não sou mais aquele homem.

— Não mesmo?

— Não, senhor.

Os dois se encararam por alguns segundos.

— Que bom. Tourtell, pode fazer a gentileza de levar Duff?

— Só por curiosidade — disse Duff quando ele e Tourtell seguiam pelo corredor —, quando Macbeth te deu o ultimato, por que você não falou pra ele que Kasi era seu filho?

Tourtell deu de ombros.

— Por que dizer à pessoa que aponta uma arma pra você que ela não está carregada? A pessoa vai começar a procurar outra arma.

O médico estava esperando por eles em frente ao quarto. Ele abriu a porta.

— Apenas ele — disse Tourtell, apontando para Duff.

Duff entrou.

Lennox estava branco como os lençóis nos quais estava deitado. Tubos e fios conectavam seu corpo a bolsas de soro e remédios, e monitores emitindo bipes. Ele parecia uma criança espantada ao

ver Duff, os olhos e a boca muito abertos. Duff tirou o chapéu e os óculos.

Lennox fechou os olhos e tornou a abri-los.

— Precisamos que você venha a público e diga que Macbeth está por trás dessa emboscada — explicou Duff. — Está disposto a isso?

Uma saliva fina e brilhante escorria do canto da boca de Lennox.

— Escute, Lennox. Eu tenho dois minutos e...

— Macbeth está por trás disso — disse Lennox. Sua voz era rouca e fanhosa, como se tivesse envelhecido vinte anos. Mas seus olhos estavam alertas. — Ele ordenou que Seyton, Olafson e eu executássemos Tourtell. Porque queria assumir as rédeas da cidade. E porque acha que Tourtell é informante do Hécate. Mas não é ele.

— Então quem é?

— Eu conto se você me fizer um favor.

Duff inspirou com força. Concentrou-se em controlar suas palavras.

— Você quer dizer que vou ficar te devendo um favor?

Lennox tornou a fechar os olhos. Duff viu uma lágrima escapar. Sentia dor, presumiu ele.

— Não — sussurrou Lennox, com uma voz que aos poucos foi sumindo.

Duff se inclinou para perto. Havia um cheiro doce e enjoativo vindo da boca de Lennox, como o hálito de acetona dos diabéticos, enquanto ele sussurrava:

— *Eu* sou o informante do Hécate.

— Você?

Duff tentou digerir a informação, tentou encaixá-la no curso dos acontecimentos.

— Sim. Como você acha que Hécate conseguiu escapar por entre os nossos dedos todos esses anos, e estar sempre a um passo à nossa frente?

— Você é espião de ambos...

— Hécate e Macbeth. Sem que Macbeth saiba. E é por isso que sei que Tourtell não está no bolso do Hécate. Nem no do Macbeth.

Mas não fui eu quem avisou Hécate, então deve haver outro informante. Alguém perto do Macbeth.

— Seyton?

— Talvez. Ou talvez não seja um homem.

— Uma mulher? Por que acha isso?

— Não sei. Algo invisível, algo que simplesmente está *lá*.

Duff assentiu lentamente. Ergueu os olhos para a escuridão do outro lado da janela.

— Qual é a sensação?

— Qual a sensação do quê?

— De dizer em alto e bom som que é um traidor. É um alívio ou um peso ainda maior quando as palavras te obrigam a perceber que é verdade, que as desgraças são culpa sua?

— Por que você quer saber?

— Porque andei pensando sobre isso — respondeu Duff. O céu lá fora estava escuro, encoberto, não dava nem resposta nem sinal. — Qual seria a sensação ao contar tudo pra minha família.

— Mas você não contou — retrucou Lennox. — Não fazemos isso. Porque preferimos destruir a nós mesmos a ver a dor no rosto deles. Mas você não teve a chance de escolher.

— Tive, sim. Escolhi. Todo dia. Ser infiel.

— Você vai me ajudar, Duff?

Duff foi arrancado de seus pensamentos. Piscou várias vezes. Precisava dormir logo.

— Ajudar?

— Um favor. O travesseiro. Coloque um travesseiro no meu rosto e segure firme. Vai parecer que sucumbi aos ferimentos. E diga aos meus filhos que o pai deles, o assassino e traidor que ele era, se arrependeu.

— Eu...

— Você é a única pessoa que eu conheço que poderia me entender, Duff. Que consegue amar tanto alguém e ainda assim traí-lo. E quando é tarde demais, é tarde demais. Tudo o que você pode fazer é... O que é certo, mas é tarde demais.

— Como salvar a vida do prefeito.

— Mas isso não basta, não é, Duff? — O riso seco de Lennox se transformou em um acesso de tosse. — Um último ato desesperado

que, visto de fora, é um sacrifício, mas no fundo você espera ser recompensado com o perdão dos seus pecados e a abertura dos portões do céu. Mas isso é demais, Duff. Você não está achando que pode corrigir tudo, não é?

— Não — respondeu Duff. — Não, não posso. Mas posso começar perdoando você.

— Não! — exclamou Lennox.

— Sim.

— Não, não pode! Não faça isso, não... — Sua voz foi se fragmentando.

Minúsculas e cintilantes lágrimas rolaram por suas faces brancas.

Duff respirou fundo.

— Só vou considerar não perdoar você com uma condição, Lennox.

Lennox assentiu.

— Que você concorde em dar uma entrevista na rádio hoje à noite, contando tudo e limpando o nome do Malcolm.

Lennox levantou a mão com dificuldade e enxugou o rosto. Depois, segurou o pulso de Duff com a mão úmida de lágrimas.

— Ligue pra Priscilla e peça a ela que venha aqui.

Duff assentiu, levantou-se e soltou o braço da mão de Lennox. Olhou para ele pela última vez. Avaliando se estava diante de alguém que havia mudado ou de um homem que estava apenas tomando o caminho mais fácil.

— E então? — perguntou Tourtell, levantando-se de uma cadeira no corredor quando Duff saiu.

— Ele confirmou que Macbeth estava tentando matar você, e vai dar a entrevista — respondeu Duff. — Mas Hécate tem um informante, um infiltrado bem próximo a Macbeth. Pode ser qualquer um na central de polícia...

— Não importa. — A voz grave de Tourtell retumbava enquanto caminhavam às pressas pelo corredor. — Com a declaração do Lennox, Macbeth está acabado! Vou telefonar pra Capitol e obter a expedição de um mandado de prisão federal.

Uma enfermeira veio na direção deles.

— Senhor prefeito?

— Sim?

— Recebemos uma ligação da Agnes, sua empregada. Ela mandou avisar que Kasi ainda não chegou em casa.

— Obrigado — disse Tourtell. Continuaram caminhando. — Você vai ver, ele foi pra casa de um amigo e está esperando até que tudo tenha voltado ao normal.

— Provavelmente — disse Duff. — Sua empregada...

— O quê?

— Nunca tive empregados, mas suponho que depois de um tempo eles se tornam parte dos móveis e utensílios. Você fala o que pensa sem levar em conta que eles possam passar adiante o que não deveria ir além das quatro paredes da sua casa, não é mesmo?

— Agnes? Sim. Sim, mas isso depois de ter certeza de que podia confiar nela. Mas isso levou tempo.

— Mas você nunca sabe ao certo o que a outra pessoa pensa e sente, não é?

— Ah. Você está tentando descobrir se Macbeth tem uma secretária pessoal na central que pode estar...

— Priscilla? — disse Duff. — Bem, como você disse, leva tempo pra se confiar em alguém.

— E...?

— Você disse que jogou blackjack em uma sala particular enquanto Macbeth e Lady faziam planos para matar Hécate. Mas não são quatro à mesa?

— Como assim?

— Blackjack. Não precisa de um crupiê?

— Jack?

— Pois não, Lady?

Jack afastou a mão. Por mera casualidade, sua mão tinha ido pousar nas costas arqueadas de Billy enquanto os dois estavam de pé examinando o livro de hóspedes e Jack havia explicado como novos clientes deveriam ser registrados.

— Tenho um assunto pra tratar com você, Jack. Vamos lá pra cima.

— Claro. Você consegue segurar a barra, Billy?

— Farei todo o possível, Sr. Bonus.

Jack sorriu e percebeu que sustentou o olhar do novo funcionário por tempo demais. Então disparou escada acima atrás de Lady.

— O que está achando do novo rapaz? — perguntou Lady assim que ele apareceu ao seu lado.

— É cedo pra dizer, senhora. Um pouco jovem e inexperiente, mas não acho que seja uma negação.

— Que bom. Precisamos de dois garçons pro restaurante. Os dois que vieram hoje eram totalmente inúteis. Como os jovens vão sobreviver nesse mundo se não conseguem levar nada a sério e *aprender* alguma coisa? Será que acham que tudo será servido pra eles em uma bandeja de prata?

— É verdade — disse Jack, e entrou na suíte enquanto Lady segurava a porta aberta para ele. Ao se virar, ele viu que ela havia fechado a porta e despencado aos prantos em uma poltrona.

— Lady, o que houve?

— Lily — respondeu ela, aos soluços. — Lily. Ele disse o nome dela.

— Lily? Como a flor, como o lírio, senhora?

Lady escondeu o rosto nas mãos. Os soluços fizeram seu corpo tremer.

Jack não fazia ideia de como reagir. Foi em direção a ela, mas parou.

— Quer... Quer falar sobre isso?

— Não! — exclamou ela. Suspirou convulsivamente. — Não, não quero falar sobre isso. O Dr. Alsaker queria falar sobre isso. Ele é louco, você sabia? Ele mesmo me contou. Mas isso não faz dele um psiquiatra ruim, foi o que ele disse. Muito pelo contrário. Não preciso de palavras, Jack, já ouvi todas. As minhas e as dos outros, e elas já não me acalmam. Preciso de remédio. — Ela fungou e secou as lágrimas cuidadosamente com as costas da mão. — De remédio, simples assim. Sem remédio não consigo ser a pessoa que preciso ser.

— E quem é essa pessoa?

— Lady, Jack. — Ela olhou para as manchas de rímel na mão. — A mulher que vive e deixa morrer. Mas Macbeth parou de usar o remédio, então não tenho nada aqui. Quem diria. Ele é mais forte

do que eu. Você não imaginaria isso, não é? Então você vai ter que comprar pra mim, Jack.

— Lady...

— Senão será a ruína aqui. Escuto o choro de uma criança o tempo todo, Jack. Vou ao salão de jogos e sorrio, converso. — Lágrimas recomeçaram a correr. — Converso em voz alta e rio pra abafar o choro da criança, mas agora não consigo mais fazer isso. Ele sabia o nome da minha criança. Ele repetiu minhas últimas palavras pra ela.

— Não estou entendendo.

— Hécate. Ele sabia. As palavras que eu disse antes de esmagar a cabeça dela, com aqueles seus inquisidores olhos azuis. *Em outra vida, minha pequena Lily.* Nunca contei isso pra ninguém. Nunca! Pelo menos não estando consciente. Mas talvez durante o sono. Talvez quando estivesse sonam... — Ela não terminou a frase. Franziu a testa como tivesse se dado conta de alguma coisa.

— A hipnose — disse Jack. — Você falava enquanto estava hipnotizada. Hécate sabe da existência do Dr. Alsaker.

— Hipnose? — Ela assentiu devagar. — Você acha? Você acha que o Dr. Alsaker me traiu? E foi pago pra isso, é o que você quer dizer?

— As pessoas são gananciosas, é a natureza delas, senhora. Sem ganância, o ser humano não teria vencido a luta na terra. Veja o que você mesma criou, senhora.

— Você quer dizer que tudo se resume a *ganância*?

— Não só por dinheiro, senhora. Acho que pessoas diferentes agem orientadas pela ganância por coisas diferentes. Poder, sexo, admiração, comida, amor, conhecimento, medo...

— E você, Jack?

— Eu? — Ele deu de ombros. — Gosto de ver os clientes felizes e satisfeitos. Sim, sou ganancioso por ver os outros felizes. Como a senhora. Quando a senhora está feliz, eu estou feliz.

Ela fixou o olhar nele. Depois se levantou, foi até o espelho e pegou a escova de cabelo em cima da mesa.

— Jack...

Ele não gostou do som da voz dela, mas buscou seus olhos no espelho.

— Pois não, senhora.

— Você deve saber alguma coisa sobre a solidão.

— A senhora sabe que sim.

Ela começou a escovar o longo cabelo ruivo que ora atraía os homens, ora era percebido como um sinal de alerta, dependendo das circunstâncias.

— Mas sabe o que é mais solitário do que nunca ter tido alguém? É acreditar que se tinha alguém, pra depois descobrir que a pessoa que você achava que era sua amiga mais íntima, não era nem nunca foi. — A escova ficou presa no cabelo, mas ela a forçou, desembaraçando o fios grossos e rebeldes. — Que você foi enganado o tempo todo. Pode imaginar a solidão de quem sofresse isso, Jack?

— Não, não posso, senhora.

Jack olhou para ela. Não sabia o que fazer nem o que dizer.

— Fique feliz por nunca ter sido enganado, Jack. — Ela pôs a escova de cabelo na mesa e lhe entregou algum dinheiro. — Você é como uma rêmora: muito pequeno pra ser enganado; só consegue mesmo enganar. O tubarão te aguenta porque você limpa parasitas ainda piores. Em troca, ele te leva pelos oceanos do mundo. E é assim que você viaja, pra felicidade dos dois, e o relacionamento é tão íntimo e próximo que pode ser confundido com amizade. Isso até que apareça um tubarão maior e mais saudável. Vá, Jack. Vá e compre um pouco de brew pra mim.

— Tem certeza, senhora?

— Diga que quer algo que funcione. Algo forte. Que possa levar alguém pro alto e pra longe. Tão alto que poderia estraçalhar o crânio se caísse. Afinal, quem quer viver em um mundo frio e sem amigos como esse?

— Vou fazer o possível, senhora.

Ele saiu e fechou a porta sem um ruído sequer.

— Ah, tenho certeza de que sabe onde encontrá-la, Jack Bonus — sussurrou ela para seu reflexo no espelho. — A propósito, mande lembranças ao Hécate. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, seguindo a trilha salgada da anterior. — Meu bom e querido Jack. Meu pobrezinho Jack.

— Sr. Lennox?

Ele abriu os olhos. Olhou para o relógio: uma hora e meia para a meia-noite. As pálpebras tornaram a se fechar. Ele havia implorado por mais morfina. A única coisa que queria era dormir, mesmo que fosse o sono angustiante dos culpados.

— Sr. Lennox.

Abriu os olhos de novo. A primeira coisa que viu foi a mão que segurava um microfone. Bem atrás, vislumbrou algo amarelo que aos poucos entrou em foco. Um homem com uma capa de chuva amarela, sentado em uma cadeira ao lado de um leito de hospital.

— Você? — sussurrou ele. — De todos os jornalistas do mundo, enviaram justo você?

Walt Kite endireitou os óculos.

— Tourtell, Malcolm e os outros sabem que eu... Que eu...

— Que você está no bolso do Macbeth?

Lennox ergueu a cabeça do travesseiro. Estavam sozinhos no quarto. Ele se contorceu para alcançar o botão do alarme na cabeceira, mas o jornalista cobriu o botão.

— Não precisa — disse Kite calmamente.

Lennox tentou afastar a mão dele, mas não teve forças.

— Pra que você possa me entregar de bandeja pro Macbeth? — grunhiu Lennox. — Do jeito que entregou Angus pra nós?

— Eu estava na mesma situação que você, Lennox. Não tive escolha. Ele ameaçou a minha família.

Lennox entregou os pontos e despencou sobre o travesseiro.

— E o que você quer agora? Trouxe um facão? Veneno?

— Trouxe isso. — Kite balançou o microfone.

— Vai me matar com *isso*?

— Não você. Macbeth.

— Como é?

Walt Kite colocou o microfone sobre o leito, desabotoou a capa e secou os óculos embaçados.

— Quando Tourtell ligou pra mim, percebi que eles tinham o bastante para pegá-lo. Tourtell convenceu o médico a me dar cinco minutos, então temos que nos apressar. Me conte tudo, e eu vou direto pro estúdio e transmito sem cortes, sem edição.

— No meio da noite?

— Acho que consigo levar ao ar antes da meia-noite. E basta que algumas pessoas escutem. Reconheçam que é mesmo a sua voz. Escute, estou quebrando todos os princípios do bom jornalismo: o direito de resposta, o dever de checar a veracidade das declarações, pra salvar...

— Sua própria pele — completou Lennox. — Pra trocar de lado de novo. Pra ter certeza de que vai estar no time vencedor.

Ele viu Kite abrir a boca e tornar a fechá-la. Engolir em seco. E pestanejar detrás das ainda embaçadas lentes dos óculos.

— Admita, Kite. Tudo bem. Você não está sozinho. Não somos heróis. Somos pessoas comuns que talvez sonhassem ser heróis, mas que, confrontadas com a escolha entre a vida e os princípios de que tanto falamos, somos bem comuns.

Kite deu um breve sorriso.

— Você está certo. Eu tenho sido um moralista arrogante, um falastrão, um covarde.

Lennox respirou fundo, e não sabia se era ele próprio ou a morfina falando quando perguntou:

— Mas se você tivesse a chance, acredita que conseguiria fazer as coisas de forma diferente?

— O que quer dizer com isso?

— Poderia ser uma pessoa diferente? Poderia se sacrificar por uma entidade maior do que a estima por si mesmo?

— Tipo o quê?

— Tipo fazer algo que seja realmente heroico porque reduzirá a ilibada reputação do jornalista Kite a uma pilha de lixo.

Macbeth fechou os olhos. Torcia para que, quando tornasse a abri-los, tivesse acordado de um pesadelo e de uma noite excessivamente longa. Durante todo o tempo em que a voz que vinha do rádio na prateleira atrás de sua mesa não parava de falar. Cada R enrolado soava como uma saraivada de metralhadora.

— Então, inspetor Lennox, vamos resumir. Você confirma que o comissário-chefe Macbeth está por trás dos assassinatos do comissário-chefe Duncan e do inspetor Banquo, do massacre no clube dos Norse Riders, do assassinato da família do inspetor Duff, além da execução do oficial de polícia Angus, executado por você e

pelo inspetor Seyton sob as ordens do próprio Macbeth? E também afirma que no início dessa tarde o comissário-chefe Macbeth, o inspetor Seyton, atual chefe do GOE, e o policial Olafson estavam por trás da tentativa fracassada contra a vida do prefeito Tourtell?

— Sim.

— Com isso, agradecemos ao inspetor Lennox, que estava falando do seu leito no São Jorge. Essa gravação foi feita na presença de testemunhas pra que possa ser usada em um tribunal, mesmo que Lennox também venha a ser assassinado. E assim, prezados ouvintes, finalmente quero acrescentar que eu, Walt Kite, fui cúmplice no assassinato do policial Angus, colocando a credibilidade com que vocês me honraram à disposição do comissário-chefe e assassino, Macbeth. No tribunal onde serei julgado e nas conversas que terei com as pessoas que me são mais próximas, uma circunstância atenuante pode vir a ser o fato de que minha família e eu fomos ameaçados. Profissionalmente, porém, isso não vale nada. Provei que posso ser ameaçado, usado e manipulado pra mentir pra vocês. Fiquei decepcionado comigo mesmo e também decepcionei vocês, ouvintes, e isso significa que essa é a última vez que vocês vão ouvir falar de mim, Walt Kite, como radialista. Vou sentir falta de vocês, bem mais do que vocês vão sentir de mim. Mostrem que são cidadãos melhores do que eu. Vão para as ruas e deponham Macbeth. Tenham uma boa noite, e que Deus abençoe nossa cidade.

Vinheta do programa.

Macbeth abriu os olhos. Mas ainda estava no escritório, Seyton ainda no sofá, Olafson ainda na cadeira e o rádio ainda ligado.

Levantou-se e desligou o rádio.

— E agora? — perguntou Seyton.

— Shh — fez Macbeth.

— O quê?

— Fica calado por um segundo!

Ele apertou a ponte do nariz com os dedos. Estava exausto, tão exausto que era difícil pensar com a clareza necessária. E ela era extremamente necessária. Porque as decisões seguintes seriam fatais, as horas seguintes decidiriam a disputa pela cidade.

— Meu nome — disse Olafson.

— O quê?

— Falaram meu nome no rádio. — Ele sorriu timidamente. — Acho que ninguém da minha família teve seu nome mencionado no rádio.

Macbeth ficou ouvindo o silêncio. O tráfego, onde estava o rotineiro clamor abafado do tráfego? Era como se a cidade estivesse prendendo a respiração. Ele se levantou.

— Vamos.

Pegaram o elevador até o porão.

Passaram diante da bandeira do GOE com o dragão vermelho.

Seyton pegou a chave da sala de munição e acendeu a luz ao entrar.

O menino estava sentado entre os suportes para metralhadora, amordaçado e amarrado ao cofre. As íris marrons de seus olhos eram apenas um fino anel ao redor das pupilas dilatadas e negras de medo.

— Vamos levá-lo pro Inverness — disse Macbeth.

— O Inverness?

— Não estamos mais seguros aqui, nenhum de nós. Mas no Inverness podemos fazer com que Tourtell fique de joelhos.

— De que *nós* você está falando?

— Os derradeiros fiéis. Aqueles que serão recompensados quando a vitória for alcançada.

— Você, eu e Olafson? Vamos fazer a cidade se ajoelhar diante de nós?

— Pode confiar em mim. — Macbeth acariciou a cabeça de Kasi como se ele fosse um cãozinho obediente. — Hécate precisa de nós e está nos protegendo.

— Contra toda a cidade? — perguntou Olafson.

— Os ajudantes do Hécate constituem um exército, Olafson. São tão invisíveis quanto ele, mas estão por aí, já me salvaram duas vezes. E temos as irmãs Gatling e as Leis Kenneth do nosso lado. Quando Tourtell se render e declarar estado de emergência, a cidade será minha. E então? Lealdade, fraternidade?

Olafson fechou os olhos.

— Batizados em fogo — sussurrou ele.

Seyton fez uma careta para eles. Mas depois, lentamente, um sorriso se abriu em seus lábios finos.

— Unidos em sangue.

40

Duff estava sentado no sofá da sala de estar de Tourtell. Com os nervos à flor da pele, os quatro observavam o prefeito em pé com o fone no ouvido. Faltavam dois minutos para a meia-noite. O ambiente estava cada vez mais tenso e, no céu, um trovão roncou. Logo a cidade seria punida pelo dia de calor. O prefeito alternava entre "Sim" e "Não" ao telefone. Por fim, botou o fone no gancho. Estalou os lábios como se o que escutara precisasse ser mastigado e engolido.

— E então? — perguntou Malcolm, impaciente.

— Notícias boas e ruins. A boa é que o juiz Archibald, da Suprema Corte, diz que, com base no que temos, ele tem certeza de que conseguiriam expedir um mandado federal pra prisão do Macbeth e que, portanto, podem mandar agentes federais pra cá.

— E as más notícias?

— É uma questão politicamente delicada e vai levar tempo. Ninguém quer prender um comissário-chefe sem ter absoluta certeza de que o caso se sustentar do ponto de vista jurídico. Concretamente, tudo o que temos é uma entrevista de rádio com Lennox, que tomou a iniciativa de confessar sua participação no assassinato. Archibald diz que é necessário uma dose bem maior de persuasão pra que ele tenha sucesso, mas, na melhor das hipóteses, teremos uma decisão amanhã à tarde.

— Mas então estará decidido — disse Caithness. — Só temos que aguentar firmes essa noite e algumas horas amanhã.

— Parece que sim — concordou Malcolm. — É uma lástima que as circunstâncias não permitam uma celebração.

— Ao contrário — retrucou Tourtell, virando-se para a empregada, que acabara de entrar na sala. — Durante a guerra, quanto maior eram os custos das vitórias, maiores as comemorações. Champanhe, Agnes!

— Sim, senhor, mas tem uma pessoa esperando na outra linha.

O rosto de Tourtell se iluminou.

— Kasi?

— Lamento dizer, mas é o Sr. Macbeth.

Eles se entreolharam.

— Pode transferir.

Macbeth se recostou na cadeira com o fone ao ouvido. Olhava para o teto, para a coluna pontiaguda dourada do lustre que descia sobre ele e o salão de jogos vazio. Estava sozinho. Ouvia Seyton e Olafson ainda no processo de montagem das Gatling, no mezanino, mas estava sozinho. Lady não estava no Inverness. Tinham começado a trabalhar assim que chegaram da central. A primeira meia hora fora consumida botando todos para fora do cassino, tanto os que testavam a sorte quanto os que comiam no restaurante. Bem que tentaram despachar todo mundo sem criar confusão, mas as jogadas tinham de terminar, as fichas precisavam ser descontadas, e os clientes insistiam em beber, embora não fossem cobrados. Os últimos saíram sob protesto, alegando se tratar de uma noite de sábado, e tiveram de ser literalmente empurrados para fora. Lady teria, evidentemente, conseguido que se retirassem de forma mais civilizada, mas Jack, a quem Macbeth dera ordens para buscá-la na suíte, voltou desacompanhado. Tudo bem, ela precisava dormir, e aquela seria uma longa batalha. Tinham removido as grades das janelas e instalaram uma metralhadora em cada extremidade do mezanino.

— Aqui é o Tourtell.

O tom era de neutralidade ensaiada.

— Boa noite, prefeito. Tudo bem?

— Estou vivo.

— Bom, muito bom. Fico feliz por termos salvado você da tentativa de assassinato. Minha suspeita é que Hécate era o mandante. Lamento que seu motorista tenha pagado por isso com a vida. E que Lennox tenha ficado deficiente, mas ele pediu isso.

Tourtell deu uma risada seca.

— Você está acabado, Macbeth. Não percebeu?

— São tempos realmente ensandecidos, não acha, Tourtell? Explosões em telhados, tiroteios em plena rua, tentativas de assassinato do comissário-chefe e do prefeito. Estou telefonando porque acho que você deveria declarar estado de emergência logo de uma vez.

— Isso não vai acontecer, Macbeth. Saiba que um mandado federal de prisão está sendo expedido em seu nome.

— Chamou a cavalaria de Capitol? Foi o que imaginei. Mas esse mandado não vai chegar antes de eu ter o controle dessa cidade, e aí será tarde demais. Terei imunidade. As pessoas subestimam a visão de futuro que Kenneth tinha.

— Você pretende governar a cidade como os ditadores que vieram antes de você?

— Nesses tempos de grande agitação, é melhor ter alguém de mão mais firme que a sua no timão, Tourtell.

— Você enlouqueceu, Macbeth. Por que raios eu ia declarar estado de emergência e entregar o poder pra você?

— Porque estou com o seu filho bastardo e vou cortar a cabeça dele se você não fizer o que eu mandar. — Macbeth ouviu um forte arquejo.— Então não vá dormir ainda, Tourtell — continuou ele. — Vou te dar algumas horas pra escrever e assinar o decreto, que vai entrar em vigor antes do sol nascer. Se eu não ouvir a notícia no rádio antes que o primeiro raio de sol atinja meus olhos, Kasi morre.

Pausa. Macbeth teve a sensação de que Tourtell não estava sozinho. Conforme Seyton havia dito, Duff, Malcolm e Caithness eram três das quatro pessoas que os impediram de finalizar o trabalho no estacionamento do São Jorge.

— E como acha que vai escapar se matar meu filho, Macbeth?

O tom era duro, mas não o bastante para disfarçar a sensação de impotência. E Macbeth notou que não tinha se preparado para

essa demonstração de absoluto desespero, mas descartou a ideia assim que a voz trêmula do prefeito confirmou o que ele imaginava que aconteceria: Tourtell estava disposto a fazer simplesmente qualquer coisa pelo filho.

— Imunidade. Estado de emergência. Simples assim, prefeito.

— Não estou falando de escapar de um processo criminal. Eu me refiro à sua consciência. Você se tornou um monstro, Macbeth.

— Não há como nos tornarmos o que nunca fomos, Tourtell. Você também, você sempre estará disposto a vender seus favores e sua alma a quem der o maior lance.

— Não está ouvindo o trovão que ruge lá fora, Macbeth? Como pode, em vista da situação dessa cidade, ainda acreditar que o sol vai brilhar ao amanhecer?

— Porque dei ordens pra que houvesse sol. Mas, se você não acredita, então deixe que os horários pra alvorada previstos nos calendários para esse ano sejam seu guia. Enquanto isso...

Macbeth bateu o telefone. Uma luz cintilou no cristal acima dele. O que só podia indicar que estava se mexendo. Talvez fosse o crescente calor, talvez fossem os estranhos tremores no chão ou quem sabe as inconstantes luzes na rua. Mas havia, é claro, uma quarta possibilidade. Que era ele quem estava se mexendo. Que via as coisas por um ângulo diferente. Tirou a adaga de prata do bolso da jaqueta. Talvez não fosse a arma mais eficaz contra armaduras e camadas grossas de couro, mas Lady estava certa: a prata funcionava contra fantasmas. Fazia alguns dias que não via o jovem dos Norse Riders ajoelhado no asfalto, nem Banquo, nem Meredith e Duncan. Ergueu a adaga na direção da luz.

— Jack!

Não houve resposta.

Mais alto:

— Jack!

Novamente, nenhuma resposta.

— Jack! Jack!

Gritou com tanta selvageria e descontrole que pensou sentir a garganta se rasgando por dentro.

Uma porta se abriu nos fundos do salão.

— Chamou, senhor? — ecoou a voz de Jack.

— Ainda nenhum sinal de vida da Lady?

— Não, senhor. Talvez o senhor devesse acordá-la, não?

Macbeth correu o dedo pela ponta da adaga. Fazia quanto tempo que havia parado de usar drogas? E fazia quanto tempo que ansiava por dormir aquele sono profundo, escuro e sem sonhos? Poderia ir até lá, deitar-se ao lado dela e dizer que estamos indo, você e eu, estamos indo para um lugar onde isso, o Inverness e a cidade não existem, onde nada além de nós dois existe. Ela queria, queria tanto quanto ele. Haviam se desencontrado, mas tinha de haver um caminho de volta, de volta para o que tinham antes. Sim, claro que havia; só que simplesmente não conseguia enxergar nada naquele instante. Primeiro precisava conversar com ela, fazer com que lhe mostrasse o caminho, como ela sempre fazia. Então, o que o impedia? Que pressentimento era aquele que o impedia de subir ao quarto e fazia com que preferisse ficar sentado no frio salão deserto em vez de se deitar nos braços afetuosos de sua amada?

Ele se virou e olhou para o menino. Seyton havia acorrentado o filho de Tourtell a uma estrutura no meio da sala e colocado uma algema de tornozelo no pescoço longo e estreito do menino. Como um cachorro. E, como um cachorro, ele estava imóvel no chão, olhando para Macbeth com suplicantes olhos castanhos. Que o encaravam sem piscar desde que chegaram.

Macbeth se remexeu na cadeira e disse, contrariado:

— Vamos ver como ela está então, Jack.

Os passos silenciosos de ambos no carpete espesso deram a Macbeth a sensação de que flutuavam como fantasmas galgando os degraus e avançando ao longo do corredor. Macbeth levou um tempão para encontrar a chave certa no chaveiro de Jack. Foi examinando uma por uma como se contivessem um código, a resposta a uma pergunta que desconhecia.

Então abriu a porta e entrou no quarto. A luminária estava apagada, mas o luar brilhava através de frestas entre as cortinas. Parou e apurou os ouvidos. A trovoada tinha parado. Era tanta tranquilidade no ar que dava a impressão de que tudo tinha suspendido a respiração.

A pele dela estava tão pálida, tão anêmica. O cabelo se esparramava sobre o travesseiro como um leque vermelho, e as

pálpebras pareciam transparentes.

Macbeth se aproximou e tocou a testa dela. Ainda havia um pouco de calor. Ao lado, sobre a colcha, um papel. Pegou. Apenas algumas linhas.

O amanhã, o amanhã, amanhã. Os dias se arrastam na lama, e, no final, tudo que conseguem é extinguir novamente o sol e aproximar a morte de toda a humanidade.

Macbeth se virou para Jack, que havia permanecido na porta.

— Ela se foi.

— O que... O que disse, senhor?

Macbeth puxou uma cadeira para perto da cama e se sentou. Não para ficar próximo dela, que já não estava mais ali. Só queria se sentar.

Ouviu o grito de choque de Jack, atrás dele, e percebeu que tinha visto aquilo. A seringa ainda estava espetada no braço dela.

— Ela...?

— Sim, ela mo-mo-morreu.

— Há quanto...?

— Há mu-mu-muito tempo.

— Mas eu falei com...

— Ela começou a morrer na noite em que encontrou o bebê na caixa, Jack. Simulou estar viva por algum tempo, mas eram apenas as convulsões da morte. Ela viu a filha, viu que teria que viajar pra dentro da morte pra ver aquela criança de novo. Foi quando nós perdemos Lady, quando ela se deixou enganar pela ideia reconfortante de que vamos nos reencontrar com nossos entes queridos do outro lado.

Jack avançou um passo.

— Mas o senhor não acredita nisso?

— Não quando o sol está brilhando em um céu sem nuvens. Mas moramos numa cidade sem sol, onde nos agarramos a tudo que oferece algum consolo. Então, de modo geral, acredito.

Macbeth analisou a si mesmo, surpreso por não sentir nem tristeza nem desespero. Talvez porque sabia, havia muito tempo,

que tudo terminaria dessa forma. Muito tempo. Fechou os olhos. E tudo que sentiu foi um vazio. Estava em um terminal ferroviário no meio da noite e era o único passageiro, e seu trem havia sido anunciado, mas não tinha chegado. Anunciado, mas não tinha chegado. Então, o que o passageiro faz? Espera. Não vai a parte alguma, conforma-se com a situação e espera o que está por vir.

Tornou a pegar o papel.

O amanhã, o amanhã, amanhã. Os dias se arrastam na lama, e, no final, tudo que conseguem é extinguir novamente o sol e aproximar a morte de toda a humanidade.

41

O elevador transportou Duff, Malcolm e o zelador até o porão da central de polícia.

— Sei que é fim de semana, mas você tem certeza de que não tem mais ninguém aqui? — indagou Duff ao zelador, com quem Malcolm havia conversado longamente ao telefone, da casa de Tourtell.

— Ao contrário — respondeu ele. — Estão esperando você.

Duff não teve tempo de reagir antes de o elevador chegar e as portas se abrirem à sua frente. Três policiais, todos armados e com o uniforme preto do GOE. Duff prendeu a respiração.

— Obrigado — agradeceu-lhes Malcolm — por atenderem ao meu chamado tão repentino.

— Pela cidade — disse um deles.

— Por Angus — falou o segundo.

— Pelo comissário-chefe — disse o terceiro, um negro de postura empertigada. — Em nosso registro, o nome que consta agora é Malcolm.

— Obrigado, Ricardo — disse Malcolm, saindo do elevador.

O policial muito ereto tomou a dianteira.

— O senhor falou com mais alguém?

— Passei a noite toda ao telefone. Não esperava que fosse fácil convencer as pessoas a arriscar a vida e o emprego pra lutar contra uma conspiração da qual só vieram a tomar conhecimento por mim. E sobretudo quando acrescento que não podemos esperar ajuda imediata de Capitol. No entanto, tenho cerca de trinta

oficiais da polícia, algo em torno de dez ou 15 da Defesa Civil e talvez dez do Corpo de Bombeiros.

— O caso pode não parecer muito convincente, mas *o senhor* é, Malcolm.

— Obrigado, Ricardo, mas acho que as atitudes do Macbeth falam por si.

— Não estava pensando nas suas palavras, senhor. Sua coragem fala mais alto.

— Tudo me foi tirado, e não tenho muito a perder, Ricardo. No entanto, tive que voltar pra cuidar da minha filha, que agora está em segurança. É você quem mostra coragem. Você não é controlado pelo coração de um pai, está agindo por vontade própria, governado pelo próprio senso de justiça. O que prova que nessa cidade há pessoas que querem o que é bom.

Passaram adiante da bandeira do dragão.

— E onde está o prefeito? — perguntou Ricardo.

— Ele tem outras preocupações em mente no momento.

Ricardo parou diante de uma porta pesada de ferro, igual à entrada de um abrigo antiaéreo. Estava aberta.

— Aqui.

Lá dentro, as prateleiras acomodavam caixas de metal para munição e armas de fogo. No centro do piso havia um cofre. Malcolm pegou uma das metralhadoras da prateleira.

— Alguém levou as Gatling e as munições — disse Ricardo. — Então isso é tudo o que temos. Além de um blindado. Posso providenciar pra que o veículo seja levado à Estação Central imediatamente. Não há armas suficientes pra todos, mas os bombeiros não têm treinamento com armas de fogo. Meus homens e eu podemos atacar hoje à noite.

— Claro que o melhor seria que Macbeth se entregasse voluntariamente — disse Malcolm. — A contagem nos diz que ele provavelmente tem dois homens: Seyton e Olafson. Quando ele vir quantos conseguimos mobilizar, espero que liberte Kasi e se renda.

— Negociação. — Ricardo assentiu. — Táticas modernas em situações com reféns.

— Exatamente

— Modernas e inúteis em se tratando do Macbeth. Ele foi meu chefe, senhor. E tem os dois melhores atiradores do país e duas metralhadoras Gatling. Enquanto nós temos pouquíssimo tempo.

— O que se pode fazer contra duas Gatling? — indagou Malcolm, pegando uma bazuca da prateleira.

Duff ficou paralisado. Havia visto o que estava atrás da bazuca.

— Não funciona bem a longa distância — falou Ricardo. — Mas estou disposto a elaborar um plano pra invadir o Inverness caso Macbeth não se renda.

— Ótimo — disse Malcolm, olhando para o que Duff havia encontrado. — Céus, de onde saiu isso?

— Dos escombros da sede dos Norse Riders — esclareceu Ricardo. — Não deixa de ser uma arma, ainda que seja apenas um sabre.

— Não é um sabre qualquer — disse Duff, segurando o cabo com firmeza. Ele brandiu o sabre de um lado para o outro e sentiu o peso do aço. — É o sabre do Sweno.

— Você não está pensando em levar isso, está? Não serve pra nada.

— Errado. — Duff passou o indicador na lâmina. — Pode abrir barrigas de mulheres e rostos de crianças.

Malcolm se virou para Ricardo.

— Você consegue transportar as armas pra Estação Central uma hora antes do sol nascer?

— Considere feito.

— Obrigado. Vamos ver se o restante de nós consegue fechar os olhos por algumas horas.

— Senhor?

Macbeth levantou a cabeça do peito frio de Lady. Era Jack. Havia retornado e estava à porta.

— Tem uma pessoa na recepção querendo falar com o senhor.

— Você de-de-deixou alguém entrar?

— Ele está sozinho e não parava de bater. Tive que abrir. E agora ele se recusa a ir embora.

— Quem é?

— Um jovem com o nome de Sivart.

— Sivart?

— Ele diz que o senhor o salvou no cais durante o ataque aos Norse Riders.

— Ah, o refém. O que ele q-q-quer?

— Oferecer seus serviços. Disse que Malcolm o procurou e está reunindo pessoal pra atacar o Inverness.

— B-bem — disse Macbeth, voltando a descansar a cabeça no peito de Lady e fechando os olhos —, mande-o embora.

— Ele não irá embora, senhor.

Macbeth suspirou pesadamente, levantou-se e estendeu a mão.

— Me passe a arma que te dei, Jack.

Desceram para a recepção, onde o jovem esperava ansiosamente. Ainda na escada, Macbeth apontou a arma para ele.

— Fora!

— Comissário-chefe... — balbuciou o homem.

— Fora! Você foi enviado pelo Malcolm pra me matar. Fora daqui!

— Não, não, eu...

— Agora! Vou contar até três! Um...

O homem recuou aos tropeços e agarrou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

— Dois!

Jack correu com a chave e o ajudou a abrir a porta.

— Três!

A porta bateu, e eles ouviram passos apressados sumindo ao longe.

— O senhor realmente acha que ele...

— Não — respondeu Macbeth, devolvendo-lhe a arma. — Mas um jovem como ele aqui poderia atrapalhar.

— Vocês não são muitos. E ele tem a mesma idade do Olafson, senhor.

— Você fez o que eu te pedi, Jack?

— Estou fazendo, senhor.

— Me avise quando terminar. Estarei no salão de jogos.

Macbeth abriu as portas duplas que davam para a área central do cassino. Pelas janelas via-se que a noite já ia alta e acinzentada.

42

O sol havia se escondido atrás da montanha, mas enviara um sinal vermelho de que estava a caminho. O inspetor Lennox achou que nunca tinha visto um amanhecer mais deslumbrante na cidade. Ou talvez tivesse havido uns tantos como esse; ele é que nunca notara. Ou talvez fosse a morfina (mais do que o sol) que coloria tudo. As ruas estavam adornadas com cacos de garrafas de cerveja e fediam a vômito e a guimbas de cigarro depois de uma noitada alegre de sábado, mas não havia mais ninguém por ali, salvo um homenzinho de uniforme preto e quepe branco da Marinha que passou correndo por eles. Os demais, agora que o destino da cidade havia sido selado, estavam em casa, deitados em suas camas com os cobertores sobre a cabeça. E, no entanto, ele nunca havia visto a cidade tão bonita.

Lennox ficou olhando para o cobertor xadrez que Priscilla tinha esticado sobre seus joelhos. Eles se aproximavam da modesta entrada oeste da Estação Central. Ele notou que a cadeira de rodas se movia mais devagar. Priscilla parecia hesitar; ele imaginou que ela provavelmente nunca tinha ido à Central.

— Não há nada a temer, Priscilla. Eles só querem vender drogas. Ou comprar.

Quando passaram sob um poste de luz, Lennox observou, pela sombra de Priscilla, que ela havia se aprumado. E que iam mais rápido.

Como combinado, ela foi buscá-lo quanto ainda estava escuro lá fora, antes que os corredores se apinhassem de enfermeiras e

médicos que impedissem a saída deles. E trouxera vários objetos do escritório, conforme ele pedira. Não foi preciso insistir nem lhe dar explicações sobre nada; sem questionar, ela fez o que ele mandara, mesmo que oficialmente não fosse mais seu chefe.

— Tudo bem — dissera ela. — O senhor será sempre meu chefe. E Macbeth não deve continuar como comissário-chefe.

— Por que não?

— Ele endoidou, não foi?

Os dois cruzaram com traficantes e viciados arriados sobre cobertores, mas que despertaram ao vê-los e automaticamente estenderam as mãos implorando por esmola.

Mas Priscilla só parou diante das escadas para os banheiros.

Era ali que costumavam buscá-lo. Bastava esperar. Lennox nunca conseguira saber para onde era levado, porque não só colocavam os óculos de mergulho nele como também lhe davam tampões de ouvido para que não ficasse imaginando coisas ao escutar os ruídos ao fundo.

Fazia parte do combinado. Quando ele precisava de uma viagem de verdade, uma que não dava para ser em casa nem no escritório, e que teria de acontecer à noite sem correr o risco de ser pego, eles o levavam para a cozinha, onde a brew era preparada. E lá ele recebia a droga mais pura que poderia ser produzida, injetada por especialistas. Era colocado em uma cadeira reclinável, um pouco como faziam nos velhos tempos dos antros de ópio, e, depois de se curar dos efeitos em um ambiente seguro, podia voltar para a cidade e viver por um tempo como um novo homem, um homem melhor.

Coisa que nunca seria capaz de fazer de novo.

Ele tinha percebido quanto estava combalido ao ver Priscilla libertá-lo dos fios e tubos e manobrar seu corpo para sentá-lo na cadeira de rodas. Havia se tornado um inútil. Era pouco, bem pouco o que conseguiria fazer dali para a frente.

— Pode ir — disse ele.

— O quê? Já vamos embora?

— *Você* vai.

— E te abandonar aqui, é isso?

— Vai dar tudo certo. Eu telefono. Agora pode ir.

Ela não se mexeu.

— É uma ordem, Priscilla. — Ele sorriu. — Daquele que será sempre seu chefe.

Ela suspirou. E tocou de leve no ombro dele. Então se foi.

Menos de dez minutos depois, Strega apareceu na sua frente, de braços cruzados.

— Uau! — foi tudo o que ela disse.

— Pois é — falou Lennox. — Ninguém merece acordar tão cedo.

Ela deu uma risadinha.

— Estou vendo que está de bom humor, apesar da cadeira de rodas. O que posso fazer por você?

— Algo que faça a dor parar e uma hora na poltrona.

Ela lhe passou os tampões de ouvido e os óculos.

— Minhas pernas não são as mesmas, então pode ser que você precise me ajudar a chegar até lá.

— Uma coisinha leve como você? Fácil.

— Preciso da cadeira de rodas comigo.

— Então vamos ter que pular o passeio de carro.

Ela o empurrou. As dores tinham sido intermitentes durante a manhã, mas quando Strega o retirou da cadeira de rodas, alguns minutos depois, e o colocou sobre o que parecia ser pedra britada, doía tanto que ele começou a chorar. Sentiu os braços musculosos de Strega, e seu quase vertiginoso perfume. Depois que ela conseguiu colocá-lo de volta na cadeira de rodas, começou a empurrá-lo. A cada metro as rodas colidiam com alguma coisa na brita. Dormente de trilho. Sentiu cheiro de alcatrão e metal queimado. Estava sendo empurrado ao longo de uma via férrea.

Surpreendeu-se por não ter suspeitado antes. Das outras vezes tinham ido de carro por um caminho curto, mas claramente andaram em círculo, retornando ao ponto de partida: a Estação Central. Ele sabia que não estavam a céu aberto porque não sentiu chuva, mas jamais imaginou que a brew fosse produzida em túneis desativados, bem debaixo de seus narizes! Gemeu languidamente quando Strega o ergueu e o deitou com o rosto pousado em algo frio e úmido. Concreto. Então ela o pôs de volta na cadeira de rodas. E seguiu empurrando-o. O ar estava ficando mais quente e

seco. Aproximavam-se da cozinha agora, os cheiros fáceis de identificar ativando seu cérebro, acelerando seu coração, propiciando um gostinho antecipado do prazer. Alguém então removeu os óculos e os tampões, e ele ouviu o finalzinho do que Strega ia dizendo.

— ... Limpe o rastro de sangue depois que ele sair.

— Tudo bem — falou uma das irmãs, mexendo o caldeirão.

Strega estava prestes a transferi-lo para a cadeira reclinável, mas Lennox acenou para que ela se afastasse e começou a enrolar a manga esquerda da camisa. Brew direto da fonte. Não dava para ficar melhor. O paraíso dos viciados. Era para onde ele queria ir. Ou não. Isso ele veria. Ou não.

— Não é o inspetor Lennox, da Unidade Anticorrupção? — perguntou Jack.

Estava diante do vidro espelhado, olhando para a cozinha e para o homem na cadeira de rodas, do outro lado.

— Sim — confirmou Hécate, que usava um terno de linho branco e chapéu. — Não basta ter olhos e ouvidos no Inverness.

— Ouviu que Lennox acusou Macbeth de assassinato? Ele não sabe que Macbeth é manipulado por você?

— Ninguém tem permissão de saber mais do que precisa, nem mesmo você, Bonus. Mas voltando ao assunto em pauta... Lady tirou a própria vida, mas Macbeth parece paralisado em vez de devastado, é isso?

— É a forma como interpreto.

— Hum. E se Tourtell declarar estado de emergência, você acha que, em seu atual estado mental, Macbeth conseguirá assumir o controle, fazer o que deve ser feito pra se firmar como líder da cidade?

— Não sei. Ele dá a impressão de... de não se importar. Como se não tivesse interesse em mais nada. Ou isso, ou acredita ser invulnerável. Acredita que você vai salvá-lo, não importa o que aconteça.

— Hum. — Hécate bateu a bengala no chão duas vezes. — Sem Lady, o cacife do Macbeth como comissário-chefe despencou.

— Ele ainda vai obedecer.

— Ele até pode conseguir tomar o poder agora, mas sem ela não vai ser capaz de mantê-lo. Era ela quem compreendia o jogo, quem via a floresta em vez das árvores, quem sabia quais manobras eram necessárias. Macbeth pode até saber atirar as adagas, mas precisa de alguém que diga a ele por que e em quem.

— Eu poderia me tornar o novo conselheiro dele — disse Jack. — Estou ganhando a confiança dele.

Hécate riu.

— Não consigo me decidir se você é um linguado do lodo ou um peixe predador dissimulado, Bonus.

— Concluo que sou um peixe, de qualquer modo.

— Mesmo se você conseguisse reforçar a insuficiente capacidade que ele tem de governar, duvido que pudesse fazer muito pra alterar a disposição dele. Afinal, ele não tem o mesmo apetite da Lady pelo poder. Parece desejar coisas das quais nem você nem eu dependemos, meu querido Bonus.

— Brew?

— Lady. Mulheres. Amigos, talvez. Esse amor entre humanos, sabe? E agora que Lady se foi, ele já não se sente motivado pelo desejo de satisfazer a fome de poder dela.

— Lady também precisava de amor — falou Jack, em voz baixa.

— O desejo de ser amado e a capacidade de amar, que dá aos humanos tal força, é, ao mesmo tempo, seu calcanhar de aquiles. Isso garante aos humanos a perspectiva de amor e eles movem montanhas; retire isso deles e um bafo suave de vento conseguirá derrubá-los.

— Talvez, talvez.

— Se o vento derrubar Macbeth, o que acha daquele ali como comissário-chefe?

Hécate apontou com a testa para o vidro. Uma das irmãs estava secando o braço esquerdo de Lennox com uma gaze embebida em álcool e procurando uma veia, a seringa pronta na outra mão.

— Lennox? Está falando sério?

Hécate estalou os lábios.

— Foi quem derrubou Macbeth. O herói que sacrificou a própria mobilidade física pra salvar o prefeito. E ninguém sabe que Lennox trabalha pra mim.

— Mas Malcolm voltou à cidade. E todo mundo sabe que Lennox é o garoto de recado do Macbeth.

— Lennox seguiu as ordens como um policial leal. E os Malcolms e Duffs da vida podem desaparecer novamente. Roosevelt venceu uma guerra mundial de uma cadeira de rodas. Sim, eu poderia botar Lennox na cadeira de comissário-chefe. O que você acha?

Jack olhou para Lennox. Sem responder.

Hécate riu e colocou a volumosa porém macia mão no ombro estreito de Jack.

— Eu sei o que você está pensando, linguado. O que será de você? Quem vai te dar um emprego se Macbeth se for? Então vamos esperar que Macbeth saia ileso dessa tempestade, hein? Vem. Vou levar você até a porta.

Jack deu uma última olhada em Lennox, depois se virou e caminhou ao lado de Hécate de volta à porta do banheiro e à estação.

— Espere — pediu Lennox quando uma das irmãs encostou a agulha em sua pele.

Ele enfiou a mão direita no grande bolso lateral da cadeira de rodas. Puxou a corda da extremidade do cabo.

— Pode continuar.

Ela fincou a agulha e empurrou o êmbolo; enquanto isso, ele retirou a mão do bolso da cadeira, recuou o braço e atirou. O que Priscilla havia trazido do escritório foi quicando pelo piso de concreto e desapareceu sob a mesa de frascos, tubos e canos ao lado do caldeirão.

— Ei, o que foi isso? — perguntou Strega.

— De acordo com meu avô, foi uma granada que atiraram na cabeça dele — respondeu Lennox, sentindo a excitação da droga, que nunca seria igual à primeira vez, mas que ainda o fazia vibrar de prazer. Que era, mesmo depois de todos aqueles anos de busca, o mais próximo que havia chegado do significado da vida. A menos que isso fosse tudo. O ponto final. — Pode ser uma *Stielhandgranate* 24. Ou um cinzei...

Sua frase foi interrompida ali.

Jack estava no meio da escada quando a explosão o fez alçar voo. Conseguiu ficar de pé e se virou para trás. A porta para o banheiro havia sido explodida, e dali escapava fumaça. Esperou. Quando as explosões terminaram, desceu degrau por degrau e entrou no banheiro. O reservado e a porta da cozinha tinham desaparecido. Havia um incêndio lá dentro, e, à luz das chamas, viu que tudo tinha sido destruído. A cozinha e todos que estavam lá dentro não existiam mais. E cinco segundos antes ele tinha...

— Bonus...

A voz vinha de um ponto bem à sua frente. E dali, sob a porta de aço tombada, alguém veio se arrastando. Uma barata esmagada, em um terno de linho branco. O rosto macio estava coberto de merda e os olhos obscurecidos pelo choque.

— Me ajuda...

Bonus pegou as mãos do idoso e o arrastou pelo chão até a porta do banheiro, onde o virou de costas. Estava muito ferido. Da barriga dilacerada jorrava sangue. O imortal Hécate. A Mão Invisível: seguramente, não lhe restava mais do que alguns minutos ou segundos de vida. Todo aquele sangue... Jack virou o rosto.

— Rápido, Jack. Encontre algo que possa...

— Tenho que chamar um médico — disse Jack.

— Não! Pegue alguma coisa pra fechar a ferida antes que eu me esvaia em sangue.

— Você precisa de ajuda médica. Vou depressa.

— Não me deixe, Jack! Não...

O corpo na frente de Jack arqueou e soltou um uivo.

— O quê?

— Suco gástrico! Alguma coisa está vazando de dentro de mim. Meu Deus, estou queimando. Socorro, Jack! Socorr... — O grito se metamorfoseou em outro uivo rouco.

Jack assistiu à cena incapaz de se mexer. Hécate era uma barata deitada de costas, os braços e as pernas se debatendo descontroladamente.

— Eu já volto — falou Jack.

— Não, não! — gritou Hécate e tentou se esticar para agarrar suas pernas.

Mas Jack se afastou, virou-se e saiu.

Parou no topo da escada e olhou para a esquerda, na direção do Inverness. Na direção de Macbeth. Na direção do São Jorge. Havia um telefone público no terminal de embarque naquela direção. Virou-se então para a direita. Para a montanha. Para o outro lado. Para águas desconhecidas. Águas abertas, perigosas. Mas tomar esse tipo de decisão era algo que um homem — e uma rêmora — precisava fazer algumas vezes para sobreviver.

Jack respirou fundo. Não porque hesitasse, mas porque precisava de ar.

Seguiu para a direita.

Os cristais arrulharam e chilrearam acima da cabeça de Macbeth. Ele ergueu os olhos. O lustre balançou para a frente e para trás, ora repuxando, ora liberando os cabos que o sustentavam.

— O que foi isso? — berrou Seyton, no canto do mezanino, ao lado de uma das metralhadoras Gatling.

— O fim do mundo — disse Macbeth, e acrescentou, baixinho, para si próprio: — Assim espero.

— Veio da Central! — gritou Olafson, perto da outra metralhadora. — Foi uma explosão?

— Siiiiiim! — entoou Seyton. — Estão trazendo a artilharia.

— Será? — questionou Olafson, chocado.

O riso de Seyton ecoou pelas paredes. Tinham discutido como defender o Inverness, e foi fácil chegar à conclusão de que qualquer ataque só poderia vir da Praça dos Operários, pois a fachada sólida e sem janelas que dava para a rua Thrift era nada menos que a muralha de uma fortaleza.

— Sinto o cheiro do seu medo daqui, Olafson. Consegue sentir daí, chefe?

Macbeth bocejou.

— Nem lembro qual é o cheiro do medo, Seyton.

Ele esfregou o rosto com força. Havia caído no sono e sonhado que estava deitado na cama ao lado de Lady quando a porta da suíte começou a deslizar até se abrir por completo. O vulto na porta usava um manto com um capuz cobrindo o rosto de tal forma que só quando entrou e a luz incidiu sobre ele é que viu que era Banquo. Um dos olhos se fora, e asquerosos vermes brancos

escapavam das faces e da testa, contorcendo-se. Macbeth metia a mão na jaqueta, sacava uma adaga de seu coldre duplo de ombro e atirava contra o vulto. A ponta se cravava na sobrancelha de Banquo com um baque suave, como se o osso estivesse esfarelado. Mas isso não impedia o fantasma de avançar na direção da cama. Macbeth gritava e sacudia Lady.

— Ela está morta — dizia o fantasma. — E você tem que atirar uma adaga de prata, não de aço. — A voz não era a de Banquo. Era...

Então a cabeça de Banquo tombava sob o capuz, caía no chão e rolava para debaixo da cama. Agora, o rosto sob o capuz era o de Seyton, que zombava dele.

— O que você quer? — sussurrava Macbeth.

— O mesmo que o senhor. Dar a vocês dois um filho. Olha, ela está me esperando.

— Você está louco.

— Confie em mim. Não quero muito em troca.

— Ela está morta. Vá embora.

— Estamos todos mortos. Vá, plante suas sementes. Se não fizer agora, vou plantar as minhas.

— Vá embora!

— Chega pra lá, Macbeth. Vou roubar Lady do jeito que Duff te roubou Meredi...

A segunda adaga se cravava na boca aberta de Seyton. Ele cerrava os dentes, agarrava o cabo, arrancava fora a lâmina e a devolvia a Macbeth. Então esticava a língua retalhada e ensanguentada e gargalhava.

— Falaram alguma coisa no rádio?

Macbeth despertou. Era Seyton, gritando do alto do mezanino.

— Nada — respondeu Macbeth, esfregando o rosto com força mais uma vez e aumentando o volume do rádio. — Ainda faltam vinte minutos pra amanhecer.

Ele olhou para a carreira de pó branco no espelho que havia colocado sobre o feltro à sua frente. Viu seu rosto refletido. A linha de pó cortava a superfície brilhante de uma ponta à outra como uma cicatriz.

— E então, vamos mesmo matar o menino? — berrou Olafson.

— Sim, Olafson! — gritou Seyton de volta. — Somos homens, não uns maricas!

— Mas... E depois? Não teremos nenhum trunfo pra negociar.

— Isso soa familiar, Olafson? — Mais risadas do outro canto.

— Não temos nada a temer — disse Macbeth.

— Como assim, senhor?

— Nenhum homem nascido de mulher pode me ferir. Hécate me prometeu que eu seria o comissário-chefe até que Bertha viesse me buscar. Pode-se falar muita coisa sobre Hécate, mas ele é um homem de palavra. Relaxa. Tourtell vai entregar os pontos. — Macbeth se virou para Kasi, que estava calmamente sentado de costas em uma estrutura, o olhar perdido. — O que você consegue ver, Seyton?

— Um aglomerado de gente perto da Bertha. Policiais e civis, parece. Algumas armas automáticas, alguns rifles e pistolas. Não será um problema se atacarem com isso.

— Algum casaco cinza?

— Casaco cinza? Não.

— E no seu setor, Olafson?

— Aqui também não, senhor.

Mas Macbeth sabia que eles estavam lá. Observando-o.

— Já ouviu falar em Títono, Seyton?

— Não. Quem é?

— Um grego. Lady me contou sobre ele. Fui pesquisar. Eos, a deusa do amanhecer, raptou um jovem amante, um cara qualquer chamado Títono. E fez com que o chefão, Zeus, desse ao rapaz vida eterna, como ela tinha. O jovem não pediu nada disso, ela o tornou imortal e pronto. Mas se esqueceu de pedir juventude eterna pro jovem. Está entendendo?

— Acho que sim, mas não entendo aonde quer chegar com isso, senhor.

— Tudo desaparece, todos morrem, mas Títono continua apodrecendo na velhice e na solidão. Ele não ganhou porcaria nenhuma; pelo contrário, vive numa prisão. Sua vida eterna é uma maldição.

Macbeth se levantou tão rápido que ficou zonzo. Era só a melancolia e a abstinência. Tinha uma cidade a seus pés, que logo seria irrevogavelmente dele, só dele, e então poderia ter todos os seus menores desejos satisfeitos. Quando isso acontecesse, precisaria pensar apenas nos desejos e prazeres. Desejos e prazeres.

Duff correu a ponta do dedo pela rachadura na base em frente ao nariz de Bertha. Ouviu a voz de Malcolm:

— Façam o favor, me deixem passar!

Ele olhou para cima e viu Malcolm abrindo caminho pela multidão até o topo da escada.

— Vocês também ouviram? — perguntou ele, respirando com dificuldade.

— Sim — respondeu Caithness. — Achei que o teto fosse desabar. Parecia um teste nuclear subterrâneo.

— Ou um terremoto — falou Duff, apontando para a rachadura.

— Eu não esperava que viesse tanta gente — comentou Malcolm, observando as pessoas que se apertavam ao pé da escada, atrás da barricada de carros da polícia e de um grande veículo vermelho dos bombeiros. — São todos bombeiros e policiais?

— Não — respondeu um homem que subia as escadas.

Malcolm observou seu uniforme preto.

— Capitão naval?

— Prático — respondeu o homenzinho. — Fred Ziegler.

— O que um prático está fazendo aqui?

— Escutei Kite no rádio ontem à noite, dei umas voltas por aí e ouvi rumores sobre o que aconteceria aqui. Me diga o que posso fazer.

— Você tem uma arma?

— Não.

— Sabe atirar?

— Fui fuzileiro por dez anos.

— Ótimo. Vá até o homem com uniforme da polícia. Ele vai te dar um rifle.

— Obrigado.

O prático bateu continência com três dedos no chapéu branco e se foi.

— O que Tourtell tem a dizer? — perguntou Duff.

— Capitol foi informada sobre o sequestro — disse Malcolm. — Mas eles não podem nos ajudar até que um mandado de prisão seja expedido, nessa tarde.

— Meu Deus, há vidas de pessoas em risco aqui.

— Uma vida. Isso não preenche os requisitos pra uma intervenção federal, a menos que o nosso comissário-chefe solicite.

— Política de merda! E onde está o Tourtell?

Duff se virou para o leste. No topo da montanha, o céu azul-claro ganhava mais e mais nuanças avermelhadas.

— Foi ao estúdio de rádio — respondeu Caithness.

— Ele vai declarar estado de emergência — completou Malcolm. — Precisamos atacar Macbeth agora, enquanto ainda podemos agir sob as ordens do prefeito. Assim que o estado de emergência for declarado, seremos revolucionários fora da lei, e nenhuma dessas pessoas ficará do nosso lado. — Ele apontou para a multidão.

— Macbeth se protegeu atrás de uma trincheira — disse Caithness. — Vidas humanas serão sacrificadas.

— Sim. — Malcolm levou o megafone à boca. — Meus bons homens e mulheres! Assumam suas posições!

Os participantes se reuniram atrás dos carros que estavam estacionados ao pé da escada. Apoiaram suas armas nos tetos dos veículos, protegidos atrás do blindado do GOE e de um carro dos bombeiros, e apontaram para o Inverness.

Malcolm virou o megafone na mesma direção.

— Macbeth! Aqui é o comissário-chefe adjunto, Malcolm. Você sabe e nós sabemos que está num beco sem saída. O máximo que pode conseguir é adiar o inevitável. Então solte o refém e se entregue. Eu te dou um, vou repetir, *um* minuto.

— O que ele disse? — gritou Seyton.

— Que vai me dar um minuto — respondeu Macbeth. — Consegue vê-lo?

— Sim, está no topo da escada.

— Olafson, pegue seu rifle e cale a boca do Malcolm.
— Você quer dizer...
— Sim, quero dizer exatamente isso.
— Salve Macbeth! — Seyton riu.
— Escutem — disse Macbeth.

Duff alternava entre olhar para a montanha, para o relógio e para os homens ao redor. Seus cotovelos e ombros se contorciam de nervosismo. Estavam trocando de posição por causa de seus joelhos e de suas panturrilhas, que tinham começado a tremer. Além dos seis voluntários do GOE e alguns outros policiais, a multidão era composta de pessoas com empregos comuns em escritórios de contabilidade e no quartel dos bombeiros, que nunca haviam disparado um tiro, mesmo de raiva, nem nunca tinham sido baleadas. E ainda assim tinham ido se juntar aos outros. Estavam dispostas a sacrificar tudo, mesmo não estando preparadas. Ele contou os três últimos segundos.

Nada aconteceu.

Duff trocou olhares com Malcolm e deu de ombros.

Malcolm suspirou e levou o megafone à boca.

Duff mal ouviu o estrondo.

Malcolm cambaleou para trás, e o megafone caiu no chão com um som estridente.

Duff e Fleance reagiram imediatamente, jogando-se sobre Malcolm e cobrindo-o quando ele caiu. Duff procurou sangue e pulsação.

— Estou bem — gemeu Malcolm. — Estou bem. Levantem-se. Ele atingiu o megafone. Foi só.

— Quando você disse cale a boca dele, pensei que quisesse dizer pra sempre — gritou Seyton. — Agora eles vão pensar que somos fracos, senhor.

— Errado — disse Macbeth. — Agora eles sabem que a coisa é séria, mas que não somos loucos. Se tivéssemos matado Malcolm, teríamos dado a eles uma razão pra nos atacar com a fúria da justiça. Agora, ainda vão hesitar.

— Pois acho que eles vão atacar de qualquer maneira — falou Olafson. — Olha, o nosso blindado. Está vindo pra cá.

— Bem, agora é diferente. Um comissário-chefe está autorizado a se defender. Seyton?

— Sim?

— Ponha as garotas Gatling pra cantar.

Duff espiou de trás de Bertha e acompanhou com os olhos o pesado blindado, conhecido como um *Sonderwagen,* fazer o percurso pela praça em direção ao Inverness. A fumaça grossa e pesada do diesel subia do cano de descarga. Engenharia alemã, chapas de aço e vidro à prova de balas. O plano de Ricardo seguia as táticas usuais. Os seis voluntários do GOE iriam dentro do *Sonderwagen* até a porta, sairiam para jogar bombas de gás lacrimogêneo pela janela e, em seguida, derrubariam portas e invadiriam o prédio usando máscaras de gás. O ponto crítico era o instante em que sairiam do blindado para atirar as bombas. Isso levaria apenas segundos, mas naqueles segundos precisariam de cobertura de fogo amigo.

O rádio de Malcolm produziu uns estalidos, e ouviu-se a voz de Ricardo:

— Fogo de cobertura em três... dois... um...

— Fogo! — rugiu Malcolm.

Soou como um tambor sendo tocado quando as armas dispararam da barricada. Um tambor bem pequeno, pensou Duff. E o som foi abafado por um uivo crescente do outro lado.

— Santo Deus — murmurou Caithness.

No início, parecia uma pancada de chuva levantando poeira das pedras diante do *Sonderwagen*. Depois, com um cacarejar, atingiu a grade do veículo, sua armadura, o para-brisa e o teto. O blindado parecia dobrar os joelhos e afundar.

— Os pneus — disse Fleance.

O *Sonderwagen* seguiu o trajeto bem mais devagar, como se estivesse enfrentando um furacão.

— Tudo bem. É um blindado — respondeu Malcolm.

O veículo avançava mais e mais devagar. E parou. Os espelhos laterais e os para-choques foram ao chão.

— *Era* um blindado — disse Duff.

— Ricardo? — Malcolm chamou pelo walkie-talkie. — Ricardo? Retirada!

Sem resposta.

Agora o veículo parecia estar dançando.

Então o bombardeio parou. O silêncio que caiu sobre a praça foi quebrado apenas pelo grasnar de uma gaivota em voo. Uma fumaça vermelha, como vapor, subia do *Sonderwagen*.

— Ricardo! Faça contato, Ricardo!

Ainda sem resposta. Duff olhou para o blindado, para aquele lixo. Não havia sinal de vida. Então ele entendeu como tinha sido. Naquela tarde em Fife.

— Ricardo!

— Estão mortos — disse Duff. — Estão todos mortos.

Malcolm lançou-lhe um olhar de viés.

Duff esfregou a mão no rosto.

— Qual é o próximo passo?

— Não sei, Duff. Esse era o passo.

— O carro dos bombeiros — disse Fleance.

Todos se viraram para o jovem, que se encolheu sob o olhar do grupo e por um momento pareceu titubear. Mas então ele se endireitou e disse, com um imperceptível tremor na voz:

— Temos que usar o carro dos bombeiros.

— Não serve — objetou Malcolm.

— Se o levarmos até os fundos, para a rua Thrift... — Fleance fez uma rápida pausa para engolir em seco, antes de continuar: — Vocês viram que eles acertaram o blindado com as duas metralhadoras, então não devem estar cobrindo a traseira.

— Porque eles sabem que não podemos entrar por lá — disse Duff. — Não há portas nem janelas, apenas tijolos, e seria preciso uma perfuratriz pneumática ou artilharia pesada pra atravessar.

— Não precisamos atravessar — disse Fleance. Sua voz era mais firme agora.

— Contornar? — indagou Duff.

Fleance apontou o dedo para o céu.

— Claro! — disse Caithness. — O carro dos bombeiros

— O que é tão óbvio? — resmungou Malcolm, olhando de relance para a montanha.

— A escada — disse Duff. — O telhado.

— Estão movendo o carro dos bombeiros — gritou Seyton.

— Por quê? — perguntou Macbeth, com um bocejo.

O menino estava sentado no chão com as pernas cruzadas e os olhos fechados. Calmo e em silêncio, dava a impressão de ter-se conformado com seu destino e apenas aguardava o fim. Igual a Macbeth.

— Não sei.

— E você, Olafson?

— Também não, senhor.

— Muito bem! — gritou Macbeth.

Havia sacado a adaga de prata e desbastava a ponta de um fósforo, que usou como palito para cutucar entre os dentes da frente. Deixou a adaga no feltro que cobria a mesa. Pegou duas fichas e começou a fazê-las rolar entre os dedos de cada mão. Havia aprendido isso no circo. Era um exercício para preservar o equilíbrio entre as funções motoras das mãos. Deu uma chupada no palito, rolou as fichas e tentou entender o que estava sentindo. Nada. Tentou entender o que pensava. Não estava pensando em Banquo nem em Lady. Estava apenas pensando que não sentia nada. E pensou mais uma coisa: *Por quê? Por quê...?*

Pensou sobre isso por um tempo...

Então fechou os olhos e começou uma contagem regressiva de dez.

— Isso não é igual a uma escada encostada na parede. Quanto mais subir, mais vai balançar — disse o homem de uniforme naval para Fleance e dois outros voluntários. — Mas é só fazer um movimento por vez, uma das mãos e depois um pé. Não há o que temer.

O prático bocejou alto e deu um rápido sorriso antes de segurar a escada e iniciar a subida.

Fleance observou o homenzinho, desejando que também não tivesse medo. A rua Thrift estava vazia, a não ser pelo carro dos bombeiros com sua escada de 15 metros apontando para a parede sem janelas.

Fleance foi atrás do prático e, por mais estranho que pudesse parecer, o medo diminuía a cada passo. O pior havia passado, afinal. Ele dera sua sugestão. E eles o escutaram. E concordaram, dizendo ter entendido. Então entraram no carro dos bombeiros e dirigiram para o leste da Estação Central em um grande arco através das ruas calmas de domingo, chegando despercebidos aos fundos do Inverness.

Fleance olhou para cima e viu o prático sinalizando do telhado que o caminho estava livre.

Na noite anterior, haviam estudado as plantas baixas do Inverness tão detalhadamente que Fleance sabia direitinho o lugar de tudo. O telhado plano tinha uma porta que dava para uma escada estreita, que descia para a sala da caldeira com uma porta que dava para o corredor superior do hotel. Lá eles se dividiriam: dois homens tomariam a escada norte e dois, a escada sul. Ambas levavam ao mezanino. Em alguns minutos, começariam a atirar da estação, de forma a manter a atenção dos atiradores concentrada na Praça dos Operários, abafando qualquer barulho de Fleance e dos outros três, que se esgueirariam por trás e matariam os artilheiros. Os três voluntários haviam sincronizado seus relógios com o de Fleance sem uma palavra sequer de protesto por estarem sendo liderados por um mero cadete. O cadete parecia ter um tino especial para tais ações. Como era mesmo que o pai havia dito? *E se você tem mais discernimento, você* deve *liderar, é seu maldito dever pra com a comunidade*.

Fleance ouviu abrirem fogo da estação.

— Me sigam.

Eles se aproximaram da porta do telhado, puxaram. Trancada. Conforme o esperado. Ele assentiu para um dos policiais, um cara da Unidade de Tráfego, que enfiou um pé de cabra na fenda entre a porta e a moldura e forçou. A fechadura quebrou na primeira tentativa.

Estava escuro lá dentro, mas Fleance sentiu o calor vindo da sala da caldeira abaixo. O outro policial, um sujeito de cabelo branco da Unidade de Fraudes, queria ir à frente, mas Fleance o segurou.

— Me siga — sussurrou ele.

Passou por cima da soleira alta de metal. Em vão tentou distinguir formas na escuridão, então teve de abaixar a metralhadora e ir tateando até encontrar o corrimão. A escada de metal rangeu sob seu primeiro passo hesitante e depois ao achar o degrau seguinte. Ele congelou, ofuscado por uma luz. Uma lanterna havia sido acesa abaixo dele e iluminava seu rosto.

— Pow! — disse a voz que segurava a lanterna. — Você está morto.

Fleance sabia que estava na linha de fogo dos três que vinham atrás. E também que não haveria tempo para disparar a metralhadora. Porque reconheceu a voz.

— Como você soube...?

— Eu fiquei matutando: *Por que, oh, por que pegar o carro dos bombeiros quando não se ouve nenhum alarme de incêndio?* — A voz na escuridão deu uma risadinha. — Ainda com os meus sapatos, hein. — Tio Mac falava como se estivesse bêbado. — Escuta, Fleance, você pode salvar vidas hoje. A sua e a dos três amotinados com você. Volte agora e fique atrás da barricada. Vai ter mais chances de me pegar de lá.

Fleance buscava saliva, mas tinha a boca seca.

— Você matou meu pai.

— Talvez. — A voz era arrastada. — Ou talvez tenham sido as circunstâncias. Ou talvez as ambições do Banquo para sua família. Mas provavelmente... — na pausa veio o som de um profundo suspiro — ... Fui eu. Agora vai, Fleance.

Esvoaçando de lá para cá na mente de Fleance estavam todas aquelas simulações de lutas com tio Mac na sala de casa, quando ele ia deixando o garoto levar vantagem para, no último instante e em um movimento imprevisível, atirá-lo ao chão. Não porque tivesse mais força, mas por velocidade e precisão. Será que tio Mac estava mesmo muito bêbado, ou não? E será que agora Fleance estaria em melhores condições para enfrentá-lo? Será que tinha

uma chance, afinal? Se fosse rápido, talvez conseguisse atirar. Salvar Kasi. Salvar a cidade. Vingar...

— Não faça isso, Fleance.

Mas era tarde demais. Fleance já havia agarrado a metralhadora, e o som de uma breve saraivada martelou os tímpanos dos cinco homens na espremida sala da caldeira.

— Agh! — gritou Fleance.

E rolou escada abaixo.

Não sentiu bater no chão, não sentiu nada até que abriu os olhos novamente. E então não viu nada, embora sentisse no rosto a mão de alguém. Uma voz falou ao seu ouvido:

— Eu avisei.

— On... onde eles estão?

— Recuaram, como mandei. Agora durma, Fleance.

— Mas...

Ele sabia que tinha sido baleado. Sangrava. Tossiu, e sua boca se encheu de sangue.

— Durma. Diga olá ao seu pai quando chegar e avise que eu chego logo.

Fleance abriu a boca, mas só saiu sangue. Sentiu os dedos gentis e cuidadosos de Macbeth fechando suas pálpebras. Sugou o ar como se fosse dar um mergulho. Do jeito que tinha feito quando caíra da ponte para o rio, para a água negra, para seu túmulo.

— Não — disse Duff quando viu o carro dos bombeiros vindo na direção deles. — Não!

Ele e Malcolm foram até lá, e, quando o veículo parou, os homens lá dentro abriram as portas de supetão. O motorista, dois policiais e o prático saltaram.

— Macbeth estava esperando por nós — gemeu o prático, ainda buscando fôlego. — Ele atirou no Fleance.

— Não, não, não! — Duff se inclinou para trás e fechou os olhos com força.

Alguém pousou a mão em seu pescoço. Um toque familiar. Caithness.

Dois homens com o uniforme preto do GOE vieram correndo e pararam diante de Malcolm.

— Hansen e Edmunton, senhor. Soubemos da ação e viemos o mais rápido que conseguimos. E tem mais gente vindo.

— Obrigado, pessoal, mas encerramos a ação — anunciou Malcolm. Ainda não podiam ver o sol, mas a silhueta da cruz de ponta-cabeça no alto da montanha já havia captado os primeiros raios. — Agora, está nas mãos do Tourtell.

— Vamos trocar os reféns — disse Duff. — Que Macbeth escolha quem quiser, Malcolm. Nós dois. Em troca do Kasi.

— Você não acha que já considerei isso? Macbeth nunca vai trocar o filho de um prefeito por umas migalhas como você e eu. E se Tourtell declarar estado de emergência, Kasi será poupado. Nós dois vamos ser executados de qualquer jeito. E quem, então, vai liderar a luta contra Macbeth?

— Caithness — disse Duff. — E todas aquelas pessoas dessa cidade nas quais você diz acreditar. Tem medo ou...?

— Malcolm tem razão — disse Caithness. — Você vale mais para essa cidade vivo.

— Droga!

Duff se afastou e foi em direção ao carro dos bombeiros.

— Aonde você vai? — gritou Caithness.

— À base.

— O quê?

— Temos que destruir a base da Bertha. Ei, chefe!

O homem que havia dirigido o carro de bombeiros se levantou.

— Hã... Eu não sou...

— Você por acaso tem machados ou marretas no carro?

— Claro.

— Olhem! — berrou Seyton. — O sol está brilhando no alto do Obelisco. O menino tem que morrer!

— Todos nós temos que morrer — disse Macbeth, muito baixo.

Ele colocou uma ficha sob o símbolo de copas na parte vermelha do feltro e a outra, no preto. Inclinou-se para a esquerda e retirou a bolinha da roleta.

— O que exatamente aconteceu no telhado? — gritou Seyton.

— O garoto do Banquo — Macbeth gritou de volta, e girou a roleta. Difícil. — Já resolvi.

— Ele foi eliminado?

— Já disse que resolvi.

O carrossel da roleta girou diante de Macbeth, os números se mesclando ao formarem um círculo claro e ininterrupto. Nebuloso, porém claro. Tinha começado a contagem regressiva para a zona de foco e continuava lá. O carrossel girava. Dessa vez não pararia, dessa vez ele nunca sairia do foco: havia fechado e trancado a porta atrás de si. A roda. Girando, girando para um destino desconhecido, embora tão familiar. O cassino sempre vence no final.

— Que barulheira é essa lá fora, Seyton?

— Por que não vem aqui ver, senhor?

— Prefiro a mesa de roleta. Me diga o que é.

— Começaram a quebrar a Bertha, coitada. E agora o sol está brilhando lá fora, senhor. Dá pra ver. Bonito, grande. O tempo acabou. Vamos...

— Estão estraçalhando a Bertha?

— A base em que ela fica, pelo menos. Olafson, fique de olho na praça e atire em qualquer coisa que se aproximar.

— Certo!

Macbeth ouviu passos abafados na escada e olhou para cima. O matiz avermelhado do rosto de Seyton estava mais aparente que o habitual, como se tivesse tomado sol. Ele passou pela mesa de roleta e foi até a estrutura onde Kasi estava sentado curvado para a frente, a cabeça baixa e o cabelo caindo no rosto.

— Quem disse que você podia deixar seu posto? — perguntou Macbeth.

— Não vai demorar muito — falou Seyton, sacando um revólver preto do cinto.

Encostou o cano na cabeça de Kasi.

— Para! — ordenou Macbeth.

— Dissemos no segundo raio de sol, chefe, não podemos...

— Eu mandei você parar!

Macbeth aumentou o volume do rádio atrás dele.

— ... O prefeito Tourtell falando com vocês. Ontem à noite recebi um ultimato do comissário-chefe Macbeth, que recentemente foi responsável por uma série de assassinatos, inclusive o do

comissário-chefe Duncan. Ontem à noite ele sequestrou meu filho, Kasi, depois de uma tentativa frustrada de me matar. O ultimato exige que eu declare estado de emergência, dando poderes ilimitados a ele e impedindo a intervenção federal, caso contrário meu filho será morto quando o sol se erguer acima da nossa cidade. Mas *nós* não queremos, *eu* não quero, *vocês* não querem, *Kasi* não quer, *essa cidade* não quer outro déspota no poder. Em prol disso, muitas pessoas de bem sacrificaram suas vidas nos últimos dias. E seus filhos. Sacrificaram seus filhos da maneira que nós, nessa e em outras cidades, os sacrificamos durante as guerras mundiais quando nossa democracia foi ameaçada. E agora o sol está nascendo e Macbeth está perto do seu rádio aguardando que eu confirme que esse dia e essa cidade são dele. Eis aqui a minha mensagem pra você, Macbeth: mate-o. Kasi é seu. Eu estou sacrificando meu filho pois sei, e assim espero, que ele teria feito o mesmo sacrificando a mim ou ao filho que ele nunca terá. E se você puder me ouvir, Kasi, razão da minha vida, adeus. — A voz de Tourtell ficou pastosa. — Você é amado não apenas por mim, mas pela cidade inteira, e vamos acender velas no seu túmulo pelo tempo que perdurar a democracia. — Ele pigarreou. — Obrigado, Kasi. Obrigado, cidadãos dessa cidade. Agora, o dia é de vocês.

Após um breve silêncio, entrou uma gravação com chiado de "Castelo forte é o nosso Deus" cantada por um homem de voz vibrante.

Macbeth desligou o rádio.

Seyton riu e aplicou pressão no gatilho. O martelo subiu.

— Surpreso, Kasi? Um filho de uma puta não vale nada pra um velho depravado, sabia? Mas, se me entregar sua alma agora, prometo a você um tiro indolor na cabeça em vez de no estômago. E também vingança contra o depravado e sua corja. O que me diz, garoto?

— Não.

— Não?

Seyton olhou com incredulidade na direção de onde viera a resposta.

— Não — repetiu Macbeth. — Ele não deve ser assassinado. Abaixa a arma, Seyton.

— E deixar que a turma lá fora saia vencedora?

— Você me ouviu. Não matamos crianças indefesas.

— Indefesas? — rosnou Seyton. — E quanto a *nós*? Não somos indefesos? Vamos deixar que Duff e Malcolm mijem em cima de nós novamente, como sempre fizeram? Está planejando abandonar sua causa agora que...

— Seu revólver está apontando pra mim, Seyton.

— Talvez esteja. Porque não vou deixar você deter o reino que se aproxima, Macbeth. Você não foi o único a receber o chamado. Vou...

— Sei o que você vai fazer, e, se você não soltar esse revólver, é um homem morto. Ou uma criatura morta, seja lá o que você for.

Seyton deu uma gargalhada.

— Há coisas que você não sabe sobre mim, Macbeth. Por exemplo, que você não pode me matar.

Macbeth mirou dentro do cano do revólver.

— Então vai em frente, Seyton. Porque só você pode me mandar pros braços dela. Você não nasceu de mulher, você foi feito. Feito de pesadelos, de crueldade e de tudo que serve pra quebrar e destruir.

Seyton balançou a cabeça e apontou o revólver para a testa de Kasi sem tirar os olhos de Macbeth. Naquele instante, o primeiro raio do sol atravessou as grandes janelas no mezanino. Macbeth viu Seyton erguer a mão para cobrir os olhos quando o raio atingiu seu rosto.

Macbeth atirou debaixo do forte sol no tronco da árvore lá fora, do outro lado, no coração esculpido no tronco. Sabendo que acertaria o alvo, porque as linhas, as veias da ponta de seus dedos iam para aquele coração.

Um baque surdo. O corpo de Seyton oscilou e ele olhou para o cabo da adaga que se projetava de seu peito. Depois soltou o revólver e agarrou a adaga ao cair de joelhos. Levantou a cabeça e encarou Macbeth com olhos embaciados.

— Prata — disse Macbeth, tornando a cutucar o espaço entre os dentes com o palito de fósforo afiado. — Dizem que funciona.

Seyton caiu para a frente e se esparramou no chão com a cabeça perto dos pés descalços do menino.

Macbeth colocou a bola branca de marfim na moldura de madeira que circundava a roda da roleta e a empurrou com força na direção oposta.

— Não parem! — berrou Duff para os homens que golpeavam com marretas e machados a parte dianteira da base, de onde já haviam retirado grandes pedaços de concreto.

Então a base se rachou e a grade frontal da locomotiva desceu com um forte estrondo. Por pouco Duff não caiu para a frente na cabine do maquinista, mas conseguiu segurar firme em uma alavanca. O nariz da locomotiva apontava meio inclinado para baixo, mas não se movia.

— Vamos lá!

Nada, ainda.

— Vamos lá, minha velha!

E Duff sentiu algo diferente sob a sola dos pés. Bertha se movera. Será mesmo? Ou... Ele ouviu algo que parecia um lamento baixinho. Sim, ela *havia* se mexido. Pela primeira vez em oitenta anos Bertha Birnam se mexera, e então o gemido das partes metálicas móveis foi em um crescendo até gritar com um poderoso alarido. Anos de ferrugem e a lei do atrito e a lei da inércia tentaram sustentar, mas a gravidade foi invencível.

— Se afastem! — gritou Duff, ajustando a alça de sua metralhadora e segurando a coronha da arma reserva que tinha guardado por dentro do cinto.

As rodas da locomotiva a vapor, arrancadas com violência de seu torpor, foram aos poucos girando, desceram os oito metros do trilho e saíram da base. As rodas da frente atingiram os degraus do topo da escada, estraçalhando as pedras do piso com barulhos ensurdecedores. Por um momento pareceu que a locomotiva estacionaria ali em cima, mas então Duff ouviu mais um degrau se quebrar. E mais outro. Então compreendeu que nada seria capaz de parar aquela força maciça que lentamente tomava velocidade.

Duff encarava um ponto vazio adiante, mas, pelo canto do olho, registrou alguém saltando para a cabine e se postando ao lado dele.

— Um ingresso pro Inverness, por favor.

Caithness.

— Senhor! — Era Olafson.

— O que foi?

O olhar de Macbeth seguia as ruidosas rotações da bolinha de marfim.

— Acho que ela... ela está... vindo.

— Quem está vindo?

— A... locomotiva.

Macbeth enfim ergueu o olhar.

— A locomotiva?

— Bertha! Ela está vindo... pra cá! Está...

O resto foi abafado. Macbeth se levantou. De onde estava no salão de jogos não dava para ver o prédio da Estação Central, apenas a praça em declive do lado de fora da janela alta. Mas podia ouvir. O som de algo sendo esmagado por um monstro barulhento. E o monstro se aproximava.

Então, ao cruzar a praça em frente ao Inverness, o monstro entrou em seu campo de visão.

Ele engoliu em seco.

Bertha estava vindo.

— Atira!

O comissário-chefe adjunto Malcolm olhava sem acreditar no que via. Porque sabia que tudo o que tinha acontecido até ali era fora do comum e que jamais veria nada parecido até o fim de sua vida. Uma locomotiva a vapor engolindo pedra e traçando o próprio caminho na Praça dos Operários. Um meio de transporte que os antepassados tinham construído com ferro, muito pesado e sólido para ser contido, com rolamentos de esferas que não enferrujavam nem ressecavam em oitenta anos de descaso, uma locomotiva contra a qual uma saraivada de balas de uma metralhadora Gatling foi rechaçada como granizo, ainda que tenham produzido faísca, manteve seu curso em uma linha reta em direção ao cassino Inverness.

— Aquilo lá é uma construção sólida — comentou alguém ao lado dele.

Malcolm balançou a cabeça.

— Que nada, é só um antro de jogo.

— Segura firme! — gritou Duff.

Caithness havia se sentado no piso de ferro com as costas para a lateral da cabine para evitar ricochetes das balas que zuniam sobre suas cabeças. Ela gritou alguma coisa, o rosto contraído e os olhos cerrados.

— O quê? — berrou Duff.

— Eu te a...

Então eles colidiram com o Inverness.

Macbeth gostou de ver Bertha preenchendo por completo a janela antes de entrar arrebentando tudo que estava pela frente. Teve a impressão de que todo o prédio — o chão em que se sentava, o ar no salão —, tudo foi empurrado para trás quando a locomotiva atravessou a parede até o salão. O barulho cobriu seus tímpanos como um tampão. A chaminé do motor a vapor cortou caminho para a parte leste do mezanino, a grade frontal raspando o piso. O Inverness havia conseguido freá-la um pouco, mas Bertha ainda sorvia tudo que via pela frente, metro após metro. Só foi parar, enfim, a meio metro dele, a chaminé contra o corrimão do mezanino e a grade tocando a mesa da roleta. Por um instante fez-se silêncio total. Então veio o chacoalhar de cristais. E Macbeth entendeu: Bertha tinha arrebentado os cabos que sustentavam o lustre. Ele nem sequer se mexeu, nem mesmo olhou para cima. Apenas se deu conta, antes de tudo ficar escuro, que estava coberto de cristais Bohemia.

Duff subiu no teto da locomotiva empunhando a metralhadora. Raios de sol brilhavam através da poeira suspensa no ar.

— A Gatling naquele canto está abandonada! — gritou Caithness, atrás dele. — E a do...

— A outra também — disse Duff. — E Seyton está caído no chão perto da mesa de roleta, com uma adaga cravada no peito. Parece bem morto.

— Kasi está aqui. Parece ileso.

Duff passou os olhos pelo local que havia sido um salão de jogos. Tossiu em meio a tanta poeira. Prestou atenção aos sons. A não ser pelo ruído frenético de uma bolinha de roleta no carrossel, o resto era silêncio. Uma manhã de domingo. Em poucas horas os

sinos das igrejas tocariam. Ele desceu da locomotiva. Passou por cima do corpo de Seyton, a caminho do lustre. Com o sabre, retirou cacos de cristal do rosto de Macbeth.

Os olhos de Macbeth estavam arregalados de surpresa, como os de uma criança. A coluna dourada do lustre havia desaparecido dentro de seu ombro direito. Não escorria muito sangue da ferida, que se contraía em ritmo regular, como se sugasse algo do adorno do lustre.

— Bom dia, Duff.

— Bom dia, Macbeth.

— Heh. Lembra que dizíamos isso um ao outro todo dia, no orfanato? Você dormia no beliche de cima.

— Cadê os outros? Onde está Olafson?

— Rapaz esperto, aquele Olafson. Sabe a hora certa de abandonar o navio. Igual a você.

— Seus homens do GOE não abandonam a missão — retrucou Duff.

Macbeth suspirou.

— É verdade. Você acreditaria se eu dissesse que ele está atrás de você e que vai te matar em... hã... Dois segundos?

Duff o encarou por um instante. E se virou. No ponto onde o mezanino se repartia ao meio, viu dois vultos contra o brilho do sol da manhã que penetrava no buraco na parede. Um deles era de uma armadura medieval. O outro, Olafson, ajoelhado com o rifle apoiado no corrimão. Quinze metros. A essa distância, Olafson conseguiria acertar uma moeda de um centavo.

Um tiro ressoou.

Duff sabia que tinha morrido.

Então por que continuava em pé?

O eco do tiro reverberou por todo o salão.

Macbeth viu Olafson tombar sobre a armadura, que desabou para trás, passou pelo vão no mezanino e se esfacelou no chão do salão com vibrantes tinidos. No mezanino, Olafson tinha o rosto espremido contra o corrimão. Um olho estava coberto com a pele da bochecha e o outro, fechado. Como se tivesse adormecido sobre o Remington 700.

— Fleance! — gritou Caithness.

Duff se virou para o outro canto do mezanino.

E lá, onde as escadas desciam dos andares superiores, estava Fleance. Com a camisa encharcada de sangue, ele oscilava de um lado para o outro e parecia ancorar-se em uma arma ainda fumegante.

— Caithness, leve Kasi e Fleance daqui — disse Duff. — Vão!

Duff desabou na cadeira ao lado da mesa da roleta. A bolinha girava mais devagar; o som era diferente.

— E agora? — resmungou Macbeth.

— Vamos esperar pelos outros aqui. Eles vão cuidar de você no hospital. Prisão. Alçada federal. Vão falar de você por anos a fio, Macbeth.

— Ainda achando que pegou o beliche de cima, Duff?

O tilintar dos cristais. Duff olhou para o alto. Macbeth havia erguido a mão esquerda.

— Você sabe que sou veloz como uma mosca. Antes de você largar o sabre e estender a mão para sua arma, terá uma adaga no peito. Você sabe disso, não sabe?

— É, pode ser — disse Duff. Em vez de medo, ele sentia apenas um descomunal cansaço invadindo seu corpo. — E você ainda vai perder, como sempre.

Macbeth riu.

— De onde você tirou isso?

— Apenas uma daquelas profecias autorrealizáveis. Você sempre soube, a vida inteira, que está fadado a perder no final. Essa certeza é e sempre tem sido você, Macbeth.

— É mesmo? Mas você não sabia? Nenhum homem nascido de mulher pode me matar. Foi o que Hécate garantiu, e ele provou inúmeras vezes que cumpre suas promessas. Então, sabe de uma coisa? Posso me levantar daqui e ir embora.

Ele tentou se sentar, mas o peso do lustre o impediu.

— Hécate se esqueceu de mim quando te fez essa promessa — disse Duff, sem tirar o olho da mão esquerda de Macbeth. — Posso matar você, então continue aí.

— Ficou surdo, Duff? Eu disse...

— Mas eu não nasci de mulher.

— Como não?

— Não. Fui removido do ventre da minha mãe, ela não me pôs no mundo.

Duff se inclinou para a frente e passou o dedo pela cicatriz que cortava seu rosto.

Macbeth pestanejava com seus olhos infantis.

— Você... Você não nasceu quando Sweno a matou?

— Ela estava grávida de mim. Me contaram que estava tentando parar a hemorragia na casa de um policial quando Sweno brandiu isso... — Duff ergueu o sabre — ... E cortou a barriga dela.

— E o seu rosto.

Duff assentiu devagar.

— Você não vai escapar de mim, Macbeth. Você perdeu.

— Perda após perda. Temos tudo no início, e no fim perdemos tudo. A única coisa que eu dava como certa, o perdão da morte. Mas nem isso é garantido. Só você pode me dar a morte e me mandar pra onde eu posso reencontrar minha amada, Duff. Seja meu salvador.

— Não. Você está preso e apodrecerá sozinho em uma prisão.

Macbeth deu uma risada.

— Não posso, e você não consegue se controlar. Você não conseguiu reprimir o desejo de tentar me matar naquele beco e agora também não vai conseguir. Somos do jeito que somos, Duff. O livre-arbítrio é uma ilusão. Então faça o que tem que fazer. Faça o que você *é*. Ou devo te ajudar e dizer os nomes deles? Meredith, Emily e...

— Ewan — disse Duff. — *Você é* aquele que não consegue ser a pessoa que sempre quis ser, Macbeth. Foi por isso que compreendi que ainda havia esperança pro Kasi, embora o sol tivesse se erguido sobre a montanha. Você nunca foi capaz de matar um homem indefeso. E mesmo que venha a ser lembrado como alguém mais brutal que Sweno, mais corrupto que Kenneth, foram as suas boas qualidades que te derrubaram, sua falta de brutalidade.

— Sempre fui o oposto de você, Duff. E, por isso, sua imagem no espelho. Então me mate agora.

— Por que a pressa? O lugar à espera de gente como você é o inferno.

— Então me deixe ir.

— Se você implorar o perdão dos seus pecados, talvez escape.

— Eu vendi essa chance, Duff, e de bom grado, porque estou ansioso pra rever minha amada, mesmo que seja pra ardermos juntos por toda a eternidade.

— Bem, você terá um julgamento justo e sua sentença não será nem muito severa nem muito leve. Será a primeira demonstração evidente de que essa cidade pode ser civilizada. Que pode se tornar saudável de novo.

— Seu idiota! — gritou Macbeth. — Você está enganando a si próprio. Acha que está pensando o que *quer* pensar, acha que é a pessoa que *quer* ser, mas seu cérebro está procurando desesperadamente um pretexto pra me matar enquanto estou aqui indefeso, e é por isso que alguma coisa dentro de você resiste. Mas o seu ódio é como aquela locomotiva: uma vez que dá a partida, não tem como parar.

— Você está enganado, Macbeth. As pessoas *podem* mudar.

— É mesmo? Então experimenta essa adaga, ó, homem livre.

Macbeth enfiou a mão na jaqueta.

Duff reagiu instintivamente, segurou o sabre com as duas mãos e atacou.

Surpreendeu-se com a facilidade com que a lâmina dilacerou o peito de Macbeth. E, quando a lâmina tocou o chão, Duff sentiu um tremor se espalhar do corpo de Macbeth para o sabre e para si mesmo. Um longo suspiro escapou dos lábios de Macbeth e um fino jato de sangue rosado saiu de sua boca e atingiu as mãos de Duff como chuva morna. Ele encarou os olhos de Macbeth, sem saber o que procurava, mas não achou nada. Tudo que viu foi uma luz se apagando quando as pupilas cresceram e lentamente eliminaram a íris.

Largou o sabre e deu dois passos para trás.

Ficou parado em silêncio.

Manhã de domingo.

Ouviu vozes se aproximando, vindo da Praça dos Operários.

Não era o que ele queria. Mas sabia que não teria alternativa. Então aconteceu. Abriu a jaqueta de Macbeth.

A mão esquerda estava pousada no peito. Não havia nada lá, nem coldre de ombro, nem adaga, apenas uma camisa branca que

aos poucos ia ficando vermelha.

Som de bicadas. Duff se virou. Vinha da mesa da roleta. Levantou-se. No feltro, uma ficha no vermelho, embaixo do coração, outra no preto. Mas aquele som vinha da roda, que ainda girava, mas cada vez mais devagar. A bolinha branca dançou entre os números. Então parou, finalmente capturada.

Na única casa verde — a casa leva tudo.

Não há vencedor.

43

Os sinos da igreja badalavam ao longe. O garoto caolho no terminal de passageiros da Estação Central contemplava a luz do dia. Era uma visão notável. Antes, a Bertha sempre bloqueara a vista para o Inverness, mas agora a velha locomotiva abrira um buraco na fachada do cassino. Mesmo sob aquele sol forte, dava para ver as luzes rotativas azuis no teto das viaturas e os flashes dos fotógrafos. As pessoas tinham corrido para a praça, e às vezes também era possível notar o brilho de um flash atrás das janelas do Inverness. Devia ser a Perícia tirando fotografia dos mortos.

O garoto se virou e seguiu pelo corredor. Ao se aproximar da escada que ia dar no banheiro, ouviu um barulho. Um uivo baixo e contínuo, como o de um cachorro. Tinha escutado isso antes, de um viciado sem grana que acabara sem droga. Espiou por cima do corrimão e viu pedaços de roupa clara brilhando na escuridão fétida. Estava prestes a ir embora quando ouviu um clamor, parecido com um grito:

— Espera! Não vai! Eu tenho dinheiro!

— Foi mal, vovô. Eu não tenho droga e você não tem dinheiro. Tenha um péssimo dia.

— Mas eu tenho o seu olho!

O menino congelou. Voltou até o corrimão. Olhou para baixo. Aquela voz. Seria mesmo...? Foi até a escada e olhou ao redor. Não havia mais ninguém ali. Então desceu para a escuridão úmida e fria. O fedor piorava a cada degrau.

O homem estava deitado ao comprido debaixo do limiar da porta do banheiro masculino. Vestia o que talvez, algum dia, tivesse sido um terno de linho branco. Agora era um emaranhado de farrapos encharcados de sangue. Igual ao homem. Um maltrapilho coberto de sangue. Um caco de vidro triangular se projetava da testa sob a franja escura. E lá estava a bengala com castão dourado. *Era ele mesmo!* O homem que ele vinha procurando todos aqueles anos. Hécate. Aos poucos, o olho do menino se adaptou à escuridão, e ele viu a ferida aberta, um corte que ia da barriga ao peito. E saía sangue, mas não muito, como se estivesse secando. Entre uma e outra golfada de sangue, ele chegou a ver o asqueroso intestino rosado.

— Acabe com o meu sofrimento — pediu o velho, numa voz esganiçada. — Pode ficar com o dinheiro que tenho no bolso.

O menino olhou para o homem. O homem de todos os seus sonhos, suas fantasias.

Lágrimas de dor escorriam pelas bochechas molengas do velho. Se o garoto quisesse, poderia sacar o canivete que usava para picar pó, o de lâmina curta, que uma vez removera um olho da órbita. E poderia cravá-lo no velho. Seria uma espécie de justiça poética.

— Tem um buraco no seu estômago? — perguntou o menino, remexendo nos bolsos do paletó do velho. — Tá indo ácido gástrico pra dentro da ferida? — Ele examinou o conteúdo da carteira.

— Rápido! — soluçou o velho.

— Macbeth morreu — disse o menino, contando rapidamente as notas. — Você acha que isso faz do mundo um lugar melhor?

— O quê?

— Acha que os próximos vão ser melhores, mais justos ou mais compreensivos? Existe alguma razão pra pensar que eles vão ser tudo isso?

— Cala a boca, garoto, e acaba logo com isso. Use a bengala, se preferir.

— Se a morte é seu bem mais precioso, Hécate, não vou tirar isso de você como você tirou o meu olho. Sabe por quê?

O velho franziu a testa, encarou-o, e o menino viu sinais de compreensão nos olhos cheios de lágrimas.

— Porque acho que temos capacidade de mudar e de virarmos pessoas melhores — falou o menino, colocando a carteira no bolso da calça rota. — É por isso que eu acho que os substitutos do Macbeth vão ser um pouco melhores. Aos pouquinhos, devagarinho, mas vai melhorar. Um pouco mais humanos. Pensando bem, não é estranho usar a palavra *humano* pra falar do que é bom e misericordioso? — O menino puxou o canivete e a lâmina saltou fora. — Considerando tudo que fizemos uns aos outros ao longo da história, entende?

— Aqui — gemeu o velho, e apontou para o próprio pescoço. — Rápido.

— Lembra que eu mesmo tive que arrancar o meu olho?

— Quê?

O garoto botou o canivete na mão do homem.

— Faz você mesmo.

— Mas você disse... mais humano... eu não consigo... por favor!

— Aos pouquinhos, devagarinho — disse o menino, levantando-se e dando tapinhas no bolso. — Estamos melhorando, mas não vamos virar santos da noite pro dia, sabe como é.

Os uivos seguiram o menino pela estação, por todo o caminho até ele sair para a gloriosa luz do sol.

44

Acintilante gota de chuva caiu do céu cortando a escuridão, na direção das luzes tremeluzentes do porto. Uma rajada gélida do vento noroeste levou a gota por sobre o rio de curso lento que dividia a cidade em dois e a movimentada linha férrea que dividia a cidade na diagonal. O vento arrastou a gota de chuva para o Distrito 4, carregando-a por cima do Obelisco e de um novo prédio, o Primavera, dois hotéis em que os empresários de Capitol se hospedavam. Ocasionalmente, um caipira perambulava pelo Obelisco e indagava se era ali que, antigamente, funcionava um cassino. A maioria havia esquecido, mas todos se lembravam do outro cassino que ocupara o prédio dos antigos escritórios da Rede Ferroviária Nacional, e que agora abrigava a recém-inaugurada biblioteca municipal. A gota de chuva flutuou sobre a central de polícia, onde as luzes brilhavam no escritório do comissário-chefe Malcolm durante uma reunião administrativa para tratar da reestruturação. No começo houve certo descontentamento entre os funcionários quando o prefeito Tourtell e a Câmara Municipal exigiram redução de pessoal, uma consequência das estatísticas que comprovaram uma queda acentuada das taxas de criminalidade. Então era assim que recompensavam a polícia pelo bom trabalho feito nos últimos três anos? Mas eles perceberam que Malcolm estava certo: que a tarefa da polícia era, tanto quanto possível, tornar a si mesma desnecessária. É claro que isso afetou sobretudo a Unidade de Narcóticos e os departamentos que tinham conexão, embora indireta, com o desmantelamento do tráfico de drogas,

como a Unidade de Homicídios. O número de funcionários permaneceu o mesmo na Anticorrupção, enquanto a nova Unidade de Crimes Financeiros foi a única com permissão de contratar mais pessoal. Isso se deveu ao aumento da atividade financeira em razão de a cidade ter atraído mais negócios e pela constatação de que os criminosos de colarinho branco haviam tido facilidades demais, o que contribuiu para a sensação de que a polícia servia os abonados em primeiro lugar. Duff havia defendido o tamanho da Unidade de Crime Organizado dizendo que precisava de recursos para prevenir o crime e que, se os criminosos profissionais se instalassem novamente na cidade, seria muito mais dispendioso afastá-los. Mas ele entendeu que, assim como os demais, tinha de aceitar os cortes. A chefe da Unidade de Homicídios, Caithness — ela havia argumentado convincentemente que, com o número de policiais que tinha, podiam finalmente oferecer aos cidadãos um nível satisfatório de eficiência nas investigações —, havia sido, inclusive, forçada a pedir demissão. Então Duff ficou feliz por ter chegado o fim de semana, e ele e Caithness tinham planejado um piquenique em Fife. Estava ao mesmo tempo ansioso e receoso. A casa fora demolida, e ele deixou que a natureza se encarregasse do terreno. Mas a cabana ainda estava lá. Queria que ficassem ali sob o sol escaldante, sentindo o aroma de alcatrão das tábuas. E para ver se o eco das risadas e dos gritos de felicidade de Emily e Ewan ainda pairavam por lá. Depois, pretendia nadar sozinho até a rocha lisa. Dizem que não há caminhos de volta para os lugares em que estivemos — e para a pessoa que fomos um dia. Ele só precisava descobrir se isso era mesmo verdade. Não para esquecer, mas para que conseguisse finalmente olhar para a frente.

O pingo de chuva seguiu seu caminho para leste, sobre as ruas de comércio de luxo do Distrito 2 Oeste, antes de descer em direção a uma encosta coberta de árvores ao lado do rodoanel, que, naquela noite, brilhava como um colar de ouro no pescoço da cidade. Lá, no topo da Colina dos Enforcados, a gota de chuva caiu entre as árvores até que, com um borrifo, atingiu uma grande folha verde de um carvalho. Escorreu até a ponta da folha e se pendurou para acumular gravidade, pronta para cair os últimos

metros sobre dois homens que estavam ao pé da árvore na escuridão.

— Está tudo mudado por aqui — comentou uma voz grave.

— O senhor passou muito tempo ausente — respondeu uma voz estridente.

— Ausente. Exatamente. Era como eu me sentia. E você ainda não me disse como me encontrou, Sr. Bonus.

— Ah, mantenho os olhos e ouvidos bem abertos. E ouço e vejo, é o meu talento. O único, infelizmente.

— Não sei se acredito totalmente nisso. Olha, vou ser franco: o fato é que não gosto de você, Sr. Bonus. Você me lembra um pouco demais aquelas criaturas que a gente encontra na água e que grudam em animais maiores e ficam sugando.

— Rêmoras, senhor?

— Eu estava pensando em sanguessugas. Criaturinhas bem feiosas. Mas quase inofensivas. Então, se você acha que pode me ajudar a recuperar a minha cidade, deixo você sugar um pouco do meu sangue, é claro. Mas fica esperto. Se exagerar, passo a faca em você. Pronto! Agora é a sua vez de falar.

— Não há concorrentes no mercado. Muitos viciados foram para Capitol quando a droga secou por aqui. A prefeitura e a polícia finalmente começaram a baixar a guarda. Estão demitindo gente e tudo. É o momento certo. O potencial pra clientes novos e jovens é ilimitado, e eu também encontrei a irmã que sobreviveu quando a fábrica de drogas do Hécate explodiu. Ela ainda tem a receita. Os clientes não vão ter alternativa pro que podemos oferecer a eles, senhor.

— Então por que você precisa de mim?

— Não tenho o capital nem seu dinamismo nem suas qualidades de liderança, senhor. Mas tenho...

— Olhos e ouvidos. E sabe se valer do sangue alheio. — O velho atirou fora uma cigarrilha Davidoff Long Panatella fumada pela metade, enquanto a gota de chuva na folha do carvalho acima dele foi se espichando. — Vou pensar. Não por causa do que você disse, Sr. Bonus. Todas as cidades são bons mercados em potencial pra quem tem um bom produto.

— Entendo. Então, por que aqui?

— Porque essa cidade tirou de mim meu irmão, meu clube... me tirou tudo. Então devo a ela uma coisa.

A gota de chuva se soltou. Aterrissou no chifre de um animal. Desceu pela superfície brilhante do capacete de um motociclista.

— Eu devo a ela o inferno sobre a terra.

HOGARTH SHAKESPEARE

O maior dramaturgo do mundo
O romancista mais amado
Histórias atemporais recontadas

Por mais de quatrocentos anos, as obras de Shakespeare foram representadas, lidas e apreciadas no mundo todo. Elas têm sido reinterpretadas para cada nova geração, seja em filmes para adolescentes, musicais, ficção científica, fábulas de guerreiros japoneses ou em adaptações literárias.

A Hogarth Press foi fundada por Virginia e Leonard Woolf em 1917 com a missão de publicar as melhores e mais recentes obras à época. Em 2012, a Hogarth foi lançada em Londres e em Nova York para continuar a tradição. O projeto Hogarth Shakespeare compreende as obras de Shakespeare recontadas por autores aclamados e campeões de venda.

Margaret Atwood, *A tempestade*
Tracy Chevalier, *Otelo*
Gillian Flynn, *Hamlet*
Howard Jacobson, *O mercador de Veneza*
Jo Nesbø, *Macbeth*
Edward St Aubyn, *Rei Lear*

Anne Tyler, *A megera domada*
Jeanette Winterson, *Conto do inverno*

Macbeth

Site do autor:
https://jonesbo.com/

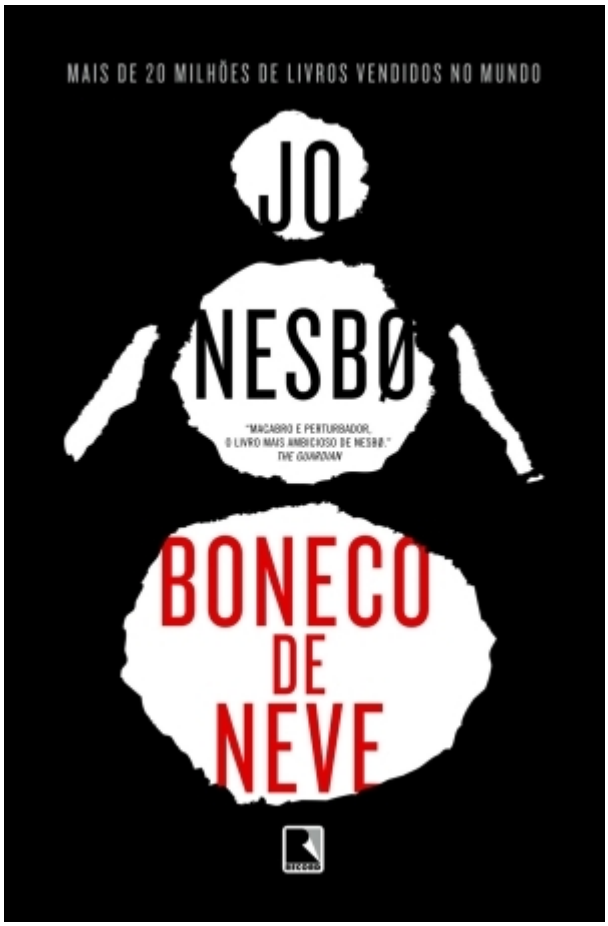
Wikipédia do autor:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo_Nesb%C3%B8

Skoob do autor:
https://www.skoob.com.br/autor/4769-

Goodreads do autor:
https://www.goodreads.com/author/show/904719.Jo_Nesb_

Facebook do autor:
https://www.facebook.com/jonesboauthor/

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


MAIS DE 20 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO
JO
NESBØ
"MACABRO E PERTURBADOR. O LIVRO MAIS AMBICIOSO DE NESBØ."
THE GUARDIAN
BONECO
DE
NEVE

Boneco de neve

Nesbø, Jo
9788501101631
420 páginas

Compre agora e leia

Considerado seu livro mais ambicioso pelo jornal inglês The Guardian e comparado a Silêncio dos Inocentes, de Thomas Harris, pelo The Times, Boneco de neve é um livro arrepiante. No dia da primeira neve do ano, na fria cidade de Oslo, o inspetor Harry Hole se depara com um psicopata cruel, que cria suas próprias regras; O terror se espalha pela cidade, pois um boneco de neve no jardim pode ser um aviso de que haverá uma próxima vítima. No caso mais desafiador da sua carreira, Hole se envolve em uma trama complexa e mortal, com final surpreendente.

Compre agora e leia


B. A. PARIS
BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
ENTRE QUATRO PAREDES
O CASAMENTO PERFEITO OU A MENTIRA PERFEITA?

Entre quatro paredes

Paris, B. A.
9788501111883
266 páginas

Compre agora e leia

Um casamento perfeito ou uma mentira perfeita? Grace é a esposa perfeita. Ela abriu mão do emprego para se dedicar ao marido e à casa e agora prepara jantares maravilhosos, cuida do jardim, costura e pinta quadros fantásticos. É casada com Jack, o marido perfeito. Ele é um advogado especializado em casos de mulheres vítimas de violência e nunca perdeu uma ação no tribunal. Os dois formam um casal perfeito e estão sempre juntos. Grace não comparece a um almoço sem que Jack a acompanhe. Também não tem celular, que ela diz ser uma perda de tempo. E seu e-mail é compartilhado com ele, afinal, os dois não guardam segredos um do outro. Parece

ser o casamento ideal. Mas por que Grace não abre a porta quando a campainha toca e não atende o telefone de casa? E por que há grades na janela do seu quarto? O que há por trás dessa relação pode revelar que tudo não passa de uma grande mentira.

Compre agora e leia


autora de *Minha vida não tão perfeita*
sophie
kinsella
Te devo
uma
o amor
salda todas
as dívidas

Te devo uma

Kinsella, Sophie
9788501117458
420 páginas

Compre agora e leia

Uma história de amor, empoderamento e de um simples favor que faz tudo mudar para sempre. Fixie Farr não consegue deixar nada pra lá. Se encontra alguma coisa fora do lugar, quer logo ajeitar, se um amigo está em dificuldade, já começa a pensar em como pode ajudar… Ela sente necessidade de arrumar tudo. Tudo! Então, quando um estranho em um café lhe pede que fique de olho em seu laptop por um instante, ela não só se compromete a tomar conta do computador como acaba salvando-o de um grande desastre. Sebastian, muito tocado com o gesto de Fixie, não sabe como lhe agradecer, então pega um protetor de copo e o entrega a ela

depois de escrever nele: "Te devo uma". Fixie acha a atitude muito fofa, mas duvida que voltará a vê-lo. Até o dia em que um antigo crush da época da escola volta para sua vida e Fixie precisa ajudá-lo. Ela então recorre a Seb, mas as coisas não dão muito certo. Agora é ela quem fica lhe devendo um enorme favor, e isso gera uma troca de favores infinita que obriga Fixie a enfrentar um passado que cheio de mágoas para abraçar o futuro que ela de fato merece.

Compre agora e leia


CRÔNICAS
SAXÔNICAS
LIVRO 1
O ÚLTIMO REINO
BERNARD CORNWELL
AUTOR DAS TRILOGIAS
AS CRÔNICAS DE ARTUR
E A BUSCA DO GRAAL
RECORD

O último reino - Crônicas saxônicas - vol. 1

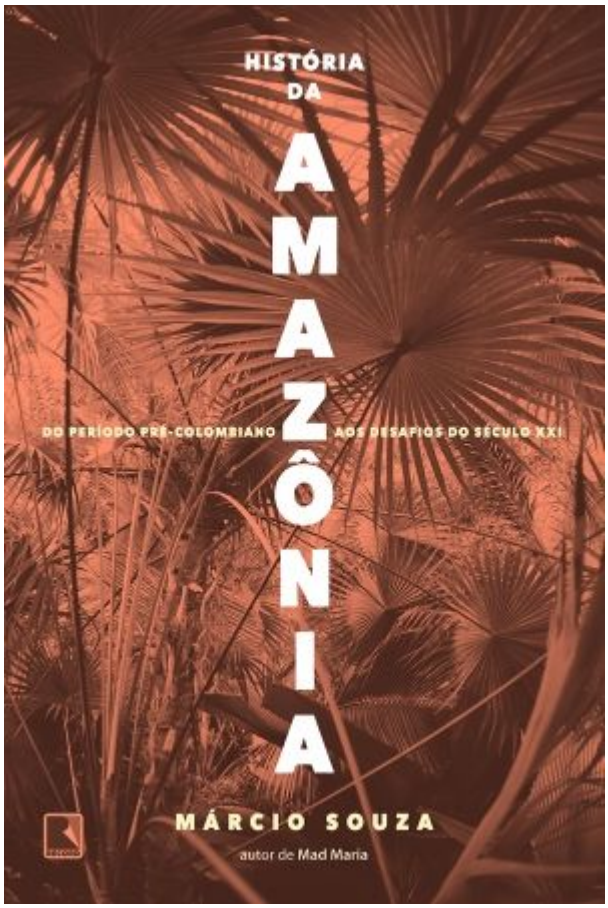
Cornwell, Bernard
9788501058577
364 páginas

Compre agora e leia

O ÚLTIMO REINO é o primeiro romance de uma série que contará a história de Alfredo, o Grande, e seus descendentes. Aqui, Cornwell reconstrói a saga do monarca que livrou o território britânico da fúria dos vikings. Pelos olhos do órfão Uthred, que aos 9 anos se tornou escravo dos guerreiros no norte, surge uma história de lealdades divididas, amor relutante e heroísmo desesperado. O ÚLTIMO REINO não se resume a cenas de batalhas bem escritas e reviravoltas cheias de ação e suspense. O livro apresenta os elementos que consagraram Cornwell: história e aventura na

dose exata. Uma fábula sobre guerra e heroísmo que encanta do início ao fim.

Compre agora e leia


HISTÓRIA
DA
AMAZÔNIA
DO PERÍODO PRÉ-COLOMBIANO AOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI
MÁRCIO SOUZA
autor de Mad Maria

História da Amazônia

Souza, Márcio
9788501117496
392 páginas

Compre agora e leia

O livro definitivo sobre a história da Amazônia do período pré-colombiano aos dias atuais, por um dos autores que melhor interpretou a região. A Amazônia, que desde sempre atraiu viajantes e exploradores como um local desconhecido e misterioso, ocupa um lugar privilegiado na obra de Márcio Souza. Unindo suas perspectivas de sociólogo, historiador e crítico literário, ele se dedicou à tarefa de registrar esta História da Amazônia, abrangendo a totalidade de um território geográfico e histórico que se revela coerente em sua diversidade.Cobrindo desde o período pré-colombiano até os dias atuais, Márcio Souza trata de aspectos geográficos e

antropológicos, valoriza a pluralidade étnica e vai além de favorecer a compreensão de um povo em sua dimensão geopolítica e cultural.Com esta obra, o autor não apenas preenche uma lacuna bibliográfica, mas reafirma a importância do resgate da memória da Amazônia, buscando aguçar o pensamento crítico dos leitores.

Compre agora e leia